



Foto: Osvaldo Lima (mar./2019)



Foto: Osvaldo Lima (mar./2019)



Foto: Sandra Campêlo (2018)



Foto: Osvaldo Lima (mar./2019)



Disponível em: <https://gg.gg/j99dx>



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

DO DISCURSO MIDIÁTICO AO DISCURSO DE ADOLESCENTES:
Ceilândia desde uma perspectiva crítica

SANDRA RODRIGUES SAMPAIO CAMPÊLO

Brasília
2020

SANDRA RODRIGUES SAMPAIO CAMPÊLO

DO DISCURSO MIDIÁTICO AO DISCURSO DE ADOLESCENTES:

Ceilândia desde uma perspectiva crítica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof^a Dr^a Denize Elena Garcia da Silva

Brasília
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cd Campêlo, Sandra Rodrigues Sampaio
 Do discurso midiático ao discurso de adolescentes:
 Ceilândia desde uma perspectiva crítica / Sandra Rodrigues
 Sampaio Campêlo; orientador Denize Elena Garcia da Silva. -
 Brasília, 2020.
 524 p.

 Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
 Universidade de Brasília, 2020.

 1. Ceilândia. 2. Discurso jornalístico. 3. Discurso de
 adolescentes. 4. Macro e microanálise crítica. 5. Análise de
 Discurso Crítica. I. Silva, Denize Elena Garcia da, orient.
 II. Título.

SANDRA RODRIGUES SAMPAIO CAMPÊLO

DO DISCURSO MUDIÁTICO AO DISCURSO DE ADOLESCENTES:
Ceilândia desde uma perspectiva crítica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguagem e Sociedade.

Defendida e aprovada em: _____ de _____ de 2020.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Denize Elena Garcia da Silva (UnB/LIP) – Presidente

Prof^a Dr^a Micheline Mattedi Tomazi (UFES) - Membro

Prof^a Dr^a Solange Maria de Barros (UFMT) – Membro

Prof^a Dr^a Viviane Vieira (UnB/LIP) – Membro

Prof. Dr. Marcus Vinicius Lunguinho (UnB) – Membro Suplente



Aos Nordestinos
Aos Candangos
Aos Pioneiros
Aos Ceilandenses
A meu pai (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente...

A Deus, por seu amor! Por ser luz a iluminar meus caminhos e a me guiar nesta jornada.

A um quarteto muito especial, meu pai, **José** (*in memoriam*) que me ensinou a trabalhar com honestidade e a desbravar novos caminhos; minha mãe, **Antônia**, grande mãe, mulher, filha, esposa. Com ela aprendi a “arregaçar as mangas” e partir para batalha sempre de cabeça erguida, nunca desistir dos sonhos e sempre sonhar alto; meus irmãos, **Hélio** e **Lília**, parceiros, incentivadores e amigos.

A outro quarteto muito muito especial, meu marido, **Zeca**, agradeço pelo carinho, atenção e, principalmente, pela compreensão das constantes ausências na vida familiar para dedicação à pesquisa; meus filhos: **Catarina**, **Artur** e **Caio César**; bênçãos de Deus em minha vida, a melhor parte de mim multiplicada/dividida em três versões. Agradeço pelo amor, pelo respeito e pelo cuidado.

A uma pessoa em especial, minha orientadora, **Denize Elena**, agradeço pelo acolhimento, pela sabedoria compartilhada, pelo incentivo à pesquisa, pela companhia nas viagens de estudo, pela dedicação e seriedade de seu trabalho, pela confiança em mim depositada. Certamente, uma providência divina em meu caminho. Eterna gratidão e amizade.

À Secretaria de Estado de Educação, pelo afastamento concedido para a realização deste estudo.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) e ao Decanato de Pós-Graduação da UnB pelo fomento para participação de eventos e congressos fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores **Micheline Tomazi**, **Solange Barros**, **Viviane Vieira** e **Marcus Lunguinho** pelo conhecimento compartilhado e por fazerem parte desta história.

Mais agradecimentos...

Aos cunhad@s e sobrinh@s, que vivenciaram essa trajetória e contribuíram, ainda que indiretamente, para esta conquista.

À direção das escolas e aos professores que subsidiaram esta pesquisa sendo braço junto aos jovens.

Aos amigos de pesquisa, **Risalva, Viviane Faria, Ana Cláudia, Alley e Kelma** pela amizade, pelos conselhos e informações preciosas oferecidas ao longo dessa trajetória como doutoranda.

Aos colegas da UnB, por terem dividido comigo momentos de reflexão, discussão e aprendizagem.

Aos amigos **Oswaldo Lima e Keila Araújo**, pelas imagens #SoudaCei e pelos textos em defesa de nossa cidade.

Aos amigos **Consuelo e Welligton Pedro** pelas precisas correções.

Ao amigo **Pe. Ricardo**, meu conselheiro espiritual, a quem muitas vezes precisei recorrer para dar-me a força e a calma necessárias durante este momento.

Às amigas, **Alzira e Indiara** que sempre acreditaram que eu poderia voar mais alto. E eu acreditei!

A todos,

MUITO OBRIGADA.

Ceilândia

Um traçado de aduelas,
Quadras e conjuntos,
Áreas norte e sul,
Sob medidas calculadas
A formar um barril
Sobre a prancha do arquiteto.

Caldeirão dos nordestinos
Das vilas IAPI e Tenório,
Com as tralhas em caminhões,
Filhos e vira-latas,
A instalar-se na poeira vermelha...

Ventania de poucos anos,
Cresceu além do corpo:
Setor “O” e Expansão,
“P” Sul e Norte,
Sol Nascentes, chácaras
E as vizinhas Samambaia e Taguatinga.

Para além da má fama,
A cidade do cordel
Abrigo de pequenos e grandes,
Poetas e mascates,
Feiras do rolo e central,
Faculdades e futebol.

Aqui, minha adolescência
Os caminhos da escola,
A caixa de engraxate,
As amizades, a bola,
O rótulo de “terra seca”,
Fragmentos do meu coração
No eldorado do cerrado.

(Luiz Pinheiro Sampaio)

RESUMO

Esta tese, nascida no âmbito dos estudos da linguagem, resulta de uma pesquisa de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa) com o objetivo precípua envolve a busca de uma articulação entre língua, educação e sociedade, por meio de um trabalho voltado, sobretudo, para os jovens de periferia, de modo a contribuir para o fortalecimento de suas identidades sociais, tanto nos contextos de situação quanto em contextos de cultura. Trata-se de uma pesquisa que envolve dados de natureza documental e de cunho etnográfico. Para tanto, foram selecionados, de um lado, textos do jornal Correio Braziliense e por outro, foram gerados dados de produção de textos, entrevistas e rodas de conversa com jovens moradores da cidade de Ceilândia (DF). Os dados empíricos foram obtidos junto a duas instituições públicas de ensino fundamental de Ceilândia com adolescentes de 13 a 17 anos todos moradores da região. Na perspectiva da macroanálise, o marco teórico-metodológico envolve a linguagem transformacional sob a luz do Realismo Crítico (BHASKAR, [1975] 1998, 2002); e a Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2008, 2010); e para as microanálises empregou-se a Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014) e, no âmbito da metafunção interpessoal, foi utilizado também o Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). A triangulação teórico-metodológica permitiu constatar que a linguagem, além de ser uma forma de significação do mundo, é também uma forma de ação sobre o mundo e sobre o outro. A análise das avaliações expressas por atitudes, gradação e engajamento evidencia a representação que os adolescentes têm de si, do outro e da cidade em que vivem. Os resultados alcançados sugerem que, ao se encontrarem no mesmo contexto cultural, o discurso midiático se aproxima do discurso dos jovens. Ambos dão destaque às pessoas que moram lá, ressaltando a luta do seu povo e o altruísmo das pessoas. Entretanto, há um distanciamento do discurso apresentado nos jornais sobre a cidade de Ceilândia, quando se afasta dos moradores. Isso é revelado em reportagens que exploram o lado violento da cidade. A tese significa uma contribuição para estudos futuros que busquem dar visibilidade à cidade de Ceilândia e, sobretudo, a adolescentes moradores da região.

Palavras-chave: Ceilândia. Discurso jornalístico. Discurso de adolescente. Macro e microanálise crítica. Análise de Discurso Crítica.

ABSTRACT

This thesis, born in the context of language studies, results from a qualitative research (descriptive and interpretive) with the main objective of it involves the search for an articulation between language, education and society, through work aimed mainly at young people from the periphery, in order to contribute to the strengthening of their social identities that neutralizes, above all, discrimination and guarantees future steps towards a civilizing evolution in the discursive practices and that also involves the practices of existing, as well as of behaving, both in situation contexts and in cultural contexts. It is a research that involves data of documentary nature and ethnographic stamp. For this purpose, on the one hand, texts from *Correio Braziliense* Newspaper were selected and, on the other hand, data were generated from text production, interviews and conversation circles with young residents from Ceilândia city. Empirical data were gained from two public Primary Education institutions in Ceilândia with teenagers from 14 to 17 years old, all region residents. In the perspective of macroanalysis, the theoretical-methodological framework involves transformational language in the light of Critical Realism (BHASKAR, [1975] 1998, 2002); and Critical Discourse Analysis (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2008, 2010); and, for microanalysis, Systemic-Functional Linguistics was used (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014) and, within the scope of interpersonal metafunction, the Appraisal System was also used (MARTIN; WHITE, 2005). The theoretical-methodological triangulation showed that the language, in addition of being a way of the world meaning, is also a form of action on the world and on the other. The analysis of the evaluations expressed by attitudes, gradation and engagement shows the representation that teenagers have about themselves, about the other and about the city they live in. The results achieved suggest that, when they find themselves in the same cultural context, media discourse is close to that of young people. Both highlight the people who live there, highlighting the struggle of its people and the altruism of the people. However, there is a detachment from the discourse presented in the newspapers about the city of Ceilândia when it moves away from the residents. This is revealed in reports that explore the violent side of the city. The thesis means a contribution to future studies that seek giving visibility to this city and, above all, to the living adolescents from this region.

Keywords: Ceilândia. Journalistic Speech. Youth Speech. Macro and Micro Critical Analysis. Critical Discourse Analysis.

RESUMEN

Esta tesis, está basada en el contexto de los estudios del lenguaje, es el resultado de una investigación cualitativa (descriptiva e interpretativa) con el objetivo implica la búsqueda de una articulación entre el lenguaje, la educación y la sociedad, a través del trabajo dirigido principalmente a los jóvenes de la periferia, con el fin de contribuir al fortalecimiento de sus identidades sociales que neutralice, sobre todo, la discriminación y garantice futuros pasos. hacia una evolución civilizadora en las prácticas discursivas y que también involucra las prácticas de existir, así como de comportarse, tanto en contextos de situación como en contextos culturales. Es una investigación que involucra datos de naturaleza documental y de naturaleza etnográfica. Para este propósito, se seleccionaron textos del periódico *Correio Braziliense*, por un lado, y, por otro lado, se generaron datos de producción de textos, entrevistas y círculos de conversación con jóvenes residentes de la ciudad de Ceilândia. Se obtuvieron datos empíricos de dos instituciones públicas de educación primaria en Ceilândia con adolescentes de 14 a 17 años, los cuales viven en la región. En la perspectiva del macroanálisis, el marco teórico-metodológico implica un lenguaje transformador a la luz del Realismo Crítico (BHASKAR, [1975] 1998, 2002); y Análisis Crítico del Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2008, 2010); y para el microanálisis, se utilizó la Lingüística Sistémica-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014) y, dentro del alcance de la metafunción interpersonal, también se utilizó el Sistema de Evaluación (MARTIN; WHITE, 2005). La triangulación teórico-metodológica constató que el lenguaje, además de ser una forma de significar el mundo, también es una forma de acción en el mundo y en el otro. El análisis de las evaluaciones expresadas por actitudes, gradación y compromiso muestra la representación que los adolescentes tienen de sí mismos, del otro y de la ciudad en la que viven. Los resultados obtenidos sugieren que, cuando se encuentran en el mismo contexto cultural, el discurso mediático es cercano al de los jóvenes. Ambos destacan a las personas que viven allí, destacando la lucha de su gente y el altruismo de la gente. Sin embargo, hay un desapego del discurso presentado en los periódicos sobre la ciudad de Ceilândia, cuando se aleja de los residentes. Esto se revela en informes que exploran el lado violento de la ciudad. La tesis significa una contribución a futuros estudios que buscan dar visibilidad a la ciudad de Ceilândia y, sobre todo, a los adolescentes que viven en la región.

Palabras clave: Ceilândia. Discurso periodístico. Discurso adolescente Microanálisis macro y crítico. Análisis Crítico del Discurso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O plano piloto de Brasília	35
Figura 2 - EPTC e localização da Vila IAPI	37
Figura 3 - Os Candangos	38
Figura 4 - Caminhão leva operários para construir a futura Capital, 1958	39
Figura 5 - Símbolo da CEI.....	42
Figura 6 - Grupo escolar cantando o <i>jingle</i> da CEI	42
Figura 7 - Escolha do local para transferência da Vila do IAPI	43
Figura 8 - Cerimônia para receber os primeiros moradores	44
Figura 9 - A transferência.....	44
Figura 10 - Abastecimento de água	45
Figura 11 - Fila no chafariz	45
Figura 12 - Caixa D'Água de Ceilândia.....	46
Figura 13 - Bandeira de Ceilândia.....	46
Figura 14 - Projeto da criação de Ceilândia (1970).....	48
Figura 15 - Distância Ceilândia - Brasília	49
Figura 16 - Ceilândia hoje	50
Figura 17 - Associação dos três processos aos domínios do SER.....	63
Figura 18 - Significados da linguagem em curso (dis+curso).....	72
Figura 19 - Modelo tridimensional da linguagem	73
Figura 20 - Texto em contexto	76
Figura 21 - Mandala da Gramática da Experiência	81
Figura 22 - Estratificação da linguagem.....	87
Figura 23 - Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado.....	88
Figura 24 - Estrutura analítica para pesquisa em ADC/RC.....	92
Figura 25 - Procedimentos da 1ª fase da pesquisa.....	101
Figura 26 - Interfade do AntConc.....	103
Figura 27 - Espiral da pesquisa-ação.....	105
Figura 28 - Triangulação de dados	116
Figura 29 - Triangulação analítica.....	116
Figura 30 - O percurso da pesquisa	124
Figura 31 - Sistema da Avaliatividade (Atitude).....	174
Figura 32 - A inter-relação da Modalidade e as subcategorias do Julgamento	180

Figura 33 - Região Administrativa IX - Ceilândia	254
Figura 34 - Ceilândia e Sol Nascente/Pôr do Sol	256
Figura 35 - Mancha urbana Ceilândia	256

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os domínios da realidade	62
Quadro 2 - Dimensão intransitiva e dimensão transitiva.....	64
Quadro 3 - A epistemologia dos elementos da ordem do discurso	71
Quadro 4 - Comparativo dos contextos	77
Quadro 5 - Variáveis do contexto situacional e metafunções da linguagem.....	78
Quadro 6 - A textualidade no enunciado linguístico	85
Quadro 7 - Dimensões do processo de pesquisa.....	99
Quadro 8 - Papel do participante	108
Quadro 9 - Etapas da entrevista.....	112
Quadro 10 - Perguntas básicas para os adolescentes	112
Quadro 11 - Ficha de documentação	113

LISTA DE QUADROS COMPARATIVOS

Quadro Comparativo 1 - As pessoas nos discursos	199
Quadro Comparativo 2 - O tema violência nos discursos	201
Quadro Comparativo 3 - A polícia nos discursos.....	203
Quadro Comparativo 4 - A saúde nos discursos.....	205
Quadro Comparativo 5 - O governo nos discursos.....	206
Quadro Comparativo 6 - A infraestrutura nos discursos	207
Quadro Comparativo 7 - O lixo nos discursos	209

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
ArPDF	Arquivo Público do Distrito Federal
CB	Correio Braziliense
CEI	Campanha de Erradicação das Invasões
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DF	Distrito Federal
Eape	Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação
EPTC	Estrada Parque Contorno
FAP	Fundação de Apoio à Pesquisa
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
n.p.	Não paginado
ONU	Organização das Nações Unidas
PM	Polícia Militar
RA	Região Administrativa
Rap	<i>Rhythm and Poetry</i>
RC	Realismo Crítico
REDLAD	Rede Latino-Americana de Estudos do Discurso
SA	Sistema de Avaliatividade
SSP	Secretaria de Segurança Pública
TCLE	Termo de Compromisso Livre e Esclarecido
UnB	Universidade de Brasília
UNFA	Fundo de População das Nações Unidas

SUMÁRIO

EDITORIAL	22
INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1 – DOSSIÊ CEILÂNDIA	31
1.1 Pobreza: falta de liberdade de escolha.....	31
1.2 Subúrbio ou periferia?	33
1.3 A Campanha de Erradicação de Invasões (CEI)	38
1.3.1 “A cidade é uma só”	41
1.3.2 As diversas “Ceilândias” em uma só.....	49
1.4 Uma segregação simbólica da adolescência.....	51
CAPÍTULO 2 – PILARES ESTRUTURAIS	57
2.1 A linguagem transformacional: o Realismo Crítico (RC).....	58
2.1.1 O domínio potencial (d_p)	60
2.1.2 O domínio realizado (d_r).....	60
2.1.3 O domínio empírico (d_e).....	61
2.1.1 Dimensões transitiva e intransitiva do conhecimento	64
2.2 Na exterioridade da linguagem: a Análise de Discurso Crítica (ADC).....	65
2.2.1 Ideologia	67
2.2.2 Hegemonia.....	69
2.2.3 Discurso como elemento de práticas sociais: gêneros, discursos e estilos.....	70
2.3 Na interioridade da linguagem: a Linguística Sistemico-Funcional (LSF).....	74
2.3.1 Contexto de situação e contexto de cultura	76
2.3.2 Metafunção ideacional.....	79
2.3.3 Metafunção Interpessoal.....	84
2.3.4 Metafunção Textual.....	84
2.3.5 O Sistema da Avaliatividade	85
2.3.5.1 A atitude	88
2.3.5.2 A gradação.....	88
2.3.5.3 O engajamento.....	89
2.4 ADC e RC como metodologia.....	89
CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO	95
3.1 Pesquisa qualitativa	96
3.2 Objetivos e questões de pesquisa.....	97
3.3 Fase 1 – Pesquisa documental	100
3.3.1 A construção do corpus documental.....	101

3.3.2 AntConC.....	102
3.4 Fase 2 – Pesquisa em ação.....	104
3.4.1 Perfil das escolas	105
3.4.2 Perfil dos participantes	106
3.4.3 Procedimentos metodológicos na coleta e geração de dados	106
3.4.3.1 Produção textual	106
3.4.3.2 Observação	107
3.4.3.3 Nota de Campo	108
3.4.3.4 Roda de conversa.....	110
3.4.3.5 Entrevista	111
3.4.4 Saturação de dados	113
3.5 Triangulação	114
3.5.1 Triangulação de Dados – Dados Midiáticos x Produção de Texto x Reflexão	115
3.5.2 Triangulação Analítica – ADC x LSF x RC.....	116
3.5.2.1 Realismo Crítico	117
3.5.2.2 ADC.....	117
3.5.2.3 LSF	120
3.6 Ética na pesquisa	120
3.6.1 Comitê de Ética	122
3.6.2 EAPE	123
CAPÍTULO 4 – OS BASTIDORES DA NOTÍCIA.....	126
4.1 Uma análise preliminar.....	126
4.2 Análise intermediária.....	135
4.3 A caminho da microanálise	139
4.3.1 A Ceilândia em pauta	139
4.3.1.1 Protagonismo.....	140
4.3.1.2 Coadjuvantismo	146
4.3.1.3 Figurantismo.....	148
4.3.2 “Gente da gente” em pauta	148
4.3.3 A saúde de Ceilândia em pauta	153
4.3.3.1 A saúde do DF pede socorro	154
4.3.3.2 O socorro das vítimas	156
4.3.3.3 O “socorro” no atendimento do HRC.....	157
4.3.4 A (in)segurança nas ruas em pauta.....	159
4.3.5 A vida de adolescente em pauta	167

CAPÍTULO 5 – POR UMA CARTA ABERTA	173
5.1 O discurso dos adolescentes: as cartas	173
5.1.1 Negociando atitude	175
5.1.1.1 Expressando sentimentos: afeto.....	175
5.1.1.2 Julgamento do caráter das pessoas	179
5.1.1.3 Apreciação das coisas	183
5.1.2 Ampliando atitudes: gradação	184
5.1.2.1 Ampliando a força das atitudes	185
5.1.2.2 Foco de acentuação e atenuação	187
5.1.3 Fontes de atitudes: engajamento.....	187
5.2 As vozes de Ceilândia (entrevista)	189
5.2.1 Como você descreveria a Ceilândia para as pessoas que nunca vieram aqui?	189
5.2.2 Mudanças na cidade	191
5.2.3 O governo e a cidade	193
5.2.4 Manchete no jornal	193
5.3 Ação-reflexão em roda de conversa	195
CAPÍTULO 6 – PARALELOS COMPARATIVOS ENTRE A VOZ DA MÍDIA E A VOZ DOS ADOLESCENTES.....	199
6.1 Em que concordam?	199
6.2 Em que divergem?	203
6.3 O que o discurso midiático não fala?.....	207
CONSIDERAÇÕES FINAIS – ÚLTIMAS PALAVRAS	213
REFERÊNCIAS	220
APÊNDICE A – TCLE	236
APÊNDICE B – TERMOS DE ASSENTIMENTO	238
APÊNDICE C – MANCHA CRIMINAL DO DF	240
APÊNDICE D – AS RUAS DO SOL NASCENTE (CEILÂNDIA)	242
APÊNDICE E – PROJETO LETRAMENTO.COMUNIDADE	243
ANEXO A – COMITÊ DE ÉTICA	249
ANEXO B – EVOLUÇÃO URBANA DE CEILÂNDIA	253
ANEXO C – REGIÃO ADMINISTRATIVA SOL NASCENTE/PÔR DO SOL	255
ANEXO D – AS BELEZAS DA VIOLENTA CEILÂNDIA OU OS BRUTOS TAMBÉM AMAM.....	257
ANEXO E – CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO (FOTOS PUBLICITÁRIAS)	260
ANEXO F – FOTOS (ARPDF)	262
ANEXO G – PAPA LIXO.....	266

ANEXO H – VILA OLÍMPICA.....	268
ANEXO I – REPORTAGENS CB (1970)	269
ANEXO J – REPORTAGENS CB (2016).....	307
ANEXO K – PRODUÇÃO DE TEXTO	474
ANEXO L – ENTREVISTAS COM ADOLESCENTES.....	500

De repente eu senti vontade de parar tudo que estava fazendo por causa de menos de dois minutos de leitura de um jornal. Deu vontade de desabafar, esbravejar, colocar para fora tudo aquilo que está engasgado.

Na verdade, eu só queria que as pessoas soubessem o quanto é difícil chegar a alcançar um ideal. Seria tão mais fácil se todos nascessem em berço de ouro... mas não nascem, e aí o jeito é enfrentar a vida de frente ou se deixar levar pela maré sem tentar desviar os golpes que a vida às vezes nos dá.

Sempre morei na Ceilândia e estudei no Plano, visto que minha mãe lá trabalhava e não tinha com quem me deixar. Assim sendo, já passei de tudo um pouco. Uma coisa que me revoltou foi a discriminação que sempre senti por parte dos ditos "brasilienses natos".

Sem querer especificar casos, é um absurdo ser às vezes tratada como um "bichinho de outro planeta".

Não os culpo necessariamente por isso. Assista a um mês de DF TV, por exemplo, que você vai me entender. Quando não se fala do esgoto a céu-aberto ou da rua esburacada, se fala de algum marginal; e este marginal vem sempre de onde? Da Ceilândia, é claro!

Uma vez brincando com uma colega, ela me disse que podia estar no melhor papo de paquera do mundo, mas quando se era perguntado do número do seu telefone, a perplexidade sempre se estampava no rosto do rapaz: "- 585...". Claro que ela nunca deixou de namorar por isso, mas que é verdade que o pessoal do Plano às vezes se assusta, ah isso é... .

Será que é possível imaginar a vergonha que me fazem sentir diante disso? Parece que estou suja apenas pelo fato de morar aqui.

Eu só queria que as pessoas soubessem que não é por morar aqui ou acolá que vou tornar-me menos digna da presença delas. Não é a marca da roupa que uso, o carro que dirijo ou o lugar que moro que irão definir a pessoa que sou; mas a minha dignidade, o meu respeito e a minha dedicação por aquilo que luto. E pode crê, luto por um mundo mais honesto e sincero naquilo que faz.

Com honra e inspiração.

K. S. A. (17 anos)

CE Setor Oeste

EDITORIAL

A carta que ilustra a página de abertura da tese ora apresentada configura um desabafo publicado na Coluna do Estudante do Jornal Radcal¹ da Fundação Athos Bulcão em março de 1997. O texto escolhido tem, aqui, a força de uma epígrafe, tanto para introduzir o leitor no universo de tema quanto para alertar que o mesmo poderia ter sido escrito por mim ou por um dos milhares de moradores da cidade, uma vez que sentimos na pele o “constrangimento” de “ser de Ceilândia”. A representação social negativa da cidade de Ceilândia recai sobre seus habitantes e, principalmente, sobre os adolescentes, apelidados por “djenses” pelos policiais da região, conforme registra Barbosa (2016).

A cidade de Ceilândia é a IX Região Administrativa do Distrito Federal. Foi inaugurada em 1971, fruto de uma mobilização social em torno da Campanha de Erradicação de Invasões promovida pelo governador da época: Hélio Prates da Silveira e sua esposa Vera.

Ceilândia expandiu e, hoje, em termos de extensão e população, é a maior cidade administrativa do DF. São quase 500 mil habitantes distribuídos em 29 km² de área urbana. Na esteira da cidade que crescia, sobretudo, como lugar de moradia para os que trabalharam na construção da capital, nasciam problemas que passaram a ser retratados pela mídia tão somente como um lugar perigoso e violento. Assim é que Ceilândia, hoje em dia, graças aos meios de comunicação, é reconhecida com uma marca que bate recordes em termos de uma identidade local: cidade mais populosa, mais violenta, mais criminosa, mais esburacada, mais suja, que possui a maior favela da América Latina (MAIOR..., 2013); por números: 585..., 581... (prefixo dos telefones da região); por letras: QNM, N, O, P, Q, R, e S; e pela posição do sol: Sol Nascente e Pôr do Sol.

Recentemente, Estados Unidos e França recomendaram a seus turistas cautela ao visitar algumas cidades brasileiras, entre elas: Ceilândia. (SANTOS, 2018). Muitos moradores da conclamada “periferia de Brasília” tendem a esconder o nome da cidade onde moram. É sabido também que “ser de Ceilândia” passa a ser um termo pejorativo e que representa “não confiável”, “sem prestígio”. Araújo (1997) exprime o grito de diversos ceilandenses que se inquietam ao serem representados pela mídia através de estigmas que acompanham a cidade desde sua criação.

¹ Embora o site ainda esteja disponível em: <http://jornalradcal.com.br/radcal/>, o texto não está online; mas foi, gentilmente, cedido pela autora para este trabalho, cujo nome e sobrenome, em consonância com um dos princípios éticos que balizam qualquer pesquisa científica com seres humanos, decidimos reduzir à primeira letra.

Em 2002, sob o título “As belezas da violenta Ceilândia ou Os brutos também amam”,² o jornalista Paulo Jose Cunha relatou sua experiência de “virar a pauta”³ ao falar da “explosiva Ceilândia” por ocasião do seu aniversário. O jornalista conta que recebera do produtor uma pauta recheada por

[...] dados relativos aos problemas nos setores de saúde, habitação, educação e lazer, tudo revelando **aspectos de uma cidade-problema**, palco de doenças, crimes terríveis, **antro de facínoras**. "Mas não é o aniversário da cidade?", indaguei ao chefe de reportagem. E acrescentei: "E isso lá é presente de aniversário que se dê a alguém, falar só das coisas ruins, violência, assassinatos, mortes?" O chefe de reportagem alegou que não participara da elaboração da pauta. E que **a mim cabia apenas cumpri-la, pois as pautas, desde tempos imemoriais, foram feitas para isso**. (CUNHA, 2002, n. p., grifos nossos).

O trecho acima denuncia como eram (ou são) as pautas quando se trata de perpetuar a imagem que fora criada do local. “Vamos virar esta pauta? [...] Vamos dar um belo aniversário pra Ceilândia?” (CUNHA, 2002, n. p.) O convite do jornalista a seu cinegrafista demarca a “rebeldia” de um contradiscurso: apresentar uma outra Ceilândia que até então contradiria todas as pautas. E a pergunta foi: “Por que você gosta de Ceilândia?”. Cunha (2002) destaca que “Provavelmente foi a primeira vez que uma equipe de tevê fez aquela pergunta àquela gente, porque dava para sentir a perplexidade nas feições”.

A matéria foi ao ar no sábado à noite e encerrou o DF-TV com as imagens da cidade. O outro lado da “cidade-problema” garantiu diversos comentários ao longo da semana.

A matéria, com clipe e tudo, encerrou o DF-TV naquele sábado, com os créditos subindo sobre as belas e inacreditáveis imagens da Ceilândia, a aniversariante do dia, toda prosa e risonha, **pela primeira vez apresentada sob um prisma positivo na tevê**. Logo após o jornal ter ido ao ar, pipocaram telefonemas na redação. No domingo e durante toda a semana, mais telefonemas acompanhados de cartas e telegramas (alguns deles ainda guardo com carinho). **Todos agradecendo a injeção de auto-estima que os moradores da Ceilândia haviam recebido com a matéria. Muitos, emocionados**, falavam que, pela primeira vez, **pelo menos em um dia do ano**, a Ceilândia aparecia na imprensa pelo seu lado bom. (CUNHA, 2002, n. p., grifos nossos).

A “parte boa da Ceilândia, os aspectos da cidade que orgulham as pessoas que moram nela, que cresceram com ela, que gostam do lugar onde moram” é mostrada todos os anos por

² O texto completo encontra-se no Anexo D.

³ No jargão jornalístico, “virar a pauta” significa ser contrário ao que foi designado pelo editor do que deveria ser feito. (ARAÚJO, 2006)

ocasião de seu aniversário. (CUNHA, 2002, n. p.). Isso foi confirmado durante a geração de dados para esta tese.

Diante dos discursos midiáticos sobre a cidade de Ceilândia, questiona-se: como ressignificar práticas discursivas, que maculam a representação social de uma comunidade, em práticas discursivas que a enobrecem? Tal questionamento parece ser desafiador diante da construção de um discurso, enraizada até hoje. Entretanto, é necessário que se iniciem contradiscursos que desmontem uma campanha de periferização *ad aeternum* da comunidade local. Daí o propósito desta tese.

INTRODUÇÃO



objetivo central da tese ora apresentada envolve a busca de uma articulação entre língua, educação e sociedade, por meio de um trabalho voltado, sobretudo, para os jovens de periferia, de modo a contribuir para o fortalecimento de suas identidades sociais. Com foco no discurso como prática social, traço como escopo central de pesquisa uma proposta de base linguístico-discursiva direcionada para adolescentes em situação de vulnerabilidade. Trata-se de um trabalho destinado, de modo específico, a jovens que vivem em comunidades periféricas, em contextos de situação de risco, expostos e vulneráveis a conflitos com a lei, sobretudo no que concerne às consequências do consumo e da proliferação de drogas, associados à proximidade de um comércio perigoso que se alastra de maneira implacável.

Devido à situação de exclusão social a que a juventude em situação de risco se encontra exposta – seja pela carência econômica ou familiar, a questão-problema que impulsiona o tema deste trabalho concerne à necessidade de inclusão social, bem como uma inserção frutífera, de jovens de periferia não só no contexto em que vivem, mas também no contexto de cultura do mundo atual. Esta pesquisa volta-se para o propósito de abrir um espaço discursivo para esses adolescentes. Trata-se, aqui, de uma proposta de estudo que acena em direção a um caminho seguro para jovens como protagonistas de sua própria inserção social.

Desde a inauguração de Ceilândia, pouco se discutiu sobre todo o processo de transferência de trabalhadores/construtores de Brasília para um lugar distante do centro da Nova Capital Federal. Tampouco se discutiram os “títulos” aferidos à cidade como lugar violento onde imperam os assaltos, o tráfico, os assassinatos. Isso favoreceu a marginalidade de uma grande parte das camadas sociais menos favorecidas, sobretudo onde vivem os adolescentes que constituem o objeto do estudo ora apresentado. As vozes que ressoam da população de Ceilândia ainda são discretas. O estudo se justifica, pois, pela representação discursiva que ora se confronta: de um lado, pela mídia; de outro, pelos jovens moradores. Tal ineditismo traz, para dentro da Academia, vozes de uma comunidade periférica que se encontra à margem das discussões sobre seu próprio contexto social.

Fazem-se necessárias reflexões críticas sobre toda a problemática local, mas, sobretudo, sobre a forma como são abordadas tais temáticas na mídia. Uma parte desses crimes é atribuída aos jovens. Não raro, a mídia estampa em suas manchetes: “adolescentes de Ceilândia...” topicalizando e enfatizando os atores e a cidade associados a processos materiais: matar, roubar, traficar. Eis outra razão que justifica trazer à baila um estudo em nível acadêmico-científico

que signifique uma contribuição em prol da própria comunidade. Como uma proposta, buscou-se intensificar a análise crítica de discursos “difamadores” que excluem ainda e mais uma população.

Enquanto a primeira etapa do trabalho envolve uma análise documental em textos jornalísticos que circulam na internet sobre temáticas voltadas para a Ceilândia, a segunda encontra-se voltada para os adolescentes da referida cidade. Desde minha pesquisa de mestrado, observo que os jovens se sentem reprimidos por serem de Ceilândia. É como se todos recebessem o estigma de “bandido”, “traficante”, ladrão” em decorrência de uma representação social gerada para a cidade onde moram e que recai principalmente sobre os jovens. (CAMPÊLO, 2014). Diante disso, meu propósito é dar voz a esses “atores sociais”⁴ para identificar como os adolescentes descrevem a cidade em que moram. Busca-se provocar um discurso reflexivo e crítico dos jovens em relação ao discurso midiático e à sua própria história.

Com relação ao discurso crítico, anoro-me no pensamento de Fairclough (2001a; 2003) uma vez que considero que práticas discursivas seguem atreladas a práticas sociais, como se estivessem em uma estrada de mão dupla em uma relação imbricada que reflete o binômio linguagem-sociedade. Muito precisa ser feito nessa comunidade e para esses atores sociais que foram/são marginalizados geográfica e socialmente desde a origem da cidade até a atualidade. Nessa perspectiva, vislumbra-se uma ação que promova, futuramente, transformação nas práticas discursivas. Nas rodas de conversa, objetiva-se ouvir, refletir, agir e rediscutir. Questiona-se, então: como (re)construir uma nova identidade social para Ceilândia, e projetada, sobretudo, para a juventude?

Quanto ao arcabouço teórico, o binômio de uma proposta de natureza linguístico-discursiva atrela-se, por um lado, à interioridade das estruturas linguísticas (nível gramatical), de acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), desenvolvida por Halliday (1994) e ampliada por Halliday e Mathiessen (2004, 2014). Por outro lado, o tema escolhido vincula-se à exterioridade da linguagem (discurso), nas palavras de Silva e Freitas (2015, p. 221), “dimensão que faz da língua um contrato social”, desde a perspectiva da Análise de Discurso Crítica (ADC) na vertente de Fairclough (2001a, 2003, 2010).

Além do editorial e da presente apresentação, esta tese é composta por seis capítulos, mais as considerações finais. No capítulo 1 – DOSSIÊ CEILÂNDIA, contextualizo a pesquisa e apresento um panorama situacional acerca dos principais pontos que circundam esta tese. Na primeira seção, teço algumas considerações sobre o sobre o que é pobreza. Trago à baila a

⁴ O termo “atores sociais” é utilizado com base na caracterização proposta por Van Leeuwen (2008).

caracterização de duas principais abordagens conceituais referente ao tema: a pobreza relativa e a pobreza absoluta. Na seção subsequente, uma questão: subúrbio ou periferia? Os dois temas eram, em princípio, utilizados para caracterizar a distância do centro; entretanto, ganharam contornos pejorativos e negativos numa representação social estigmatizada para o que/quem está longe do centro, quem vivem à margem da sociedade. A seção (1.3) trata da Campanha de Erradicação de Invasões, a qual abordo um resgate histórico da organização da transferência das “invasões” para a periferia de Brasília. Ainda nessa seção, apresento uma unificação do discurso: “A cidade é uma só” e a estratificação de uma cidade: “As diversas ‘Ceilândias’ em uma só”. Na última seção deste capítulo (1.4), ressalto a representação do jovem na periferia “Uma segregação simbólica da adolescência” manifestada pelo fenômeno da sujeição criminal. Algumas considerações são apontadas no fim do capítulo.

No capítulo 2 – PILARES ESTRUTURAIIS, destaco os arcabouços teórico-metodológicos que sustentaram minha base analítica para desvelar a relação dialética entre linguagem e sociedade. O primeiro pilar (2.1) refere-se à “A linguagem transformacional” baseado nos estudos do Realismo Crítico (RC) proposto por Bhaskar ([1975] 1978; 2002). Concatenado aos estudos da Ciência Social Crítica, fundamento meu estudo no segundo pilar, o da “Exterioridade da Linguagem” (2.2), estruturado no modelo de Análise de Discurso Crítica (ADC), que vem sendo desenvolvido por Fairclough (2003, 2008, 2010). Ressalto, nessa seção, os conceitos de ideologia, de hegemonia e de discurso como elemento de prática social. Amarrando essa triangulação e em uma vertente microanalítica (2.3), apoio-me na proposta teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), defendida por Halliday (1994); Halliday e Matthiessen (2004). Antes de encerrar o capítulo, apresento uma breve relação da ADC e do RC enquanto metodologia (2.4). Encerro o capítulo com algumas considerações.

No capítulo 3 – PERCURSO METODOLÓGICO, delineio meu trajeto nas veredas da pesquisa. O capítulo está dividido em seis subseções. Na primeira subseção (3.1), traço a abordagem qualitativa como método para esta pesquisa. Em seguida, destaco o objetivo geral e determino os objetivos operacionais que circundam as questões de pesquisa (3.2), pois a partir daí delineou-se o caminho a ser percorrido. Este trabalho envolveu uma parte de estudo documental (3.3) com geração de dados em fonte jornalística, e outra, uma pesquisa empírica (3.4) apoiada em textos (orais e escritos) de adolescentes moradores da cidade de Ceilândia. Na subseção (3.5), explicito o procedimento teórico-metodológico selecionado para fim de análise dos dados. Em (3.6), destaco a importância do tratamento ético para a realização do trabalho,

uma vez que parte da pesquisa foi realizada com seres humanos. Ao final do capítulo, saliento algumas considerações do percurso.

No capítulo 4 – OS BASTIDORES DA NOTÍCIA, desvelo as entrelinhas da informação midiática. O capítulo foi organizado em três subseções. A primeira (4.1) é “Uma análise preliminar” de dados. Nessa seção, apurei a temática dos assuntos abordados pelo jornal e classifiquei as informações de cunho positivo e negativo. Na segunda (4.2) - “Uma análise intermediária”, apresento o resultado do rastreamento realizado nos textos com o auxílio do programa *AntConc*. Tal programa forneceu informações para conduzir a pesquisa junto a recorrência de vocábulos empregados no discurso midiático. Em (4.3) - “A caminho da microanálise”, intensifico o olhar pesquisador para as minúcias linguístico-discursivas do *corpus*. Com base na teoria proposta por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), bem como uma discussão proposta por Fairclough (2001), situo a cidade de Ceilândia conforme o protagonismo, coadjuvantismo ou figurantismo que o autor [a mídia] estabelece em suas reportagens. Também estão “Em pauta” nesta seção: gente da cidade, a saúde, a violência e os adolescentes. Encerro o capítulo com algumas considerações.

No Capítulo 5 – POR UMA CARTA ABERTA, exploro as emoções expressas pelos jovens por meio de textos escritos e orais. Neste capítulo, recorri ao Sistema da Avaliatividade (MARTIN, 2000; MARTIN; WHITE, 2005) para descrever e interpretar os apelos dos adolescentes sobre o lugar onde moram. O trabalho com os jovens passou por três fases: i) produção de texto, na fase inicial. Não houve a participação direta do pesquisador. O/a professor/a regente conduziu essa etapa; ii) entrevista com estudantes; iii) roda de conversa com grupo focal. Cada fase corresponde às subseções deste capítulo. Na primeira seção (5.1), são analisados os textos escritos em que os adolescentes discorrem sobre a cidade onde moram. Na segunda seção (5.2), destaquei algumas partes relevantes da entrevista nas quais os jovens comentam sobre a cidade e algumas mudanças estruturais, a responsabilidade do governo e a manchete de jornal que gostariam de ver. A seção (5.3) resulta das discussões e reflexões advindas das rodas de conversa. E para finalizar, saliento algumas considerações preliminares.

O capítulo 6 – PARALELOS COMPARATIVOS ENTRE A VOZ DA MÍDIA E A VOZ DOS ADOLESCENTES – é a confrontação “Dos discursos midiáticos ao discurso de adolescentes: Ceilândia desde uma perspectiva crítica”. Com base nos resultados das análises realizadas no *corpus*, estabeleço um paralelo que revela perspectivas que ora se encontram e ora divergem quanto à temática Ceilândia. O capítulo está dividido em três subseções, em que são apresentadas as concordâncias entre os discursos (6.1), as discordâncias (6.2) e o silêncio da mídia (6.3). Ao juntar todas as informações, vislumbro algumas considerações.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS – ÚLTIMAS PALAVRAS retomo os objetivos (geral e operacionais) desta tese para refletir sobre os resultados alcançados. Resgato as questões que nortearam esta pesquisa para apresentar algumas considerações relevantes deste trabalho ao mesmo tempo em que proponho algumas sugestões para contribuir com a comunidade local. Espera-se com este trabalho incentivar os jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva.

CADERNO 1 – DOSSIÊ CEILÂNDIA

CONFRONTO⁵

A suntuosa Brasília
a esquálida Ceilândia contemplam-se.

Qual delas falará primeiro?

Quem tem a dizer ou a esconder
uma em face da outra?

Que mágoas,

Que ressentimentos

Prestes a saltar da goela coletiva
e não se exprimem?

Por que Ceilândia fere
o majestoso orgulho da flórea Capital?

Por que Brasília resplandece
ante a pobreza expostos barracos de Ceilândia,
filhos da majestade de Brasília?

E pensam-se, remiram-se em silêncio
as gêmeas criações do gênio brasileiro.

Carlos Drummond de Andrade

⁵ Texto escrito em 1979 em “Crônicas das favelas brasileiras” revista Tempo e Esperança (LOPES, 2001, p. 180)

CAPÍTULO 1 – DOSSIÊ CEILÂNDIA

No capítulo 1, traço um panorama situacional acerca dos principais pontos que circundam esta tese. Na seção (1.1), “Pobreza: falta de liberdade de escolha”, teço uma reflexão sobre o que é pobreza e a caracterização da pobreza relativa e da pobreza absoluta, que são as duas principais abordagens conceituais quando se refere ao tema. Ancoro meu referencial nas palavras de Amartya Sen (2000) para quem a pobreza é a falta de liberdade de escolha. A seção (1.2) abordará Subúrbio ou periferia?, desde o conceito etimológico das duas palavras, em que busco elaborar um paralelo do que seja uma periferia e do que é a periferia de Brasília. Na seção (1.3), apresento um dossiê sobre a cidade de Ceilândia. A seção foi subdividida em duas partes para retratar a cidade ontem (1.3.1 A Cidade é uma só) e hoje (1.3.2 As diversas “Ceilândias” em uma só). Na última seção deste capítulo (1.4), destaco “Uma segregação simbólica da adolescência” que ocorre em relação aos jovens da cidade. Foi realizada uma pesquisa documental e bibliográfica nessa parte do trabalho para resgatar a história da cidade a fim de que se possam compreender os discursos que permeiam o lugar desde sua origem. Por fim, serão apresentadas algumas considerações preliminares.

1.1 Pobreza: falta de liberdade de escolha

É necessário definir o que considero pobreza dentro deste estudo. O assunto parece simples, mas “poucos conceitos são tão difíceis de definir como o de pobreza”, conforme aborda o economista Romão (1982, p. 355) no artigo intitulado “Considerações sobre o conceito de pobreza”. Corroboro as palavras do autor ainda na minha dissertação.

O conceito de pobreza é extremamente complexo, uma vez que pode ser compreendido a partir de um contexto social, político, cultural ou histórico, bem como estar associado a questões ideológicas ou religiosas. Nível baixo de renda ou consumo, subdesenvolvimento humano, exclusão social, falta de recursos, privação são algumas terminologias associadas ao conceito de pobreza. (CAMPÊLO, 2014, p. 20).

A pesquisadora Neyla Pardo Abril (2008) trata da questão da pobreza em sua obra intitulada: “¿Qué nos dicen? ¿Qué vemos? ¿Qué es... pobreza?”. A autora buscou na Antiguidade traços do que se considerava pobreza desde um ponto de vista estético, até aos dias atuais. De forma genérica, podemos definir pobreza como “a situação na qual as necessidades

não são atendidas de forma adequada.” (ROCHA, 2006). Entretanto, esse conceito é vago e precisa de delimitações para o uso. Romão (1982) enquadra o conceito de pobreza sob quatro categorias: pobreza como juízo de valor; pobreza relativa; pobreza absoluta; e pobreza absoluta/relativa. A pobreza como juízo de valor está intrinsecamente associada a questões subjetivas: “os próprios indivíduos julgam se se sentem pobres ou não”, “qual deveria ser um grau suficiente de satisfação de necessidades, ou do que deveria ser um nível de privação normalmente suportável.” (ROMÃO, 1982, p. 357).

A percepção da pobreza na categoria relativa se aproxima bastante da desigualdade na distribuição de renda em que “os pobres se situam na camada inferior da distribuição de renda em comparação com os membros melhor aquinhoados da sociedade nessa distribuição”, e isso implica delimitar o conjunto de indivíduos “relativamente pobres” (ROCHA, 2006). O conceito de pobreza absoluta está relacionado ao direito de que cada pessoa possa viver em condições decentes condizentes com a dignidade humana. Tal acepção é vista a partir de definições estabelecidas pela sociedade que definem padrões para o nível “mínimo” ou “suficiente” de necessidade, conhecido como linha ou limite da pobreza. Esses padrões são estabelecidos em consonância com: o enfoque biológico, e aqui tem-se a fome como “o aspecto mais evidente da pobreza” (SEN, 1978, p. 3 *apud* ROMÃO, 1982, p. 361); a estratégia das necessidades básicas; e com o enfoque dos salários mínimos. Diante disso, Rocha (2006, p. 14) esclarece que as noções de pobreza absoluta e pobreza relativa se aproximam: “quanto mais rica for a sociedade, mais o conceito relevante de pobreza se distancia de atendimento às necessidades de sobrevivência”.

Assim, no caso de linhas de pobreza estritamente relativas, trata-se de estabelecer um valor que tenha como referência o nível de vida preponderante na sociedade em questão. Geralmente, esse valor é estabelecido com base na renda média ou mediana do conjunto da população, por conseguinte, desvinculado do efetivo poder de compra ou do nível de bem-estar que é capaz de proporcionar de fato. Hoje em dia a União Européia adota linhas de pobreza relativas [...] o que implica, naturalmente, valores de linhas de pobreza diferenciadas por país. (ROCHA, 2006, p. 14).

As necessidades básicas, enquanto pobreza absoluta, foram tomadas como medida nos anos 70 por diversos órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU). Silva (2008, p. 273) designa de pobreza material a falta atendimento adequado, tais como habitação, alimentação, vestuário, água potável, saúde e educação. Na década seguinte, o conceito de pobreza foi associado novamente à privação relativa. Um dos principais formuladores desse conceito é o indiano Amartya Sen, ganhador do prêmio Nobel de Economia

(1999), que define a pobreza como uma “privação de capacidades”. A teoria de Sen (2000) associa a condição de pobreza à falta de liberdades básicas que as pessoas podem desfrutar e entende que ser pobre vai além da renda, e ela pode ocorrer em qualquer momento da vida.

Segundo Pardo Abril (2008, p. 60, grifo nosso), “apesar das reflexões teóricas que ligam o sentimento de pobreza a múltiplos conceitos, e fatores determinantes e interesses que mantêm o *status quo*, o **conceito continua a ser construído com referência a fatores econômicos**”. Silva (2008) visualiza a pobreza sob um novo aspecto: a questão social. E esta pode ser caracterizada como:

[...] conjuntos de problemas de uma dada sociedade, que se interceptam nas esferas dos âmbitos: econômico, político e social. No âmbito político, a questão social aparece sempre mesclada por práticas sociais e discursos contraditórios e, em decorrência do caráter antagônico das estruturas social e econômica, o consenso absoluto, sobretudo com relação ao pensamento e práticas hegemônicas, torna-se, então, ilusório (SILVA, 2008, p. 270).

Segundo a autora, a desigualdade econômica e a exclusão são conceitos que se encontram imbricados à questão de pobreza e, portanto, a uma questão social. Silva (2013a, p. 89, grifo nosso) destaca ainda que a “pobreza constitui um espaço cada vez mais **abstrato**, razão pela qual pode remeter a ‘efeitos ocultos’”. Coaduno-me à referida autora, a fim de desnaturalizar e até mesmo “desestabilizar o discurso do senso comum, decorrente de práticas sociais repetidas de maneira convencional associadas a relações de poder que levam à banalização da pobreza [...]” (SILVA, 2013a, p. 89).

1.2 Subúrbio ou periferia?

Cabe destacar aqui, dois conceitos importantes: subúrbio e periferia. Ao se falar em Ceilândia, logo se associa essa cidade à periferia de Brasília. Mas o que vem a ser periferia? O termo periferia é derivado do grego *periphéreia* e entre os diversos conceitos representa também uma região distante do centro urbano. Já a palavra subúrbio deriva do latim *suburbium*, que significa arrabalde, arredores, contorno (de cidade). Os dois conceitos, no entanto, foram banalizados e tomaram um contorno negativo e relativizado em contraposição ao centro.

Para Domingues (1994, p. 5), o termo periferia define-se também pela “dependência e subalternidade às áreas centrais e aos locais de destino dos habitantes-pedulantes”, enquanto o subúrbio seria uma “variante da condição periférica, normalmente contextualizada num padrão de urbanização que atingiu uma escala dimensional alargada”. Do ponto de vista social, a

periferia e o subúrbio são um “pré-conceito”, uma “representação social estigmatizada”. “O subúrbio é o lugar da exclusão, da marginalidade e da segregação sociais, da anomia, da ausência de uma noção de pertença a um lugar, do déficit de cidadania etc.” (DOMINGUES, 1994, p. 7).

No trabalho intitulado “Discursos da Exclusão na Geografia do Distrito Federal”, Tatagiba e Silva (2013) destacam que, desde o início da construção da nova capital brasileira, ocorreram vários movimentos de afastamento desses trabalhadores do centro político-administrativo-judicial brasileiro.

O fato é que, ao longo da história do Distrito Federal, desde antes mesmo da inauguração de Brasília, os movimentos migratórios implicaram muitas ocupações espontâneas, ditas “invasões”, que, por sua vez, resultaram na oficialização pelo poder público de várias “cidades-satélites”. A concepção inicial subjacente à criação das novas cidades-satélites era a de afastar a pobreza do centro, ou seja, de Brasília. (TATAGIBA; SILVA, 2013, p. 130).

A adoção da expressão “cidade-satélite” (observa-se satélite por “aquilo que gravita” em torno de um centro, é um elemento secundário controlado por um principal) quer minimizar a periferização que ocorre na Capital. O plano inicial da construção de Brasília não previu que “barracos” fossem erguidos próximos ao centro, ou seja, próximos ao Plano Piloto.⁶ Por essa razão inclusive, foram surgindo as cidades-satélites. Para Gouvêa (1996, p. 232):

Todos esses núcleos tinham em comum as grandes distâncias do centro de empregos – o Plano Piloto -, que na ocasião concentrava quase a totalidade dos postos de trabalho. [...] esses núcleos não tinham nenhuma infra-estrutura urbana ou comunitária, fazendo seus moradores ficarem praticamente acampados no meio do cerrado, sem água, luz, esgotamento sanitário, e sendo obrigados a pagar parte significativa de seu salário por um transporte caro e deficiente.

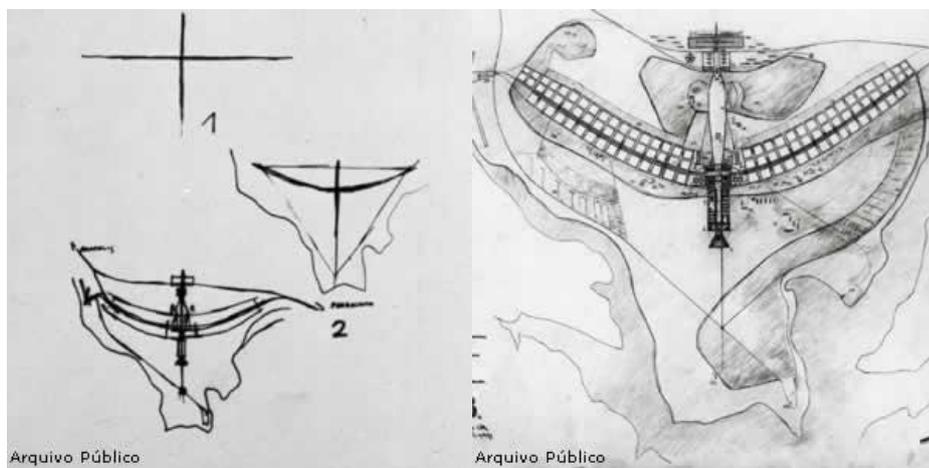
Observa-se que, nessa “**lógica da periferização**” (SOUSA; MACHADO; JACOUD, 1996, p. 57, grifo dos autores), ao afastar as favelas da Capital, elitiza-se a parte central de Brasília. Esse fenômeno é apontado também por Ribeiro e Lago (1994, p. 12) em outros centros como São Paulo e Rio de Janeiro: “tal tendência convive com outra diametralmente oposta, isto é, a produção de espaços residenciais privilegiados, destinados às camadas de alto poder

⁶ A expressão “Plano Piloto” originalmente se referia ao projeto urbanístico da Nova Capital do País, e é utilizada para se referir à Brasília; por esse motivo, em alguns trechos, aparece com iniciais maiúsculas. “Para a designação da Região Administrativa, a própria legislação também se alterna, ora usando Brasília, ora usando Plano Piloto”, conforme podemos observar na PL nº 951/2016 (p. 10) apresentada pelo deputado Chico Vigilante. Disponível em: <http://www.oabdf.org.br/wp-content/uploads/2017/12/PL-2016-00951-RDI.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

aquisitivo, separados territorialmente do resto da cidade”. A periferização gera uma segregação não somente espacial, pois distancia geograficamente grupos; mas também social, quando dificulta o acesso a políticas públicas e a serviços de qualidade a determinada parte da população. (SILVA, K., 2007).

Os primeiros traçados do Plano Piloto mostravam ausência de espaços para trabalhadores/construtores. A cidade foi desenhada para abarcar toda a estrutura administrativa pública do País.

Figura 1 - O plano piloto de Brasília



Fonte: Arquivo Público.

O projeto urbanístico de Brasília foi desenhado pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa. O plano teve sua forma inspirada em uma cruz que simboliza a conquista de um território. Levemente arqueado, o “rabisco” da nova cidade assemelha-se a um pássaro ou, como sugere Lucio Costa, a um avião, uma libélula, uma borboleta, um arco e flecha.⁷ O Eixo Monumental vai de Leste a Oeste e é cortado pelo Eixo Rodoviário-Residencial, que vai de Norte a Sul. No Eixo Monumental, centralizam-se os Poderes; enquanto o outro eixo abarcaria as residências dos funcionários públicos e outras instituições (hospitais, bancos, autarquias, hotéis).

Antes da inauguração oficial de Brasília, o governo já tentava combater a instalação das vilas com os programas de retorno de migrantes implementados a partir de 1963 e a criação das cidades-satélites (GOUVÊA, 2010, p. 92). Dessa forma, foram criadas as Regiões Administrativas (RAs) de Taguatinga, em 1958; de Sobradinho, em 1959; e no ano seguinte, do Gama. Essas iniciativas do governo em criar as RAs contradiziam o que era proposto por

⁷ Informação disponível em: http://www.museuvirtualbrasil.org.br/PT/plano_piloto.html. Acesso em: 30 jun. 2018.

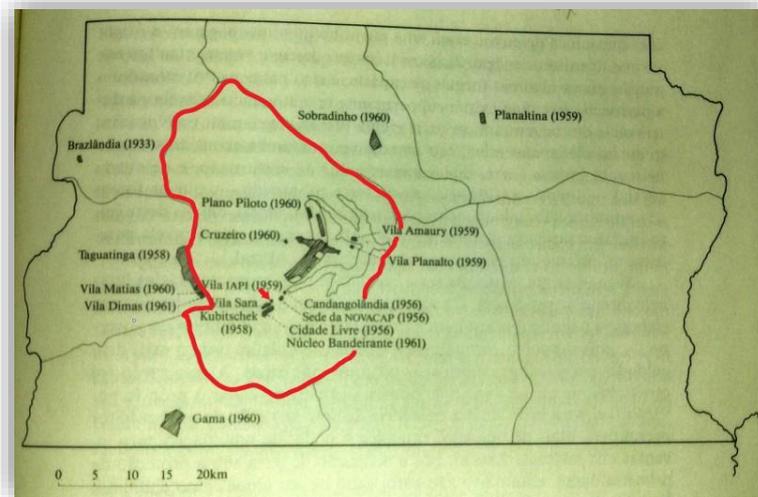
Lucio Costa, que planejou a criação das regiões de forma ordenada após a ocupação total do Plano Piloto (TAVARES, 2009, p. 68). Segundo Lucio Costa:

O crescimento da cidade é que ocorreu de forma anômala. Houve uma inversão que todos conhecem, porque o plano estabelecido era que Brasília se mantivesse dentro dos limites para os quais foi planejada, de 500 a 700 mil habitantes. Ao aproximar-se desses limites, então, é que seriam planejadas as cidades-satélites, para que essas se expandissem ordenadamente, racionalmente projetadas, arquetonicamente definidas. Esse era o plano proposto. Mas ocorreu a inversão, porque a população a que nos referimos [os candangos] aqui ficou, e surgiu o problema de onde localizá-la [...]. Daí a criação de núcleos periféricos, para transferir as populações, dando terreno para que se instalassem de uma forma ou de outra. [...] Assim, as cidades-satélites anteciparam-se à cidade inconclusa, cidade ainda arquipélago, como estava – agora já mais adensada, mas ainda não-concluída. A cidade ainda está oca. Entretanto, dois terços da população de Brasília moram nessa periferia, o que foi, naturalmente, desvirtuamento (COSTA, 1974, p. 26 *apud* VESENTINI, 1986, p. 221, grifo nosso).

As cidades-satélites eram previstas para atender à parte industrial e agrícola da região central. Deveriam ser “projetadas racionalmente” a fim de atuarem como centros de apoio de Brasília. Entretanto, não houve tempo para isso, pois foi preciso retirar as famílias dos arredores da Capital Federal. O principal problema apontado na época se referia à preservação da bacia hidrográfica do rio Paranoá. O projeto de Brasília previu a construção da Estrada Parque do Contorno⁸ que seria uma “fronteira” de mais de um quilômetro de distância para a construção de casas em torno do rio. A estrada seria um referencial de preservação ambiental e delimitaria o espaço do chamado “anel sanitário”. Com a premissa de uma eutrofização do Lago Paranoá, o Plano Diretor de Água, Esgoto e Controle da Poluição do Distrito Federal (PLANIDRO) recomendou a não utilização de terrenos livres localizados na bacia do Paranoá (OLIVEIRA, 2008) e estabeleceu um limite de expansão urbana do local, o que impulsionou a remoção de vilas e favelas próximas do lugar e a criação urgente de novas RAs. A Figura 2 mostra a extensão da Estrada Parque Contorno (EPTC) e a delimitação do anel sanitário; também aponta a exata localização da Vila IAPI e de outras regiões do DF.

⁸ A Estrada Parque Contorno (EPTC) foi uma das exigências atribuídas ao projeto de Lucio Costa e construída em 1958. Era uma via circundando toda área de domínio da Bacia Hidrográfica do Paranoá no intuito de cumprir a função de interligar o crescimento futuro da cidade e da população. (OLIVEIRA, 2008, p. 56-57).

Figura 2 - EPTC e localização da Vila IAPI



Fonte: adaptado de Holston (1993, p. 261).

Tavares (2009, p. 68) destaca que toda essa justificativa apenas serviu para afastar a população mais pobre da área, enquanto a classe média e média-alta foi beneficiada com a criação das Regiões Administrativas do Guará, do Lago Sul e a ocupação da península do Lago. O que antes eram “vilas de operários” criadas para abrigar os trabalhadores/construtores de Brasília e suas famílias, a partir de então, passam a ser consideradas “invasões” e grande prejuízo para toda a população da Nova Capital, uma vez que ameaçavam a contaminação da água que abastecia a cidade.

Abramovay *et al.* (2004, p. 36) destacam que o espaço urbano de Brasília “abriga um modelo de segregação diferente” de outras cidades brasileiras. “Sua morfologia espacial é peculiar e tem como característica uma maior separação física entre os habitantes da periferia e os do Plano Piloto”. Em decorrência disso, Gouvêa (1995, 1996, p. 233, grifo nosso) reconhece que em toda Brasília houve um “verdadeiro *apartheid social*” desde o seu planejamento. Tatagiba e Silva corroboram esse pensamento:

[...] a ordenação e a ocupação do espaço geográfico do Distrito Federal, desde a inauguração de Brasília como nova capital da república, orientaram-se também por práticas de exclusão deliberadas, como a que ocorreu com o afastamento das primeiras cidades-satélites (TATAGIBA; SILVA, 2013, p. 144).

Abramovay *et al.* (2004) apontam ainda assimetria territorial entre o Plano Piloto e as cidades de periferia quanto à dominância dos poderes político e econômico e, portanto, ao “controle” ao acesso a bens materiais e não materiais no centro da Capital; e quanto às

diferenças culturais e raciais, que concentram nas cidades-satélites mais de 60% de migrantes nordestinos e mestiços. O plano piloto da cidade de Brasília não previu outras cidades próximas, não previu espaço para trabalhadores braçais, nem para as famílias dos candangos. A cidade foi desenhada para receber a administração do País e os funcionários dos setores. Cada um recebeu um apartamento nas “Asas do poder”. O setor militar também recebeu um lugar planejado e estratégico no centro da Capital. Aos trabalhadores, operários, braços incansáveis na construção acelerada da Nova Capital, restou tão somente uma singela homenagem em frente à Praça dos Três Poderes: uma escultura batizada como “Os Candangos”.

A escultura **Os Dois Guerreiros**, popularmente conhecida como **Os Candangos**, foi esculpida pelo artista Bruno Giorgi. Feita em bronze, a estátua mede 8 metros e é considerada um dos símbolos da cidade. “Candango” era o nome que os africanos usavam para referir-se a seus colonizadores portugueses, termo pejorativo, que significa “indivíduo ordinário, ruim”. “Durante a edificação da cidade a palavra mudou de conotação, passando a indicar, elogiando-a, qualquer pessoa envolvida na construção da Capital do Brasil”. (VIDESOTT, 2008, p. 21).

Figura 3 - Os Candangos



Fonte: Pinterest.

1.3 A Campanha de Erradicação de Invasões (CEI)

Na época da construção da nova Capital Federal, muitas pessoas vieram para o centro do País atraídas por emprego e na esperança de reconstruir suas histórias. “Em 1957, chegaram ao local da futura capital os primeiros trabalhadores: uma massa humana de diferentes origens e características sociais que, mesmo sem garantia de conforto ou de bem-estar, dispunha-se a trabalhar para a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap)”. (CONSTRUÇÃO..., 2015).

[...] os trabalhadores alimentaram a esperança e migraram para o Planalto Central em quantidade, sonhando com a possibilidade de aqui melhorar de vida para trazer suas famílias. Acreditavam estar construindo um pedaço deste novo país. Chamavam, inclusive, Brasília de “a capital da esperança.” (GOUVÊA, 1996, p. 232).

A maioria dos migrantes vinha do Norte e do Nordeste do País, fugiam da seca que assolava a região nos anos 60.

Figura 4 - Caminhão leva operários para construir a futura Capital, 1958



[Os trabalhadores pioneiros] Saíam da terra natal com uma mala e pouquíssimo dinheiro — às vezes nem isso, só com a roupa do corpo — e lotavam a carroceria dos caminhões para viajar 45 dias em estradas precárias, de terra batida, até o local demarcado para a construção de Brasília, onde só havia mato e poeira. (CONSTRUÇÃO..., 2015).

Foto: Mário Fontenelle/Arquivo Público do DF.

A construção de Brasília teve início em 1956 com a chegada dos primeiros trabalhadores. Em janeiro de 1957, a cidade contabilizava 2.500 operários, o que acelerou o trabalho nos canteiros de obras. “O 1º recenseamento de Brasília, divulgado em julho de 1957, identifica que Brasília contava, na época, com uma população de 6.283 pessoas, sendo 4.600 homens e 1.683 mulheres.” (ARPDF, 2015, p. 5). Homens de todo o País se deslocaram para Brasília com o propósito de construir a “Cidade do Futuro”. O crescimento habitacional ocorreu de maneira incomum na nova cidade. A estimativa populacional era prevista para seis mil habitantes; mas, até maio de 1959, antes da inauguração, já contava com 64.314 pessoas. Pela proximidade com a nova cidade, os goianos compunham 23% do contingente de migrantes; seguido por mineiros (20,3%); baianos (13,5%); cearenses (7,4%); pernambucanos (6,3%), paulistas (5,3%) e piauienses (4,6%). (COMISSÃO CENSIONÁRIA NACIONAL, 1959).

O governo previra que, após a inauguração de Brasília, apenas um terço dos trabalhadores ficasse no lugar; outro terço voltasse para seus estados de origem; e o último grupo se dedicasse à produção agrícola. (PEREIRA, 2016). Entretanto, a maioria dos operários decidiu permanecer na nova cidade. Eles ficaram nas Vilas, próximas do Núcleo Bandeirante (antiga Cidade Livre),⁹ que foram montadas para abrigar os construtores.

As pessoas nessas localidades “viviam uma situação de insalubridade séria” e associada a essa condição “elas estariam invadindo a área do chamado ‘anel sanitário’, o que poria em risco as condições de saneamento básico da nova capital.” (TAVARES, 2009, p. 85). Essa foi a justificativa encontrada pelo então governador Hélio Prates da Silveira para que se elaborasse um projeto de transferência das vilas. Tais ocupações passaram a ser consideradas “invasões” e precisavam sair do centro, pois “enfejavam” a porta de entrada e saída da cidade planejada. (SOUSA; MACHADO; JACCOUD, 1996). Abaixo, seguem trechos das notícias estampadas no Correio Braziliense da época, que confirmam tal visão.

[...] São favelas mais visíveis, junto dos quais passam todos que chegam ou saem da Capital da República. Elas constituem um **chocante contraste com a beleza arquitetônica da cidade**. (CB, 14 de julho de 1970, grifo nosso).¹⁰

São êsses duzentos brasileiros, [...] que somados produzem o **tristíssimo espetáculo das “invasões” de famílias** e que numa **favelização indiscriminada**, ofereceu o **tristíssimo contraste dentro do cerne**, mesmo, da **belíssima capital brasileira**. (CB, 28 de julho de 1970, grifo nosso).

Havia uma preocupação em extinguir essas favelas. A Campanha de Erradicação das Invasões (CEI) foi planejada no intuito de acabar com as “invasões”¹¹ em Brasília. Lançada no dia 6 de julho de 1970, a Campanha foi iniciada pela primeira dama da cidade, dona Vera Almeida Prates da Silveira, e recebeu apoio de outras senhoras da comunidade. Esta seção segue abaixo, em duas partes. Uma apresenta um breve histórico da criação da Ceilândia desde a “A cidade é uma só”; enquanto a outra mostra “As diversas Ceilândias em uma só” nos dias atuais.

⁹ Segundo Costa E. (2013), a Cidade Livre foi criada por Bernardo Sayão para ser um centro comercial e recreativo para os construtores de Brasília. Para atrair os comerciantes e trabalhadores para o local, os lotes foram alugados isentos de taxas e impostos, por isso, recebeu essa denominação, por ser livre de encargos fiscais.

¹⁰ Os trechos retirados de jornais da época serão mantidos na fonte de máquina de escrever e preservando a escrita das palavras e a pontuação feita pelo devido periódico. A íntegra dos textos citados neste trabalho encontra-se nos anexos.

¹¹ Cabe ressaltar que invasões são “palavras brasilienses para favelas”. (Correio Braziliense, 2 de outubro de 1970). A palavra transmite a ideia de transgressão de regras, violação.

1.3.1 “A cidade é uma só”

Com o *slogan* “A Cidade é uma Só”, a Campanha de Erradicação das Invasões tinha por objetivo conscientizar toda população de que os problemas de uma comunidade são problemas de todas as pessoas. Logo de início, a campanha recebeu apoio dos Clubes de Serviços, como o Rotary Clube, o Lions Clube, entre outros; e de líderes comunitários, das instituições religiosas, dos meios de comunicação, TV, rádio e grupos de teatros. A população foi mobilizada a arrecadar materiais de construção, roupas, alimentos, calçados e dinheiro para ajudar a transferência das famílias “invasoras”¹² e assim melhorar a vida dos “habitantes das invasões.” (CB, 14 jul. 1970). Foram instalados diversos pontos de arrecadação de donativos em alguns locais pela cidade. Havia caminhões que passavam nas superquadras do Plano Piloto, em dias alternados e previamente agendados, para receber doações dos moradores. Além disso, as voluntárias da Campanha visitavam repartições públicas, bancos, escritórios e outros órgãos para divulgar o trabalho e receber ajuda também desses setores.

Deve-se esclarecer que a Campanha não previa acabar exclusivamente com a invasão da Vila do IAPI, mas com vários “aglomerados” que se espalhavam em diversos pontos da cidade. A primeira favela erradicada na época estava assentada próxima a um depósito de lixo do Gama. Os moradores foram integrados na cidade. Esse trabalho se repetiu em Taguatinga e em Brazlândia. O maior desafio, no entanto, foram os cinco grandes “núcleos de favelados” chamados de “invasores” que somados chegavam a quase 100 mil habitantes existentes entre o Núcleo Bandeirante e Brasília, quais sejam, Vila do IAPI, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão e Morro do Querosene. (CB, 14 jul. 1970).

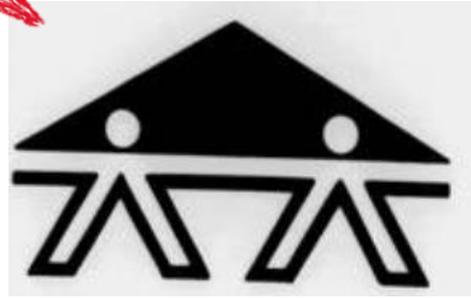
A Campanha contou com a participação de seis alunos do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Brasília que criaram o tema, o lema e o símbolo do movimento. A explicação do trabalho pode ser conferida no jornal da cidade, datado de 14 de julho de 1970.

Daí nasceu o nome da campanha, com a sigla CEI, que, segundo os publicitários, “é eufônica, tem poucas letras e tem homofonia com o verbo saber (sei), conscientizando para um compromisso social e voluntário”. Surgiu também o lema - A CIDADE É UMA SÓ - justificado pelo fato de “atingir diretamente o espírito da coletividade, levando-a a sentir necessidade de uma maior integração social. (Correio Braziliense, 4 de julho de 1970).

¹² Optou-se por manter a palavra “invasores” e correlatas entre aspas, para enfatizar que, na realidade, não se trata de invasores, mas de trabalhadores pioneiros da construção de Brasília.

Figura 5 - Símbolo da CEI

E apareceu o símbolo, de grande efeito de comunicação: é simples, representando duas pessoas de mãos dadas, sob um triângulo, que representa ao mesmo tempo o teto de uma casa e um movimento ascensional, dando justamente a ideia de elevação social que se procura obter para a população favelada.
(Correio Braziliense, 14 de julho de 1970).



Fonte: Correio Braziliense, 3 de julho de 1970.

O processo de sensibilização dispôs também de um coral formado por crianças residentes nas próprias Invasões. A seleção dos cantores foi feita na escola da Vila e professores de canto ensaiaram a marchinha “A Cidade é uma só”. O *jingle* foi tocado em várias estações de rádio e televisão e reforçava o pedido de unicidade (A cidade é uma só) e caridade (ajude a construir nosso lar) direcionado às pessoas que “têm um bom lugar para morar”. A Figura 6, retirada do filme “A Cidade é Uma Só?”,¹³ retrata as apresentações ocorridas na época.

Figura 6 - Grupo escolar cantando o *jingle* da CEI



Fonte: Imagem do filme “A Cidade é uma só?” de Adirley Queirós (2013).

 Vamos sair da invasão
 A Cidade é uma Só
 Você que tem um bom lugar pra morar
 Ajude a construir nosso lar
 Para que possamos dizer juntos
 A Cidade é uma Só
 Você, você, você
 Você vai participar
 Porque, porque, porque
 A Cidade é uma Só 

A Campanha foi montada e todos da comissão trabalhavam arduamente para a concretização das ações. Em outubro de 1970, a equipe responsável pela retirada das invasões das Vilas esteve presente no local destinado aos “novos habitantes”. É a primeira imagem do que viria a ser a Ceilândia.

¹³ O filme: “A Cidade é uma só?” estreou em 12 de junho de 2013, sob a direção de Adirley Queirós.

Figura 7 - Escolha do local para transferência da Vila do IAPI



Fonte: Arquivo da Administração Regional de Ceilândia. Fotos: Joaquim Firmino (1970).

A promessa do governo era de uma “nova maravilhosa terra [...] destinada por Deus e pelos homens do Serviço Social.” (CB, 31 jan. 1971). No lugar, “banhado de sol, com clima extremamente saudável”, os proprietários teriam “água, luz, esgoto, mercados, transportes, escolas, posto de saúde” além de creches, clubes, parques e ginásios “atendendo-se ao objetivo de elevação do nível cultural.” (CB, 31 jan. 1971). A descrição de uma cidade-paraíso despertou sentimentos adversos na comunidade: alguns “invasores” ansiavam pela mudança; outros, olhavam com parcimônia tantas vantagens oferecidas. Em 7 de fevereiro, uma leitora questionou a veracidade da “Nova Terra Maravilhosa”. De pronto, recebeu a seguinte resposta: “[...] os novos habitantes de Ceilândia [...] encontrarão os serviços básicos – água, luz e esgoto. As escolas, eu vi, estão sendo erguidas [...] espere para duvidar. **Dê um crédito de confiança ao GDF**” (CB, 7 fev. 1971, grifo nosso).

Entretanto, a desconfiança dos benefícios propostos se confirmou em cenas de “cortar o coração.” O jornalista Ary Cunha descreve, em sua coluna no Correio Braziliense no dia 3 de março, sua expectativa quanto à transferência das famílias para a Ceilândia: “fiquei entusiasmado ao ver o que está se plantando, e louvo o trabalho de dona Vera de Almeida Silveira como uma obra que ligará a administração do seu marido ao que a população tem de mais caro, que é o sentido de comunidade [...]”. A transferência teve início no dia 27 de março de 1971. Um dia após as primeiras transferências, o relato é diferente:

Figura 8 - Cerimônia para receber os primeiros moradores

Ontem, assisti à chegada dos primeiros moradores. Triturou-me o coração ver uma banda de polícia distraindo a garotada inocente transportada em ônibus do Governo para bater palmas. Ver os caminhões com restos de barracos feitos de fatias de Eucatex na exibição de uma **miséria grotesca**, aos olhos de autoridades. (CB, 28 de março de 1971, grifo nosso).



Fonte: Arquivo da Administração Regional de Ceilândia.

O editorial do jornal pormenoriza cenas de uma ação precipitada e que reforça a ideia de uma transferência de invasão de lugar, que não retirou o aspecto de favela, mas transformou em “uma favela arrumada, loteada”.

Figura 9 - A transferência



Desmantelaram-se os barracos na Vila do IAPI para serem remontados na Ceilândia. Tábuas apodrecidas e velhas e móveis da mesma idade e similar condição foram jogados dos caminhões, ao tempo, juntamente com seus modestos donos. Por azarenta coincidência, choveu. Em finos fios de água, primeiro, em grossas cordas, depois. O temporal desabou de noite com violência, colhendo, pessoas e trastes, desprevenidos. E o que era festa virou melancolia. (CB, 30 de março de 1971).

Fonte: CB, 18 de agosto de 1971.

O relato, a seguir, faz parte das entrevistas coletadas por Magna Silva (2016, p. 39) para sua dissertação em Turismo e ratifica as informações dos jornais.

[...] fomos despejados durante a noite, sem nenhuma condição de abrigo, no meio de um cerrado desmatado, sem nenhuma iluminação [...] vivemos uma noite de terror, quando

amanheceu o dia, encontrei uma cobra dentro do caixote onde passei a noite com meu filho, um bebê ainda. Não tivemos outra opção, não. Era aquela e mais nada. Não deram a gente nenhuma outra chance de escolha, não. Não tinham nenhuma condição de retorno para a “invasão”. O barraco onde moramos por muito tempo tinha sido derrubado e as tábuas trazidas no caminhão junto com a gente na mudança. [...] (Dona Eva)

A promessa de água, luz e esgoto demorou para ser concretizada. Os moradores conviveram por longos seis anos sem água encanada e somente a partir de 1983 começa a ser instalada a rede de esgoto. (RESENDE, M. 1985). O serviço de abastecimento era feito por um caminhão-pipa do Serviço de Abastecimento, que passava na cidade de oito em oito dias (Figura 10).

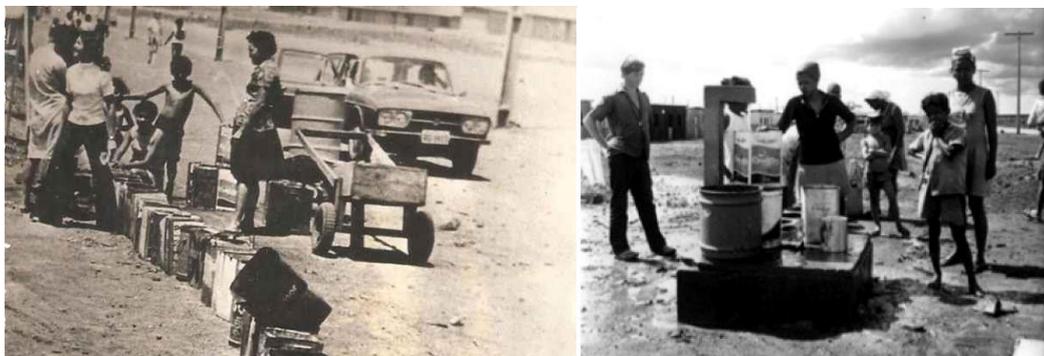
Figura 10 - Abastecimento de água



Fonte: Arquivo da Administração Regional de Ceilândia. Foto: Joaquim Firmino (1970).

Existia também um “chafariz” próximo ao centro da cidade, onde os moradores tinham de enfrentar filas enormes para ter acesso à água.

Figura 11 - Fila no chafariz



Fonte: Correio Braziliense. Disponível em: <http://bit.ly/2NAkNZ1>. Acesso em 8 jul. 2018 e Arquivo Público do Distrito Federal.

A Caixa D'Água de Ceilândia é a marca de um movimento de sobrevivência dos primeiros moradores da cidade que precisou esperar por longos anos até que tivesse água encanada em suas casas.

Figura 12 - Caixa D'Água de Ceilândia

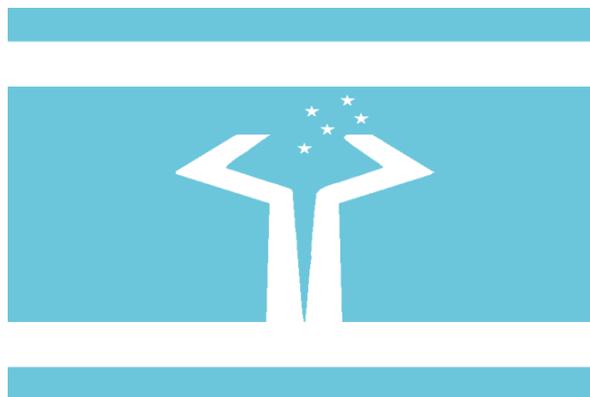


Com um projeto modernista realizado pelo arquiteto paranaense Gerhard Leo Linzmeier, a elevatória de 27 metros de altura tomou uma forma diferente de tudo que se tinha visto até então na cidade, o design arrojado da Caixa d'água dava asas à imaginação da população: **uns dizem que se parece com uma nave espacial, outros com uma flor e até mesmo um troféu.** Esta última analogia se encaixa perfeitamente para o que a Caixa d'água representa para o cidadão ceilandense: uma vitória depois de tantos anos de lutas para conseguir condições mínimas de vida, para uma população que desde o início da história do Distrito Federal foi abandonada e leva em seu nome, derivação da sigla C.E.I., a marca de invasora da cidade que ela ajudou a construir. (PEREIRA, 2016, p. 4-5, grifo nosso)

Fonte: Arquivo Público do DF (1972).

Dada a importância do monumento para os moradores, em 2013, a Caixa D'Água de Ceilândia tornou-se Patrimônio Histórico do Distrito Federal pelo Decreto nº 34.845. Essa marca é estampada em diversas marcas, *logos*, muros e roupas de seu povo e na própria bandeira da cidade. (Figura 13)

Figura 13 - Bandeira de Ceilândia



Fonte: http://radarsatelite.blogspot.com/2015/10/blog-post_16.html. Acesso em: 27 jun. 2018.

A bandeira de Ceilândia foi criada em 1984 e traz estampada o símbolo da cidade, a Caixa D'Água. As estrelas, na forma do Cruzeiro do Sul, representam os setores: Ceilândia, Guariroba, P Sul, P Norte e Setor O. (ARPDF, 2005, p. 23)

A falta de água e de esgoto não foram os únicos problemas enfrentados pela comunidade. As famílias precisaram conviver com a falta de luz, de transporte, de mercado, de hospitais; a redução da renda familiar; a ressocialização com os vizinhos, entre outros. As palavras da ex-administradora de Ceilândia, Maria de Lourdes, contradizem a assistente social (a mesma) que trabalhou no convencimento dos “invasores” quanto à transferência do local:

Amanhecer em um local onde não existia uma única árvore [as vilas eram cheias de sombra], erguer um barraco onde não havia uma única torneira d'água e nem cisterna; relacionar-se com vizinhos até certo ponto estranhos, realmente eram atitudes sobre-humanas. (BASTOS, 1986, p. 11).

O isolamento espacial a que foram submetidas as pessoas contribuiu para a queda na sua qualidade de vida. A distância dificultou o acesso ao Centro, que detinha as melhores condições de trabalho, ainda que resultante de contratação mais barata. “[...] o Plano Piloto, na ocasião, possuía mais de 70% dos postos de trabalho, obrigando a grande maioria dos habitantes das cidades-satélites a se deslocar por mais de trinta quilômetros e despender parte significativa de seus parcos salários com transporte.” (GOUVÊA, 1996, p. 233). Não circulava mercadoria. A população dependia de outras cidades para adquirir seus alimentos. O comércio era restrito. O dinheiro era restrito. As mulheres que trabalhavam com a atividade de lavar roupas e conseguiam ajudar nas despesas da casa não podiam exercer sua profissão, já que não havia água na nova cidade. Enfim, os “invasores” foram enganados com falsas promessas.

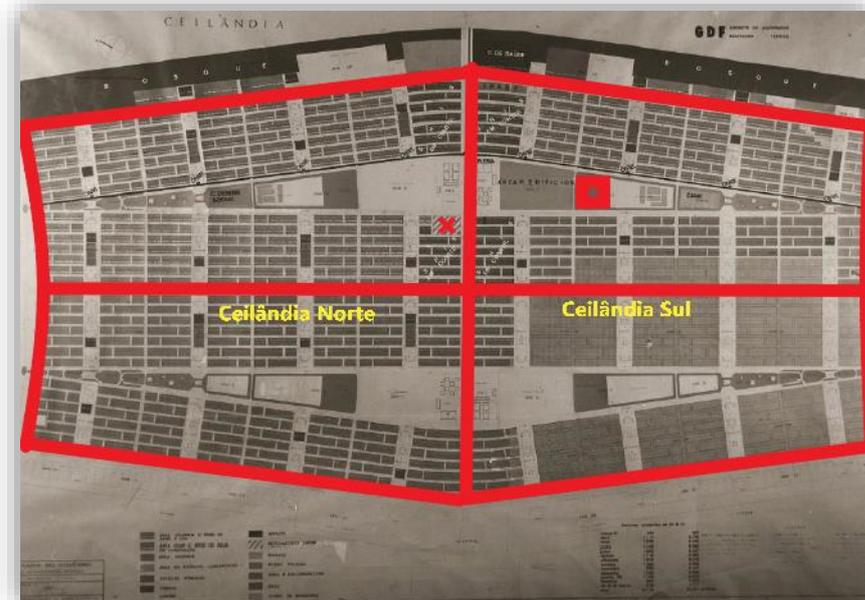
A partir de 1971, os setores QNM e QNN, até então de Taguatinga, passam a receber o nome de Ceilândia. Essa denominação intrigou muita gente e diversas reclamações foram levadas a público através do jornal da cidade. Para alguns, outro nome para a região denotava “uma ideia separatista.” Para outros, não havia uma explicação plausível para a escolha do nome: “a denominação ‘Ceilândia’ não soa com bom gosto”, “não é simpático à população, mesmo porque ninguém ainda explicou quais as razões e a origem do nome.” (CB, 5 fev. 1971). Dias após, veio a resposta do Governo, também publicado no jornal:

<p>Quando o Governo do Distrito Federal decidiu dar o nome de Ceilândia ao núcleo habitacional que está construindo para abrigar as famílias a serem removidas das invasões, teve o propósito de perpetuar não simplesmente a sigla "CEI", mas primordialmente o princípio que norteou a campanha.</p>
--

[...] A sigla CEI figura como prefixo da palavra composta Ceilândia - como uma realidade brasiliense: nela estão significados a abnegação, o desprendimento e a vontade do povo de uma cidade de colaborar na extinção de uma chaga sócia. Exemplo, portanto, a ser seguido por outras cidades brasileiras. (Correio Braziliense, 13 de fevereiro de 1971).

O projeto urbanístico da cidade foi de autoria do arquiteto Ney Gabriel de Souza, a pedido do Governo do Distrito Federal, que traçou dois eixos cruzados perpendicularmente em ângulo de 90 graus (via NM 1 e via NM2).¹⁴ O desenho, que em seu plano original assemelhava-se a um barril (Mapa do Barril), marcou a região que ficou conhecida pela imprensa local pela alcunha de “Barril de Pólvora.” (LIMA; JEVAN, 2007).

Figura 14 - Projeto da criação de Ceilândia (1970)



Fonte: Arquivo Administração Regional de Ceilândia, com adaptações.

O trabalho de remoção dos “invasores” foi concluído em 7 de março de 1972. Contabilizaram-se 82 mil pessoas transferidas. (RESENDE, 1985, p. 18). Ceilândia cresceu ao longo desses 47 anos de existência. Essa expansão será apresentada na subseção a seguir.

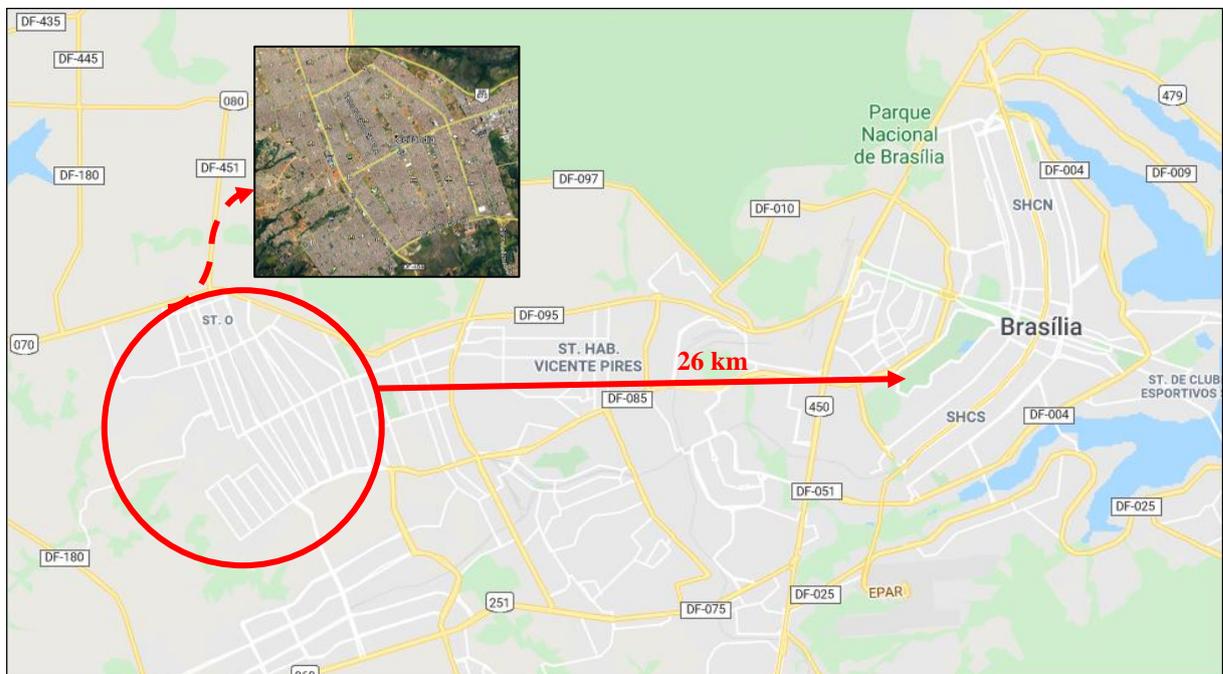
¹⁴ Dado disponível em: <http://www.ceilandia.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

1.3.2 As diversas “Ceilândias” em uma só

Ceilândia foi transformada em Região Administrativa (RA) em 1989 a partir de seu desmembramento da RA de Taguatinga.

Hoje a Ceilândia possui uma área urbana de 29,10 Km² e está subdividida em diversos setores: Ceilândia Centro, Ceilândia Sul, Ceilândia Norte, P Sul, P Norte, Setor O, Expansão do Setor O, QNQ, QNR, Setores de Indústria e de Materiais de Construção e parte do INCRA (área rural da região administrativa), setor Privê, e condomínios que estão em fase de legalização como o Pôr do Sol e Sol Nascente.¹⁵ A Região Administrativa IX está situada a 26 quilômetros da RA I – Brasília. (CODEPLAN, 2011).

Figura 15 - Distância Ceilândia - Brasília

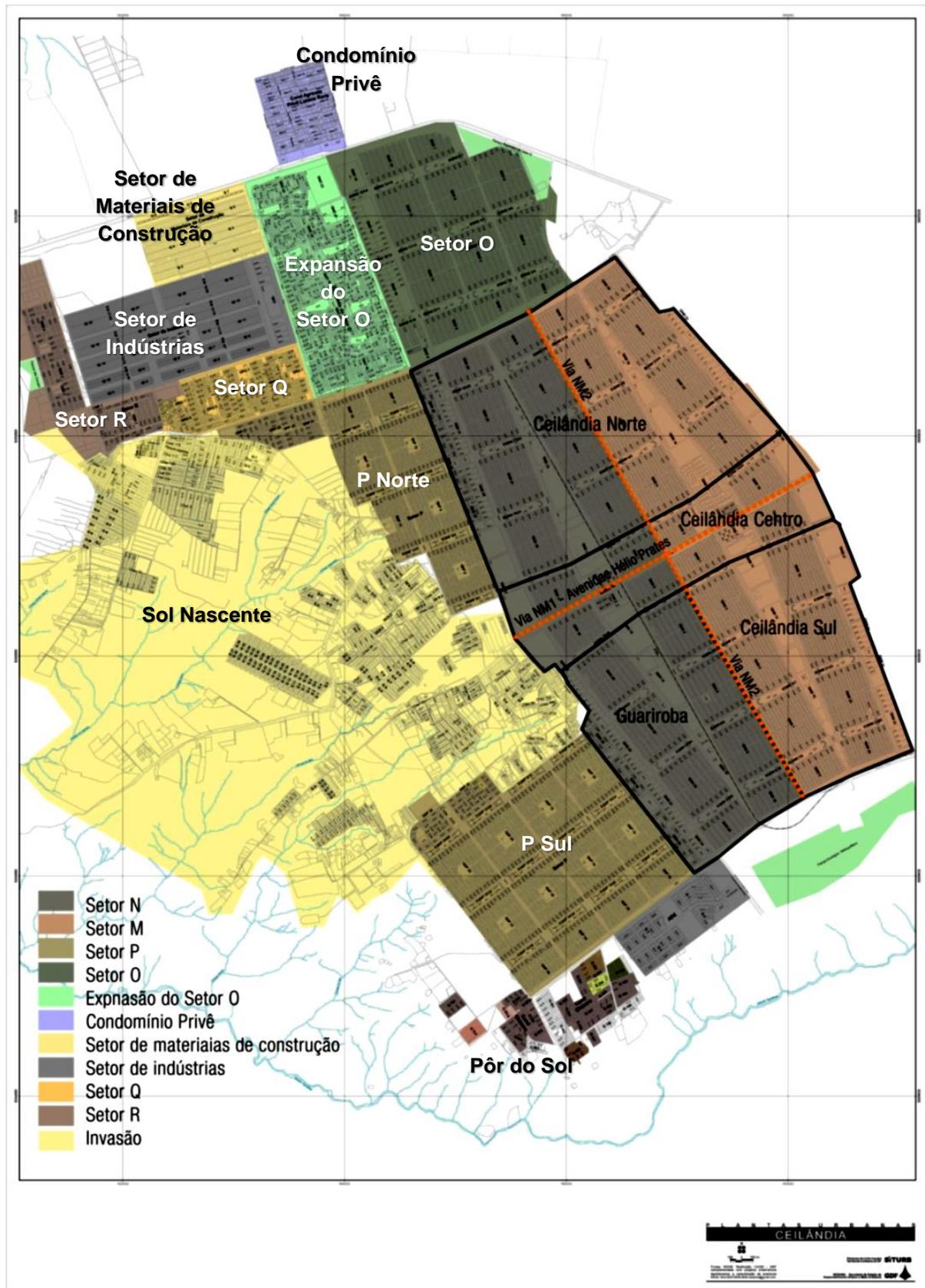


Fonte: Google Maps com base em Godoy (2013).

Na Figura 16, pode-se perceber que o crescimento da Ceilândia desde sua criação até os dias atuais “desconfigurou” o desenho do barril “na medida que novos setores foram surgindo ao redor dos setores originais N e M.” (GODOY, 2013, p. 6). No Anexo B, disponibilizo uma sequência dessa expansão.

¹⁵ Em 14 de agosto de 2019, foi criada a 32ª Região Administrativa que corresponde ao Sol Nascente/Pôr do Sol. Como o processo ocorreu durante esta pesquisa e como a nova cidade ainda não dispõe de outra administração, ainda será tratada como parte de Ceilândia. (Lei nº 6.359, de 14 de agosto de 2019).

Figura 16 - Ceilândia hoje



Fonte: SEDAB (1997 *apud* GODOY, 2013, p. 6) com adaptações.

O aniversário da cidade é comemorado no dia 27 de março, conforme Decreto nº 10.348, de 28 de abril de 1987. A população de Ceilândia está estimada em 489.351 habitantes. (CODEPLAN, 2015, p. 15). O símbolo principal da cidade é a Caixa D'Água, lugar onde foi lançada a pedra fundamental e estabeleceu o início da história de Ceilândia. Dados da Codeplan (2015) revelam que a população de Ceilândia é formada na maioria por mulheres (51,82%). Os jovens (25 a 59 anos) totalizam 46,17%; as crianças (0 a 14 anos), 20,80%; e os idosos acima de 60 anos, 16,90%. A comunidade é formada por 57,95% que se declararam pardos e 36,64%, brancos. A cor preta é representada por 5,32% dos residentes. Esse dado sobe ainda mais se considerados somente os moradores do Sol Nascente e do Pôr do Sol: 61,06% dos entrevistados declararam-se pardos e 5,77%, negros. Embora a cidade já tenha 47 anos, ainda há diversos problemas que enfrenta diariamente. Parte das dificuldades está relacionada às drogas, à violência, à falta de saúde pública, à falta de creches, dentre outros.

1.4 Uma segregação simbólica da adolescência

Comumente, são atribuídas aos adolescentes de Ceilândia a má fama e a rotulação de “projeto de bandido”, de “pivete”, de “trombadinha”, de “moleques”, de “vagabundos” entre outros termos pejorativos. A citação, a seguir, retirada do Portal G1, é um exemplo do discurso relacionado aos jovens da cidade, “clientes da polícia”: “Nosso maior problema é com tráfico de drogas, roubo a transeunte e os menores de idade, que chamamos de **clientes da polícia** porque sempre estamos atendendo eles.” (Alcenor Pereiro dos Santos, comandante 8º BPM).¹⁶

Em sua pesquisa de mestrado, Barbosa (2016, p. 133) destaca que Ceilândia é conhecida como lugar dos “pebas”,¹⁷ dos “djenses” e por isso é tão temida. O autor entrevistou alguns policiais para seu trabalho e pôde perceber que há um discurso muito similar entre eles sobre a realidade dos jovens da Ceilândia: a falta de maturidade dos meninos,¹⁸ o “*ethos*” de guerreiro (ZALUAR, 2014) e a falta de estruturação familiar, que obriga “a mãe solteira sair de casa muito cedo, deixando um filho de dez anos tomando conta de outro de cinco.” (BARBOSA,

¹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/vista-como-regiao-mais-violenta-do-df-ceilandia-e-11-em-n-de-mortes.html>. Acesso em: 05 abr. 2020.

¹⁷ Peba é uma gíria policial que associa jovens criminosos ao tatu-peba ou “peba” que vive em buracos e se esconde rapidamente de seus predadores. “Os pebas geralmente são do sexo masculino, jovens, quase sempre negros e moradores de cidades ou bairros economicamente desfavorecidos. Alguns dos indivíduos que se encaixam nesses estereótipos são reconhecidos pelo que se denomina “kit peba”: roupas e adereços como gorro, bermudão, camisa de grupos de Rap e tênis de marcas como Nike e Adidas” (NASCIMENTO, 2003, p. 80, *apud* SUASSUNA, 2008).

¹⁸ O autor destaca que, invariavelmente, os jovens são tratados pela polícia na forma masculina: “menino(s)”, “garoto(s)”, “rapaz(es)”, “moleque(s)”, “vagabundo(s)”.

2016, p. 52). A descrição apontada por Barbosa (2016) vai ao encontro das palavras de Silva, G. que “enquadra” as características de uma pessoa “suspeita” ou a distancia do crime (“não suspeito”) conforme o padrão abaixo:

a tipologia do indivíduo suspeito descrita pelos policiais militares é constituída por percepções de gênero, étnicas/raciais, geracionais e sócio-culturais. Descrever a lógica que orienta tal construção necessita de uma reflexão histórica, econômica, política e cultural. [...]. O tipo ideal do indivíduo suspeito, o **peba**, é a figura de um homem, pobre, jovem, com tatuagem/brincos e negro que traja roupas folgadas (bermudão e camisa com número nas costas e, geralmente do grupo musical RACIONAIS MC’s) com boné. (SILVA, G., 2009, p. 97-98, grifo do autor).

O autor ressalta que essa “discriminação negativa” ou “positiva” é ancorada em “técnicas policiais militares construídas no cotidiano do policial ou orientadas pela doutrina policial.” (SILVA, G., 2009, p. 98). Vulgarmente, a característica da roupa apresentada acima é conhecida, no DF, por “kit peba” e o controle dessa vestimenta faz parte do olhar “calejado” do policial.

“Peba”, na linguagem nativa, refere-se a alguém inconveniente, indesejado, pessoa desagradável. Ao se referirem ao “kit peba”, os policiais buscam demarcar o acervo de elementos que caracterizam determinados indivíduos: suas roupas, modo de andar, adereços, locais por que circulam e horários em que podem ser encontrados. As roupas, descrevem os policiais, “são largas, aparecem as cuecas”, são acompanhadas de “**boné que esconde os olhos e a intenção da pessoa**”; possuem um “**jeito desleixado de andar**”, “roupas com estampa, geralmente de marca, não sendo necessariamente originais.” (SINHORETTO *et al.*, 2014, p. 135, grifos nossos)

Misse (2007, 2010, 2014) denomina esse fenômeno “sujeição criminal”, pelo qual

se dissemina uma expectativa negativa sobre indivíduos e grupos, fazendo-os crer que essa expectativa não só é verdadeira como constitui parte integrante de sua subjetividade. O conteúdo de sentido dessa expectativa não é apenas um atributo desacreditador, como no estigma, nem decorre apenas de um processo de rotulação de um comportamento desviante de primeiro grau [...] antes parece ser determinante desses ou, ao menos, enlaçado a esses. [...] a discriminação que fundamenta a diferença do sujeito criminal em relação aos demais sujeitos sociais não decorre de estereótipos arbitrários ou preconceitos que lhe sejam anteriores, mas, pelo contrário, é a sua explicação estabilizada em **crença compartilhada**. Essa crença compartilhada, profunda, sustenta que, em certos casos, **o crime habita o indivíduo transgressor e o seu tipo social** mais geral. (MISSE, 2014, p. 204, grifos nossos).

Para o autor, a sujeição criminal é “um processo de criminalização de sujeitos”, uma vez que o sujeito passa a “**carregar o crime em sua própria alma**”; ainda que não cometa nenhuma transgressão, mas que poderá vir a cometer por se enquadrar a um rótulo. (MISSE, 2010, p. 21, grifo nosso). Ceilândia, desde sua criação, traz enraizado o estigma de ser uma invasão, uma favela. Brito (2013, p. 87) revela que uma favela é sempre vista como “o *locus* do mal” e, conseqüentemente, o “favelado é identificado como um inimigo potencial, iminente ou mesmo posto.” No estudo publicado por Costa, M. (1989) sobre a violência urbana e a representação que os pobres fazem de si e dos “outros”, a autora analisa cartas enviadas a Gil Gomes por ouvintes do seu programa radiofônico e mostra um paralelo que se estabelece entre criminalidade e pobreza apontado pelos remetentes: “uma associação que é utilizada, em grande medida, pelos que ‘estão do outro lado’, de fora, para sempre colocar ‘os pobres’ no limiar da marginalidade. (COSTA, 1989, p. 118). No Distrito Federal, uma pesquisa realizada por Abramovay *et al.* (2004) retrata a dura realidade de jovens que vivem na periferia.

[...] emerge nos grupos focais a percepção de que viver na periferia reduza as oportunidades de emprego, porque cria estigmas, já que as referidas cidades e os assentamentos são vistos – segundo os entrevistados – tanto pela mídia como pelos grupos de jovens que vivem no Plano Piloto, como lugares violentos, antros de marginais e de desocupados, de criminosos. (ABRAMOVAY *et al.* 2004, p. 39).

[...] O fato de serem jovens, somado à classe social, faz com que pareçam suspeitos, culpados de algo que ninguém pode explicar claramente. Dizem-se vigiados, mal atendidos nos estabelecimentos comerciais, principalmente nas lojas de grife, as mais caras, onde seu aspecto denuncia a falta de poder aquisitivo [...] (ABRAMOVAY *et al.* 2004, p. 42).

Observamos que tanto a pesquisa de Brito e Oliveira (2013) realizada no Rio de Janeiro quanto o trabalho de Costa (1989) com populares de São Paulo corroboram a pesquisa de Abramovay *et al.* (2014) e somam-se à realidade de Ceilândia, descrita por Barbosa (2016, p. 112, grifo nosso), onde o autor pôde verificar nas entrevistas com policiais, professores e conselheiros tutelares locais que, além de uma segregação socioespacial, há uma “segregação simbólica, ancorada em representações sociais sobre esse lugar e seus **marginais habitantes**.” Andrade, C. (2007, p. 59) apresenta depoimentos de jovens moradores que ratificam essa representação: “O rico pensa que pobre é tudo malandro”; ser jovem de Ceilândia “é ser o escória” da sociedade; “é ser alvo constante de revistas policiais.” Barbosa (2016, p. 110-111) revela que muitos dos policiais que participaram de sua pesquisa são/foram residentes da Ceilândia e que, enquanto moradores, representam a cidade como “um dos melhores lugar para

comer e se divertir”; porém, no exercício da profissão, o mesmo referente muda e Ceilândia torna-se “um lugar perigoso, no qual não se pode ‘dar mole’.” Em sua pesquisa, o autor pôde perceber que também há professores que não acreditam na capacidade dos jovens: “**esses meninos aqui desse fim de mundo, não vão dar em nada mesmo.**” (BARBOSA, 2106, p. 53, grifo nosso). Essa discriminação, segundo Abromavay *et al.* (2004, p. 41), não aparece somente em relação ao Plano Piloto,

mas também entre as cidades de periferia e no interior delas. Algumas cidades e quadras são consideradas mais pobres, mais violentas e mais perigosas. Dentro de Samambaia, Ceilândia e Planaltina, há uma estratificação de áreas, algumas mais estigmatizadas do que outras: “Você mora onde? Em... Vigé! Só tem malandro lá.”

Algumas considerações

Embora este capítulo trace somente um rascunho do contexto da pesquisa, destaca-se a linguagem do jornal da época, utilizado aqui para recontar a história de Ceilândia. Observa-se a severidade com que são tratados os moradores da Vila do IAPI: “**favelados**”, “**invasores**”. Era necessário **extinguir uma chaga**, estabelecer uma grande batalha para **liquidar** este **aglomerado anti-humano**” (CB, 14 jul. 1970). Os operários/candangos que vieram para construir a cidade passam a ser chamados de “invasores”, no intuito de deslegitimar e desqualificar os moradores dali e assim ganhar apoio de toda a população de Brasília para a remoção daquelas famílias. Muitos moradores se sentiram “coagidos” e desejavam sair da ilegalidade para a legalidade.

Observa-se que na “terra prometida” eles são ressignificados e passam a ser chamados “habitantes de Ceilândia”. A Campanha de Erradicação de Invasões lançou mão de um paradoxo: ao tempo que hostiliza as “invasões” e o espaço das Vilas, engrandece o novo local para onde será transferida a comunidade: “a terra maravilhosa”, céu mais azul, “a terra da esperança”. Havia a promessa de água encanada, luz elétrica e esgoto, que foi transformada em longos anos de espera por tais benefícios. Os moradores se calaram, afinal, eles tinham um lote próprio para morar, não poderiam reclamar de mais nada. Trocou-se a vila, apenas pela esperança de permanecer no centro da Capital e a luta por dias melhores.

Houve, de fato, um *apartheid* social na Capital Federal. Ao se traçar a Estrada Parque Contorno, delimitou-se o espaço de proximidade do Centro; e com o discurso de proteção ambiental, foi “preciso” afastar o excesso de população para adequar-se ao plano territorial urbano de Brasília em prol do bem de todos. Lucio Costa já previa a construção de núcleos

periféricos para abrigar essa população, e isso implica que já existia um plano de agrupamento da comunidade pobre em outras regiões. Não obstante, nos dias de hoje, nos mesmos locais que antes eram “protegidos” e por isso precisavam ser desocupados, moram diversas famílias de classe média e alta. Essa incoerência leva-nos a acreditar na verdadeira periferização da cidade.

As cidades periféricas eram chamadas de cidades-satélites. Resulta que satélite não tem luz própria. Hoje, para mitigar as cidades em torno do Plano Piloto (DF), recebem o nome de Região Administrativa. Mas são justamente os núcleos que circundam o Plano Piloto que passam a iluminar a vida da Capital desde a mão de obra à dimensão **histórico-cultural** de sua formação. Por fim, devo ressaltar também a segregação simbólica dos adolescentes moradores da região que são tidos suspeitos conforme um “padrão” construído no cotidiano do policial que engloba suas vestes e/ou seu comportamento (sujeição criminal). No capítulo analítico dedicado ao discurso midiático, resgataremos parte dessa contextualização para entender o contexto de cultura e o contexto de situação.

CADERNO 2 – PILARES ESTRUTURAIS



Foto: Arquivo Público do Distrito Federal (1972)

CAPÍTULO 2 – PILARES ESTRUTURAIS

Este capítulo destaca a relação dialética entre linguagem e sociedade, noção que vai sustentar os primeiros passos da Análise de Discurso Crítica, um dos pilares teóricos da análise de questões discursivas dispostas nos capítulos analíticos. Definir um campo teórico para uma pesquisa linguístico-discursiva demanda pelo menos dois dilemas. Primeiro, os problemas trazidos à tona para investigação levam-nos a refletir sempre sobre o respectivo lúmen teórico que ofereça maiores possibilidades de aclarar os desafios postos para debate no continuum dinâmico e ininterrupto das inter-relações linguísticas. Segundo, para delimitar algum objeto de estudo, partimos, desde o âmbito acadêmico-científico, de um referencial teórico sobre o qual já amealhamos conhecimentos.

Para alcançar o objetivo traçado na primeira fase da pesquisa, buscou-se trabalhar com textos configurados no discurso midiático à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC) desenvolvida por Fairclough (2001, 2003), entrelaçados e respaldados pela Linguística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday (1994). A propósito, Silva (2009) sugere estreitar cada vez mais o diálogo teórico-metodológico da ADC e da LSF, o que permite examinar a linguagem, desde a sua interioridade (nível da gramática) até o discurso (instância que faz da língua um contrato social), como recurso semiótico (nível semântico) para a expressão de significados no contexto social. A ADC e a LSF se complementam. Enquanto esta, em uma análise interna da linguagem, está voltada para um estudo estrutural das diferentes instâncias estruturais em diversos contextos; aquela sugere uma abordagem transdisciplinar, externa; uma análise macro do discurso, ou seja, língua como prática social. Também foram inseridos, como complementação à interpretação analítica dos dados, a base teórico-metodológica do Realismo Crítico (BARROS, 2015; BHASKAR, [1975] 1978, 2002; PAPA, 2008; RESENDE, 2009). Na segunda fase da pesquisa, além da ADC e da LSF, recorri aos aspectos avaliativos detalhados por Martin e White (2005) e White (2004).

Na primeira seção (2.1), apresento os fundamentos do que denominei “A Linguagem transformacional”. Essa seção destina-se a uma apresentação conceitual do Realismo Crítico (RC) de Bhaskar ([1975] 1978), 1998), bem como uma descrição das três fases do Realismo. A proposta do RC vai ao encontro dos meus inquietantes questionamentos sobre a ação do pesquisador crítico de desvelar as relações de poder existentes no discurso e sobrepujar a pesquisa no intuito de buscar soluções para a superação de práticas opressivas.

Na seção seguinte (2.2), explano sobre “A Exterioridade da Linguagem” (o discurso) sob a Análise de Discurso Crítica (ADC) - ramificação da Linguística e proponente de uma

análise linguisticamente orientada e que insere este trabalho na linha de pesquisa Linguagem e Sociedade. Para tanto, há a proposição de uma discussão teórica com base nos significados acionais representacionais e identificacionais, propostos por Fairclough (2003). Cabe ressaltar que a abordagem de Fairclough, além de teórica, é de cunho metodológico, transdisciplinar e voltada para a pesquisa social. A teoria e os métodos estão conjugados, o que justifica o interesse precípua de analisar o discurso como prática social.

Na terceira seção (2.3), apresento alguns pressupostos teóricos da interioridade da linguagem (a gramática) sob a visão da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), no que se refere às metafunções ideacional, interpessoal e textual. Para tanto, abordo as noções de contexto (subseção 2.3.1), como também a característica de cada metafunção: ideacional (subseção 2.3.2), interpessoal (subseção 2.3.3) e textual (seção 2.3.4) desenvolvidas, por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004). A articulação proposta com a LSF se coaduna com a necessidade de a ADC utilizar uma teoria gramatical que relacione cada uso de linguagem aos seus contextos de cultura e de situação e será a chave para a (re)construção da representação da cidade. Na seção (2.4), traço algumas considerações da ADC e RC como metodologias. Alguns comentários preliminares apontam o desfecho do capítulo.

2.1 A linguagem transformacional: o Realismo Crítico (RC)

Nosso arcabouço teórico inicia-se pelos estudos do Realismo Crítico (RC) desenvolvido por Roy Bhaskar¹⁹ em colaboração com vários outros teóricos sociais britânicos. O RC é um movimento internacional que surgiu na Inglaterra com a publicação da obra de Bhaskar “A realist theory of Science”²⁰ ([1975] 1978) e tem servido de base para a reflexão teórica e metodológica das ciências sociais, o que tem atraído muitos adeptos em diversas áreas, desde a filosofia, até a economia e o direito, por exemplo. (HAMLIN, 2000; VANDENBERGHE, 2010).

O realismo crítico resgata e dá ênfase à questão ontológica da “forma como pensamos que o mundo é” e considera que isso influencie nosso conhecimento epistemológico em relação a como de fato as coisas são, como podem ser investigadas, os tipos de teorias e as posições políticas que pretendemos adotar. (BARROS; VIEIRA; RESENDE, 2016; FLEETWOOD,

¹⁹ Ram Roy Bhaskar (1944-2014). Inglês, filósofo das ciências sociais e da ciência em geral, é a principal figura do “realismo crítico”. (FAIRCLOUGH, 2003).

²⁰ Em português: “Uma teoria realista da ciência”.

2005). Para Bhaskar (1998c), a ontologia (teoria do ser) não pode ser reduzida à epistemologia (teoria do conhecimento), uma vez que o real é mais denso e deve ser “**especulado além do superficial**, levando o sujeito a uma compreensão mais profunda” uma vez que a realidade não deixa de existir sem nossas descrições. (GORSKI, 2013; LOPES, V., 2019, p. 44, grifo nosso; PRADO *et al.*, 2019; VANDENBERGHE, 2010).

Nesse sentido, Barros (2015, p. 27, grifo da autora) ratifica que a transformação da realidade se faz a partir do conhecimento: “é preciso penetrar nas raízes dos problemas sociais [...] visualizando, assim, uma **crítica explanatória** que possa gerar argumentos críticos a favor da transformação social.” A autora salienta que, no realismo crítico, os fenômenos sociais não podem ser medidos, mas compreendidos; e isso exige do pesquisador uma visão interpretativa e “parcialmente naturalista”, uma vez que se busca “compreender as conexões entre os fenômenos, e não as regularidades entre eles.” (BARROS, 2015, p. 23-24). O RC destaca a importância da distinção entre questões de dimensões ontológicas (ou intransitivas) das epistêmicas (ou transitivas) da realidade e a importância da objetividade para um projeto crítico.

A dimensão intransitiva refere-se a entidades no mundo que são reais e existem independentemente do que pensamos (externalismo), enquanto a dimensão transitiva refere-se a coisas também reais, mas cuja existência depende daquilo que pensamos (internalismos). [...] Graças a este duplo foco, o realismo crítico consegue combinar e reconciliar o realismo ontológico, o relativismo epistemológico e racionalidade de julgamento. Ele é, assim, singularmente compatível com uma sociologia da ciência e da tecnologia, ao mesmo tempo que evita os excessos do (des)construcionismo radical. (VANDENBERGHE, 2010, p. 19-20).

Enquanto sistema aberto, de acordo com Silva (2015; 2019b), o Realismo Crítico configura uma proposição teórica que avança a realidade física estabelecida pelas experiências dos três domínios ontológicos estratificados – o potencial (“*real*”), o realizado (“*actual*”) e o empírico (“*empirical*”)²¹ (BHASKAR, 1998a, p. 41) –, bem como dos distintos estratos – físico, biológico, social, semiótico –, sendo que cada esfera carrega sua composição particularizada e

²¹ Bhaskar ([1979] 1998, p. 16, grifos nosso) utiliza os termos “*real*”, “*actual*” e “*empirical*” para identificar os estratos ontológicos da realidade: “[...] by secreting an ontology based on the category of experience, three domains of reality (the domains of the **real**, the **actual** and the **empirical**)”. Quanto ao domínio “*real*”, optei pela nomenclatura “**potencial**”, por entender que esse termo amplia/potencializa o alcance do conceito, que não se restringe apenas ao real (considerar o termo “*real*” sugere excluir o “*irreal*”). Esse é o entendimento também de Fairclough, Jessop e Sayer (2002) e Fairclough (2003). Quanto ao termo “*actual*”, alguns autores optaram por manter a palavra no original (SILVA, 2019b); entretanto, outros preferiram traduzi-lo por *factual* (HAMLIN, 2000), realizável (PAPA, 2008; SILVA, 2019b), realizado (BARROS, 2015; RESENDE, 2009). No caso da expressão “*actual*”, preferi utilizar o termo em português “**realizado**” por entender que esse domínio implica ocorrer/ocorrido ainda que não seja percebido. Devo ressaltar que mantive, nas citações, os termos escolhidos pelos autores em suas obras.

seus mecanismos gerativos, assentados no domínio potencial e/ou no realizado. Uma vez que somos seres corpóreos, precisamos reconhecer que os estratos físicos, biológico etc., exercem influência sobre a sociedade, e vice-versa. Quando ativados, esses estratos podem sofrer estimulação conjunta, o que produzirá, por sua vez, consequências imprevisíveis nos três domínios citados, preponderando sobre o campo social. Nas subseções a seguir, discorro sobre cada um dos domínios propostos por Bhaskar.

2.1.1 O domínio potencial (d_p)

O domínio potencial refere-se a tudo que existe na natureza, às suas estruturas e poderes, quer seja da ordem de objetos (mineral, concreto etc.); quer seja de ordem social (ideias, relações sociais, burocracias, poderes etc.).

Primeiro, o real é o que quer que exista, seja natural ou social, **independentemente de ser um objeto empírico** para nós e de termos uma compreensão adequada de sua natureza. Em segundo lugar, o real é o reino dos objetos, suas estruturas e poderes. Sejam físicos, como minerais, ou sociais, como burocracias, eles têm uma certa estrutura e poderes causais, isto é, **capacidade de se comportarem de formas particulares**, e tendências causais ou poderes passivos, isto é, **susceptibilidades a certas formas de mudança**. (SAYER, 2000, p. 9, grifos nossos).

Realistas buscam, portanto, identificar tanto necessidade quanto possibilidade ou potencial no mundo - que coisas devem ir juntas e o que pode ocorrer, dada a natureza dos fenômenos. Hamlin (2000) destaca que a ausência de um evento não significa necessariamente que não existam tendências subjacentes que estejam operando, mas pode significar que elas estejam sendo contrariadas por outras forças (tendências contravenientes) e, por esta razão, não se manifestem.

2.1.2 O domínio realizado (d_r)

O domínio realizado refere-se “ao que acontece se e quando estes poderes [do domínio real] são ativados” (SAYER, 2000, p. 10). Nas palavras de Barros,

O domínio do **Realizado** consiste de eventos ou atividades que são realizados e, portanto, geram efeitos de poder, podendo ser observáveis ou não. [...] Se tomamos como exemplo um trabalhador, sua força ou capacidade física de desempenhar determinado tipo de trabalho se concentra no nível do **Real**, ao

passo que o exercício desse poder e seus efeitos pertencem ao domínio do **Realizado**. (BARROS, 2015, p. 33, grifos da autora).

O domínio do realizado corresponde não apenas a experiências, mas também a eventos, que podem ou não ser cognitivamente percebidos pelos seres humanos, ou seja, que podem ocorrer independente de os experienciarmos ou não, quer seja por não existir ninguém para observá-los, quer seja por não serem percebidos pelos instrumentos de observação disponíveis, quer seja por outros motivos.

A existência de um domínio factual implica, portanto, que o que ocorre na realidade **não é necessariamente percebido da forma como ocorre** e, contrariamente ao que acreditam os empiristas (às vezes chamados de realistas empíricos), "ser" não é "ser percebido": algo pode existir sem que seja diretamente percebido, apenas inferido a partir dos efeitos que gera. (HAMLIN, 2000, n.p.).

2.1.3 O domínio empírico (d_e)

O empírico está relacionado ao campo das experiências e, por isso mesmo, também é conhecido como o “domínio da experiência”. Segundo Sayer (2000, p. 10), na medida em que a referência a ele é bem-sucedida, pode ocorrer com relação ao potencial ou ao realizado, embora nem sempre tenhamos consciência desse real ou actual. Em outras palavras, Hamlin (2000, n.p.) salienta que “o domínio empírico pode ser acessado por experiências a partir da observação direta”, porém algumas coisas podem não ser observáveis.

Uma implicação crucial desta ontologia é o reconhecimento da possibilidade de que os poderes podem existir mesmo quando não exercidos, e, assim, que aquilo que aconteceu ou aquilo que se sabe ter acontecido, não exaure o que poderia ter acontecido ou tudo o que aconteceu. (SAYER, 2000, p. 11).

Em síntese, Bhaskar (1998a, p. 41) considera que os eventos devem ocorrer independentemente das experiências em que são apreendidos. Estruturas e mecanismos são reais e distintos dos padrões de eventos que eles geram; assim como os eventos são reais e distintos das experiências em que são apreendidos. Mecanismos, eventos e experiências, portanto, constituem três domínios sobrepostos da realidade, os domínios do potencial, do realizado e do empírico. Bhaskar representa essa estratificação da realidade no seguinte quadro.

Quadro 1 - Os domínios da realidade

	Domínio do potencial	Domínio do realizado	Domínio do empírico
Mecanismos	✓		
Eventos	✓	✓	
Experiências	✓	✓	✓

Fonte: adaptado de Bhaskar (1998a, p. 41).

Observe que, no cerne da “ontologia estratificada” proposta por Bhaskar (1998a), o domínio potencial (d_p) engloba o domínio realizado (d_r) que abarca o domínio empírico (d_e). ($d_p \geq d_r \geq d_e$). Podemos depreender dessa relação que o “domínio potencial é maior que o domínio realizado, no sentido de que nem todos os poderes causais de um objeto são ativados em eventos, dadas as contingências contextuais” (RESENDE, 2009, p. 70).

Para o realismo empírico, os domínios acima são equiparados: $d_p = d_r = d_e$,

- a) para $d_r = d_e$, os eventos são conhecidos sob descrições epistemicamente significativas que dependem da percepção qualificada (e, portanto, de um observador habilidoso). Nesse caso, a falha reside no reducionismo do analista que considera que “tudo aquilo que podemos observar é tudo o que existe” (SAYER, 2000, p. 11).
- b) para $d_p = d_r$, foi obtido um fechamento antecedente, que depende de experimentação hábil. Nesse caso, ao comparar o domínio potencial ao domínio realizado, nega-se a existência de estruturas e se “assume que o que ocorre, de fato, no nível dos eventos exaure o mundo, eliminando o domínio do real, dos poderes que podem ou ser ativados, ou permanecer dormentes.” (SAYER, 2000, p. 11).

Destaca Resende (2009, p. 71) que, em termos epistemológicos, a estratificação da realidade, proposta por Bhaskar (1986), aponta causas não observáveis (no domínio potencial) para efeitos em eventos (no domínio realizado) observados empiricamente (domínio empírico).

O RC encontra-se sustentado numa proposta filosófica emancipatória de Bhaskar (1998c, p. 410) que sugere:

- i. conhecer os interesses reais;
- ii. possuir a) a habilidade e os recursos, isto é, geralmente o poder; b) a oportunidade de agir sobre eles;
- iii. estar disposto a fazer isso.²²

²² Tradução livre de: (1) to know one's real interests; (2) to possess both (a) the ability and the resources, i.e. generically the power, and (b) the opportunity to act in (or towards) them; and (3) to be disposed to do so.

De acordo com Bhaskar (1998), a emancipação significa libertação, podendo, portanto, ser efetuada na prática. Portanto, se a emancipação significa libertação, a autoemancipação pressupõe, então, a transformação do próprio indivíduo. (BARROS, 2015, p. 22). A emancipação requer comprometimento e trabalho, a fim de poder mudar as estruturas sociais. (PAPA, 2008, p. 23).

Na esfera dos domínios potencial, realizado e empírico propostos por Bhaskar, corroboro a perspectiva de Silva (2019b), para quem os processos existenciais, verbais e comportamentais,²³ até então considerados secundários, têm importância dentro do RC e se aproximam da “filosofia” emancipatória bhaskiana. E o que mais cabe ressaltar, sempre de acordo com Silva, são tão relevantes, quanto os considerados primários na perspectiva hallidayana.

Figura 17 - Associação dos três processos aos domínios do SER



Fonte: baseada em Silva (2019b, p. 76).

Ancorada no pensamento de Bhaskar (2002), que afirma sermos seres estratificados e capazes de refletir, monitorar e mudar nosso modo de agir no mundo, Silva (2019b) representa, metaforicamente, os processos verbais, existenciais e comportamentais como células gigantes e complexas que compõem essa estrutura interna do SER. Tais processos são considerados secundários por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) devido à pouca frequência com que aparecem nos textos (orais e escritos).

Entretanto, Silva (2019b), ancorada na proposta emancipatória sugerida por Bhaskar (1998), reconhece a relevância desses três tipos de processos, os quais não se limitam à estrutura

²³ Os processos verbais fazem parte do estudo de Halliday, o que será apresentado na seção (2.3.2)

interna do sistema linguístico, uma vez que avançam mais além em termos de uma relação exterior (linguístico-discursiva), concernente ao mundo que nos rodeia enquanto seres humanos. Destarte, a transitividade da linguagem não se resume a processos (grupo verbais). Em torno desses, crescem os participantes (grupos nominais) e as circunstâncias (grupos adverbiais ou grupos preposicionados). Em conjunto, eles revelam a organização semântico-discursiva do texto.

2.1.1 *Dimensões transitiva e intransitiva do conhecimento*

Nesta seção, precisamos estabelecer uma distinção entre as dimensões transitiva e intransitiva do conhecimento. Para Bhaskar ([1979] 1998), os objetos da ciência, aquilo que estudamos no mundo social e que existem anteriormente à pesquisa e cuja realidade não depende de nossos conhecimentos, estão em sua dimensão intransitiva; enquanto as teorias e os discursos sobre o mundo social e a construção do conhecimento formam sua dimensão transitiva.

Quadro 2 - Dimensão intransitiva e dimensão transitiva

	DIMENSÃO INTRANSITIVA (ontológica)		DIMENSÃO TRANSITIVA (epistemológica)
	Objetos da ciência (aquilo que estudamos no mundo)		Teorias científicas (discursos científicos sobre o mundo)
OBJETIVO	DOMÍNIO POTENCIAL <ul style="list-style-type: none"> ✓ Cidade de Ceilândia ✓ Os discursos: <ul style="list-style-type: none"> ○ “As belezas da violenta Ceilândia ou Os brutos também amam”. (mídia) ○ A cidade é boa de morar. 	SUBJETIVO	DOMÍNIO EMPÍRICO <ul style="list-style-type: none"> ✓ Buscar uma articulação entre língua, educação e sociedade, por meio de um trabalho voltado, sobretudo, para os jovens de periferia, de modo a contribuir para o fortalecimento de suas identidades sociais que neutralize, sobretudo, a discriminação e garanta passos futuros rumo a uma evolução civilizatória nas práticas discursivas e que envolva também as práticas do existir, bem como de se comportar, tanto nos contextos de situação quanto em contextos de cultura..
	DOMÍNIO REALIZADO <ul style="list-style-type: none"> ✓ Questão: é possível apontar na mídia uma identidade de reforço negativo em torno da cidade de Ceilândia que circula na sociedade e que cria um contexto cultural sob sua população? 		

Fonte: elaborado pela autora.

2.2 Na exterioridade da linguagem: a Análise de Discurso Crítica (ADC)

Na sequência desta apresentação teórica, volto-me agora para a exterioridade da linguagem ancorada nos estudos da *Critical Discourse Analysis* (CDA) apresentada por Norman Fairclough (1992, 2001a, 2003, 2010)²⁴. A proposta foi adotada no Brasil, mais especificamente em Brasília, em meados de 1993 pelo trabalho pioneiro da professora/pesquisadora Izabel Magalhães e assumiu a nomenclatura de Análise de Discurso Crítica (ADC),²⁵ como nos recorda Silva (2012; 2019a). Segundo Magalhães (2005), Fairclough usou a expressão “análise de discurso crítica”, pela primeira vez, em um artigo no *Journal of Pragmatics*. (FAIRCLOUGH, 1985). A autora destaca que a principal contribuição de Fairclough foi ter desenvolvido um método para o estudo do discurso que enalteceu o trabalho dos linguistas para outras áreas das ciências sociais e para estudiosos da mídia. (MAGALHÃES, 2005, p. 3). Pardo Abril (2007, p. 13-14) enfatiza que

A ADC é uma postura teórica e metodológica que surgiu na década de oitenta e tem produzido mudanças fundamentais na concepção sobre o que implica para o analista do discurso, seja linguista ou não, analisar e compreender os problemas socioculturais dos discursos próprios dos grupos e das comunidades, com vistas a decifrar e resistir ao exercício do poder, particularmente, quando este é exercido para estabelecer formas de desigualdade, discriminação e de exclusão social.

Antes de prosseguir neste embasamento teórico, precisamos registrar o conceito de discurso que permeia todo estudo crítico da ADC. Fairclough (1989; 1992), desde o início de sua teoria, preocupou-se em definir o termo “discurso” e distingui-lo de outras definições empregadas até então por linguistas, como Fernand Saussure e sua teoria da *langue e parole*.

Ao usar o termo “discurso”, **proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social** e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, **uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros**, como também um modo de representação. [...] Segundo, **implica uma relação dialética** entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como efeito da primeira. [...] **O discurso é uma prática**, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e

²⁴ Norman Fairclough (1941) é um linguista britânico, professor emérito na Universidade de Lancaster e um dos fundadores da *Critical Discourse Analysis* aplicada à Sociolinguística.

²⁵ Devo ressaltar que existe também a expressão “Análise Crítica do Discurso”; porém, o Grupo de Brasília optou pela nomenclatura “Análise de Discurso Crítica” (ADC) com vistas a fortalecer nacional e internacionalmente os estudos na área da análise de discurso, como explica Magalhães (2005).

construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 90-91, grifos nossos).

A ADC estuda as interações sociais a partir da análise de textos. Fairclough (1989; 1992) considera o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade individual. Essa ideia faz repensar a linguagem como discurso, isto é, uma prática ativa que altera o mundo, altera o pensamento, bem como a conduta dos indivíduos no mundo, o que pode vir a manipular a estrutura social (CAMPÊLO, 2014). Segundo Fairclough (2008, p. 91), “o discurso contribui para construção de identidades sociais, para a construção de relações sociais entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças.” Esses efeitos construtivos correspondem a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que o autor denomina de linguagem identitária, relacional e ideacional. Como explicita Jäger (2001, p. 36), a análise do discurso não é (apenas) sobre interpretações de algo que já existe, ou (apenas) sobre a análise da alocação de um significado, mas sobre a análise da produção da realidade que pessoas ativas (poderosas) fazem dela.

Por outro lado, segundo Fairclough (1985, p. 747), o uso do termo “crítico” está vinculado a uma teoria e um método de como apreender as coisas. Consiste, essencialmente, em como “tornar visível” a natureza interligada das coisas, as “interconexões e as redes de causa e efeito que podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão.” (FAIRCLOUGH, 1985, p. 747). Isso resulta em dois aspectos principais da relação poder/linguagem abordados por Fairclough (1989): o “poder no discurso” e “o poder por trás do discurso”.

Em seus estudos voltados para a ADC, Wodak (2001) sugere que, ao revelar as ideologias por trás dos discursos, é possível perceber a intenção que elas possuem e, portanto, torná-las visíveis. Comumente, o discurso dos agentes que se encontram no poder (no caso desta tese, dos agentes midiáticos) é objeto de análise na ACD, pois é esse discurso que, geralmente, é responsável pela manutenção ou pela criação das desigualdades, e é esse mesmo discurso que possui os meios para mudar, de fato, a situação a partir de práticas discursivas. Wodak (2004, p. 225) afirma, ainda, que a ACD “almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)”.

Diante das abordagens apontadas até aqui, depreende-se que o analista do discurso, a partir do próprio fazer científico, coloca-se em uma postura politicamente explícita junto ao social e ante as relações de poder. O analista tem por intenção esclarecer os falantes da importância das práticas discursivas e expandir sua consciência crítica para seus próprios

discursos e os discursos dos outros (MARTÍN ROJO, 2005). Ao tratar do discurso como prática social, Fairclough (2001a) destaca dois aspectos que contribuem para compreender o discurso em um processo de reprodução e transformação: a ideologia e a hegemonia, conceitos que serão tratados, a seguir, ainda que de maneira breve.

2.2.1 Ideologia

A ideologia é apontada por Fairclough (2003), nos estudos da ADC, como uma modalidade de poder que contribui para a produção, a manutenção ou a transformação das relações sociais de poder, de dominação e/ou de exploração presentes na linguagem verbal, não verbal e/ou oral. Tal visão reverbera uma visão “crítica” de dominação e poder da ideologia em vários níveis e de várias formas que contrasta com uma visão de uma ideologia marcada por posicionamento, crenças, atitudes entre outros fatores. Quando embutidas nas práticas discursivas e naturalizadas, as ideologias atingem o “senso comum” e, em consequência, restringem e interpelam os sujeitos na luta de classe, por exemplo. Em um campo de normatização das práticas discursivas, torna-se mais difícil transformar a relação de poder, uma vez que as pessoas não encontram investimentos ideológicos em suas práticas.

Destaca Fairclough (2001b, p. 120) que, mesmo que a prática discursiva passe a ser de resistência, ainda falta consciência dos detalhes ideológicos que se imbricam no discurso. Por isso, o autor defende uma “modalidade de educação linguística que enfatize a consciência crítica dos processos ideológicos no discurso”. O autor ressalta que “nem todo discurso é irremediavelmente ideológico.” (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 121). Essa relação ideológica é estabelecida em contextos em que o indivíduo está sob controle e dominação, por exemplo em ambientes sociais de pobreza, para opressão de classe, raça, gênero e outros.

No texto *Opinions and Ideologies in the Press*, Van Dijk (1998a, p. 23) afirma que "Ideologia é uma das noções mais evasivas das ciências sociais". Se por um lado, as ideologias representam crenças, por outro, as ideologias presentes nos jornais usualmente não são pessoais, mas sociais, institucionais ou políticas. Tais manifestações ideológicas nem sempre são fáceis de ser percebidas, pois aparecem de forma sutil e bem fundamentada, uma vez que visam exercer poder sobre alguém. Os estudos da linguagem, como a ADC, são capazes de identificar em detalhes tais ideologias sociais que “monitoram” práticas cotidianas de dominação, bem como observar como as ideologias são formadas e mudadas através de interações diárias, no discurso dos membros e nas relações de grupo e/ou de instituições. (VAN DIJK, 1998a).

As ideologias não são meramente conjuntos de crenças, mas crenças de grupos compartilhadas socialmente. Essas crenças são adquiridas, usadas e alteradas em situações sociais e com base nos interesses sociais dos grupos e nas relações sociais entre grupos em estruturas sociais complexas. (VAN DIJK, 1998b, p. 135).²⁶

O autor propõe que as ideologias reflitam os critérios básicos que constituem a identidade social e definem os interesses de um grupo. Tais critérios têm a ver com valores e um senso de associação. Entende-se que, participando de vários grupos, os indivíduos podem ter várias ideologias. Para se compreender quais são as ideologias e como se relacionam com o discurso, Van Dijk (2000, p. 51) sugere iniciar com algumas questões: “Por que as pessoas precisam de ideologias? O que as pessoas fazem com ideologias?” A resposta a esses questionamentos é a base da ADC proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (1992, 2003), que visa revelar nos discursos a ideologia presente, geralmente, de forma implícita e que contribui para a produção, a reprodução, a legitimação e a transformação das relações de dominação.

Sugere van Dijk (2000) que a legitimação de uma ideologia envolve uma “falsa consciência” do grupo dominado, como se agisse instintivamente diante de relação de poder, como nos fragmentos: “*porque há um “slogan” tão bom quanto A Cidade É Uma Só que é aquele eterno e conhecido – “O que a mulher quer Deus Quer”, não é verdade, minhas prezadas amigas?*” (CB, 20 ago. 1970, ver Anexo I), ou “*A operação mudança durou um mês, ao fim do qual aquelas 10 mil pessoas já não eram faveladas, mas habitantes*” (CB, 14 jul. 1970, ver Anexo I). Nos dois trechos, observamos o uso de recursos que envolvem o inconsciente ao trazer um adágio popular com a fé “O que a mulher quer, Deus quer”; e no segundo, mexe com a ética de sair de uma suposta situação de “criminoso, irregular, fora da lei, favelado” para se “tornar gente – habitante”. A suposição tácita é que os grupos dominados não sabem o que é bom para eles: como resultado de propaganda e manipulação, eles têm uma representação de sua própria posição que é inconsistente com seus melhores interesses, um estado de espírito tradicionalmente referido.

No Capítulo Dossiê Ceilândia, observamos como os elementos da Campanha de Erradicação de Invasões foram organizados para “fazer crer” que o governo queria assentar os “invasores” com dignidade em um terreno abençoado por Deus. As imagens da campanha aludem a duas pessoas de mãos dadas sustentando um teto que remete ao conforto e à segurança

²⁶ Tradução livre de: Ideologies are not merely sets of beliefs, but socially shared beliefs of groups. These beliefs are acquired, used and changed in social situations, and on the basis of the social interests of groups and social relations between groups in complex social structures.

de um lar; o *jingle* “A cidade é uma só”, cantado por estudantes moradores da Vila, sensibilizava os outros moradores a contribuírem com essa mudança no tocante à unidade (= somos um único povo); o discurso de que precisavam preservar o anel sanitário de Brasília e assim garantir água para a população, na verdade “escondia” a única ideia principal: tirar os barracos (= afastar os pobres) do centro da capital.

2.2.2 *Hegemonia*

O conceito de hegemonia adotado por Fairclough baseia-se em Gramsci que compreende a hegemonia não só em termos de uma dominação de classe, mas como uma liderança que estabelece mudança discursiva de articulações e desarticulações que amoldam tais processos. Fairclough (2001a, p. 122, grifo nosso) caracteriza o termo hegemonia:

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a **dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos** para ganhar consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios.

Observamos, no trecho acima, que as dimensões teórica e metodológica da Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough ([2001b] 2008) são indissociáveis. A hegemonia revela dominação (ideológica, econômica, cultural, política e outras) e poder sob “classes subalternas” existentes num determinado contexto estudado e que são construídas, compartilhadas, mantidas ou podem vir a ser questionadas e transformadas por meio do discurso. Van Dijk sugere que a ADC é, de fato, uma proposta de estudos críticos comprometida com as causas sociais.

Centra nos problemas sociais, e em especial no papel do discurso na produção e na reprodução do abuso de poder ou da dominação. Sempre que for possível, se ocupará destas questões desde uma perspectiva que seja coerente com os melhores interesses dos grupos dominados. Toma seriamente em consideração as experiências e as opiniões dos membros desses grupos, e

aprova sua **luta contra a desigualdade**. A saber, a investigação realizada mediante a ACD combina o que, de forma talvez um tanto pomposa, muitas vezes se chama de ‘solidariedade com os oprimidos’ com uma atitude de oposição e dissidência contra quem abusa dos textos e das declarações com o fim de estabelecer, confirmar ou legitimar seu abuso de poder. (VAN DIJK, 2003, p. 144, tradução nossa).²⁷

No trecho acima, van Dijk (2003) ratifica as considerações de Fairclough (2008) para o qual os problemas sociais e a luta contra a desigualdade pressupõe agir na mudança de eventos discursivos que oprimem e marginalizam grupos, instituições e a sociedade como um todo e, principalmente, na reestruturação das ordens de discurso.

Conforme Fairclough ([2001b] 2008, p. 91), o discurso contribui para: a) “a construção de identidades sociais”; b) a construção de relações sociais entre as pessoas; c) “a construção de sistemas de conhecimentos e crenças”. Esses efeitos construtivos correspondem a três funções da linguagem e a dimensões de sentidos que o autor denomina de linguagem identitária, relacional e ideacional, o que será discutido mais adiante.

2.2.3 Discurso como elemento de práticas sociais: gêneros, discursos e estilos

A língua, como estrutura social, é considerada uma entidade abstrata, com habilidade para combinar certos elementos linguísticos e excluir outros. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 24). Fairclough (2003) concebe a linguagem como estratos do mundo em três níveis sociais: a) **estrutura social**, que correspondem ao nível mais abstrato das estruturas, vê a linguagem como sistema semiótico, com as relações lexicogramaticais; b) **práticas sociais**, que correspondem ao nível intermediário e menos abstrato, tendo a linguagem como ordens do discurso; e c) **eventos sociais**, que corresponde ao nível mais concreto – o texto, “o material empírico com que analistas de discurso trabalham, mas não o único.” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 41). Ramalho e Resende (2011, p. 41) destacam que as “análises discursivas críticas transitam entre os três níveis da linguagem, o que só é possível graças ao foco no nível intermediário das ordens do discurso”. O discurso configura três formas de prática social: gênero (modo de (inter)agir),

²⁷ Tradução livre de: “Se centra en los problemas sociales, y en especial en el papel del discurso en la producción y en la reproducción del abuso de poder o de la dominación. Siempre que sea posible, se ocupará de estas cuestiones desde una perspectiva que sea coherente con los mejores intereses de los grupos dominados. Toma seriamente en consideración las experiencias y la piniones de los miembros de dichos grupos, y apoya su lucha contra la desigualdad. Es decir, la investigación realizada mediante el ACD combina lo que, de forma tal vez algo pomposa, suele llamarse «solidaridad con los oprimidos» con una actitud de oposición y disidencia contra quienes abusan de los textos y las declaraciones con el fin de establecer, confirmar o legitimar su abuso de poder”.

discursos²⁸ (modos de representar) e os estilos (modos de ser). No que concerne à relação dos sentidos da linguagem, Silva (2013) apresenta cada um dos significados da ordem do discurso faircloughiana atrelado aos três eixos da ordem do discurso assinalados por Foucault (1997, p. 318). Vejamos.

Significados acionais (gênero) implicam relação de controle sobre os outros (eixo do poder) – o que envolve as funções **interpessoal** e **textual** da linguagem como ação;
 significados representacionais (discurso) implicam relação de controle sobre as coisas (eixo do conhecimento) – o que envolve a função **ideacional** da linguagem como representação;
 significados identificacionais (estilo) implicam relação do indivíduo consigo mesmo (eixo da ética) – o que envolve também a função **interpessoal** da linguagem como identificação. (SILVA, 2013a, p. 88-89, grifos nossos).

Desdobrando as explicações de Silva (2003a), podemos correlacionar os elementos da ordem do discurso faircloughiana à LSF e assim representá-los:

Quadro 3 - A epistemologia dos elementos da ordem do discurso

Elementos da ordem do discurso	LSF Halliday (1994) Metafunções	ADC Fairclough (1992) Funções	ADC Fairclough (2003) Significado	Foucault (1994) Eixos
Discursos	Ideacional	Ideacional	Representacional	Saber/ Conhecimento
Estilos	Interpessoal	Identitária Relacional	Identificacional	Ética
Gêneros	Textual	Textual	Acional	Poder

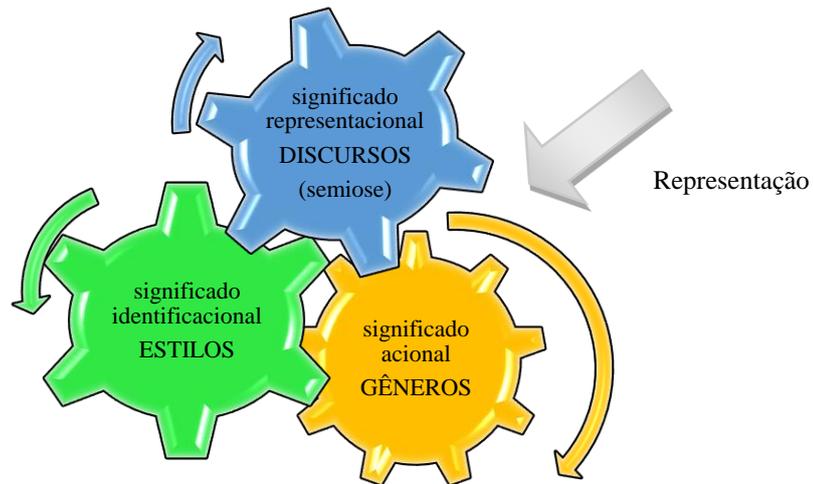
Fonte: adaptado de Resende e Ramalho (2006, p. 61) e Ramalho e Resende (2011, p. 51)

Como sugere o quadro acima, Fairclough (1992, p. 64) considera que existem somente as três primeiras funções: a) ideacional, o “modo pelos quais os textos significam o mundo”; b) identitária, relacionada às identidades sociais; c) relacional, que trata sobre como as relações sociais são representadas e negociadas. A função textual foi “acrescentada” às de Fairclough como reconhecimento do trabalho de Halliday (1978) e por isso recebe o mesmo nome. Na obra de 2003, Fairclough altera sua versão anterior e amplia seu diálogo entre a LSF e a ACD

²⁸ Fairclough (2003, p. 26) destaca que o termo discurso pode ser entendido sob duas vertentes: como substantivo abstrato (discurso=semiose), ligado a todos os elementos semióticos da linguagem que fazem parte da vida social (texto escrito, gestos, expressões faciais etc.); e como substantivo concreto, significando maneiras particulares de representar parte do mundo.

(BARROS, 2015). Tal diálogo nos mostra a interlocução entre os três elementos da ordem do discurso (gêneros, discursos e estilos) que “trabalham” simultaneamente quando enfocados como práticas sociais. A representação dos significados da linguagem foi apresentada por Silva, em uma aula ministrada na disciplina *Análise de Discurso, Gramática e Contexto Social* no segundo período de 2014, como uma metáfora da engrenagem na qual os significados (a função da linguagem) operam em um movimento sincrônico. Vejamos a figura 18.

Figura 18 - Significados da linguagem em curso (dis+curso)



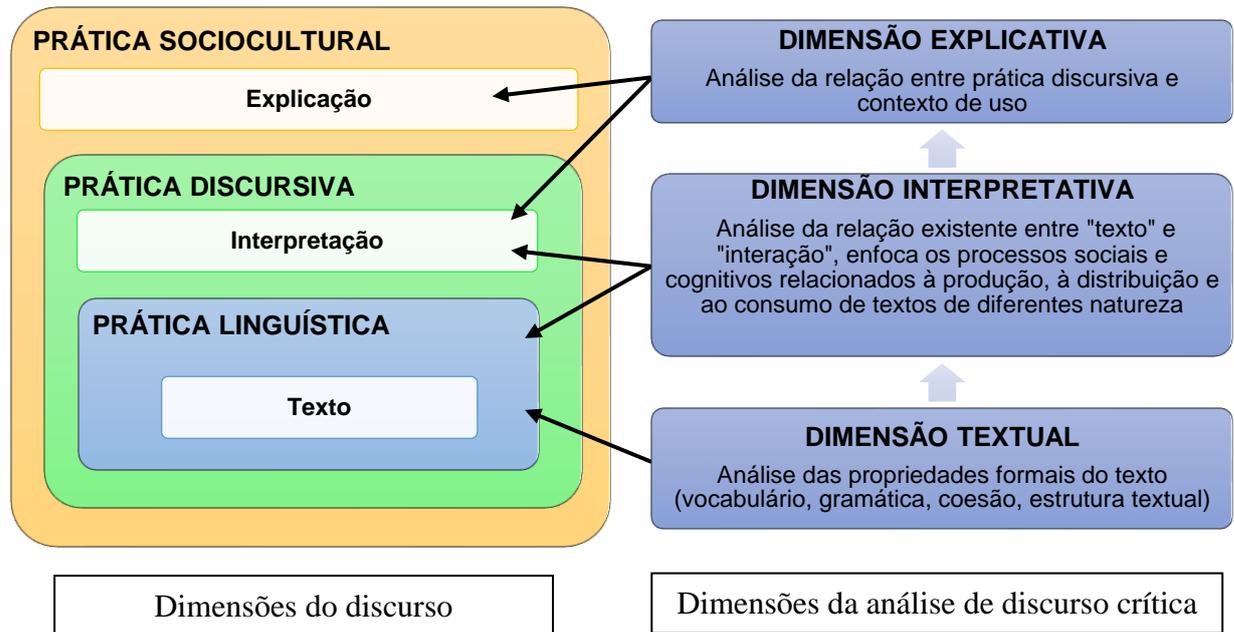
Fonte: adaptada de Silva (2004).

O significado acional indica uma relação social entre alguém que sabe e alguém que não sabe. Essa relação resulta em “ação com os outros” e com o poder que é exercido sobre os outros. São os modos de agir. No significado acional, o texto sempre é materializado em algum gênero. No significado representacional, aparecem os modos pelos quais os textos significam no mundo e seus processos, entidades e relações. E no significado identificacional estão as marcas nas quais as identidades sociais aparecem no discurso.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) configura uma concepção de estudo da língua que abarca o meio público onde é manifestada, por quem e como. Fairclough (1989; 1992; 2001b; 2010) propõe uma análise tridimensional do discurso que corresponde a um método, o que é representado na figura 19. Deve-se ressaltar que o discurso e qualquer instância específica da prática discursiva são vistos simultaneamente (i) um texto da linguagem, falado ou escrito, (ii) prática do discurso (produção e interpretação do texto), (iii) prática sociocultural.²⁹

²⁹ A denominação “prática sociocultural” aparece pela primeira vez em Fairclough (2010).

Figura 19 - Modelo tridimensional da linguagem



Fonte: proposta de análise tridimensional sugerida por Fairclough (1989; 1992; 2001b; 2010) adaptada de Campêlo (2014) e Silva (2019a).

Para Fairclough (2001b, p. 22), qualquer evento discursivo é “considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social”. Portanto, a Análise de Discurso Crítica deve ocorrer sob três dimensões: a) dimensão textual (ou análise textual); b) dimensão interpretativa (ou análise do processo/processamento); c) dimensão explicativa (ou análise social).

A dimensão textual/análise textual, primeira etapa do quadro tridimensional proposto por Fairclough, recorre à Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1978, 1994) como principal referência teórico-metodológica para análise de texto. A análise textual situa-se na técnica e ancora-se nos aspectos linguísticos que podem ser organizados em uma escala ascendente: vocabulário – a palavra em si; gramática – as palavras combinadas e formando frases, orações e períodos; coesão – a ligação entre orações e frases; e estrutura textual – trata das propriedades organizacionais do texto; diz respeito à “arquitetura” do texto. Cabe ressaltar que questões de atos da fala (promessas, pedidos, ordem, ameaças etc.), coerência e intertextualidade são interpretadas na dimensão discursiva; embora estejam relacionadas aos aspectos formais do texto. Fairclough (2001b) considera que a construção de orações > períodos > texto é fruto de escolhas lexicais e que implicam e resultam em escolhas sobre o significado. Sendo assim, o texto está imbricado pela combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais que são “desconstruídos” pelo analista nessa dimensão da linguagem.

A Análise Crítica do Discurso, enquanto **dimensão interpretativa**, prioriza categorias como o contexto de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre os diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais e contextos sociais diversos. Nessa dimensão, é preciso identificar as posições de “quem” é o produtor³⁰ do discurso; “para quem” foi escrito (indivíduo ou grupo de pessoas); “quando” foi escrito; “onde”. É importante destacar que tanto a produção como o consumo podem ser individuais ou coletivos. Fairclough (2001b, p. 108) destaca que, além desses fatores, “os textos podem apresentar variáveis de natureza extradiscursiva”. O discurso enquanto **dimensão explicativa** explora as restrições existentes nos processos de produção e interpretação dos textos (dentro da prática discursiva) influenciadas pelas ideologias existentes no contexto do qual fazem parte (no campo da prática social), sendo capaz de representar hegemonias ideológicas, políticas, bem como econômicas. Fairclough (2010, p. 132, grifo nosso) explica que

Uma característica especial da abordagem é que **o vínculo entre a prática sociocultural e o texto é mediado pela prática do discurso**; como um texto é produzido ou interpretado, no sentido de quais práticas e convenções discursivas são extraídas de que ordem (s) do discurso e como são articuladas juntas, depende da natureza da prática sociocultural da qual o discurso faz parte (incluindo o relacionamento com as hegemonias existentes); a natureza da prática discursiva da produção de texto molda o texto e deixa "traços" nas características superficiais do texto; e a natureza da prática discursiva da interpretação do texto determina como a superfície de um texto será interpretada.

Como bem nos assegura Fairclough (2010), o discurso não está descontextualizado de práticas sociais. Nas práticas discursivas são reveladas, ainda que sutilmente, as hegemonias e as ideologias engendradas no texto. Na próxima seção, apresento o estudo desenvolvido por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004, 2014) que auxiliam na análise de discurso crítica.

2.3 Na interioridade da linguagem: a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

Para encerrar a tríade teórico-epistemológica que embasa esta tese, destacamos a abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta pelo estudioso britânico

³⁰ Goffman (1981, p. 144) sugere uma distinção a que ele denomina “animador”, a pessoa que realmente realiza os sons ou a marca no papel e não teria papel social aqui, apenas analítico; “autor”, aquele que codificou as palavras, selecionou os sentimentos que estão sendo expressos; e o “principal”, alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras, alguém cujas crenças foram contadas, alguém que está comprometido com o que as palavras dizem.

Michael Halliday³¹ que desenvolveu uma teoria gramatical conhecida por Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). O modelo de Halliday começou a ser elaborado em meados do século XX e o seu “coroamento” deu-se em 1985, quando Halliday lança a sua primeira gramática, *An Introduction to Functional Grammar*, voltada para os estudos descritivos do uso da língua inglesa no contexto social. (NEVES, 2018a). A proposta de Halliday constitui uma teoria do funcionamento da linguagem humana, concebida a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso linguístico. Tal proposta surgiu do questionamento das ideias de dois grandes linguistas, Ferdinand de Saussure e William Labov, já que nenhum destes permitia um estudo acabado do binarismo língua/fala: ou era a opção sistêmica (língua) ou a opção funcional (fala).

Por um lado, como bem observa Gouveia (2009, p. 14), “trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso”. Por outro lado, Fairclough (2003, p. 5) considera a LSF como “um valioso recurso para análise de discurso crítica”, uma vez que essa teoria “está profundamente preocupada com a relação entre a língua e outros elementos e aspectos da vida social”.

Assim, a principal ideia de Halliday, que foi ampliada por seus seguidores ao longo dos anos, é estudar a linguagem relacionada com seu funcionamento em sociedade. Desta forma, a linguagem para Halliday é vista como um sistema sociossemiótico, com várias possibilidades de escolha de significados. O texto é a unidade básica de análise da LSF e o contexto onde é produzido estabelece uma rede de significados. De acordo com Halliday (1994), o contexto precede o texto, constitui um dos pontos de partida da gramática sistêmico-funcional que se propõe a investigar as escolhas, bem como os propósitos que os falantes querem expressar.

De acordo com Silva (2009, p. 722),

Na perspectiva da LSF, enquanto a função constitui uma propriedade fundamental da linguagem, a gramática pode ser compreendida como sistema de opções disponíveis na língua, sendo que o falante ou escritor realiza suas escolhas dentro desse sistema, sempre num contexto de situação social de fala ou de escrita, de modo que “um simples enunciado contextualizado, veiculado em uma oração, permite-nos aproximar do lado funcional da linguagem”.

Nas subseções seguintes, estendo a discussão em torno da proposta teórica hallidayana: os contextos de situação e de cultura e as metafunções.

³¹ Michael Alexander Kirkwood Halliday (1925-2018). Linguista britânico que desenvolveu a teoria gramatical conhecida como Gramática Sistêmico-Funcional (GSF).

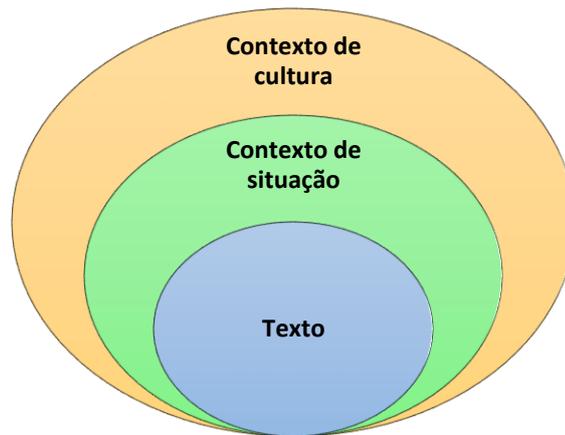
2.3.1 Contexto de situação e contexto de cultura

Os estudos críticos do discurso compartilham a noção de contexto que sincroniza uma dimensão cognitiva e uma dimensão social simultaneamente. Segundo van Dijk (2000, p. 32), as características do contexto estão intrinsecamente associados ao discurso, desde sua produção, até sua compreensão e análise. O autor destaca que, em uma dimensão social, por exemplo, os participantes humanos são elementos fundamentais na análise crítica, assim como o papel que exercem no contexto: orador, destinatário, chefe, autoridade; e também o gênero (homem/mulher) e a idade (jovem/velho). Dentro de uma dimensão cognitiva, van Dijk (2000, p. 38) sugere que “os contextos são construções mentais (com uma base social), ou modelos na memória”.³² A naturalização de fatos, como a reprodução massiva de crimes em reportagens, é parte da existência de um processo do contexto cognitivo defendido por van Dijk, no qual corrobora a linguista brasileira Silva D. (2019c, p. 96): “assim é que se trata de uma categoria não só subjetiva, mas também socialmente compartilhada.”

Halliday desenvolveu a LSF na intenção de que se observe o sistema da língua e as suas funções em simultâneo, olhar para a língua de todos os possíveis modos. Segundo o autor, o **texto** está inserido em dois contextos: o de Situação e o de Cultura. O contexto de situação se refere ao ambiente imediatamente ligado ao texto. Dependendo do contexto de situação em que o enunciado for usado, ele terá diferentes interpretações. O contexto de cultura está ligado à noção de propósito social e se refere às práticas culturais dos países, dos povos e às práticas institucionalizadas em igrejas, escolas, comunidades, instituições. Silva D. (2006) destaca que o contexto de cultura, mais geral e mais abstrato, é formado por sistemas de gêneros; enquanto o contexto de situação está relacionado aos elementos de campo (atividade social), às relações interpessoais e ao papel da linguagem na atividade. A figura 20 é uma representação da relação do texto e os contextos.

Figura 20 - Texto em contexto

³² Tradução livre de: “[...] los contextos son construcciones mentales (con una base social), o modelos en la memoria”.



Fonte: Adaptado de Halliday (2004).

Como bem observa Neves (2018a, p. 69), “o contexto de situação e o contexto de cultura devem ser vistos como igualmente importantes na observação da linguagem”. Os dois contextos são fundamentais para a compreensão do texto. Observe que em algumas ocasiões temos consciência de que algumas coisas poderiam ter sido ditas/escritas de forma diferente de maneira mais apropriada. E isso está relacionado ao “real”, ao contexto de situação, à(s) escolha(s) entre a(s) possibilidade(s). O contexto de cultura representa o “potencial”, a(s) possibilidade(s) de produção de significados no uso. Comenta Neves (2018a, p. 69), nós temos a “habilidade de significar”, de nos comportarmos diferentemente em determinadas situações ou contextos sociais e isso é gerado dentro do contexto de cultura. A autora acrescenta que é no “contexto cultural que se definem os gêneros, enquanto no contexto de situação se definem os registros”.

Quadro 4 - Comparativo dos contextos

CONTEXTO DE SITUAÇÃO	CONTEXTO DE CULTURA
Mais particular e restrito: concretiza a comunicação em um determinado ambiente.	Mais abstrato e geral (EGGINS, 1994): é parte de um sistema social (HALLIDAY, 1978)
“Real”: constitui o modo como se efetivam as possibilidades na língua.	“Potencial” (HALLIDAY, 1973a): constitui as possibilidades de produção de sentido na língua (HALLIDAY, 1978)
Ambiente em que se faz a seleção das possibilidades de uso.	Ambiente de desenvolvimento das diversas possibilidades de uso linguístico disponíveis (HALLIDAY; HASAN, 1989)
Associação com o registro: liga o texto e seu microcontexto.	Associação com o gênero (EGGINS, 1994): liga o texto e o macrocontexto (HOUSE, 2001).

Fonte: Neves (2018a, p. 69).

Halliday (1989, p. 12) descreve o Contexto de Situação em três variáveis: **Campo** – que se refere à atividade, ao objetivo, à finalidade nos quais os participantes estão envolvidos. Nas palavras de Halliday e Hasan (1976, p. 22), “trata-se do evento total no qual o texto está inserido. Inclui tanto a atividade intencional do falante ou do escritor quanto o assunto daquilo que se diz”;³³ **Relações** – que trata dos participantes na situação, sejam eles falantes/autor, ouvinte/leitor, participantes no texto ou distância social. Eggins (2004, p. 99) ressalta que, instintivamente, as pessoas reconhecem o tipo de papel social que estão desempenhando em uma determinada situação e isso tem efeito na maneira como se usa a linguagem. “Por exemplo, você não fala com o quitandeiro da mesma maneira que fala com sua mãe”. Apoiada em Poyton (1985 *apud* EGGINS, 2014), a autora destaca três dimensões dessa variável: o poder, o contato e o envolvimento afetivo; e **Modo** – que se refere à função que a linguagem exerce e o veículo utilizado (oral e/ou escrito; de improviso ou preparado) (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 22). Para cada variável do contexto de situação, observado por Halliday, foi estabelecida uma metafunção ao uso da língua.

Neves (2013, p. 32) afirma que Halliday

[...] montou [sua teoria] assentado na crença de que as línguas são organizadas em torno de dois significados principais, o ideacional, ou reflexivo, e o interpessoal, ou ativo, duas metafunções que constituem as manifestações, no sistema linguístico, dos dois propósitos mais gerais que fundamentam todos os usos da linguagem: entender o ambiente (ideacional) e influir sobre os outros (interpessoal). Há um terceiro componente metafuncional, o textual, pelo qual a linguagem contextualiza as unidades linguísticas, fazendo-as operar no contexto e na situação.

No quadro 5, podemos observar três metafunções postuladas por Halliday (1994) e que fazem parte do uso da língua: ideacional, compreender o meio/o campo; interpessoal, relacionar-se com o outro; e textual, organizar a informação. Ressalte-se que “a pluralidade funcional se constrói claramente na estrutura linguística, e forma a base de sua organização semântica e sintática, ou seja, lexical e gramatical” (NEVES, 2013, p. 32).

Quadro 5 - Variáveis do contexto situacional e metafunções da linguagem

Descrição	Variáveis do contexto de situação	Metafunções da linguagem
-----------	-----------------------------------	--------------------------

³³ Tradução livre de: The FIELD is the total event, in which the text is functioning. Together with the purposive activity of the speaker or writer; it thus includes the subject-matter as one element in it

A ação social, o assunto sobre o se fala, a natureza da ação, a finalidade.	Campo	Ideacional
A estrutura de papéis, as pessoas e suas relações na situação de comunicação (quem fala ou escreve/ quem ouve ou lê).	Relações	Interpessoal
A organização simbólica, o meio (oral, escrito ou não verbal), o canal e o modo retórico da linguagem.	Modo	Textual

Fonte: elaborado pela autora baseado em Gouveia (2009, p. 28).

Fuzer e Cabral (2014) destacam que a interpretação funcional da estrutura gramatical é a multifuncionalidade e por isso cada componente corresponde a três tipos de coisas que estão relacionados sistematicamente a um mesmo item gramatical. Em Halliday e Matthiessen (2004, p. 31), encontramos uma explicação para a escolha do termo “metafunção” em predileção à palavra “função”, a saber:

Poderíamos tê-los chamado simplesmente de 'funções'; no entanto, existe uma longa tradição de falar sobre as funções da linguagem em contextos em que 'função' significa simplesmente propósito ou maneira de usar a linguagem e não tem significado para a análise da própria linguagem. Mas a análise sistêmica mostra que a funcionalidade é intrínseca à linguagem, isto é, toda a arquitetura da linguagem é organizada em linhas funcionais. A linguagem é como é por causa das funções nas quais evoluiu a espécie humana. O termo "metafunção" foi adotado para sugerir que a função era um componente integrante da teoria geral.³⁴

Vejamos, a seguir, as metafunções propostas por Halliday.

2.3.2 Metafunção ideacional

A metafunção ideacional refere-se ao mundo do falante, ao uso da língua como representação, às experiências cotidianas em relação ao mundo real: quem faz o quê, com quem e sob quais circunstâncias; e ao mundo interior de sua própria consciência, conforme lembra Silva (2003b, p. 60). Dentro da metafunção ideacional, Halliday (1994) distingue dois

³⁴ Tradução livre de: We could have called them simply ‘functions’; however, there is a long tradition of talking about the functions of language in contexts where ‘function’ simply means purpose or way of using language, and has no significance for the analysis of language itself. But the systemic analysis shows that functionality is intrinsic to language: that is to say, the entire architecture of language is arranged along functional lines. Language is as it is because of the functions in which it has evolved in the human species. The term ‘metafunction’ was adopted to suggest that function was an integral component within the overall theory.

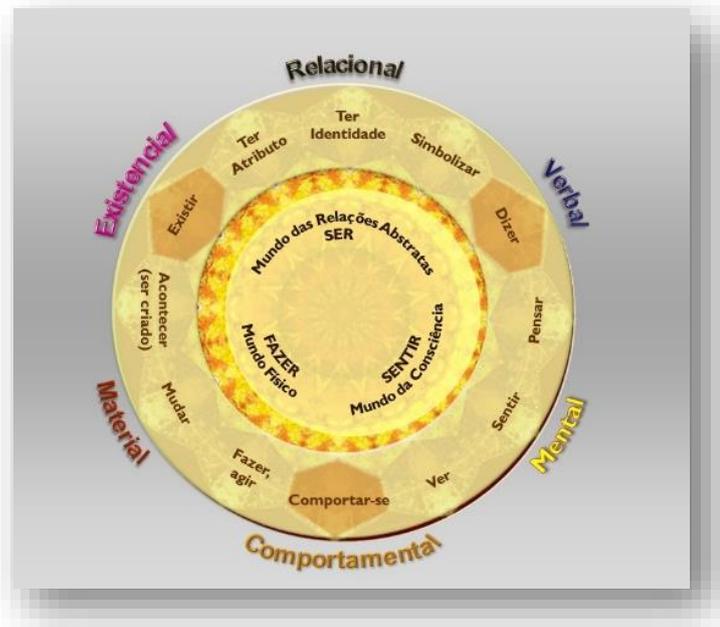
componentes: o significado **experiential** – está relacionado à formação de ideias, interpretação e representação da experiência do mundo que nos rodeia e do mundo interior, é manifestado através do sistema de transitividade; e o significado **lógico** – refere-se aos recursos utilizados para estabelecer relações lógico-semânticas em forma de construções paratáticas e hipotáticas. Para Silva (2013a, p. 91), “a função ideacional – como componente principal do significado no sistema linguístico – consiste, em parte, na expressão do conteúdo, da ‘gramática da experiência’ do falante/escritor”. A referida linguista acrescenta que a “transitividade deve ser, pois, compreendida como a **gramática da oração**, cujo participante mais importante na ‘cena oracional’ é o processo”. (SILVA, D., 2019d, p. 61, grifo nosso). Na macrofunção ideacional, é possível uma análise da organização interna da língua em uso, ou seja, a gramática aplicada no discurso enquanto prática social.

Além dos processos (verbo propriamente dito);³⁵ o sistema de transitividade é formado pelos participantes (grupos nominais: sujeito; objeto) e pelas circunstâncias (grupos adverbiais). Ghio e Fernández (2005, p. 82) destacam que, por se tratar de uma base fortemente semântica, “[...] os três elementos do sistema de transitividade recebem diferentes nomes segundo os tipos de processos”.³⁶ Para “classificar” os processos, Halliday (1994) faz uma distinção entre as experiências do mundo exterior, do mundo físico (do fazer); as experiências do mundo interior, cognitivo (do sentir); e as experiências do mundo das relações abstratas (do ser). Observemos a Figura 21 a seguir.

³⁵ As expressões: grupos verbais, grupos nominais e grupos adverbiais trata-se somente de uma analogia à gramática típica tradicional.

³⁶ Tradução livre de: “[...] los tres elementos del sistema de transitividad reciben diferentes nombres según los tipos de procesos”.

Figura 21 - Mandala da Gramática da Experiência



Fonte: Silva (2013a).

A Figura acima, caracterizada por Silva (2013a, p. 92) como *Mandala da Gramática da Experiência*, constitui “uma aproximação metafórica da energia emanada dos centros geradores de nosso mundo conceptual e linguístico”, o que é caracterizado, na proposta hallidayana, por seis tipos de processos: material, mental, relacional, comportamental, verbal e existencial. É importante salientar que, para Halliday (1994), não há prioridade ou hierarquia entre os processos e é por isso que os ordena mediante uma metáfora visual em forma de um círculo como na imagem acima, representada por Silva (2013a), e não uma linha.

Segundo Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), os processos – *materiais*, *mentais* e *relacionais* – são considerados básicos e os três últimos – *comportamentais*, *verbais* e *existenciais* – são considerados secundários, uma vez que se encontram mesclados, em termos de significado(s), justamente pela proximidade das fronteiras de sentido intercaladas pelos processos básicos e isso se justifica na posição de cada elemento dentro da Mandala. Embora haja explicação que difere os processos básicos dos secundários, a linguista brasileira Silva D. (2013a; 2019b) assegura que os processos comportamentais, existenciais e verbais estão entrelaçados à proposta emancipatória de Bhaskar (real, potencial e empírico) e eles não devem ser reduzidos, portanto, ao status de secundários tão somente devido à baixa frequência nos textos.

Sob a ótica da transitividade, Thompson (2014, p. 127) sugere algumas questões que o analista deve considerar: i) em relação aos **processos**: quais são os tipos de processos

dominantes e por quê?; ii) em relação aos **participantes**: quais (grupos de) participantes existem? Como esses participantes se comparam com as entidades e os eventos do “mundo real”? Quais são os tipos de participantes existentes (concretos ou abstratos)? Qual o papel deles na transitividade?; iii) em relação às **circunstâncias**: que tipos de circunstâncias são incluídas e onde estão no texto? O que é expresso como circunstância e não como núcleo (processo + participante)? O autor ressalta ainda que encontrar os padrões em um texto nem sempre é uma tarefa fácil, mas esse processo é mais claro quando comparamos textos que são semelhantes em alguns aspectos, mas não em outro. Na sequência, apresento os processos com seus devidos participantes.

- Os processos **materiais** concernem à experiência do mundo externo, estão associados às ações e aos eventos. São os processos do “fazer e acontecer” que constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis. Nas orações materiais, o participante pode ser: ator (que pratica a ação), meta (que recebe o impacto da ação), escopo (não é afetado pelo processo material), beneficiário (participante que se beneficia de um processo material) ou atributo (que se constitui em uma característica atribuída a um dos participantes da oração).
- Os processos **mentais** estão ligados à experiência interna, àquilo que experienciamos no mundo da consciência e da imaginação, nossas reações ou reflexões. “As orações mentais mudam a percepção que se tem da realidade”. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 54). São os processos do “sentir” e por isso envolvem, tipicamente, humanos. Os processos mentais estão divididos em quatro grupos: os da cognição, associados à consciência da pessoa (*saber, entender*); os da percepção referem-se aos cinco sentidos (*notar, sentir*); os da afeição ou emotivos expressam sentimentos (*gostar, amar*); e os desiderativos exprimem vontade (*desejar, almejar*). O participante do processo mental é denominado experienciador. O que é pensado, sentido, percebido ou desejado denomina-se fenômeno.
- Os processos **relacionais** são utilizados para estabelecer uma relação entre duas entidades diferentes em termos de classificação e identidades. De acordo com Halliday (1994), nas orações relacionais, há duas partes para o “ser”: algo é dito como “sendo” outra coisa. Os processos relacionais são empregados em textos narrativos para a criação e “descrição de personagens e cenários bem como em textos que estruturam conceitos.” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 63). Halliday e Matthiessen (2004) classificam essas orações em três tipos: intensivas (servem para

caracterizar uma entidade); possessivas (estabelecem relação de posse); e circunstanciais (estabelecem uma relação de tempo, lugar etc.). Os participantes ligados ao processo relacional variam conforme o tipo de relação estabelecida entre eles. Podem ser: portador/atributo; possuidor/possuído; identificado/identificador. “Ressalte-se que, em termos da gramática tradicional da língua portuguesa, os denominados verbos de ligação [...] recebem a classificação de relacionais na gramática sistêmico-funcional hallidayana.” (SILVA, 2019b, p. 62-63).

- Os **comportamentais** são, em parte, similares aos materiais e, em parte, similares aos mentais. Representam comportamentos fisiológicos e psicológicos tipicamente humanos, como: *respirar, tossir, sonhar*. O participante desse processo é denominado comportante.
- Os processos **verbais** situam-se no limite entre o mental e o relacional e estabelecem relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Os participantes das orações verbais são, tipicamente: dizente, verbiagem receptor e alvo. Fuzer e Cabral (2014, p. 74) destacam a existência de orações dentro do processo verbal que são chamadas citações. No texto, as citações são marcadas por aspas;³⁷ em diálogos, são introduzidas por travessão.
- Os processos **existenciais** estão no limite entre relacional e material e se referem à existência, representam algo que existe ou acontece. São representados, tipicamente, pelos processos *haver* e *existir*. O participante típico da oração existencial é o existente.

A linguista Souza, M. (2006, p. 107) destaca que os processos contribuem de forma distinta para a construção da experiência nos vários domínios discursivos. Os processos verbais, por exemplo, se destacam em notícias como será ratificado no Capítulo 4 desta tese. Os processos mentais (*eu acho, eu penso*) são típicos de conversação casual. Embora os materiais apareçam predominantemente em gêneros narrativos, os existenciais e relacionais também são recorrentes nesse tipo de discurso.

³⁷ Na mídia atual, especialmente em notícias e reportagens, tem sido comum o uso de estruturas de citação sem a presença das aspas. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 74).

2.3.3 Metafunção Interpessoal

A metafunção interpessoal identifica nossas relações com o outro, seja como interação (negociação) ou como marca de nossa identidade (posicionamento/avaliação), criando laços de envolvimento interpessoal. Ghio e Fernández (2005, p. 102) ressaltam que “um ato de fala não apenas implica que o falante diga alguma coisa, mas também quer algo que o ouvinte deva fazer”. Nesse sistema, a oração é vista como troca de informações ou de bens e serviços. Na troca de informação, aquilo que é trocado é a própria linguagem; enquanto na troca de bens e serviços, o indivíduo usa a linguagem para influenciar o comportamento de alguém. A metafunção interpessoal é desempenhada pelo sistema de modo que é o recurso gramatical no qual o diálogo se constrói mediante sucessivos movimentos de troca de turnos entre os participantes. No sistema de modo, a oração se organiza em dois componentes básicos: o modo, que se constitui de dois elementos – sujeito e finito; e o resíduo, o “restante” da oração.

Dentro da metafunção interpessoal, destaca-se ainda a polaridade e a modalidade. Por polaridade, entende-se a “escolha entre positivo e negativo” (HALLIDAY, 1989, p. 88). São elementos finitos que podem ter a forma positiva (*é, foi, está*) ou negativa (*não é, não foi, não está*) ou por adjuntos modais de polaridade (*sim, claro, não*) utilizados em frases afirmativas e negativas. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 112). Quanto à modalidade, trata-se de um recurso utilizado para representar a atitude/o julgamento do falante/escritor em diferentes graus sobre as possibilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que se diz/escreve.

2.3.4 Metafunção Textual

A metafunção textual é responsável pela estruturação linguística, importante na construção coesa e coerente dos textos. Segundo Ghio e Fernández (2008, p. 114), a metafunção textual gera recursos para apresentar no texto os significados interpessoal e ideacional como uma informação organizada que pode ser trocada pelo falante e pelo ouvinte. Existem dois sistemas para organizar a informação em uma mensagem: o sistema temático (tema/rema) e o sistema de hierarquização da informação (dado/novo). Para resumir a teoria de Halliday, apodero-me do quadro da pesquisadora Neves (2018a, p. 84), no qual realizei pequenos ajustes. Nas palavras da autora, a proposta sistêmico-funcional de Halliday coloca na base da tríade que constitui o sistema léxico-gramatical (transitividade, modo e tematização); na tríade do contexto de situação (campo, relações e modo); e na tríade que constitui o contexto de cultura (atividade, relações interpessoais e meio).

Quadro 6 - A textualidade no enunciado linguístico

A TEXTUALIDADE NO ENUNCIADO LINGUÍSTICO					
Texto e sistema: as unidades em organização					
ORGANIZAÇÃO SEMÂNTICA		ORGANIZAÇÃO DA INTERAÇÃO		ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	
Função Ideacional		Função Interpessoal		Função Textual	
Relações processivas: experiência linguística externa ou interna		Relações humanas: inserção dos participantes na comunicação		Relação entre texto e sistema: instanciação do sistema	
REPRESENTAÇÃO		TROCA		MENSAGEM	
Oração	Texto	Oração	Texto	Oração	Texto
Participantes Processos Circunstâncias e relações	Referenciação e junção	Sujeito Finito Complemento Predicador/adjunto	Falante/ouvinte	Tema/Rema	Dado/Novo
PAPÉIS		FUNÇÕES		RELAÇÕES	
Transitividade (Função experiencial)	Coesão (Função lógica)	Modo/ Modalidade/ Polaridade		Estrutura temática/Informação	
Organização do contexto					
CAMPO Ação social		RELAÇÕES (<i>tenor</i>) Estrutura de papéis		MODO/ESTILO Organização simbólica do texto	

Fonte: adaptado de Neves (2018a, p. 84).

Para Neves (2018a, p. 84), “[...] a proposta [hallidyiana] pode ser vista partindo dos sistemas sociais (da sociedade) para a lexicogramática (a oração), passando pelo contexto de cultura e pelo contexto de situação, cada um dos seus componentes triádicos mantidos em correspondência.”

2.3.5 O Sistema da Avaliatividade

Em 2005, Jim Martin e Peter White desenvolveram o Sistema da Avaliatividade³⁸ (*Appraisal System*), que diz respeito à metafunção interpessoal da linguagem, e instanciada por sentidos de Atitude, Engajamento e Gradação nos eventos comunicativos. Na apresentação do livro *The Language of Evaluation: appraisal in English* (2005), os autores revelam o objetivo basilar de seus estudos, qual seja: desvelar a interpessoalidade na linguagem presente na relação

³⁸ Assumo neste trabalho a terminologia Sistema de Avaliatividade para a tradução de *Appraisal System*, conforme trabalho desenvolvido por Orlando Vian Jr. (2009), um dos estudiosos brasileiros na área de avaliatividade.

subjetiva de escritores/oradores que conduzem seus leitores/ouvintes para a aprovação/desaprovação de algo, compartilhamento de sentimentos, gostos e avaliações.

Para Martin e Rose (2007, p. 25), “a avaliatividade se preocupa com a avaliação - os tipos de atitudes negociadas em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e as maneiras pelas quais os valores são obtidos e os leitores alinhados”. Vian Júnior (2009, p. 100, grifo nosso), um dos estudiosos brasileiros sobre o assunto, considera que as avaliações emitidas podem ser assimiladas ou não por nosso interlocutor, por esse motivo a avaliação que fazemos “não se trata de um universo textual, em nível léxico-gramatical, mas vai além disso: um **universo extratextual**, em nível semântico-discursivo”. As considerações do autor vão ao encontro das de Martin e White (2005, p. 25, grifo nosso) que ponderam que “as análises de avaliação concentram a atenção nos **significados** que um texto fornece e nas posições de leitura que se concentram nesse potencial de diferentes maneiras”. Martin e White (2005) apontam para o conceito de realização no qual os significados são estratificados em três ciclos e em diferentes níveis de abstração. Segundo os autores, a linguagem está estratificada desta forma: i) a **fonologia**, que trata da organização dos fonemas em sílabas e sua implantação em unidades de ritmo e entonação; e a **grafologia**, organização das letras em frases, da pontuação; inserem-se no nível mais concreto; ii) a **léxico-gramática**, que trata da recodificação de padrões fonológicos e grafológicos como palavras e estruturas; encontra-se no nível abstrato; iii) a **semântico-discursiva** está no nível mais abstrato, uma vez que se preocupa com o significado além da cláusula (com textos em outras palavras). Esse é o nível mais amplo, pois

[...] se preocupa com vários aspectos da organização do discurso, incluindo a questão de como as pessoas, lugares e coisas são introduzidos no texto e mantidos sob controle uma vez lá (identificação); como eventos e estados de coisas estão ligados entre si em termos de tempo, causa, contraste e similaridade (conjunção); como os participantes são relacionados como parte do todo e da subclasse à classe (ideação); como as transformações são organizadas em trocas de bens, serviços e informações (negociação); e **como a avaliação é estabelecida, ampliada, direcionada e obtida** (avaliação). (MARTIN; WHITE, 2015, p. 9, grifo nosso).

O Sistema de Avaliatividade situa-se no estrato semântico-discursivo e perpassa os outros estratos. Martin e White (2015, p. 10) assim o classificam por três razões: i) a realização de uma atitude tende a se espalhar por uma fase do discurso, independentemente das fronteiras gramaticais - especialmente quando ampliadas; ii) uma determinada atitude pode ser realizada em uma variedade de categorias gramaticais; iii) há a questão da metáfora gramatical, onde a

palavra e o significado são “cozidos” duas vezes, ganham nova significação. Podemos ilustrar a estratificação da linguagem conforme figura abaixo.

Figura 22 - Estratificação da linguagem



Fonte: adaptada de Martin e White (2005, p. 9).

Conforme a Figura 22, observamos que o SA pode ser realizado no estrato léxico-gramatical de maneira **explícita** ou **escrita/oral**, que é a mais comum, e ocorre por meio de palavras com traços avaliativos, como os adjetivos, os advérbios, os atributos e os processos entre outros, por meio da interação que se desenvolve pelo estrato grafo-fonológico; ou de forma **implícita**, ou **evocada**, que ocorre por meio de orações que sugerem uma reação avaliativa nos ouvintes/leitores, mesmo que não haja itens lexicais claramente expressos e estariam, portanto, em um nível mais abstrato de relação variável de registro. (MARTIN; WHITE, 2005). O Sistema de Avaliatividade (SA) inclui e expande o Sistema de Modalidade situado na área dos significados interpessoais que envolvem a negociação dentro das relações, bem como a expressão de opiniões e avaliações. Segundo Vian Jr. e Vasconcelos (2017), é comum, no Brasil, fazer referência a esse sistema como uma “teoria”, uma vez que ele se constitui uma parte mais ampla da teoria da LSF.

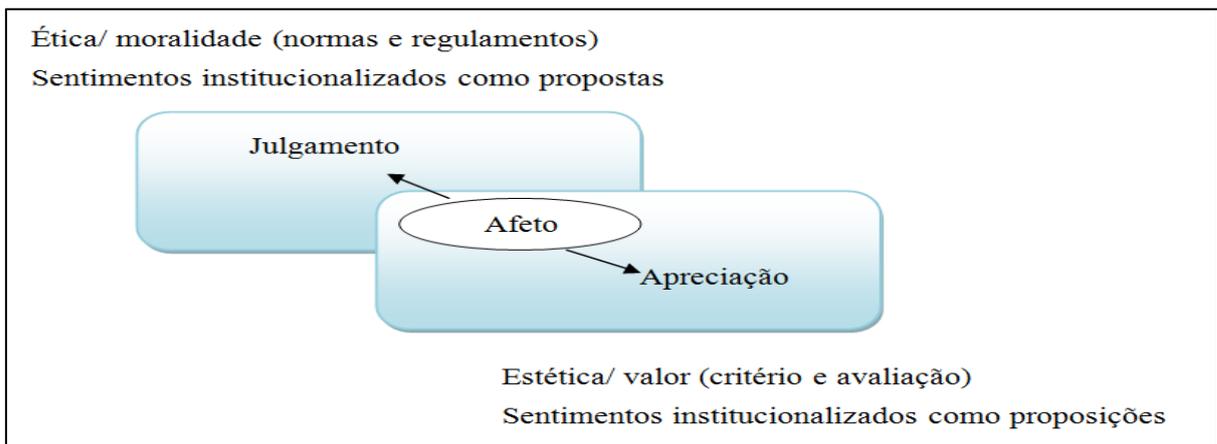
O Sistema da Avaliatividade realiza-se em três domínios interacionais: a **Atitude**, a **Gradação** e o **Engajamento**. A Atitude está relacionada ao que sentimos, a nossos julgamentos e a nossas avaliações; a Gradação é um fenômeno linguístico-discursivo que amplia nossas emoções e/ou aumenta ou diminui a intensidade de nossas avaliações; enquanto o Engajamento³⁹ trata das vozes de outros que são adicionados em nossos discursos.

³⁹ Na primeira edição do livro “Working with discourse: meaning beyond the clause” Martin e Rose (2003, p. 24-25) apresentam a estrutura do Sistema de Avaliatividade como: atitude, amplificação (*amplification*) e fonte (*source*). Dois anos mais tarde, Martin e White (2005, p. 37-38) utilizam atitude, gradação (*graduation*) e engajamento (*engagement*). Isto revela que o modelo do sistema de avaliatividade está em construção e apresenta avanços.

2.3.5.1 A atitude

Ao produzirmos um texto oral ou escrito, podemos emitir nossos sentimentos ou fazer julgamentos em relação ao outro, bem como podemos apreciar coisas e objetos ao nosso redor. Disso trata o subsistema da atitude. Segundo Martin e White (2005, p. 45), o julgamento e a apreciação são vistos como sentimentos institucionalizados compartilhados por valores da sociedade, sendo que o primeiro se refere ao universo das propostas sobre o comportamento - como devemos nos comportar ou não; e o segundo, às proposições sobre o valor das coisas - o que elas valem a pena ou não. O julgamento e a apreciação começam em casa nos primeiros estágios de desenvolvimento linguístico da pessoa. O afeto, dessa forma, é o “coração” das atitudes que expressamos. O mecanismo de inter-relação entre afeto, julgamento e apreciação pode ser visto visualizado na Figura 23 apresentada a seguir:

Figura 23 - Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p. 45).

2.3.5.2 A gradação

O subsistema da gradação trata de utilizar recursos léxico-gramaticais para ajustar o “volume” ou grau de intensidade do julgamento, afeto ou apreciação (dentro do subsistema da atitude) e o “volume” da intensidade do posicionamento intersubjetivo (no subsistema do engajamento). A gradação se subdivide em força e foco e suas realizações incluem intensificadores, comparação superlativa, repetição e vários aspectos grafológicos e fonológicos.

2.3.5.3 O engajamento

O engajamento compreende a articulação de vozes para expressar opiniões no discurso. Segundo Ninin e Bárbara (2013), o engajamento:

[...] se ocupa dos modos como a voz autoral posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, procurando caracterizar diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis, ou seja, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto. (NININ; BARBARA, 2013, p. 129).

O subsistema do engajamento se divide em: monoglossia e heteroglossia. Por meio da monoglossia, o autor/falante bloqueia qualquer alternativa de questionamento ao criar um efeito de verdade sobre o que diz. Já na heteroglossia, o autor/falante se posiciona de forma que sua voz é apenas mais uma entre outras posições correntes sobre determinado assunto. Nessa última concepção, o potencial dialógico pode ser realizado por meio de expansão ou contração. O Sistema de Avaliatividade será detalhado junto à análise dos textos dos jovens no Capítulo 5.

2.4 ADC e RC como metodologia

Há que se destacar aqui que a ADC é tanto teoria como metodologia.⁴⁰ Chouliaraki e Fairclough (1999), em consonância com Bhaskar (1986; 1998), entendem que há várias dimensões da vida social, incluindo a física, química, biológica, econômica, social, psicológica e linguística e que estas possuem estruturas distintas, com efeitos gerativos nos eventos, através de mecanismos particulares. Inspirados no Realismo Crítico, Chouliaraki e Fairclough (1999) conseguiram organizar um modelo analítico que possibilitasse identificar problemas sociais, materializados em textos orais ou escritos. Essa abertura de possibilidades transdisciplinares fez com que a ACD ganhasse cada vez mais espaço na ciência social crítica, permitindo aos analistas de discurso uma compreensão cada vez mais ampliada da vida social, principalmente em relação aos elementos micro e macrosociais.

A estrutura analítica abaixo, modelada, em princípio, por Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), é baseada na “crítica explanatória” proposta por Bhaskar (1986) e sugere cinco

⁴⁰ A ADC como metodologia será explicada mais detalhadamente no capítulo seguinte: “Percurso metodológico” desta tese.

etapas.⁴¹ A 6ª etapa foi acrescida neste estudo como desenvolvimento do RC na proposta de Barros (2015, p. 109). A saber:

- ✓ 1ª Etapa: focalize um erro social,⁴² em seu aspecto semiótico.
- ✓ 2ª Etapa: identifique os obstáculos para lidar com esse erro
- ✓ 3ª Etapa: considere se a ordem social “precisa” do erro social.
- ✓ 4ª Etapa: identifique as possíveis formas de ultrapassar os obstáculos.
- ✓ 5ª Etapa: reflita criticamente sobre a análise.
- ✓ 6ª Etapa: defina um novo problema de pesquisa

Na primeira etapa, conforme nos asseguram Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001a; 2010), o analista crítico do discurso deve ter percepção para identificar o erro social que pode estar em alguma parte da vida (ex. educação, política, economia etc.). Essa primeira etapa pode ser subdividida em dois passos (FAIRCLOUGH, 2010, p. 235-236): a) selecionar uma questão que aponte um erro social e que possa ser abordado de forma transdisciplinar, com foco nas relações dialéticas entre momentos semióticos e outros; b) definir os objetos de pesquisa em que os tópicos possam ser teorizados de forma transdisciplinar.

Na segunda etapa, o analista crítico do discurso deve reconhecer os possíveis obstáculos a serem enfrentados. O “ponto de entrada” da pesquisa em ADC é a análise de textos, atentando para as relações dialéticas entre elementos semióticos e extrassemióticos em práticas, situações e eventos relevantes. Fairclough (2010, p. 237) aponta três passos que podem ser seguidos nessa fase: a) analisar as relações dialéticas entre semiose e outros elementos sociais: ordem do discurso e prática social; textos e eventos; b) selecionar textos e categorias para análise; c) realizar análise dos textos, tanto interdiscursiva, quanto linguística e semiótica.

Na terceira etapa, o analista crítico do discurso procura olhar a função do problema na prática. Esse estágio marca a mudança analítica apontada por Bhaskar (1986) em sua crítica explanatória do que “é” para “deveria” que leva o analista à fase da avaliação da prática, em termos de resultados. Significa dizer que o analista deve se concentrar em apenas um aspecto

⁴¹ Devo ressaltar que Fairclough (2010) refaz essas etapas para 4 estágios. Entretanto, resgato a quinta etapa do modelo original, uma vez que essa parte da reflexão da análise é responsável pela mudança na prática social da analista e, portanto, um elemento essencial. Fairclough (2010, p. 226, tradução nossa) destaca: que a quinta fase, “não é rigorosamente parte explanatória crítica de Bhaskar. Mas isto é uma importante adição que requer do analista a reflexão de onde ele/ela vem, como ele/ela por si mesmo(a) é socialmente posicionado (a).”

⁴² Fairclough (2010) utiliza a expressão *social wrong*. Optei pela tradução “erro social” a “problemas” (*problems*) utilizado em Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60), pois corroboro a justificativa do autor (FAIRCLOUGH, 2010, p. 226, tradução nossa) para tal mudança: “os erros incluem injustiças e desigualdades que as pessoas passam, mas que não são erros necessários no sentido de que, dadas certas condições sociais, poderiam ser corrigidas ou pelo menos mitigadas”.

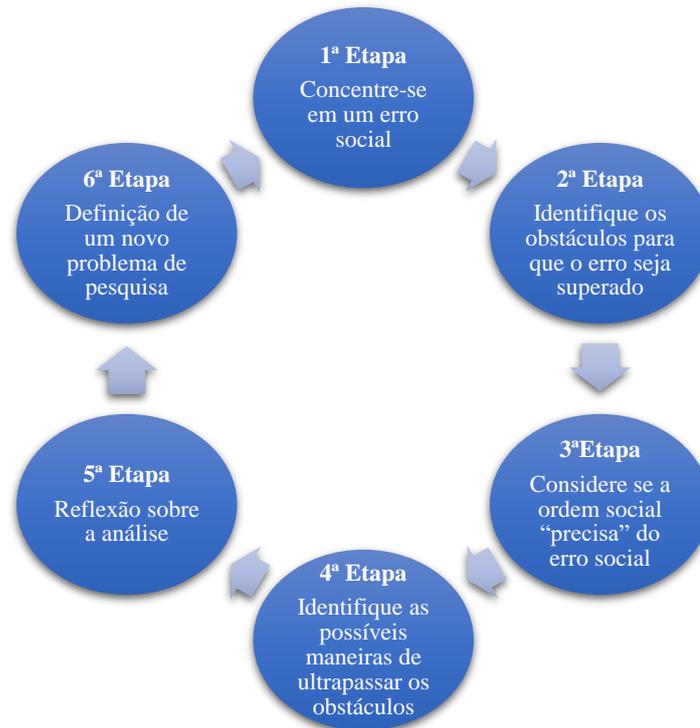
da análise, a fim de fortalecer as razões para uma mudança social radical. Nesta fase, apercebe-se o problema da ideologia na medida em que contribui para a manutenção de relações de poder e dominação.

O objetivo da quarta etapa é identificar possíveis recursos para superar os obstáculos. Deve-se também mudar do ‘é’ para ‘deve’, isto é, se as práticas estiverem problemáticas ou danificadas, o analista tem que procurar transformá-las, torná-las positivas. O foco aqui não são as estruturas reproduzidas, mas a diversidade de conjunturas, as lacunas, as deficiências dos aspectos considerados dominantes do erro social. O analista crítico do discurso deve, portanto, investigar os efeitos reprodutivos das práticas, bem como identificar as possibilidades de mudanças ainda não concebidas ou concebidas parcialmente.

A pesquisa social crítica deve ser reflexiva. A quinta etapa destaca a importância de o analista crítico manter-se como um pesquisador reflexivo, tendo em vista a sua posição a partir da qual a pesquisa é realizada. Nesse sentido, a reflexividade requer do analista uma posição crítica sobre o que está sendo analisado, se a pesquisa visa algum tipo de mudança na prática social e qual a sua contribuição para a emancipação social.

A sexta e última etapa é apresentada por Barros (2015, p. 110-111), que defende que “o pesquisador crítico [...] deve enraizar-se de um contexto social, permanecendo por um período de tempo prolongado, considerando os reais problemas que emergem a cada investigação”. A figura, a seguir, representa os estágios da pesquisa em ADC associada ao RC.

Figura 24 - Estrutura analítica para pesquisa em ADC/RC



Fonte: elaborada pela autora baseada em Barros (2015, p. 112).

Pela figura acima, podemos perceber um ciclo rotativo das etapas. As etapas acima foram observadas ao longo da pesquisa e estão explicadas com mais detalhe no capítulo seguinte, que trata do percurso metodológico.

Algumas considerações

A tríade analítica proposta nesta tese permite caminhos dialógicos que se encontram várias vezes para decifrar as relações de poder e ideologia, que circundam a linguagem, junto aos reais erros (*social wrongs*) da vida social. Como analista crítica, após várias leituras e pesquisas nessa área, considero que precisamos ir além da pesquisa e procurar promover uma mudança nos discursos engendrados por agentes sociais, no caso deste trabalho - as mídias, que usurpam o direito de uma comunidade menos esclarecida. A “crítica explanatória” de Bhaskar (1998, 2002), assim como a teoria analítica de Chouliaraki e Fairclough (1999) fornecem elementos para uma análise das macroestruturas da linguagem. Tal fundamentação não se resume à mera análise, mas a uma inquietante busca por soluções práticas para superação do problema. A Linguística Sistêmico-Funcional fornece elementos para uma análise mais refinada da língua em uso, daí a necessidade de se contemplar a interioridade da linguagem.

A visão emancipatória de Bhaskar (1986), que apresenta uma proposta de libertação do ser humano, vai ao encontro do pensamento de Sen (2000), para quem pobreza é sinônimo de “privação de capacidades”, de “falta de liberdades básicas”. Desvelar estruturas opressoras e dominadoras é o primeiro passo para a transformação das estruturas sociais e/ou a transformação de si mesmo. É no contexto de opressão e discriminação (Ceilândia) que busco reconhecer os problemas discursivos que engessam uma marca negativa sobre a cidade e sobre seus habitantes. Considero, na esteira do pensamento baktiniano, que assim como a vida penetra na língua, a palavra tem a força para reestruturar caminhos na vida, principalmente aqueles que conduzem a práticas sociais transformadoras.

CADERNO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO



Foto: Osvaldo Lima (nov./2018)

CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo são apresentados os procedimentos teórico-metodológicos que embasaram o trabalho proposto. A pesquisa foi realizada em duas etapas. Na fase 1, concentrou-se em uma pesquisa documental, tendo como suporte, documentos jornalísticos retirados da internet e que trate da temática sobre Ceilândia. O recorte espacial foi o ano de 2016, que marcou o início do doutoramento. Os dados documentais dessa fase foram selecionados a partir de páginas de três jornais de veiculação online: Metrôpoles (virtual), Correio Braziliense (virtual e impresso) e G1 (virtual e televisivo). A seleção dessas três fontes ocorreu pelas amostras levantadas com auxílio da ferramenta de busca Google, que permitiu observar um maior índice de recorrências do termo “Ceilândia” nos referidos sites. Optou-se por recortes virtuais, devido à abrangência desse canal atualmente. As reportagens se espalham rapidamente pela internet, em tempo real de curta duração, difundidas, sobretudo, pelo benefício da gratuidade.

A fase 2, consistiu em uma pesquisa-ação. Como complemento, ancorei meu estudo à técnica de “saturação de dados”. Os dados empíricos foram gerados em duas escolas de Ceilândia. Antes do trabalho, porém, tive contato junto às devidas instituições e foram tomadas as devidas providências para se assegurar dos cuidados éticos de uma pesquisa social, como autorização do projeto pelo Comitê de Ética do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília. Quanto às questões éticas de uma pesquisa realizada com seres humanos, Denize Silva (2003, p. 163) pondera que nem sempre o pesquisador tem controle total no “desenrolar de determinados tópicos durante conversas (ou entrevistas), principalmente os que versam sobre experiências pessoais”, e que a ética da pesquisa social está relacionada à interação pesquisador e pesquisados. Para seleção das instituições, identifiquei duas que atendiam os critérios que estabeleci para a delimitação do *corpus*, qual seja: o espaço e os atores sociais. Referente ao espaço, a escolha foi geográfica dentro das “diversas ‘Ceilândias’ em uma só”, o que foi explicitado no Capítulo 1. Quanto aos atores sociais, foram selecionados jovens do 8º ano do ensino fundamental (13 a 17 anos). Nessa faixa etária, os jovens são mais críticos e podem contribuir com a pesquisa.

Este capítulo foi subdividido em quatro subseções que compõem a parte metodológica. Na primeira subseção (3.1), traço a abordagem qualitativa como método para esta pesquisa. Em seguida, destaco o objetivo geral e determino os objetivos operacionais que circundam as questões de pesquisa (3.2), pois a partir daí delineou-se o trajeto desta tese. Este trabalho envolveu uma parte de estudo documental (3.3), e outra, uma pesquisa em ação (3.4). Cada uma

das fases requereu atividades diversas de geração de dados e para o delineamento de *corpus*, as quais serão explicitadas, na sequência, em seções terciárias. Na subseção (3.5), destaco o procedimento teórico-metodológico selecionado para fim de análise dos dados. Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, destaco a importância do tratamento ético para a realização do trabalho que será exposto na subseção (3.6). Ao final do capítulo, saliento algumas implicações do percurso traçado para o estudo.

3.1 Pesquisa qualitativa

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), que lida com interpretações da realidade social, busca caracterizar, bem como interpretar práticas discursivas de textos midiáticos que circundam a cidade de Ceilândia. Os textos produzidos por jovens sobre o lugar onde moram configuram os dados empíricos, uma vez que são colhidos no ambiente ecológico da pesquisa, em termos de espaço social, e em tempo real. Para Minayo (2002, p. 15), “o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo”, uma vez que trata de realidades que não podem ser quantificadas, em outras palavras, trabalha-se com o universo de significados, opiniões, explicações, hábitos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Pardo Abril (2013, p. 91) destaca que:

[a pesquisa] qualitativa irá interrogar o lugar do cientista e, portanto, apontar a impossibilidade de objetividade, de modo que o compartilhamento da perspectiva a partir da qual a pesquisa é desenvolvida é favorecido. Da mesma forma, metodologias qualitativas resgatam dimensões deixadas de lado nas pesquisas científicas, que no campo das ciências sociais estão fundando: história, política e fatores situacionais que influenciam ou determinam os fenômenos investigados.

Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa envolve uma “abordagem naturalista, interpretativa para o mundo”. Conforme Minayo (2002, p. 15), “o objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo”, uma vez que trata de realidades que não podem ser quantificadas, em outras palavras, trabalha-se com o universo de significados, opiniões, explicações, hábitos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A comunicação do pesquisador em campo compõe parte da produção de conhecimento, bem como sua subjetividade e a dos participantes da pesquisa. Tudo isso faz parte das reflexões do pesquisador sobre suas próprias atitudes, constituindo parte da interpretação. (DENZIN; LINCOLN, 2006; FLICK, 2004; VIDICH; LYMAN, 2006). Cabe salientar, entretanto, que a partir de que um texto é escrito outras visões entram em evidência, nascem novos discursos, novos julgamentos.

A pesquisa qualitativa caracteriza-se, pois, como:

objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de **descrever, compreender, explicar**, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32, grifo dos autores).

Diante dessas peculiaridades, a abordagem qualitativa se destaca por ser uma investigação mais próxima do que é estudado, e na descrição de valores situacionais que interferem na pesquisa, no próprio pesquisador e no processo; já uma abordagem quantitativa enfatiza a representatividade numérica dos dados e a relação causal entre as variáveis encontradas nos dados. Considero como dados empíricos aqueles selecionados de maneira ecológica, ou seja, no ambiente natural em que eles foram colhidos; no caso, o contexto da situação de Ceilândia.

3.2 Objetivos e questões de pesquisa

Quanto aos dados selecionados (documentais e empíricos), o estudo está dividido em duas etapas. A primeira envolve uma análise linguística de textos jornalísticos que circulam na internet sobre a temática: Ceilândia. Tal etapa vai ao encontro das considerações de Wodak (2004, p. 225, grifo nosso), para a qual a ADC busca “investigar criticamente como a desigualdade social é **expressa, sinalizada, constituída, legitimada**, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)”. Com base no *corpus* documental, pondero, de início, uma identidade de reforço negativo em torno da cidade de Ceilândia que circula na mídia e que contribui para a construção de uma identidade de reforço negativo com relação à cidade e à sua população. (Ver seção 4.1)

A segunda fase da pesquisa volta-se para os adolescentes da cidade. Desde minha pesquisa de mestrado, pude observar que os jovens se sentem reprimidos por serem de Ceilândia. É como se todos recebessem o estigma de “bandido”, “traficante”, ladrão” em decorrência de uma representação social gerada para a cidade onde moram e que recai principalmente sobre os jovens. Diante disso, busco dar voz a esses “atores sociais”⁴³ para

⁴³ O termo “atores sociais” é utilizado com base na caracterização proposta por Van Leeuwen (2008).

identificar: Como o adolescente descreve a cidade em que mora? Diante das revelações desses atores, busca-se instigar um discurso reflexivo e crítico dos jovens em relação ao discurso midiático e sua própria história. Com respeito ao discurso crítico, recorro a Fairclough (2001a; 2003) que assegura que as práticas discursivas são parte irredutível da vida social numa relação dialética entre linguagem e sociedade. Muito precisa ser feito nessa comunidade e para esses atores sociais que foram/são marginalizados geográfica e socialmente desde a origem da cidade até a atualidade.

Trata-se de uma pesquisa-ação que se coaduna com o pensamento de Fairclough (2001a), qual seja, a mudança de práticas sociais transformadoras, através de práticas discursivas. Por ser o discurso uma prática social, essa mudança decorre das ressignificações dos sujeitos e o estabelecimento de novas relações de poder e hegemonias. De acordo com Rojo (2005), é papel do analista expandir a consciência crítica dos falantes. Diante das inquietações, este trabalho busca a reflexão junto a jovens da comunidade. Nas rodas de conversa, objetiva-se ouvir, refletir, agir e, sobretudo, rediscutir. Para tanto, busca-se aproximar respostas para: como (re)construir uma nova identidade social para Ceilândia, e projetada, sobretudo, para a juventude?

Como já mencionado na Introdução, o objetivo central da tese é **buscar uma articulação entre língua, educação e sociedade, por meio de um trabalho voltado, sobretudo, para os jovens de periferia, de modo a contribuir para o fortalecimento de suas identidades sociais que neutralize, sobretudo, a discriminação e garanta passos futuros rumo a uma evolução civilizatória nas práticas discursivas**. E isso envolve uma reflexão teórica com relação ao ser humano no que concerne aos processos relacionados ao mundo do existir, bem como aos atos de se comportar, tanto em contextos de situação quanto em contextos de cultura.

Na sequência, apresento os objetivos operacionais que conduziram os passos da tese.

- 1) Identificar e descrever representações discursivas, que circundam em jornais em torno da cidade de Ceilândia;
- 2) descrever representações discursivas de adolescentes a respeito da cidade onde moram;
- 3) comparar traços do contexto cultural revelados no discurso da mídia com textos produzidos por adolescentes sobre Ceilândia;
- 4) incentivar os jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva.

As questões de pesquisa, apresentadas a seguir, balizam os objetivos específicos delineados acima. O propósito é aproximar respostas aos seguintes questionamentos que levantei desde o projeto inicial da tese.

- 1) Com base no *corpus* documental da pesquisa, é possível apontar a (des)construção de uma identidade de reforço negativo que circula no meio midiático em torno da cidade de Ceilândia?
- 2) Como os adolescentes representam a cidade [Ceilândia] onde moram (contexto de situação)?
- 3) Que traços do contexto cultural se revelam através do discurso midiático e do discurso de adolescentes?
- 4) Como (re)criar uma identidade social inovadora com base na reflexão-ação de natureza crítica?

Com vistas a atingir os objetivos propostos e aproximar respostas às questões de pesquisa, foram traçadas as seguintes estratégias baseadas nas dimensões do processo de pesquisa propostas por Bauer, Gaskell e Allum (2012, p. 19).

Quadro 7 - Dimensões do processo de pesquisa

Questão	Objetivo	Delineamento	Corpus	Análise de dados
Com base no <i>corpus</i> documental da pesquisa, é possível apontar a (des)construção de uma identidade de reforço negativo que circunda no meio midiático em torno da cidade de Ceilândia?	Identificar e descrever representações discursivas, que circundam em jornais em torno da cidade de Ceilândia.	Pesquisa documental Coleta de dados	Textos jornalísticos	ADC e RC (macroanálise) LSF (microanálise)
Como os adolescentes representam a cidade [Ceilândia] onde moram (contexto de situação)?	Descrever representações discursivas de adolescentes a respeito da cidade onde moram.	Geração de dados	Produção de textos	LSF e SA (microanálise)
		Observação	Notas de campo	Codificação
Que traços do contexto cultural se revelam através do	Comparar traços do contexto cultural revelados no discurso da	Discurso midiático x Discurso de adolescentes	Textos jornalísticos e produção de textos	ADC e RC (macroanálise) LSF (microanálise)

Questão	Objetivo	Delineamento	Corpus	Análise de dados
discurso midiático e do discurso de adolescentes?	mídia com textos produzidos por adolescentes sobre Ceilândia.			
Como (re)criar uma identidade social inovadora com base na reflexão-ação de natureza crítica?	Incentivar os jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva.	Grupo focal Geração de dados	Roda de conversa	ADC (macroanálise)

Fonte: elaborado pela autora baseado em Bauer, Gaskell e Allum (2002, p. 19).

3.3 Fase 1 – Pesquisa documental

A primeira fase desta pesquisa recorreu a documentos jornalísticos para analisar se, de fato, as informações veiculadas na mídia, que se referem à cidade de Ceilândia, (des)construem a identidade local. A escolha de discurso midiático (jornal) decorre da circulação de informações proporcionada por este canal e que, acredita-se, contribui para a representação dos atores sociais da comunidade. Marconi e Lakatos (2003, p. 174-175) destacam que, diferentemente do que ocorria nas sociedades pré-letradas, hoje dispomos de um excesso de informação escrita e precisamos ter claros os objetivos da pesquisa para que se possa selecionar adequadamente o tipo de documentação a ser analisada.

Para descrever o Dossiê Ceilândia, que corresponde ao Capítulo 1 desta tese, recorreu-se a dados documentais da época, textos, cartas, reportagens do Correio Braziliense da época (1970-1971); imagens e fotos do arquivo público; relatos e documentários; bem como a uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos com a temática. Embora algumas expressões e informações tenham sido destacadas e analisadas ainda no primeiro capítulo, o foco da pesquisa e análise documental, nesta pesquisa, restringe-se aos documentos datados do ano de 2016.

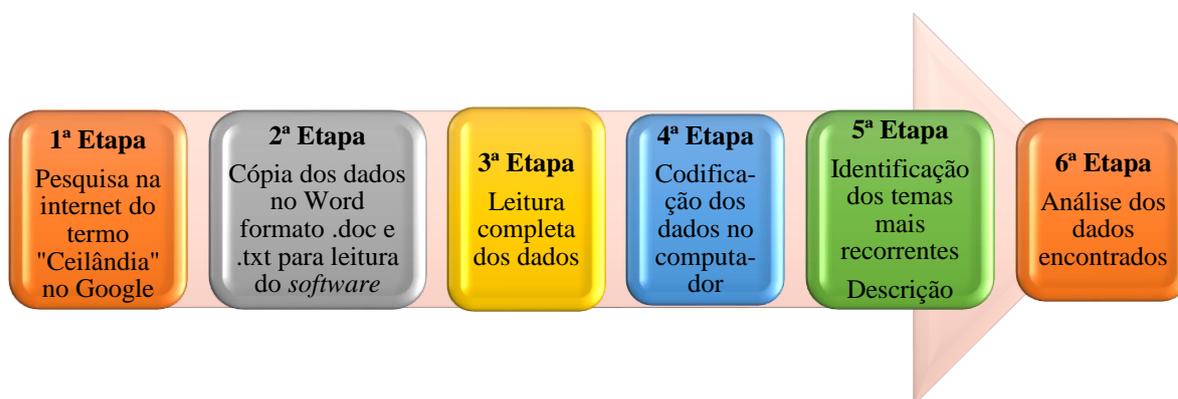
Como mencionado anteriormente, para alcançar o objetivo traçado na primeira fase da pesquisa, busco analisar o discurso midiático à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC) desenvolvida por Fairclough (2001a, 2003), respaldado pela Linguística Sistêmica Funcional (LSF) de Halliday (1994). A ADC e a LSF se complementam. Enquanto esta, em uma análise interna da linguagem, volta-se para um estudo das diferentes instâncias estruturais em diversos contextos, aquela sugere uma abordagem transdisciplinar, externa; uma análise macro do discurso, ou seja, língua como prática social.

3.3.1 A construção do corpus documental

O *corpus* documental desta pesquisa é formado por reportagens de jornais. Optou-se por recortes virtuais, devido à abrangência desse canal nos dias atuais. As reportagens se espalham rapidamente pela internet, em tempo real de curta duração, melhor difundidas, sobretudo, pelo benefício da gratuidade. Os dados documentais foram retirados de páginas de três jornais de veiculação *online*: Metrôpoles (virtual), Correio Braziliense (virtual e impresso) e G1 (virtual e televisivo). A seleção dessas três fontes ocorreu pelas amostras com auxílio da ferramenta de busca do Google, que permitiu observar um maior índice de recorrências do termo “Ceilândia” nos referidos sites. O resultado da busca, em princípio, apresentou um total de mais de três milhões de entradas para a referida palavra. Com a finalidade de restringir a busca, recorreu-se, então, ao uso de três filtros: 1) *web*; 2) qualquer conteúdo; 3) notícias recentes e mais relevantes. O resultado alcançou um número bastante representativo de 53 mil notações. Desse total, delimitou-se a pesquisa no espaço (lugar/jornais) e no tempo (o ano de 2016, que marcou o início do doutoramento). Em virtude da quantidade de material a ser analisado, restringiu-se a análise aos dados do Correio Braziliense que totalizaram 136 reportagens (6679 *word types*; 41255 *word tokens*).

Creswell (2010, p. 219-224) descreve as etapas de análise dos dados em seis passos: 1) organização e preparação dos dados para análise; 2) leitura dos dados e percepção geral das informações; e 3) codificação dos dados; 4) descrição dos temas para análise; 5) identificação da metodologia de análise; 6) análise propriamente dita. Com base no esquema de validação da precisão da informação estruturado por Creswell (2010), traçou-se, para esta fase, a seguinte sequência de procedimento analítico. (Figura 25)

Figura 25 - Procedimentos da 1ª fase da pesquisa



Fonte: elaborado pela autora baseado em Creswell (2010), com adaptações.

A análise de dados seguiu as propostas metodológicas da Análise de Discurso Crítica que, na reconhecida função de método de análise, insere-se em um campo de estudo no qual o pesquisador busca investigar o envolvimento da linguagem, cujo sistema aberto é formado por práticas e associado à Linguística Sistêmico-Funcional. O resultado da análise dessa fase da pesquisa será apresentado no Capítulo 4.

3.3.2 *AntConC*

A codificação consiste na organização dos dados em “blocos ou segmentos de texto” e pode ser feita manualmente ou com auxílio do computador, como bem sugere Creswell (2010). Entre os diversos programas de computador criados com a função de codificar dados de uma pesquisa, selecionei o *AntConc*. Este *software* é um concordanciador *freeware*, isto é, que não implica custos para sua utilização e pode ser adquirido gratuitamente na internet e instalado no computador. O *AntConc* foi desenvolvido por Laurence Anthony⁴⁴ e funciona em sistemas operacionais Windows, Macintosh OSX e Linux. O programa foi desenvolvido para atender à demanda de ferramentas para análise linguística de *corpus*, uma vez que seu criador também realiza pesquisa nessa área. Neste trabalho, foi utilizada a versão 3.5.8 do *AntConc*.

Para preservar os dados da reportagem, as imagens, bem como os dados da publicação (autor, data e hora), os textos coletados foram salvos em formato .DOC; e em seguida, transformados também no formato .TXT para serem analisados no *AntConc*. O formato do documento e a leitura de imagens são algumas das limitações do *AntConc*, que difere de outros *softwares* proprietários.⁴⁵ Entretanto, o programa atendeu às principais demandas desta pesquisa, quais sejam, a listagem dos termos que mais se destacaram nas reportagens e as combinações associadas às palavras. Ao abrir o programa, temos a seguinte *interface* (Figura 3).

⁴⁴ Laurence Anthony é professor da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade de Waseda, no Japão. Seus interesses de pesquisa incluem linguística de *corpus*, tecnologia educacional, processamento de linguagem natural (NLP) e análise de gênero. Dados disponíveis em: <http://www.laurenceanthony.net/>. Acesso em: 2 jun. 2018.

⁴⁵ Os *softwares* proprietários, também conhecidos por “não livres” ou “privativos”, possuem direitos comerciais exclusivos para instalação e uso. Normalmente, a fim de que se possa utilizar, copiar, ter acesso ao código-fonte ou redistribuir, deve-se solicitar permissão ao proprietário, ou pagar para poder fazê-lo: será necessário, portanto, adquirir uma licença. Fonte de informação: https://pt.wikipedia.org/wiki/Software_propriet%C3%A1rio. Acesso em: 2 jul. 2018.

Figura 26 - Interface do *AntConc*

• Ao abrir o *AntConc*, esta é a janela principal.

Mostra o termo pesquisado e as linhas de concordância.

Mostra os resultados em código de barras, permitindo identificar onde esses se encontram no texto.

Mostra o texto o texto que forma o *corpus* individualmente.

Faz buscas de *clusters*: o termo sendo pesquisado combinado com 2 ou mais palavras que ocorrem em determinada frequência. Elabora um N-Grama, combinações de duas ou mais palavras que ocorrem em determinada frequência com todas as palavras do *corpus*.

Mostra os colocados de um termo pesquisado e permite investigar padrões não sequenciais.

Gera uma lista com todas as palavras do *corpus* apresentadas em ordem de frequência. Informa o número de *types* e de *tokens*.

Compara o *corpus* de estudo com um *corpus* de referência e gera uma lista de palavras-chave.

Fonte: tutorial do *AntConc*. Disponível em: <http://bit.ly/AntConc>. Acesso em: 19 nov. 2016.

Na Figura 3, podemos observar que a tela inicial do *AntConc* possui uma interface amigável, isto é, de fácil navegação. Os dispositivos de codificação encontram-se em abas na parte superior e podem ser alternados com um “*click*”. Após carregar os textos para o programa, o primeiro passo na codificação foi utilizar a ferramenta *Word List* para verificar a frequência dos termos individualmente. Em seguida, utilizou-se o recurso *Clusters/N-Grams* para examinar as combinações associadas às palavras que mais se destacaram no *corpus*.

Para complementar, recorreu-se às ferramentas *Concordance* e *File View*, para localizar o termo pesquisado dentro da frase ou no texto, respectivamente. O programa também permitiu fazer busca de grupos de palavras semelhantes, como por exemplo: polícia, polícias, PM, PMDF, PMs, policial, dentre outros grupos, que se encontravam separados quando da busca no *Word List*. Esse recurso permitiu averiguar, com mais precisão, os termos recorrentes que estavam associados à palavra Ceilândia, os quais serão, mais adiante, a base da discussão analítica. Pardo Abril (2006, p. 244) destaca que “os dados estatísticos constituem a chamada saliência quantitativa com base na qual é possível identificar os elementos relevantes para as

análises subsequentes”.⁴⁶ A informação repetitiva nos documentos é a base inicial da análise documental.

3.4 Fase 2 – Pesquisa em ação

Denomino, a segunda fase do trabalho, **Pesquisa em Ação**. Essa fase aproxima-se da pesquisa-ação, uma modalidade de pesquisa nas Ciências Sociais que surgiu há mais de cinquenta anos nos Estados Unidos. Tal modalidade tem suas origens na obra do psicólogo Kurt Lewin (1946 *apud* KEMMIS; MCTAGGART, 1988) que desenvolveu uma série de experimentos comunitários na América do Norte pós-guerra no intuito de manter o sentido de comunidade como meio para se conseguir “o bem comum”. Autores como Hugon e Seigel (1988 *apud* BARBIER, 2007) consideram a pesquisa-ação uma excelente ferramenta de transformação da realidade, uma vez que tem um caráter libertador e crítico, conduzindo a uma verdadeira democratização da pesquisa.

A pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão **coletiva** empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. (KEMMIS; MCTAGGART, 1988, p. 9, grifo dos autores).⁴⁷

Segundo Elliot (2000, p. 17), na pesquisa-ação, há um movimento cíclico denominado **espirais de reflexão e ação**. O autor Barbier (2007, p. 117) salienta que a abordagem em espiral se deve ao efeito recursivo da “reflexão permanente sobre a ação” e isso engendra o crescimento da pesquisa, uma vez que o pesquisador passa a olhar o objeto de diferentes ângulos. Tal recurso produz o efeito multirreferencial e, ao fim do processo, gera mudanças permanentes nos participantes.

⁴⁶ Tradução livre de: “los datos estadísticos constituyen la llamada saliencia cuantitativa con base en la cual es posible identificar los elementos relevantes para los análisis ulteriores”.

⁴⁷ Tradução livre de: “la investigación-acción es una forma de indagación introspectiva *colectiva* empreendida por participantes en situaciones sociales con objeto de mejorar la racionalidad y la justicia de sus prácticas sociales o educativas, así como su comprensión de esas prácticas y de las situaciones em que éstas tienen lugar.”

Figura 27 - Espiral da pesquisa-ação



Fonte: elaborada pela autora.

A pesquisa em ação foi o método escolhido para esta fase da pesquisa tendo em vista seu aspecto inovador que se deve principalmente a três pontos: caráter participativo, impulso democrático e contribuição à mudança social. Com base nas discussões promovidas em sala de aula nas rodas de conversa, a ação proposta pelos jovens foi voltada para os próprios participantes. Os adolescentes pediram um curso de formação em informática em que pudessem aprender a criar um currículo, elaborar gráficos, enviar e-mails, entre outras atividades. Em um mundo totalmente informatizado, os jovens veem a necessidade de conhecimento que possa “colocá-los no mercado de trabalho futuramente”, essas foram as palavras.

Em um contexto social de baixa renda, os adolescentes amadurecem precocemente, às vezes, “forçados” a assumir uma posição no comércio para ajudar a suprir as necessidades básicas em casa. Como as rodas de conversa aconteceram no fim de 2018, deixei toda estrutura do curso para ser apresentada no ano seguinte.

Em 2019, a proposta “Letramento.comUnidade” (ver Apêndice E) foi levada à direção da escola que a aprovou de imediato. Além de atender os jovens, a formação visava proporcionar uma formação para os funcionários da escola. O colégio dispunha de uma sala de informática, o que contribuía para a instrução no próprio espaço escolar. Entretanto, o curso não pôde ser realizado. As máquinas estavam obsoletas e não suportavam a atualização do sistema e/ou a conexão com a internet. Algumas máquinas não tinham mais peças de reposição. Infelizmente, essa etapa não pôde ser concluída ainda.

3.4.1 Perfil das escolas

Diante das “diversas Ceilândias em uma só”, explicitado no capítulo 1 desta tese, optou-se por selecionar duas escolas situadas em dois espaços distintos da Ceilândia. Trata-se de

escolas públicas, que trabalham com o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e recebem jovens de 11 a 17 anos nos turnos matutino e vespertino. A primeira, encontra-se na Expansão do Setor O. É o local onde foi realizada minha pesquisa de mestrado e para onde retorno para dar continuidade ao estudo, dessa vez com o objetivo de promover uma reflexão sobre o lugar onde os jovens moram. A segunda, está localizada no Setor Habitacional do Sol Nascente. O lugar é considerado a maior favela do Distrito Federal e a segunda do País. A região tem problemas com saneamento básico, muito lixo nas ruas e falta de esgoto. A luz e a água, muitas vezes, chegam por meio de ligações clandestinas. Busca-se, diante de realidades que ora se aproximam, ora se distinguem, olhares diversos sobre a Ceilândia.

3.4.2 Perfil dos participantes

Quanto aos participantes, o trabalho foi realizado com jovens estudantes na faixa etária de 13 a 17 anos moradores de Ceilândia. Os jovens foram convidados a descrever a cidade onde moram, participaram de uma entrevista e colaboraram em rodas de conversa. Foi formado um grupo focal com 10 participantes para as rodas de conversa. Devo ressaltar que o trabalho com o grupo focal ocorreu somente em uma das escolas, pois não me foi disponibilizado espaço/tempo para realização na outra. Por questões éticas, garante-se no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o anonimato de todos os participantes que são tratados por o jovem/o adolescente sem identificação do gênero categoria que, embora consideremos relevante, ultrapassa nossos interesses para análise na presente tese

3.4.3 Procedimentos metodológicos na coleta e geração de dados

A geração de dados ocorreu por meio de uma produção de texto; observação em sala de aula no intuito de aproximação dos participantes; notas de campo; bate-papo em rodas de conversas para discutir e planejar ações de (re)construção da representação da cidade onde moram; e entrevistas individuais para conhecer melhor os participantes.

3.4.3.1 Produção textual

No intuito de confrontar o discurso midiático com o discurso de adolescentes, os jovens produziram um texto onde puderam manifestar sua visão sobre “**A cidade onde moro**”. Tal proposta visou identificar nos relatos e descrições o olhar do morador para posteriormente

promover reflexão no grupo focal. Parte do roteiro das rodas de conversas emergiu desses textos. Essa etapa ficou sob a orientação do professor regente, que conduziu a tarefa para que os jovens escrevessem sobre o assunto. Devo esclarecer que a proposta apresentada às professoras era para que propusessem aos jovens que escrevessem livremente sobre a cidade. As duas professoras intermediaram de forma distinta a condução da atividade. Uma propôs que os estudantes pesquisassem sobre notícias da cidade para construir seu texto, enquanto a outra traçou um roteiro com questões a serem respondidas no texto. Os textos da escola A ficaram mais associados ao julgamento e à apreciação de textos já publicados em jornais; e os da escola B, ao afeto, pois os jovens falam por si, da sua realidade.

3.4.3.2 *Observação*

Em uma pesquisa social, a observação é uma etapa relevante para todo investigador. Tal procedimento consiste em ver, ouvir e examinar os fatos e os fenômenos que se pretende investigar. Na pesquisa qualitativa, o cientista social é um observador natural. Precisa ter sensibilidade para descrever o que é visível no estudo, e também para o que não é perceptível de imediato. (VIDICH; LYMAN, 2006). A observação permite ao pesquisador se aproximar de seu objeto de estudo e fazer descobertas que, em um contato momentâneo, talvez não fossem descritas. Cabe ressaltar aqui, no entanto, que a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento do grupo, já que “ao se sentirem observadas, [as pessoas] tendem a ocultar seu comportamento, pois temem ameaças à sua privacidade” (GIL, 2008, p. 101). Agrosino (2009) e Gil (2008) divergem quanto a entender a observação como um método de investigação. Enquanto este considera a observação como técnica, pois perpassa toda a pesquisa; aquele entende a observação apenas como papel adotado pelo etnógrafo. Denize Silva (1991, p. 50) sugere que

[...] é preciso esclarecer que a observação participante, para ser um procedimento válido e fidedigno de investigação, exige do pesquisador um planejamento e uma decisão quanto ao grau de observação e participação no contexto em que ocorre o fenômeno pesquisado. Isso equivale a determinar com antecedência “o quê” e “como” observar.

Na fase da pesquisa, entende-se a observação como uma técnica de coleta de dados e a definição do papel do pesquisador é parte do método. Denize Silva (1991, p. 52) aponta diferentes tipos de participantes no contexto pesquisado: a) participante total; b) participante

como observador; c) observador como participante e d) observador total. Em Creswell (2010, p. 213), temos a seguinte representação.

Quadro 8 - Papel do participante

Opções de observação	Características	Vantagens	Desvantagens
Participante completo	O observador não revela ao grupo investigado sua verdadeira identidade e nem seus objetivos.	O pesquisador pode interagir mais naturalmente com os sujeitos investigados e captar aspectos que sejam de seu interesse.	Os pesquisadores podem ser vistos como invasivos.
Observador como participante	O pesquisador revela sua identidade e os objetivos do estudo.	O pesquisador pode contar com a cooperação do grupo e registrar informações, caso ocorram.	Podem ser observadas informações privadas que o pesquisador não pode relatar
Participante como observador	O pesquisador não oculta sua identidade, revelando, porém, apenas parte do que pretende investigar para não provocar muitas alterações no comportamento do grupo observado.	Permite consciência mútua da relação entre pesquisador e informantes.	O pesquisador pode não ter boas habilidades de atenção e observação.
Observador completo	O pesquisador não interage com o grupo observado.	Sua atividade é desenvolvida sem o conhecimento do grupo, ou seja, os pesquisados ignoram que estejam sendo observados.	Pode-se ter problemas para conseguir relacionamento com determinados participantes.

Fonte: baseado em Creswell (2010, p. 213), Lüdke e André (1986, p. 28-29) e Denize Silva (1991, p. 51-52).

Diante das opções apresentadas no Quadro 8, assumi o papel de participante como observadora durante a geração de dados da pesquisa, visto que o trabalho ocorreu com a ciência do grupo e mediante assinatura de o Termo Livre e Esclarecido, que é parte das exigências do Comitê de Ética para pesquisa com humanos.

3.4.3.3 Nota de Campo

As notas de campo são registros feitos durante a observação. Bronislaw Malinowski,⁴⁸ antropólogo, foi quem deu início a essa técnica, quando passou a sistematizar suas observações

⁴⁸ Um dos mais importantes antropólogos do século XX, Malinowski é amplamente reconhecido como o fundador da antropologia social. Entre os anos de 1915 e 1918, Malinowski passou a morar nas ilhas Trobriand, no sudoeste do Pacífico, onde conviveu com os nativos e morou numa tenda. Lá aprendeu a língua e os costumes e, por meio de entrevistas e observações no próprio meio, conseguiu um registro acurado sobre aquela sociedade. Disponível em: <https://biomania.com.br/artigo/bronislaw-malinowski>. Acesso em: 4 jul. 2018.

durante o tempo em que morou nas ilhas Trobriand e conviveu com aborígenes. O registro das observações desenvolveu no pesquisador um olhar mais atento e focado no objeto de seu interesse, bem como a descrição de eventos que possibilitem uma análise mais completa do problema e uma reflexão sobre os acontecimentos. Segundo Bogdan e Biklen (1982 *apud* LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 30), “o conteúdo das observações deve envolver uma parte descritiva e uma parte mais reflexiva”. A parte descritiva compreende: a) descrição do sujeito; b) reconstrução de diálogos; c) descrição de locais; d) descrição de eventos especiais; e) descrição das atividades; e f) os comportamentos do observador.

As observações pessoais do pesquisador constituem a parte reflexiva das anotações, que podem ser feitas durante ou logo após a fase da coleta. Compõem a parte da observação reflexiva as especulações do observador, os sentimentos; as dúvidas, incertezas, decepções, e surpresas; os problemas ocorridos nessa fase; e também as ideias, as impressões e as preconceções. Para Bogdan e Biklen (1982 *apud* LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 31), as reflexões podem ser: a) analíticas; b) metodológicas; c) dilemas éticos e conflitos; d) mudanças na perspectiva do observador; e e) esclarecimentos necessários. As anotações constituem uma ferramenta primordial na pesquisa de natureza etnográfica e, como tal, têm a finalidade de construir um retrato da realidade que foi vivenciada pelo pesquisador (enquanto descritiva); bem como de auxílio à memória, uma vez que há dados que não estão escritos e nem foram falados, mas que foram percebidos através de gestos, pausas, “fugas” do participante. (CAMPÊLO, 2014, p. 57).

Inicialmente, essas notas de campo deveriam aparecer em uma subseção ou nos apêndices. Mas, em obediência aos princípios éticos dessa pesquisa, devo ressaltar, aqui, apenas algumas anotações do meu campo. As observações aconteceram apenas em uma das instituições. Estive quatro vezes com os adolescentes antes de iniciar a interação com os jovens. Nesses momentos, pude identificar que a inassiduidade dos estudantes é alta. Na lista de frequência, constavam 29 matriculados, mas na sala estavam 14 ou 16 frequentes. Os jovens sentavam-se em grupos e alguns se isolavam no fundo da sala. Pude identificar que a ausência não era só física. Muitos adolescentes estavam distantes da aula também. E isso preocupou-me. Em que estaria pensando? Em conversas livres, vi carência dos jovens. Um veio me mostrar seu talento artístico e lamentou: “Ninguém reconhece meu trabalho. Só você e uma outra professora que eu tive fizeram isso”. Outro contou-me da vida em família: Morava com a mãe. A avó quis que a mãe o abortasse. Não conhece o pai. Observei que esses jovens têm outras necessidades que estão além das materiais. A história de vida desses adolescentes é uma história

superação, de enfrentar desafios desde muito novos, de lutar por espaços e de não enfraquecer frente aos obstáculos do mundo e à discriminação que os persegue.

3.4.3.4 Roda de conversa

A proposta de rodas de conversa na pesquisa vai ao encontro da pesquisa-ação, que visa a construção conjunta de ação-reflexão. É a oportunidade de abrir espaços para debates, permitir que os participantes interajam e exponham suas opiniões e concepções sobre os temas propostos. A dinâmica da atividade prevê discutir com os jovens as análises realizadas nos jornais, com o objetivo de levar a uma reflexão coletiva que se concretize em ações para a (re)construção da imagem da cidade. Gaskell (2012) considera que atividades em grupo⁴⁹ são o elemento motivador da interação social entre os participantes. O objetivo do grupo é estimular a participação e a reação das pessoas sobre o discurso da mídia referente à cidade e sobre as opiniões divergentes dentro do próprio grupo. Espera-se, com este trabalho, que frutifiquem ideias criativas que possam ser levadas a cabo em projetos para a cidade. Ainda que as Rodas de Conversa se aproximem das propostas de um Grupo Focal, destaca-se aqui a atividade, o debate; bem como o espaço de pesquisa, a sala de aula, para justificar o termo adotado. Gaskell (2012, p. 76) destaca algumas características que são observáveis no trabalho em grupo e mostram sua relevância:

1. Uma sinergia emerge da interação social. Em outras palavras, o grupo é mais do que a soma de suas partes.
2. É possível observar o processo do grupo, a dinâmica da atitude e da mudança de opinião e a liderança de opinião.
3. Em um grupo pode existir um nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista a dois.

Ao pesquisador/moderador das rodas de conversa caberá apresentar a si próprio, o assunto e o ideal de uma discussão. Ele precisa tomar nota dos nomes de todos os participantes a cada dia, bem como identificar as posições na sala. Cabe ao pesquisador/moderador encorajar a participação de todos, agradecer a contribuição, direcionar questões a participantes pouco ativos, instigar debates.

⁴⁹ Gaskell (2012, p. 75) trata de entrevistas em grupos focais. Embora se assuma neste trabalho a roda de conversa, a proposta não deixa de ser uma espécie de entrevista em que o moderador “provoca” reflexões do grupo.

3.4.3.5 Entrevista

Para abarcar o máximo de informações do local e de cada participante adolescente, optei também por uma entrevista semiestruturada com os jovens que atenderam ao meu convite para colaborar com a pesquisa. A importância da entrevista na pesquisa qualitativa é assim comentada por Gaskell (2012, p. 65):

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação.

O autor destaca ainda que, na entrevista, o participante tem a oportunidade de falar longamente sobre determinado assunto e dispõe de tempo para refletir sobre o que vai falar. Trata-se de uma interação face a face entre pesquisador e pesquisados que permitirá compreender parte do contexto cultural (crenças e valores) e do contexto de situação em que estão inseridos os atores da minha pesquisa. (LAVILLE; DIONNE, 1999). Gaskell (2012, p. 71) considera que há um limite máximo de entrevistas para cada pesquisador, que gira em torno de 15 a 25 individuais. O autor pondera que se deve destinar um tempo para a transcrição das gravações e análise dos dados e, assim, ir além da superficialidade da pesquisa. Por esse motivo, o número de participantes dos grupos focais foi repensado e reduzido para este trabalho.

A entrevista individual foi planejada para ocorrer após o período de observação e depois de algumas rodas de conversa, tendo em vista tentar superar um dos problemas apontados por Gaskell (2012) para esse método, qual seja, o constrangimento do entrevistado em dar respostas a um desconhecido, o que poderia interferir nas informações necessárias, na retenção de alguns dados. Marconi e Lakatos (1996) sugerem atenção quanto à fase de preparação de uma entrevista: planejamento, tendo em vista o objetivo a ser alcançado; conhecimento prévio do entrevistado, destaque para o interesse e adequação da linguagem; agendamento da entrevista; garantia de confidencialidade e anonimato aos entrevistados; preparação do roteiro. No Quadro 3, segue o roteiro planejado para esta pesquisa.

Quadro 9 - Etapas da entrevista

FASES	DIRETRIZES	DESCRIÇÃO
Preparação		Exploração do Campo. Formulação de questões para a entrevista.
1. Iniciação	a) Contato inicial	Explicar a finalidade da pesquisa. Apresentar os objetivos. Destacar a relevância da colaboração. Formulação do tópico inicial da narração.
2. Fase de perguntas	b) Formulação das perguntas	Seguir o roteiro das perguntas pré-estabelecidas. Modificar as perguntas para que haja entendimento da questão. Complementar com outras questões a fim de acrescentar mais detalhes às respostas. Fazer uma pergunta de cada vez.
3. Narração central		Deixar o entrevistado falar à vontade.
4. Fala conclusiva		Encerramento e agradecimentos.

Fonte: elaborado pela autora com base nos textos de Gaskell (2012) e de Marconi e Lakatos (1996).

No quadro a seguir, apresento algumas questões para a entrevista semiestruturada.

Quadro 10 - Perguntas básicas para os adolescentes

<p>1) Você me permite gravar o que me contar sobre sua vida?</p> <p>2) Onde você nasceu?</p> <p>3) Você mora com quem?</p> <p>4) Qual é a sua rotina diária?</p> <p>5) Desde quando você mora em Ceilândia?</p> <p>6) Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?</p> <p>7) Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nesta cidade.</p> <p>8) Que manchete sobre a sua cidade você gostaria de ver estampada na página de um jornal?</p> <p>9) O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?</p> <p>10) Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade-satélite do DF, que tem o maior número populacional, o que você acha que os políticos poderiam fazer em relação a esta cidade?</p> <p>11) Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?</p>
--

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao questionário, devo ressaltar que, a princípio, a Pergunta 10 era para avaliar a baixa representatividade de políticos da cidade. Entretanto, observei que os jovens tiveram dificuldade em entender essa relação de representação política da comunidade na esfera Legislativa ou Executiva, o que me obrigou a substituir a questão por uma mais palpável.

A documentação da entrevista seguiu o modelo de ficha proposto por Flick (2004, p. 185) para identificar os entrevistados, documentar o contexto e a situação da geração de dados. Fiz algumas adaptações que considerei relevantes no momento da entrevista. A organização dos dados foi pautada pelo propósito de documentar cada entrevista em sua especificidade, e é sempre balizada pela ética na pesquisa, conforme sugere Denize Silva (2003b).

Quadro 11 - Ficha de documentação

Ficha de documentação	
Informações sobre a entrevista e o entrevistado	
Data da entrevista:	Local:
Duração da entrevista:	
Pseudônimo para o entrevistado:	
Cidade onde nasceu:	
Cidade em que vive:	
Sexo:	Idade:
Nível de escolaridade:	
Profissão dos pais ou responsável:	
Observações:	

Fonte: elaborado pela autora com base na ficha proposta por Flick (2004, p. 185).

3.4.4 Saturação de dados

Ao iniciar a construção do *corpus* de uma pesquisa, diversas questões circundam o pesquisador e, uma, especialmente, é saber quando parar de buscar mais dados. Segundo Bauer e Aarts (2012, p. 55), o *corpus* é considerado como um sistema que cresce e essa ampliação deve atingir o limite de não haver mais variedade. Para Minayo (2017, p. 4-5), a amostra deve estar vinculada à dimensão do objeto (ou da pergunta) a ser pesquisado e o seu tamanho dependerá de um processo ativo de reflexão. O termo *Saturação* foi usado pela primeira vez por Glaser e Strauss (1967, p. 61) e, nas palavras dos autores, significa: “que nenhum dado adicional está sendo encontrado, pelo qual o sociólogo pode desenvolver propriedades da categoria”.⁵⁰

Na tentativa de alcançar a saturação, ele [o analista] maximiza as diferenças em seus grupos, a fim de maximizar as variedades de dados que suportam uma

⁵⁰ Tradução livre de: “Saturation means that no additional data are being found whereby the sociologist can develop properties of the category”.

categoria e, assim, desenvolve o maior número possível de propriedades diversas da categoria. Os critérios para determinar a saturação, então, são uma combinação dos limites empíricos dos dados, a integração e densidade da teoria e a sensibilidade teórica do analista. (GLASSE; STRAUSS, 1967, p. 62).⁵¹

Os autores Ritchie, Lewis e Elam (2003, p. 84) destacam que, quanto mais heterogêneo for a população da pesquisa, maior será o tamanho da amostra e o ponto de saturação. Bauer e Aarts (2012, p. 59) apontam que a “*saturação é o critério de finalização*” e que “a variedade representacional é limitada no tempo e no espaço social”. Atenta a todas as informações e à saturação, os dados empíricos foram gerados em duas escolas, tendo em vista as “diversas Ceilândias em uma só”. Após a geração de dados, observaram-se relatos distintos para uma mesma Ceilândia.

3.5 Triangulação

Busca-se, nesta pesquisa, a coleta de diversos materiais empíricos cuja intenção é a saturação dos dados, bem como a utilização de várias práticas interpretativas que se aproximam e se complementam para que o estudo possa apresentar uma compreensão melhor do assunto que está sendo investigado. Para tanto, recorre-se a uma combinação que permite uma triangulação de dados e uma triangulação analítica. O conceito de triangulação deriva, em princípio, da agrimensura, na qual o profissional precisava obter uma localização precisa entre dois pontos e, para tanto, construía um triângulo. A distância era conhecida a partir dos ângulos do triângulo e o objeto distante. (FLICK, 2009; GIBBS, 2009). O termo é aplicado à pesquisa social como metáfora da prática dos agrimensores que, “por analogia, tentam mapear, ou explicar mais completamente, a riqueza e a complexidade do comportamento humano, estudando-o de mais de um ponto de vista [...]” (COHEN; MANION; MORRISON, 2007, p. 141).

Nesse sentido, Silverman (2009, p. 261, grifo nosso) explica que “a triangulação, em geral, se refere à combinação de muitas teorias, de muitos métodos, observadores e materiais empíricos para produzir uma representação **mais acurada, abrangente e objetiva do objeto de estudo**”. Tal aplicação permite um “excedente principal de conhecimento” e isso contribui

⁵¹ Tradução livre de: “In trying to reach saturation he maximizes differences in his groups in order to maximize the varieties of data bearing on a category, and thereby develops as many diverse properties of the category as possible. The criteria for determining saturation, then, are a combination of the empirical limits of the data, the integration and density of the theory, and the analyst's theoretical sensitivity”.

para “promover a qualidade na pesquisa”. (FLICK, 2009, p. 62). A triangulação pode ser aplicada como uma abordagem para ampliar e complementar, sistematicamente, as possibilidades de elaboração e realização do conhecimento.

A combinação de múltiplas práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas e observadores em um único estudo é mais bem entendida, então, como uma estratégia que acrescenta rigor, abrangência, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação. (DENZIN; LINCOLN, 2005, p. 5).

De acordo com Denzin (1970 *apud* FLICK, 2009, p. 63-65), há quatro formas de triangulação: a) de dados, sugere estudar o mesmo fenômeno em momentos diferentes, em locais diferentes e com pessoas diferentes; b) de investigadores; c) de teorias e d) de métodos (dentro de métodos e entre métodos). Se, para alguns estudiosos, a triangulação constitui um princípio metodológico para a validação de um trabalho científico, Silverman (2009) rejeita essa abordagem porque isso implicaria acreditar que existam realidades e concepções únicas. Diante disso, o autor sugere que a triangulação deve ser vista como uma estratégia de enriquecimento da pesquisa, propósito que subjaz ao presente estudo.

3.5.1 Triangulação de Dados – Dados Midiáticos x Produção de Texto x Reflexão

A triangulação de dados permitiu um confronto das informações coletadas. Os dados midiáticos foram codificados com ajuda do computador e analisados a partir da frequência dos termos usados no discurso. A produção de textos dos jovens também foi codificada (manualmente) e analisada. A partir de então, foram comparados o discurso midiático e o discurso dos jovens para verificar a aproximação e a divergência quanto à temática Ceilândia. A reflexão foi levada a cabo para discutir estruturas ideológicas que são impostas na sociedade através da linguagem e que visam à dominação e ao poder sobre um grupo.

Figura 28 - Triangulação de dados



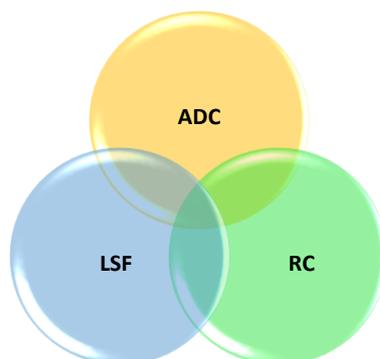
Fonte: elaborada pela autora.

A Figura 28, representa a temática central desta pesquisa, qual seja, a cidade de Ceilândia; e nas três pontas encontram-se os *corpora* que serão aproximados na perspectiva da triangulação analítica.

3.5.2 Triangulação Analítica – ADC x LSF x RC

O presente trabalho, de cunho qualitativo (descritivo-interpretativo), ancora-se na abordagem teórico-metodológica da Análise de Discurso Crítica, uma vez que esta concebe a língua como prática social (FAIRCLOUGH, 1992); na LSF, enquanto estabelece a conexão da linguística “às práticas sociais em seus **contextos de cultura e de situação e propicia a consciência dos gêneros do discurso e seus propósitos nos diversos domínios sociais**” (SILVA, E., 2010, p. 62, grifo nosso). A segunda fase da pesquisa recorreu aos aspectos avaliativos detalhados por Martin e White (2005) e White (2004); e do Realismo Crítico, ancorados em Bhaskar ([1979], 1998), Papa (2008) e Barros (2015).

Figura 29 - Triangulação analítica



Fonte: elaborada pela autora.

Na Figura 29, observa-se uma aproximação dos três conceitos teórico-metodológicos nos quais apoio este estudo. A seguir, descrevo cada uma das abordagens, enquanto método analítico.

3.5.2.1 *Realismo Crítico*

O Realismo Crítico (RC) tem um caráter interdisciplinar voltado para questões epistemológicas e ontológicas referentes à pesquisa de cunho social e que visa a uma investigação racional, crítica e emancipatória. Por sua natureza filosófica e autônoma, o RC contribui como embasamento teórico e metodológico de estudos dentro das ciências sociais que procuram interpretar a relação entre indivíduo e sociedade. O RC considera que o real (o mundo) precisa ser analisado além do superficial, levando o sujeito a uma compreensão mais profunda de si, da sociedade e das relações de poder e, conseqüentemente, que tais reflexões promoverão mudanças sociais. Cabe salientar que os fenômenos sociais são incomensuráveis, mas isso não impede sua interpretação científica. Barros (2015, p. 24) destaca que “o RC busca compreender as conexões entre os fenômenos e não as regularidades entre eles. Reconhece a necessidade de interpretar significados, ainda que não seja uma saída única para as explicações causais, considerando que razões podem ser causas”.

A proposta de uma “crítica explanatória” nos estudos das ciências sociais de Bhaskar contribuiu para a estrutura de análise metodológica apresentada por Chouliaraki e Fairclough (1999) que será apresentada na próxima subseção.

3.5.2.2 *ADC*

No tocante à ADC, Fairclough (2010, p. 226) considera quatro etapas⁵² (que podem ser aprofundadas em vários passos), formuladas enquanto metodologia para estudo. Entretanto, para esta pesquisa, resgato a quinta etapa que foi apresentada em Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 60) e acrescento uma sexta etapa, proposta por Barros (2015, p. 109). A saber:

- ✓ 1ª Etapa: concentre-se em um erro social, em seu aspecto semiótico.
- ✓ 2ª Etapa: identifique os obstáculos para lidar com esse erro.
- ✓ 3ª Etapa: considere se a ordem social “precisa” do erro social.

⁵² Anteriormente, em Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 66), os autores apresentam 5 etapas de análise. A última consistia em Reflexão das análises (Reflection on the analysis).

- ✓ 4ª Etapa: identifique as possíveis maneiras de ultrapassar os obstáculos.
- ✓ 5ª Etapa: reflita sobre a análise.
- ✓ 6ª Etapa: defina um novo problema de pesquisa.

Deve-se esclarecer que Fairclough (2010, p. 226, tradução nossa) utiliza a expressão “erro social” em preferência a problemas, pois acredita que “os erros incluem injustiças e desigualdades que as pessoas passam, mas que não são erros necessários no sentido de que, dadas certas condições sociais, poderiam ser corrigidas ou pelo menos mitigadas”.⁵³

1ª etapa: percepção de um erro social

O erro social que destaco neste estudo é relativo ao discurso midiático que circunda a cidade de Ceilândia e que marginaliza (isto é, põe à margem, segrega) e macula a comunidade e, principalmente, os jovens da região. Busco identificar as realizações semióticas da macroestratégia que permeiam o discurso linguístico midiático e que ocasionam a discriminação da população local.

2ª etapa: obstáculos a serem superados

- a) Analisar as relações dialéticas entre semiose e outros elementos sociais: entre ordens do discurso (estrutural) e outros elementos da prática social, entre textos e outros elementos de eventos.
- b) Selecionar textos e categorias para análise
 - Selecionar textos jornalísticos.
 - Selecionar produção de textos dos jovens.
 - Verificar as reflexões das rodas de conversa.
 - Estabelecer categorias para análise.
- c) Analisar o discurso (tanto análise interdiscursiva quanto análise semiótico-linguística)
 - Analisar as representações linguístico-discursivas voltadas para temática Ceilândia em jornais de circulação *online*.
 - Analisar os discursos dos jovens no texto produzido em sala.
 - Relacionar o discurso midiático ao discurso de adolescentes.

⁵³ Tradução livre de: “Wrongs include injustices and inequalities which people experience, but which are not necessary wrongs in the sense that, given certain social conditions, they could be righted or at least mitigated”.

3ª etapa: a ordem social “precisa” do erro social? (Reflexão)

Investigar se os discursos midiáticos contribuem para macular a construção de uma identidade pejorativa da cidade. Refletir sobre as análises realizadas.

4ª etapa: possíveis maneiras de superar obstáculos

Apontar caminhos, por meio da língua como prática social (discurso), que permitam minimizar, ou, em condições propícias, transformar práticas discursivas que promovam a (re)construção do discurso através de atores sociais mais conscientizados dos problemas de sua comunidade. Como bem esclarece Silva,

no centro da proposta da ADC, encontra-se o incentivo para pesquisas cujos resultados permitam ao investigador apontar ou, em condições propícias, **combater os efeitos maléficos da sociedade**, razão pela qual constitui um lema constante para analistas críticos a proposta fairclougheana de que toda pesquisa para ser útil deve resultar numa prática social transformadora. Isso, porque os discursos implicam, simultânea e dialeticamente, práticas sociais: como maneiras de (inter-)agir, de representar e de se identificar no mundo. (SILVA, D., 2009, p. 721).

A ADC é voltada para a prática social e como tal o processo teórico-metodológico prevê a construção crítica dentro da pesquisa social, uma vez que há uma relação interna e dialética entre linguagem e sociedade. Por esse motivo, faz-se necessária uma análise textualmente orientada, construída nas bases da LSF, como sugere Fairclough (2003).

5ª Etapa: reflexão da análise

Refletir criticamente sobre as práticas sociais (discursos) da mídia e dos jovens, questionando sua eficácia e apontando contribuições para a emancipação social da comunidade local.

6ª Etapa: definição de um novo problema de pesquisa

Conforme sugere Barros (2015, p. 110-111), o pesquisador crítico deve permanecer por um tempo prolongado em contato com o contexto social investigado. A pesquisa crítica não se encerra com a reflexão das análises, pois trata-se de um movimento cíclico em que a observação promoverá (ou deve promover) ações que revelarão um novo objeto de análise, um outro fenômeno. Este será um novo “erro social” para outra pesquisa que procurará minimizar ou

extinguir o problema. Nas considerações finais, são apontadas outras injustiças sociais que poderão ser objetos de novos estudos.

3.5.2.3 LSF

A ADC coaduna-se à proposta da LSF com a finalidade de apoiar-se em uma teoria gramatical que relaciona o uso de linguagem aos seus contextos de cultura e de situação. Para Fairclough (2003, p. 5), a LSF é “um valioso recurso para análise de discurso crítica”, uma vez que essa teoria “está profundamente preocupada com a relação entre a língua e outros elementos e aspectos da vida social”. De acordo com Silva,

[...] investigar os processos pelos quais a língua passa, moldando uma realidade e sendo por esta moldada. Por esta razão se afirma que um sistema linguístico não é neutro, uma vez que os discursos nele veiculados podem refletir, de algum modo, posições ideológicas e costumes. Até mesmo a forma particular do sistema gramatical de uma língua encontra-se intimamente relacionada com as necessidades pessoais e sociais que a linguagem tem de satisfazer, o que se espelha na criatividade do falante. Daí a necessidade de buscar uma síntese entre estudos de forma e função. (SILVA, 2006, p. 933).

Para Carvalho, A. (2016, p. 110), “a LSF oferece instrumentos que permitem investigar a linguagem segundo a situação em que ela é produzida e entendê-la a partir da função para a qual está sendo produzida tendo em vista quem a produz e para quem, quando, onde, e como a produz”. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o texto está inserido em dois contextos: de Situação, que se refere ao ambiente imediatamente ligado ao texto; e de Cultura, que está ligado ao propósito social, às práticas culturais e às práticas institucionalizadas. Na subseção 2.3.1, abordo um pouco sobre a estreita relação do texto e os contextos.

Ancorado nos conceitos da LSF, este trabalho busca descrever os contextos em que estão inseridos os jovens, tanto o de situação, e isso será feito ainda no Capítulo 1 da tese; como o cultural, que será pormenorizado através da análise dos discursos e nas rodas de conversa).

3.6 Ética na pesquisa

Um bom trabalho de pesquisa requer, além da metodologia certa e análise adequada de dados, reflexão e cuidados relativos a valores e ética do objeto investigado e/ou dos participantes do estudo. Questões como: “por que estamos pesquisando este tópico?”; “queremos ajudar ou proteger as pessoas que estudamos?”, “como lançar mão das

informações?” devem permear toda a pesquisa a fim de se garantir a validade e alcançar os objetivos do trabalho. (CHRISTIANS, 2006; SILVA, D., 2003a; SILVERMAN, 2009).

Em uma conferência realizada nos primeiros anos do século XX, o sociólogo alemão Marx Weber (1946) [...] declarou que toda pesquisa é, de algum modo, influenciada por valores do pesquisador. [...] até mesmo o compromisso com o método científico (ou rigoroso) é em si um valor. [...] as conclusões e as implicações extraídas de um estudo são fundamentadas nas crenças morais e políticas do pesquisador. (SILVERMAN, 2009, p. 282).

As considerações de Weber (1946 *apud* SILVERMAN, 2009) nos remetem para além das pesquisas meramente documentais e nos fazem considerar também os trabalhos realizados com pessoas, nos casos de pesquisas etnográficas, por exemplo. Denize Silva (2003a, p. 163) pondera que nem sempre o pesquisador tem controle total no “desenrolar de determinados tópicos durante conversas (ou entrevistas), principalmente os que versam sobre experiências pessoais”, e que a ética da pesquisa social está relacionada à interação pesquisador e pesquisados. Para Marvasti (2004), a responsabilidade com os participantes da pesquisa não está dissociada das relações que mantemos em nosso dia a dia com as pessoas: ser educado, tratar com respeito, e não fazer/dizer nada que possa prejudicá-las. Porém, dentro da pesquisa, essa atenção vai além das gentilezas diárias, requer tomar certos cuidados para proteger a dignidade e a segurança dos participantes da pesquisa e assegurar a validade dos dados.

Silva, D. (2003a), Marvasti (2004) e Silverman (2009) ressaltam que a ética perpassa a forma de conduzir a pesquisa e coletar os dados; bem como a proteção da identidade dos pesquisados, a empatia com grupos de que não gostamos e a barganha pela participação do sujeito. Diante disso, questiona-se: como ser ético dentro da pesquisa? Quanto à condução da pesquisa e a coleta de dados, Marvasti (2004) aponta que, até a década de 70, eram comum estudos sociais e médicos “extremamente não éticos”, nos quais os participantes eram submetidos a pesquisas com objetivos obscuros, a falta de informação, e a torturas. Quanto à proteção das identidades, os autores Marvasti (2004); Silva, D. (2003); Silverman (2009) destacam o uso de pseudônimos/anonimato para não expor o participante a constrangimento, fruto de declarações feitas durante o curso do trabalho. A confidencialidade implica que, com exceção do pesquisador, ninguém mais saberá a identidade dos participantes. Quanto à empatia com determinados grupos, caberá ao pesquisador a “flexibilização intelectual” para a condução dos trabalhos. Por fim, a pesquisa não deverá obter dados por meio de barganhas, de pressão. O participante deve se sentir livre para participar do estudo. No trabalho realizado com pessoas

pobres, é comum o pesquisador querer ajudar seus participantes. Entretanto, essa ajuda pode se tornar uma “coerção” em troca da contribuição das narrativas para a pesquisa.

Diante do exposto, a pesquisa, ora apresentada, foi submetida aos padrões estabelecidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Pesquisa Humana da Universidade de Brasília e à Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação (EAPE), para avaliação dos aspectos éticos previstos no trabalho e posterior autorização dos membros para procedimento de coleta de dados.

3.6.1 Comitê de Ética

Esta tese coaduna-se com as exigências elencadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, uma instância colegiada, cuja principal função é a reponsabilidade pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição. O Comitê foi criado para atender às normas da Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, a qual assegura o respeito e a proteção aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. A Resolução nº 466/2012 prevê ainda aspectos éticos da pesquisa, os quais cumpro e destaco a seguir:

A eticidade da pesquisa implica:

- a) respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida;
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos;
- c) garantia de que danos previsíveis serão evitados; e
- d) relevância social da pesquisa, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária. (BRASIL, 2012).

Foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido aos representantes legais, nos quais a pesquisadora esclarece o procedimento da pesquisa da qual os seus filhos se propuseram a participar e assegura o sigilo da fonte. Por se tratar de uma pesquisa que envolve adolescentes, também foi preparado o Termo de Assentimento para os menores, por meio do qual eles manifestaram sua anuência em participar da pesquisa. Essa fase do trabalho ocorreu no decorrer do quinto e sexto semestre da pesquisa, tão logo foi aprovado pelo Comitê de Ética. (Ver Anexo A). Todos os documentos foram preparados, bem como os Aceites das duas instituições de ensino onde foram feitas a observação e as rodas de conversa.

3.6.2 EAPE

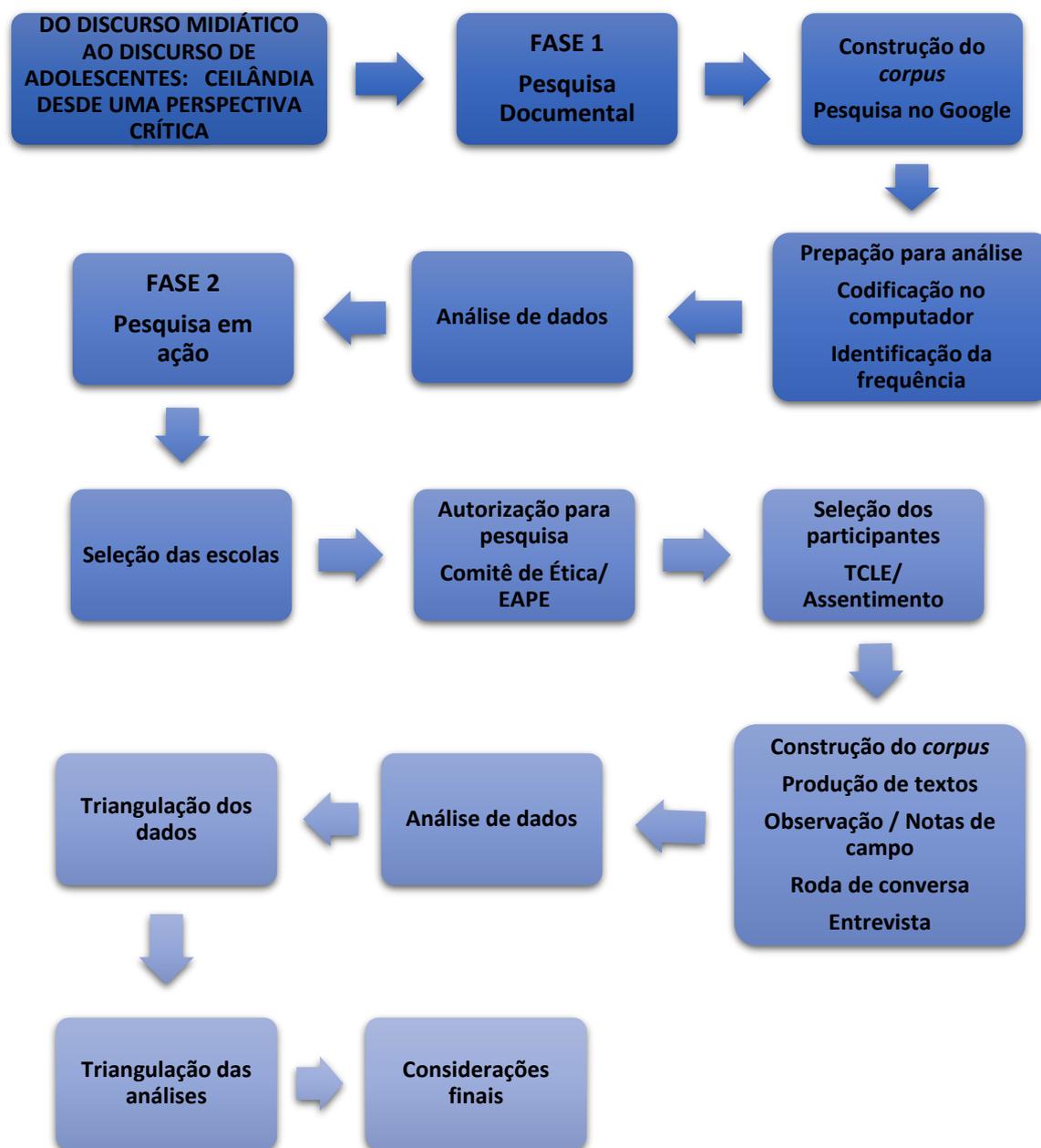
Além das orientações e documentação necessárias para assegurar a ética na pesquisa de conforme instrução da Instituição Pesquisadora, este trabalho precisa cumprir outras demandas legais para pesquisa por parte da Instituição Pesquisada. Hierarquicamente, o procedimento tem início pela diretoria da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), responsável por permitir a realização de pesquisas com participantes frequentadores da Escola para fins de investigação. O procedimento inicial prevê uma carta de apresentação elaborada pela professora orientadora, solicitando autorização para pesquisa nas Instituições selecionadas. Em seguida, o documento foi enviado para a Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia, que expede um termo de apresentação e autorização do pesquisador para a realização da pesquisa com os jovens nos dois centros de ensino selecionados.

Algumas considerações

Neste capítulo, busquei apresentar as etapas que nortearam a pesquisa, assim como os procedimentos teórico-metodológicos utilizados na análise dos dados. A pesquisa foi realizada em duas fases: a primeira envolveu a seleção e análise de dados documentais, e a segunda voltou-se para a geração de dados de natureza etnográfica. O *corpus* dessa tese é formado por 136 reportagens do jornal Correio Braziliense, 48 cartas (produção de texto), 13 entrevistas. Esses dados foram colhidos entre os anos de 2016 e 2019. Os jovens participantes desse trabalho estão na faixa etária de 13 a 17 anos.

Considero que a estratégia metodológica passa por reflexões e revisões ao longo de uma pesquisa. Na seleção de dados de cunho etnográfico, aparecem obstáculos que precisam ser contornados. Aqui, também, precisei fazer algumas adaptações. As rodas de conversa foram restritas a uma escola e a três encontros para discussões. A pesquisa-ação transformou-se em uma pesquisa em ação, pois alguns contratemplos impediram a aplicação imediata da formação. E as notas de campo foram resumidas a algumas observações, para que não ferissem a ética na pesquisa. Sintetizo na figura 30, a seguir, o percurso metodológico deste trabalho.

Figura 30 - O percurso da pesquisa



Fonte: elaborada pela autora.

Ressalte-se que esta tese tem o propósito de contribuir para uma consciência linguística crítica por meio de ações vivenciadas junto aos jovens de periferia. Dessa forma, a escolha da metodologia qualitativa e o percurso escolhido possibilitaram-me conhecer o contexto de situação e de cultura dos jovens e assim promover a interpretação mais próxima da realidade de um fato social. No próximo capítulo, serão apresentadas as análises dos textos jornalísticos.

França também recomenda a cidade e eu amo!

Quer da M

Maior fav

CADERNO 4 – OS BASTIDORES DA NOTÍCIA



Ceilândia, a nossa Cidade de Deus

MANDOU BEM

A Casa do Cantador, em Ceilândia, completou 30 anos de história e tradição.

CEILÂNDIA, REVANCHE DO GUE...

Eu sou Cei!

Ceilândia vence: 2X1

JORNAL sbt **BRASÍLIA** **FESTA E TIROTEIO EM CEILÂNDIA**

GRAFITE DA CIDADANIA

MORADORES SEM ÁGUA

CEILÂNDIA Suando pela paz

UM CELFIRO CULTURAL

CORREIO BRAZILIENSE

Ceilândiar uma nova cidade no DF. (1)

HUMORISTA ceilandense

Violência doméstica **Ceilândia e Brasília estão no topo dos ca...**

Querida Ceilândia

Ceilândia: povo liga sua água

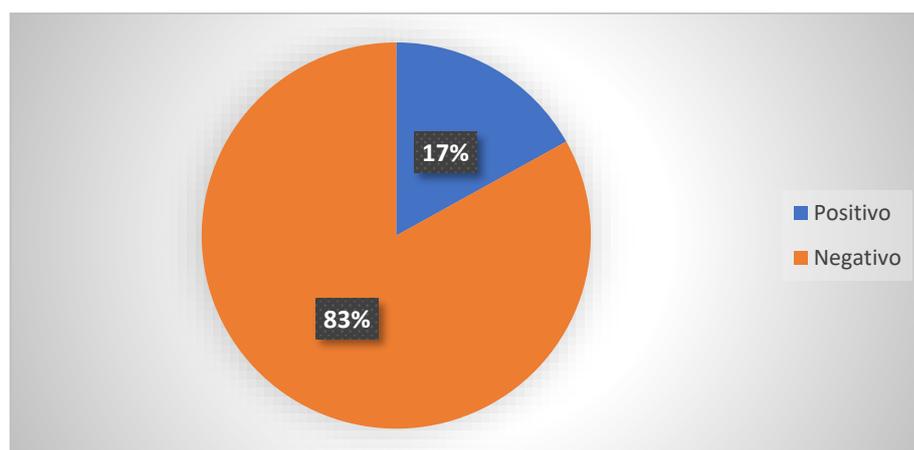
CAPÍTULO 4 – OS BASTIDORES DA NOTÍCIA⁵⁴

Este capítulo encontra-se dividido em três partes. A primeira (4.1) é dedicada a uma macroanálise preliminar de dados, voltada para a temática dos assuntos abordados pelo jornal e uma classificação de informações positivas e negativas. Esse trabalho foi manual, uma vez que nenhum programa de computador lê o texto. Na segunda (4.2), denominada análise intermediária, buscou-se rastrear as palavras nos textos com o auxílio do programa *AntConc*, o que me permitiu estabelecer um *ranking* decrescente conforme a frequência de uso apontada pelo *software*. A terceira (4.3) parte é dedicada à microanálise linguístico-discursiva com base na teoria proposta por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), bem como uma discussão proposta por Fairclough (2001a).

4.1 Uma análise preliminar

O objetivo de uma análise preliminar, realizada com dados do *corpus*, é identificar a temática de reportagens selecionadas como dados.⁵⁵ A atribuição de menção “positiva” ou “negativa” encontra-se assinalada conforme a abordagem/o assunto tratado em cada reportagem examinada. O Gráfico 1 – Temática do *corpus* já indicia a tendência do enfoque midiático.

Gráfico 1 - Temática do *corpus*



Fonte: elaborado pela autora com base no *corpus* documental da pesquisa.

⁵⁴ Todos os textos analisados encontram-se, na íntegra, no Anexo J desta tese.

⁵⁵ Foram selecionadas 136 reportagens sobre a Ceilândia no período de janeiro a dezembro de 2016. O critério estabelecido era que aparecesse o termo “Ceilândia” na busca para que se pudesse avaliar de quais assuntos a cidade recebia foco jornalístico.

O Gráfico 1 permite identificar que assuntos de cunho negativo permeiam a maioria (83%) das temáticas relacionadas à cidade de Ceilândia por parte da mídia. No aspecto positivo (17%), estão assuntos alusivos à diversão e cultura, como shows, rap, futebol, festa e sarau, e outros, tais como concurso, diversidade, vagas de emprego e de cursos etc.

Cabe salientar que as manifestações favoráveis à região decorrem pela passagem do seu aniversário: há quatro reportagens sobre o tema, o que vai ao encontro do que Cunha (2002)⁵⁶ aponta em seu artigo *As belezas da violenta Ceilândia ou Os brutos também amam*, em que o jornalista afirma ter “virado a pauta”. Pode-se reconhecer que essa “virada de pauta” é uma prática adotada pelas matérias jornalísticas até os dias atuais. Para comemorar e “presentear” a cidade, a mídia costuma recheiar seu capítulo com a vida de moradores e trabalhadores locais e mostra uma realidade diferente da considerada, no imaginário da mídia, como “cidade-problema”. (CUNHA, 2002). Não o bastante, não faltam histórias de gente que se orgulha do lugar e que disponibiliza parte do seu tempo para contribuir com a própria comunidade, o que pode ser observado a seguir.

A personagem de destaque em Ceilândia é Samantha, *a menina símbolo de nova campanha da ONU*.⁵⁷ A estudante é uma das representantes escolhidas para fazer parte do relatório que aborda “10 - Como nosso futuro depende de meninas nessa idade decisiva”, elaborado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFA). O documento apresenta os perfis de 10 meninas de 10 anos, de 10 países, dando a conhecer a diversidade de contextos, desafios e aspirações dessa geração que terá um papel-chave no desenvolvimento global.⁵⁸

No texto: *Casa do Cantador homenageia população nordestina da cidade*, destaca-se Alexandre Meschich (39 anos),⁵⁹ que há 13 anos ensina futebol para crianças; ou Wagner (44 anos), bombeiro militar e músico, que ensina percussão para crianças, bem como jovens, no projeto Bateria Nota Show. São pessoas que muitas vezes se encontram pela similaridade: famílias pobres, numerosos filhos, pais que saíram de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, gente que se preocupa com o outro. Assim é o caso de Maristela (48 anos) e de Selma Aparecida (49 anos).⁶⁰ Ambas mudaram a própria história e lutam para que outros também tenham uma vida melhor. Maristela é presidente da Casa de Justiça e Cidadania e

⁵⁶ O texto encontra-se no Anexo D.

⁵⁷ Reportagem_23: “Conheça Samantha, a menina da Ceilândia símbolo de nova campanha da ONU” (ver Anexo J)

⁵⁸ Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/2016/11/relatorio-do-unfpa-10-como-nosso-futuro-depender-de-meninas-nessa-idade-decisiva/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

⁵⁹ A idade aqui informada é a que consta na reportagem.

⁶⁰ A história dessas duas personagens está na reportagem: “Ceilândia celebra aniversário de 45 anos; confira a programação” (ver Anexo J, Reportagem_16).

aposta na educação para superar e mudar a realidade local. Selma é conselheira tutelar, mas já teve de “viver de bicos”,⁶¹ como confeitar bolos, vender cachorro-quente, fazer bijuterias, faxinar para sustentar sua família. A maior alegria da moradora foi quando teve a carteira assinada pela primeira vez, aos 35 anos: “Era a gari mais feliz de Ceilândia”.

Apesar de aparecerem poucas vezes em matérias do jornal, é possível destacar quão notáveis são as histórias dos moradores de Ceilândia. Ainda nas comemorações do aniversário da cidade, destaca-se o hip hop como manifestação da cultura local e parte das celebrações.⁶² O Rap⁶³ é uma das linguagens do hip hop e tem diversos representantes dessa arte em Ceilândia. A *rapper*⁶⁴ Rebeca Elen (20 anos) é uma das homenageadas nesse dia de festa e traduz, em breves palavras, o que é a cidade, quem são as pessoas e o que deseja para o futuro:

“A Ceilândia, principalmente o Sol Nascente, é uma cidade muito humilde, mas com **pessoas que têm riquezas imensuráveis**”, relata. “**Deveríamos ser tratados como realeza, e não como servos**”, completa. A partir daí, adotou o nome Rebeca Realaleza para as apresentações e gravações com o grupo Sobreviventes de Rua. “Criei minha própria realeza, e meus amigos são meus impérios. [...] **Meu sonho para Ceilândia é que ela seja valorizada e tenha o mesmo investimento e privilégios que muitas outras cidades**” (Rebeca Realaleza, 2016, grifos nossos).⁶⁵

No Rap, os cantores revelam “histórias verdadeiras e por vezes uma realidade dura pouco conhecida dos centros das cidades”. (CAMPÊLO *et al.*, 2017, p. 169). Trata-se de uma forma de denunciar as injustiças sociais sofridas pelas classes menos favorecidas, bem como serve como de empoderamento da periferia. No curta-metragem “Rap, o canto de Ceilândia”, o diretor e produtor Adirley Queirós mostra a trajetória de quatro consagrados artistas do Rap nacional (DJ Jamaika, X do Câmbio Negro, Marquim do Tropa de Elite e Japão do Viela 17), todos moradores da Ceilândia ou, como bem destaca uma das matérias, “Made in Ceilândia”.⁶⁶

A importância do Rap como expressão da cultura local é demonstrada em uma reportagem exclusiva sobre Japão: *Referência Nacional, o rapper Japão lança DVD*

⁶¹ “Viver de bicos”, expressão utilizada para trabalho informal, sem carteira assinada, sem contrato de trabalho.

⁶² Segundo Carvalho (2014, p. 58), o “Hip hop é a expressão que nasce calcada em valores da dança que invadiu o imaginário de jovens na década de 1970. *Hip* quer dizer ‘movimentar os quadris’, ao passo que *Hop* significa ‘saltar’”.

⁶³ A sigla “RAP” vem do inglês “*Rhythm and Poetry*” - “Ritmo e Poesia”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/rapper/rap/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

⁶⁴ Rapper é aquele que canta rap. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/rapper/rap/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

⁶⁵ Retirado do texto: “*Conheça histórias de moradores do Sol Nascente, na Ceilândia*”. (ver Anexo J, Reportagem_22)

⁶⁶ Retirado do texto: “*Referência Nacional, o rapper Japão lança DVD comemorativo*” (ver Anexo J, Reportagem_119)

comemorativo. O texto apresenta Japão como símbolo da militância e de uma “uma jornada construída na marra e na insistência”,⁶⁷ para apresentar ao mundo a 9ª Região Administrativa do Distrito Federal representada em rimas e em discurso pelo cantor. Rebeca, assim como X, Jamaika, Marquim e Japão, “cantam o amor pela cidade e buscam contribuir para a conscientização de outros jovens, mostrando caminhos que passam longe do crime”.⁶⁸ A cantora é uma das poucas representantes femininas no Rap. Como protesto, suas músicas abordam o empoderamento feminino e negro, sem abandonar o orgulho de ser de Ceilândia. Além do Rap e ainda como manifestação do hip hop, duas reportagens mostram a relevância da cidade no cenário nacional, quando se trata do *breaking*.⁶⁹ *Evento coloca Ceilândia no mapa do breaking nacional* e *Dançarinos da cidade contam o que é preciso para se tornar um bboy ou bgirl*.⁷⁰ Todas as histórias acima mostram que a cidade TEM muitas pessoas boas, de garra, de luta e de conquistas. Histórias que ainda precisam ser contadas.

Além de pessoas, o jornal destaca algumas localidades, como: a Casa do Cantador e o estádio Abadião;⁷¹ e projetos, como: Jovem de Expressão⁷² e o Sarau-Vá.⁷³ Ainda no aspecto positivo, algumas matérias foram agrupadas no campo “outros”, pois tratam de assuntos diversos, muitos deles com referência ao DF, e que englobam a Região Administrativa em questão, e por isso foram selecionadas para o *corpus* da pesquisa. É o caso, por exemplo da visita feita pelo líder da igreja Ortodoxa ao Sol Nascente,⁷⁴ ofertas de cursos,⁷⁵ de empregos,⁷⁶ de projetos sociais⁷⁷ e de tratamento psicológico.⁷⁸

Ressalte-se que, embora haja textos que revelam uma cidade generosa, acolhedora, preocupada com os problemas sociais locais, há falta de familiaridade do jornalista/escritor com o lugar descrito. Essas “falhas” podem ser observadas na matéria intitulada: *Ceilândia celebra*

⁶⁷ Reportagem_119: *Referência Nacional, o rapper Japão lança DVD comemorativo* (ver Anexo J).

⁶⁸ Reportagem_22: *Conheça histórias de moradores do Sol Nascente, na Ceilândia* (ver Anexo J).

⁶⁹ Breaking ou breakdance é um estilo de dança de rua que parte da cultura hip hop. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Breakdance>. Acesso em: 28 mar. 2020.

⁷⁰ O breakdancer, breaker, bboy, ou bgirl é o nome dado à pessoa dedicada ao breakdance e que pratica o mesmo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Breakdance>. Acesso em: 28 mar. 2020.

⁷¹ Reportagem_81: *Na Guariroba, Abadião marca lembranças do início do Ceilândia Esporte Clube* (ver Anexo J).

⁷² Reportagem_68: *Jovem de Expressão terá programação especial no Mês da Consciência Negra* (ver Anexo J).

⁷³ Reportagem_82: *No cotidiano das periferias do DF, a poesia encontra espaço* (ver Anexo J).

⁷⁴ Reportagem_71: *Líder da Igreja Ortodoxa desembarca em Brasília para uma série de visitas* (ver Anexo J).

⁷⁵ Reportagens_36: *Escola Técnica de Ceilândia oferece 920 vagas para cursos gratuitos e Escola Técnica de Ceilândia recebe inscrições para 13 cursos de formação* (ver Anexo J)

⁷⁶ Reportagem_116: *Procurando emprego? Agência do Trabalhador oferece 477 vagas no DF* (ver Anexo J).

⁷⁷ Reportagem_117: *Programa de projetos sociais abre vagas gratuitas em 2017 em 5 locais do DF* (ver Anexo J).

⁷⁸ Reportagem_65: *Instituições de ensino oferecem tratamento psicológico a três mil pessoas* (ver Anexo J).

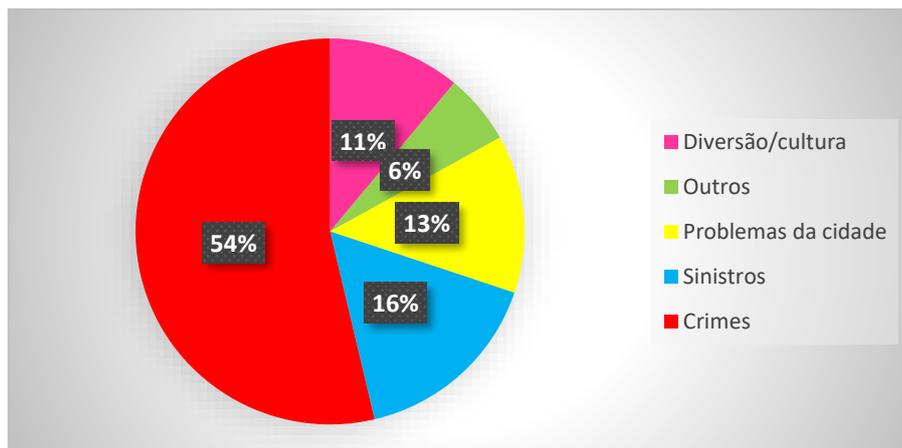
aniversário de 45 anos, o texto é iniciado por: “Ceilândia tem várias datas de aniversário”. Porém o Decreto nº 10.348/1987 fixou o dia 27 de março de 1971 como a data oficial da fundação de Ceilândia (DISTRITO FEDERAL, 1987, art. 1). Constatamos que há um descuido e/ou pouco interesse em conhecer a cidade, o que é manifestado em outros textos que situam lugares de Ceilândia com a troca de localizações. No texto *Concurso identifica problemas ambientais na comunidade escolar*, por exemplo, o repórter discorre sobre o belíssimo trabalho desenvolvido pelos alunos da Escola Classe 15, que ensinam a comunidade local a reciclar o óleo e faz menção a “os estudantes bateram de porta em porta pelas ruas da Ceilândia Norte”. A referida escola situa-se em Ceilândia Sul. Esses erros de localização são muito comuns nos textos quando se menciona a Região Administrativa. Pode-se afirmar que o pouco trato em repassar a matéria mostra um “desleixo” com o assunto, falta seriedade em transmitir a mensagem que, neste momento, não é possível comprovar se se repete em outros casos, em outras Regiões Administrativas, assinaladas como RAs.

Passemos, agora, às menções negativas quanto à cidade de Ceilândia. O Gráfico 1 – Temática do *corpus*, mostra que 81% das informações que giram em torno da Região Administrativa são de cunho negativo. É possível identificar a presença substancial de discursos negativos associados à cidade, os quais desprestigiam a comunidade e menosprezam aquele contexto social. Tais discursos ratificam a imagem de Ceilândia como “um lugar perigoso” conforme foi fortemente espalhado pelo radialista Mário Eugênio,⁷⁹ em seu programa diário “Gogó das Sete”, ainda nos anos 80; ou impróprio para morar, quando se destacam problemas na saúde, na educação, na infraestrutura, no transporte, bem como na coleta de lixo. Isso também corrobora o discurso apontado pelo jornalista Cunha (2002), quando afirma a existência de uma pauta para a “**explosiva Ceilândia**”, qual seja: “falar dos índices de homicídios, roubos, furtos, estupros” recheada com “dados relativos aos problemas nos setores de saúde, habitação, educação e lazer” que decorrem de uma cidade-problema. Nesse contexto, a cidade é vulgarmente conhecida como “**a dona de elevadas taxas de violência**, abarrotada de problemas de urbanização, educação, saúde”, uma perífrase que associa as manifestações de crimes no DF ao nome da cidade. (CUNHA, 2002, n. p., grifos nosso).

⁷⁹ Campeão de audiência com seu programa Gogó das Sete, o radialista e jornalista Mário Eugênio apelidou os bandidos e os pontos mais perigosos do DF: a QNL, em Taguatinga, é conhecida como Chaparral devido a um seriado de faroeste da época; o Setor O, que virou Vila do Cachorro Sentado; o P Sul, o Caldeirão do Diabo; o P Norte, a Tampa do Caldeirão e o Setor M Norte, o Planeta dos Macacos. “Esses apelidos marcaram e marcam até hoje o local. Houve uma ‘aceitação’ desses apelidos pela população, uma vez que ninguém questionou se eram corretas ou não as expressões utilizadas pelo jornalista”. (CAMPÊLO *et al.*, 2017, p. 173) e trechos do filme *Rap, o canto da Ceilândia*. (QUEIRÓS, 2005).

Os assuntos tratados no âmbito do presente capítulo foram agrupados em três conjuntos: i) problemas da cidade relacionados à infraestrutura, saúde, transporte, entre outros; ii) sinistros: acidentes, afogamento, atropelamento, desaparecimento e incêndio; iii) crimes: agressão, estelionato, roubo/furto, porte ilegal de armas, drogas, homicídios etc. Vejamos o gráfico 2, que traz a representação da percentagem desses dados.

Gráfico 2 - Tipificação dos dados



Fonte: elaborado pela autora com base no *corpus* documental da pesquisa.

Conforme o Gráfico 2 – Tipificação dos dados, os noticiários que envolvem crimes estão presentes em 54% dos textos publicados no Correio Braziliense relacionados à cidade de Ceilândia. Somados aos problemas da cidade (13%) associados à saúde, à infraestrutura e ao transporte e lixo; e aos sinistros (16%), que correspondem a desaparecimento de pessoas, a afogamento e a acidentes, totalizam quatro quintos dos discursos “negativos” veiculados pelo site, ou seja, para cada reportagem positiva, temos quatro que são desfavoráveis. O estudioso Grandó (2010) salienta que os jornais tendem a favorecer uma “necessidade inconsciente do leitor” que consome esse tipo de informação.

[...] contrariando todo o aparente desconforto provocado por essas notícias negativas, as páginas dos jornais diários estão cada vez mais repletas de matérias sobre homicídios, latrocínios, estupros seguidos de assassinato etc. A morte, como escreveu Baudrillard (1996),⁸⁰ se transformou em um espetáculo através da mídia, mas não apenas por ela: o autor também afirma que **o jornal satisfaz uma necessidade inconsciente do leitor, que saboreia secretamente "a destruição do outro como espetáculo"**. (GRANDO, 2010, n. p., grifo nosso).

⁸⁰ BAUDRILLARD, J. **A troca simbólica e a morte**. Tradução Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Por outro lado, o estudioso Guidotti (2016) ratifica o pensamento de Grandó ao reconhecer que a imprensa prefere divulgar notícias de cunho negativo a notícias positivas e isso é uma prática constante nas redações dos jornais: chocar os leitores/os telespectadores, provocar choro, deixar cicatrizes. Como bem destaca Correia (2007), a responsabilidade de um jornalista ao expor esse tipo de reportagem, uma vez que tudo que é exposto para o público, terá algum tipo de repercussão.

Dessa forma, é necessário que se pense melhor sobre como esses tipos de notícias e reportagens estão sendo veiculadas e lançadas para a sociedade. É preciso que se tenha em mente que tudo que é exposto para o público terá alguma repercussão boa ou má. É importante que se saiba, que o **jornalismo sensacionalista deturpa o real e, por vezes, transmite à sociedade uma violência que não existe naquela dimensão.** (CORREIA, 2007, p. 11).

As palavras de Grandó (2010) e Correia (2007) vão ao encontro de Hearst (1951), citado por Corrêa (2013), que ressalta:

“Fazer jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que seja publicado”.⁸¹ Não quero aqui contrapor a tese expressa na oração que tão bem define a chave de um jornalismo atuante e combativo. Nem defender a adoção de um jornalismo chapa branca, que seria ainda mais pernicioso do que o **“jornalismo da depressão”** que é vastamente praticado hoje no país. **Mas é diferente propor um jornalismo que valorize as boas práticas na sociedade**, aquelas que são capazes de transformá-la, **indo além da pintura de um cenário de erro absoluto.** [...] também o é apresentar as boas práticas, os bons exemplos, que mudam a sociedade e que, certamente, os que defendem a inércia social não querem que sejam veiculados. (CORRÊA, 2013, n. p., grifos nossos).

Para Santin (2018, n. p.), embora os profissionais da área contestem esse tipo de jornalismo da depressão, há um jargão conhecido na área, de que *“good news, no news”* (“notícia boa não é notícia”) que confronta o fazer jornalismo ao interesse público e à prática profissional, ou seja, “não adianta apontar o dedo para o jornal que escorre sangue se a população busca esse tipo conteúdo”, “[a mídia] repete a receita que já deu certo”.

As informações de caráter sombrio, escandalosas e deletérias tendem a atrair público e gerar renda para veículos de comunicação. **A consequência é o aprisionamento mental da sociedade a raiva, o medo e a impotência. Passamos a crer que o mundo é aquele recorte obscuro da realidade,**

⁸¹ William Randolph Hearst (1863-1951) foi um empresário americano do ramo de editoras que criou uma enorme rede de jornais. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/William_Randolph_Hearst. Acesso em: 18 mar. 2020.

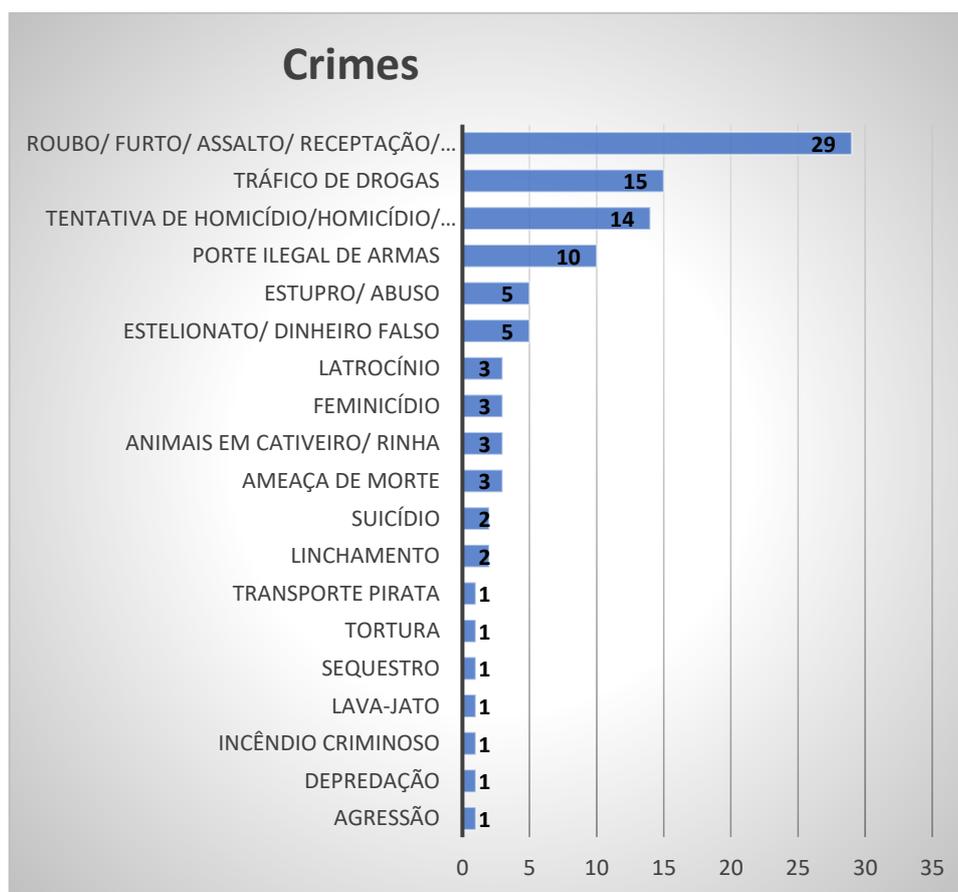
esquecendo completamente que a maioria de nós vive vidas simples, generosas e em amor. (*sic*) (SANTIN, 2018, n. p., grifo nosso).

Corrêa (2013) contesta justamente esse tipo de reportagem que apela a publicações de caos, de violência, o denominado “jornalismo da depressão”. Adversamente, o autor propõe uma exposição de boas práticas da sociedade como um “exercício” de mudança social. Esse tipo de reflexão jornalística precisa ser ampliado. Andrade (2015) e Castilho (2015, 2016) propõem um “**jornalismo de soluções ou jornalismo propositivo**”, contemplados pela teoria do *newmaking* em que “a imprensa concentraria seus esforços em como minorar o sofrimento pessoal e as perdas econômicas com soluções concretas e que envolvem a colaboração entre cidadãos e poderes públicos ou empresas” ao invés de propagar só mortes, catástrofes etc. Castilho (2015, n. p., grifo do autor) enfatiza a importância de a imprensa “mudar sua agenda para **dar ênfase à busca de soluções**” ou perderá leitores. Em matéria publicada pela Rede de Jornalistas Internacionais, o editorial destaca que

o jornalismo de soluções é diferente das matérias "positivas" (embora estas sejam uma forma extremamente necessária do trabalho por motivos distintos) que focam em histórias extraordinárias ou sucessos completos. [...] é importante proporcionar matérias plausíveis que ajudam as pessoas a acreditarem que progresso é possível. (IJNET, 2016, n. p.).

Voltemos ao *corpus* desta tese. Os crimes observados nas reportagens jornalísticas são de diversas naturezas, desde cárcere privado, comércio de animais silvestres, sequestro, incêndio criminoso; e também crimes contra a mulher: estupro, feminicídio e agressão entre outros. Os que mais se destacaram nas reportagens foram: roubos e assaltos (29%), tráfico de drogas (15%), homicídios/ tentativas (14%) e porte ilegal de armas (10%) (ver Gráfico 3). Ressalte-se, aqui, que essas porcentagens são baseadas apenas nas temáticas apresentadas pelo jornal e que fazem parte do *corpus* selecionado para esta tese. É relevante informar que os referidos registros não foram confirmados pela pesquisadora junto às delegacias de polícia locais. O Gráfico, a seguir, ilustra a tipificação dos crimes que aparecem no jornal analisado e a incidência de aparecimento.

Gráfico 3 - O perfil dos crimes



Fonte: elaborado pela autora com base no *corpus* da pesquisa.

Observamos, no Gráfico 3 – O perfil dos crimes, que roubos e furtos, seguidos por tráfico de drogas e crimes contra a vida, se destacam. De fato, o número de crimes que ocorrem em Ceilândia, analisados sob uma perspectiva absoluta, assusta qualquer pessoa. Só em 2016, foram 96 homicídios. Entretanto, quando fazemos um paralelo considerando também o número populacional, vemos que a cidade passa para o 12º lugar em crimes violentos letais intencionais.⁸² (ver Apêndice C – Quadro da Mancha Criminal do DF, elaborado pela autora para esta tese).

Na denominação “Crimes contra o patrimônio” que engloba roubo a transeunte, de veículo, em coletivo, em comércio, em residência e furto de veículos, o Plano Piloto é o primeiro da lista. A região também permanece no topo (tanto em dados absolutos, quanto relativos), quando se trata de outros crimes (tentativa de homicídio, latrocínio, estupro, furto a transeunte). Isso revela que a superexposição de matérias referentes a crimes voltados para a

⁸² Essa denominação foi retirada dos dados da própria Secretaria de Segurança Pública e engloba, nesse quesito: homicídio, latrocínio, lesão corporal seguida de morte.

região de Ceilândia busca, em verdade, encobrir dados de outras regiões administrativas e continuar a propagação do estigma de uma cidade violenta, ou da cidade mais violenta do DF. Podemos ver essa “manipulação da informação” refletida na alta frequência e representatividade de palavras do campo de violência e de reportagens que abordam tal temática. A subseção 4.2 apresenta os primeiros resultados da macroanálise preliminar.

4.2 Análise intermediária

Esta etapa analítica contou com o auxílio do software *AntConc*,⁸³ que rastreou as informações contidas nos textos.

Quadro 1 - Palavras com maior frequência no *corpus*

RANK	FREQ.	PALAVRA
1	493	Polícia (s)/ policia/ policiais/ PM/ policial/ PCDF/ PMDF/ PMS/ agentes/ corporação/ militar (es)
2	398	CEILÂNDIA/ CEI
3	159	Hospital/ saúde/ HRC
4	147	Escola (s)/ estudante (s)/ professor (a, es, as)/ aluno (a, s)/ escolar (es)/ aula (s) escolaridade
5	89	Roubo (s)/ roubada (s)/ roubado (s)/ roubar (e derivados)/ receptação
	37	Assaltada / assaltando/ assaltante (s)/ assaltar (e derivados)/ assalto (s) ⁸⁴
	18	Bandido (s)/ bando
6	129	Droga (s)/ tráfico/ crack/ maconha/ cocaína/ entorpecente (s)/ roupinol/ traficando/ traficante (s)/ traficava/ usuários/ balança de precisão
7	118	Adolescente (s)/ menor (es)/ jove(ns)
8	99	Crime (s)/ criminalidade/ criminais/ criminosa (o, s)
9	59	Assassina/ assassinada (o, s)/ assassinato/ homicídio (s)/ feminicídio(s)/ genocídio/ suicídio/ baleado/ bala(s)
	19	Calibre (pistola/ revólver/ espingarda/ submetralhadora/ munições)
	15	Ameaça/ ameaçava/ ameaçada/ ameaçados (- 3 o poste ameaça cair/ a placa * cair)
10	12	Agressão (ões)/ agressor/ agredir/ agredida (o, s)

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados do *corpus*.

⁸³ Ver subseção 3.2.2 desta tese, onde explico o programa e o seu funcionamento.

⁸⁴ Para o direito penal brasileiro, quando “um ladrão toma algo que pertence a outra pessoa sem estabelecer contato com ela, comete furto. Se houver contato com a vítima, violência ou ameaça, é roubo – assalto é um termo que não existe no direito, mas equivale ao roubo”. (VASCONCELOS, 2011, n. p.).

Cabe, aqui, informar que não foram desconsiderados, no *ranking*, os itens gramaticais artigos, preposições e conjunções, que não serão objetos de análise neste trabalho, que envolve somente elementos linguístico-discursivos considerados como vocábulos. A primeira palavra em destaque é, portanto, “polícia” e seus sinônimos e correlatos: policiais, policial, militar, agente. (ver Quadro 1). Como o jornal destaca a incidência de crimes e sinistros na região, é justificada a presença do termo “polícia” com tamanha frequência nos textos, uma vez que é esta quem age para coibir e/ou atuar nas prisões ou nos procedimentos interventivos ou *post factum*. Correia (2007) salienta que o leitor é atraído por reportagens em que policiais fazem parte do ato violento.

O que se sabe é que a imprensa é uma das mais incisivas **formas de se propagar e acirrar a violência**. Para comprovar essa nova cultura, Elizabeth Rondelli (2000) diz que essa obsessão adquirida pela violência se mostra mais aparente quando se trata de fatos envolvendo a polícia. Em seus estudos ela pôde perceber que **as pessoas se apresentavam mais comovidas quando os policiais faziam parte do ato violento**. Em seus estudos, ela questiona o porquê de uma instituição que está ali para proteger, age com violência e todos admiram. Além disso, a pesquisadora afirma que os meios de comunicação trabalham como macrotestemunha social, o que reafirma o conceito de que os meios mostram de maneira exagerada a violência para o público. (CORREIA, 2007, p. 10-11).

Depois do vocábulo “polícia”, aparece a palavra “Ceilândia”. Como a busca realizada na internet foi através da palavra em questão, esperava-se que todos os textos trouxessem uma ou mais vezes o termo. Isso justifica a frequência elevada, pois era imprescindível que aparecesse a palavra no título e/ou no corpo da matéria. Foi observado em alguns textos que o assunto era de conteúdo geral do Distrito Federal; mas que, em algum momento, cita a Região Administrativa de Ceilândia como parte das ofertas de emprego, ou da propagação de alguma doença, por exemplo.

Em terceiro, observamos uma elevada repetição dos termos Hospital/saúde/HRC. A elevada presença dessas expressões se justifica pela saúde: agentes comunitários de saúde, unidade de saúde, Saúde da Família, o estado de saúde, Secretaria de Saúde; em outros momentos, os pacientes e/ou vítimas de crimes ou acidentes foram levados para o Hospital. Muitas vezes, o hospital a que o texto se refere não é o HRC, mas o Hospital de Base e de outros, fora da cidade da Ceilândia. Especificamente, sobre o hospital/saúde de Ceilândia, temos quatro reportagens: *Família denuncia presença de larvas em aparelho de hospital público; Incêndio na UPA de Ceilândia deixa quatro feridos e pacientes são retirados; Mulher*

perde bebê depois de ser liberada no Hospital Regional de Ceilândia; Mulher tenta socorro no Hospital de Ceilândia e é agredida por seguranças.

De forma generalizada, a saúde de Ceilândia vem à baila várias vezes quando se tratam de problemas do DF: *12 crianças esperam por cirurgias cardiopediátricas no DF; Caxumba faz quase 2 mil vítimas no DF, Ceilândia concentra 40,3% dos casos; DF ocupa posição crítica em programas de assistência básica de Saúde; Distrito Federal registra 285 casos de tuberculose somente em 2016; Farmácias de alto custo ficarão fechadas por dois dias nesta semana.* A presença marcante do termo se deve ao socorro prestado às vítimas de acidentes, incêndios, tentativas de homicídios etc. Observa-se uma minimização dos problemas da saúde da cidade, ao a colocá-la como um problema de todo o DF.

Em quarto lugar, escola (s), professor (e variantes), estudante (s), aluno (e variantes). Embora esses hipônimos tenham tido uma frequência relevante, ao verificar os textos percebi que havia poucas matérias que tratavam sobre o assunto, mas havia uma repetição grande do mesmo vocábulo no mesmo texto, como na Reportagem_50: *Governo fará mudanças na Escola Parque a partir do próximo ano.* Nesse texto aparece 10 vezes a palavra “escola”, 4 vezes – “estudantes”, 4 vezes – “aluno (s)”, 3 vezes – “aula (s)”. Outro exemplo: Reportagem_ 21: *Concurso identifica problemas ambientais na comunidade escolar* onde aparece: 7 vezes o vocábulo “escola/escolar”, 5 vezes – “aluno (a, s)”, 4 vezes – “estudante (s)”. Isso se repete nos demais textos. Pode-se inferir que essa repetição difere de outros termos e, por isso, não foi destinada uma categoria analítica específica para esse tema. Não obstante, os referidos vocábulos serão enfocados na próxima subseção do caminho da densidade analítica.

Roubos e drogas aparecem em quinto e sexto lugares no *ranking*, respectivamente. Quanto ao termo “roubo”, foram acrescentadas as palavras “receptação”, “bandido” e “bando”, pois são expressões que têm estreita relação, estão no mesmo campo semântico, ou seja, atrelam-se a significados correlatos. Embora seja bastante utilizado nos meios jornalísticos e na sociedade, informalmente, o termo “assalto” não existe no campo jurídico, mas ele corresponde a “roubo” e por isso foi situado nesse grupo também, o que totaliza 144 empregos nos textos. Em “droga”, foi adotado o procedimento de agregar as variações da palavra analisada e o grupo de hipônimos, como: “crack”, “maconha”, “cocaína”, “roupinol”. Ainda, no mesmo grupo, foram acrescentadas as palavras correlatas: “traficante”, “usuários”, “balança de precisão”. As palavras que aparecem em oitavo, nono e décimo lugares também são relacionadas à categoria de (in)segurança e serão analisadas juntas na subseção 4.3.4.

Em sétimo, aparecem os termos “adolescente(s)”, “menor(es)” e “jovem(ns)”, que muitas vezes estão relacionados aos crimes e na chamada da matéria aparecem no título: *Adolescente atropela mulher...*, *Adolescente é apreendido...*, *PM apreende adolescente...* Almeida, A. (2015) dedicou um capítulo inteiro para tratar especificamente desse assunto: *Adolescentes em manchete (policial)*.

[...] o envolvimento dos adolescentes com a criminalidade violenta tem sido objeto de preocupação crescente da sociedade. Quando, na década de 1970, a mídia passa a revelar ao mundo a existência de um enorme contingente de crianças e adolescentes vagando pelas ruas das grandes cidades brasileiras, de objeto de preocupação o jovem transforma-se em fenômeno social. (ALMEIDA, 2015, p. 222).

A autora salienta que, como problema social, a criminalidade juvenil tem sido objeto de estudos de diversos pesquisadores no Brasil e no mundo. Agnew (2003), por exemplo, é um dos estudiosos que aborda a teoria do “*adolescent peak in offending*”, a qual defende que a idade é um dos fortes correlatos do crime. Ao realizar entrevistas com jovens que se envolveram com a criminalidade, Alba Zaluar notou, nos discursos de seus entrevistados, que o crime e a violência eram sempre entendidos como meio de manifestação de virilidade, de poder e independência:

[...] os entrevistados referiram-se sempre a uma fase crucial da vida, que começa em torno dos 14 anos de idade, como um marco no envolvimento com a criminalidade. Este tema era desenvolvido de várias maneiras, todas elas relacionadas a um *ethos* da masculinidade [...] (ZALUAR, 1994, p. 101 *apud* PENHA, 2013, p. 3).

As demonstrações de força e autonomia, ainda que violentas, são consideradas fundamentais por constituírem a própria essência da masculinidade. O porte de arma de fogo e a ostentação de bens materiais são percebidos como motivos de encantamento pelo mundo do crime. As “roupas bonitas”, por exemplo, são objeto de desejo dos rapazes, na medida em que chamam a atenção das mulheres. O “*ethos* do guerreiro” é associado à questão mitológica e à Grécia e marca a virilidade e a masculinidade como marcas de agressão contra o inimigo e que não permitem demonstrações de vulnerabilidade. Corroboro os apontamentos de Almeida, A. (2015, p. 240) que considera que “a mídia faz o jogo das políticas de segurança”, atribuindo sentidos e transformando o que considera como violência, nisso “o excluído social é apresentado como potencial criminoso, seu grupo é associado a práticas perversas; um sentimento de insegurança e medo toma conta da sociedade”. Na linha do contradiscurso,

dedico uma atenção especial na subseção 4.3.5 para analisar o adolescente na mídia. Passemos à microanálise dos dados.

4.3 A caminho da microanálise

Nesta seção, recorreu-se às ferramentas *Concordance* e *Clusters* para examinar quais outros termos se encontram próximos aos termos que apareceram com frequência no *ranking*. O *Concordance* permitiu localizar e analisar os vocábulos que mais se destacaram nos textos do jornal e suas linhas de concordância, e no *Clusters* foi possível verificar o termo pesquisado em combinação com duas ou mais palavras que ocorrem em determinada frequência. Com base nessas informações, foram estabelecidos os agrupamentos a serem analisados nesta etapa. Estarão em pauta: A Ceilândia (4.3.1); Gente da Gente (4.3.2); A saúde de Ceilândia (4.3.3); A (in)segurança nas ruas (4.3.4) e A vida de adolescente (4.3.5). Embora no Quadro 1 apareça o termo “escola”, não haverá uma categoria específica para esse assunto. O termo “escola” será contemplado na categoria que trata de Ceilândia e das pessoas da região.

4.3.1 A Ceilândia em pauta

Ao analisar os textos que compõem o *corpus* documental desta tese, pude identificar três níveis distintos que envolvem o nome da cidade “Ceilândia” nos discursos jornalísticos: i) principal, em torno do qual toda narrativa acontece; ii) secundário, há outros elementos principais, mas a cidade é parte da história; iii) terciário, os fatos não são na cidade e nem envolvem a região, mas o local é um ponto de referência geográfica, por exemplo. Paralelamente, observei que esses três níveis se aproximam dos papéis de protagonista, de coadjuvante e de figurante dentro do gênero narrativo.

O protagonista é o personagem mais importa da obra, em torno do qual se constrói a história. O coadjuvante dá suporte, coadjuva, contracena com os atores responsáveis por desenvolver a trama e, com sua interferência, auxilia os outros personagens a transmitir suas mensagens e ideias. Já ao figurante cabe um papel ilustrativo, que não se relaciona com o enredo nem com os personagens. É usado para compor um cenário. (SAMPAIO, 2016, p. 58).

Destarte, reconheço que essa classificação dentro do discurso midiático não se restringe aos personagens. As análises revelaram-me que, no jornal, o local (espaço/cenário) é parte relevante de toda a narrativa. Embora a cidade de Ceilândia tenha recebido processos associados

à qualidade humana (“*foi seduzida por Ceilândia*”, ou seja, Ceilândia seduziu - Carta_119), ainda é um local (não humano) e não poderia ser visto como um personagem, embora haja personagens não humanos. A realidade é que a cidade é **onde** ocorrem os fatos noticiados pelo jornal e é possível identificar a relevância ordenada dessa informação para a construção da narrativa. Sendo assim, as especificações de protagonismo, coadjuvantismo e figurantismo não são exclusivas dos personagens, uma vez que foi possível identificar as mesmas qualificações relacionadas à cidade de Ceilândia. A cidade é **um lugar** nas histórias e também recebeu essa estratificação. Também é importante destacar que essas diferenciações não se referem somente à cidade objeto deste estudo, mas a qualquer local, pois cada um tem “uma pauta” no discurso midiático.

4.3.1.1 *Protagonismo*

O termo protagonismo (protagonista+ismo) advém do grego *protos* que significa “o primeiro” “o principal” e *agonistes* que quer dizer “competidor” ou “lutador”. Conforme o dicionário de Aurélio Buarque Ferreira (1986), protagonista é o primeiro ator do drama grego, ou a personagem principal de uma peça teatral. Protagonismo trata, portanto, do processo de ser protagonista, de protagonizar.

Ao categorizar Ceilândia como protagonista, não me aproprio somente da qualidade de “ser protagonista”, mas de “**estar** protagonista”, de “**estar** primeiro”. Essa posição é determinada pela maneira como o discurso midiático é construído em torno da cidade de Ceilândia que, em alguns casos, aparece como participante (ator, dizente) no enunciado (ser protagonista); em outros, como atributo de posse; e em grande parte, como circunstância de lugar (estar protagonista). Ora é tema (estar primeiro); ora, rema. Às vezes vem destacada apenas no título da chamada; às vezes, aparece escondida na última linha do texto.

Urge fazer um adendo para esclarecer que o protagonismo destacado aqui não deve ser confundido com o protagonismo juvenil defendido por Castro (2001), Costa (1998) e Resende (2008), para os quais se espera um jovem consciente e atuante na resolução de problemas em sua comunidade. A segunda fase da pesquisa realizada buscou instigar a percepção dos problemas locais a partir das entrevistas, bem como sondar possíveis soluções nas rodas de conversa e assim promover um protagonismo advindo dos jovens.

Conforme Araújo (2006) constatou anteriormente, a relação de protagonismo está intrinsecamente ligada a fatos de cunho violento noticiados pelo jornal e associados à cidade de Ceilândia. A autora sugere que, em alguns casos, “a pessoa [citada na matéria] está envolvida

com o crime ou a vítima morava na cidade”; em outras situações, “o caso foi registrado em uma Delegacia Policial/DP da Ceilândia etc”. (ARAÚJO, 2006, p. 26). Em nosso estudo, entretanto, queremos destacar a cidade em pontos positivos também.

No protagonismo de Ceilândia, o jornal estabelece a posição da cidade em relação ao conteúdo explorado no discurso. E é esse posicionamento *protos* que analisaremos nesta seção. Nos textos que tratam do aniversário da cidade, Ceilândia é o destaque principal, é sobre quem será dito algo. Decorrente disso, o termo aparece na posição temática de destaque, conforme os excertos (1) e (2).

- (1) *Ceilândia celebra aniversário de 45 anos; confira a programação (Reportagem_16)*
- (2) *Ceilândia não nega a diversidade que a constitui nem mesmo nas regiões que se ergueram há menos tempo (Reportagem_22)*

Nos excertos (1) e (2), Ceilândia é agente, é o ator do processo material: “celebrar” e dizente do processo verbal⁸⁵ (do dizer): “negar”. Em (2), o autor do texto optou pelo uso da polaridade negativa “não negar”. A polaridade compõe parte do Finito na metafunção interpessoal. Conforme o linguista Thompson (2004, p. 68), todo Finito é inerentemente positivo ou negativo, mas a marcação negativa destaca, em geral, que precisamos de uma razão particular para falar o que “não é”. O jornal, nesse caso, se exime da responsabilidade de atribuir à Ceilândia uma afirmação não dita, como: “Ceilândia assume a diversidade que [...]” ou “Ceilândia sustenta a diversidade que [...]”. O “não nega a diversidade” nos remete a uma metonímia com o objetivo de construir um efeito retórico de aproximação da cidade com a população.

- (3) *Um dos cartões-postais de Ceilândia, a Casa do Cantador, localizada no P Sul, homenageia toda a população que veio do Nordeste do país para construir Brasília e que deixou de forma marcante suas características na região administrativa. (Reportagem_12)*

Em (3), o autor opta por um Tema marcado⁸⁶ para situar o leitor sobre a quem está se referindo: “um dos cartões-postais de Ceilândia, a Casa do Cantador” (dizente) que homenageia (processo verbal) “toda a população que veio do Nordeste [...]” (receptor). Conforme Fuzer e

⁸⁵ Processos verbais são processos do dizer. As orações verbais são constituídas por: dizente (participante principal); processo verbal (processo que indica a fala); verbiagem (o que é dito); receptor (a quem é dito); alvo (o que ou quem é atingido pelo processo de dizer).

⁸⁶ Na metafunção textual, apresentada por Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004), dividimos a oração em duas partes: o Tema, que é o ponto de partida escolhido pelo falante/escritor; e o Rema, que é o restante da mensagem. O Tema pode ser não marcado, que compreende a ordem direta dos termos: Participante + processo + circunstância. Havendo inversão dessa sequência em que o processo ou a circunstância ocupe a posição inicial na oração (ordem indireta), teremos o tema marcado.

Cabral (2014), quando o falante/escritor emprega uma sequência temática marcada, ele enfatiza a informação que considera mais importante e gera expectativas no ouvinte/leitor. Dias (1996, p. 106) acrescenta que “há um encaminhamento da leitura”, e que esse “mero pormenor”, conduz o leitor a seu interesse, “naquilo que o jornal julga ser o mais importante e levando-o a uma leitura predeterminada”. De fato, Ceilândia torna-se protagonista nesse caso, embora a meta da homenagem seja para sua população. Ghio e Fernández (2005) consideram a existência de três sujeitos e que o Tema corresponde a um “sujeito psicológico”, pois carrega a finalidade intrínseca do falante.

1) Sujeito psicológico: significa "do que se trata a mensagem". Foi chamado de psicológico, porque era o que o falante tinha em mente quando começou a falar, quando começou a construção da oração.

2) Sujeito gramatical: significa "aquilo sobre o qual se predica/diz algo". Foi chamado de gramatical porque, naquela época, a construção do sujeito e predicado era pensada como uma relação puramente gramatical; considerou-se que determinava outras características gramaticais diferentes, como o nome ou pronome que funciona como sujeito, e que concorda em pessoa e em número com o verbo, mas não se pensava que essa relação expressasse qualquer significado particular.

3) Sujeito lógico: significa "quem executa a ação". Foi chamado de lógico devido ao sentido em que esse termo tinha no século XVII, isto é, aquele "que tem a ver com as relações entre as coisas" em oposição às relações gramaticais, que são relações entre símbolos. (GHIO; FERNÁNDEZ, 2005, p. 86).

Conforme as autoras, teríamos então:

Um dos cartões-postais de Ceilândia,	a Casa do Cantador,	localizada no P Sul,	homenageia	toda a população ...
Sujeito psicológico	Sujeito gramatical e Sujeito lógico	Circunstância de lugar	Processo verbal	Receptor

Nos fragmentos (1) e (2), essas três funções estão combinadas em um mesmo elemento.

Ceilândia	celebra	o aniversário de 45 anos
	não nega	a diversidade...
Sujeito psicológico	Processo material	Meta
Sujeito gramatical	Processo verbal	Verbiagem
Sujeito lógico		

Ghio e Fernández (2005, p. 87) destacam que é necessário ter em conta essas formas, pois “todas implicam significados sutis, mas significativamente diferentes e ao mesmo tempo estão todos relacionados e relacionados de maneira sistemática”.

- (4) *A Casa do Cantador foi o palco de uma noite histórica na carreira do rapper Japão. [...] O artista virou um símbolo da cultura de Ceilândia, como a Feira Central, a Caixa d'Água, os grafites da DF Zulu ou o olhar cinematográfico de Adirley Queirós. Nas*

rimas, no discurso e na militância, Japão traduz o melhor da 9ª região administrativa do Distrito Federal. (Reportagem_119)

Tendo em vista o momento de festa pelo lançamento de mais um CD, no excerto (4) vemos a mídia exaltar o rapper Japão, que tem notoriedade nacional pelas suas letras que denunciam os males locais e conscientizam jovens por meio de rimas. Embora não usual, foi utilizado o processo relacional “virou” que demonstra uma conquista do portador (não era... > mas virou...). O jornal concede ao artista [Japão] um atributo de “símbolo da cultura de Ceilândia” e o equipara a outros elementos que também são símbolos da cultura: a Feira Central, a Caixa D’Água, e aqui podemos forçadamente interrelacioná-lo à casa/cultura dos nordestinos e aos primeiros moradores da cidade que lutaram para ter água encanada no lugar e ao trabalho de outros dois artistas locais, DF Zulu e Adirley Queirós.

(5) *Conheça Samantha, a menina da Ceilândia símbolo de nova campanha da ONU (Reportagem_23)*

O modo oracional imperativo denota uma proposta, ao mesmo tempo em que sugere uma ação, qual seja: “conheça Samantha, [...]”. Temos, aqui, um tema não marcado, característico das orações imperativas, que ressaltam, no próprio processo, a relevância da matéria. Na sequência, aparece “a menina da Ceilândia símbolo de nova campanha da ONU”. Observemos que Ceilândia e ONU estão colocadas paralelamente e geram a grandeza do evento: de uma “cidadezinha” para o mundo; vai da origem (da Ceilândia) para uma posse (da ONU). Geralmente, os textos que citam histórias de sucesso de moradores/filhos da cidade são apagados pela mídia. Temos como exemplo recente *Brasiliense é convocada para a Seleção Feminina no lugar de Marta*.⁸⁷ Victoria Albuquerque é filha de Ceilândia e depois do sucesso alcançado na cidade, conseguiu uma bolsa de estudos e o treinamento em uma escola em Brasília. Dali partiu para o Corinthians e chegou à seleção Brasileira Feminina. A depender do que se quer retratar, esse passado é apagado ou exaltado nas matérias. No excerto a seguir, observemos um caso que “joga” com a palavra Ceilândia, e, nesse caso, enfoca-se um time de futebol associado às palavras: “matar” e “morrer”.

(6) *Foi aí que o Ceilândia ganhou o apelido de Gato, porque o pessoal queria matá-lo e ele não morria. (Reportagem_81)*

⁸⁷ Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/brasiliense-e-convocada-para-a-selecao-feminina-no-lugar-de-marta>. Acesso em: 8 abr. 2020.

Em (6), “o Ceilândia” não é mais um participante ativo, mas beneficiário do processo material (“ganhou”) cuja meta⁸⁸ foi o apelido recebido. Aqui, o termo Ceilândia empregado em (6) difere das posições anteriores. O referente não é a cidade, mas o time local. Na sequência, “porque o pessoal [...] morria”. Os processos “matar” e “morrer” transitam entre o sentido real e o figurado. Mas o que se deve ressaltar é que funcionam como processos comportamentais. O contexto cultural “sugere” um lado criminal; mas no contexto de situação e nas relações semânticas, podemos isolar os elementos para uma análise mais crítica. Halliday (1978, p. 109) explica o potencial de significados na perspectiva desses dois contextos:

O potencial de significado, que é o leque paradigmático de escolha semântica presente no sistema, e ao qual os membros de uma cultura têm acesso em seu idioma [...] no contexto da cultura, é todo o sistema semântico da língua. [...] no contexto da situação, é o sistema semântico particular, ou conjunto de subsistemas, que está associado a um tipo particular de situação ou contexto social.⁸⁹

Observemos as análises abaixo do excerto (6) nos três planos funcionais da linguagem.

	porque	o pessoal	queria	matá	lo
Ideacional		Comportante	Proc. Comportamental		Meta
Interpessoal		Sujeito	Finito	Predicador	Complemento
		Modo		Resíduo	
Textual	Tema textual	Tema tópico	Rema		

	e	ele	não	morria	
Ideacional		Comportante	Proc. Comportamental		
Interpessoal		Sujeito	Finito (polaridade negativa + pret. Imperf. Indicativo)		
		Modo		Resíduo	
Textual	Tema textual	Tema tópico	Rema		

Tanto o processo “matar” quanto “morrer” estão no âmbito do processo comportamental que se situa entre o processo material e o processo mental. No potencial de significado, entendemos que “matar” e “morrer” junto à palavra “Gato” remetem à intertextualidade costurada no texto de que o animal tenha sete vidas, e, por isso, seja difícil de matar/morrer. Nos excertos seguintes, a Região Administrativa é posicionada no texto como circunstância de lugar. Tais escolhas lexicais têm forte apelo quando próximas ao nome da cidade, pois remetem

⁸⁸ Ver subseção 2.3.2 Metafunção ideacional.

⁸⁹ Tradução livre de: The meaning potential, which is the paradigmatic range of semantic choice that is present in the system, and to which the members of a culture have access in their language [...] in the context of culture, it is the entire semantic system of the language. [...] in the context of situation, it is the particular semantic system, or set of subsystems, which is associated with a particular type of situation or social context.

a uma identidade de violência e de insegurança local que é construída ao longo dos anos. Vejamos outras situações de protagonismo.

- (7) *José Rodrigues tem uma empresa de reforma e mora em Ceilândia com a mãe e o filho. (Reportagem_45)*

No excerto (7), Ceilândia é local de moradia. A matéria trata do desaparecimento de um empresário (“José Rodrigues”) que mora (processo material concreto) em Ceilândia. Diferente das demais circunstâncias de lugar que aparecem no texto, “Morar em Ceilândia” é, além de fixar residência, constituir-se parte de. Por isso, alocamos essa situação como protagonismo.

- (8) *Adolescente é apreendido pela 10ª vez em Ceilândia; agora, por tráfico (Reportagem_5)*
 (9) *Homem é preso acusado de abusar da enteada em Ceilândia (Reportagem_56)*
 (10) *Motorista de 38 anos perde controle do carro e bate em poste em Ceilândia (Reportagem_74)*
 (11) *Mulher é presa acusada de matar marido a facadas e pauladas, em Ceilândia (Reportagem_78)*
 (12) *Polícia Militar apreende canários usados para rinha, em Ceilândia (Reportagem_92)*
 (13) *Polícia Civil prende 12 em Ceilândia; crimes vão de homicídio a roubo (Reportagem_99)*

Os excertos acima são todos títulos das reportagens. A cidade compõe o cenário circunstancial do acidente e dos crimes relatados em todos eles. Isso se repete em uma série de textos⁹⁰ do *corpus* desta tese: Adolescente é apreendido pela 10ª vez, em Ceilândia; agora por tráfico; Homem é preso acusado de abusar da enteada **em Ceilândia**; motorista bate o carro em poste **em Ceilândia**; Polícia apreende canários, **em Ceilândia**; mulher é presa acusada de matar marido, em Ceilândia; e a polícia prende 12 em Ceilândia.

Salientam Butt *et al.* (2003, p. 84) que “as circunstâncias funcionam para iluminar o processo de alguma maneira” e que o tipo empregado em um texto nos ajuda a entender o objetivo dele. Observamos que esse tipo de protagonismo aparece em quase todos os títulos e, em alguns casos, é reforçado no corpo da matéria. Segundo Mouilland (2002, p. 108), “a escolha de um [...] título pode ser considerada como uma interpretação (que orienta a compreensão da informação pelo leitor)”. A forma como são construídos os títulos das matérias conduz o leitor a acreditar que o local é muito perigoso. Observemos o excerto abaixo.

- (14) ***Polícia Civil prende 12 em Ceilândia; crimes vão de homicídio a roubo**
 Eles foram localizados nesta terça-feira (12/7) e estão, a partir de agora, à disposição da Justiça.
 A Polícia Civil cumpriu 12 mandados de prisão durante a tarde desta terça-feira (12/7) em Ceilândia e nas imediações. Os crimes vão de homicídio a roubo, e os bandidos estão*

⁹⁰ Todas as reportagens podem ser conferidas no Anexo J.

detidos na 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia/P Sul). Eles foram localizados e estão, a partir de agora, à disposição da Justiça. (Reportagem_99)

No excerto (14), identificamos a exploração da circunstância de lugar no fragmento. A reportagem é curta (80 palavras) e o vocábulo “Ceilândia” aparece três vezes. No título: *Polícia Civil prende 12 em Ceilândia, crimes vão de homicídio a roubo*, a meta do processo material (prende) resume-se a um número: “12”. A interpretação que se depreende do título é que se trata de criminosos, pois “a polícia prende” (e aqui já poderíamos supor que seriam pessoas “fora da lei”); e na sequência, “crimes vão de homicídio a roubo” (cometem crimes = são criminosos). Em suma, temos os participantes: “polícia”, “12”, “crimes”, “homicídio” e “roubo”; e uma circunstância de lugar: “em Ceilândia”. No decorrer do texto, ainda aparece mais duas vezes a palavra Ceilândia, reforçando que toda ação se limitou ao referido espaço.

Em outras situações, o protagonismo da cidade não aparece no título, mas na lide da matéria. Vejamos alguns fragmentos.

- (15) *Bando explode caixas eletrônicos do BRB e levam dinheiro de equipamento*
O crime aconteceu em Ceilândia, por volta de 45h10 desta quarta. Homens do Esquadrão de Bombas do Batalhão de Operações Especiais (Bope) vasculharam o local em busca de explosivos não detonados (Reportagem_7)
- (16) *Homem que cumpria domiciliar por tráfico e corrupção de menor é assassinado*
O crime aconteceu na quadra 35 do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia, por volta das 10h desta segunda-feira (7/11). De acordo com a Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom), Alexandre Pereira Nunes, 31 anos, cumpria prisão domiciliar desde 1º de junho de 2015 (Reportagem_60)

Vemos em (15) e em (16) outra forma de estabelecer relação com o crime à cidade de Ceilândia em uma posição estratégica da estrutura do texto: a lide.

Passemos, agora, à Ceilândia como coadjuvante do noticiário.

4.3.1.2 Coadjuvantismo

O termo coadjuvantismo (coadjuvante+ismo) vem do latim com, “junto”, mais *adjuvans* “que socorre, que ajuda, concorre para um fim comum”. No teatro, diz-se do ator que interpreta papéis secundários, ou seja, que está em segundo plano. (FERREIRA, 1986). A premissa de coadjuvantismo da cidade de Ceilândia insere-se na construção de discurso de que a cidade não é o alvo central do enredo, mas faz parte da história. Há que se destacar, aqui, dois tipos de situação em que a cidade de Ceilândia aparece como coadjuvante nos textos. No primeiro caso, os fatos ocorrem em outra região e o fechamento da narrativa desemboca em Ceilândia; no segundo, o local centro da história é outro, mas perpassa também na Região Administrativa.

Vejam os excertos (17), (18) e (19).

- (17) *Colisão entre caminhão e ônibus deixa ao menos 18 feridos*
O acidente foi na DF-001, perto do Riacho Fundo II. Uma vítima em estado grave foi levada para o Hospital Regional da Ceilândia. (Reportagem_20)
- (18) *Tempestade em Samambaia: 6 mil casas continuam sem energia elétrica. [...] Os bombeiros levaram um homem de 32 anos para o Hospital Regional de Ceilândia. (Reportagem_127)*
- (19) *Fugitivos de presídio em Goiás são recapturados pela polícia em Ceilândia (Reportagem_48)*

Nos excertos (17), (18) e (19), identificamos ações que começaram em outras regiões, mas o desfecho foi na cidade de Ceilândia. Em (17) e (18), as vítimas do acidente que ocorreu perto do Riacho Fundo II e da tempestade em Samambaia foram levadas para o Hospital de Ceilândia. E, em (19), os fugitivos de um presídio em Goiás foram recapturados em Ceilândia. Vejamos outra situação de coadjuvantismo do termo.

- (20) *As autoridades sanitárias trabalham com a possibilidade de epidemia de caxumba no Brasil. Somente na capital federal, a Diretoria de Vigilância Epidemiológica (Divep) da Secretaria de Saúde recebeu, até 24 de setembro, 1.913 casos da doença média de 7 casos por dia desde o começo do ano. Só Ceilândia registrou 356 infecções. (Reportagem_15)*
- (21) *Distrito Federal registra 285 casos de tuberculose somente em 2016. [...] Ceilândia e Taguatinga são as regiões administrativas que mais apresentam novos casos. (Reportagem_28)*
- (22) *Seis cidades do DF estão em alerta para a alta incidência do Aedes. [...] Lago Norte, com 1,6% de infestação; Asa Norte, com 1,4%; Ceilândia e Lago Sul, com 1,3% cada; e São Sebastião e Sobradinho 2, com 1,1% estão com estatísticas alarmantes. (Reportagem_123)*
- (23) *A Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb) vai começar a diminuir a partir de quarta-feira (23/11), entre 7h e 19h, para reduzir o consumo de água e amenizar a crise hídrica na capital. Inicialmente, a diminuição vai afetar as regiões abastecidas pela Barragem do Descoberto, que está com o menor nível. A implantação começa por Ceilândia. (Reportagem_11)*

Nos excertos (20) a (23), a temática das reportagens trata de assuntos que abrangem todo o DF e que inclui, principalmente, Ceilândia. Em (20), uma possível epidemia de caxumba assola o Brasil, e Ceilândia apresenta o maior índice no DF. Em (21), alto índice de tuberculose, e Ceilândia e Taguatinga são as cidades mais atingidas. O excerto (22) alerta para seis cidades, incluindo Ceilândia, com alta incidência do *Aedes*. E no (23), a redução do fornecimento de água para amenizar a crise hídrica no DF que será iniciada em Ceilândia. A cidade “foge” do protagonismo, pois a matéria aborda outras regiões administrativas e não exclusivamente a região de Ceilândia. Também não é figurante, pois é parte dos problemas relatados. Passemos agora à próxima categoria.

4.3.1.3 Figurantismo

O termo figurante vem do latim *figurans, -ntis*, “aquele que figura”. No teatro, na TV e no cinema, refere-se ao ator em papel menor, que não desempenha nenhum papel e que geralmente está misturado a outras pessoas.⁹¹ A classificação de Ceilândia no papel de coadjuvante e de figurante por vezes se entrelaçou durante os estudos, e a diferença é bem sutil. Ceilândia como coadjuvante está junto das demais cidades; Ceilândia-figurante somente “figura”, é apenas uma referência local. Observemos os segmentos oracionais:

- (24) *Governo fará mudanças na Escola Parque a partir do próximo ano [...] O modelo seguiria o que já é praticado nas unidades parques de Ceilândia e de Brazlândia. (Reportagem_50)*
- (25) *Padre citado na Lava-Jato constrói maior complexo religioso do Centro-Oeste. [...] Localizada no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, perto de Ceilândia, a obra está em ritmo acelerado. (Reportagem_86)*
- (26) *A APA do Descoberto abrange as regiões administrativas de Taguatinga, Brazlândia, Ceilândia e o município de Águas Lindas, e sua criação teve como objetivo garantir maior proteção à Bacia do Rio Descoberto e a represa. (Reportagem_87)*

Nos excertos (24), (25) e (26), a Região Administrativa é citada apenas como um ponto de referência da matéria, não é o objeto fim do assunto principal abordado; mas exerce a função de compor o ambiente.

4.3.2 “Gente da gente” em pauta

No primeiro ponto da Ceilândia onde paramos, desci do carro e perguntei a algumas pessoas numa praça: **“Onde estão as pessoas bacanas da Ceilândia, as belas moças, os rapazes bonitos? Será que existe alguém que possa nos orientar e nos contar onde está a parte boa da Ceilândia, os aspectos da cidade que orgulham as pessoas que moram nela, que cresceram com ela, que gostam do lugar onde moram?”** Não demorou e alguns engraxates, barbeiros e outras pessoas reunidas na praça central, de início receosas, nos deram o mapa da mina. (CUNHA, 2002, n. p., grifo nosso).

“Onde estão as pessoas bacanas da Ceilândia?” Foi com o desafio de “virar a pauta” que Cunha chegou à Ceilândia para conhecer a cidade de perto e poder compartilhar isso na televisão no dia do aniversário da cidade. Parece que esse é o mesmo desafio e o mesmo presente de aniversário até hoje: contar histórias de moradores da cidade: *Para celebrar esses 45 anos, o Correio reuniu histórias de moradores orgulhosos de cada um dos cantos de uma*

⁹¹ Informações obtidas no site do dicionário Michaelis online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=keL3>. Acesso em: 27 maio 2020.

só CEI, a que mora no coração de todos eles.⁹² São poucas as matérias que retratam a imagem da cidade com “pessoas bacanas” e trabalhadoras.⁹³ Mas essas poucas histórias se aparentam, se aproximam; e, por esse motivo, são tão encantadoras. A sensação ao ler cada história é a de ver a sua própria sendo narrada por outra pessoa. São histórias de gente vinda, principalmente, do Nordeste e que chegou para ajudar a construir Brasília, como a de Francisco Rodrigues (27) e Francisca Ambrósio (28).

(27) *Grande família*

*A Guariroba também abriga alguns dos pioneiros de **Brasília** e de Ceilândia. O Teatro Nacional, os sinos da Catedral Metropolitana e até mesmo o prédio que fica na esquina de casa são algumas das obras que **Francisco Rodrigues da Silva**, 77 anos, ajudou a erguer. O trabalho de moldador foi o que sustentou a família desde a mudança da **Bahia** para a capital federal. Enquanto isso, em casa, **Zélia Álvares da Silva**, hoje com 75 anos, cuidava dos 13 filhos e de vários outros que eles adotaram e criaram nos 55 anos de casados. (Reportagem_81)*

Em (27), o ator (A Guariroba)⁹⁴ do processo material (abrigar) promove a ação de acomodar “alguns dos pioneiros de Brasília e de Ceilândia” (meta). No contexto de situação, o autor do texto proporciona a construção de um sentimento acolhedor da cidade de Ceilândia desde o subtítulo da matéria: “Grande família”. A escolha cuidadosa dos processos permite-nos inferir que se trata de uma construção para enlaçar o leitor em uma narrativa emotiva e envolvente: abrigar, ajudar a erguer, sustentar, cuidar, adotar e criar; diferentemente da cidade violenta e insegura que é apregoada diariamente.

Nessa mesma construção, ainda se destaca o paradoxo da grandiosidade *versus* a simplicidade, implícito nas grandes obras: “O Teatro Nacional, os sinos da Catedral Metropolitana”, e na pequena: “[...] e até mesmo o prédio que fica na esquina de casa [...] Francisco ajudou a erguer”. A grandiosidade e a simplicidade de Francisco são reveladas em obras conhecidas e na pequena construção da esquina. Essa mesma relação de simplicidade *versus* grandiosidade é repetida metaforicamente em: “o trabalho de moldador”, algo simples, humilde; e a grandeza do evento: “sustentar a família”. Temos o processo material concreto

⁹² Reportagem_16: “Ceilândia celebra aniversário de 45 anos; confirma a programação” (ver Anexo J)

⁹³ Dias (1996, p. 109, grifos da autora) citando Costa (1992) destaca que “a condição de **trabalhador**, atributo de honestidade, vem opor-se à referência **bandido**, ou seja, ‘pobres que trabalham’ *versus* ‘pobres que roubam’. Na medida em que o termo **trabalho** serve para diferenciar as duas categorias de ‘pobres’, verifica-se que o mesmo não é visto como algo cujo exercício possa lhes oferecer melhores condições de vida. Dessa forma, no contexto popular, falar-se em ‘trabalhadores que são pobres’ é um pleonasmo.”

⁹⁴ Guariroba é uma área da Ceilândia Sul que foi criada pelo Programa Habitacional da Sociedade de Habitação de Interesse Social – SHIS. O bairro compreende as quadras pares QNNs 02 a 10; 12 a 16; 18 a 26 e 28 a 34 e a Nova Guariroba. Disponível em: <http://www.ceilandia.df.gov.br/2019/06/07/guariroba-comemora-43-anos-com-sessao-solene-na-casa-do-cantador/>; e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guariroba_\(Ceil%C3%A2ndia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guariroba_(Ceil%C3%A2ndia)). Acesso em: 08 maio 2020.

“trabalhar” que é realizado por um substantivo abstrato “o trabalho”. Trata-se da reconstrução entre a léxico-gramática e a semântico-discursiva com relevância para o significado do léxico. Halliday (1994) considera esse tipo de artifício como o recurso mais poderoso para criar metáforas gramaticais, no qual os processos (congruentemente redigidos como verbos) e propriedades (congruentemente redigidos como adjetivos) são rephraseados como substantivos funcionando como *Thing* no grupo nominal. O autor ressalta que esse tipo de discurso altamente metafórico tende a separar o “especialista” daqueles sem conhecimento, trata-se de uma estratégia de poder em que o escritor “controla” suas palavras.

No trecho (27), o autor da matéria reporta o leitor a uma narrativa dentro de um contexto cultural da população nordestina (ressalte-se que a maior parte da população de Ceilândia veio do Nordeste) que vive na simplicidade e que considera que é “obrigação” do homem trabalhar para sustentar a família e cabe à mulher cuidar e criar os filhos.

(28) *Francisca Ambrósio do Nascimento, a Dona Chica, viu três cidades nascerem. Natural de Currais Novos (RN), ela chegou ao Planalto Central antes da inauguração de Brasília, em 1958. Mais tarde, mudou-se para Ceilândia com o marido, ainda na década de 1970, quando as ruas eram puro barro. Agora, aos 68 anos, orgulha-se de ter participado da construção de uma cidade pela qual lutou desde o início. “O Pôr do Sol, hoje, é um sonho que se realizou. [...]”.* (Reportagem_22)

A história de Francisca (28) vai ao encontro da história de Francisco (27) e a de outros personagens do *corpus*: trata-se de nordestinos do Rio Grande do Norte e da Bahia, respectivamente, que viram nascer Brasília e, mais tarde, Ceilândia. Retomemos aqui as considerações de Silva (2019b) para os processos comportamentais, verbais e existenciais que não se limitam à estrutura interna do ser, uma vez que envolvem o seu mundo exterior. Embora “viu” esteja no campo do processo mental perceptivo, a oração projetada “três cidades nascerem” (nascer – processo comportamental) carrega em si o domínio do empírico, uma vez que este pode ser acessado por experiências a partir da observação direta, como bem sustenta Silva (2019b). É importante salientar que, embora não se trate de um ser tipicamente consciente, o comportante do processo “nascer” é “as três cidades”.

Em “Agora, aos 68 anos, orgulha-se de ter participado da construção de uma cidade [...]”, o autor projeta ao participante/experienciador (Francisca) do processo mental emotivo (orgulhar-se) ações (ter participado/processo material) que são rememoradas com sentimento de afeição, o que é ratificado no discurso direto: “Pôr do Sol, hoje, é um sonho que se realizou [...]”.

Depois veio a transferência para Ceilândia, como nos conta Viridiano Custódio:

- (29) *Quando se mudou da Vila do IAPI para Ceilândia, Viridiano Custódio de Brito, 57 anos, viu a mãe lutar por melhorias para a cidade e participou de muitas dessas conquistas. O barraco em que moravam tinha dois cômodos, mas, quando chegou à nova terra, levado por caminhões do governo, apenas algumas tábuas se salvaram e só deu para montar um cômodo. Nessa época, a mãe trabalhava como lavadeira e Viridiano andava quilômetros para levar a ela a comida que cozinhava. “Quando nós chegamos aqui, a Ceilândia não tinha água, luz nem esgoto”, lembra. “A gente era muito pobre, mais pobre ainda que hoje”. (Reportagem_81)*

Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 434), as orações complexas são utilizadas quando se quer dar mais “peso” à unidade de informação, ampliando externamente a oração dominante. No excerto (29), o autor faz uso desse recurso para enfatizar a narrativa intensificando a circunstância temporal e produzindo a sensação de “transportar” o leitor ao cenário da época: “Quando se mudou da Vila do IAPI para Ceilândia”, “quando chegou à nova terra, levado por caminhões do governo” e “quando nós chegamos aqui”. O tempo verbal desloca o leitor para o passado como se fosse presente.

Na primeira sentença, o experienciador (Viridiano) viu (processo mental perceptivo) “a mãe lutar por melhorias”. Novamente, o autor agrega informações à oração; dessa vez, por meio de uma relação de projeção (viu + [oração projetada]). Na sequência, aparece o processo material “lutar” e, mais à frente, o “trabalhar” associados à mãe (ator) que, metaforicamente, a colocam no papel de guerreira (luta/trabalha=batalha). Por sua vez, a Viridiano (ator) são atribuídos processos materiais “participou de muitas conquistas”, “andava quilômetros”, “levava comida para a mãe” que releva sua atuação nesse tempo. O trecho revela as dificuldades encontradas na cidade no início: moravam em dois cômodos lá (na Vila IAPI) e passaram a viver em um, pois só se salvaram algumas tábuas; “não tinha água, luz nem esgoto”; andavam quilômetros (= não havia transporte).

Os complexos oracionais que intensificam a circunstância de tempo em (29) “pesam” a dura batalha enfrentada pelos participantes/moradores (a mãe e Viridiano) nos primeiros momentos na “nova terra”. O “quando se mudou” e o “quando chegou” demarcam uma etapa no passado ao mesmo tempo em que revelam um progresso, pois houve “muitas conquistas”, ou seja, foram vitoriosos em várias lutas. A narrativa da história de Viridiano, rica em detalhes, faz com que vários leitores se identifiquem com a descrição acima e também se sintam guerreiros por terem enfrentado as mesmas lutas no início da cidade. Entretanto, a vida na periferia é uma constante luta, quer seja por conquistas sociais, quer seja para mudar a vida de outras pessoas, como aparece nos excertos (30) e (31).

- (30) *O estigma de mulher, negra, moradora da periferia serviu como incentivo para lutar por conquistas sociais. “Eu [Maristela] não me permiti ficar com a autoestima baixa, muito pelo contrário. Resolvi desenvolver trabalho social justamente para mostrar à comunidade que a gente tem que se superar e mudar a nossa realidade por meio da educação”, relata. [...] E não foi apenas a vida da própria família que ela melhorou. Hoje, orgulha-se de ter contribuído para recuperar dependentes químicos, dar formação a mulheres para conseguirem sustentar as famílias e ajudar na preparação escolar de diversas crianças. “A minha luta pela Ceilândia é fazer com que as pessoas mudem, cresçam. Fazer com que os jovens não vejam na droga e na criminalidade a solução para a vida deles. Eles podem crescer por meio da educação, do esporte e da cultura”.* (Reportagem_16)

Em (30), Maristela é a representação de uma guerreira fortalecida pelos/nos atributos concedidos na descrição de sua imagem: mulher, negra, moradora da periferia e que reafirma sua condição em “*eu não me permiti ficar com a autoestima baixa, muito pelo contrário*”. O dizente (eu=Maristela) não (polaridade negativa) permite (processo verbal) a si própria (me = receptor) ficar com a autoestima baixa (verbiagem). Na perspectiva bhaskiana, Silva (2019b) considera que os processos verbais estejam dentro do domínio realizado, uma vez que esse domínio não corresponda apenas a experiências, mas também a eventos, que podem ou não ser cognitivamente percebidos pelos seres humanos. Observemos que “*não permitir*” promoveu ações de superação que vão além da sua percepção: ser mulher, negra e moradora da periferia não a impediu de lutar por conquistas para si, para os seus e para os outros.

O vocábulo “lutar” aparece novamente em um excerto que trata sobre as pessoas de Ceilândia, desta vez, associado às “conquistas sociais”. A imagem construída de Maristela é a representação de uma heroína que busca ideais nobres de justiça e liberdade somados à força de vontade e à determinação. Nas palavras de Maristela: “*A minha luta pela Ceilândia é fazer com que as pessoas **mudem, cresçam** [...]*”. Ou seja, Maristela promove a transformação do ser no mundo, e isso é ratificado na escolha dos processos materiais empregados que pertencem à categoria dos transformativos “mudar” e “crescer”. Essa transformação é a base da emancipação humana coletiva apresentada por Bhaskar (2002) e Barros (2008, 2015).

[...] esse tipo qualitativo especial de **tornar-se livre** ou de **libertação** que é a emancipação e que consiste na transformação, na **auto-emancipação** pelos agentes envolvidos, de uma fonte de determinação indesejada e desnecessária para uma fonte de determinação desejada e necessária, é ao mesmo tempo pressupostos causalmente e logicamente implicados pela teoria explicativa,

mas que só pode ser efetivada na prática. (BHASKAR, 1986, p. 171, grifos nosso).⁹⁵

- (31) “A marca surgiu da ideia de reafirmar o orgulho que o Japão tem de ser de Ceilândia e levar a cidade em suas letras, como forma de reafirmação e protagonismo que a cultura de rua, em específico o rap, tem em todo o Brasil” [...] Ela própria, originalmente de São Paulo, foi seduzida por Ceilândia. E devolve o amor recebido: “Eu me sinto ceilandense e tenho orgulho desta cidade! A cultura sem dúvida foi o que me seduziu. São esportistas, poetas, escritores, cineastas, dançarinos, grafiteiros, cantores, atividades culturais diversas... Isso me conquistou! E, claro, as pessoas! Não à toa, me apaixonei e casei com um ceilandense”. (Reportagem_119)

O vocábulo “orgulho” aparece em (30) em forma de processo mental cognitivo “*orgulha-se de ter contribuído*” e em (31) vem como atributo do processo relacional “ter”: “[...] *o Japão tem [orgulho] de ser de Ceilândia*”. Em ambas as situações, a palavra denota honra e sentimento de satisfação, longe de uma circunstância negativa de arrogância. Em (30), o experienciador [Maristela] traz à consciência a importância do fenômeno “de ter contribuído” em sua sociedade. Em (31), o possuidor (Japão) tem a posse do atributo a ele conferido “*orgulho de ser de Ceilândia*”. Esse mesmo orgulho é transferido à esposa que também assume: “*tenho orgulho desta cidade*”. Daniela, esposa de Japão, revela ainda que “*foi seduzida por Ceilândia*”, ou seja, a ação do processo material (foi seduzida) é realizada por Ceilândia (ator – não humano) sobre Daniela (recededor) que “*devolve o amor recebido*” [de Ceilândia]. Urge destacar que as escolhas lexicais conduzem o leitor a um envolvimento metaforicamente amoroso nesse trecho: por um lado, a sedução e o amor proporcionado da/pela cidade (ator); e por outro, de orgulho e de satisfação pelos recededores (Japão e Daniela). Por fim, o autor encerra o texto com “*me apaixonei e casei com um ceilandense*”. Ocorre aqui a personificação do não humano [Ceilândia] em humano [ceilandense] para que o relacionamento pudesse se concretizar (casar = processo material concreto). Vejamos, a seguir, a situação da saúde de Ceilândia.

4.3.3 A saúde de Ceilândia em pauta

O uso frequente do termo “hospital” no *corpus* desta pesquisa apareceu através do *software AntCont*. Pôde-se identificar que a relação da palavra hospital/Ceilândia ocorria em três momentos distintos: a saúde do DF; o socorro das vítimas; o atendimento no HRC. Vejamos cada caso nas subseções seguintes.

⁹⁵ Tradução livre de: “that special qualitative kind of becoming free or liberation which is emancipation, and which consists in the transformation, in self-emancipation by the agents concerned, from an unwanted and unneeded to a wanted and needed source of determination, is both causally presaged and logically entailed by explanatory theory, but that it can only be effected in practice”.

4.3.3.1 A saúde do DF pede socorro

A saúde do DF não está boa! Isso é o que aponta as reportagens divulgadas durante o ano de 2016: a falta de atendimento para cirurgias cardiopediátricas na rede; o aumento os casos de caxumba, tuberculose e dengue; a falha nos programas de assistência básica. Nos excertos abaixo, Ceilândia aparece como parte do problema que o DF, de forma geral, vem enfrentando.

- (32) *12 crianças esperam por cirurgias cardiopediátricas no DF [...] Uma **única** equipe atende esse tipo de paciente na rede pública [...]. A alternativa com mais chances de sair do papel, segundo fontes do Executivo local, é a ampliação do convênio com o Instituto de Cardiologia do Distrito Federal (ICDF) em quatro leitos — **atualmente**, o valor gasto com oito leitos de UTI cardiopediátrica é de R\$ 78 milhões por ano. [...] Outra medida é uma parceria com o Hospital Universitário (HUB), **mas o plano está sob análise**, após primeiro contato com a unidade médica. [...] Durante todo o tempo de vida, ela [Stefany] permaneceu internada no Hospital Regional de Ceilândia (HRC). (Reportagem_1).*

Em (32), uma criança aguardava internada no Hospital Regional de Ceilândia por uma cirurgia cardíaca que não veio a tempo de salvar sua vida. Há ainda 12 crianças na fila de espera. A reportagem tenta mostrar o que a Secretaria de Saúde tem feito para reduzir essa espera. A mídia recorre à circunstância de ângulo e, de maneira generalizada, informa “*segundo fontes do Executivo local*”. Não há um nome do(s) responsáveis pela informação que são tratados apenas por “*fontes*”. Sendo assim, a quem cobrar uma resolução?

Fairclough (2003) denomina esse tipo de construção linguística de a lógica do argumento: “*uma única equipe*”, “*alternativa com mais chance de sair do papel*”, outra medida “*está sob análise*”. Outro elemento na construção dessa lógica é o dado de valor gasto com UTI na rede privada que é uma informação “insignificante” frente o valor de uma vida. A construção discursiva releva um governo burocrático que estuda formas para resolver o problema, mas que, embora não delimite prazo e precisão da ação, não está inerte.

- (33) *As autoridades sanitárias trabalham com a possibilidade de epidemia de caxumba no Brasil. Somente na capital federal, a Diretoria de Vigilância Epidemiológica (Divep) da Secretaria de Saúde recebeu, até 24 de setembro, 1.913 casos da doença — média de 7 casos por dia desde o começo do ano. Só Ceilândia registrou 356 infecções. [...] A vacina é o principal mecanismo de controle. Entretanto, seis unidades de saúde, [...] estão desativadas no DF. (Reportagem_15)*
- (34) *Distrito Federal registra 285 casos de tuberculose somente em 2016. [...] Ceilândia e Taguatinga são as regiões administrativas que mais apresentam novos casos. [...] O Executivo local garante que a Secretaria de Saúde está habilitada para o diagnóstico e o tratamento do mal, mas não sabe precisar quanto é gasto especificamente com a tuberculose. (Reportagem_28)*
- (35) *Seis cidades do DF estão em alerta para a alta incidência do Aedes. [...] O Executivo local antecipou as ações de controle do mosquito, como o Correio adiantou na edição impressa de sexta-feira da semana passada. [...] Serão utilizados na campanha 41 carros*

fumacê, 27 bombas manuais de veneno. Além disso, há no estoque 300 litros de biolarvicida e 3 mil cápsulas de veneno. (Reportagem_123)

- (36) *DF ocupa posição crítica em programas de assistência básica de Saúde. O serviço público de saúde que deveria ser o mais próximo do cidadão, como marcação de consultas, é distanciado por falhas dos sucessivos governos. [...] Executor de estratégias de programas de promoção à saúde e à qualidade de vida, ele é categórico ao analisar o cenário da capital federal: faltam ações básicas e continuadas de planejamento. (Reportagem_25)*

Em (33), (34) e (35), são abordados temas de infecções (caxumba, tuberculose e doenças causadas pelo *Aedes*) que atingem diversas regiões administrativas no DF e, principalmente, Ceilândia. A cidade vem à baila pelos altos índices, dessa vez, de pessoas contaminadas; e do mosquito causador da dengue e de outras doenças. Quanto à caxumba (33), a proliferação do vírus ocorre, principalmente, nas escolas e Ceilândia é a mais atingida. Observe que a construção discursiva do jornal sugere uma atuação preventiva das autoridades sanitárias (ator), uma vez que “*trabalham*” (processo material concreto) “*com a possibilidade*” (meta) de epidemia de caxumba (circunstância assunto). A matéria não traz ações concretas para combater ou prevenir a doença. Informa apenas que tem vacinas para isso, *entretanto* nem todas as unidades de saúde estão atendendo.

Quanto à tuberculose, Ceilândia e Taguatinga são as regiões que mais apresentam casos da doença. Em (34), o “*Executivo local*” (dizente) “*garante*” (processo verbal) que está preparada, “*mas...*”. Nesse ponto, tem-se início uma relação contrastiva do que foi dito anteriormente entre: está preparada *versus* não sabe precisar quanto é gasto com a doença o que põe em dúvidas quanto ao preparo e à organização da Secretaria da Saúde para o ataque.

Em (35), a Secretaria de Saúde promove ações para combater a infestação do mosquito *Aedes aegypti* que pode causar a dengue, a zika e a chicungunha. Ceilândia também é uma das regiões com maior foco do mosquito. Observe que “*o Executivo local*” (ator) *antecipou* (processo material) *as ações de controle do mosquito* (meta), entretanto essas ações não são apresentadas ao leitor. O autor limita-se a informar que serão utilizados diversos equipamentos e máquinas para combater o mosquito. Em se tratando de um trabalho que necessite da participação de toda comunidade, não há previsão (não foi informada) para trabalho de conscientização da população para os riscos e de como evitar a proliferação do mosquito.

Em (36), a reportagem coloca o DF em situação “*crítica*” em relação às outras unidades da federação quanto à falta de cobertura dos agentes comunitários de saúde e da assistência do Saúde da Família: “*DF ocupa* (processo material) *posição crítica em programas de assistência básica de Saúde*” e “*deveria ser* (modalidade deontica/obrigação + processo relacional intensivo) *o mais próximo do cidadão*” Estamos diante de dois domínios da crítica explanatória

apresentada por Bhaskar (2002), quais sejam: o realizado e o potencial, respectivamente. O emprego do verbo modalizador sugere a hipótese (possibilidade) dentro de um domínio de potencialidades. Embora o problema seja o DF, os exemplos que compõem o corpo da matéria vêm de Ceilândia, por isso entrou no *corpus* desta tese.

Voltemos a Fairclough. O autor assegura que “fazer jornais é um processo altamente interpretativo e construtivo, e não simplesmente um relato dos ‘fatos’”; e acrescenta, eles também têm, pode-se dizer, uma ‘intenção explanatória’ que pode vazar para a ‘focalização’”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 85). Nos excertos (33) a (36), identificamos ações “vagas” sobre a atuação do Executivo local na saúde do DF e, em especial, a de Ceilândia. Conforme Fairclough (2003, p. 89), trata-se da “lógica da aparência”, na qual “as representações frequentemente não se aprofundam mais do que aparências com evidentes mudanças”. Enfoca-se em uma suposta atuação do Executivo na saúde que, na microanálise, revela inércia e/ou descaso com o problema.

4.3.3.2 *O socorro das vítimas*

Nesta segunda subseção, destacamos a relação da palavra hospital com a socorro. Vemos que aqui consiste, na maior parte, da frequência dos termos “hospital” e “bombeiros”, que remete à prestação de socorro. Tanto as vítimas de sinistros (acidentes e incêndios) como as de alguns crimes são conduzidas para o hospital. Vejamos alguns excertos.

- (37) *O pai chegou a ser levado ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC), mas também morreu. (Reportagem_3)*
- (38) *O suspeito foi levado ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC) bastante machucado, principalmente na região da cabeça. (Reportagem_18)*
- (39) *O homem foi socorrido pelo Hospital Regional de Ceilândia (HRC) e foi encaminhado para a 19ª DP. (Reportagem_125)*
- (40) *De acordo com o Corpo de Bombeiros, o motorista Carlos Donayth Leão Lima, 38 anos, se recusou a ser transferido ao hospital, mas foi socorrido no local (Reportagem_74)*

Em todos os excertos acima, vemos o sujeito gramatical (“o pai”, “o suspeito”, “o homem”, “o motorista”) na posição paciente, ou seja, recebem a ação do verbo: “ser/foi levado”, “ser transferido”, “foi socorrido”. A construção da frase na voz passiva sugere, de fato, a “passividade” de quem espera pela ação de outrem, espera o socorro. Na próxima subseção, destacamos estruturas léxico-gramaticais diferentes que vão revelar problemas na Unidade de Saúde.

4.3.3.3 O “socorro” no atendimento do HRC

Nesta seção, apresento textos que tratam de problemas, exclusivamente, do Hospital de Ceilândia. As matérias são mais robustas e são mostradas sob diferentes circunstâncias de ângulo. Em um ano, foram destacadas apenas quatro situações específicas relacionadas à cidade, quais sejam: uma que trata de um incêndio na Unidade de Pronto Atendimento (UPA); e três reclamações quanto ao atendimento do Hospital. Diferentemente das matérias de cunho policial, essas são recheadas de informações e vozes: pacientes, diretor do hospital, secretário de saúde, policiais e testemunhas. Vejamos.

- (41) *Incêndio na UPA de Ceilândia deixa quatro feridos e pacientes são retirados [...] Bombeiros atenderam a ocorrência e atestaram explosão de um balão de oxigênio. [...] Bombeiros explicaram que Geovane Brandão Aguiar inalou fumaça e Valdomiro da Silva teve um corte na mão direita.
Em nota, a Secretaria de Saúde lamentou o incidente e informou que aguarda o resultado da perícia feita pela Polícia Civil para saber a causa da explosão. De acordo com a pasta, a empresa responsável pelo fornecimento de oxigênio abasteceu 25 dos 43 cilindros na manhã desta quarta-feira (17/2). (Reportagem_64)*

Em (41) – “Incêndio na UPA em Ceilândia...”, duas autoridades são ouvidas: os bombeiros e a Secretaria de Saúde. Os bombeiros são um participante ator dos processos “atenderam (processo material) a ocorrência (meta)”, “atestaram (processo material) a explosão (meta)”, “transportaram (processo material) as vítimas (beneficiário); e também, dizente em “explicaram (processo verbal) o ocorrido (verbiagem)”. Urge ressaltar que, embora a manchete não informou o ator do processo material (são retirados), a lide esclarece que foram os bombeiros quem retirou os pacientes (beneficiário). Enfoca-se no trecho acima a eficiência do trabalho dos bombeiros (atender, atestar, transportar, retirar as vítimas), a habilitação para atuar nos casos de incêndio e a competência para “explicar” o ocorrido. Por outro lado, coube à secretaria (dizente) “lamentar (processo verbal) o incidente (verbiagem)” e “informar (processo verbal) que aguarda o resultado da perícia (verbiagem/relato)”. O vocábulo “lamentar” tem em si uma carga semântica que revela a aflição/a preocupação do órgão [Secretaria] com o incidente, ao mesmo tempo em que mostra a imperícia para agir coube só informar. Vejamos outra situação apresentada.

- (42) *A bisneta de um paciente internado em estado grave no Hospital Regional de Ceilândia (HRC) denunciou, por meio de um post no Facebook, nesta sexta-feira (4/11), a retirada de larvas do nariz do bisavô.
[Neta do paciente] De acordo com a moça, Cynthia Christiano, a situação ocorreu devido às condições da aparelhagem do centro médico público.*

[Direção do hospital] A direção do hospital disse que não é possível descartar totalmente outras infecções. "O hospital é um ambiente suscetíveis ao seu entorno", finaliza. (sic) (Reportagem_44)

No excerto (42), a bisneta (dizente) de um paciente internado denuncia (processo verbal) a retirada de larvas do nariz do bisavô. Assim como o processo verbal “lamentar” (41), “denunciar” (42) também tem uma forte carga semântica e, nesse caso, revela um fato ocorrido dentro do hospital e negligenciado pelo órgão. Observa-se que a denúncia impulsiona uma reação e, em resposta, a direção do hospital justificativa o problema, minimizando o caso como algo normal que faz parte do ambiente hospitalar: “*não é possível descartar outras infecções*”, o “*hospital é suscetível a isso mesmo*”. Essa minimização expõe a fragilidade de um sistema, que “naturalizou o convívio com larvas” como parte das infecções que hão de vir. O trecho encerra-se com um “*finaliza*” (processo verbal), ou seja, não há mais nada a ser dito. A carga semântica desse verbo revela acabar o relato, sem discussão ou outras vozes.

No próximo excerto, o jornal apresenta um relato grave de agressão dentro do HRC. Salienta Jones (1977 *apud* VAN DIJK, 1988a, p. 34) que o leitor começa a “adivinhar” rapidamente os tópicos mais prováveis de um texto, auxiliado pelos sinais temáticos do escritor, como: os resumos iniciais e os títulos. Vale salientar o diálogo construído pelo discurso para explicar o ocorrido. Vejamos.

- (43) ***Mulher tenta socorro no Hospital de Ceilândia e é agredida por seguranças.***
Seguranças do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) foram flagrados em uma ação de desrespeito com paciente da rede pública de saúde. Em um vídeo público, postado nas redes sociais, vigilantes aparecem chutando uma mulher e arrastando a vítima pelo braço até o lado de fora da unidade de saúde.
*[Testemunha] Em entrevista ao Correio, a jovem, que prefere não ser identificada, **contou** que aguardava atendimento para a avó [...] “Comecei a filmar depois que tudo estava acontecendo. A mulher tentou entrar, mas o segurança não deixou. Mesmo assim ela conseguiu acesso e nessa hora os vigilantes saíram puxando pelo braço”, **explicou**. “Uma enfermeira saiu, ficou olhando, mas não fez nada. Um policial também presenciou a cena e não tomou nenhuma atitude”, **destacou***
*[Polícia] No vídeo, um homem aparece com a blusa da Polícia Civil, assiste a agressão e não toma nenhuma atitude. A Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom) informou que não existe registro de ocorrência sobre o caso. Sobre o suposto policial, a comunicação **disse** que “o caso será analisado e que será preciso, ainda, avaliar os fatos “em sua totalidade”*
[Direção do hospital] Depois da divulgação das imagens que comprovam a agressão, a direção do Hospital Regional de Ceilândia informou que “vai apurar as responsabilidades pelo ocorrido no referido plantão e destaca a preocupação com o respeito ao paciente e seu acompanhante”.
[Secretaria de Saúde] Segundo José Maria Gomes Filho, assessor especial do gabinete do secretário de Saúde, Fábio Gondim, o chefe do plantão na noite da agressão contou que uma mulher chegou desmaiada ao HRC, levada por uma amiga e um homem. Na versão do assessor, o grupo parecia alterado. “A que estava desmaiada retomou a

consciência e elas começaram a discutir entre si. Falavam alto e gesticulavam”, relatou. (Reportagem_80)

Em (43), o título da matéria *Mulher tenta socorro no Hospital de Ceilândia e é agredida por seguranças* “prepara” o leitor para uma cena de agressão a uma mulher (violência contra mulher); que tenta socorro (ela ainda não foi socorrida); no Hospital (então ela deveria estar doente, é uma paciente ou acompanhante de um); cometida por seguranças (quem deveria manter a ordem). A partir desse “sinal temático” são construídas versões sob diferentes olhares: de uma testemunha (“contou”, “explicou” “destacou” – processos verbais), da polícia (a Divicom “informou”, “disse” – processo verbal), da direção do hospital (“informou”, “destacou” – processo verbal) e da Secretaria de Saúde (“contou”, “relatou” – processo verbal). Nesse tipo de construção, percebemos uma ausência de comprometimento do jornal com o que é narrado. Ele deixa para que o leitor selecione a “melhor versão”.

Cabe destacar que o autor recorre apresenta a verbiagem (o que foi dito) por meio de outra oração projetada. Essa oração pode ocorrer em forma de citação, com o auxílio de aspas, como aparece em: “*Comecei a filmar depois que tudo estava acontecendo. A mulher tentou entrar, mas o segurança não deixou [...]*”; ou em forma de relatos, introduzidos pelas conjunções “que” ou “se”, como em: “*A Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom) informou que não existe registro de ocorrência sobre o caso*”. No caso de citação, o produtor do texto representa a voz externa como a responsável pelo conteúdo e mostra-se indiferente a qualquer interferência. No relato, o produtor do texto constrói uma versão resumida do que foi dito pelas vozes externas. A expectativa do título é, em parte, uma representação da realidade; e em parte, pode ser entendida como sensacionalismo, se tomamos por verdade a resposta da Secretaria de Saúde, por exemplo. Passemos agora para a pauta de (in)segurança nas ruas.

Observamos que os textos que tratam de relatar problemas específicos e pontuais relacionados ao HRC e à UPA têm uma estrutura diferenciada do que temos analisado até aqui. Nessa temática, as matérias são abarrotadas de informações e a imprensa faz um papel “quase investigativo para apurar a verdade”. Embora não conclusivo, em alguns textos, o autor deixa que o leitor tire suas próprias conclusões dos acontecimentos. Para dar mais robustez à “verdade”, são apresentadas diversas vozes. É preciso ouvir os vários “lados da história”.

4.3.4 A (in)segurança nas ruas em pauta

Em 2014, Ceilândia registrou 30,2 mortes violentas por grupo de 100 mil habitantes. O índice levou a região administrativa a ocupar o **11º lugar no**

ranking de homicídios em proporção à população, ficando atrás de regiões como Paranoá, que ocupou o 1º lugar com 67,3 mortes por grupo de 100 mil habitantes, e Estrutural, em 2º, com 47,6. No entanto, **considerando o número absoluto de casos registrados, Ceilândia fica em 1º lugar, com 137 homicídios no ano passado.** (CALZOLARI, 2015, grifo nosso).⁹⁶

Início esta subseção com um trecho da reportagem publicada no portal G1 da Globo DF. No dia do aniversário de Ceilândia, a cidade é “presenteada” com uma série de reportagens e, entre elas, uma se destaca: “Vista como 'região mais violenta' do DF, Ceilândia é a 11ª em nº de mortes”. Ancorada em dados da Secretaria de Segurança Pública do DF (SSPDF), a jornalista expõe as marcas de uma violência que fazem parte da cidade. A repórter destaca que, em números **relativos**, a cidade ocupa o 11º lugar dentre as outras regiões; em números **absolutos**, Ceilândia assume o 1º lugar. Observamos que, embora não tenha nenhuma construção como essa de 2015 nas reportagens deste *corpus*, o discurso da violência aparece solapado na publicação reiterada de histórias de crimes e sinistros na cidade.

O quadro Mancha Criminal no DF, (Apêndice C), foi elaborado com dados da Codeplan (Estruturas Etárias por RA 2010-2020) e da Secretaria de Segurança Pública (SSP) do DF (dados criminais por Região Administrativa) e faz um paralelo entre os dados absolutos e os relativos de cada cidade. Na comparação, observamos que o índice populacional de Ceilândia (431 mil habitantes) é quase a soma da segunda maior cidade, Samambaia (224 mil) com a terceira, Plano Piloto (220 mil). Ao consideramos os dados relativos, vemos que a violência real se revela na cidade da **Estrutural** (crimes violentos letais, tráfico de drogas e posse/porte de armas) e **Plano Piloto** (crimes contra o patrimônio, roubos e furtos; e tentativa de homicídio, tentativa de latrocínio e estupro). Observemos no excerto a seguir uma forma de construção de um discurso do medo, o que remete à insegurança nas ruas.

(44) *DF registrou mais de 300 casos de estupro no primeiro semestre de 2016 [...] A análise mostra que Ceilândia (93), Planaltina (52), Gama (52) e Samambaia (53) são as cidades com maior incidência de estupro e concentram aproximadamente 40% dos casos. (Reportagem_27)*

O fragmento (44) aponta algumas cidades que contabilizam maiores índices de estupro. Se considerarmos o número de habitantes por região, o número revelaria uma inversão nessa ordem: em primeiro lugar viria a cidade do Gama (36 casos por 100 mil habitantes); seguida por Planaltina (27), Samambaia (23) e Ceilândia (21). É importante ressaltar que não temos os

⁹⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/vista-como-regiao-mais-violenta-do-df-ceilandia-e-11-em-n-de-mortes.html>. Acesso em: 05 abr. 2020.

dados das outras regiões, não são apresentados no texto. Mesmo assim, podemos perceber que, em dados relativos, Ceilândia pula do primeiro lugar para o quarto. A forma como a informação é explorada sempre vai mostrar uma cidade com grandes problemas de segurança, uma vez que desconsidera o número populacional da região.

Segundo van Dijk (1988a; 1988b), “o uso notável de números” é um dos dispositivos da retórica utilizados pelos “fazedores de notícias” (*newsmakers*) para a condução do leitor à veracidade e à credibilidade dos fatos. Assim se constrói a temática de crimes que circundam as notícias sobre Ceilândia, conforme apontado no Gráfico 2 e ratificado pelas informações coletadas pelo *software AntConc* resumido no Quadro 1.

Observamos que o termo “polícia”, bem como seus correlatos, aparece diversas vezes precedido de segmentos estruturais tais como: “de acordo com”; “de acordo com informações da”; “segundo a”. Tais estruturas paralelas evocam vozes heteroglóssicas no texto. No sistema de avaliatividade,⁹⁷ esse recurso encontra-se dentro do Engajamento, uma vez que o autor do texto amplia e compartilha as informações jornalísticas com vozes exteriores, nesse caso, a polícia é uma das fontes de reportagem. Trata-se de um tipo de expansão mediante o reconhecimento da voz da autoridade ou da credibilidade da fonte, que é outro elemento retórico de persuasão, segundo van Dijk. (1988a; 1988b). Conforme o autor,

A natureza persuasiva das notícias não é primariamente voltada para a mudança de opiniões e atitudes [...] Pelo contrário, as notícias têm uma função de ato de fala do tipo asserção, e seu principal objetivo é obter credibilidade com o leitor. Portanto, estratégias retóricas são usadas para enfatizar a precisão e a veracidade do texto. Os dispositivos retóricos que podem ser usados incluem observações diretas, entrevistas com testemunhas oculares, citações de participantes, descrições de cenas e especialmente números. (VAN DIJK, 1988b, p. 114, tradução nossa).⁹⁸

Em poucas palavras, na linha do pensamento de van Dijk, o uso de outras vozes no texto não se dá por acaso, uma vez que, com esse recurso, o autor se afasta da responsabilidade do que está sendo afirmado, ao mesmo tempo em que produz confiança no que é dito. Observemos os seguintes excertos:

(45) *Segundo a Polícia Militar, o marido - que não teve o nome e a idade divulgados - ateou fogo em Elisângela Mendes e numa amiga dela, após uma discussão. (Reportagem_77)*

⁹⁷ O Sistema de Avaliatividade será abordado no próximo capítulo com mais detalhe.

⁹⁸ Tradução livre de: “The persuasive nature of news is not primarily geared towards the change of opinions and attitudes [...] Rather, news has an assertion-type speech act function, and its major aim is to achieve credibility with the reader. Hence, rhetorical strategies are used to stress the preciseness and the truthfulness of the text. Rhetorical devices that may be used include direct observations, interviews with eyewitnesses, quotations from participants, scene descriptions, and especially numbers”.

- (46) *De acordo com a PM, a arma de uso restrito é avaliada em mais de R\$ 20 mil. [...] De acordo com a corporação, a dupla saiu de Águas Lindas (GO) com a intenção de roubar um carro na BR-070. (Reportagem_30)*

Nos segmentos (45) *Segundo a Polícia Militar* e (46) *De acordo com a PM*, temos a ocorrência de circunstâncias de ângulo, seguidas de um relato em forma de paráfrase, ou seja, o discurso é apresentado com as palavras do autor do texto. Observa-se que a circunstância de ângulo é a fonte de informação citada ou relatada e está relacionada ao dizente nos processos verbais. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Conforme se pode observar nos excertos abaixo.

- (47) *De acordo com a Polícia Militar, a dupla confessou a comercialização de diplomas escolares por R\$ 600 a unidade. (Reportagem_31)*
 (48) *Ainda de acordo com a Polícia Militar, o menor disse que era sua [a maconha] e que a comprou para seu próprio consumo. (Reportagem_118)*

Nos fragmentos (47) e (48), a circunstância de ângulo foi empregada para marcar a verbiagem do dizente do relato: *De acordo com a polícia, a dupla confessou [...], Ainda de acordo com a Polícia Militar, o menor disse [...]*. Nos casos acima, o policial também se exime da responsabilidade do que relata para atribuir a outrem (a dupla confessou/o menor disse) a informação que segue. Essas “vozes” dentro do discurso aparecem também no excerto (49): o delegado *disse que a menina contou*.

- (49) *O delegado-chefe da Delegacia de Proteção a Criança e ao Adolescente (DPCA), Wislei Salomão, disse que a menina contou que teria sido abusada pelo padrasto, uma pessoa que ela gosta muito, mas fazia coisas erradas com ela. (Reportagem_56)*

Observemos os excertos a seguir.

- (50) *"Ela me agradeceu muito. Disse que estava muito feliz com a nossa ação", conta Santoro. [tenente da PM] (Reportagem_70)*
 (51) *"Ela disse que estava sendo ameaçada de morte", lembra Santoro. (Reportagem_70)*

No fragmento (50), o policial é o dizente do processo verbal (“conta”) e a verbiagem vem em forma de citação.⁹⁹ O policial também recorre à ferramenta da expansão por reconhecimento para retratar a voz da vítima: *“Ela me agradeceu muito. Disse que [...]”*. O jornal reproduz a fala do policial, que conta o que outro participante havia lhe dito. Em (51), o

⁹⁹ Nas orações verbais, é comum o papel da verbiagem ser realizado por outra oração [...]. A primeira oração será verbal, e a segunda poderá ser de qualquer outro tipo e terá seus componentes classificados normalmente. A oração que complementa o processo verbal poderá vir em forma de citação ou relato. (FUZER; CABRAL, 2014).

autor do texto recorre ao uso de um processo mental cognitivo (“lembrar”) para remeter à consciência do experienciador a recordação das palavras da vítima, do fenômeno vivido. Outras vezes, a polícia aparece no texto apenas como receptora da verbiagem dos processos verbais dos dizentes.

- (52) *Alessandra Alves Feitosa, mãe de Bruna, disse à polícia que a filha saiu de casa na quinta-feira (06/10), por volta das 7h, para ir à escola. (Reportagem_38)*
- (53) *Familiares disseram à polícia que não sabem informar de nenhum motivo para o crime, e que não tiveram notícias de violência doméstica envolvendo o casal. (Reportagem_14)*
- (54) *Testemunhas informaram à polícia que os bandidos não sabiam que se tratava de um PM. (Reportagem_111)*

Observamos nos excertos (52), (53) e (54) que *dizer* e *informar* são processos verbais também associados à polícia, mas, dessa vez, essa entidade se encontra no papel do participante/receptor das informações dos crimes. O jornal deixa marcado o trabalho eficiente da polícia: ela recebe denúncias, atua contra a violência e passa informações para a “comunidade” através da imprensa, uma vez que é a polícia uma das principais fontes dos meios de comunicação. Não é por menos que os processos mais recorrentes ligados à polícia são os materiais,¹⁰⁰ do campo do agir, do fazer; e, conseqüentemente, o participante ator (agente). É ela [a polícia] quem aborda, apreende, encontra, investiga, localiza, prende, trabalha, entre outros. Vejamos.

- (55) *PM apreende adolescente e prende três adultos por furto em Ceilândia. (Reportagem_89)*
- (56) *Polícia investiga mãe e pastora que torturaram criança de 7 anos. (Reportagem_101)*
- (57) *Os agentes trabalharam em homicídios em Samambaia, tentativas de assassinato na Ceilândia, ameaça a turistas no Setor Hoteleiro Sul e roubo na Asa Norte. (Reportagem_121)*

A recorrência de processos materiais associados à polícia revela a ação desses agentes públicos, afinal, a sociedade espera que a polícia aja, como é mostrado nos excertos (55) a (57). Uma vez que o jornal trabalha com notícias *post factum*; é proeminente, nas matérias, o desempenho efetivo dos policiais. Porém, há alguns casos em que o texto destaca a ação ostensiva e preventiva¹⁰¹ do policial, como: fazer patrulhamento, fazer ronda. Destacamos alguns casos em (58), (59) e (60).

¹⁰⁰ Processos materiais são processos do mundo exterior, ou seja, da experiência “externa”, do mundo das ações, do fazer, dos eventos. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

¹⁰¹ O Art. 144 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) trata da segurança pública e delimita as funções de cada polícia. No § 4º, competem à polícia civil as funções de polícia judiciária e a **apuração de infrações penais**; e no § 5º às polícias militares cabem a **polícia ostensiva** e a **preservação da ordem pública**; aos corpos de bombeiros militares, além das atribuições definidas em lei, incumbe a execução de atividades de defesa civil.

- (58) *Os policiais militares patrulhavam a região quando pessoas relataram roubos. (Reportagem_96)*
- (59) *De acordo com a corporação, uma viatura fazia a ronda na região e foi acionada por populares. (Reportagem_110)*
- (60) *[...] a PMDF fez um patrulhamento na região e encontrou os assaltantes e os pertences. (Reportagem_121)*

Observamos que as ações preventivas são acompanhadas de ações efetivas: os policiais patrulhavam a região quando foram informados de roubos (58), foram acionados pela população (59), encontraram os assaltantes (60). Novamente, nas cenas oracionais em foco, encontra-se o reforço ao papel atuante da polícia.

Nos textos, encontramos elementos de modalidade que fazem parte da metafunção interpessoal (HALLIDAY, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). “A modalidade é um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus”, como destacam Fuzer e Cabral (2014, p. 114). Isso pode ocorrer tanto na modalidade epistêmica (em proposições/troca de informações ou conhecimentos); quanto na modalidade deôntica (em proposta/ofertas e comando). Identificamos cinco casos em que o jornal se utiliza do verbo no tempo do futuro do pretérito (teria) no papel de reconstruir a cena e para gerar a “sensação” de probabilidade, uma hesitação do que é dito de maneira que não comprometa o autor do texto com a informação prestada. Vejamos.

- (61) *A vítima teria tentado pedir ajuda ao primo, que mora na parte de trás do lote. (Reportagem_26)*
- (62) *O delegado-chefe da Delegacia de Proteção a Criança e ao Adolescente (DPCA), Wisllei Salomão, disse que a menina contou que teria sido abusada pelo padrasto, uma pessoa que ela gosta muito, mas fazia coisas erradas com ela. (Reportagem_56)*
- (63) *O homem foi morto enquanto dormia e a mulher, que teria confessado o crime, diz que um dos motivos foi ciúme. (Reportagem_78)*
- (64) *Ele teria dito que discutia com a vítima e que o disparo teria sido acidental. (Reportagem_112)*

Nos excertos (61) a (64), embora o emprego do tempo verbal no futuro do pretérito (simples e composto) represente um momento de referência passado, permitem evocar o pensamento de Neves (2018a, p. 180), para quem esse tipo de construção evidencia “fortes implicações discursivo-interacionais modais” de hipótese, de suposição. A referida linguista brasileira ressalta que, em alguns países, esse tempo verbal é conhecido por modo condicional, como na França, justamente pelo valor modal hipotético que pode estabelecer no enunciado. São poucos os casos do uso da modalidade deôntica de obrigatoriedade nos textos, como podemos constatar em (65) e (66) com o auxílio do verbo modalizador “deve”.

- (65) *O trio deve ser apresentado à polícia hoje, em Brasília.*
 (66) *Conforme a Lei 8.697/93, toda cédula que contiver marcas, rabiscos, símbolos, desenhos ou quaisquer caracteres estranhos, deve ser retirada de circulação.*

Considerando que o repórter queira estabelecer uma relação interpessoal com seu leitor, ou expressar opiniões, é recorrente o uso de recursos linguísticos que conduzem a uma “negociação” na troca de informações ou de bens e serviços, seja consciente ou dissimulada. Além dos verbos modais e modalizadores apresentados acima, podemos identificar a presença constante de adjuntos modais de tempo (ainda); polaridade (não, nem); modalidade (sempre, nunca) e modo (só, somente, quase).

- (67) *Eliane junta-se a uma triste estatística: foi a 13ª vítima de feminicídio no Distrito Federal só este ano. [...] O primo de Eliane ainda tentou impedir a tragédia, mas não conseguiu. [...] A gente acompanha todos esses crimes com muita tristeza. A sensação é que nunca fazemos o suficiente. [...] Não podemos reduzir essas três mortes a dívidas de drogas. Há, ainda, um histórico de não conclusão das investigações. (Reportagem_26)*
 (68) *Ainda em Ceilândia, outros três homens foram presos no conjunto 41, da QNO 20, também por roubo de carro. (Reportagem_133)*
 (69) *Até agora não consigo acreditar que isto aconteceu. Ninguém da família consegue aceitar, relata uma amiga que não quis se identificar. (Reportagem_136)*
 (70) *O quarto não tinha iluminação nem cama.*
 (71) *Os três foram presos dentro de casa e estão envolvidos em diversos roubos, sempre em residências vazias, conhecido como caxangueiros. (Reportagem_120)*
 (72) *Em 15 de maio, Gutemberg Jesus do Nascimento, conhecido como Gugu, e Ricardo (somente o primeiro nome foi divulgado), apelidado de Xuxinha, mataram um adolescente de 13 anos.*

Ainda nas referidas reportagens mencionadas acima, salientamos a estrutura passiva, recurso corrente e recorrente em textos jornalísticos. Geralmente, ocorrem com processos materiais em que o ator “não ocupa o lugar do sujeito ou não está na oração” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 52) ou “que envolve um agente que não é o sujeito” (NEVES, 2018a, p. 209). Esse tipo de formação é utilizado quando se deseja minimizar e/ou apagar a importância da expressão do agente da ação verbal, dando relevância a outros elementos da oração.

O uso da voz passiva é motivado por construções relacionadas à função da metafunção textual da oração, como bem observa Fairclough (2001b, p. 226). O autor salienta que, nesse tipo de construção, “o objeto ocupa a posição inicial do ‘tema’, o que usualmente significa apresentá-lo como informação já ‘dada’ ou conhecida”. Diante disso, “a voz ativa é a **escolha não-marcada**, a forma não selecionada quando não há razões específicas para escolher a passiva” (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 226, grifo nosso). Entre os dados do *corpus*, encontramos as seguintes construções:

- (73) *A PM foi acionada pelo motorista do coletivo, ainda no trânsito, minutos após ele e os passageiros serem roubados. (Reportagem_6)*
- (74) *A mãe da menina mantida em cárcere privado nos fundos de uma igreja evangélica em Ceilândia foi intimada pelo Conselho Tutelar na tarde de ontem. (Reportagem_101)*

A PM	foi acionada	pelo motorista do coletivo	ainda no trânsito
Meta	Processo Material	Ator	Circunstância de tempo

Minutos após	ele e os passageiros	serem roubados
Circunstância de tempo	Meta	Processo Material

A mãe da menina mantida em cárcere privado nos fundos de uma igreja evangélica em Ceilândia	foi intimada	pelo Conselho Tutelar	na tarde de ontem
Meta	Processo Material	Ator	Circunstância de tempo

Observemos que “A PM” e “A mãe da menina” (sujeito gramatical) não são agentes da ação verbal, mas os participantes que recebem o impacto da ação (portanto, a meta). Em “pelo motorista do coletivo” e “pelo Conselho Tutelar”, na gramática tradicional, ocupam o papel de agente da passiva. Aqui, continuam como os atores da ação verbal e a com função de sujeitos lógicos. Isso mostra que a relação semântica não é alterada em virtude da mudança da posição dos participantes na oração. Entretanto, o uso da voz passiva permite, por exemplo, o apagamento do ator, como na sequência “ele [o motorista do coletivo] e os passageiros”, que são a meta do processo “serem roubados” estão na posição de um sujeito gramatical paciente; e o ator da ação (que seria o agente da passiva na gramática tradicional) não aparece nesse trecho.

Salienta Neves (2018a, p. 210) que a formação da voz passiva, normalmente, ocorre com o uso do verbo auxiliar “ser” acrescido do particípio do verbo principal. A autora destaca que há possibilidade de empregar os verbos auxiliares “estar” e “ficar”, mas essas formas transferem ao verbo principal uma carga semântica de “estado adquirido” e “mudança de estado”, respectivamente, diferente de “ser”, que é neutro. Isso pode ser apontado nos excertos abaixo.

- (75) *O dinheiro — que não tem validade — estava escondido em um carro e também junto ao corpo dos homens. (Reportagem_29)*
- (76) *O veículo estava estacionado em um lote vazio na QNN 23 e ficou totalmente destruído. (Reportagem_84).*
- (77) *Um policial militar a paisana ficou ferido após uma troca de tiros com bandidos que assaltavam uma loja de sapatos na tarde desta quinta-feira (20/10), em Ceilândia.*

Observe-se que, enquanto “estava escondido” e “estava estacionado” indiciam um estado passageiro ou transitório, os enunciados “ficou destruído” e “ficou ferido” indicam uma mudança de estado. Passemos, agora, à próxima categoria que envolve a temática de “a Vida de adolescente” em Ceilândia.

4.3.5 A vida de adolescente em pauta

Esta subseção envolve a microanálise, bem como o discurso do adolescente como principal alvo de discriminação na região. Recorrentemente, os adolescentes aparecem em reportagens jornalísticas que envolvem crimes e muitas vezes são o tema tópico da frase. Vejamos.

- (78) *Um adolescente foi apreendido pela 10ª vez pela Polícia Militar nesta quarta-feira (20/7). Desta vez, ele foi acusado de tráfico de drogas em Ceilândia, onde mora. (Reportagem_5)*
- (79) *Um homem foi preso e um adolescente apreendido com uma arma de uso restrito na madrugada deste sábado (6/11) em Ceilândia. (Reportagem_30)*
- (80) *Os menores foram conduzidos para o DCA II, na Ceilândia. (Reportagem_118)*

A posição temática do termo “adolescente” e “menores” reverbera a internalização de que o sujeito gramatical e de que o psicológico tenham feito algo, ainda que saibamos que a ação esteja no sujeito lógico que só aparece no excerto (78): “pela Polícia Militar”. Intrinsecamente, entretanto, presume-se que, se “foi apreendido” (78) e (79); e se “foram conduzidos” (80), aconteceu um “ato infracional” ou um “crime”. A recorrência de matérias nesse estilo conduz o leitor à associação do jovem ao crime, uma vez que “sempre” tem uma reportagem ressaltando a apreensão de adolescentes. Como bem observa Misse (2010, p. 24), a produção da sujeição criminal consiste em uma estrutura “estável, recorrente e legítima para muitos indivíduos, inclusive para o próprio acusado”. No excerto (78), é importante salientar ainda a presença do numeral junto ao substantivo (“10ª vez”) que ratifica e intensifica a reincidência criminal do jovem “*desta vez, [...] tráfico de drogas*”.

Os textos são curtos e com pouca informação dos acontecimentos nesse tipo de gênero (considero, aqui, o policial). Destarte, ocorre a generalização que rotula os jovens da cidade. A ênfase noticiada recai no sujeito gramatical (quem? Adolescente/menor), no processo (o que? Foi apreendido/foi conduzido) e a circunstância de lugar (onde? Ceilândia). Temos a manchete montada: adolescente/apreendido/em Ceilândia. Observemos os excertos seguintes.

- (81) *Um dos adolescentes afirmou que tinha comprado o carro por R\$ 500. (Reportagem_73)*

- (82) *Polícia apreende adolescente após roubos em Ceilândia [...] Após o flagrante, o adolescente confessou os crimes e informou que teve ajuda de um irmão. O adolescente não tinha passagens e os objetos roubados não foram localizados. (Reportagem_96)*
- (83) *Um homem foi preso e dois adolescentes apreendidos com um carro roubado e um revólver [...] Um menor de idade estava com a arma e três munições. O motorista do carro, também adolescente, carregava uma porção de maconha. [...] Um deles estava com um revólver e confessou ter roubado o carro havia 30 minutos. (Reportagem_133)*

Em (81), (82) e (83), os jovens são dizentes do processo verbal “afirmam”, “confessam” e “informam”. Geralmente nos jornais, o papel de dizente é realizado por uma autoridade policial (uma pessoa e/ou instituição confiável e especialmente credível), ou por citação de testemunhas oculares ou participantes diretos que geram credibilidade à informação. (VAN DIJK, 1988b, p. 94). Urge destacar que há poucos recortes das “vozes” dos adolescentes; normalmente, uma autoridade fala pelos jovens. Os adolescentes não são fontes de informação para os jornais.

No excerto (83), a reportagem relata um crime ocorrido em Ceilândia envolvendo três pessoas: um homem e dois adolescentes. Na descrição do fato, observa-se o “apagamento” do homem na história, embora também tenha sido encaminhado à delegacia. Quando estão em companhia de adultos, os jovens “puxam” para si a responsabilidade do crime: “um menor de idade (portador) estava (processo relacional circunstancial) com a arma e três munições (atributo circunstancial meio)” e outro (ator – adolescente) dirigia o carro roubado (embora o texto coloque “o motorista do carro”, depreende-se que o jovem praticava a ação material de dirigir) e “carregava (processo material) uma porção de maconha (meta)”. Nas entrelinhas, não havia, portanto, crime para o adulto que só acompanhava os adolescentes. Vamos ao próximo excerto. Em apenas uma reportagem do *corpus*, encontrei a relação de crime motivado por rixas entre gangues.

- (84) *Segundo a Polícia Militar, o crime foi motivado por uma rixa entre gangues da Expansão do Setor O e do Sol Nascente. Um jovem de 16 anos foi atingido por seis tiros, quatro deles no rosto, e morreu no local, também conhecido como Feira do Rolo. (Reportagem_67)*

O fragmento (84) inicia com um tema não marcado de circunstância de ângulo: “Segundo a Polícia Militar”. Essa introdução revela que toda informação ali é de responsabilidade da Polícia. Observemos que, novamente, o jornal opta por narrar o assunto na voz passiva, primeiro em: “o crime (meta) foi motivado (processo material) por uma rixa entre gangues (ator) [...]”; e em seguida: “um jovem de 16 anos (recebedor) foi atingido (processo material) por seis tiros (ator)”. No primeiro caso, a rixa é tratada como a causa do crime. A

construção léxico-gramatical sugere uma “justificativa plausível” para o fim (o crime) uma vez que teve motivação. No segundo caso, os “seis tiros” são o ator do processo “atingir”. Observemos que embora a sentença esteja completa com os participantes (jovem de 16 anos e seis tiros) e o processo, falta revelar quem disparou os seis tiros. Depreende-se dessa ausência uma casualidade para o fato. Implicitamente, a “rixa” e os “seis tiros” são os atores do processo, logo são os culpados do “acidente”.

Se por um lado os jornais são/estão abarrotadas de informações negativas e expõem a fragilidade de uma sujeição criminal em relação aos meninos da Ceilândia; por outro, são reveladas algumas poucas reportagens que mostram ações que visam a retirar esses jovens da rua e os afastar da violência, quer seja através da arte (música, dança), quer seja através do esporte. É a própria comunidade que cuida dos seus filhos. Abaixo, apresento os fragmentos de reportagens que indiciam essas ações.

- (85) *Da cultura ao esporte, o P Sul conta com muitos moradores dispostos a contribuir para uma cidade cada vez melhor. Alexandre Sydnei Meschick, 39 anos, desenvolve trabalho voluntário há 13 anos. O ex-jogador dá aulas de futebol para criança às terças, quintas e aos sábados. “O que eu passo para eles é isso: falo da minha história no futebol, da minha família”, elenca. (Reportagem_12)*
- (86) *Além de diversas oficinas de dança e outras voltadas ao mercado de trabalho, o projeto oferece um espaço de livre acesso a moradores, com computadores conectados à internet, uma pequena biblioteca e uma sala de videoconferência [...] Todas essas iniciativas foram a maneira que a organização encontrou de afastar os jovens da violência. A ideia não é tirá-los das ruas, mas, sim, mostrar formas de usar esse espaço de maneira saudável. São diversos os casos dos que obtiveram sucesso na carreira, como os que participaram de cursos de audiovisual e se tornaram cineastas. O mais recompensador e os frutos que a gente colhe são esses e, principalmente, os índices de violência da área, que diminuem. Dá ao jovem uma alternativa, avalia o coordenador Antônio de Pádua. (Reportagem_16)*
- (87) *Salve a Ceilândia! Salve o rap, o breaking e a feira central. Salve o Câmbio Negro e a rima de X, que atesta: “Com o passar dos tempos, a periferia passa a ter voz. Não que não houvesse no passado, só que nós bboys éramos mais oprimidos que na atualidade”. [...] O festival busca não somente abarcar as competições, mas igualmente gerar visibilidade aos artistas participantes. Acima de tudo, quebrar paradigmas sociais que restringem o breaking a uma cultura de gueto. No decorrer dos três dias, a ordem se inverte e o Plano parte para a Ceilândia em busca de arte. A periferia pauta o centro. (Reportagem_41)*
- (88) *Das 70 crianças e adolescentes moradores do abrigo Lar de São José, em Ceilândia Norte, não há quem desconheça a história de Luciana Ferreira, 20 anos. Isso porque a história dela é marcada por reviravoltas e é a cara do propósito do centro: ajudar os jovens a superar a dor do abandono, dos maus-tratos e dos abusos, além de realizar as conquistas do lado de fora dos muros da instituição. (Reportagem_124)*

Nos excertos (85) a (88), destacam-se ações altruístas de pessoas da própria comunidade “dispostas a **contribuir** para uma cidade cada vez melhor”, a “**afastar** os jovens da violência”, a “**quebrar paradigmas sociais**” e a “**ajudar** os jovens a **superar** a dor do abandono”. Os

processos materiais empregados nos trechos acima permitem identificar discursos voltados a ações realizáveis. O esporte (85), a dança (86) e a música (87) são algumas atividades oferecidas gratuitamente aos jovens de Ceilândia e que visam, principalmente, afastar crianças e adolescentes da violência e da droga. Urge destacar que o Rap (87) é uma das manifestações artísticas que provocam e promovem mudanças nas práticas: “*o passar dos tempos, a periferia passa a ter voz*”. É o discurso usado para “*quebrar paradigmas*”.

Em (88), a história é diferente, embora ainda aborde a temática “solidariedade” como assunto principal. A reportagem mostra o abrigo Lar de São José, em Ceilândia, responsável por acolher crianças e adolescentes que foram recolhidas pela justiça devido a abandono, a abusos e/ou a maus tratos em seus lares. Faz parte da narrativa a participante Luciana, que também foi abrigada pelo Lar, e que transformou sua história de dor em exemplo de superação e hoje ajuda outras crianças a traçarem um futuro melhor.

Observamos que as reportagens de cunho policial tendem dar volume às páginas, ainda que sejam bem curtas, mas replicadas diversas vezes. Já as matérias que tratam de ações positivas, superação pessoal, acolhimento e ajuda são poucas e, muitas costumam aparecer agrupadas em uma única matéria que raramente aparece na mídia.

Algumas considerações

Em “Os bastidores da notícia”, pôde-se identificar, desde a macroanálise até a microanálise, as artimanhas da construção do discurso midiático sobre a cidade de Ceilândia. Consideramos que “os gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder”. (MARCUSCHI, 2008, p. 161).

As reportagens do Correio Braziliense revelam um índice considerável da temática sobre violência na Ceilândia: roubos/assaltos, homicídios/tentativa, drogas, estelionato, estupro, entre outros; sinistros: acidentes e incêndios; sobre problemas enfrentados pelos moradores: precariedade na saúde e incidência alta de doenças transmissíveis; e um pouco da cultura e do povo local. Os resultados apresentados na análise apontam para uma reprodução contínua de noticiários que focam em assuntos trágicos e que desprestigiam a cidade de Ceilândia.

Observamos que a importância do uso de dados numéricos, de emprego da voz passiva, e de verbos modalizadores e modais, conduzem o leitor à perpetuação de um discurso violento e discriminatório em relação à região. São, aqui, considerados apenas dados absolutos de

criminalidade que resultam em posicionar a cidade de Ceilândia em primeiro lugar no *ranking*, uma vez que desprezam o índice populacional da maior Região Administrativa do Distrito Federal. Se os dados relativos fossem levados em consideração, isso revelaria, de fato, a situação de cada cidade em relação a crimes e a problemas de saúde, por exemplo.

O *software AntConc* revelou uma constância da palavra “polícia” e de seus correlatos “policia”, “PMDF”, “PCDF”, “corporação”, “agentes” no discurso do jornal. Isso decorre da grande quantidade de matérias de cunho policial que é noticiada e os policiais são as principais fontes de informação jornalística no gênero reportagem policial. Três mensagens podem ser inferidas dos documentos analisados, a saber:

- inferência 1 – a polícia é presente e atuante, porquanto aparece em todas ações contra o crime (homicídios, roubos e furtos, controle de tráfico de drogas etc.) e é a principal fonte de informação;
- inferência 2 – os dados analisados confirmam uma tendência a enfatizar aspectos negativos relacionados à cidade de Ceilândia em oposição a histórias de sucesso de personagens locais, por exemplo. Observa-se que a prática de relatar tragédias sobre Ceilândia, em noticiários de rádio, que ocorria nos anos 70/80 se mantém ainda hoje, agora de forma escrita e pela internet. Isso reforça dia a dia a representação do espaço (Ceilândia) como um lugar inseguro para viver ou visitar;
- inferência 3 – os jovens de Ceilândia são perigosos. A associação de adolescentes com o crime é feita em títulos e em matérias curtas e sem detalhes, o que leva a deduzir que a principal mensagem, de fato, é a voz passiva: “adolescente é apreendido”.

CADERNO 5 – POR UMA CARTA ABERTA

[...] as pessoas recriminam [discriminam] muito as pessoas que moram aqui. Tipo, as pessoas do Plano, as pessoas da Asa Norte, da Asa Sul ficam recriminando [discriminando], falando: “Ah, não vou pisar lá, porque se não vou ser assaltado”, “ah, Ceilândia só tem peba, só tem gente que não presta”. Mas não é assim. Todo lugar tem pessoas boas e ruins. Aqui também tem as ruins. Mas aqui é um lugar muito bom. Eu gosto muito de onde eu moro. Não moraria em outro lugar, P Norte ou P Sul. Não moraria, porque eu amo o lugar em que moro. [...] Tinha que ser um lugar onde fossem mostradas as coisas ruins e as coisas boas, porque os jornais só falam: “Ah, a pessoa foi morta em Ceilândia”. “A pessoa foi morta no Sol Nascente”. Então, as pessoas recriminam [discriminam] muito, tipo falam que “as pessoas morrem aqui”; não sabem falar que “hoje passei na pracinha e vi crianças brincando”, essas coisas, comerciais aqui, entendeu? Então assim, é um lugar muito bom de se viver, só que as pessoas não reconhecem isso. Então, o que eu queria ver nos jornais é A VERDADEIRA CEILÂNDIA

(Entrevista_4)

CAPÍTULO 5 – POR UMA CARTA ABERTA

Em “Por uma Carta Aberta”, são os jovens que discursam por meio de textos escritos e orais, individualmente e em grupo. Neste capítulo, os dados conduziram-me a uma análise mais interpessoal, por isso, recorri ao modelo do Sistema da Avaliatividade (MARTIN, 2000; MARTIN; WHITE, 2005; VIAN JR., 2010; WHITE, 2004). O capítulo está dividido em quatro subseções. Na primeira seção (5.1), são analisadas as Cartas (texto escrito) em que os adolescentes discorrem sobre a cidade onde moram. A segunda seção (5.2) é dedicada às vozes dos jovens nas entrevistas. Em seguida (seção 5.3), são apresentadas as reflexões das rodas de conversa. Na última seção (5.4), exponho algumas notas do diário de campo. E, para finalizar, saliento algumas considerações preliminares.

Cabe, aqui, ressaltar que o trabalho com os jovens passou por três fases: i) produção de texto, na fase inicial; ii) entrevista com estudantes; iii) roda de conversa com grupo focal. Devo destacar, ainda, que a produção de texto realizada pelos jovens na primeira etapa será chamada aqui de Carta, em uma analogia à Carta do Leitor, denominação referente a uma coluna fixa em textos midiáticos.

5.1 O discurso dos adolescentes: as cartas

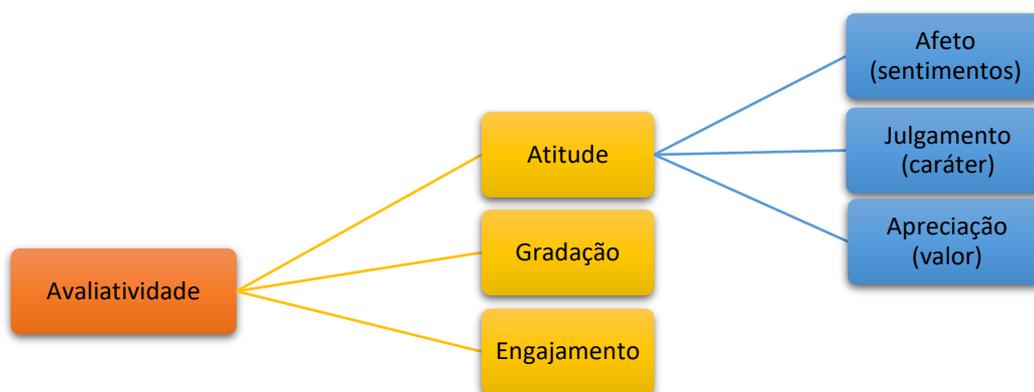
Os textos produzidos pelos jovens, adolescentes que colaboraram na etapa de coleta de material empírico para esta tese, são caracterizados mediante uma alusão à coluna dos jornais denominada “Cartas do Leitor”. Embora as produções aqui apresentadas não tenham o formato de carta, uma vez que foi pedido que os jovens produzissem um texto sobre a cidade, o discurso aproxima-se de uma carta-manifestação. De acordo com Medeiros (2009), em uma carta-manifestação os leitores manifestam sua opinião sobre um tema específico sem referência a alguma matéria publicada. No caso dos textos dos jovens, o tema foi “A cidade onde moro: Ceilândia”.

Sob a orientação do professor regente, foi sugerido que os jovens escrevessem sobre o assunto. As produções mostram contextos e discursos que ora se aproximam e ora se distanciam. Parece que os participantes estão em lugares completamente diferentes. São ruas asfaltadas x ruas não asfaltadas; vizinhos legais x vizinhos que incomodam; segurança x medo. Essa parte do *corpus* envolve ao todo 48 cartas de jovens de 13 a 16 anos de idade, todos moradores de Ceilândia e estudantes de escola pública.

Priorizei dois pontos da cidade para gerar os dados para a pesquisa: A Expansão do Setor O e o Sol Nascente. Isso já foi suficiente para retratar as “diversas Ceilândias” descritas na subseção 1.3.2 desta tese. Devo esclarecer que a proposta apresentada às professoras era que propusessem aos jovens que escrevessem livremente sobre a cidade onde moram. As duas professoras intermediaram de forma distinta a condução da atividade. Uma propôs que os estudantes pesquisassem sobre notícias da cidade para construir seu texto; enquanto a outra traçou um roteiro com questões a serem respondidas no texto. Os textos da escola A ficaram mais associados ao julgamento e à apreciação de textos publicados; e os da escola B, ao afeto, pois os jovens falam por si da sua realidade.

Diferentemente dos jornais, os textos dos jovens resultam de uma relação íntima do campo da experiência com o objeto e isso é justificado no uso abundante de processos mentais afetivos (gosto, detesto) e cognitivos (acho, lembro) e de processos relacionais (é, tem/tenho), bem como de recursos linguísticos situados no contexto das relações interpessoais da polaridade e da modalidade. Por esse motivo, os dados me levaram a uma categorização mais centrada no sistema interpessoal da linguagem, em termos analíticos. Assim como em meu trabalho de mestrado *Adolescência, pobreza e inclusão digital: práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual* (CAMPÊLO, 2014), aqui também recorro ao Sistema da Avaliatividade (SA), proposto por Martin e White (2005), que nos permite explorar a semântica da avaliação presente nos textos. O SA inclui e expande o Sistema de Modalidade situado na área dos significados interpessoais que envolvem a negociação dentro das relações, bem como a expressão de opiniões e avaliações.

Figura 31 - Sistema da Avaliatividade (Atitude)



Fonte: adaptado de Martin e White (2005, p. 38).

O sistema de avaliatividade, esquematizado por Martin e White (2005), aponta os três níveis de recursos associados à **atitude** que são a base domínio interacional: expressar emoção (afeto); julgar o caráter (julgamento); e atribuir valores às coisas (apreciação). Paralelamente à atitude, incluem-se a **gradação**, fenômeno linguístico-discursivo pelo qual os sentimentos são ampliados, implica o aumento ou a diminuição da intensidade de nossas avaliações; e/ou o **engajamento**, quando mostramos o envolvimento de outros interlocutores em relação ao que está sendo avaliado. (VIAN JR., 2010a). As análises das cartas ocorreram dentro do SA e são apresentadas nas subseções seguintes.

5.1.1 Negociando atitude

O Subsistema da Atitude é o ponto central no processo avaliativo. (ALMEIDA, 2010). A atitude está relacionada à avaliação de coisas (estética), ao julgamento do caráter das pessoas (estética) e aos seus sentimentos (emoção) de forma positiva ou negativa (MARTIN; ROSE, 2007; MARTIN; WHITE, 2005). Segundo os estudos de Painter (2003, p. 184-185), embora a avaliatividade só possa se manifestar aos dezoito meses de idade, quando acontecem as primeiras palavras da criança, há indícios de que isso ocorra ainda no início do seu desenvolvimento, ou seja, por volta dos nove meses de idade, através de gestos e/ou sons vocais criados pela própria criança para interagir com pessoas importantes.

O subsistema da atitude pode ocorrer de maneira inscrita ou evocada no texto. Quando evocada, a atitude sugere uma interpretação do ouvinte/leitor. Por outro lado, a inscrita ou explícita acontece por meio de estruturais gramaticais, quais sejam um atributo, uma qualidade nominalizada, ou, ainda, um processo. O subsistema da atitude está dividido em três campos semânticos: afeto, julgamento e apreciação. (ALMEIDA, 2010; MARTIN; ROSE, 2003; MARTIN; WHITE, 2005). A seguir, detalharemos cada uma das categorias da Atitude, devido à presença corrente dela nos textos escritos.

5.1.1.1 Expressando sentimentos: afeto¹⁰²

O afeto constitui de um recurso semântico para a construção de emoções e refere-se a como as pessoas expressam seus sentimentos no discurso. Martin e White (2005, p. 46-50) destacam que, para classificar o afeto, é preciso considerar seis fatores: i) os sentimentos são interpretados culturalmente como positivos (boas vibrações para se experimentar) ou negativos

¹⁰² Os títulos dessas subseções são uma tradução livre do trabalho de Martin e White (2005).

(más vibrações que devem ser evitadas); ii) os sentimentos são o resultado de emoções que podem ser manifestadas paralinguística ou extralinguisticamente; iii) os sentimentos resultam de uma reação a algum fenômeno emocional específico ou em resposta a uma pergunta, como: por que você está se sentindo assim?; iv) os sentimentos são graduados lexicalmente com maior ou menor intensidade; v) os sentimentos envolvem intenções mais que reações, gramaticalmente, na distinção do emprego de processos mentais desiderativos (irreal) e de mentais emotivos (reais); vi) por fim, os sentimentos são agrupados em três conjuntos principais, quais sejam: in/felicidade, in/segurança; in/satisfação.

Na variação in/felicidade, as emoções estão relacionadas ao coração, ao fenômeno “gostar” e “não gostar”. Nas cartas, os jovens imprimem tais sentimentos em relação à cidade onde moram, buscando justificativas que corroborem sua assertiva. Observemos os excertos abaixo.

- (89) *Gosto muito daqui porque apesar de tudo tem muito acesso fácil a escolas e comércios.* (Carta_17)
- (90) *Também gosto da onde moro que de frente tem uma faculdade e pretendo fazer faculdade e ser alguém na vida, no meu futuro.* (Carta_8)
- (91) *Eu gosto da minha rua porque não tem assalto.* (Carta_2)

Nos excertos acima, temos o que Martin (2003) denomina de avaliador autoral, quando o escritor/orador indica como ele reage emocionalmente à pessoa, à coisa, ao acontecimento ou à situação que está sendo avaliada. Obviamente, ele assume a responsabilidade por essa avaliação de valor atitudinal. As avaliações emocionais residem, portanto, inteiramente na subjetividade individual do orador/escritor. A esse tipo de participante consciente que experimenta a emoção, Martin e White (2005, p. 46) denominam “*Emoter*” e ao fenômeno responsável pela emoção, “*Trigger*”. Dentro do processo mental, tanto o *Emoter* quanto o “*Trigger*” são participantes (Experienciador e Fenômeno) e, portanto, implicados no processo.

O processo mental “gostar” foi utilizado pelos *Emoters*, no caso dos fragmentos acima, para expressar emoção de felicidade (afeto+) em relação à cidade onde moram. Nos excertos acima, “daqui”, “da onde moro” e “da minha rua” são os *Trigger* do afeto, ou seja, são os “gatilhos”, o que provoca a emoção. Observemos que, nos três casos, o *Emoter* é autoral (1ª pessoa) e tenta persuadir subjetivamente o seu leitor de forma emocional à medida que o leitor concorda, entende ou, pelo menos, simpatiza com essa reação emocional e isso ocorre com justificativas que são acrescidas ao fenômeno. Tais justificativas revelam, além de sentimento de felicidade manifestado no processo “gostar”, a segurança/insegurança relacionadas ao bem-estar social manifestado positivamente em (89) e (90) com a presença de escola e/ou comércio

perto da residência: (89) “*gosto... tem muito acesso fácil a escola e comércio*”; (90) “*gosto... de frente tem uma faculdade e pretendo fazer faculdade e ser alguém na vida*”; e, negativamente, decorrente da violência em (91): “*gosto... porque não tem assalto*”. No excerto a seguir, o autor registra sua infelicidade (afeto-) com o local.

- (92) *Mas eu não gosto da quadra ser rodeada por lixo, não gosto das pessoas que ficam na esquina e não gosto ter que andar na lama quando [quando] chove. (Carta_10)*

Segundo White (2015), a função mais óbvia do uso de afeto é indicar uma posição atitudinal em relação à pessoa, ou coisa, ou situação que desencadeia a emoção. Se os fenômenos geram emoções positivas são vistos como positivos; contrariamente, os fenômenos que disparam emoções negativas são considerados negativos. Conforme Thompson (2004, p. 68), a polaridade negativa “precisa de uma razão particular para falar”.

No caso (92), tais razões para “não gostar” (afeto-/infelicidade) do *Emoter* são assim apresentadas: “*a quadra ser rodeada de lixo*”, “*as pessoas que ficam na esquina*” e por “*ter que andar na lama quando chove*”. Os fenômenos apontados acima revelam a proximidade com o local, que é marcada pelo emprego do artigo definido. Recorremos a Neves (2018a, p. 408), que assegura uma referenciação situacional extralinguística com o uso do artigo definido e que revela “informações de certo modo conhecidas tanto do falante como do ouvinte, ou que são identificáveis por eles”; por isso o emprego de “*a quadra*”, “*as pessoas*” e “*a esquina*”, que tentam aproximar o leitor de uma realidade conhecida do escritor. Vejamos outros trechos.

- (93) “*Você não tem medo?*” *Tenho. Claro que tenho, quando eu vejo um bandido eu já fico grilado, mas quando eu vejo uma barca (Polícia) Ai sim eu fico com medo de verdade, mas eu não devia, dizem que “o que não deve não teme” quem dera fosse assim na rua. (Carta_32)*
- (94) [...] *moro aqui a [há] bastante tempo e não vejo mais aquele perigo todo que dizem. Todo lugar tem ladrão e etc. mas por se tratar de Ceilândia todo mundo acha que ao entrar já vai ser roubado e não é bem assim. (Carta_47)*

A insegurança (afeto-) é assinalada nos trechos (93) e (94). Nos dois casos, os autores inserem o assunto através de uma voz externa: “*Você não tem medo?*” e “*todo mundo acha que... vai ser roubado*”. Em ambos os casos, o *Emoter* é não autoral, ou seja, esse sentimento de insegurança é apontado em outras pessoas, inicia em vozes externas e revela julgamentos pré-existent/pré-conceitos em relação à cidade, declarado em (94): “*por se tratar de Ceilândia*”. Entretanto, em (93) a insegurança é ratificada pelo autor, o *Emoter* passa a ser autoral (1ª pessoa): “*Tenho. Claro que tenho*”. Cabe ressaltar, aqui, que o *Trigger*, em (93), decorre da violência urbana: “*quando eu vejo um bandido... fico grilado*”; e, principalmente e

implicitamente, da violência policial: “quando eu vejo uma barca... aí sim eu fico com medo de verdade”. As marcações léxico-discursivas são realizadas por adjuntos modais de polaridade: “Claro que tenho” e “Aí sim eu fico...”; e por grupo adverbial: “de verdade” no campo da modalização da informação e imprime certeza no que é dito.

Em (94), o autor desmitifica o sentimento da insegurança do *Emoter* não autoral ([?] “dizem” e o que “todo mundo acha”) sobre a cidade de Ceilândia com seus próprios sentimentos (*Emoter* autoral [eu]): “moro aqui a [há] bastante tempo e não vejo mais aquele perigo todo” e “não é bem assim”. O jovem toma o posicionamento de ator (processo material - moro), existente (processo existencial - há) e experienciador (processo mental - vejo) para assegurar: “não é bem assim”.

- (95) *Eu gosto bastante do bairro que agora está sendo asfaltada e o governo está melhorando nossa infraestrutura graças a protestos dos moradores do bairro e da rua onde moro. O povo só precisa de alguém que nos priorize. (Carta_23)*
- (96) *Resumindo eu quero que eles [esse novo governo de 2019] melhorem muito o Sol Nascente, porque é capaz de daqui a pouco eles esquecerem de nós aqui. (Carta_16)*
- (97) *O antigo governador prometeu que iria fazer mais escolas e creches mais infelizmente não aconteceu. (Carta_31)*

Urge destacar em (95) que o *Emoter* ora assume o papel autoral “eu (Experienciador/*Emoter* autoral) gosto (processo mental afetivo) bastante (gradação/ força) do bairro (fenômeno)”; ora ele julga “o governo (ator) está melhorando (processo material)”, “graças a protesto dos moradores...(circunstância de causa)” e “o povo (ator) só precisa (processo material) de alguém (meta) que nos (beneficiário) priorize (processo material)”. Observe que esse rápido distanciamento: “o povo [=ele]” logo é retomado em “nos [eu também faço parte deste grupo] priorize”. O trecho revela afeto positivo de felicidade (gostar bastante) e também de segurança (graças a protestos).

Em (96), o processo mental desiderativo (quero) revela desejo e, ao mesmo tempo, uma apreciação da cidade: “melhorem muito o Sol nascente”; implicitamente, infere-se que o local não está bom, precisa de mudanças. Logo em seguida, o jovem realiza um julgamento de sanção social sobre o governo: “é capaz de daqui a pouco eles [governo/políticos] esquecerem de nós]. E a esperança (*quero*) é resguardada por uma desconfiança (esquecer de nós). Em (97), esse mesmo sentimento (afeto-, infelicidade) é repetido devido a experiências passadas. Explicitamente, por meio de um adjunto de comentário (infelizmente), o jovem expressa seu julgamento: “antigo governador prometeu [...] infelizmente não aconteceu”.

5.1.1.2 Julgamento do caráter das pessoas

Situada no terreno das propostas,¹⁰³ a categoria de julgamento refere-se às avaliações que fazemos a respeito do comportamento e do caráter das pessoas. Tais avaliações, nessa categoria, relacionam-se às questões “éticas”, à moralidade, e sobre como se comportar, baseado em regras determinadas pela cultura, pelas experiências, expectativas, pretensões e crenças do falante/escritor. Dessa forma, a atitude do julgamento institucionaliza normas de comportamento humano sobre como se deve agir ou não. (MARTIN, 2000).

Assim como no afeto, os julgamentos do caráter das pessoas podem ser positivos ou negativos e podem ser julgados explícita ou implicitamente. Os julgamentos podem ser pessoais, de admiração ou de crítica, e julgamentos morais, de louvor ou condenação. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 32). O julgamento é dividido em dois tipos: i) **estima social**, associada à cultura do falante/escritor; envolve admiração e crítica sem implicações legais e é formada a partir dos valores que são compartilhados nas redes sociais do dia-a-dia como a família e a amizade; e ii) **sanção social** são imposições, leis e regras advindas de instituições como o governo e a igreja. Implica elogio e condenação com complicações legais. (WHITE, 2004).

[...] valores negativos em termos de estima social são vistos como disfuncionais ou inapropriados, ou algo que deve ser desencorajado, mas não são avaliados como pecados ou crimes. (Se você desrespeitar sanções sociais, você pode precisar de um advogado ou de um confessor, mas se você desrespeitar a estima social, talvez você tenha que fazer um esforço maior, ou praticar mais, ou consultar um terapeuta, ou possivelmente um livro de auto-ajuda) (WHITE, 2004, p. 187).

Tanto o julgamento de estima social quanto a de sanção social são identificados conforme representação semântico-discursiva que sugere. Para tanto, Martin (2000, p. 155-156) recomenda as seguintes questões:

- Normalidade: quão comum/incomum o indivíduo é?
- Capacidade: quão capaz, competente alguém é?
- Tenacidade: o quão confiável é a pessoa?
- Veracidade: a pessoa é verdadeira? Honesta?

¹⁰³ Quando a língua é usada para trocar informações, a oração toma a forma de uma *proposição*. Uma proposição é algo sobre o que se pode argumentar, seja negando-a, afirmando-a, colocando-a em dúvida etc. Quando a língua é usada para trocar bens e serviços (atividades), a oração não pode ser negada ou afirmada e é chamada *proposta*. (FUZER; CABRAL, 2014, p. 105).

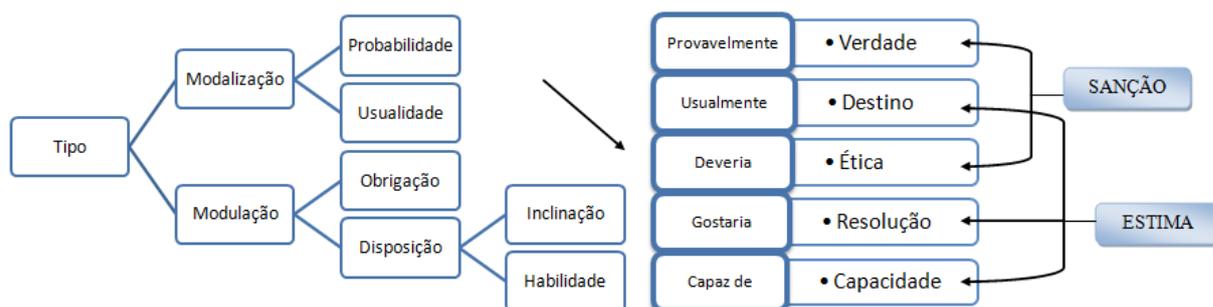
- Propriedade: quão correto/ético alguém é?

Cabe salientar que Martin (2000) inter-relaciona as subcategorias do julgamento ao sistema de modalidade proposto por Halliday (1994). Na mesma direção, comenta Fairclough (2003) que a modalidade é o julgamento do falante quanto às probabilidades ou obrigações concernentes ao que ele diz. Nas palavras de White (2004),

Cada uma das subcategorias de Julgamento pode ser entendida como uma lexicalização de umas das categorias gramaticais da modalidade. Essa relação opera nas seguintes proporções: a normalidade está para a usualidade; a capacidade está para a habilidade; a tenacidade está para a inclinação; a veracidade está para a probabilidade; e a propriedade está para a obrigação. (WHITE, 2004, p. 189).

A Figura a seguir ilustra essa equiparação apontada por White.

Figura 32 - A inter-relação da Modalidade e as subcategorias do Julgamento



Fonte: adaptado de White (2004).

A modalidade configura um recurso que se situa na metafunção interpessoal descrita por Halliday. Ressalte-se, na Figura 2, que os rótulos verdade está para veracidade; destino, para normalidade; ética, para propriedade e resolução, para tenacidade e esses serão os termos empregados nesta tese. Segundo Fuzer e Cabral (2014), na modalidade, o falante/escritor assume uma posição, expressa uma opinião ou ponto de vista ou faz um julgamento. Observemos o fragmento (98) selecionado de uma das redações produzidas em sala de aula.

- (98) [...] **a culpa é nossa** também por não mudar de pensamentos e ajudar a nossa cidade a ser melhor para nós termos que mudar nossa sociedade, porque **juntos somos mais fortes**. (Carta_44)

No trecho acima, o autor concebe um julgamento na ordem de sanção social (negativo/condenação), quando culpa os outros e a si mesmo [nós] por não mudarem pensamentos e ajudarem a cidade: “a culpa é nossa”, ou seja, nós somos culpados. Observemos

que “culpa” é associada a algo fora da lei, à transgressão de regra. Esse tipo de julgamento nos remete implicitamente a uma punibilidade, qual seja: viver numa comunidade com baixa infraestrutura. No processo, “por não mudar de pensamentos e ajudar”, acarreta um julgamento implícito de inércia (crítica/capacidade). Na sequência, outro julgamento de estima social de capacidade, “juntos somos mais forte”, nesse sentido, somos poderosos. O julgamento desperta para a unidade e o fortalecimento em prol da cidade. A capacidade encontra-se no julgamento de estética social, uma vez que não está em regra o “quão capaz” o indivíduo pode agir, mas na própria cultura que imprime o fortalecimento de um grupo unido. Vejamos outro excerto que trata de julgamento quanto à estima social.

(99) [...] na Ceilândia [os jovens]¹⁰⁴ são vítimas de preconceito so por usar, chorte fougado, e Blusa grande, essas pessoas muitas das vezes são abordadas pela polícia por causa do seu modo de vestir, e de viver. (Carta_48)

Temos, em (99), um julgamento crítico dentro da estima social, na qual a abordagem policial ocorre em razão de parâmetros estéticos de “normalidade” estabelecida para determinar um sujeito correto/incorreto pela roupa que utiliza: “são vítimas de preconceito so por usar, chorte fougado, e Blusa grande”, “são abordadas pela polícia por causa do seu modo de vestir”. Esse estereótipo foi estabelecido por policiais para reconhecer um “criminoso”. É a “normalidade” que conduz ao denominado “*kit peba*”, conforme foi abordado na seção 1.4 desta tese. O autor reforça que o “modo de vestir, e de viver” são causas das recorrentes abordagens policiais. Ressalte-se que a sentença coloca o alvo do processo verbal (são abordadas) em posição de um sujeito gramatical paciente (essas pessoas), enquanto o agente gramatical é a “polícia” que, no caso da LSF, se trata do dizente. A escolha da voz passiva, nesse caso, ratifica a posição do portador (os jovens), na oração anterior, que “são vítimas de preconceito” **só** por usarem roupas que “designam” o “peba”. Nessa posição, “só” a roupa é a circunstância causal para a abordagem, não precisa o participante (jovens) ter agido para justificar o procedimento policial. Sigamos para outros excertos.

(100) *O que eu mais gosto é que lá **não é** uma rua muito bagunceira, mais sim uma rua calma, raramente **acontece um assalto por lá**, mas o que eu não gosto é porque as vezes a vizinha fica ouvindo música de madrugada, e muitas vezes eu não consigo dormir por causa do barulho é isso e muito chato.* (Carta_5)

(101) [...] o bairro Sol Nascente é alvo de descaso, pois muitas pessoas não tem casa regularizada, não tem policiais nas ruas e nem infraestrutura, **sofremos sempre** com esses problemas [...] (Carta_23)

¹⁰⁴ O sujeito não se encontra no texto original. Suponho que o autor esteja se referindo aos jovens da cidade.

(102) *Onde eu moro existe a um tempo e o governo nunca deu atenção, sempre foi largado, sem saneamento básico, era sem asfalto, lugar de muita violência. (Carta_18)*

Os adjuntos modais “às vezes”, “muitas vezes”, “sempre” e “nunca”, usados nos excertos acima, remetem à modalização de habitualidade e estão diretamente ligados à normalidade dentro da estima social. Nesse tipo de julgamento, as condições apresentadas pelo jovem fazem parte de uma rotina “normal”, coisas do “destino”. No excerto (100), é comum a música alta que atrapalha o sono (“*muitas vezes eu não consigo dormir*”). É um julgamento implícito (evocado),¹⁰⁵ pois remete a uma vizinha barulhenta. No excerto (101), o autor aponta que também é “comum” não ter policiamento e nem infraestrutura e “*sempre sofremos com esses problemas*”. Temos, aqui, o processo mental emotivo “*sofrer*” que abarca o julgamento implícito (provocado) pelo uso do léxico que remete à ideia de incapacidade do experienciador [nós]. Além disso, o autor acrescenta o modal que sugere usualidade (“*sempre sofremos*”), ou seja, é “normal” sermos sofredores.

Em (102), o jovem destaca que a normalidade é “*nunca*” dar atenção à região. Nesse trecho, o julgamento provocado está dentro da sanção social de propriedade que reporta ao governante a obrigação legal de cuidar da cidade. Ainda em (102), o jovem acrescenta que a cidade “*sempre foi largada*”. Nesse trecho, não temos mais julgamento, mas apreciação, uma vez que a coisa avaliada é “*Onde eu moro*”. Entretanto, o modalizador “sempre” remete a um julgamento de normalidade dentro da apreciação que será feita e que representa o determinismo no discurso do jovem. Veremos mais sobre apreciação na próxima seção.

(103) *[...] a rua tem muito lixo na minha opinião, eles **deviam colocar** pelo menos um papa lixo do lado do poste da esquina e não ficar de um cheiro muito agradável para as pessoas que moram por perto. (Carta_27)*

(104) *Só **deveríamos preservar** mais o lugar onde moramos. (Carta_17)*

Ressalte-se, nesses trechos, o apelo do jovem a “*deviam colocar pelo menos um papa lixo do lado do poste da esquina*” e “*Só deveríamos preservar mais o lugar onde moramos*”. O verbo modal “deviam” e “deveríamos” estabelece relação de obrigação na modulação. Nessa estruturação, reconhece-se a metáfora, pois ao mesmo tempo o autor comenta sobre a necessidade de um papa lixo do lado do poste, em (103) arregimenta o cuidado com pessoas que absorvem o mau cheiro vindo do local que concentra o recolhimento dos resíduos, e em

¹⁰⁵ O julgamento pode ser inscrito (quando há uma redação explícita no texto); provocado (sem formulações explícitas de julgamento, mas de elementos avaliadores que sugerem um julgamento para o leitor); ou evocado (quando há uma descrição puramente “factual” que leve a alguma inferência de bom/ruim; louvável/culposos, comportamento apropriado/inadequado).

(104) ressalta a responsabilidade dos moradores sobre a cidade. Em ambos os casos, estamos diante de um julgamento provocado de sanção social relacionado à ética, uma vez que “ter mais um papa lixo” é um direito do cidadão e “preservar o lugar” é dever.

Além dos adjuntos e dos verbos modais usados para realizar modalizações congruentes no discurso, há realizações metafóricas que ampliam os significados modais. Observemos os excertos abaixo nos quais o julgamento ocorre através de metáforas interpessoais (eu acho que...).

(105) *Os meus vizinhos são quietos mas cada um sabe sobre o outro, bem eu acho que o povo fica observando os outros, mas eles não se intrometem bem! quando a gente precisa desses estão aqui para ajudar (Carta_4)*

Em (105), o jovem recorre ao processo mental cognitivo: “acho que”. Por envolver a primeira pessoa do discurso [eu], tais realizações metafóricas têm o caráter explicitamente subjetivo, isto é, o autor declara-se responsável pela avaliação. O julgamento, aqui, é dentro de estima social, está associado à estética cultural, observe: “*Os meus vizinhos são quietos* (julgamento explícito/normalidade) *mas cada um sabe sobre o outro* (= “fofoqueiro”, julgamento implícito/tenacidade)”, “*quando a gente precisa desses estão aqui para ajudar*” (= generoso, julgamento implícito/propriedade). Os processos mentais cognitivos estão relacionados à modalidade de probabilidade, pois são proposições que o autor exerce em seu próprio direito e nas quais expõe sua opinião.

5.1.1.3 *Apreciação das coisas*

A apreciação é a categoria relacionada às avaliações positivas e negativas de aspectos estéticos sobre coisas, objetos e fenômenos, e não do comportamento humano. Entretanto, White (2015) assegura que, em alguns casos, os participantes humanos também podem ser “apreciados” nos casos em que a avaliação não se concentra diretamente na correção ou incorreção de seu comportamento, mas nas suas qualidades estéticas. Segundo Vian Jr. (2010a), “esse tipo de atitude é considerado como um dos maiores recursos atitudinais disponíveis, uma vez que se refere à maneira pela qual os falantes avaliam o texto (oral e escrito) ou o processo (fenômeno).” A apreciação pode ser assim subdividida:

Dentre os mecanismos de Apreciação estão (1) a Reação, seja em relação à Qualidade, se as pessoas gostam ou não de algo, ou ao Impacto causado por algo, (2) a Composição, relacionada à nossa percepção das coisas, à sua complexidade e ao seu equilíbrio e compreende as categorias de Proporção e

de Complexidade e, por fim, (3) a Valoração, que se refere ao valor que atribuímos às coisas ou objetos, considerando sua Relevância conforme convenções sociais ou sua Originalidade de acordo com essas mesmas convenções. (VIAN JR.; VASCONCELOS, 2017, p. 120).

Ratifico, aqui, as inter-relações criadas entre as subcategorias da apreciação com as metafunções propostas por Halliday (1994): a **reação** tem significado interpessoal, a **composição** refere-se ao significado textual e a **valoração**, ao significado experiencial. Observa-se que, assim como o afeto e o julgamento, é possível encontrar avaliações de apreciação com polaridade positiva ou negativa. A apreciação é realizada por adjetivos ou locuções adjetivas, bem como por orações complexas. Passemos às apreciações presentes nos excertos a seguir.

(106) *não é o mais belo, mas mesmo assim eu gosto muito de lá* (Carta_5)

(107) *Até que aqui por onde eu moro não é tão feio.* (Carta_32_)

Destaca-se nos dois excertos acima a apreciação de reação que os jovens fazem do local onde moram: “*não é o mais belo*” e “*não é tão feio*”. “Mais belo” e “tão feio” imprimem a reação-impacto que a cidade provoca nos jovens. Embora em (106) a avaliação seja negativa (afeto-), a adversativa desconstrói essa sentença e introduz a nova: “*mesmo assim eu gosto muito de lá*” (afeto+/felicidade). Em (107), a apreciação é menos incisiva que a anterior, apesar de as duas terem utilizado a polaridade negativa do processo relacional atributivo “*não é*”, pois o ator anterior é enfático na contrastiva. Passemos agora ao subsistema da Gradação, recurso bastante utilizado pelos jovens como forma de hierarquizar pessoas e coisas (a cidade) nas avaliações.

5.1.2 Ampliando atitudes: gradação

Considerada o segundo maior subsistema de significados, a gradação refere-se à utilização de recursos léxico-gramaticais para expressar intensificar ou minimizar a força ou o foco das avaliações de julgamento, afeto e apreciação disponíveis no subsistema de atitude. Para Martin e White (2005, p. 37), a gradação concerne ao ajuste do grau de avaliação, ou seja, o quão forte ou fraco é o sentimento. A gradação pressupõe a existência de uma escala ou intensidade virtual de valores. O subsistema de gradação apresenta dois subsistemas: Força e Foco. Vejamos, nas subseções a seguir, mais detalhadamente esses dois subsistemas.

5.1.2.1 Ampliando a força das atitudes

Na categoria força, Martin e White (2005) identificam duas opções: **intensificação**, que trata da gradação de processos, qualidade e indicadores de modalidade e a **quantificação**, que trata apenas da gradação de entidades.

A **intensificação** utiliza-se de recursos de gradação por meio da **fusão** na qual o grau de intensidade é incorporado ao significado por meio do léxico (“gostar”, “amar”, “adorar”); do **isolamento**, por meio de uso de advérbios ou locuções adverbiais (“um pouco”, “muito”, “bastante”); ou da **repetição** de um mesmo item lexical. Em vários excertos acima foram destacadas marcas de gradação que acompanham o subsistema da atitude. Retomemos alguns excertos.

- (108) *o lugar onde eu moro não é o mais belo, mas mesmo assim eu **gosto muito** de lá, mesmo não sendo o lugar perfeito de se morar, eu **amo muito** o lugar onde eu moro. (Carta_5*
 (109) *moro aqui **a bastante tempo** e não vejo mais aquele perigo todo que dizem. (Carta_47)*
 (110) *Até que aqui por onde eu **moro não é tão feio**. Eu gosto daqui, só não gosto da bandidagem que tem aqui. E sobre as amizades aqui tem que ficar esperto, traira aqui tem **demais**. (Carta_32)*

Em (108), a gradação é manifestada pela intensificação de duas formas: por **fusão**, através dos processos mentais afetivos: “gostar” e “amar”; e por isolamento, com o auxílio de um advérbio de intensidade “muito”. Normalmente, os jovens recorrem mais ao uso de gradação por isolamento para intensificar o sentimento: “*bastante tempo*”, “*tão feio*”, “*tem demais*”.

- (111) *A Ceilândia é uma cidade muito cheio de droga muitos ladrões, mas também **tem** suas coisas boas **tem muito** projeto cultural muitas coisas boas, exemplos: Vila Olímpica e muito mais, **tem muitos** vândalos, **quebram** o patrimônio público, entram muitos ladrões no política só para roubar o dinheiro do povo mas **não fazem nada**, muitos ladrões nas ruas e pouco policiamento, [...] mas eu **gosto** da Ceilândia, **tenho** orgulho de morar nela. (Carta_46)*

Em (111), através do processo relacional atributivo (“ser”), o autor atribui à Ceilândia (portador) a característica de ser “uma cidade muito cheio de droga muitos ladrões” (atributo). É recorrente no trecho, principalmente, o emprego do processo (ter) como existencial para descrever a cidade: “**tem muitas** coisas boas”, “**tem muito** projeto cultural”, “**tem muitos** vândalos”; e de forma elíptica: “[tem] Vila Olímpica e [tem] muito mais [coisas]”, “[têm] muitos ladrões e [tem] pouco policiamento”. A intensificação da emoção é realizada de duas formas aqui: **repetição** do processo (ter) e por meio do **isolamento** com auxílio de um advérbio (“muito”/“pouco”). Observa-se que a descrição acima é tomada, predominantemente, de um

sentimento de insegurança (afeto-) que reforça a sentença inicial: “A Ceilândia é uma cidade cheio de droga”. Os traços positivos (afeto+/segurança) são sintetizados em: “**tem** suas coisas boas tem muito projeto cultural [tem] muitas coisas boas: [tem] Vila Olímpica.” Embora todo o trecho conduza a um afeto negativo, no fragmento, o sentimento de felicidade (afeto+) e satisfação (afeto+) é manifestado em “mas eu **gosto** (processo mental afetivo) da Ceilândia” e “[eu] (possuidor) **tenho** (processo relacional atributivo possessivo) **orgulho** (possuído) de morar nela.” Na relação lógico-semântica de um complexo oracional,¹⁰⁶ todas as orações são interdependentes. Sendo assim, podemos considerar que o trecho de negatividade estabelece uma relação paratática onde a oração inicial 1 sofre uma expansão por substituição a partir da oração sequencial +2, e a ideia original é desconstruída a partir do “mas” e reforça o argumento mais forte retoricamente.

Relação paratática de extensão 1^2	
1	2
A Ceilândia é... e pouco policiamento	MAS eu gosto da Ceilândia tenho orgulho de morar nela.

No excerto, a seguir, temos outra forma de intensificação, em que o jovem recorreu à repetição para manifestar sua insatisfação. Vejamos.

(112) *Mas eu não gosto da quadra ser rodeada por lixo, não gosto das pessoas que ficam na esquina e não gosto ter que andar na lama quando [quando] chove. (Carta_10)*

Em (112), o jovem enfoca sua insatisfação de maneira enfática: “não gosto”, “não gosto” e “não gosto”. Os fenômenos apresentados constituem os problemas relacionados à cidade e que desagradam o jovem: “*quadra ser rodeada por lixo*”, “*pessoas que ficam na esquina*”, “*ter que andar na lama quando chove*”. Urge destacar que, ao mesmo tempo que ressalta seu despreço na repetição do processo mental, o jovem “suaviza” o fenômeno “pessoas que ficam na esquina” e deixa subjetivamente implícito tratar-se de pessoas “fazendo coisas erradas”, “vendendo drogas” ou outra situação de conhecimento do autor.

Na Gradação por **quantificação**, Martin e White (2005) identificam três opções de reverenciar o subsistema: **quantidade** (por meio de numerativos quantitativos indefinidos), **volume** (refere-se ao tamanho) e **extensão**. A maioria das realizações de gradação por quantificação ocorre por isolamento, quando se acrescenta um léxico à palavra graduada.

¹⁰⁶ A parataxe corresponde à oração coordenada da gramática tradicional. Na LSF, são representadas por números: 1, corresponde à oração inicial e 2, sequencial. Então 1^2. As orações subordinadas são denominadas hipotaxe na LSF e são representadas por letras gregas: α , dominante e β , dependente [$\alpha^{\wedge}\beta$ ou $\beta^{\wedge}\alpha$].

(113) *Mas por **varias** vezes podemos comcordar que a criminalidade esta **cada vez maior** eo policiamento esta precário. (Carta_48)*

No excerto (113), na expressão em destaque: “*mas por várias vezes*” o emprego do numerativo quantitativo indefinido “muito” sugere um processo incontável do tempo. Nesse caso, pode-se inferir que ocorra uma ação repetitiva. O enunciado volta a ser resgatado na sequência do texto, desta vez com ênfase: “*a criminalidade está cada vez maior*”. Vejamos outro excerto.

5.1.2.2 Foco de acentuação e atenuação

Na categoria Foco, os recursos lexicais são utilizados para graduar categorias semânticas que, em princípio, não são graduadas. Há dois tipos de graduação de foco: **acentuação**, que enfatiza a essência de categorias semânticas e **atenuação**, que “pode reduzir o grau de pertencimento de um item lexical a certa categoria experiencial” (SOUZA, A., 2010, p. 202). Vejamos.

(114) *A gente **mesmo** pode melhorar nossa Ceilândia com pequenos gestos como o lixo etc. para ela se tornar cada vez um lugar mais querido*

Em (114), o emprego do item lexical “*mesmo*” enfatiza a responsabilidade sobre o ator “*a gente*” de “pode melhorar nossa Ceilândia”. Ressalte-se que o uso da expressão pronominal “*a gente*” substitui o “*nós*” e subentende que o autor faça parte dessa responsabilidade. Silva (2013b) registra que a locução pronominal *a gente* oscila no nível semântico-discursivo, ora inclui o falante [+EU], ora com um sentido genérico, dando margem à interpretação da ausência do traço [Ø –eu] como posição de neutralidade no discurso. No excerto acima, o jovem assume fazer parte do grupo que precisa agir em prol da cidade, uma vez que utiliza no trecho o possessivo “*nossa Ceilândia*”.

Passemos agora ao sistema de avaliatividade denominado engajamento.

5.1.3 Fontes de atitudes: engajamento

O engajamento compreende a articulação de vozes para expressar opiniões no discurso. No engajamento, os palestrantes/escritores se ajustam e negociam a argumentação de suas proposições e propostas. É o meio pelo qual qualquer pronunciamento, seja no discurso unipartidário (por exemplo, escrita) seja no discurso multipartidário (por exemplo,

conversação) pode ser interpretado de modo a revelar seu potencial dialogístico inerente, ou seja, sua localização e funcionalidade em relação aos processos passados, presentes e futuros de troca comunicativa. Segundo Ninin e Bárbara (2013), o engajamento:

[...] se ocupa dos modos como a voz autoral posiciona-se em relação a outras vozes presentes no texto, procurando caracterizar diferentes perspectivas intersubjetivas disponíveis, ou seja, permitindo caracterizar o modo de adesão ou não do falante/escritor em relação às proposições no texto. (NININ; BARBARA, 2013, p. 129).

O subsistema do engajamento se divide em: monoglossia e heteroglossia. Por meio da monoglossia, o autor/falante bloqueia qualquer alternativa de questionamento ao criar um efeito de verdade sobre o que diz, não permite o dialogismo. Salienta Vian Jr. (2010b, p. 36) que “podemos pensar em uma asserção monoglóssica, no estrato léxico-gramatical, mas, ao considerarmos o estrato semântico-discursivo, os significados construídos, o conjunto das asserções no tecido verbal, como um todo, será heteroglóssico”. Já na heteroglossia, o autor/falante se posiciona de forma que sua voz é apenas mais uma entre outras posições correntes sobre determinado assunto. Nessa última concepção, o potencial dialógico pode ser realizado por meio de expansão ou contração.

(115) *A Ceilândia é uma cidade do distrito federal apesar do que dizem sobre aqui, quem mora aqui e tá acostumado com o dia a dia não acha tão ruim por que já tá acostumado com a quadra (Carta_47)*

(116) *A mídia gosta de comprar pessoas falando que a Ceilândia abriga bandidos (Carta_33)*

Nos excertos acima, os jovens contestam vozes heteroglóssicas de outros participantes sobre a cidade. Em (115), a circunstância de localização (aqui) revela a posição de que o autor tem conhecimento do local e da informação prestada. Em (116), o jovem (afetivo *Emoter* não autoral) informa que “a mídia gosta de” a verbiagem é uma oração projetada na forma de um relato¹⁰⁷ “comprar pessoas falando (heteroglossia) que a Ceilândia abriga bandidos” (verbiagem, outro relato). O jovem atribui à mídia a responsabilidade por pessoas que difamam a cidade, ou seja, a mídia compra pessoas para falar. Trata-se de um julgamento de veracidade ética, pois a mídia, nesse caso, estaria manipulando pessoas, sendo desonesta com as informações prestadas.

¹⁰⁷ As orações verbais podem projetar, ou seja, podem ser realizadas por outra oração. Nesse caso, a verbiagem (o que complementa o processo verbal) poderá vir em forma de **citação**, quando a oração projetada reproduz a fala e é introduzida, na escrita, geralmente por aspas ou por travessão, como nos diálogos; ou **relato** quando se atribui o conteúdo do dizer a vozes externas, porém não necessariamente com as mesmas palavras. Na oração, podem ser introduzidas pelas conjunções “que” ou “se” (FUZER; CABRAL, 2014).

5.2 As vozes de Ceilândia (entrevista)

As entrevistas ocorreram na biblioteca de uma escola e em uma sala da coordenação, na outra. As conversas foram gravadas entre os dias 22 de novembro a 07 de dezembro de 2018. Ao todo, foram realizadas 13 entrevistas. Ressaltei, abaixo, os principais pontos do diálogo referente à Ceilândia: como você a descreveria, mudanças locais, o governo e a cidade e, por fim, que a manchete/reportagem de jornal você gostaria de ver sobre sua cidade. Vejamos as respostas.

5.2.1 Como você descreveria a Ceilândia para as pessoas que nunca vieram aqui?

Foi proposto aos participantes que descrevessem a cidade onde moram para alguém que nunca foi lá, que não conhece a região. As repostas dividem os jovens em dois grupos: os que não gostam da cidade e os que sentem carinho pelo lugar. Vejamos alguns excertos.

(117) *Bom... eu ia falar que assim: **não tem asfalto**, primeiramente, né? Assim, a criminalidade aqui não é pouca. [...] um lugar assim que você quisesse viver melhor, vai para outro lugar. [...] **Tem muito muito crime, muito mesmo**. (Entrevista_2)*

O primeiro aspecto apontado em (117) é a falta de asfalto. O jovem recorre ao processo relacional identificativo possessivo (“tem”) com polaridade negativa (“não”) para informar a ausência de asfalto (possuído) em Ceilândia (possuidor), ou seja, Ceilândia não é asfaltada. Em seguida, o jovem discorre sobre a criminalidade e, novamente, emprega o recurso da polaridade negativa para falar do assunto: a criminalidade (portador) aqui (circunstância de lugar) não (polaridade negativa) é (processo relacional atributivo) pouca (atributo circunstancial – modo/grau). O emprego de negativas na sentença revela insatisfação (afeto-) do entrevistado em relação à sua cidade o que é ratificado em outro trecho: “*você quisesse* (processo mental desiderativo) *viver* (processo material) *melhor, vai* (processo material) *para outro lugar*”. Embora a construção léxico-gramatical não tenha a negativa explícita nesse fragmento, a interpretação semântico-discursiva evidencia um apelo negativo implícito no discurso do jovem: “não venha para este lugar”.

Urge destacar o emprego da forma metafórica (ou abstratização, segundo Neves (2018b)) em “*a criminalidade não é pouca*” e a concretização que ocorre com o existente “crime” em: “*Tem (processo existencial) muito muito crime, muito mesmo*”, reforçada na repetição (gradação força) do advérbio modal de intensificação “muito” (gradação

força/isolamento). Conforme já referendado por Silva (2019b), o processo existencial encontra-se no domínio potencial, ou seja, a tudo que existe na natureza e está associado à relação exterior (o mundo) e à relação interior (o ser). Nesse caso, é revelada uma forte insatisfação do jovem (ser) com a cidade em que mora (mundo), demarcada pelas escolhas dos processos (principalmente, o existencial) e de outros elementos léxico-discursivos: expressões negativas (“não”/“vai para outro lugar”), uso da nominalização (“criminalidade”) e apagamento dos atores, uso repetitivo do elemento de gradação (“muito”).

(118) *É. É porque lá [na Bahia], a gente **pode andar** assim à vontade. Aqui [Ceilândia], como **tem muito assalto**, a gente **não pode andar** assim muito; mas assim eu achei... novo para mim; porque eu nunca tinha saído de lá. (Entrevista_3)*

Em (118), o jovem compara Ceilândia à sua cidade natal e destaca o fato de “*poder andar* (processo material) *à vontade* (circunstância de modo) *lá* (circunstância de localização/lugar)” *versus* “*não poder andar assim aqui*”, porque “*tem* (processo existencial) *muito* (gradação força) *assalto* (existente)”. O emprego do verbo “pode” modaliza o processo material (andar) e indica o grau de comprometimento do locutor com o que diz. (FUZER; CABRAL, 2014). Infere-se do discurso do jovem a liberdade *versus* o aprisionamento decorrente da violência na cidade. Ainda assim, a apreciação valorativa que o adolescente concebe da cidade é de novidade: “*eu achei... novo [...] nunca tinha saído de lá*”, não há manifestação de insatisfação como no excerto anterior.

(119) *Bom, a Ceilândia é um lugar muito bom de se viver. Muitas pessoas têm discriminação por ser “ah periferia e tal”. Mas, assim, é muito bom morar aqui; porque aqui é tudo perto, principalmente, na QNQ, tipo padaria, supermercado, essas coisas. Claro que tem seus perigos, como todas as cidades têm, porque tem gente do mal, né, que fica nas pracinhas, inclusive, fazendo coisas erradas tipo, perto da minha casa tem uma pracinha que foi construída, só que as pessoas já destruíram, os “zé droguinhas” como dizem por aí.[...] (Entrevista_4)*

No excerto (119), embora o jovem reconheça que a cidade “*tem seus perigos*”, a apreciação que faz do lugar é: “*Ceilândia é* (processo relacional intensivo) *um lugar muito bom de se viver* (atributo)”, e repete “*é* (processo relacional intensivo) *muito bom morar aqui* (atributo)” e ainda justifica “*porque aqui é tudo perto*”. Observe que a gradação (reação) é utilizada para provocar mais emoção (afeto+/felicidade, satisfação) no que é dito “*muito bom*”.

No trecho, o jovem afirma que: “*Muitas pessoas* (possuidor) *têm* (processo relacional possessivo) *discriminação* (atributo)”. O autor transformou um processo em atributo: *discriminam* > *discriminação*. Embora haja carga semântica avaliativa negativa no

processo “discriminar”, essa avaliação foi transferida para o atributo com valor de posse e não como ação praticada das/pelas “pessoas”. O autor acrescenta, em forma de citação, um dizente que se infere ser dito pelas pessoas que têm discriminação: “*ah periferia e tal*”. Há ainda, no mesmo parágrafo, uma ocorrência de Proposição/Expectativa¹⁰⁸ confirmada: “**Claro que tem seus perigos**”. O “claro que” exerce a função de um adjunto de comentário (admissão) em que o autor reconhece a posição discursiva do senso comum de que Ceilândia “tem perigos”. O emprego de um adjunto de comentário estabelece uma marca interpessoal no discurso ao mesmo tempo que impulsiona a discordância e, nesse caso, a não aceitação de que esse perigo se restrinja somente à cidade de Ceilândia, uma vez que “*todas as cidades têm [perigos],[...] porque tem gente do mal*”.

5.2.2 Mudanças na cidade

Uma das questões da entrevista era para saber se tinha havido mudanças na cidade nos últimos anos ou meses e, se houvesse, quais seriam essas mudanças.

- (120) *Onde eu moro mesmo eles estão colocando asfalto, mas uma coisa que eu acho muito ruim é os hospitais estão de estrutura muito ruins (Entrevista_1)*
- (121) *Sim. Nos últimos dias, sim. Porque eles estão começaram a arrumar a infraestrutura, né? E estão começando a asfaltar algumas ruas no Sol Nascente (Entrevista_8)*
- (122) *Que é assim, tá acabando eleições, né? Tava perto. Acho que foi em junho, julho. Aí realmente começaram a mexer lá. O Rodrigo Rollemberg começou a mexer. Aí colocou esgoto, águas pluviais e asfalto. Só que aí parou pela metade. (Entrevista_9)*
- (123) *Tem mudado bastante coisas. O policiamento, claro que não melhorou 100%; mas assim, às vezes quando eu passo na rua e tal, às vezes têm alguns policiais também. Na padaria, onde eu vou, lá também tem policiais. (Entrevista_4)*
- (124) *Vou falar aqui ao redor da nossa escola. É... aqui era muito cheio de lixo. Eu estudo aqui, ano que vem vai fazer dez anos que eu estudo aqui nessa escola. E aqui sempre foi cheio de lixo, cheio de lixo. Até que chegou o momento que a gente não estava mais aguentando, a gente conseguiu o nosso projeto os Papa Lixo e não está mais tão [sujo] como estava antes. Melhorou bastante. (Entrevista_6)*

Os excertos (120), (121) e (122) apontaram mudanças na infraestrutura da região, (123) destacaram a presença de policiais e (124) ressaltaram o que foi feito com o lixo em torno da escola. Em (120), o jovem, por meio da acentuação do foco (“mesmo”), resalta e restringe a sua referência espacial “*onde eu moro **mesmo***” para assegurar “*eles (ator) estão colocando (processo material) asfalto (meta)*”. Ainda no parágrafo, há uma contraposição ao valor positivo

¹⁰⁸ A proposição é uma das funções da fala que consiste em dar/solicitar informações. “É algo sobre o que se pode argumentar” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 105). A expectativa é uma das subclassificações da heteroglossia do sistema de avaliatividade/engajamento. É quando o autor emprega uma segunda voz para o sim. (SOUZA, 2010, p. 61).

de satisfação pela colocação do asfalto, que embora não esteja relacionada ao serviço realizado, ressalta outro problema na região: “*os hospitais estão de estrutura muito ruins*”. Em (121), a ênfase é para a colocação de asfalto nas ruas: “*eles estão começaram a arrumar a infraestrutura*”. Cabe destacar que tanto em (120) quanto em (121) não há um antecedente na entrevista para que se possa determinar quem sejam “eles”. Infere-se que sejam pessoas que trabalham para o governo.

Em (122), o jovem responde ao questionamento por meio de outra questão buscando confirmação do leitor/ouvinte: “*tá acabando eleições, né?*” Identifica-se na pergunta um julgamento implícito de sanção social quanto à propriedade ética do ator “*o Rodrigo Rolemberg*”. Por meio de um adjunto de comentário, “*realmente*”, o jovem confirma que “*começaram a mexer lá*”, “*colocou esgoto, águas pluviais e asfalto*”. Mas a obra não foi concluída, “*parou pela metade*”. Urge destacar, nesse trecho, a marcação temporal de início das obras: “*foi em junho, julho*” e a interrupção: “*tá acabando eleições, né?*” Infere-se do trecho uma denúncia de movimentação “*começar a mexer*”, “*colocar asfalto*” somente durante o período eleitoral, uma estratégia do governo de se fazer presente na comunidade.

No excerto (123), o jovem destaca a presença de policiais na rua: “*às vezes têm (processo existencial) alguns policiais (existente) também*”. Observe que a presença do policial é apresentada com baixa frequência por meio de modalizadores que indicam a usualidade “*às vezes*”. Entretanto, a repetição do “*também*” em “*na rua... tem alguns policiais também*” e “*na padaria... também tem*” reafirma que houve uma mudança embora ainda precise melhorar, o que é ratificado pelo autor na proposição/contraexpectativa “**claro que não melhorou 100%, mas assim**”. Na contraexpectativa temos a presença de duas vozes – a do sim e a da exceção (SOUZA, L., 2010, p. 61). Diante disso, no excerto acima, a negação “*não melhorou 100%*”; e a exceção mas melhorou, afinal “*tem policiais*”. Os vocábulos “*policiais*”, “*tem*” e as circunstâncias “*rua*” e “*padaria*” remetem ao sentimento de segurança (afeto+).

Em (124), o jovem recorre à gradação por meio da repetição para intensificar o problema pelo qual a comunidade próxima à escola passava: o lixo. Observe que, por três vezes, o autor afirma que o local “*era muito cheio de lixo*”, “*aqui sempre foi cheio de lixo, cheio de lixo*”. A localização temporal “*ano que vem vai fazer dez anos que eu estudo aqui*” assegura que a mudança só ocorreu após a intervenção da própria comunidade escolar: “*a gente conseguiu o nosso projeto*”.

5.2.3 O governo e a cidade

Em relação aos políticos, foi questionado aos jovens sobre o que eles deveriam fazer pela Ceilândia, uma vez que cidade é a mais populosa do DF. Nos excertos, a seguir, apresento alguns recortes.

- (125) *Bom... podia prestar mais atenção nessa cidade, né? Porque aqui nós estamos como se o governo jogasse nós fora. Mas eu tenho orgulho de morar aqui, né? Sendo que eu nasci aqui, sabe? (Entrevista_2)*
- (126) *Eu acho que eles [os políticos] poderiam fazer a mesma coisa que eles fizeram por Brasília, lá no Plano Piloto, certo? Tipo assim, dar mais visibilidade para Ceilândia, porque muitas pessoas não conhecem. (Entrevista_4)*
- (127) *[...] que alguém da secretaria da educação, que da Câmara viessem aqui na escola, na delegacia, nas faculdades e perguntassem; porque aí eles teriam um ideia do que poderiam fazer e aí sim faziam o que eles conseguem. (Entrevista_5)*
- (128) *Ajudar o povo mais novo. Tipo lá embaixo, colocar... pelo menos ter.... pelo menos ter uma conscientização do que o povo passa, né? (Entrevista_11)*

Nos fragmentos (125) a (128), os discursos convergem para uma mesma reclamação: o distanciamento entre o governo e a população. Faltam “*atenção nessa cidade*”, “*visibilidade [...] muitas pessoas não conhecem [Ceilândia]*”, visita “*alguém da secretaria da educação, da Câmara*” para ter uma ideia do que poderiam fazer e “*ter conscientização do que o povo passa*”. Identifiquei nos trechos acima que as escolhas lexicais dos jovens saem da modalidade deôntica de obrigação (deveria) na qual a pergunta foi realizada, e vão para a de inclinação (podia/poderia): “*podia prestar mais atenção*” (125), “*poderiam fazer*” (126 e 127). Infere-se da troca na modulação das propostas (dever > poder) que os jovens temem o comprometimento do que dizem. A inclinação na informação é mais aceitável socialmente do que a imposição da obrigatoriedade. O “*não comprometimento*” aparece também em (128) pela ausência do verbo modal na resposta, embora se sugira, nesse caso, o emprego do verbo utilizado na pergunta. Os adolescentes pedem que o governo cuide mais da cidade. Há diversas necessidades que precisam ser supridas. Urge conhecer de perto a realidade que os cerca para que possam entender e atuar.

5.2.4 Manchete no jornal

Para finalizar a entrevista, foi questionado quanto à manchete de jornal que os jovens esperam ver, um dia, publicada. Vejamos algumas respostas.

- (129) *No dia em que colocarem médico nos hospitais (Entrevista_1)*

- (130) *É... que a cidade começou a ficar mais limpa, o ambiente começou a ficar mais limpo. E que diminuiu bastante nos assaltos. (Entrevista_6)*
- (131) *[...] Eu queria igualdade; porque, hoje em dia, a gente tem uma, era mais, era mais forte a desigualdade; mas hoje em dia, tá um pouco melhor. Porém, ainda tem essas classes sociais. Às vezes a gente julga o próximo sem saber. Porque assim, eu fico muito chateada, às vezes a pessoa, ela não tem uma condição financeira muito melhor, assim, sabe? Tem uma condição financeira um pouco mais baixa que a sua ou algo assim, e aí a pessoa olha para ela e já julga como se ela fosse um bandido, um moleque; porque, realmente, a questão da cor de pele, principalmente. Eu..., eu não tenho esse preconceito. [...] (Entrevista_5)*
- (132) *A verdadeira Ceilândia.*
P.: Você acha que tem uma verdadeira Ceilândia?
Sim, porque as pessoas recriminam [discriminam] muito as pessoas que moram aqui. Tipo, as pessoas do Plano, as pessoas da Asa Norte, da Asa Sul ficam recriminando [discriminando], falando: “Ah, não vou pisar lá, porque se não vou ser assaltado”, “ah, Ceilândia só tem peba, só tem gente que não presta”. Mas não é assim. Todo lugar tem pessoas boas e ruins. (Entrevista_4)
- (133) *Poderia ser: “A minha verdadeira cidade”. Acho que alguma coisa que falasse mais a verdade sobre como realmente é aqui. (Entrevista_7)*

Observa-se que as respostas acima espelham os anseios pela resolução dos problemas pontuados na cidade: “colocarem mais médico nos hospitais”, “que a cidade fique mais limpa” e “que diminuam os assaltos”. E há os que almejam “igualdade”, “não discriminação” e que se mostre “a verdadeira Ceilândia”. Em (129) e (130), os jovens esperam por resultados concretos para comunidade e que isso vire notícia nos jornais. Para Halliday (1994, 2004), o ponto de partida para a análise é o contexto que pode ser interpretado através do discurso. Observe que, em (130), o processo empregado foi “*começou a ficar*”. O autor foca no início da ação, o que já deveria aparecer numa manchete de jornal. Além disso, são apresentadas ideias de campos lexicais opostos: “cidade mais limpa” e que diminua (=menos) os assaltos.

Em (131), (132) e (133), há um apelo dos jovens para que se mostre a “*verdadeira Ceilândia*”, “*Poderia ser: ‘a minha verdadeira cidade’*”. Infere-se, dessa afirmação, que o que é mostrado na mídia hoje é “uma falsa Ceilândia”. Assim como a carta de abertura desta tese, da jovem de 17 anos escrita em 1997 que relatava a discriminação de uma moradora de Ceilândia, os jovens hoje ainda sentem que essa situação continua presente na vida deles. Em (131), o jovem revela seu desejo: “*eu queria* (processo mental desiderativo) *igualdade* (fenômeno)”. Há no parágrafo outros destaques que enfocam um sentimento negativo (afeto-/infelicidade): “*eu* (portador) *fico* (processo relacional atributivo intensivo) *muito chateada* (atributo)”, “[a pessoa] (possuidor) *Tem* (processo relacional possessivo) *uma condição financeira um pouco mais baixa que a sua* (possuído)”, “e a pessoa (experenciador) *olha* (processo mental) e já [a pessoa] (experenciador) *julga* (processo mental cognitivo) *como se ela fosse um bandido* (fenômeno)”. Em (132) e (133), o desejo por ver outra história sendo

contada no jornal. O jovem em (132) acredita que outras pessoas consideram que em Ceilândia só haja “*gente que não presta*”. No trecho, o jovem recorre à verbiagem no formato de citação, ou seja, sem ter interferência do produtor do texto: “*Ah, não vou pisar lá, porque se não vou ser (processo relativo) assaltado (atributo)*”, “*ah, Ceilândia só tem peba, só tem (processo existencial) gente que não presta*”.

5.3 Ação-reflexão em roda de conversa

Na proposta inicial, estavam previstas quatro rodas de conversa. Em decorrência de diversos obstáculos (redução de aula, “subidas” de aula, reunião de pais), foram realizadas apenas três rodas. O primeiro encontro foi de apresentação. Cada participante pôde falar um pouco de si, sobre o de que gosta e não gosta, sobre o que faz nas horas vagas e sobre a escola. O principal objetivo desse momento foi conhecer um pouco mais o contexto cultural no qual os jovens estão inseridos. Os participantes foram convidados a se apresentar por meio de um cognome. Na conversa, ainda foi proposto que escolhessem um animal que os representasse.

O segundo encontro teve alguns desencontros. A turma precisou responder a um questionário que consumiu parte da aula. Precisei fazer mais uma apresentação breve, pois havia jovens que não estavam presentes no primeiro encontro. Por fim, coloquei a música “Faroeste Caboclo” para que pudessemos conversar sobre a cidade. Não tivemos tempo para discutir o assunto. A aula foi encerrada.

No terceiro encontro, discutimos os problemas da cidade. Os jovens puderam se manifestar sobre o que pensam que está errado e o que eles podem fazer. Desse encontro, surgiu a proposta do curso de formação em informática: “Letramento.comUnidade” (ver Apêndice E). O problema mais imediato que os jovens queriam resolver era a necessidade de aprender a mexer em programas básicos do computador: elaborar um currículo, enviar um e-mail, fazer um gráfico, entre outros. Todas as solicitações foram anotadas e foi elaborada a proposta. Costa (1998) considera que o protagonismo juvenil deva levar a participação do adolescente para atividades que extrapolam os interesses individuais e familiares. Entretanto, observei que se não pudesse suprir essa primeira etapa, as demais não iriam acontecer.

Nesse ano de 2019, apresentei o projeto do curso para a direção da escola, que imediatamente reconheceu a importância e aceitou a proposta. Pediu que incluísse também os funcionários do colégio. E o projeto, que nasceu para atender à necessidade de uma turma, começou a ser ampliado.

Entretanto, tivemos diversos contratemplos e o curso não pôde ser oferecido: os computadores estavam obsoletos e não havia peça de reposição. Alguns que funcionavam não acessavam a internet, não havia suporte para atualização do programa, mas, embora não tenha acontecido em 2019, o projeto não foi descartado. Em 2020, entrei em contato com uma equipe responsável pela *Campus Party* para levar inclusão digital para jovens e para a comunidade local. Devido à pandemia, estou aguardando o retorno às aulas para prosseguir com o projeto.

Algumas considerações

Ao longo das análises, pude identificar que os jovens gostam do lugar onde moram. Mostram satisfação e felicidade por terem uma casa para morar, uma família e amigos. As principais reclamações estão relacionadas às necessidades básicas de bem-estar do indivíduo e isso é mais imediatista, pois convivem diariamente com o problema, como falta de infraestrutura, ruas sem asfalto, muito buraco, lama/poeira; coleta de lixo; barulho em algumas ruas. O discurso dos jovens é ratificado pelas fotos da região (ver Apêndice D) e pela Nota Técnica emitida pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan).

[...] a rede de esgoto está presente em quase todos os domicílios de Ceilândia o mesmo não pode ser dito de Sol Nascente/Pôr do Sol, onde a rede contempla apenas 52,02% dos domicílios. Por fim, a coleta seletiva apresenta o menor percentual de cobertura de domicílios de todos os serviços analisados em ambas as localidades, ressaltando-se a situação preocupante de Sol Nascente/Pôr do Sol, onde apenas 11,95% dos domicílios são atendidos por este serviço. [...] a infraestrutura de ruas para ambas as localidades difere consideravelmente. A maioria dos domicílios de Ceilândia possui ruas asfaltadas, com calçada e meio fio e com rede de coleta de água pluvial. O contrário acontece em Sol Nascente/Pôr do Sol, onde um pequeno percentual dos domicílios apresentam ruas asfaltadas (30,88%), a presença de calçada e meio fio é baixa (22,43% e 20,40% respectivamente) e poucos domicílios contam com ruas com rede de coleta de água pluvial (24,45%)". (CODEPLAN, 2019, p. 5)

Observe-se que a Codeplan (2019) menciona somente a coleta seletiva, que é quase inexistente no Sol Nascente. Entretanto, a reclamação dos jovens refere-se à coleta simples, que não acontece por diversos problemas da rua, como: falta de asfalto, buracos, ruas estreitas e, às vezes, ruas sem saída que impedem a circulação do caminhão que recolhe o lixo.

A violência aparece com o processo existencial (tem) CRIME, ASSALTO e isso “representa” parte da cidade. Algumas vezes questionei se o entrevistado havia sofrido alguma violência. Muitos responderam que não, mas que conheciam pessoas próximas (mãe, irmãos,

colegas, vizinhos) ou sabiam histórias de outras pessoas que foram roubadas/furtadas, ou casos de assassinatos.

Observei que os jovens recorrem frequentemente ao emprego da marcação negativa no fim dos processos, o que resulta, como manifestado anteriormente, em uma razão particular para falar o que “não é”. Quanto à avaliabilidade nos discursos, observei que a atitude (afeto, julgamento e apreciação) é graduada por intensificadores que enfatizam os sentimentos. Também foi possível identificar a modulação nas propostas que remetem à negociação no discurso para ser socialmente aceito.

O capítulo seguinte envolve uma comparação do discurso dos jovens com a voz da mídia.

CADERNO 6 – PARALELOS COMPARATIVOS



Foto: Osvaldo Lima (2018)

CAPÍTULO 6 – PARALELOS COMPARATIVOS ENTRE A VOZ DA MÍDIA E A VOZ DOS ADOLESCENTES

Este capítulo é a continuidade da trajetória iniciada nos capítulos anteriores. Aqui, realizo um paralelo entre o discurso midiático e o discurso de adolescentes da cidade de Ceilândia desde uma perspectiva crítica, com base nos resultados das análises realizadas no *corpus*. O capítulo está dividido em três subseções em que são apresentadas as concordâncias entre os discursos (6.1), as discordâncias (6.2) e o silêncio da mídia (6.3). Por fim, saliento algumas considerações.

6.1 Em que concordam?

Os discursos concordam em dois aspectos: as pessoas que moram em Ceilândia são “legais” e a violência é elevada. Vejamos o Quadro Comparativo 1 – As pessoas nos discursos.

Quadro Comparativo 1 - As pessoas nos discursos

Discurso midiático	Discurso dos adolescentes
Da cultura ao esporte, o P Sul conta com muitos <u>moradores dispostos a contribuir</u> para uma cidade cada vez melhor. Alexandre Sydnei Meschick, 39 anos, <u>desenvolve trabalho voluntário</u> há 13 anos. (Reportagem_12)	Eu não tenho muitas amizades por lá, mas as pessoas, são <u>pessoas gentis, legais, tem respeito um com o outro</u> , etc. (Carta_5)
Memórias de um <u>povo incansável e lutador</u> (Reportagem_81)	Mas com todos os defeitos que o Sol nascente tem há <u>muitas pessoas que lutam</u> para ter um bom lugar para se viver, <u>acordam cedo todos os dias para ir trabalhar</u> para comprar o pão de cada dia, <u>trabalhando honestamente</u> . (Carta_19)
Para celebrar esses 45 anos, o Correio <u>reuniu histórias de moradores orgulhosos</u> de cada um dos cantos de uma só CEI, a que mora no coração de todos eles. (Reportagem_16)	[...] Mas <u>eu tenho orgulho de morar aqui</u> , né? Sendo que eu nasci aqui, sabe? (Entrevista_2)

Fonte: elaborado pela autora.

Ao se referir aos moradores de Ceilândia, o texto jornalístico procura ressaltar o altruísmo de pessoas que visam ao bem-estar do próximo, à garra dos que travam uma batalha

diária e o orgulho de fazer parte da cidade. Dediquei a 4.3.2 – Gente da gente – para analisar alguns trechos coletados do *corpus* reportagem e que retratam essas características nos personagens apresentados. Paralelamente, os jovens também destacam uma cidade formada de pessoas sociáveis. O jornal mostra a luta por moradia, por sobrevivência e por melhores condições de vida. Os jovens destacam a luta do povo trabalhador que acorda cedo para garantir o pão de cada dia. A mídia apresenta e os jovens assumem o orgulho por morar na região. Infere-se desse comparativo que, quando a mídia se aproxima do seu interlocutor e ouve as histórias de gente do próprio local, esse discurso conflui com o dos jovens, é a mesma voz. O apelo dos jovens é para que as outras pessoas vejam de perto a realidade que os cerca sem tirar conclusões precipitadas, conforme declarações abaixo.

- (134) *E aí as pessoas não veem isso. Então eu acho que deveria dar visibilidade para Ceilândia, mostrar as coisas boas que têm aqui, para as pessoas não ter tanto medo e não recriminar tanto. (Entrevista_4)*
- (135) *Ao meu respeito as pessoas não podem criticar as outras so pelo seu jeito de vestir, as pessoas tem que conhecer para depois ver se deve criticar ou não pois ninguém sabe o que o outro tá passando. (Carta_48)*
- (136) *Às vezes a gente julga o próximo sem saber. Porque assim, eu fico muito chateada, às vezes a pessoa, ela não tem uma condição financeira muito melhor, assim, sabe? Tem uma condição financeira um pouco mais baixa que a sua ou algo assim, e aí a pessoa olha para ela e já julga como se ela fosse um bandido, um moleque; porque, realmente, a questão da cor de pele, principalmente. Eu..., eu não tenho esse preconceito. (Entrevista_5)*

Observe que o discurso da mídia apresentado de dentro da cidade revela-se mais próximo da realidade dos adolescentes. E é exatamente disso que os jovens reclamam: a falta de visibilidade para Ceilândia (134). É necessário conhecer as pessoas do lugar (135) para que não se levantem julgamentos discriminatórios em relação a seus moradores, colocando-os como se fossem bandidos (136). Um julgamento feito a distância, desconsiderando as condições sociais e financeiras da comunidade, por exemplo, contribui para criar uma narrativa preconceituosa sobre seus moradores. Nas cartas e entrevistas, os jovens suplicam para que essa “verdade” não seja propagada “*tem que conhecer para depois ver se deve criticar ou não, pois ninguém sabe o que o outro tá passando*”. Ratificamos que, de perto, os moradores são vistos como guerreiros e heróis (ver seção 4.3.2) frente a todas as lutas constantes enfrentadas no dia-a-dia desde a fundação da cidade. Destarte, a manchete que os jovens querem ver nos jornais é “a verdadeira Ceilândia”.

- (137) *Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?*

A verdadeira Ceilândia [...], porque as pessoas recriminam muito as pessoas que moram aqui. Tipo, as pessoas do Plano, as pessoas da Asa Norte, da Asa Sul ficam recriminando, falando: “Ah, não vou pisar lá, porque se não vou ser assaltado”, “ah, Ceilândia só tem peba, só tem gente que não presta”. Mas não é assim. (Entrevista_4)

- (138) *Poderia ser: “A minha verdadeira cidade”. Acho que alguma coisa que falasse mais a verdade sobre como realmente é aqui. [...] E também sobre os pontos bons da cidade, sobre as pessoas que tentam ajudar as outras. (Entrevista_7)*

Os jovens não negam a violência presente na região e esse é o segundo aspecto em que o discurso midiático e o dos adolescentes se encontram. Vejamos o Quadro Comparativo 2 - a temática violência nos discursos.

Quadro Comparativo 2 - O tema violência nos discursos

Discurso midiático	Discurso dos adolescentes
<p><u>Um homem foi quase linchado após tentar roubar alunos</u> próximo a uma escola na EQNP 8/12, Chácara 171, em Ceilândia. [...] Durante o espancamento, ele conseguiu subir na garupa de um motociclista que passava no local em baixa velocidade. O suspeito chegou a dar uma facada no motoqueiro. (Reportagem_18)</p> <p>O sargento da Polícia Militar Pedro Gonçalves Pereira Neto, 48 anos, <u>baleado na cabeça durante uma tentativa de latrocínio (roubo seguido de morte)</u> em Ceilândia permanece em estado gravíssimo.</p>	<p>Como nem toda comunidade é perfeita, [...] e como todo lugar <u>nas ruas tem assaltos</u>, na minha comunidade também tem, mas não é tão frequente, pra mim esses são os únicos defeitos da minha comunidade. (Carta_3)</p> <p><u>A rua tem assaltos na esquina minha irmã já foi roubada, tem uns vizinhos que são pessoas que escolheram um caminho diferente dos outros</u>, um deles deve ter 13 a 15 anos e <u>já roubou, provavelmente já fumou</u>, mas os irmãos dele não dão um bom exemplo. (Carta_21)</p> <p>[...] <u>tem muito assalto</u>. Mas... muitas vezes <u>tem história de gente que foi assaltada</u>, que foi roubaram, assim... Então... é perigoso assim, <u>mas eu nunca fui assaltada</u>. (Entrevista_12)</p>

Fonte: elaborado pela autora

Em relação à violência, ambos os discursos reconhecem a existência de crimes na região. Os jovens são enfáticos em afirmar: “tem (processo existencial) assalto” ou “é (processo relacional) perigoso”. Ao citar as ocorrências, os adolescentes limitam-se a descrever crimes de roubo/assalto a pessoas e/ou em residências, assassinatos e tráfico de drogas. Os relatos são feitos a partir de experiências pessoais ou de acontecimentos com pessoas próximas a seu convívio como, no quadro acima, os vizinhos. A dor de um reflete entre todos da comunidade.

- (139) *Meu primo que foi assassinado na cidade. Foi esses dias. Passou até na televisão. (Entrevista_10)*

- (140) *Mataram um menino, porque ele entregou tudo. Não falou nada. E foi assassinado aí. (Entrevista_2)*
- (141) *Semana passada, se eu não me engano, um menino morreu. Assaltaram ele. E mataram ele, só porque ele tinha um celular ruinzinho. (Entrevista_12)*

No excerto (139), o jovem informa sobre o assassinato do primo, “*passou até na televisão*”. Em (140) e (141), outros jovens comentam sobre o mesmo crime: “*mataram um menino*”; “*um menino morreu*”. O menino a que se refere também é um jovem de idade aproximada às suas, mas que é visto como uma criança, “*um menino*”. O motivo? “*Um celular ruinzinho*”. A vítima não esboçou reação: “*entregou tudo. Não falou nada*”. E ainda assim, foi morto. O que os jovens alertam é para a insignificância da vida perante a violência: um celular “ruinzinho” tirou a vida de um menino. Esse crime mexeu com a comunidade escolar, porque o menino assassinado era primo de uma colega, porque era jovem como os estudantes, porque não reagiu, porque foi por um motivo fútil, porque eles [os jovens] também podem ser vítimas.

Se por um lado a violência é representada pelos jovens nas consequências de medo e de dor a que estão sujeitos os moradores; por outro, os jornais intensificam essa violência que assola a cidade como controle e massificação de um discurso. A mídia explora a manutenção de uma pauta que deprecia a cidade de Ceilândia junto às demais regiões administrativas do DF. O Gráfico 1, na seção 4.1, permitiu aferir que 83% dos assuntos sobre a cidade são de cunho negativo, sendo que a maioria (53%, ver Gráfico 2 na mesma seção) representa notícias de crimes. A exploração maciça da violência no local é realizada por notícias curtas, mas constantes. Todo tipo de crime vira noticiário. Além de tráfico de drogas, assassinatos e roubos, citados no discurso dos jovens, os jornais divulgam casos de porte ilegal de armas, estupro, estelionato, apreensão de animais em cativeiro, ameaças, agressão, linchamento, sequestro, transporte ilegal e suicídio. Até a Lava Jato¹⁰⁹ resvalou em Ceilândia. Vejamos outros excertos.

- (142) *não vejo mais aquele perigo todo que dizem. Todo lugar tem ladrão e etc. aqui não é diferente, mas por se tratar de Ceilândia todo mundo acha que ao entrar já vai ser roubado e não é bem assim. (Carta_47)*
- (143) *Várias pessoas falam... é que ali só mora ladrão. É, tipo... mas eu sou humilde. Eu não ligo muito para isso. Onde não vai ter ladrão nesse mundo? Pelo amor de Deus! Até nas políticas têm. Até nas políticas. (Entrevista_2)*
- (144) *Mesmo com esses problemas Ceilândia é um bom lugar pra morar. (Carta_45)*

¹⁰⁹ “A Operação Lava Jato é a maior iniciativa de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história do Brasil. Iniciada em março de 2014, perante a Justiça Federal em Curitiba, a investigação já apresentou resultados eficientes, com a prisão e a responsabilização de pessoas de grande expressividade política e econômica, e recuperação de valores recordes para os cofres públicos”. (MPF, [2020]). Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso>. Acesso em: 30 maio 2020.

Embora reconheçam o problema da violência em Ceilândia, os jovens rebatem as críticas “*não vejo mais aquele perigo todo que dizem*” e afirmam “*Todo lugar tem ladrão*”, “*até nas políticas têm*”. Ainda assim, “*Ceilândia e um bom lugar pra morar*”. Passemos, agora, a identificar as divergências nos discursos.

6.2 Em que divergem?

Embora os discursos concordem com a violência na cidade, há divergência quanto à atuação policial na cidade. Vejamos o Quadro Comparativo 3 – A polícia nos discursos.

Quadro Comparativo 3 - A polícia nos discursos

Discurso midiático	Discurso dos adolescentes
Policiais militares <u>passavam</u> pelo conjunto H da QNM 08, quando <u>viram</u> a ação e <u>decidiram abordar</u> o grupo. (Reportagem_8)	<u>Não tem policiamento</u> , um dia desses a lotérica foi assaltada, pessoas foram reféns disso, isso é um ABSURDO extremo [extremo]! (Carta_9)
Na tarde de segunda-feira (17), a Polícia Militar <u>prende</u> u trio que assaltava residências na região do P SUL. Os militares <u>chegaram até o trio por meio de denúncias da comunidade</u> . (Reportagem_120)	Ceilândia tem seus defeitos e suas qualidades, alguns defeitos que podem ser concertados pelos políticos como o policiamento na Ceilândia. <u>Cadê os policiais para tirar todas essas pessoas na frente das escolas fumando maconha?</u> (Carta_41)
Um sargento da Polícia Militar <u>reagiu a um assalto e baleou um suspeito</u> na QNM 9, em Ceilândia. [...]o militar estava em uma moto com o filho, parados em um semáforo, quando dois homens, também em uma motocicleta, teriam emparelhado o veículo e anunciado o assalto. (Reportagem_122)	<u>Os policiais não ficam rondando aqui</u> . E é um problema, que tipo assim, eu acho que deveria [ter policiamento]. Até o carinho da moto, ¹¹⁰ de madrugada, não ronda mais. Então assim, é uma coisa muito ruim. (Entrevista_4)
	<u>Só tem policiamento na rua, quando acontece alguma coisa</u> . Tem que acontecer [algo] primeiro, pra depois eles [policiais] vir. (Entrevista_6)

Fonte: elaborado pela autora.

No jornal, os policiais são participantes que atuam no combate ao crime tanto preventivamente: “*passavam*” pelo local, quanto efetivamente: “*viram*” a ação, abordaram, prenderam, reagiram conforme pudemos observar no Quadro 3 e na subseção (4.3.4) desta tese. Urge destacar que as notícias sucederam aos fatos, portanto, após intervenção da polícia, quer seja pela atuação preventiva, quer seja pelo registro em delegacia.

¹¹⁰ Carinha da moto é uma expressão para um serviço particular praticado por algumas pessoas da/na região que circulam de moto durante a madrugada e que sinalizam qualquer anormalidade no local. Eles contam com a colaboração dos moradores que doam qualquer valor por esse serviço.

Na versão dos jovens, “*não tem policiamento*”, “*os policiais não ficam rodando aqui*”. (vide Quadro 3). Raramente se vê um carro de polícia nas ruas. O sentimento de insegurança decorre, principalmente, da falta de um policiamento ostensivo. Em resposta à pergunta da entrevista: “Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?”, há quase uma unanimidade em citar problemas referentes à violência na região e em pedir mais policiamento como solução.

Cabe ressaltar que os policiais são a principal fonte de informação dos casos publicados no noticiário. Comumente encontramos: “*Segundo informações da PM*”, “*De acordo com informações preliminares da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF)*”, “*Com informações da Polícia Militar [...]*”. É também a polícia que fala pelas vítimas ou pelos criminosos, como no excerto (145).

- (145) *Longe do agressor, a jovem contou que o homem era seu namorado e que teria a sequestrado quando ela saía da aula. "Ela disse que estava sendo ameaçada de morte", lembra Santoro. [...]*
"Ela me agradeceu muito. Disse que estava muito feliz com a nossa ação", conta Santoro.

Nos noticiários sobre crimes, a “verdade” apresentada vem apenas de uma face da história: a do policial. Em uma pesquisa sobre a “Verdade policial como verdade jurídica”, Jesus (2020) constatou que

[...] a verdade policial resulta de **um processo de seleção** daquilo que os policiais do flagrante **vão considerar adequado tornar oficial**. Em seguida, são destacados os fatores associados à segurança: mais policiamento nas ruas, mais hospitais, mais escolas. Essa verdade é recepcionada pelos operadores do direito e justificada a partir de um repertório de crenças: a crença na função policial, a crença no saber policial e a crença na conduta do policial. (JESUS, 2020, p. 15, grifo nosso).

A autora acrescenta “Há uma tendência em se acatar a versão do policial como verdadeira, e a do acusado como falsa”. (JESUS, 2020, p. 2). Observe que tal crença está inserida no contexto cultural que é institucionalizado em grupos sociais em que a imagem do policial é de uma pessoa correta, íntegra e que faz cumprir a ordem e manter a paz na cidade. É essa mesma imagem institucionalizada que a mídia considera segura para sua base de informações. Passemos ao próximo ponto divergente: a saúde e os discursos.

Quadro Comparativo 4 - A saúde nos discursos

Discurso midiático	Discurso dos adolescentes
O reflexo disso é notado nas <u>emergências lotadas e nas falhas no atendimento</u> dos postos de saúde e das Unidades de Pronto Atendimento (UPAs). (Reportagem_25)	[...] a <u>saúde está em estado precário</u> , muitas mães ve [veem] em seus filhos se retocarem [retorcerem] de dor porque tanto sofrimento para nós. (Carta_33)
Para driblar os <u>gargalos</u> , a Secretaria de Saúde estuda pelo menos quatro possibilidades de ampliação do serviço ainda para o primeiro semestre de 2017. (Reportagem_1)	A saúde também: <u>cadê os postos de saúde</u> na Ceilândia os médicos que poucos trabalham os políticos corruptos, que só roubam o nosso país e não paga os policiais nem os médicos. (Carta_41)
O Executivo local <u>garante que</u> a Secretaria de Saúde <u>está habilitada</u> para o diagnóstico e o tratamento do mal, <u>mas não sabe precisar quanto é gasto</u> especificamente com a tuberculose. (Reportagem_28)	[...] a saúde não esta muito boa, <u>não há médico</u> nos postos de saúde e nos hospitais. A, UPA tambem nunca há médico [...] (Carta_43)
No post, Cynthia afirma que os aparelhos utilizados no bisavô, Adenor José Viana, 86 anos, <u>estavam contaminados</u> , o que viabilizaria a proliferação das larvas. (Reportagem_44)	Então, eles têm que ir pros hospitais públicos e os hospitais públicos <u>estão sem médico</u> e isso é horrível, por causa que <u>tem muita gente morrendo, por causa de falta de tratamento; sofrendo, por falta de tratamento.</u> (Entrevista_7)

Fonte: elaborado pela autora.

Tanto nas Cartas quanto nas Entrevistas, os jovens apontam para a deficiência no atendimento no Hospital de Ceilândia e também nos Postos de Saúde e na UPA. A principal reclamação é a falta de médicos, que resulta em longa espera e muito sofrimento. No jornal, os problemas relativos à saúde, como: “emergências lotadas e nas falhas no atendimento dos postos de saúde e das Unidades de Pronto Atendimento (UPAs)”, epidemia de tuberculose e de caxumba; são tratados de maneira generalizada como uma falha de todo do DF e não somente de Ceilândia. Essa postura de colocar a saúde de Ceilândia paralelamente à saúde do DF “minimiza” a reclamação dos pacientes, uma vez que sugere que toda a população padece do mesmo problema, então, por que reclamar se não há a quem recorrer?

Observei que somente em três situações são abordadas matérias relacionadas a problemas específicos do Hospital de Ceilândia (ver subseção 4.3.3.3). Considerando a pouca abordagem da temática “saúde de Ceilândia” no discurso midiático, é possível inferir que esteja boa e não mereça destaque. A súplica dos jovens é para que se veja de perto a realidade da saúde pública e para que sintam o quanto é “horrível” ver pessoas morrendo na fila sem receber o tratamento adequado (ver Quadro Comparativo 4). Passemos agora ao discurso sobre o governo.

Quadro Comparativo 5 - O governo nos discursos

Discurso midiático	Discurso dos adolescentes
A rapper Rebeca Reallega anda de skate, luta Muay Thai e, agora, <u>vai começar o curso de direito com bolsa ofertada pelo governo</u> (Reportagem_22)	[...] mas <u>estou confiante neste novo governo</u> que vai entrar para administrar Brasília, <u>eles tem muitas propostas boas</u> , acho que agora deve melhorar (Carta_11)
A alternativa com mais chances de sair do papel, segundo fontes do Executivo local, <u>é a ampliação do convênio com o Instituto de Cardiologia do Distrito Federal</u> [...] Essa, na avaliação do governo, é a medida mais eficaz e menos trabalhosa para ampliar o serviço. (Reportagem_1)	Resumindo <u>eu quero que eles melhorem muito o Sol Nascente</u> , porque é capaz de daqui a pouco eles esquecerem de nós aqui. (Carta_16) Onde eu moro existe a um tempo e <u>o governo nunca deu atenção, sempre foi largado</u> , sem saneamento básico, era sem asfalto, lugar de muita violência (Carta_18)
O serviço público de saúde que <u>deveria ser o mais próximo do cidadão</u> , como marcação de consultas, <u>é distanciado por falhas dos sucessivos governos</u> . (Reportagem_25)	Bom... podia <u>prestar mais atenção nessa cidade, né?</u> Porque aqui <u>nós estamos como se o governo jogasse nós fora</u> . (Entrevista_2)
	O governo, também, nunca se preocupou. [...] <u>Foram mexer esse ano, perto das eleições</u> . E com certeza, foi para ganhar voto. E todo ano, é a mesma coisa: que entra Governador, sai Governador, e não faz nada. (Entrevista_9)

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao governo, a mídia aborda o tema sob três aspectos: i) aquele que faz, ii) aquele que planeja fazer e iii) aquele que não faz por problemas dos governos anteriores (deveria ser o mais próximo do cidadão, mas é distanciado por falhas dos sucessivos governos). No primeiro caso, *Rebeca vai fazer direito com bolsa ofertada pelo governo*. A informação apresentada sugere tratar-se de uma bolsa fornecida pelo governo local aos estudantes. Essa construção aponta para um governo que cuida do seu povo e, principalmente, da educação dos jovens. É, portanto, um governo que age. O segundo caso apresenta um governo burocrático, que planeja como resolver um problema de saúde. Trata-se de um órgão [governo] consciente, pois estuda alternativas (o jornal informa que são “pelo menos quatro possibilidades”)¹¹¹ para suprir a carência de vagas para operações cirúrgicas cardiopediátricas. Observe que o próprio governo (“fontes do Executivo local”) considera que a proposta mais real, “*com maior chance*

¹¹¹ Leia reportagem completa no Anexo J – Reportagem_1.

de sair do papel”, seja a ampliação de um convênio com um Instituto particular. E no terceiro caso, é apresentado um governo limitado às falhas de seus sucessores.

No discurso dos jovens identifiquei duas abordagens antagônicas: muita esperança e total descrença. Se por um lado, alguns jovens acreditam que haverá mudanças em Brasília e na sua cidade “*estou confiante neste novo governo*”, “*eu quero que eles melhorem muito o Sol Nascente*”, por outro, não há confiança de que algo mude, trata-se apenas de campanha eleitoral “*entra Governador, sai Governador, e não faz nada*”. Mais uma vez, os jovens suplicam atenção. A cidade é esquecida, só se lembram deles perto das eleições: “*Foram mexer esse ano, perto das eleições. E com certeza, foi para ganhar voto*”. Vejamos o excerto abaixo.

(146) *O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?*

Nos últimos anos, não. Nos últimos meses, onde eu moro. Que é assim, tá acabando eleições, né? Tava perto. Acho que foi em junho, julho. Aí realmente começaram a mexer lá. O Rodrigo Rollemberg¹¹² começou a mexer. Aí colocou esgoto, águas pluviais e asfalto. Só que aí parou pela metade. Tem rua aqui que começou a colocar o asfalto e parou. A minha [rua], mesmo, ficou só para metade. A minha rua nem começou ainda. A rua que passa do lado dela aqui ficou pela metade, nem começou. (Entrevista_9).

O discurso acima é a representação que o jovem tem do governo: a pessoa que se aproxima da comunidade apenas em período eleitoral para angariar votos e que após esse período volta tudo ao “normal” e “*daqui a pouco eles esquecem de nós aqui*”. Na próxima seção, apresentarei as principais reclamações do jovem, que são ignoradas no discurso midiático.

6.3 O que o discurso midiático não fala?

Pude identificar nos discursos dos jovens que, antes de abordarem o tema da violência, sobressaem problemas relativos à falta de asfalto e ao lixo espalhado nas ruas da cidade. Vamos ao Quadro Comparativo 6 – A infraestrutura nos discursos.

Quadro Comparativo 6 - A infraestrutura nos discursos

Discurso midiático	Discurso dos adolescentes
Não aborda o problema.	O <u>Asfalto da minha rua já esta bem acabado está cheios de Buracos</u> até que cairia bem ce dessem uma arrumadinha. (Carta_7)

¹¹² Rodrigo Sobral Rollemberg é um político brasileiro, foi governador do Distrito Federal de 1º de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo_Rollemberg. Acesso em: 31 out. 2019.

	<p>Lá <u>colocaram paralelepipedos nas ruas menores e colocaram <u>asfalto na rua principal</u></u> (Carta_9)</p> <p>Na minha rua, lugar onde <u>não tem asfalto, tem muita lama e buraco nos dias chuvosos e muita poeira nos dias Quentes</u> (Carta_19)</p> <p>Aí colocou esgoto, águas pluviais e asfalto. <u>Só que aí parou pela metade</u>. Tem rua aqui que começou a colocar o asfalto e parou. (Entrevista_9)</p> <p><u>Queria asfalto</u> e diminuir a criminalidade. (Entrevista_2)</p> <p>Bom, <u>no meio do ano tava fazendo rede de esgoto pra colocar asfalto</u>; só que até agora, nada (Entrevista_3)</p>
--	--

Fonte: elaborado pela autora.

Uma das principais reclamações dos jovens refere-se à falta de asfalto na cidade, conforme pude observar e fotografar (ver Apêndice D). As ruas são estreitas, esburacadas e muitas não têm saída, “*tem muita lama e buraco nos dias chuvosos e muita poeira nos dias Quentes*”. O esgoto corre a “céu aberto”: “*no meio do ano tava fazendo rede de esgoto pra colocar asfalto; só que até agora, nada*”. Em alguns lugares, o asfalto “*parou pela metade*”; em outros, a satisfação de quem recebeu o benefício.

(147) *Uma outra característica de onde moro é que agora na minha rua tem asfalto, e isso a deixa com um aspecto mais bonito*. (Carta_12)

A marcação circunstancial temporal “agora” evidencia a expectativa de uma espera: “*deixa um aspecto mais bonito*”. Qual a manchete que você quer ver no jornal?

(148) *Ver que um dia nossa cidade seja regularizada pelo asfalto, porque não dá*. (Entrevista_11)

A infraestrutura é tão importante para os jovens que, ao serem questionados sobre a descrição da cidade, muitos citam a presença ou a falta de asfalto na sua rua (ver seção 5.2.1 e 5.2.2). Esse desejo é manifestado pelo jovem no excerto (148) e compartilhado por outros também.

Quadro Comparativo 7 - O lixo nos discursos

Discurso midiático	Discurso dos adolescentes
Não aborda o problema.	<p>Minha rua é um caos, <u>os propios [próprios] moradores jogam lixo na esquina da rua, não tem cuidado com as propias [próprias] casa</u>, quando chega a noite vira um breu a maioria dos postes não funcionam. (Carta_18)</p> <p>Percebemos <u>o lado ruim olhando para os lixos jogados nos terrenos</u>, principalmente perto de algumas escolas. (Carta_37)</p> <p>Tem lugares que <u>não têm lugar para jogar o lixo e aí o povo joga no chão</u>. (Entrevista_1)</p> <p>Então, <u>eu queria mesmo</u>, abrir um jornal e ler que a igualdade melhorou e <u>que essa questão do lixo está melhor</u>. (Entrevista_5)</p>

Fonte: elaborado pela autora

O lixo, bem como o asfalto, é considerado essencial pelos jovens, uma vez que estes precisam conviver diariamente com esse problema. É uma necessidade que precisa ser suprida o mais urgentemente possível. A reclamação é com o descaso do governo que só faz algo em benefício da cidade perto das eleições e, depois que passa esse período, deixa tudo como está:

- (149) *O governo, também, nunca se preocupou. Veio mexer, pra você ter ideia, não tinha asfalto; não tinha esgoto; não tinha água fluvial. Foram mexer esse ano, perto das eleições.*
- (150) *As minhas expectativa é que tenha asfalto, para cobrir os buracos e colocar entulhos, para diminuir os lixos jogado na rua (Carta_20)*

Os jovens foram despertados a lutar por melhorias em sua comunidade e o fizeram por meio do projeto Papa Lixo (ver Anexo G). O projeto foi desenvolvido em uma das escolas e orientado por professores. O lixo cercava a escola em que estudavam. Alguns jovens acompanhados de professores organizaram um projeto para, após ter identificado o problema, buscar soluções junto a autoridades. Depois de muita luta, a administração disponibilizou dois Papa Lixos ao lado da escola.

- (151) *É... aqui era muito cheio de lixo. Eu estudo aqui, ano que vem vai fazer dez anos que eu estudo aqui nessa escola. E aqui sempre foi cheio de lixo, cheio de lixo. Até que chegou o momento que a gente não estava mais aguentando, a gente conseguiu o nosso projeto os Papa Lixo e não está mais tão [sujo] como estava antes. Melhorou bastante. [...] A gente fez ímã de geladeira também pra conscientizar as pessoas. (Entrevista_6)*

Conforme o jovem compartilhou em (151), a situação melhorou bastante: “já não está tão sujo como antes”. Entretanto, precisa trabalhar a conscientização da população para que não se espalhe lixo nas ruas e se disponibilize o detrito no local apropriado. O uso de Papa Lixo é a solução que o governo encontrou para o recolhimento do lixo, uma vez que o Sol Nascente surgiu de uma invasão desordenada. Algumas ruas não têm saída e são estreitas, e o excesso de buracos, em consequência da falta de asfalto, impede a circulação do caminhão que recolhe o lixo.

Algumas considerações

Ao aproximar o discurso midiático do discurso de adolescentes, pude observar que, em alguns momentos, essas práticas sociais conversam; em outros, se distanciam; e, às vezes, trata-se de um coro solitário. Quando os dois discursos se encontram no mesmo contexto de situação, o texto se aproxima nas escolhas léxico-gramaticais e na interpretação semântico-discursiva, como na descrição dos moradores de Ceilândia: pessoas humildes, trabalhadoras, batalhadoras, guerreiras, entre outras características apontadas por ambos. A temática “violência” é comum nos dois discursos. Ressalte-se, porém, que, embora os dois reconheçam que a região é violenta, para os jovens, a cidade ainda é um bom lugar para morar e a violência existe em todos os lugares, “*até na política*”.

Se a aproximação do contexto de situação e do contexto cultural promove uma contiguidade dos discursos; o seu afastamento, conseqüentemente, se refletirá em uma prática discursiva distante sob duas perspectivas: uma do jornal e outra dos moradores. Essa diferença foi identificada ao mencionar os policiais, o governo e a saúde na cidade. Se, para o jornal, temos uma polícia atuante e ostensiva, para os jovens, falta mais policiamento na comunidade. Enquanto o jornal apresenta um governo atuante e burocrático, os jovens veem dois extremos, de crença em promessas e descrença dessas mesmas promessas. A saúde é tratada como um problema geral pela mídia, enquanto os jovens apelam por atendimento.

Houve também um “silenciamento”, por parte do jornal, diante das verdadeiras necessidades da comunidade, quais sejam: infraestrutura e problemas com o lixo. Cabe destacar que essas necessidades são as que mais afetam diretamente os jovens e por isso são as mais lembradas. Essa ordem de prioridades apresentada pelos jovens evoca a hierarquia de

necessidades de Maslow,¹¹³ na qual cada ser humano tem suas necessidades e estas são dispostas em níveis de realização. Só se pode passar de um nível, quando o mais baixo for satisfeito. Nessa escalada, as necessidades fisiológicas e as de segurança correspondem às primárias (básicas); enquanto as sociais, de estima e autorrealização fazem parte das secundárias. Numa analogia à proposta de Maslow, podemos constatar o seguinte: os adolescentes, antes de se referirem à violência, citam a falta de asfalto que se reflete na lama em época de chuva; e em poeira, em dias secos, e nos buracos que atrapalham o trânsito de veículo; e se referem também ao lixo, que gera mal cheiro e a proliferação de ratos, pois estão diretamente relacionados a viver bem. Somente após “suprir” essas necessidades, os jovens passam à outra instância: segurança e saúde. Passemos agora às “Últimas palavras” desta tese.

¹¹³ Abraham H. Maslow foi um psicólogo americano que ficou conhecido pela proposta Hierarquia de necessidades. De acordo com a teoria, os seres humanos vivem em busca da satisfação de determinadas necessidades e é o que gera a força motivadora nos indivíduos. Disponível em: <https://www.sbcoaching.com.br/blog/piramide-de-maslow/> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Abraham_Maslow. Acesso em: 01 jun. 2020.

ÚLTIMAS PALAVRAS

"...a angústia de saber que sou
alguém perdido entre milhões..."

CONSIDERAÇÕES FINAIS – ÚLTIMAS PALAVRAS

Nesta tese, identifiquei e procurei descrever, bem como interpretar representações linguístico-discursivas em textos jornalísticos e de jovens de periferia, de modo a contribuir para uma inserção para o fortalecimento de suas identidades sociais, que neutralize, sobretudo a discriminação e garanta passos futuros rumo a uma evolução civilizatória nas práticas discursivas e que envolvam também práticas do existir como de se comportar tanto nos contextos de situação quanto em contextos de cultura.

O interesse em estudar essas representações surgiu ainda na pesquisa de Mestrado (CAMPÊLO, 2014), quando analisei o discurso dos adolescentes no espaço virtual. Naquele momento, foi possível identificar que muitas famílias mantinham seus filhos em casa por meio da internet para mantê-los afastados das ruas da cidade. A carta que abre a parte editorial desta tese, escrita por K. S. A., reflete um pouco o sentimento que cada jovem morador de Ceilândia tem em relação à sua cidade e em relação aos outros. Analisar criticamente os discursos da mídia e dos jovens moradores da cidade levou-me a descobrir uma escalada de necessidades que precisam ser supridas, sobretudo no que concerne às formas discursivas com que enfaticamente a cidade é representada no jornal.

Como mencionei anteriormente, o propósito subjacente à minha pesquisa sempre foi levar a cabo um estudo com vistas a contribuir para neutralizar a discriminação sofrida pelos jovens de periferia, no caso, os adolescentes de Ceilândia. Isso, com vistas a garantir, em condições possíveis, passos futuros rumo a uma evolução civilizatória a começar pelas práticas discursivas que refletem as práticas sociais. E isso exigiu uma reflexão teórica com relação ao ser humano. Nos termos de Hamlin (2000, n. p.), “ser” não é “ser percebido”. Em poucas palavras, mais além da violência existente em espaços urbanos que envolvem o fenômeno social da pobreza, encontra-se a preferência midiática em conduzir informações que geram e perpetuam efeitos discriminatórios, o que demanda uma reflexão crítica diante de práticas linguístico-discursivas, no que concerne à gramática da experiência relacionada a processos do dizer, a processos que expressam fenômenos de existir no mundo, bem como de se comportar, tanto em contextos de situação quanto em contextos de cultura.

Na primeira parte deste trabalho, dediquei-me à geração de dados e interpretação do *corpus* midiático. Determinei o ano de 2016, início do doutoramento, como recorte temporal para delimitar a geração dos dados. A fonte escolhida foi o jornal Correio Braziliense, que está em Brasília desde o primeiro ano da Capital do País e noticia Ceilândia antes mesmo do seu

surgimento. Todos os textos selecionados têm o vocábulo “Ceilândia” e esse foi o marcador para busca, bem como de geração de dados da pesquisa, que me permitiu uma macroanálise gráfica das temáticas e, posteriormente, a categorização do *corpus*, seguida realização da microanálise. Na segunda parte, diante dos dados gerados pelos textos escritos e orais (entrevistas e rodas de conversa) produzidos pelos adolescentes, realizei uma microanálise que permitiu compreender discursos de jovens que clamam por melhores condições de vida, de segurança, de saúde, de educação, de lazer, condições precípuas garantidas na Constituição Federal. Retomo, aqui, um resumo de cada capítulo para então fazer algumas considerações sobre os resultados alcançados nesta tese.

No Capítulo 1, teci um dossiê sobre a cidade de Ceilândia. Recorri à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para ter acesso às reportagens da época da Campanha de Erradicação de Invasões que deu origem à cidade. Também estive no Arquivo Público do Distrito Federal com a finalidade de resgatar a história de Ceilândia em imagens e textos. Como um quebra-cabeça, montei peça a peça. Li e reli. Busquei mais fontes que pudessem preencher lacunas de uma história pouco ou mal contada. Como analista crítica, não pude desconsiderar algumas “verdades” que foram reproduzidas desde aquela época para que se fosse possível transferir as famílias do centro da Capital para uma localidade distante, um verdadeiro *apartheid* social. Os moradores das Vilas, em sua maioria trabalhadores que ajudaram a construir Brasília, passaram a ser considerados “invasores”. “Era necessário **extinguir uma chaga**, estabelecer uma grande batalha para **liquidar** este **aglomerado anti-humano**” (CB, 14 jul. 1970). Ninguém mais poderia ficar no local que fora considerado de risco para sobrevivência, pois ficava próximo ao córrego que abastecia a região. Mas garantiram a “terra prometida” e o caminhão de mudança para os novos “habitantes de Ceilândia”. Ceilândia nasceu de uma exclusão social e traz em seu nome a marca de invasores (CEI – Campanha de Erradicação de Invasores).

No Capítulo 2 – Pilares Estruturais, explanei a respeito das três teorias metodológicas que foram a base para a sustentação de uma análise dos dados sob a perspectiva crítica. Para a descrição e interpretação dos dados, ancorei-me na sustentação teórica do Realismo Crítico proposta por Bhaskar ([1979] 1998, 2002) e defendida pela linguista brasileira Barros (2015). Com base no referido modelo teórico, pude identificar elementos da linguagem transformacional nos domínios do potencial, realizado e empírico. Associado ao RC, utilizei as ferramentas teórico-metodológicas sugeridas por Chouliaraki e Fairclough (1999) e por Fairclough (2003) para uma Análise de Discurso Crítica da exterioridade da linguagem, as quais permitiram-me uma análise das macroestruturas da língua (em uso) como prática social, ou seja,

do discurso como parte dos eventos sociais. (FAIRCLOUGH, 2003). Tais fundamentações provocam inquietações no analista com vistas a buscar e/ou promover soluções dos *social wrongs*. Na proposta fairclougheana de análise por meio dos significados da linguagem, pude reconhecer os significados acionais, representacionais e identificacionais presentes nos discursos dos adolescentes. Para fechar a tríade analítica, amparei-me na Linguística Sistêmico-Funcional e em um dos “braços” da LSF, o Sistema da Avaliatividade, os quais permitiram-me aprofundar à interioridade da linguagem. A LSF bem como o SA fornecem elementos para uma análise descritiva mais refinada da língua em uso. Os componentes funcionais possibilitaram o estudo de variáveis do contexto de situação (campo, relações e modo) intrinsecamente associados às metafunções propostas por Halliday (1994): ideacional, interpessoal e textual, respectivamente.

No Capítulo 3, apresentei a metodologia qualitativa (descritiva e interpretativa) balizada pelos passos de uma investigação de natureza etnográfica, planejados para alcançar os objetivos desta pesquisa, tendo em vista a análise das representações linguístico-discursivas pertinentes à mídia e aos adolescentes da cidade de Ceilândia. Isso, sempre guiada pelo propósito de apontar práticas transformadoras para a desconstrução de um discurso de marginalização, no sentido mais restrito da palavra, qual seja: pôr à margem. A triangulação dos dados e as várias práticas interpretativas interligadas permitiram-me alcançar uma visão mais objetiva do problema investigado. O Realismo Crítico e a Análise de Discurso Crítica permitiram-me tratar das representações linguístico-discursivas a partir de uma perspectiva social das experiências constitutivas do ser, enquanto a Linguística Sistêmico-Funcional aguçou o olhar analítico para detalhes escamoteados pelo autor do texto.

A partir da teoria e da metodologia escolhidas, busquei aproximar respostas às perguntas que serviram de base estrutural para a tese. Ancorada na primeira questão: **com base no *corpus* documental da pesquisa, é possível apontar a (des)construção de uma identidade de reforço negativo que circunda no meio midiático em torno da cidade de Ceilândia?**, no Capítulo 4, a análise do *corpus* documental permitiu-me apontar e discutir, desde a macroanálise até a microanálise, estratégias de manutenção de uma identidade de reforço negativo que estão presentes no meio midiático em torno da cidade de Ceilândia. Não obstante, recorri a uma estruturação quantitativa do *corpus* para buscar aspectos positivos, ao lado dos negativos, ainda, sobre a cidade. Resulta que a temática “crime” permeia uma parte (54%) consideravelmente elevada dentre os assuntos publicados no jornal, que, somados a sinistros (16%) e problemas da cidade (13%), apontam para uma reprodução metódica de noticiários que focam em assuntos trágicos e que desprestigiam a cidade de Ceilândia.

Como lembra Van Dijk (1988a, p. 94, 1988b, p. 54), “o uso notável de números” é um dos dispositivos da retórica utilizados pelos “fazedores de notícias” (*newsmakers*) para a condução do leitor à veracidade e à credibilidade dos fatos. Dessa forma, os dados da população de Ceilândia são desprezados na contabilização de crimes ocorridos na região proporcionalmente ao número de moradores. Isso posiciona a cidade quase sempre em primeiro lugar nos *rankings* da segurança e de infecções na área da saúde, por exemplo, uma vez que a cidade abriga a maior população do DF.

As análises permitiram-me (re)caracterizar três categorias: **protagonismo**, **coadjuvantismo** e **figurantismo**. No jornal, o local (espaço/cenário) é parte relevante de toda narrativa e assume especificações típicas dos personagens dentro do texto midiático: protagonismo (em torno do qual toda narrativa acontece), coadjuvantismo (a cidade é parte do fato narrado) e figurantismo (o local aparece no texto apenas como uma referência geográfica). A ordenação léxico-gramatical dos termos conduz o leitor à construção de uma narrativa estigmatizada sobre a cidade: violência... crimes... roubos... **em Ceilândia**. Isso é parte de uma ideologia que visa manter dominação por meio da naturalização de um discurso que macula a cidade desde sua criação. Ratifico, aqui, que tais manifestações ideológicas nem sempre são fáceis de ser percebidas. O discurso inicial de transferência de “invasores” da vila para uma terra regularizada ocultou o distanciamento social de uma classe menos favorecida para um local distante do centro e afastado de uma pequena classe mais favorecida. O protagonismo da cidade de Ceilândia nas reportagens que envolvem crimes reforça o controle (produção, reprodução, legitimação e transformação) das relações de dominação por meio de um discurso hegemônico que é reproduzido no noticiário da mídia quase diariamente em curtas reportagens: “Ceilândia é violenta”.

Também pude identificar o emprego de circunstância de ângulo nesse tipo de gênero. Trata-se de uma estratégia de “dizer sem ter dito”, ou seja, narrar o acontecimento sem se comprometer com o que é exposto e imputando a outrem a veracidade da informação “segundo fulano...”, “de acordo com beltrano...”, “conforme informações de sicrano...”; ao mesmo tempo que estabelece uma relação de confiança e confiabilidade do leitor com a fonte apresentada, uma vez que a base das informações noticiadas são a polícia, a Secretaria de Saúde, entre outros. Além disso, encontrei elementos de modalidade no discurso midiático para gerar a “sensação” de probabilidade e novamente não comprometimento do autor do texto com a informação prestada, como o emprego de verbos com valor modal hipotético “teria”; o uso de adjuntos modais “ainda” e outros. A tematização dos adolescentes em matérias de cunho policial,

recorrendo muitas vezes ao emprego da voz passiva, “imputa” ao jovem a estigmatização de um jovem perigoso: “adolescente é apreendido...”, “adolescente é preso...”.

O capítulo 5 trouxe à baila o discurso dos jovens para responder à segunda questão de pesquisa: **como os adolescentes representam a cidade [Ceilândia] onde moram (contexto de situação)?** Com base nos textos (escritos e orais) dos jovens, pude identificar a relação de afeto que os participantes têm pela cidade. Por vezes, os adolescentes reconhecem que há violência no lugar. Entretanto, os discursos apontam uma defesa que contrasta a realidade com o que “dizem por aí”. O apelo dos jovens é para que se conheça de perto o que o povo sofre, como vive. *“Não tem só bandido. Tem muitas pessoas legais”*. As reclamações mais pontuais decorrem das necessidades básicas: a infraestrutura (asfalto e esgoto) e o problema com o lixo. Em segundo lugar, apontam a falta de atendimento e de médicos nos hospitais e a falta de policiamento na região.

Diferentemente dos jornais, os textos dos jovens resultam de uma relação íntima do campo da experiência com o objeto e isso é justificado no uso abundante de processos mentais afetivos (“gosto”, “detesto”) e cognitivos (“acho”, “lembro”) e de processos relacionais (“é”, “tem/tenho”); bem como de recursos linguísticos situados no contexto das relações interpessoais da polaridade e da modalidade. Por esse motivo, os dados me levaram a uma categorização mais centrada no sistema interpessoal da linguagem em termos analíticos. Alguns recortes retomados nesse capítulo corroboraram a sujeição criminal descrita no capítulo 2 a que os jovens estão sujeitos: *“mas quando eu vejo uma barca (Polícia) aí sim eu fico com medo de verdade, mas eu não devia, dizem que “o que não deve não teme”*.

Registre-se nesse Capítulo que os jovens anseiam por propostas positivas para a Ceilândia, que mostrem os problemas, mas que apresentem saídas também. Ainda há muitas histórias a serem contadas sobre a cidade, sobre as pessoas, sobre os jovens de lá. As pequenas manifestações apresentadas são ínfimas.

A verticalização comparativa dos dados conduziu-me à reflexividade que corresponde à quinta etapa da proposta metodológica apresentada por Chouliaraki e Fairclough (1999), que foi levada a cabo neste trabalho e permitiu traçar um paralelo “Do discurso midiático ao discurso de adolescentes: Ceilândia desde uma perspectiva crítica”. O capítulo 6 resulta da quinta etapa analítica na qual busquei refletir sobre os resultados das análises e aproximei respostas para a terceira questão de pesquisa: **que traços do contexto cultural se revelam através do discurso midiático e do discurso de adolescentes?** Nesse capítulo, foi possível

identificar, mais objetivamente, traços do contexto cultural e situacional que não são revelados no discurso midiático por distanciamento do campo, das relações e do modo.

Foi possível observar que, quando o discurso jornalístico parte do mesmo contexto situacional das pessoas que moram na região, os discursos dos jovens e da mídia se aproximam nas escolhas léxico-gramaticais e na interpretação semântico-discursiva, como na descrição dos moradores de Ceilândia: pessoas humildes, trabalhadoras, batalhadoras, guerreiras, entre outras características apontadas por ambos. A temática “violência” é comum nos dois discursos. Ressalte-se, porém, que embora os dois reconheçam que a região é violenta, para os jovens a cidade ainda é um bom lugar para morar e a violência existe em todos os lugares, “até na política”.

Distante do contexto situacional, o jornal estampa um discurso também distante da realidade e da necessidade de seus moradores, como o problema da violência. Se, por um lado, o assunto é representado pelos jovens como consequências de medo e de dor a que estão sujeitos os moradores, por outro, os jornais intensificam essa violência que assola a cidade. Essa disparidade entre os discursos me leva a inferir uma forma de controle ideológico que põe à margem, mais uma vez, a população de Ceilândia. Trata-se da manutenção de uma pauta que deprecia a cidade junto com as demais regiões administrativas do DF. Urge salientar que esse distanciamento impede o jornal de reconhecer a verdadeira Ceilândia e as reais necessidades da sua população.

Por fim, retomo a sexta etapa proposta por Barros (2015) para uma análise mediante o Realismo Crítico: a apresentação de novos problemas e o início de novas ações. Assim, busquei respostas para a quarta questão de pesquisa: **como (re)criar uma identidade social e inovadora com base na reflexão-ação de natureza crítica?** Os textos (orais e escritos) produzidos pelos jovens revelaram que há muito a ser feito pela/para a comunidade, mas é necessário suprir as próprias necessidades para que o trabalho atinja as próximas etapas, quais sejam: i) ações sociais junto aos jovens e ii) o engajamento desses atores sociais de modo a contribuir para uma inserção construtiva para o desenvolvimento de uma consciência linguística crítica. Tal reflexão gerou uma proposta de ação que foi organizada nas rodas de conversa. O projeto “Letramento.comUnidade” foi organizado para atender à necessidade de um grupo de jovens; mas, antes mesmo da aplicação, já foi ampliado para atender também às necessidades dos funcionários da escola. Essa ação continua, razão pela qual, ao longo da interação com os adolescentes colaboradores do presente estudo, passei a pensar e agir em termos de pesquisa em ação, no lugar de pesquisa-ação.

Esta pesquisa significa uma contribuição para o incentivo aos jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva. Além de servir de ponto de partida para subsidiar uma reflexão a caminho das práticas sociais transformadoras, os resultados alcançados significam também uma forma de subsidiar projetos futuros, não só no campo da Linguística, dentro da grande área das Letras, mas também nos demais campos das ciências humanas.

Chego ao final desta tese com o relato de uma das reportagens das Guardiãs de Ceilândia:

“Eu não me permiti ficar com a autoestima baixa, muito pelo contrário. Resolvi desenvolver trabalho social justamente para mostrar à comunidade que a gente tem que se superar e mudar a nossa realidade por meio da educação” (Reportagem_16)

E revelo que meus ideais não se esgotam aqui.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- AGNEW, R. An integrated theory of the adolescent peak in offending. **Youth & Society**, v. 34, n. 3, p. 263-299, 2003. DOI:10.1177/0044118x02250094.
- AGROSINO, M. **Etnografia e observação participante.** Tradução de José Fonseca. São Paulo: Artmed, 2009.
- ALMEIDA, A. M. O. Adolescentes em manchete (policial). *In:* PAVIANI, A.; FERREIRA, I. C. B.; BARRETO, F. F. P. **Brasília: dimensões da violência urbana.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015. p. 221-251.
- ALMEIDA, F. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. *In:* VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade.** São Carlos: Pedro & João, 2010. p. 99-112.
- ANDRADE, C. C. **Entre gangues e galeras: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal.** 2007. 276 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2007.
- ANDRADE, R. Novas formas de produzir notícias. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, n. 878, 27 nov. 2015. ISSN 1519-7670.
- ARAÚJO, K. S. Pensando Naquilo. **Jornal Radcal.** mar. 1997.
- ARAÚJO, K. S. **A cidade de Ceilândia na visão do Correio Braziliense.** 2006. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2006.
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL - ArPDF. **Ceilândia: resgate histórico.** 2 ed. rev. atual. Brasília: ArPDF, 2005. v. 10. (Cadernos de Pesquisa)
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL - ArPDF. **Trabalho e presença negra na construção de Brasília 1956-1960.** Brasília: ArPDF, 2015.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação.** Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. (Série Pesquisa).
- BARBOSA, L. C. **Cativando mentes e corações dos “guardiões da Ceilândia”:** as representações sociais do 8º batalhão da PMDF. 2016. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- BARROS, S. M. **Realismo crítico e emancipação humana:** contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso. Campinas, SP: Pontes, 2015. (Coleção Linguagem e Sociedade. v. 11).

- BARROS, S. M.; VIEIRA, V.; RESENDE, V. M. Realismo crítico e análise de discurso crítica: hibridismos de fronteiras epistemológicas. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 23, n. 33, p. 11-28, jan./jun. 2016.
- BASTOS, M. L. A. **Ceilândia**: nasce uma cidade. Brasília: Eixo, 1985
- BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 39-63.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 17-36.
- BHASKAR, R. **A realist theory of science**. Sussex: The Harvester Press, [1975] 1978.
- BHASKAR, R. **The possibility of naturalism**: a philosophical critique of the contemporary human sciences. 3th. ed. London: Routledge, [1979] 1998.
- BHASKAR, R. **Scientific Realism and Human Emancipation**. London: Verso, 1986.
- BHASKAR, R. Philosophy and scientific realism. *In*: ARCHER, M. *et al.* **Critical realism**: essential readings. London/New York: Routledge, 1998a. p. 16-47.
- BHASKAR, R. Societes. *In*: ARCHER, M. *et al.* **Critical realism**: essential reading. London/New York: Routledge, 1998b. p. 206-257.
- BHASKAR, R. Facts and values: theory and practice. *In*: ARCHER, M., *et al.* **Critical realism**: essencial readings. London/New York: Routledge, 1998c. p. 409-443.
- BHASKAR, R. **From science to emancipation**: alienation and the actuality of enlightenment. New Delli, London: Sage Publications, 2002.
- BHASKAR, R. **A realist theory of science**. London: Routledge, 2008.
- BLOG BRASIL IMPERDÍVEL. Monumento homenageia operários que atuaram na construção de Brasília. 19 nov. 2011. Disponível em: <http://brasilimperdivel.tur.br/dois-guerreiros-os-candangos/>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 dez. 2012.
- BRITO, F. Considerações sobre a regulação armada de territórios cariocas. *In*: BRITO, F.; OLIVEIRA, P. R. **Até o último homem**: visões cariocas da administração armada da vida social. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 79-114.
- BRITO, F.; OLIVEIRA, P. R. **Até o último homem**: visões cariocas da administração armada da vida social. São Paulo: Boitempo, 2013

BUTT, D. *et al.* **Using Functional Grammar: an explorer's guide.** 2nd. ed. Sidney: Macquarie University, 2003.

CALZOLARI, I. Vista como "região mais violenta" do DF, Ceilândia é a 11ª em nº de mortes. **G1.Globo**, Brasília, 27 mar. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2015/03/vista-como-regiao-mais-violenta-do-df-ceilandia-e-11-em-n-de-mortes.html>. Acesso em: 8 abr. 2020.

CAMPÊLO, S. R. S. **Adolescência, pobreza e inclusão digital: práticas discursivas e identidades (re)construídas no espaço virtual.** 2014. 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília: UnB, 2014.

CAMPÊLO, S. R. S. *et al.* Cultura Hip Hop em movimentos de resistência. *In: RESENDE, V. M.; SILVA, R. B. (org.). Diálogos sobre resistência: organização coletiva e produção do conhecimento engajado.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. p. 153-180.

CARVALHO, A. C. C. **Práticas discursivas disciplinadoras voltadas para adolescentes: uma perspectiva crítica.** 2016. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2016.

CARVALHO, I. Breaking: a dança que fundou um movimento. *In: FIDELES, N. (org.). O movimento hip hop no Brasil.* São Paulo: Editora Caros Amigos, 2014. p. 58-65. Disponível em: <https://bc.pressmatrix.com/en/profiles/61723fff6785/editions/61ab583057f6b7f69052/pages>. Acesso em: 28 mar. 2020.

CASTILHO, C. Jornalismo de soluções. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 22 jan. 2015. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/jornalismo-de-solucoes-uma-alternativa-para-o-denuncismo-na-imprensa/>. Acesso em: 1 abr. 2020.

CASTILHO, C. Tentando sair da depressão noticiosa. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, 9 fev. 2016. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/codigo-aberto/tentando-sair-da-depressao-noticiosa/>. Acesso em: mar. 2020.

CASTRO, M. G. **Cultivando vida, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza.** Brasília: Unesco, 2001.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis.** Cambridge: Edinburgh University Press, 1999.

CHRISTIANS, C. G. A ética e a política na pesquisa qualitativa. *In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.* Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 141-167.

COADJUVANTE. *In: FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa.* 2 ed. rev. aum. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CODEPLAN. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios: Ceilândia - 2010/2011.** Brasília: Codeplan, 2011.

CODEPLAN. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios: Ceilândia - PDA 2015.** Brasília: Codeplan, 2015.

CODEPLAN. **RA IX – Ceilândia: estudos urbanos e ambientais.** Brasília: Codeplan/DEURA, [2016].

CODEPLAN. **Sol Nascente/Pôr do Sol: um retrato demográfico e socioeconômico.** Brasília: Codeplan, 2019. Disponível em: http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/NT_Sol_Nascente_Por_do_Sol-compactado.pdf. Acesso em: 26 mar. 2020.

COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. **Research methods in education.** 6th. ed. London: Routledge, 2007.

COMISSÃO CENSITÁRIA NACIONAL. **Censo experimental de Brasília.** 1959. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/censobrasilia1959.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2018.

CONSTRUÇÃO de Brasília. Memorial da democracia. 2015. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia>. Acesso em: 06 jun. 2018.

CORRÊA, R. Um jornalismo positivo, que mude a sociedade. **Observatório da Imprensa**, 26 mar. 2013. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed739_um_jornalismo_positivo_que_mude_a_sociedade/. Acesso em: 18 mar. 2020, 11:55.

CORREIA, K. M. V. **Análise de conteúdo do jornalismo impresso natalense.** 2007. 167 f. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal: UFRG, 2007.

COSTA, A. C. G. **Protagonismo juvenil.** Salvador: Fundação Odebrecht, 1998 (mimeo).

COSTA, E. B. Territórios da memória canganda na construção da capital do Brasil (1956-1971). *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA*, 13., 20013, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: UERJ, 2013. p. 1-28.

COSTA, M. T. P. **A justiça em ondas médias: o programa Gil Gomes.** 1989. 222 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UniCamp, 1989.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução de Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, Paulo José. As belezas da violenta Ceilândia ou Os brutos também amam. **Observatório da Imprensa**, n. 184, 07 ago. 2002. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/as-belezas-da-violenta-ceilndiaou-os-brutos-tambm-amam/>. Acesso em: 06 jul. 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The sage handbook of qualitative research**. 3rd. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2005.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIAS, A. R. F. **O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular**. São Paulo: EDU/Cortez, 1996.

DISTRITO FEDERAL. Decreto nº 10.348, de 28 de abril de 1987. Fixa datas oficiais de fundação do Setor Residencial Industria e Abastecimento - Guara e de Ceilandia, e da outras Providencias. **Diário Oficial do Distrito Federal**. Brasília, DF, 28 abr. 1987. Disponível em: http://www.seduh.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2017/10/decreto_10348_28041987.pdf. Acesso em: 27 mar. 2020.

DISTRITO FEDERAL. Lei nº 6.359, de 14 de agosto de 2019. Cria a Região Administrativa do Sol Nascente/Pôr do Sol - RA XXXII e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal**: seção 1. Brasília, DF, 15 ago. 2019.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? **Revista da Faculdade de Letras-Geografia**, Porto, v. 10/11, p. 5-18, 1994/5.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2nd. ed. New York; London: Continuum, 2004.

ELLIOTT, J. **La investigación-acción en educación**. 4. ed. Madrid: Morata, 2000.

FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**, v. 9, n. 6, p. 739-763, Dec. 1985.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. *In*: WODAK, R.; MEYER, M. (org.). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage Publications, 2001a. p. 121-138.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [2001b], 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual Analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2. ed. Inglaterra: Longman Applied Linguistics, 2010.

FAIRCLOUGH, N.; JESSOP, B.; SAYER, A. Critical Realism and Semiosis. **Alethia**, v. 5, n. 1, p. 2-10, 2002.

FLEETWOOD, S. Ontology in Organization and Management Studies: A Critical Realist Perspective. **Organization**, London, v. 12, n. 2, p. 197-222, 2005.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULTI, M. What is enlightenment?. *In*: RABINOW, P. (Ed.) **Michel Foucault: Essential Works**. Harmondsworth: Penguin, v.1 (Ethics), 1994. p. 303-319.

FOUCAULT, M. **Ethics: subjectivity and truth**. Tradução de Robert Hurley. New York: The New Press, 1997. p. 303-319.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, 2014.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 64-89.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Método de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. **Manual de Lingüística Sistémico-Funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday y R. Hasan aplicaciones a la lengua española**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2005.

GHIO, E.; FERNÁNDEZ, M. D. **Manual de Lingüística Sistémico Funcional: el enfoque de M.A.K. Halliday y R. Hasan Aplicaciones a la lengua española**. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2008.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLASER, B. B.; STRAUSS, A. L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine Transaction Company, 1967.

GODOY, C. D. **Sol Nascente - trecho 2: redesenho e requalificação urbana**. 2013. 109 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Brasília: UnB, 2013.

GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Publications, 1981.

GORSKI, P. S. What is Critical Realism? And Why Should You Care? **Contemporary Sociology: A Journal of Reviews**, v. 42, n. 5, p. 658-670, Aug. 2013.

- GOUVÊA, L. A. D. C. **Brasília**: a capital da segregação e do controle social. Uma avaliação da ação governamental na área da habitação. São Paulo: Annablume, 1995.
- GOUVÊA, L. A. C. Habitação e emprego: uma política habitacional de interesse social. *In*: PAVIANI, Aldo. **Brasília**: moradia e exclusão. Brasília: UnB, 1996. p. 231-250.
- GOUVÊA, L. A. C. A capital do controle e da segregação social. *In*: PAVIANI, Aldo. (org.). **A conquista da cidade**. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2010, v. 1, p.
- GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 13-47, jan-jun 2009.
- GRANDO, C. P. O suicídio na pauta jornalística. **Observatório da Imprensa**, 29 jun. 2010. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>. Acesso em: 18 mar. 2020, 11:10.
- GUIDOTTI, G. B. O jornalismo como fator de reversão do pessimismo. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, n. 911, 11 jul. 2016. ISSN 1519-7670.
- HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. Context of situation. *In*: HALLIDAY, M. A.; HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. 2nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 3-15.
- HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. 2nd. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976. (English Language Series).
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3rd. ed. London: Hodder Arnold, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4th. ed. London: Routledge, 2014.
- HAMLIN, C. L. Realismo crítico: um programa de pesquisa para as Ciências Sociais. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, 2000.
- HEMEROTECA DIGITAL. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- HOLSTON, J. **A cidade modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- IJNET. Jornalismo de soluções: O que você precisa saber para começar. **IJNet Rede de Jornalistas Internacionais**, 4 oct. 2016. Disponível em: <https://ijnet.org/pt->

br/story/jornalismo-de-solu%C3%A7%C3%B5es-o-que-voc%C3%AA-precisa-saber-para-
come%C3%A7ar. Acesso em: 01 abr. 2020.

JÄGER, S. Discourse and knowledge: theoretical and methodological aspects of a critical discourse and dispositive analysis. *In*: WODAK, R.; MEYER, M. **Methods of critical discourse analysis**. London: Sage Publications, 2001. p. 32-62.

JESUS, M. G. M. Verdade policial como verdade jurídica: narrativas do tráfico de drogas no sistema de justiça. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 35, n. 102, p. e3510210, 2020. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092020000100501&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 maio 2020.

KEMMIS, S.; MCTAGGART, R. **Cómo planificar la investigación acción**. [S.l.]: Editorial Laertes, 1988.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1999.

LIMA, E.; JEVAN, M. **A Ceilândia hoje**. Brasília: Art Letras Editora, 2007.

LOPES, V. F. **O poder da renúncia sublimado no discurso: análise crítica de correspondências históricas**. 2019. 279 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2019.

LOPES, W. W. **Ceilândia tem memória: em três décadas, brasileiros de todas as origens fizeram, no Planalto Central, uma das maiores cidades do Brasil**. 2. ed. Brasília: KKK Comunicação, 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MAGALHÃES, I. Introdução: a análise de discurso crítica. **D.E.L.T.A.**, v. 21, n. esp., p. 1-9, 2005.

MAIOR favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha. **Correio Braziliense**, 28 de setembro de 2013. Disponível em:
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf,390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml. Acesso em: 10 mar. 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: appraisal system in English. *In: HUSTON, S.; THOMPSON, G. Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse.* Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 142-175.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause.** London: Continuum, 2003.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with Discourse: meaning beyond the clause.** 2nd. ed. London: Continuum, 2007.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: appraisal in English.** New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTÍN ROJO, L. A fronteira interior - análise crítica do discurso: um exemplo sobre "racismo". *In: IÑIGUEZ, L. (org.). Manual de análise do discurso em ciências sociais.* Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 206-257.

MARVASTI, A. B. **Qualitative research in Sociology: an introduction.** London: Sage Publications, 2004.

MEDEIROS, A. Carta do leitor. *In: DELL'ISOLA, R. L. P. Nos domínios dos Gêneros textuais.* Belo Horizonte: Fale/UFMG, v. 2, 2009. p. 59-68.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In: DESLANDES, S. F. et al. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade.* 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 9-30.

MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, abr. 2017.

MISSE, M. Notas sobre a sujeição criminal de crianças e adolescentes. *In: SENTO-SÉ, J. T.; PAIVA, V. Juventude em conflito com a lei.* Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". **Lua Nova**, São Paulo, v. 79, p. 15-38, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a03n79.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

MISSE, M. Sujeição criminal. *In: LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. Crime, polícia e justiça no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2014. p. 204-214.

MOUILLAUD, M. O título e os títulos. *In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. O jornal: da forma ao sentido.* Brasília: Editora da UnB, 2002. p. 99-116.

NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030.** Nova York: ONU, 2015.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos.** São Paulo: Editora Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto.** São Paulo: Contexto, 2018.

NININ, M. O. G.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de letras, Campinas, p. 127-146, jan/jul 2013. Trabalho de Linguística Aplicada.

OLIVEIRA, T. M. G. Marcas do processo de formação do espaço urbano de Brasília pela ótica da erradicação das favelas. **Univ. Hum.**, Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 49-76, jan./dez.2008.

PAINTER, C. Developing attitude: an ontogenetic perspective on appraisal. **Special edition on appraisal**, p. 183-210, 2003.

PAPA, S. M. D. B. I. **Prática pedagógica emancipatória**: o professor reflexivo em processo de mudança - um exercício em Análise Crítica do Discurso. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

PARDO ABRIL, N. G. Representaciones del discurso mediático: el caso de la impunidad en la prensa colombiana. **Fronteiras**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 241-254, set./dez. 2006.

PARDO ABRIL, N. G. **Como hacer analisis crítico del discurso**: Una perspectiva latinoamericana. Chile: Ed. Frasis, 2007.

PARDO ABRIL, N. G. **¿Qué nos dicen? ¿Qué vemos? ¿Qué es... pobreza?**: análisis crítico de los medios. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2008.

PENHA, L. T. Masculinidade e violência: o ethos guerreiro por uma perspectiva mitológica. **Cadernos de Iniciação Científica**, São Bernardo do Campo, v. 13, p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://revistas.direitosbc.br/index.php/CIC/article/view/832>. Acesso em: 12 abr. 2020.

PEREIRA, V. C. A caixa d'água da Ceilândia e o reconhecimento da memória dos construtores de Brasília. **Anais do II Seminário Internacional em Memória Social**, Rio de Janeiro, 2016.

POLÍTICA. In: FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2 ed. rev. aum. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

PRADO, J. W. *et al.* Realismo Crítico e estudos organizacionais: uma análise bibliométrica. **RPCA Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 125-147, abr./jun. 2019.

QUEIRÓS, Adirley. **RAP, o canto da Ceilândia**. Direção e roteiro: Adirley Queirós. Brasília: UnB, 2005. 1 filme (15 min.), son., color., 35 mm. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kDINi3V1W_Q. Acesso 28 mar. 2020.

QUEIRÓS, Adirley. **A cidade é uma só?** Brasil: 2011.73 min.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica**. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RESENDE, M. L. S. **Ceilândia em movimento**. 1985. 213 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 1985.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e etnografia**: o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sua crise e o protagonismo juvenil. 2008. 427 f. Tese (Doutorado

em Linguística) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília: UnB, 2008.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares**. Campinas, SP: Pontes, 2009.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIBEIRO, L. C. Q.; LAGO, L. C. Reestruturação nas Grandes Cidades Brasileiras: o modelo centro/periferia em questão. **Observatório das Metrôpoles**, Rio de Janeiro, UFRJ, p. 01–19, 1994. Disponível em: http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/download/reestruturacao_cidades.pdf. Acesso em: 26 jun. 2018.

RITCHIE, J.; LEWIS, J.; ELAM, G. Designing and selecting samples. *In*: RITCHIE, J.; LEWIS, J. (org.). **Qualitative research practice: a guide for social science students and researchers**. London: Sage Publications, 2003. p. 77-108.

ROCHA, Sônia. **Pobreza no Brasil: Afinal, de que se trata?** 3. ed. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

ROJO, L. M. A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre “racismo”. *In*: IÑIGUEZ, Lupicinio. **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

ROMÃO, M. E. C. Considerações sobre o conceito de pobreza. **Rev. Bras. Econ**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, p. 355-370, out. dez. 1982. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/292>. Acesso em: 26 jun. 2018.

SAMPAIO, L. P. **Poesia de acontecimentos**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2019.

SAMPAIO, L. M. M. O jogo de seguir rastros: uma análise fílmica de Funny Games na perspectiva da Teoria Ator-Rede. *In*: LEMOS, A. **Teoria ator-rede e estudos de comunicação**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 49-70.

SANTIN, L. O jornalismo positivo é necessário. **Jornal da CIC**, 28 mar. 2018. Disponível em: <https://jornaldacic.com.br/2018/03/28/o-jornalismo-positivo-e-necessario/>. Acesso em: 01 abr. 2020.

SANTOS, Philipe. EUA pedem que americanos evitem quatro cidades do DF devido à violência. **Correio Braziliense**, 11 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/01/11/interna_cidadesdf,652741/eua-pede-que-americanos-evitem-quatro-cidades-do-df-devido-a-violencia.shtml, Acesso em: 26 jun. 2018.

SAYER, A. Características chave do Realismo Crítico na prática: um breve resumo. **Estudos de Sociologia, Rev, do Prog. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, v. 6, n. 2, p. 7-32, 2000.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SILVA, D. E. G. **A oralidade no discurso narrativo escrito de adolescentes**. 1991. 161 f. Tese (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 1991.

SILVA, D. E. G. A ética na pesquisa: reflexões sobre metodologia na coleta de dados. *In*: VIEIRA, J. A.; SILVA, D. E. G. (org.). **Práticas de análise do discurso**. Brasília: Plano Editora Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2003. p. 161-171.

SILVA, D. E. G. Gramática e contexto na perspectiva funcional do discurso. *In*: SILVA, D. E. G.; LARA, G. M. P.; MENEGAZZO, M. A. (org.). **Estudos de Linguagem: Inter-relações e Perspectivas**. Campo Grande, MS: UFMS, 2003. p. 55-70.

SILVA, D. E. G. Análise de discurso crítica e as bases funcionais da linguagem. ISFC - CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUISTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL, 33., 2006, São Paulo. **Livro da 33ª ISFC**, São Paulo, p. 932-949, 2006. Disponível em: http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/45cda_silva_932a949.pdf. Acesso em: 12 abr. 2018.

SILVA, D. E. G. A pobreza no contexto brasileiro: da exclusão econômica e social à ruptura familiar. **Discurso e Sociedad**, v. 2, n. Especial, p. 265-296, 2008. Disponível em: <http://www.dissoc.org/ediciones/v02n02/DS2%282%29Da%20Silva.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

SILVA, D. E. G. Representações discursivas da pobreza e gramática. **DELTA**, São Paulo, v. 25, n. esp., p. 721-731, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502009000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2018.

SILVA, D. E. G. Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro (por uma rede de transdisciplinaridade). **Eutomia - Revista de Literatura e Linguística**, Recife, v. 1, n. 9, p. 224-243, 2012.

SILVA, D. E. G. A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica. *In*: PINTO, J. Plaza; FABRÍCIO, Branca Falabella. (org.) **Exclusão social e microrresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias**. Goiânia: Câneone Editorial, 2013a. p. 88-111.

SILVA, D. E. G. "A gente" no lugar de um elemento pronominal perdido. SIMPÓSIO MUNDIAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 4., 2013, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2013b, p. 355-363. Disponível em: http://www.simelp.letras.ufg.br/anais/simposio_08.pdf. Acesso em: set/2014.

SILVA, D. E. G. A política da desigualdade no Brasil: adolescentes em situação de rua. *In*: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 79-93.

SILVA, D. E. G. Análise de Discurso Crítica. *In*: SILVA, D. E. G. (org.). **Análise de Discurso, Gramática e Contexto Social**. Brasília: Thesaurus, 2019a. p. 29-46.

SILVA, D. E. G. Mandala da gramática da experiência: um modelo para o português. *In*: SILVA, D. E. G. (org.). **Análise de discurso, gramática e contexto social**. Brasília, DF: Thesaurus, 2019b. p. 65-94.

- SILVA, D. E. G. Contexto social entre caminhos teórico-metodológicos transdisciplinares. *In: SILVA, D. E. G. **Análise de Discurso, Gramática e Contexto Social***. Brasília: Thesaurus, 2019c. p. 95-114.
- SILVA, D. E. G. Linguística sistêmico-funcional. *In: SILVA, D. E. G. **Análise de Discurso, Gramática e Contexto Social***. Brasília: Thesaurus, 2019d. p. 47-64.
- SILVA, D. E. G.; FREITAS-ESCÓRCIO, M. C. S. Política de identidades e desigualdades sociais: pobreza no contexto brasileiro pós-ditadura. **Revista ALED**, v. 15, n. 2, p. 219-238, 2015.
- SILVA, E. C. M. Do discurso à gramática: um enfoque crítico e funcional de gêneros. *In: SILVA, D. E. G. **Cadernos de Linguagem e Sociedade***, v. 11, n. 2, p. 62-77. Brasília: Thesaurus, 2010.
- SILVA, G. G. **A lógica da polícia militar do Distrito Federal na construção do suspeito**. 2009. 187 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2009.
- SILVA, K. O. A periferização causada pela desigual urbanização brasileira. **Revista Urutágua**, Maringá, PR, n. 11, p. 1-10, dez./jan./fev./mar. 2017.
- SILVA, M. D. J. A cidade é uma só?: autoficcionalização, interrogação do arquivo e sentido de dissenso. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 33, p. 76-89, maio/ago. 2015.
- SILVA, M. P. **Feira Central de Ceilândia e gastronomia regional: patrimônios do Distrito Federal**. 2016. 134 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo)—Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2016.
- SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SINHORETTO, J. *et al.* A filtragem racial na seleção policial de suspeitos: segurança pública e relações raciais. *In: LIMA, C. S. L.; BAPTISTA, G. C.; FIGUEIREDO, I. S. **Segurança pública e direitos humanos: temas transversais***. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), 2014. p. 121-160. Disponível em: https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/senasp/anexos/pensando-a-seguranca-publica_vol-5.pdf. Acesso em: 19 maio 2020.
- SOUSA, N. H. B.; MACHADO, M. S.; JACCOUD, L. B. Taguatinga: uma história candanda. *In: PAVIANI, A. **Brasília: moradia e exclusão***. Brasília: UnB, 1996. p. 53-79.
- SOUZA, A. A. Gradação: força e foco. *In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade***. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 191-203.
- SOUZA, L. M. F. A interação de recursos de comprometimento em um texto opinativo. *In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade***. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 58-78.

- SOUZA, M. M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. 288 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife: UFPE, 2006.
- SUASSUNA, Rodrigo F. A consideração do risco criminal nas práticas policiais militares. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS*, 32., 2008, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu, MG: ANPOCS, 2008.
- TATAGIBA, A. B.; SILVA, D. E. G. Discursos da Exclusão na Geografia de Brasília-DF. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, 14, n. Especial, p. 128-146, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/9065/6798>.
- TAVARES, B. L. **Na quebrada, a parceria é mais forte - Juventude hip hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal**. 2009. 150f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2009.
- THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 2nd. ed. New York: Oxford University Press, 2004
- THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 3th. ed. London; New York: Routledge, 2014.
- VAN DIJK, T. A. **News as discourse**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988a.
- VAN DIJK, T. A. **News Analysis: case studies of international and national news in the press**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988b.
- VAN DIJK, T. A. Opinions and Ideology in the Press. In: BELL, A.; GARRETT, P. **Approaches to Media Discourse**. London: Blackwell, 1998a. p. 21-63.
- VAN DIJK, T. A. **Ideology**. London: Sage Publications, 1998b.
- VAN DIJK, T. A. El discurso como interacción en la sociedad. In: VAN DIJK, T. A. **El discurso como interacción social. Estudios del discurso: introducción multidisciplinaria**. Barcelona, Spain: Gedisa Editorial, v. 2, 2000. p. 19-66.
- VAN DIJK, T. A. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. *In: WODAK, R.; MEYER, M. Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 143-177.
- VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis**. New York: Oxford University Press, 2008.
- VANDENBERGHE, F. **Teoria social realista: um diálogo franco-britânico**. Tradução de Gabriel Peters; Estela Abreu e Ana Liési Thurler. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2010.
- VASCONCELOS, Y. Qual a diferença entre furto, roubo e assalto? **Super Interessante**, 27 jan. 2011.

VIAN JR., O. O sistema de avaliabilidade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **D.E.L.T.A**, São Paulo, 2009. 99-129.

VIAN JR., O. O Sistema de Avaliabilidade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliabilidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 19-29.

VIAN JR., O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. **A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliabilidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b. p. 33-40.

VIAN JR., O.; VASCONCELOS, J. A. Da relação transitividade/avalitatividade: os processos mentais e os mecanismos de apreciação. In: BÁRBARA, L.; RODRIGUES-JÚNIOR, A. S.; HOY, G. M. V. **Estudos e pesquisas em Linguística Sistêmico Funcional**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017. p. 119-146. (Série As Faces da Linguística Aplicada).

VIDESOTT, Luisa. Os candangos. **Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, USP, n. 7, p. 21-39, 2008.

VIDICH, A. J.; LYMAN, S. M. Métodos qualitativos: sua história na sociologia e na antropologia. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **o planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 49-90.

VESENTINI, José William. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Ática, 1986.

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. esp, p. 177-205, 2004. Tradução: Débora de Carvalho Figueiredo.

WODAK, R. What CDA is about: a summary of its history, important concepts and its developments. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage Publications, 2001. p. 1-13.

WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, n. especial, 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/297/31. Acesso em: 27 fev. 2018.

ZALUAR, A. Etos guerreiro e criminalidade violenta. In: LIMA, R. S.; RATTON, J. L.; AZEVEDO, R. G. **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TCLE

Sr. Pai ou Responsável Legal,

Seu (sua) filho (a) está sendo convidado a participar da pesquisa “**DO DISCURSO MIDIÁTICO AO DISCURSO DE ADOLESCENTES: CEILÂNDIA DESDE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA**”, de responsabilidade de SANDRA RODRIGUES SAMPAIO CAMPÊLO, aluna de doutorado da Universidade de Brasília.

O objetivo desta pesquisa é identificar e descrever representações discursivas, que estão presentes em jornais em torno da cidade de Ceilândia; descrever representações discursivas de adolescentes a respeito da cidade onde moram; comparar traços do contexto cultural revelados no discurso da mídia com textos produzidos por adolescentes sobre Ceilândia. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu consentimento caso seu filho (a) tenha interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

O (A) senhor (a) e seu (sua) filho (a) receberão todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação, por meio das entrevistas, da produção de textos e das gravações de áudio, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de OBSERVAÇÃO, RODAS DE CONVERSA, ENTREVISTA INDIVIDUAL E PRODUÇÃO DE TEXTOS. É para estes procedimentos que seu (sua) filho (a) está sendo convidado a participar. A participação dele (a) na pesquisa não implica em nenhum risco no sistema educacional brasileiro, mais precisamente no sistema público do Distrito Federal, ao contrário, contribuirá para sua melhoria.

Espera-se com esta pesquisa incentivar os jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva.

A participação de seu (sua) filho (a) é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Ele (ela) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se o senhor (a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, poderá me contatar através do telefone [REDACTED] ou pelo e-mail [REDACTED].

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de publicação da tese no repositório da instituição responsável, qual seja UnB, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidas através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Nome do adolescente que participará da pesquisa:

Nome do responsável:

Responsável: () pai () mãe () outro _____

Assinatura do (a) responsável

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, 8 de novembro de 2018.

APÊNDICE B – TERMOS DE ASSENTIMENTO

Querido(a) adolescente,

Gostaria de convidá-lo(a) a participar da pesquisa **“DO DISCURSO MIDIÁTICO AO DISCURSO DE ADOLESCENTES: CEILÂNDIA DESDE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA”**, de responsabilidade de Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo, aluna de doutorado da Universidade de Brasília. A pesquisa prevê a realização de entrevistas e rodas de conversa voltadas para discussão, interpretação e produção de texto verbal (e não-verbal); visando o contato de gênero jornalístico e letras de música no estilo Rap sobre a cidade de Ceilândia. O objetivo desta pesquisa é identificar e descrever representações discursivas, que estão presentes em jornais em torno da cidade de Ceilândia; descrever representações discursivas de adolescentes a respeito da cidade onde moram; comparar traços do contexto cultural revelados no discurso da mídia com textos produzidos por adolescentes sobre Ceilândia. Assim, gostaria de consultá-lo(la) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa. Esclareço que seu pai, sua mãe ou seu responsável legal também serão consultados sobre o consentimento para sua participação.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários sobre o referido projeto de pesquisa, inclusive a ciência de que o sucesso desse projeto dependerá também da colaboração de cada participante. A coleta de dados será realizada por meio de gravações de entrevistas, produção de texto escrita, e a partir de discursos orais produzidos a partir das rodas de conversa em sala de aula. Neste momento, formularemos questões relacionadas ao contexto de situação e contexto de cultura. Os dados provenientes de sua participação, por meio das entrevistas, ficarão sob minha guarda. Asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Este é o procedimento que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se, com esta pesquisa, incentivar os jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com você.

Nome do adolescente que participará da pesquisa:

Nome do responsável:

Responsável: () pai () mãe () outro _____

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, 8 de novembro de 2018.

APÊNDICE C – MANCHA CRIMINAL DO DF

RA	CIDADE	POPULAÇÃO	CVLI	CVLI % ₀₀ *	CCP	CPP % ₀₀	OUTROS **	OUTROS % ₀₀	PROD ***	PROD % ₀₀
RA I	PLANO PILOTO	220.009	16	7,272	8483	3855,751	942	428,164	2165	984,051
RA II	GAMA	141.272	6	4,247	1995	1412,169	110	77,864	414	293,052
RA III	TAGUATINGA	203.442	31	15,238	6489	3189,607	605	297,382	1271	624,748
RA IV	BRAZLÂNDIA	62.828	20	31,833	701	1115,745	77	122,557	439	698,733
RA V	SOBRADINHO	71.053	18	25,333	1463	2059,026	136	191,406	435	612,219
RA VI	PLANALTINA	186.795	65	34,798	3692	1976,498	362	193,795	1250	669,183
RA VII	PARANOÁ	71.059	34	47,848	1799	2531,699	170	239,238	453	637,498
RA VIII	NÚCLEO BANDEIRANTE	23.842	4	16,777	524	2197,802	40	167,771	168	704,639
RA IX	CEILÂNDIA	431.007	96	22,273	9917	2300,891	684	158,698	1491	345,934
RA X	GUARÁ	128.078	6	4,685	1995	1557,645	110	85,885	414	323,241
RA XI	CRUZEIRO	31.336	2	6,382	253	807,378	16	51,059	79	252,106
RA XII	SAMAMBAIA	224.762	55	24,470	7447	3313,282	278	123,686	1742	775,042
RA XIII	SANTA MARIA	127.500	40	31,373	3575	2803,922	176	138,039	886	694,902
RA XIV	SÃO SEBASTIÃO	97.632	44	45,067	1738	1780,154	177	181,293	613	627,868
RA XV	RECANTO DAS EMAS	130.373	51	39,119	3787	2904,743	208	159,542	865	663,481
RA XVI	LAGO SUL	29.888	1	3,346	233	779,577	22	73,608	114	381,424
RA XVII	RIACHO FUNDO	41.562	3	7,218	685	1648,140	43	103,460	181	435,494
RA XVIII	LAGO NORTE	36.896	1	2,710	232	628,794	12	32,524	38	102,992
RA XIX	CANDAGOLÂNDIA	16.656	2	12,008	167	1002,642	19	114,073	116	696,446
RA XX	ÁGUAS CLARAS	151.962	3	1,974	1491	981,166	83	54,619	385	253,353
RA XXI	RIACHO FUNDO II	68.793	12	17,444	767	1114,939	39	56,692	232	337,244
RA XXII	SUDOESTE/OCTOGONAL	53.369	1	1,874	299	560,250	6	11,242	55	103,056
RA XXIII	VARJÃO	8.781	2	22,776	28	318,870	11	125,270	112	1275,481
RA XXIV	PARK WAY	22.325	0	0,000	106	474,804	14	62,710	63	282,195
RA XXV	SCIA/ESTRUTURAL	34.823	19	54,562	1050	3015,249	86	246,963	445	1277,891
RA XXVI	SOBRADINHO II	79.667	24	30,125	624	783,260	101	126,778	284	356,484
RA XXVII	JARDIM BOTÂNICO	52.789	1	1,894	41	77,668	5	9,472	7	13,260
RA XXVIII	ITAPOÃ	59.666	22	36,872	1632	2735,226	126	211,176	332	556,431

RA	CIDADE	POPULAÇÃO	CVLI	CVLI % ⁰⁰ *	CCP	CPP % ⁰⁰	OUTROS **	OUTROS % ⁰⁰	PROD ***	PROD % ⁰⁰
RA XXIX	SIA****	2.568	3	116,822	514	20015,576	24	934,579	122	4750,779
RA XXX	VICENTE PIRES	70.226	8	11,392	637	907,071	47	66,927	213	303,306
RA XXXI	FERCAL	9.265	5	53,967	68	733,945	22	237,453	58	626,012
RA XXXII	SOL NASCENTE/PÔR DO SOL									
RA XXXIII	ARNIQUEIRA									

Legenda: CVLI Crimes violentos letais intencionais (homicídio, latrocínio, lesão corporal seguida de morte)
 CCP Crimes contra o patrimônio (roubo a transeunte, de veículo, em coletivo, em comércio**, em residência, furto em veículo)
 OUTROS CRIMES (Tentativa homicídio, latrocínio, estupro, furto a transeunte)
 PROD. PRODUTIVIDADE POLICIAL (Tráfico de drogas, uso e porte de drogas, posse/porte de armas/localização de veículo furtado ou roubado)

Obs.:

- * Os dados relativos foram feitos para cada grupo de 100 mil pessoas, conforme orientação disponível na página da Secretaria de Segurança Pública do DF.
- ** Foram agrupadas as naturezas de roubo em comércio, as casas lotéricas e a postos de combustíveis.
- *** Quantidade de drogas e armas apreendidas, flagrante por tráfico ou uso e porte de entorpecentes, prisões de autores e apreensões de adolescentes entram na produtividade. Se em uma região houve aumento nos flagrantes de tráfico de drogas, significa que as polícias se empenharam mais em combatê-lo, por exemplo.
- **** SIA é um Setor de Indústria e Abastecimento, com poucas residências. Por isso a população é baixa e os índices de criminalidade sobem muito quando considerado os dados relativos.

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados divulgados pela Codeplan e pela Secretaria de Segurança Pública referentes ao ano de 2016.

Base de dados Secretaria de Estado de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.ssp.df.gov.br/dados-por-regiao-administrativa/>. Acesso em: 05 abr. 2020.

Codeplan: Estruturas Etárias por RA 2010-2020 Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/pdad-2015-em-processo-de-reponderacao/>. Acesso em: 05 abr. 2020

APÊNDICE D – AS RUAS DO SOL NASCENTE (CEILÂNDIA)

LIXO			
RUAS SEM ASFALTO			
ESGOTO			

Fonte: arquivo da autora (2018)

APÊNDICE E – PROJETO LETRAMENTO.COMUNIDADE

APRESENTAÇÃO

Estamos vivenciando a Era da Informação ou era digital são termos frequentemente utilizados para designar os avanços tecnológicos advindos da Terceira Revolução Industrial e que reverberaram na difusão de um ciberespaço, um meio de comunicação instrumentalizado pela informática e pela internet.

Essa expressão também é uma forma de observar os avanços das técnicas atuais de transformação da sociedade em comparação a outras anteriores. Fala-se, por exemplo, que a era digital emerge como uma substituição à era industrial que, por sua vez, emergiu outrora em substituição à era da agricultura. Assim, ao menos em tese, estaríamos passando por um terceiro ciclo de renovações de ideias, ações e pensamentos que marcaram a história da humanidade.

Podemos compreender, portanto, que a era da informação nada mais é do que mais uma dentre as várias evoluções que as transformações sobre as técnicas produziram, desde a invenção das técnicas agrícolas em tempos remotos. Sendo assim, trata-se também de uma nova forma de se produzir e transformar o espaço geográfico, as paisagens, os lugares e o território.

JUSTIFICATIVA

Por Letramento Digital compreende-se a capacidade que tem o indivíduo de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital.

O letramento digital é mais que o conhecimento técnico. Ele inclui ainda, segundo Carmo (2003), “habilidades para construir sentido a partir de textos multimodais, isto é, textos que mesclam palavras, elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície. Inclui também a capacidade para localizar, filtrar e avaliar criticamente informações disponibilizadas eletronicamente”. É a capacidade de manusear naturalmente com agilidade as regras da comunicação em ambiente digital.

O Centro de Ensino Fundamental [REDACTED] foi fundado em XXXX e conta com XX alunos distribuídos em XX turmas nos dois turnos.

O [REDACTED] conta com um laboratório de informática originário do Proinfo/MEC que atende seus alunos e professores mediante agendamento.

Tendo em vista o avanço tecnológico, a necessidade de formação nessa área e a facilidade de utilização por jovens, o presente projeto busca integrar a comunidade escolar e abrir o espaço do laboratório para a formação digital de pais, responsáveis e comunidade escolar em geral.

O Curso é gratuito e terá a duração de 60 horas.

OBJETIVO GERAL

Proporcionar à Comunidade Escolar do Centro de [REDACTED] de Ceilândia conhecimentos de informática básica: hardware, software, Windows/Linux, Word/Writer, Internet e E-mail.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

PÚBLICO-ALVO

Comunidade escolar do [REDACTED] pais, responsáveis pelos alunos, servidores da escola

METODOLOGIA

Durante a pesquisa de Mestrado no bairro do Setor O, foi constatado que todos os colaboradores possuíam computador e internet. Isso foi relevante na pesquisa, tendo em vista se trata de uma comunidade de baixa renda e um elevado comércio de drogas nos arredores.

Percebi que o computador era parte primordial nos lares dessas famílias, pois retirava os jovens das ruas e os mantinha sob “vigilância” dos pais.

Surgiu a necessidade de fazer algo pela comunidade local. Algo que envolvesse não só os adolescentes, mas principalmente os pais.

No ano seguinte à defesa, voltei à escola e propus uma formação para professores e comunidade. A direção se colocou aberta às sugestões apresentadas e colaborar para o que projeto fosse adiante.

Para os professores foi oferecido o curso: XXXX, para a comunidade o projeto: “Letramento Digital.comUNIDADE”.

A proposta do projeto é levar o letramento digital para a comunidade.

Diante dos problemas relacionados, surgiu a necessidade de agir junto à comunidade escolar do [REDACTED] e oferecer a esse público uma formação que envolvesse os alunos e seus pais e os funcionários da escola.

A proposta é de interação e formação, buscando o Letramento Digital em parceria: monitores e participantes.

1. Questionário preliminar com estudantes
2. Apresentação da proposta aos estudantes.
3. Seleção de monitores
4. Preenchimento da ficha-inscrição do curso
5. Seleção e montagem das turmas do curso INFORMÁTICA BÁSICA

CONTEÚDOS

1. Hardware/ software
 - a. Como escolher um computador?
2. Windows/ Linux
 - a. Criação de pastas
 - b. Renomear
 - c. Copiar, colar, deletar, recuperar da lixeira
 - d. Botões: maximizar, restaurar, minimizar, zoom
3. Arquivamentos:
 - a. Meus documentos
 - b. CD
 - c. Disquete
 - d. Pen drive
 - e. HD
 - f. HD externo
4. Abrir e fechar arquivos
 - a. Uso do mouse: um clique; dois cliques; botão direito do mouse.
 - b. Uso de várias janelas
5. Word/ Writer
 - a. Fontes: cor, tamanho, tipo, negrito, itálico, sublinhado
 - b. Parágrafo: margem, alinhamento, entrelinhas,

- c. Inserir figuras, formas, gráficos
- d. Salvar, salvar como, abrir, imprimir.
- 6. Internet
 - a. Pesquisa
 - b. Lojas virtuais
 - c. Culinárias
 - d. Youtube
 - e. Redes Sociais
- 7. E-mail
 - a. Login
 - b. Escrever, enviar e-mail
 - c. Contatos

O trabalho será realizado por meio de Jogos e atividades e estimulem o uso do computador.

No primeiro encontro será realizada uma pesquisa para verificar o nivelamento da turma e traçar

MATERIAL

No processo de formação de adultos, a apostila é um recurso importante para fixação de conteúdo. Bloco de anotações, lápis, borracha, crachá.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Cada aluno contará com um monitor/padrinho que o auxiliará junto à máquina. O curso será ministrado pelo professor proponente do curso.

As aulas contarão com uma parte teórica e outra prática.

RECURSOS

Ambiente de laboratório para informática: computadores e acesso em Banda Larga a internet; impressora, câmera digital, data show

Recursos humanos: monitores, comunidade

METAS

Atender aproximadamente XX comunidade escolar.

Capacitar XX pessoas da comunidade escolar, para fins de orientação e acompanhamento das diversas atividades propostas pelo estabelecimento de ensino.

PERÍODO DE REALIZAÇÃO

Os encontros acontecerão nas sextas-feiras no período vespertino com duração de 50 minutos cada hora/aula.

Serão formadas duas turmas.

AValiação

Os alunos serão avaliados continuamente ao longo de todo o curso, visando adequação da metodologia à individualidade dos formandos.

Os participantes serão convidados a avaliar o curso para aprimoramento das próximas formações.

RESULTADOS

Espera-se com este curso uma ação contínua de formação digital da comunidade escolar, bem como a parceria escola x comunidade, uma escola mais democrática e agente.

O envolvimento dos alunos como monitores pretende-se a corresponsabilidade no processo de formação digital: nativos digitais engajados na formação dos imigrantes digitais.

ANEXOS

ANEXO A – COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DO DISCURSO MUDIÁTICO AO DISCURSO DE ADOLESCENTES: CEILÂNDIA DESDE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Pesquisador: Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 96100818.7.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.877.644

Apresentação do Projeto:

Trata-se do projeto intitulado "DO DISCURSO MUDIÁTICO AO DISCURSO DE ADOLESCENTES: CEILÂNDIA DESDE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA", de autoria da pesquisadora Sandra Rodrigues Sampaio Campelo, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, do Instituto de Letras - IL, da UnB, com financiamento próprio.

Objetivo da Pesquisa:

Com base no pressuposto de que, desde a inauguração de Ceilândia, pouco se discutiu a cidade como lugar violento onde impera os assaltos, o tráfico, os assassinatos, o que favoreceu a marginalidade de uma grande parte das camadas sociais menos favorecidas, além da busca por uma visão crítica de discursos midiáticos (matérias de jornais), que denigrem e excluem ainda mais uma população, a pesquisadora formulou os seguintes objetivos:

Objetivo Primário:

Buscar uma articulação entre língua, educação e sociedade, através de ações vivenciadas junto aos jovens, de modo a contribuir, por meio de uma pesquisa-ação, à inserção construtiva, bem como, o engajamento desses atores, no desenvolvimento de uma consciência linguística crítica em contextos de cultura mais amplos.

Objetivos Secundários:

1) identificar e descrever representações discursivas, que circundam em jornais em torno da cidade

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)	
Bairro: ASA NORTE	CEP: 70.910-900
UF: DF	Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592	E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.877.644

de Ceilândia; 2)descrever representações discursivas de adolescentes a respeito da cidade onde moram; 3)comparar traços do contexto cultural revelados no discurso da mídia com textos produzidos por adolescentes sobre Ceilândia; 4)incentivar os jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, não há previsão para riscos, uma vez que não se trata de uma pesquisa para testar equipamentos/medicamentos. Se houver, durante a pesquisa, risco para pesquisador e/ou pesquisado será pedida a dispensa do entrevistado e suas as informações serão descartadas.

Benefícios:

Espera-se com esta pesquisa incentivar os jovens à (re)construção de uma identidade social inovadora baseada na reflexão-ação de natureza construtiva.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente trabalho, de cunho qualitativo (descritivo-interpretativo), ancora-se na abordagem teórica-metodológica da Análise de Discurso Crítica, uma vez que esta concebe a língua como prática social (FAIRCLOUGH, 1992), voltada para adolescentes e sua comunidade. Trata-se de um projeto destinado, de modo específico, a jovens que vivem em comunidades periféricas, em contextos de situação de risco, expostos e vulneráveis a conflitos com a lei, sobretudo, no que concerne às consequências do consumo e da proliferação de drogas, associados à proximidade de um comércio perigoso que se alastra de maneira implacável. Trata-se de uma abordagem qualitativa (descritiva e interpretativa), que lida com interpretações da realidade social, busca caracterizar, bem como interpretar práticas discursivas de textos midiáticos que circundam a cidade de Ceilândia. A pesquisa será realizada em duas etapas. Na fase 1, será uma pesquisa documental, tendo como suporte, documentos jornalísticos retirados da internet e que trate da temática sobre Ceilândia. A fase 2, consistirá em um pesquisa-ação, com base em entrevistas com jovens. A pesquisadora fez uma previsão de 20 jovens, entre 13 e 16 anos, do 8º ano do ensino fundamental, sendo 10 do CEF 28 e 10 do CEF 34, de Ceilândia, que serão submetidos à entrevista individual, observação, roda de conversas e produção de texto.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.877.644

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora postou na plataforma a seguinte documentação: CV Lattes de pesquisadora; Projeto com informações básicas; Projeto completo; Carta de encaminhamento; Folha de rosto assinada; Carta de revisão ética; Termo de responsabilidade da pesquisadora; Aceite institucional (CEF 28 e CEF 34 - Ceilândia -DF); Instrumentos de coleta de dados (entrevista individual, roda de conversa, observação e produção de texto); Termo de Assentimento; TCLE completo; Cronograma atualizado, com data de início da coleta de dados prevista para Setembro de 2018 e Declaração de que o orçamento da pesquisa é próprio.

Recomendações:

Manter o cronograma atualizado para acompanhar o trâmite do projeto junto ao CEP CHS. Lembramos que não relatamos projetos que já tenham iniciado a coleta de dados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, considerando que a pesquisadora atendeu aos requisitos exigidos pelo CEP CHS, o parecer é favorável à aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1134096.pdf	16/08/2018 19:46:01		Aceito
Outros	cep_CHS_modelo_carta_de_encaminhamento_CAMPELO.pdf	16/08/2018 19:45:41	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Outros	CEF004.pdf	10/08/2018 15:24:46	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO001.pdf	10/08/2018 15:24:32	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CAMPELO.pdf	17/07/2018 18:01:52	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Outros	Resumo_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:57:52	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Outros	Instrumento_de_pesquisa_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:57:20	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Outros	Carta_de_Revisao_etica_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:56:55	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Outros	Curriculo_25_06_18_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:55:39	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.877.644

Outros	Aceite_institucional_CEF_34_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:53:59	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_responsabilidade_pesquisador_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:53:19	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:52:53	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:46:47	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Orçamento	Orcamento_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:46:24	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito
Cronograma	Cronograma_CAMPELO.pdf	17/07/2018 17:45:58	Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

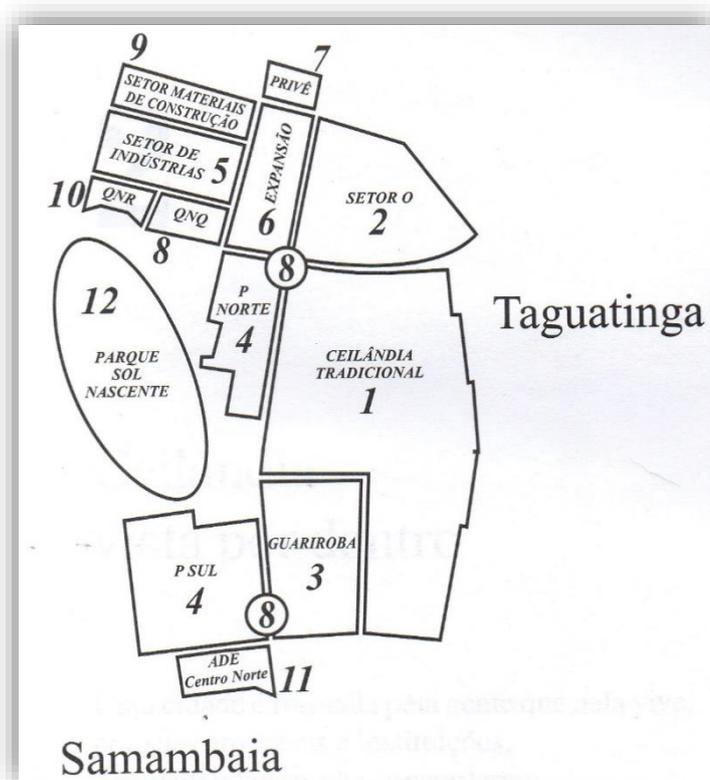
Não

BRASILIA, 05 de Setembro de 2018

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

ANEXO B – EVOLUÇÃO URBANA DE CEILÂNDIA

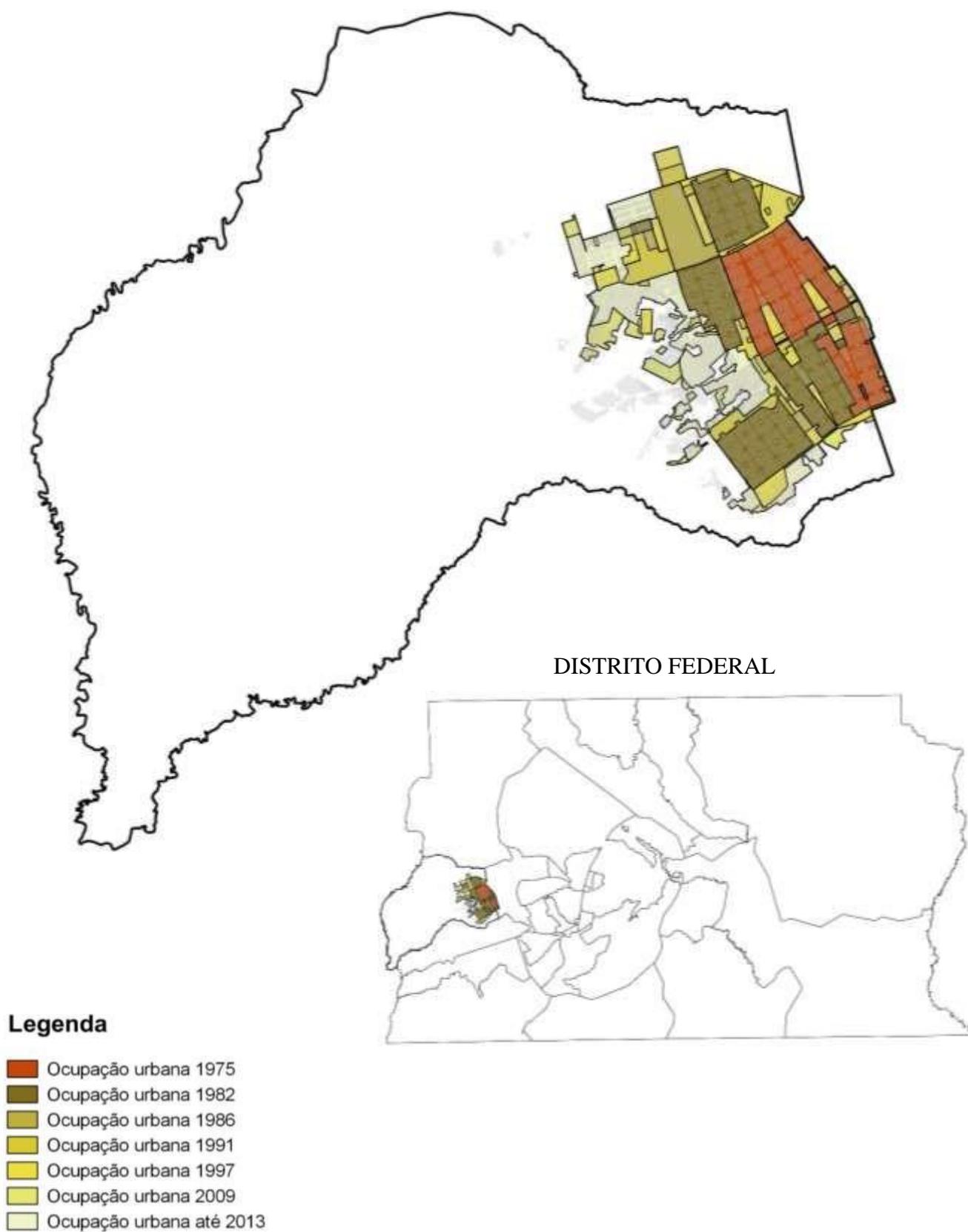


Cronologia

Sequência	Ano	Setor	Nº de Lotes
1	1971	Ceilândia tradicional – QNM e QNN	18.340
2	1976	QNO ou Setor O	7.683
3	1977	Guariroba	6547
4	1979	QNP ou P Sul e P Norte	18.011
5	1983	Setor de Indústrias Taguatinga/Ceilândia	1.872
6	1985	Expansão do Setor QNO	5.524
7	1988	Condomínio Privê	945
8	1989	Setor QNQ Nova Ceilândia ou Nova Guariroba	2.379 1.217
9	1990	Setor de Material de Construção	430
10	1992	Setor QNR	529
11	1999	Área de Desenvolvimento Econômico Centro-Norte	625
12	2001	Parque Sol Nascente – Setor Habitacional Sol Nascente	

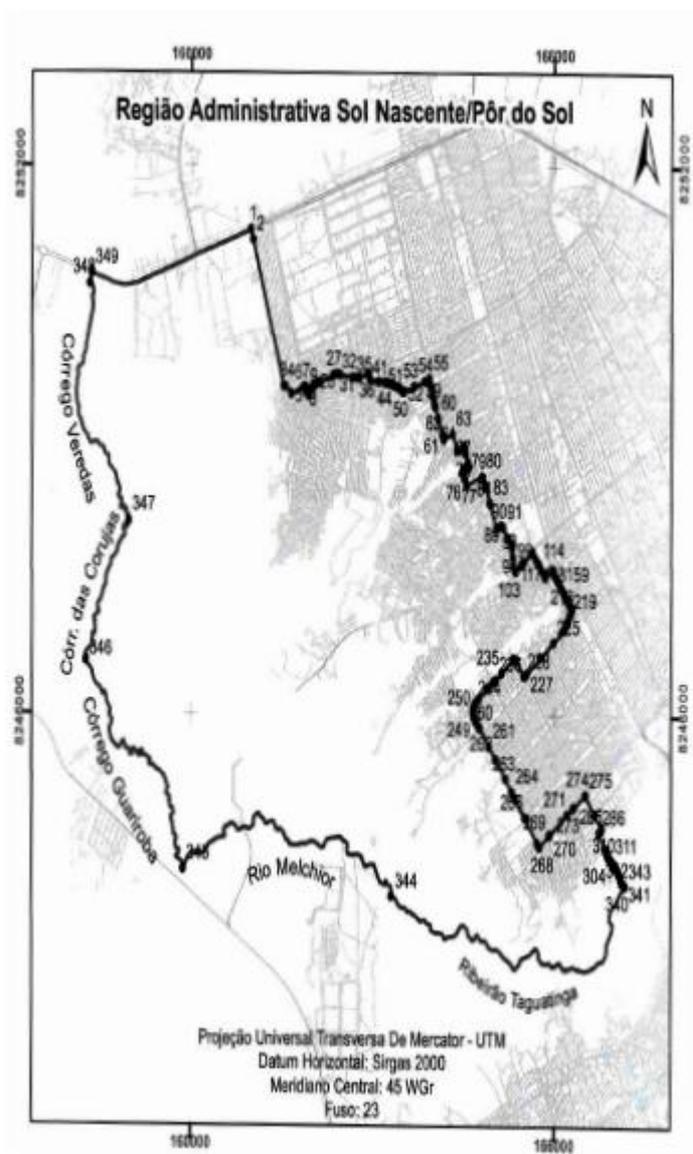
Fonte: Lopes (2001, p. 55)

Figura 33 - Região Administrativa IX - Ceilândia



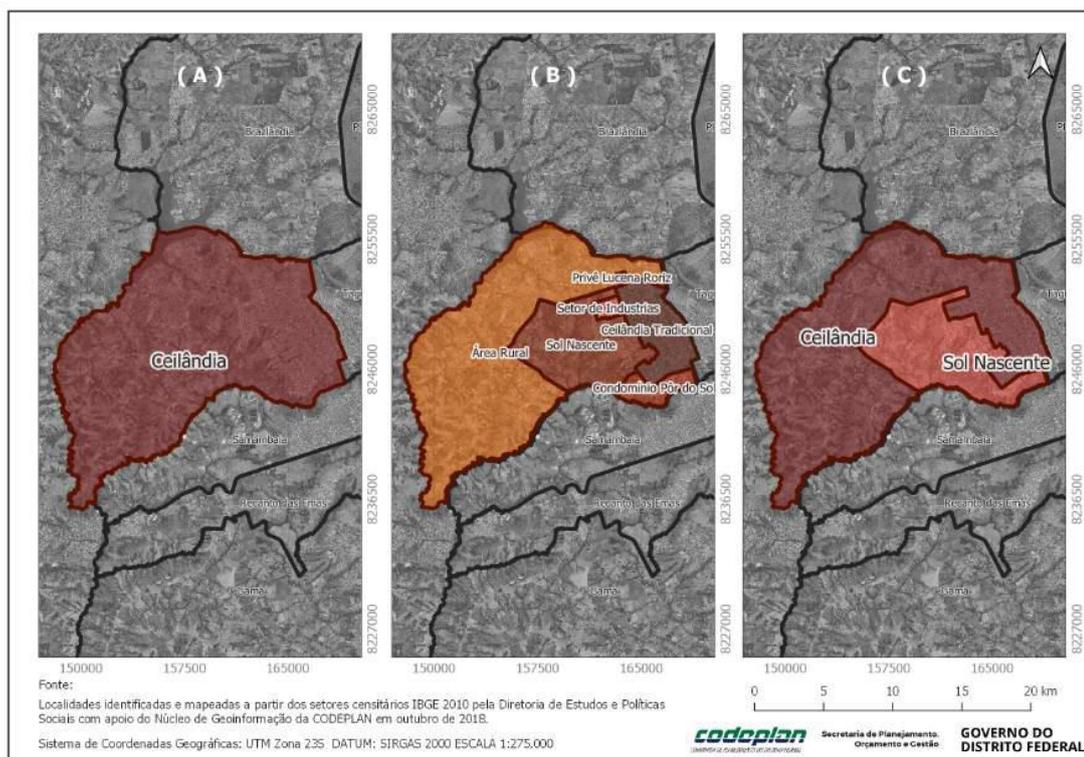
Fonte: Codeplan ([2016], p. 5)

ANEXO C – REGIÃO ADMINISTRATIVA SOL NASCENTE/PÔR DO SOL



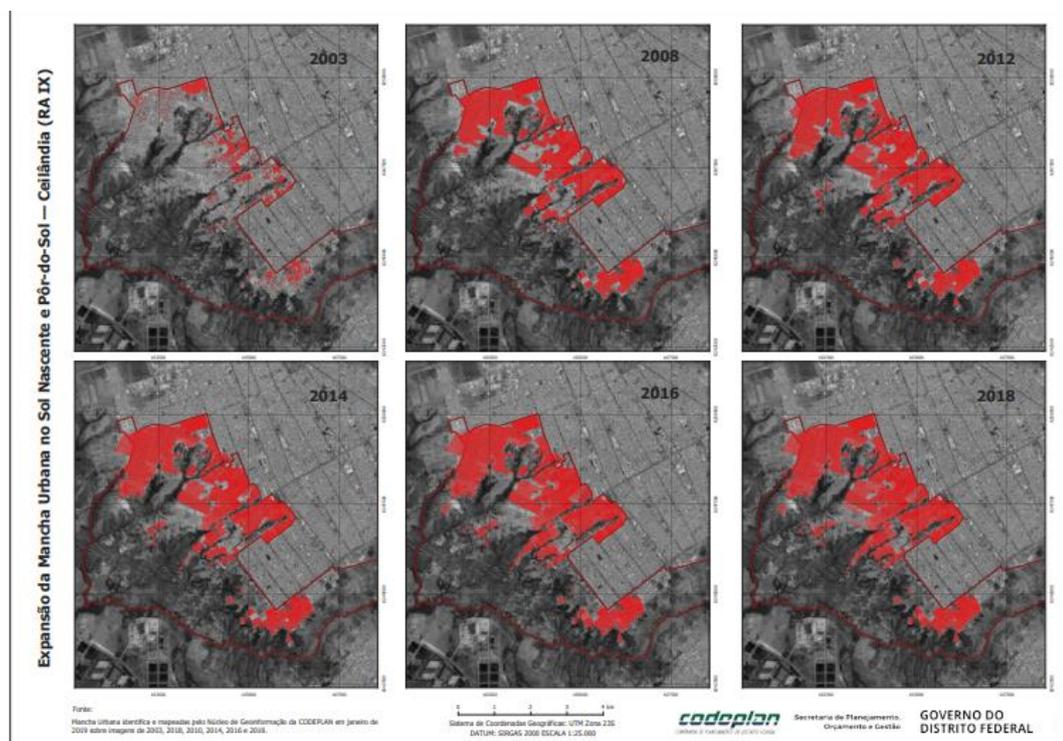
Fonte: DODF (15 ago. 2019)

Figura 34 - Ceilândia e Sol Nascente/Pôr do Sol



Fonte: Codeplan (2019, p. 2)

Figura 35 - Mancha urbana Ceilândia



Fonte: Codeplan (2019, p. 8)

ANEXO D – AS BELEZAS DA VIOLENTA CEILÂNDIA OU OS BRUTOS TAMBÉM AMAM

Por Igarciá em 07/08/2002 na edição 184

TELEJORNALISMO

Paulo José Cunha (*)

No meio das mensagens comentando o artigo sobre o "jornalismo confirmatório" chegou-me um desafio: "Poderia contar alguma experiência pessoal em que o senhor teve de virar a pauta? e conseguiu um bom resultado?"

Tenho umas duas ou três historinhas boas nesta área. Gosto de uma, em particular. Aconteceu num sábado, durante plantão de fim de semana, na sucursal da Globo em Brasília. Frisei o fato de ser dia de plantão porque pauta de plantão é sistematicamente repetitiva, limitando-se, quase sempre, às chamadas efemérides ou às amenidades comuns a dias sonolentos como costumam ser os sábados e domingos. Cheguei meio atrasado (resquício da bela noitada de sexta com bons amigos, bons queijos e bons vinhos), quando me deparei com uma pauta recorrente: o aniversário das cidades-satélites de Brasília. Desta vez, a aniversariante era a explosiva Ceilândia, dona de elevadas taxas de violência, abarrotada de problemas de urbanização, educação, saúde e tantos outros muito comuns aos aglomerados urbanos habitados por populações de baixa renda que se expandem com sérias deficiências de planejamento e ação do poder público. A pauta refletia tudo isso. Falava dos índices de homicídios, roubos, furtos, estupros. O produtor havia caprichado nos dados relativos aos problemas nos setores de saúde, habitação, educação e lazer, tudo revelando aspectos de uma cidade-problema, palco de doenças, crimes terríveis, antro de facínoras.

"Mas não é o aniversário da cidade?", indaguei ao chefe de reportagem. E acrescentei: "E isso lá é presente de aniversário que se dê a alguém, falar só das coisas ruins, violência, assassinatos, mortes?" O chefe de reportagem alegou que não participara da elaboração da pauta. E que a mim cabia apenas cumpri-la, pois as pautas, desde tempos imemoriais, foram feitas para isso. Dobrei o papel, chamei o cinegrafista e o auxiliar e entramos no carro, rumo à Ceilândia. Embolei a pauta até o papel virar uma bolota e fiz uma bela cesta na primeira lixeira que encontrei pelo caminho, propondo desafiadoramente ao cinegrafista: "Vamos virar esta pauta? Vamos fazer exatamente o contrário do que tem sido feito todo ano? Vamos dar um belo aniversário pra Ceilândia?" Ele concordou, não sem antes lembrar que ia ficar difícil explicar ao editor que a pauta real repousava naquele instante no fundo de uma lixeira em algum ponto

da cidade... "Tudo bem, a gente omite esse detalhinho sórdido", comentei com sagrada maldade na voz.

Pacto firmado, tocamos o barco. No primeiro ponto da Ceilândia onde paramos, desci do carro e perguntei a algumas pessoas numa praça: "Onde estão as pessoas bacanas da Ceilândia, as belas moças, os rapazes bonitos? Será que existe alguém que possa nos orientar e nos contar onde está a parte boa da Ceilândia, os aspectos da cidade que orgulham as pessoas que moram nela, que cresceram com ela, que gostam do lugar onde moram?" Não demorou e alguns engraxates, barbeiros e outras pessoas reunidas na praça central, de início receosas, nos deram o mapa da mina.

O primeiro local que nos indicaram foi a Casa do Cantador, uma edificação que serve de abrigo para as centenas de violeiros e repentistas oriundos do Nordeste. Um belo aspecto da inteligência e da criatividade do povo da Ceilândia. Caímos de boca. Depois, fomos ouvir as pessoas na rua. A pergunta era bem simples: "Por que você gosta de Ceilândia?" Provavelmente foi a primeira vez que uma equipe de tevê fez aquela pergunta àquela gente, porque dava para sentir a perplexidade nas feições. Por último, fomos a alguns clubes, onde rapazes atléticos exibiam sua boa forma em partidas de futebol e basquete. Ótimas imagens. Em cada beira de piscina gravamos generosos planos das belas ceilandenses apanhando sol, belos rostos, coxas torneadas. No início, tímidas, as garotas até procuravam se esconder. Depois, mais desinibidas, concordaram em posar para a câmera (a idéia era do tipo calça de veludo ou bunda de fora, por isso decidimos botar pra quebrar, terminando a matéria com um clipe recheado de belas imagens da alegria da cidade, com seus velhos, suas crianças, seus jovens, suas mulheres bonitas).

Elas também nos deram entrevistas sobre a o amor que sentiam pela cidade onde moravam. Como a matéria estava prevista para o jornal da noite e a outra pauta que tínhamos de cumprir era uma entrevistinha rápida, bem mais tarde, nem nos preocupamos em retornar logo à redação. Almoçamos por lá mesmo, aproveitando para mostrar que em Ceilândia come-se uma honesta comida caseira com sotaque nordestino, outro traço positivo da "cidade-problema".

Barriga cheia, com aquele ar de beatitude que esconde os grandes pecadores, voltamos à redação, preparados para uma bronca monumental pela travessura. "Bom, o máximo que vai acontecer é não aceitarem a matéria e ela ir pro lixo. Mas acho meio difícil porque em fim de semana a pauta é do tipo? se não tem tu vai tu mesmo?, já que o número de equipes é bem menor do que nos outros dias. Eles não vão ter mesmo o que botar no ar". Mas o impacto foi

menor do que esperávamos. Claro que o editor começou sem entender muita coisa, mas tão logo as imagens foram aparecendo ele foi se animando. No final, já era um dos grandes entusiastas da travessura. A matéria, com clipe e tudo, encerrou o DF-TV naquele sábado, com os créditos subindo sobre as belas e inacreditáveis imagens da Ceilândia, a aniversariante do dia, toda prosa e risonha, pela primeira vez apresentada sob um prisma positivo na tevê.

Logo após o jornal ter ido ao ar, pipocaram telefonemas na redação. No domingo e durante toda a semana, mais telefonemas acompanhados de cartas e telegramas (alguns deles ainda guardo com carinho). Todos agradecendo a injeção de auto-estima que os moradores da Ceilândia haviam recebido com a matéria. Muitos, emocionados, falavam que, pela primeira vez, pelo menos em um dia do ano, a Ceilândia aparecia na imprensa pelo seu lado bom.

Esta é a historinha. Se tenho mais alguma coisa pra dizer? Ah, tenho, sim: aquele sábado foi legal pra caramba.

(*) Jornalista, pesquisador, professor de Telejornalismo, diretor do Centro de Produção de Cinema e Televisão da Universidade de Brasília. Este artigo é parte do projeto acadêmico "Telejornalismo em Close", coluna semanal distribuída por e-mail. Pedidos para <pjcunha@unb.br>

ANEXO E – CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO (FOTOS PUBLICITÁRIAS)



Fonte: Correio Braziliense, 2 de julho de 1970 (Edição 03234)

cem mil brasilienses contam com você!

QUANDO O CAMINHÃO DA CEI
 PASSAR EM SUA QUADRA,
 LEMBRE-SE:
A CIDADE É UMA SÓ

PÓSTOS DOS CAMINHÕES - Dia 8 (sexta-feira)			
800-101	800-104	800-106	800-108
800-107	800-108	800-107	800-108
PÉANOLA SUL		CÁLCIUM	
800-109	800-110	800-110	800-110
800-110	800-110	800-110	800-110
PÉANOLA SUL		CÁLCIUM	

PÓSTOS FIXOS

11a. página

Fonte: Correio Braziliense, 8 de julho de 1970 (Edição 03239)

Os postais levam a beleza de Brasília ao mundo inteiro. Mas você sabe que nem tudo é tão bonito assim.

Nas invasões de Brasília vivem mais de 100 mil pessoas sem água, luz e esgoto. Isso levou o Governo do Distrito Federal ao esforço de erradicar as favelas, transferindo seus habitantes para as cidades satélites, em áreas urbanizadas.

Cêrca de 16 mil famílias terão uma oportunidade de melhorar suas condições de vida. Não podemos negar-lhes nosso apoio. Criamos a Campanha de Erradicação das Invasões, contando com você. Estamos arrecadando material para construção, roupas, material escolar, doações em dinheiro, tudo que ainda possa servir a essas famílias.

Os postais levam a beleza de Brasília ao mundo inteiro. Mas você sabe que nem tudo é tão bonito assim.

Nas Invasões de Brasília vivem mais de 100 mil pessoas sem água, luz e esgoto. Isso levou o Governo do Distrito Federal ao esforço de erradicar as favelas, transferindo seus habitantes para as cidades satélites, em áreas urbanizadas.

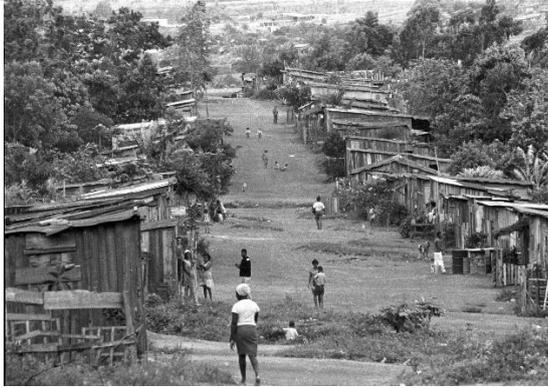
Cêrca de 16 mil famílias terão uma oportunidade de melhorar suas condições de vida. Não podemos negar-lhes nosso apoio. Criamos a Campanha de Erradicação das Invasões, contando com você.

Estamos arrecadando material para construção, roupas, material escolar, doações em dinheiro, tudo que ainda possa servir a essas famílias.

 CEI — A CIDADE E' UMA SO'

Fonte: Correio Braziliense, 17 de julho de 1970 (Edição 03247)

ANEXO F – FOTOS (ARPDF)

<p>A VILA</p>		
		
<p>A TRANSFERÊNCIA</p>		

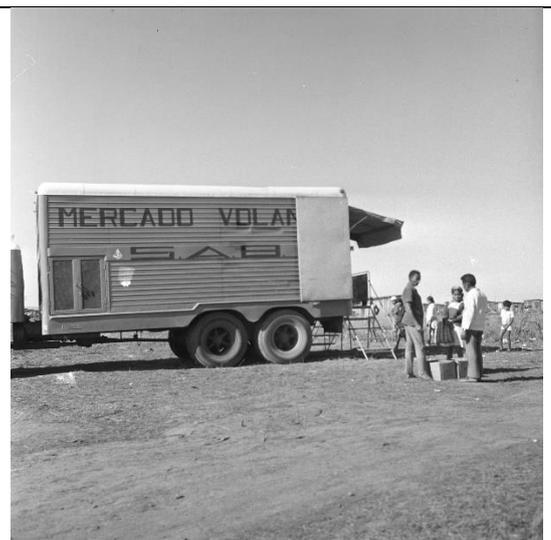
A INSTALAÇÃO



A FALTA DE ÁGUA/ INAUGURAÇÃO DA CAIXA D' ÁGUA



LAZER/ COMÉRCIO





Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

ANEXO G – PAPA LIXO

O Papa Lixo é um contêiner semienterrado, com capacidade de 5 metros cúbicos (equivalente a uma caçamba), permitindo o armazenamento dos resíduos de forma segura e limpa, minimizando os riscos de proliferação de vetores de doenças na região. Esse equipamento foi idealizado para atender a demanda da população que reside em locais de difícil acesso dos caminhões de coleta.

O objetivo dos Papa Lixos, além de universalizar a coleta de resíduos, é sensibilizar e orientar a população para a colaboração com a limpeza urbana. Foram realizados projetos paisagísticos ao redor desses equipamentos para transmitir as mensagens de limpeza, saúde e cuidado com a cidade. (Fonte: <http://www.slu.df.gov.br/papa-lixo/>)



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)



Fonte: arquivo pessoal da autora (2018)



Fonte:
<https://brasiliadefato.com.br/grandebrasil/2019/01/ceilandia-ganha-o-terceiro-papa-entulho/>



Fonte: <https://docplayer.com.br/110914642-Mudancas-transformando-a-realidade-dos-residuos-solidos-no-distrito-federal-relatorio-atividades-katia-campos-presidente-do-slu.html>



Fonte: <https://docplayer.com.br/110914642-Mudancas-transformando-a-realidade-dos-residuos-solidos-no-distrito-federal-relatorio-atividades-katia-campos-presidente-do-slu.html>



Fonte: <https://docplayer.com.br/110914642-Mudancas-transformando-a-realidade-dos-residuos-solidos-no-distrito-federal-relatorio-atividades-katia-campos-presidente-do-slu.html>

Como funciona o Papa Lixo



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6tvIceG3Rn8>

ANEXO H – VILA OLÍMPICA

Centros Olímpicos e Paralímpicos (Vila Olímpica)¹¹⁴

O Programa Centros Olímpicos e Paralímpicos tem a finalidade de assegurar o atendimento socioeducativo por meio da prática esportiva, de ações transversais, sociorrecreativas e de lazer contribuindo, assim, para o pleno desenvolvimento humano. A proposta do programa oferece uma alternativa diferente de vida usando atividades em que os valores como cooperação, solidariedade, pensamento crítico e autoestima propiciem enriquecimentos internos, transformando assim as expressões da sua conduta.



¹¹⁴ Disponível em: <http://www.esporte.df.gov.br/centros-olimpicos-e-paralimpicos/>. Acesso em: 01 jun. 2020.

ANEXO I - REPORTAGENS CB (1970)**ANEXOS A - REPORTAGENS DO CORREIO BRAZILIENSE 1970 - 1971****Erradicação de "invasões" tem apoio total**

A Campanha de Erradicação das Invasões, encetada pela Sra. Vera Prates da Silveira, vem sendo recebida com aplausos nos vários círculos de Taguatinga, e de maneira especial por parte dos Clubes de Serviços, tais como Rotary e Lions e ainda da Associação Comercial e Industrial, todos dispostos a trabalhar para o êxito dos trabalhos. A CEI está sendo desenvolvida em Taguatinga pela Sra. Alzira Corassa, esposa do Administrador Regional da cidade, e vem contando ainda com a eficiente colaboração da Federação das Bandeirantes, de voluntários e de outras senhoras da sociedade local.

Os encarregados da Campanha já instalaram cinco postos de

recebimentos de donativos e materiais, cujos locais são os seguintes: Escola da Polícia Militar, Colégio Marista, Albergue Bom Samaritano da Vila Mathias, no Mercado Norte ao lado da Farmácia N. Sa. de Fátima e no CBESB no centro da cidade. Informam ainda os coordenadores da CEI de Taguatinga que a partir de hoje as residências estarão sendo visitadas pelas senhoras integradas à Campanha e pelas damas da Casa da Amizade do Rotary Clube, cuja presidente Sra. Maria Baldini Ribeiro, empossada recentemente, aderiu plenamente aos trabalhos.

A Sra. Alzira Corassa solicita à população de Taguatinga que colabore com a Campanha de Erradicação das Invasões.

Correio Braziliense, 9 de julho de 1970 (Edição 03240)

Erradicação já movimenta o DF

Repartições públicas, bancos, escritórios e construtoras estão sendo visitados pelas voluntárias da Campanha de Erradicação de Invasões - CEI - que estão arrecadando todos os tipos de doações. Roupas, calçados, materiais escolares, brinquedos e pequenas contribuições em material de construção têm sido arrecadados pelos caminhões da Campanha nas superquadras no Plano Pilôto e nas cidades-satélites.

Outras contribuições têm chegado aos diversos postos espalhados pela cidade, que se movimenta com a Campanha, cujas organizadoras esperam para esta semana um número ainda maior de contribuições.

A Campanha deseja conscientizar a população no sentido de que os problemas da comunidade dizem respeito a todas as pessoas, cabendo a cada um igual responsabilidade para solucioná-los. As senhoras lembram que "A Cidade é uma Só" - o "slogan" da CEI - apela para que todos colaborem para melhorar a situação de vida dos habitantes das invasões, em número superior a cem mil pessoas.

Um coral de alunos da Escola Classe no 5 do IAPI foi organizado pela Supervisão de Educação Musical da Coordenação de Educação Primária, no intuito de colaborar com a Campanha, liderada pela primeira dama da cidade, D. Vera de Almeida Prates.

O coral do IAPI, que estreou no Programa de TV "A Cidade é uma Só", compõe-se de 45 crianças e fará uma gravação. Os discos serão vendidos com o fim de angariar fundos para a CEI.

As voluntárias estão fazendo um apêlo à população: "faça um balanço em sua casa. Junte tudo aquilo que

não precisa e entregue à Campanha de Erradicação de Invasões. Você estará ajudando a milhares de favelados a melhorar suas condições de vida".

Ontem, entrevistada por uma aluna de Comunicação da UnB, D. Clotildes Medeiros, esposa do Secretário de Educação do Distrito Federal teceu elogios à atuação da imprensa na divulgação da Campanha de Erradicação das Invasões.

Da. Clotildes Medeiros disse que a CEI é um movimento muito importante no momento em que os moradores das Invasões precisam de todo o apoio da comunidade. Destacou a importância do trabalho das voluntárias, acrescentando que a decisão de visitar pessoalmente as repartições públicas, escritórios, bancos e construtoras para um apêlo mais direto, será um ponto alto da Campanha.

Correio Braziliense, 14 de julho de
1970 (Edição 03244)



Inicia-se a grande batalha para liquidar êste aglomerado anti-humano

**A cidade
é uma só...**

Inicia-se a grande batalha para liquidar êste
aglomerado anti-humano

... êste é o estribilho de uma marchinha que as emissoras de rádio e televisão de Brasília repetem a cada momento e é também o lema de uma campanha lançada com o objetivo de conseguir que toda população da Capital da República participe ativamente do programa de erradicação das favelas.

Tudo começou há seis meses atrás, quando o governador Hélio Prates da Silveira decidiu aceitar o desafio que a cidade lhe - fazia o de acabar com as favelas que haviam enfrentado tôdas as Administrações anteriores.

O governador chamou seu Secretário de Serviços Sociais, Otomar Lopes Cardoso, e o incumbiu de estruturar a Comissão de Erradicação de Favelas - e, por intermédio dela, propor as medidas necessárias.

INTEGRAÇÃO

A Comissão passou a reunir-se semanalmente, e após um mês, realizou seu primeiro trabalho: erradicou uma favela de 720 barracos - 3.600 pessoas - que existia junto do depósito de lixo da cidade-satélite do Gama. Os moradores foram integrados na cidade, cada família recebendo um lote, no fundo do qual reconstruiu o barraco, que aos poucos vai sendo melhorado. Há transporte, água, escolas. E várias famílias já estão participando de um programa de casa próprias por ajuda-mútua, organizado pela Fundação do Serviço Social.

Chegou, depois, a vez de outra favela, situada na cidade-satélite de Taguatinga. Eram 1.950

barracos; quase 10 mil pessoas. A operação mudança durou um mês, ao fim do qual aquelas 10 mil pessoas já não eram faveladas, mas habitantes, como quaisquer outros, da Cidade-Satélite, do Gama, na sua maioria Brazlândia.

Agora chega a vez do grande desafio - as chamadas "invasões". São cinco grandes núcleos de favelados, com quase 100 mil habitantes, existentes entre a antiga Cidade-Livre, hoje Núcleo Bandeirante, e Brasília. São as favelas mais visíveis, junto dos quais passam todos que chegam ou saem da Capital da República. Elas constituem um chocante contraste com a beleza arquitetônica da cidade. Mas sobretudo ameaçam de poluição as águas do lago, pois estão situadas dentro do anel sanitário da cidade.

MELHORIAS

Foram essas duas razões, aliás, que levaram o Governo do Distrito Federal, a decidir pela remoção dessas "invasões": primeira, afastar a ameaça de poluição das águas do lago; segunda, possibilitar a melhoria das condições de vida da população.

Essas 100 mil pessoas - população igual a de pouquíssimas cidades brasileiras - serão transferidas, para uma área nova que está sendo urbanizada, em Taguatinga.

Nessa área, elas vão poder desfrutar dos serviços públicos básicos, impossíveis, de serem implantados onde se encontram: - água, luz, esgoto, mercados, transporte posto de saúde, escolas, etc.

CEI

Sensibilizadas por êsse gigantesco esforço que o Governo do Distrito Federal está para

fazer e desejando contribuir também para melhorar ainda mais as condições de vida da população favelada, um grupo de senhoras, sob a liderança da Primeira-Dama da Cidade, D. Vera de Almeida Silveira, organizou e lançou a "Campanha de Erradicação de Invasões" - CEI.

O objetivo da campanha é mobilizar a opinião pública da cidade, despertando-a para o problema das favelas, fazendo-a compreender que o problema, como todo problema social, não é apenas do Governo, mas de toda a comunidade.

Assessorada principalmente por D. Dea Lopes Cardoso, espôsa do Secretário de Serviços Sociais e ela própria assistente social, D. Vera de Almeida Silveira organizou a campanha com a colaboração técnica de seis alunos concluintes do Curso de Publicidade, da Universidade de Brasília

A SIGLA

Daí nasceu o nome da campanha, com a sigla CEI, que, segundo os publicitários, "é eufônica, tem poucas letras e tem homofonia com o verbo saber (sei), conscientizando para um compromisso social e voluntário". Surgiu também o lema - A CIDADE É UMA SÓ - justificado pelo fato de "atingir diretamente o espírito da coletividade, levando-a a sentir necessidade de uma maior integração social. E apareceu o símbolo, de grande efeito de comunicação: é simples, representando duas pessoas de mãos dadas, sob um triângulo, que representa ao mesmo tempo o teto de uma casa e um movimento ascensional, dando justamente a ideia de elevação social que se procura obter para a população favelada.

A CEI foi lançada por uma cadeia local de televisão, com a participação de D. Vera de Almeida Silveira, do secretário Otomar Lopes Cardoso, de cerca de três dezenas de senhoras que dela participam e de um coral formado por escolares da "Invasão do I.A.P.I." - a maior das "invasões". É o coral que canta a marchinha da CEI.

Mais de uma dezena de postos da CEI estão funcionando na cidade, enquanto caminhões percorrem as quadras do Plano Piloto e as Cidades-Satélites, recolhendo donativos: madeira, pregos,

cimento, tijolos, telhas. Material de construção principalmente, pois este é que será de necessidade urgente para a mudança dos 100 mil habitantes das "invasões". Mas arrecada-se também móveis usados, roupas, brinquedos, utensílios diversos.

A população favelada, por sua vez, está ansiosa por mudar. Uma comissão de representantes dos moradores das "invasões" já esteve com o Secretário de Serviços Sociais para manifestar apoio à decisão do Governo e agradecer às senhoras que tiveram a iniciativa de lançar a CEI.



“A cidade é uma só” ... nas favelas há uma população a ser integrada

Correio Braziliense, 14 de julho de 1970 (Edição 03244)

Editorial

A cidade é uma só

Brasília vem sendo acusada, no correr dos tempos, de ser uma cidade fria. Criou-se o mito da falta de calor humano. A lenda ganhou foros de verdade e é pesquisada seriamente por estudiosos, como é prova a pergunta feita ao Governador por um estagiário da Escola Superior de Guerra. De tanto se falar na algidez de Brasília até parece que seus Palácios não são de mármore mas feitos de blocos de gelo.

No entanto, Brasília não é nenhuma ilha polar, refratária ao calor. Recebe-o diretamente do sol, que no Planalto tem uma luminosidade mais ativa e fecundante e irradia-o através de sua gente que, por ser uma amálgama de brasilidade, é calorosamente humana.

A campanha de erradicação das invasões, que se constituiu em ponto de honra do Governo do Distrito Federal e em meta primeira da Secretaria dos Serviços Sociais poderá servir de ponto de partida para os estudiosos preocupados com a falta de calor humano de Brasília, levando-os, do caminho da sociologia aos do folclore e à separação da realidade da lenda.

A eliminação das invasões, se tem como causas necessidades administrativas, possui, concomitantemente, bases profundamente humanas. À defesa do anel sanitário, à preservação das águas de consumo e de recreação, à obediência à ordenação do planejamento, junta-se a necessidade de se promover o homem à sua condição, mormente numa cidade que surgiu para redimi-lo através da irradiação do progresso em tôdas as suas formas.

Nesta cidade acusada de falta de calor humano, a campanha oficial de erradicação de invasões deu origem a uma outra campanha, de sentido puramente humanitário, de amparo ao favelado. As condições subumanas em que vive a grande maioria dos invasores, quando divulgadas e conhecidas, começou a formar "aquela corrente" de que fala o hino da Copa, apenas com a diferença de que não é de entusiasmo cívico mas de entusiástica solidariedade.

Comandando essa campanha, a Sra. Vera Prates da Silveira integrou-se na comunidade brasiliense de um modo todo peculiar.

Tôda a pessoa que muda seu domicílio sente, no princípio, uma certa hostilidade do meio-ambiente. a falta das tradicionais amizades, e a natural dificuldade de formar novos amigos; a certeza de encontrar alguém de determinado lugar passa a inexistir; a necessidade de aquisição de novos hábitos e a de enjeitar os antigos, tornam o período de adaptação tedioso, aqui em Brasília ou em qualquer outra cidade.

Para a espôsa de um Governador, o caminho natural seria a convivência com as pessoas de sua categoria social. Por certo, elas as frequenta. Mas a efetiva integração na comunidade brasiliense só a alcançou no momento em que resolveu enfrentar, corajosamente, a miséria que assola milhares de lares (se barraco é lar!) e dezenas de milhares de seres humanos, procurando levar-lhes, não o auxílio passageiro da esmola, mas a base que sirva para a reconstrução de suas vidas em moldes dignos e estáveis.

Nessa campanha se deve engajar a cidade, pois "a cidade é uma só". Uma só na monumentalidade de seus Palácios, mas também uma só na vergonha de suas invasões; uma só na inigualável beleza arquitetônica e na funcionalidade de seu urbanismo, mas também uma só na miséria de seus barracos.

Com sua iniciativa, a Sra. Vera Prates da Silveira retesou as cordas humanas de Brasília, nela

se integrando pela porta do sentimento humano. A resposta da cidade também só pode ser uma só, demonstrando que não lhe falta calor humano. A voz da Primeira Dama não será eco a clamar no deserto.

Correio Braziliense, 15 de julho de 1970 (Edição 03245)

Cartas dos Leitores

PROBLEMAS. Na seção "Cartas dos Leitores", temos visto xxx reclamações xxx inexistência quanto aos problemas sociais de ... (de bem e de mal) Brasília. Aí está xxx invasões do IAPI a desafiar governos xxxx. O problema não é tanto mais grave quando se considera que aquele xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx nas invasões não se circunscrevem nos limites não muito xxx de suas xxxx: estendem-se por toda a cidade ("A CIDADE É UMA SÓ". Xxxx nas semi-indigência do desemprego, nas fortes e crimes que a incomodam e, finalmente, nesse quadro manda mais xxx das legiões de crianças de ambos os xxx perdas nas

Mas voltemos ao fio da meada. Vimos, por exemplo, no "CB" de 19.6.70 transcrição de carta do ex-combatente da FEM, Sr. João Cavalcante Pequeno, reclamando do Sr. Secretário de Serviços Sociais o urgente providenciamento de um ALBERGUE NO TURNO e obras de amparo aos pequenos jornaleiros e xxx Já na edição de 11.7.70 o Sr. Antenor Barreto da Rocha reclama em termos veementes do problema dessa classe social, os pedintes que diz atingir "a casa da xxx diariamente em cada parte. "E como sujam as portas! E como batem! E como insistem! Em alguns metem-se as manhas e artimanhas no sentido de convencer", diz o missivista, acrescentando: "Que favor? Expulsá-los às xxxx?" Realmente a fome, o desabrigo, a nudez, etc. são mestres em ensinar "manhas e artimanhas no sentido de convencer". Nós também não conhecemos uma fórmula mágica para a população de ver livre de um momento para outro, dêsse seu apêndice indesejável: a miséria, a mendicância. A única solução que vemos, embora sem xxx tão

instantâneo, é aquela apontada já há dois mil anos por um humilde carpinteiro que recomendou: "Amai-vos uns aos outros". Na mesma citada edição do "Correio Brasileiro", nosso órgão diário de xxx vimos, na reportagem uma série sob o título "Favela, esse problema", a legenda de uma foto mostrando o desconforto dessas habitações subumanas: "Todos têm direito a moradia condigna, dizem os Papas" e nos ocorre perguntar: é preciso ser Papa para saber disso" Ou será, como diz certo escritor, o óbvio ululante? O difícil e o que o Senhor espera dos que dizem seus fiéis e representantes na terra, é algo mais do que ver os males e pedir soluções. Na verdade os que FALAM são muitos, e os que FAZEM é que são poucos (veja-se a parábola do bom Samaritano Lucas, cap. X).

Com o presente desejamos, pois, chamar a atenção dos prezados brasilienses para a necessidade de se conhecer a apoiar as iniciativas já existentes no sentido de minorar o sofrimento dos concidadãos desfavorecidos da sorte. A maneira mais eficiente de não assistirmos e compactuarmos-nos mesmos, ainda que por omissão, desses quadros desumanos que tanto contrastam com a grandeza material de nossa Capital, é nos interessarmos mais pelas obras beneficentes, visitando-os, inteirando-nos de seus problemas e, obviamente, ajudando financeiramente. Ao que nos xxx, informamos que estamos construindo o Sanatório Espírita de Brasília, para doentes mentais

Correio Braziliense, 24 de julho de 1970 (Edição 03254)

Favela, êsse problema...



A providência governamental, que objetiva a erradicação dos núcleos de favelados, permitiu à população de Brasília mais uma demonstração coletiva de caridade. Surgiu a Campanha de Erradicação de Invasões, liderada por dona Vera Prates da Silveira; veio a participação dos clubes de serviço, o Lions e o Rotary; começaram a chegar donativos de particulares, de instituições bancárias, de emprêsas construtoras...

Enquanto professoras de canto organizavam coral de crianças residentes nas Grandes Invasões, para gravar a marchinha "A Cidade é uma só" e colaborar na batalha, a CEI programava o recolhimento de contribuições em todo o Plano Pilôto, utilizando a experiência das chamadas "pirâmides", que motivaram o civismo dos brasileiros, na época da última grande Guerra.

SEM NOVIDADE

O trabalho, que, há muito, vem sendo cumprido pelo sr. Otomar

Cardoso, permite-lhe assegurar que nada há de nôvo, em matéria de cortiços, na Capital da República. Todos os conglomerados de habitações subumanas, dentro ou fora do Plano Pilôto, se acham cadastrados e vão desaparecer. Evidentemente, a erradicação não pode ser feita num passe de mágica ou na base de ilusionismo do Mandrake. Mas o referido auxiliar do governador Hélio Prates da Silveira já controlou a situação e sabe que a maior parte dos habitantes do Distrito Federal dispõe de moradia provisória de construção precária e sem condições ideais de habitabilidade.

É comum a residência que abriga a "família principal" e a "família secundária". Tal fato está no conhecimento das autoridades, há mais de cinco anos, e a Codeplan já o referiu nas exposições realizadas, no tocante à matéria. Por exemplo, o Plano Pilôto há número superior a cinco mil famílias principais ocupando residências provisórias que

acomodam sete mil famílias secundárias.

A conclusão do longo e aprofundado exame de afavelamento no Distrito Federal apresenta o Plano Pilôto com a média de 5,07 pessoas por domicílio; Taguatinga com 6,22; Sobradinho, 6,00; Gama, 5,59; Núcleo Bandeirante, 6,02; outras localidades, 6,11.

A área média (metro quadrado) por moradia mostra o Plano Pilôto com 15,07, Taguatinga com 7,73; Sobradinho com 9,84; Gama com 6,70 das Invasões com 7,84; outras localidades com 8,44.

FLUXO

Explica o sr. Otomar Cardoso que, durante muito tempo, Brasília será ainda polo de atração de fator correntes migratórias. Principalmente das integradas por mão-de-obra sem especialização, que trazem consigo os seus inúmeros problemas, decorrentes do pauperismo da área de onde procedem. Diariamente chegam famílias de migrantes, que viajam em todo tipo de viaturas. O fenômeno da estiagem nordestina influi de maneira incrível, no constante fluxo migratório para Brasília, responsável pelo agravamento do problema das favelas.

A cada ano, a Capital da República recebe mais de sete mil e quinhentas novas famílias, exigindo esforço incomum, no plano das construções. E solucionar a crise é tarefa a qual o Secretário de Serviços Sociais dedica todo o empenho e todo o seu dinamismo.

PATOLOGIA

Quando se orientou pela erradicação de favelas, o titular da Secretaria de Serviços Sociais tinha a compreensão de que a crise habitacional, e o conseqüente surgimento de cortiço, mocambo ou qualquer outro tipo de grupamento residencial de precária condição sanitária e de insegurança, é

sintoma de doença social. Aliás, Felipe de Miranda Rosas ensina isso, no seu "Patologia Social", ao afirmar:

"São as favelas de todos os tipos, em colinas, em zonas planas e baixa e até em mangues, sôbre lôdo, inclusive beira do mar e fundo de baía, lagoas, lagos etc; são os característicos "mocambos"; são os Slums norte-americanos, enfim, com outros tipos ou demais variações, do mesmo padrão geral de habitação deficiente, precária, resultado da crise de moradia, um aspecto da desorganização econômica".

Assegura o mesmo Miranda Rosas que "essas formações de grupamentos habitacionais costumam constituir, nas cidades em que se observam, fonte de graves desajustes." E frisa:

"Nelas é comum um grau elevado bem superior ao médio, de fenômenos de patologia social, principalmente associados à criminalidade, aos vícios diversos, à baixa coesão familiar etc.

DESNÍVEL

Merece referência o fato de que o Plano Pilôto é, no País, localidade que apresenta elevados indicadores de bom padrão habitacional. Os apartamentos entregues aos funcionários permitem conforto e segurança. Muitos desses funcionários têm reclamado contra "o estado das instalações de Brasília". Certo assessor ministerial, recentemente transferido para a Capital da República, chegou a levar o seu descontentamento a jornais cariocas. Todavia, no Rio de Janeiro, êle residia em cubículo situado no prédio em que funcionam casas de comércio. A cidade do planalto lhe ofereceu apartamento especial, mas êle não a poupou, nem a estima, apesar das condições que desfruta aqui.

Se ninguém pode negar o desnível entre a residência do funcionário e a do favelado, a desproporção não se deve a Brasília. Se há injustiça social, esta não é nascida aqui, pois vem de fora, de outras áreas, de outras Unidades da Federação.

E, ao concluir esta série de reportagens, é lícito esclarecer que a Capital da República enfrenta, portanto, o drama que é do País inteiro. Decidiu resolvê-

lo com os meios de que dispõe, com a coragem dos seus administradores, com a boa vontade dos seus habitantes. Mas, tamanha demonstração de caridade coletiva - é bom que se diga - não é reconhecimento de injustiça social aqui praticada. E, antes de tudo, o desejo de servir ao próximo e a compreensão nítida de que os chegados a Brasília possam a pertencer a ela, pois "A Cidade é uma só".

Texto de Carlos Simões

Correio Braziliense, 28 julho de 1970 (Edição 03257)

São os duzentos que chegam

Dinah Silveira de Queiroz

Todos os dias duzentas pessoas - em média - chegam à Brasília em busca de vida nova e de trabalho. Continua bem vivo o fluxo que carreu do Nordeste do Brasil e de outros pontos da pátria brasileira o grande rio migratório que se estabeleceu no Distrito Federal e com a genialidade própria do candango construiu e continua construindo uma das mais belas cidades do mundo. Na Europa - nos países mais democráticos como a Itália e a França, por exemplo, não há problemas para as autoridades em relação as que chegam sem emprêgo e sem lugar dentro de uma casa qualquer. Eles são recambiados sem dó para seus lugares de origem e, eu vi muitas vêzes a polícia de Roma colocar no trem tristes e chorosas famílias que voltariam para o sul da Itália, assim como na França, em Paris, assisti à "devolução" de jovens ingleses que, sem dinheiro e sem domicílio, na capital francesa, eram mandados de volta. Em Brasília porém, não há senão boa vontade com essas duzentas criaturas que chegam de vários rincões do Brasil à procura de melhores salários, sem dispor, às vêzes, de dinheiro no bôlso, pois êle foi consumido durante a longa viagem. São êsses duzentos brasileiros, apoiados pela Constituição do Brasil, que permite a seus cidadãos a livre ida e vinda em território nacional - ao contrário do que sucede em outros países democráticos, que somados produzem o tristíssimo espetáculo das "invasões" de famílias e que numa favelização

indiscriminada, ofereceu o tristíssimo contraste dentro do cerne, mesmo, da belíssima capital brasileira. O slogan: **A Cidade É Uma Só**, um dos melhores achados que conheço, foi proporcionado pelos alunos dos cursos de comunicação e dizem muito bem, nesta única frase, do problema das famílias e de problema da cidade tornada uma, indivisível em seus aspectos sociais e de fraternidade humana.

Uma população calculada em cem mil pessoas - tôda uma cidade dentro de uma cidade - será transferida de suas favelas situadas dentro do chamado "anel sanitário". São milhares de criaturas que ameaçam de contaminação a seus próprios parentes e aos moradores de Brasília, vivendo na mais rústica maneira, sem higiene, sem os princípios básicos de confôrto. Estas "invasões" são um perigo para seus "invasores" e para a belíssima Brasília, ameaçada de contaminação nas águas do lago. Em Taguatinga, uma nova área está sendo febrilmente preparada para receber os "invasores", que ali terão água, luz, mercados, transportes, escolas, pôsto de saúde - numa palavra - o sentido de civilização que essa enorme população merece, pois A Cidade É Uma Só, como se sabe, Dona Vera Prates da Silveira, a primeira dama de Brasília, com outras senhoras, está valentemente liderando a campanha de erradicação das "invasões", CEI. Os pedidos para esta grande população são

vários: madeira, tijolos, cimento ou, ainda, o dinheiro que se puder dar para a construção das novas casas. Além disso, a campanha recebe móveis usados, livros, brinquedos ou qualquer outra doação. Nos telefones 43-5989, prestem atenção, ou 43-7290 ou, ainda, 43-7989, os que quiserem contribuir para esta obra memorável encontrarão as informações necessárias. Brasília não tem medo do desafio e o aceita de coração fraterno e ideal elevado. Os postos de arrecadação bem se encontram no Teatro Nacional, na Escola Normal, na Escola

Parque, no Colégio Marista e, em outros pontos da cidade. O que parece impossível de ser feito, em outras cidades, Brasília terá conseguido realizar em pouco tempo com suas "favelas" ou "invasões" porque há um "slogan" tão bom quanto A Cidade É Uma Só que é aquele eterno e conhecido - "O que a mulher quer Deus Quer", não é verdade, minhas prezadas amigas?

Correio Braziliense, 19 de agosto de 1970 (Edição 03277)

Esquina de Brasília

Yvonne Jean

"A Cidade é uma só é, sem dúvida, um excelente slogan, que, aliás, começa a ser pôsto em prática. Assim, vimos, na TV, a grande movimentação na Asa Norte, que começaram a urbanizar devidamente, o que deixa prever o dia em que não será mais a Cinderela do Plano Pilôto, ou, como disse o repórter, sua "asa quebrada".

A Campanha de Erradicação das Invasões, na qual dona Vera Prestes se empenha com intenso interesse e dedicação, é, evidentemente, simpática, como é das mais positivas a doação, pelo Exército, dos amplos terrenos que possui em Taguatinga e o despertar do comércio e indústria, que oferecem telhas, mosaicos, etc.

É uma campanha simpática, porém cheia de dificuldades, pois será necessário um cuidadoso planejamento para evitar que as invasões - as palavras brasilienses para favelas - do IAPI, Bernardo Sayão, Vila Tenório e Vila Esperança, ao serem removidas para Taguatinga, se transformem numa favela nova, maior e única, o que somente a atividade planejada da Assistência Social poderá evitar, dirigindo uma mudança lenta: favorecendo em primeiro lugar, aqueles que trabalham em Taguatinga; ajudando a quem procura emprêgo a encontra-lo, e, eventualmente, deixar de viver em invasão ou favela; recusar ajuda a quem vive atualmente na invasão sem razão; dar meios de substituir os barracos por casas, a quem está com vontade de construir;

dar prioridade às mães de numerosos filhos que carecem de ajuda masculina, etc.

Depois disso, os excelentes planos - uma creche permanente, uma lavanderia coletiva, clubes e parques, lotes para instituições sociais, um Centro de Aquisições (que sugerimos de objetos de preço acessíveis, porém novos, em vez de doações, que acabariam formando um mercado de segunda mão) - poderão ser postos em prática.

Lembrarei, a propósito, da importância de ajuda social planejada, o belo exemplo do Conjunto Residencial Pedregulho, no Rio, há muitos anos, quando, pela primeira vez, a assistência social participou, desde o início, de um grande empreendimento residencial, tendo um papel paralelo ao do engenheiro e arquiteto, e não menos importante. Criticaram, na época, o Conjunto, porque os jardins eram de Burle Marx e os mosaicos de Portinari. Diziam que não valia a pena tanto luxo para um conjunto destinado a funcionários da Prefeitura de salário baixo, que o transformariam, rapidamente, em favela.

Isto não se deu porque a assistente social educava os moradores à medida que chegavam. Instalaram um apartamento modelo mobiliado, prova viva de que os habituais móveis pesados e caros, que entulham as salas pequenas, podem ser substituídos por outros, mais leves, em conta e bonitos, e que valia a pena

aprender a aproveitar o barro, o vime, e tudo o que artesanato popular sabe empregar, imitava-se, assim, a Suécia, onde cada casal de noivos com recursos limitados mobília o apartamento nôvo com a ajuda de uma decoradora da Prefeitura, que faz as compras essenciais com êle.

Em Pedregulho, as crianças foram encarregadas da fiscalização e preservação dos jardins, o que fazem com seriedade, enxotando os ladrões de plantas e gritando "isto aqui não é favela"! Já tendo esquecido, por completo, sua condição de ex-favelados. Também foi preciso ensinar as mulheres a se aproveitar da lavanderia coletiva gratuita. Estavam tão habituados a lavar roupa o dia todo que não faziam

outra coisa, pendurando as roupas nos terraços e salas, até que compreenderam que era mais simples entregá-las à lavanderia e empregar o tempo em outros afazeres. Até foi necessário habituá-las a fazer uso do incinerador de lixo. Mas tudo deu certo.

Valeria a pena estudar o exemplo, na hora em que a remoção das invasões está sendo estudada com muita boa-vontade, e a readaptação social esta em pauta, no afã de concretizar em Brasília, o excelente slogan "A Cidade é uma só".

Correio Braziliense, 2 de outubro de 1970 (Edição 03315)

CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO DAS INVASÕES

RETROSPECTIVA - A CAMPANHA DE ERRADICAÇÃO DAS INVASÕES - CEI - lançada no dia 6 de julho de 1970, através de uma cadeia de emissoras de rádio e televisão da Capital, é a concretização de uma idéia que vinha sendo amadurecida, desde o princípio do ano, quando a Primeira Dama da Cidade, Dona Vera de Almeida Silveira, manifestou desejo de promover programas de serviços sociais em Brasília.

Já a 27 de fevereiro, Dona Vera de Almeida Silveira apresentava à Primeira Dama do País, Dona Seyla Médici, um esboço do plano de trabalho que preparara, o qual previa a participação voluntária de senhoras do Distrito Federal.

REUNIÕES - Sucessivas reuniões foram realizadas, algumas das quais em Águas Claras, residência oficial do Governador do DF, para se discutir aspectos do trabalho que seria realizado.

De início, decidiu-se que as "invasões" iriam constituir a primeira área de ação do grupo de senhoras voluntárias, as quais passariam a atuar visando à solução do mais grave problema social de Brasília: o das favelas.

Para atingir o objetivo delineado, um trabalho de mobilização foi realizado junto às esposas dos altos funcionários do Governo, bem como junto às senhoras da sociedade local e entidades que já atuavam na área das "invasões"!

PLANEJAMENTO - Desde o princípio, a Campanha tem estado sob a orientação de uma equipe que, tendo à frente a sra. Déa Lopes Cardoso, passou a se entrosar com os problemas sociais da Comunidade.

Um grupo de formandos do Setor de Publicidade e Propaganda da Faculdade de comunicação da Universidade de Brasília foi incumbido de planejar tecnicamente a Campanha, do que resultou a criação do nome "Campanha de Erradicação das Invasões", com a sigla CEI, e o logotipo que em pouco tempo tomou conta da cidade com o lema "A Cidade É Uma Só".

ADESÕES - Logo após seu lançamento, a CEI passou a receber adesões de vários grupos sociais organizados, tais como as Bandeirantes, o Rotary Clube, o Lions Clube e grupos de teatro, cada qual com iniciativas próprias - pedágios, chás, salão de costura para preparar uniformes escolares, etc. - para colaborar com a Campanha.

Praticamente todos os órgãos do complexo administrativo do GDF colaboraram, também, com a CEI, providenciando transportes, locais para reuniões e, até mesmo destinando à Campanha a renda de uma vaquejada, como fez a Secretaria de Agricultura e Produção.

Do setor governamental, ressalta-se, ainda, a colaboração da Secretaria de Serviços Sociais que colocou à

disposição da CEI, na medida do possível, pessoal e material necessário para o apoio estrutural e funcional da Campanha.

ARRECADAÇÃO - Vários postos foram instalados no Plano Pilôto e nas cidades satélites, para arrecadar material de construção, objetos usados e doações em dinheiro, que permitam de alguma forma, melhorar as condições de vida da população favelada (cêrca de 80 mil pessoas) no momento em que o Governo do DF venha a transferí-la para a área que está sendo urbanizada em Taguatinga.

Enquanto isto, os materiais e objetos arrecadados estão guardados num depósito cedido pela Polícia Militar do DF, em Taguatinga, onde, com a ajuda daquela corporação e de senhoras voluntárias da CEI, serão classificados com os respectivos valores.

O gêneros perecíveis recebidos pela Campanha, foram vendidos a preços quase simbólicos em um bazar

instalado por senhoras voluntárias na área da "Invasão do IAPI". Os preços irrisórios atribuídos aos gêneros postos à venda, tiveram o objetivo de ser evitada a doação simples, que apenas humilha quem a recebe.

Os demais materiais e objetos arrecadados serão do mesmo modo vendidos aos favelados, por meio de um Centro de Aquisição que funcionará na área para onde serão transferidas as "invasões". Um grupo de líderes da própria "Invasão do IAPI" se dispôs a disciplinar o funcionamento do Centro e o dinheiro arrecadado passará a constituir um fundo rotativo a ser empregado em benefício d apropriada comunidade local.

Segundo o último balancete levantado, as arrecadações em dinheiro somavam, em 31 de outubro d o ano em curso, Cr\$30.479,07, com saldo de Cr\$25.575,17 depositado na conta nº 244.830, aberta pela CEI na agência matriz do Banco Regional de Brasília.

BALANCEIE	
A T I V O:	P A S S I V O:
DISPONÍVEL	Doações..... Cr\$21.822,43
Depósitos Bancários..... Cr\$25.575,17	Rendas Diversas... Cr\$ 5.656,64. <u>Cr\$30.479,07</u>
DESPESAS ADMINISTRATIVAS	Brasília, DF, 31 de outubro de 1970
Material de Expediente... Cr\$ 73,15	VERA DE ALMEIDA SILVEIRA
Serviço de Terceiros... Cr\$ 205,00	Presidente da CEI
Despesas Diversas Cr\$1.625,75. <u>Cr\$41.903,90</u>	
<u>Cr\$30.479,07</u>	

Ceilândia: uma nova terra maravilhosa



Todos os lugares do mundo são únicos no mundo. Basta escolher um deles e ficar ali o resto da vida. Esta é uma definição de como alcançar a felicidade. E no Distrito Federal, os quase oitenta mil habitantes das Invasões vão encontrar na "Ceilândia" esse lugar único no mundo. Uma nova maravilhosa terra, banhada de sol, com clima extremamente saudável, que lhe foi destinada por Deus e pelos homens do Serviço Social.

Daqui a noventa dias aproximadamente, eles começarão a tomar posse de seus lotes, a construir suas casas de alvenaria a 28 cruzeiros por mês, sem correção monetária, ou mesmo remontar seus barracos, não mais como "invasores", mas como proprietários de um pedacinho de terra, sonho de todo o brasileiro com a esperança de dias melhores, mesa farta, bolso cheio, saúde para todos. E isto, graças a um plano de ajuda mútua do convênio entre a Fundação do Serviço Social e a Caixa Econômica Federal.

Eu estive lá. A paisagem é intensamente verde sob um céu esplendorosamente azul. A estrada parece dirigir-se até o alto de uma montanha, mas em determinado ponto volta-se para o interior cortando como uma imensa espinha dorsal toda a nova cidade.

De acordo com a planta do local, estão previstas áreas para construção de escolas primárias (seis inicialmente) e ginásios, atendendo-se ao objetivo de elevação do nível cultural. Estão previstas ainda, áreas para construção de templos, posto de gasolina, delegacia de polícia, praças, correio, biblioteca, cinemas, clubes sociais, centro médico hospitalar, centro comercial e ainda lojas nas entrequadradas destinadas ao comércio local. A instalação dos serviços será feita atendendo-se a uma escala de prioridade de tal modo que de imediato, a nova área contará com os serviços básicos nos setores educacionais, sanitário e comercial.

A REMOÇÃO

A remoção obedecerá a um esquema previamente estabelecido e aprovado. As famílias serão recepcionadas ao chegarem na área definitiva, terão sua situação verificada e serão imediatamente locadas nas quadras e lotes a serem por elas ocupadas. Vale ressaltar que para efeito de cadastramento

no caso de casais com união não legalizada o lote na nova área será colocado em nome da companheira.

Quando todos ali chegarem, já encontrarão rede água, torneira pública para determinadas áreas até a conclusão do Rio Descoberto e definitiva para outras áreas, iluminação pública, campos para práticas esportivas, linhas de ônibus com tarifas mias baixas na fase inicial e a rede escolar funcionando totalmente com matrícula automática das crianças. Mesmo porque o valor primeiro da remoção é o HOMEM. A mudança em si possibilitará a elevação do seu padrão de vida.

Correio Braziliense, 31 de janeiro de 1971 (Edição 03417)

CARTA DE LEITOR

MARILIA CONTRIM ZANNETTI - ...
Estou escrevendo-lhe para tecer comentário a respeito do artigo publicado na semana passada, "Ceilândia Nova Terra Maravilhosa". A matéria está ótima, limpa, simples, mas há um pequeno senão: pelo que entendi, nem todas as famílias terão casa para morar. Caramba! Como vão mudar essa gente toda sem condições para vivência. Lá var ter luz, mesmo? Água, no duro? Escolas? Comércio..."

RESPOSTA - Cara Marília, parece que você não leu direitinho a matéria em questão. Realmente, nem todas as famílias terão casa de alvenaria. Mas terão seu terreno, com escritura e tudo; e a possibilidade de ter sua casa por 4 mil cruzeiros, pagos em pequenas prestações mensais, sem correção monetária. E quando os novos habitantes da Ceilândia lá estiverem já encontrarão os serviços básicos - água, luz e esgoto. As escolas, eu vi, estão sendo erguidas a "toque de caixa". E aqui vai meu conselho: espere para duvidar. Dê um crédito de confiança ao GDF.

Correio Braziliense, 7 de fevereiro de 1971 (Edição 03423)

POPULAÇÃO QUER NOME OFICIAL DO SETOR QNM

A denominação de "Ceilândia" dada aos setores QNM e QNN de Taguatinga, reservados para os moradores das invasões de Brasília e que dentro em breve serão transferidos para esta cidade, não está agradando a população de Taguatinga.

Conforme afirmações feitas à Sucursal do "CB" por várias pessoas, a referida área nada mais é que uma extensão da cidade. Afirma o sr. José Gomides, residente à CSA 3, lote 18, que a denominação dada à nova área não se coaduna absolutamente, uma vez que em meio a tantos nomes sugestivos a denominação "Ceilândia" não soa com bom gosto.

Esclarece o sr. Geraldo Sérgio, marceneiro, residente à QSB 16, lote 12 que conforme as divulgações que se verificam sobre a transferência das invasões, denota-se uma idéia "separatista", o que não deveria acontecer, principalmente pelo fato de a comunidade a ser transferida para aquele local ter que depender, pelo menos no início, praticamente em tudo de Taguatinga.

Afirma o sr. Adamastor Spirandelli, comerciante

estabelecido à C-10 lote 16, que muitos não sabem sequer o que significa "Ceilândia" e que a melhor providência seria exterminar de imediato essa intenção de separação, já que não se trata de outra cidade, mas sim de um prolongamento de Taguatinga.

Olinto Maciel, comerciário, residente à QNF 7, lote 2, esclarece que assim como existem os setores QNA, QND, QSA, etc. deve permanecer o nome Setor QNM e QNN e não "Ceilândia". De acôrdo com as afirmações apresentadas, denota-se que a população de Taguatinga não se sente satisfeita com a denominação dada ao nôvo setor e seria de bom alvitre que os órgãos responsáveis providenciassem de imediato a necessária retificação, já que o nome do local, atualmente bastante divulgado, não é simpático à população, mesmo porque ninguém ainda explicou quais as razões e a origem do nome.

Correio Braziliense, 5 de fevereiro de 1971 (Edição 03421)

"DF" EXPLICA SIGNIFICADO DE "CEILÂNDIA"

A propósito de uma reportagem inserida em edição do "Correio Braziliense" do dia 5 passado, em que várias opiniões sobre a denominação da nova área de Taguatinga destinada aos moradores de invasões foram publicadas, o "Distrito Federal" órgão oficial do Governo do Distrito Federal publicou em sua edição do dia 10 de fevereiro o seguinte:

"Quando o Governo do Distrito Federal decidiu dar o nome de Ceilândia ao núcleo habitacional que está construindo para abrigar as famílias a serem removidas das invasões, teve o propósito de perpetuar não simplesmente a sigla "CEI", mas primordialmente o princípio que norteou a campanha. Ceilândia, num futuro próximo, significará para o povo de Brasília a síntese da humanitária campanha empreendida por damas da sociedade para dar melhores dias aos que ocupam hoje habitações subumanas nas chamadas "invasões".

Foi dado esse nome à zona residencial, na certeza de que está perpetuando com ele as cidades onde a Administração Pública depara-se com problemas de favelas.

A sigla CEI figura como prefixo da palavra composta Cei-lândia - como uma realidade brasiliense: nela estão significados a abnegação, o desprendimento e a vontade do povo de uma cidade de colaborar na extinção de uma chaga social. Exemplo, portanto, a ser seguido por outras cidades brasileiras. Não será surpresa conhecer brevemente, por esse Brasil afora, nomes de localidades compostos com siglas parecidas com essa, siglas estruturadas para significar o propósito de um povo em ajudar seus semelhantes, tal como Brasília, onde "a cidade foi uma só" no apoio à Campanha de Erradicação de Invasões."

Correio Braziliense, 13 de fevereiro de 1971 (Edição 03428)

EDITORIAL

CEILÂNDIA

Ao aceitar, logo que assumiu o Governo, o desafio das invasões, e propondo-se a eliminar, como primeiro passo, a maior delas - a do IAPI - o Governador Prates da Silveira adotava um programa do mais alto alcance administrativo. Embora a favela em Brasília pareça um contra-senso e forme um chocante contraste com a cidade planejada, monumental no seu conjunto, confortável no pormenor e racional na segurança que pretende oferecer a seus moradores, ela surge em função das determinantes sociais do Brasil, fruto do subdesenvolvimento que assola vastas regiões, cujas populações se vêem obrigadas a procurar noutras paragens melhores condições de vida e até de sobrevivência.

Brasília, que exporta progresso, tem sido também imã de miséria. Tornou-se um dos pontos de convergência prediletos das correntes migratórias, que, a falta de habitações e de meios para adquiri-las, se foram fixando nas áreas próximas ao Plano Piloto, formando favelas por vezes mais populosas que a maioria das cidades brasileiras. Uma delas é a do IAPI.

Esta invasão é uma séria e permanente ameaça a toda a estrutura urbanística e arquitetônica da cidade, quiçá a sua própria sobrevivência, pois constitui a principal fonte de poluição do Lago

Paranoá, já que os detritos de 80 mil pessoas nêle desembocam através do Vicente Pires. Os perigos da poluição são hoje objeto de estudos por parte de Governos como os da Grã-Bretanha, Estados Unidos e Japão, e de organismos mundiais como a ONU, uma vez que se tornaram em risco sério e constante para a saúde e para a vida humana. O Lago Paranoá corre o perigo da poluição. Dela já mesmo começa a padecer. Como o agravamento do problema poderia tornar a cidade praticamente inabitável, o Governo estabeleceu planos e adotou medidas para eliminá-lo, a curto, médio e longo prazos.

A primeira medida é a retirada da Invasão do IAPI. Desaparecendo a principal fonte alimentadora de águas poluídas, desaparece grande parte do problema. Daí o desafio do Governador Prates da Silveira que, ao tempo do lançamento, a muitos pareceu por demais ousado. Daí a pressa com que têm sido adotadas as providências para a rápida transferência dos moradores do IAPI. É de se notar que a demarcação dos quase 18 mil lotes, ontem concluída, foi antecipada em quatro meses.

O fato é tanto mais auspicioso quanto vem reafirmar as condições da NOVACAP, a quem foi cometida a tarefa, de cumprir sua missão com um grau de eficiência difícil de ser igualado. Na verdade, não só o prazo foi substancialmente

encurtado como o preço do serviço reduzido. Posta mais uma vez à prova, a NOVACAP fêz jus ao conceito que adquiriu desde os trabalhosos tempos da construção da cidade, como a reclamar dos órgãos públicos federais, que necessitam de obras para a sua transferência, maior atenção para a sua estrutura, para o seu equipamento humano e material.

A Ceilândia não é, entretanto, obra da NOVACAP ou de qualquer outro órgão, tomado isoladamente. Embora mais diretamente afeta à Secretaria dos Serviços Sociais, que tem coordenado e superintendido os serviços, ela é fruto da conjugação de esforços governamental. A presença de todo o secretariado na solenidade que assinalou o término de demarcação dos lotes traduz um espírito de integração administrativa. Se a determinada Secretaria ou órgão da administração indireta compete o financiamento, a outro cabe fornecer energia, a outro água e esgotos, a um quarto o arruamento, a um quinto a urbanização, a um sexto a implantação de escolas e assim por diante. Praticamente todo o Governo

participa da tarefa, coordenado e sincronizado, de modo a concluí-la com o máximo de perfeição e no menor prazo possível.

Até a espôsa do Governador se inseriu na tarefa, lançando a Campanha de Erradicação das Favelas - CEI, que tanto êxito vem obtendo e que deu origem ao nome já consagrado de Ceilândia. A assistência que a senhora Vera Prates da Silveira vem prestando aos moradores das invasões completa a obra que o Governador se propôs realizar, no sentido de em futuro próximo lhes proporcionar melhores condições de habitabilidade e de confôrto.

É claro que a preocupação do Governador não é tão-somente a situação dos moradores das invasões. Ele vê o problema em conjunto e que afeta a tôda a cidade. Removendo o IAPI, eliminando a favela e estabelecendo as condições para o surgimento de uma cidade, o sr. Prates da Silveira encontra solução para um dos problemas crônicos e mais graves de Brasília.

Correio Braziliense, 3 de março de 1971 (Edição 03442)

Visto, lido e ouvido (Ary Cunha)

AS INVASÕES E A CEILÂNDIA -
 No dia em que uma cidade brasileira erradicar as favelas, todo o mundo pobre do Brasil inteiro vai morar lá. Isto é axiomático, mas nem por isto se deve deixar que os pobres vivam do jeito que ninguém pode viver. E foi com este sentimento que nasceu a Ceilândia. No Oriente, quando o Papa foi visitar um país, o seu governo mandou levantar um tapume para Sua Santidade não ver a miséria. Aqui, as tábuas dêsse tapume são utilizadas para melhorar as condições de vida dos pobres. E é assim que é humano.

Outro dia, sobrevoando Brasília, o dr. Juscelino Kubitschek ficou horrorizado com a invasão do IAPI, e sorriu quando soube da CEI.

Ontem à tarde, fui ver o loteamento. Não se pode dizer que é o ideal em matéria de urbanismo, porque avenidas de pistas duplas se cruzam. Mas também, quem vai querer primor de urbanismos, se o ideal é ter o mínimo indispensável para habitar com sua família.

As avenidas e ruas estão tôdas demarcadas, abertas, e falta, agora, construir. Não se pode esperar que uma população que vive com o salário-mínimo tenha condições de construir sua casa, mas pelo menos o seu

barraco ficará dentro de um lote, que lhe valerá como fixação ao solo. Muito dinheiro já foi arrecadado para ajudar aos mais pobres, e só o senso de habitação em comunidade serve para tirar do resto de todos a humilhação de, ao ser pedido seu endereço, citar uma invasão.

Cada um com seu barraco, receberá instruções de como mantê-lo, conservá-lo, preparar seu jardim, sua horta. As crianças terão escolas, que já estão sendo construídas.

Está se preparando terreno para a constituição de uma comunidade onde cada um tenha sua moradia fixa, embora humilde, e viva na cidade como uma célula do seu progresso, e não um marginal à espera de uma oportunidade.

Fiquei entusiasmado ao ver o que está se plantando, e louvo o trabalho de dona Vera de Almeida Silveira como uma obra que ligará a administração do seu marido ao que a população tem de mais caro, que é o sentido de comunidade, onde a felicidade de ninguém se empane pela dor da pobreza que existe ao lado.

Correio Braziliense, 3 de março de 1971 (Edição 03442)

CEILÂNDIA RECEBE VISITANTES

A Ceilândia já está com um movimento intenso. É que diariamente centenas de moradores das invasões são vistos visitando o local em que breve lhes será destinado. A satisfação por parte dos futuros moradores da Ceilândia é geral e muitos não cabem em

sí de contentamento, ansiosos por chegar o dia da mudança.

Correio Braziliense, 10 de março de 1971 (Edição 03448)

Remoção para a Ceilândia começa no próximo sábado

Os primeiros moradores da Vila do IAPI serão removidos para a Ceilândia a partir do próximo sábado, com os trabalhos de remoção presididos pelo governador Prates da Silveira, segundo informa o serviço de Imprensa do GDF. Na ocasião, haverá culto ecumênico com a participação de todas as igrejas removidas para aquele local. No momento, a CAESB está implantando rês provisórias de água para atendimento das necessidades mínimas da população e também as escolas-classe em número de seis, arruamento, pavimentação dos eixos principais e demarcação dos lotes. A Secretaria de Saúde prossegue com a vacinação das famílias a serem removidas, enquanto a Secretaria de Segurança já realizou uma "blitz", em pleo dia, para

apreender armas e deter elementos suspeitos. As famílias receberão uma guia de transferência, para se instalarem definitivamente em seu lote na Ceilândia. Desmontado o barraco e transportado para a nova área, o morador se dirigirá ao pôsto do Serviço Social que, baseado em sua situação sócio-econômica, indicará o tipo de lote que lhe cabe. A Campanha de Erradicação das Invasões, presidida pela primeira dama da cidade, dona Vera de Almeida Silveira, ajudará a consolidar as famílias no nôvo local, com ajuda material e orientação sociológica.

Correio Braziliense, 25 de março de 1971 (Edição 03461)

Ceilândia recebe as primeiras famílias



As primeiras famílias estão instaladas em barracos na Ceilândia, próximo a

Taguatinga, onde forma recepcionadas ontem de manhã com um culto em Ação de Graças, com a participação de igrejas de vários credos religiosos.

O culto foi assistido pelo governador Hélio Prates da Silveira e senhora e pelo secretário do Distrito Federal, membros das igrejas e por moradores da Vila do IAPI transportados para o local em ônibus especiais da TCB.

Ao som do Hino de Brasília executado pela Banda do Corpo de Bombeiros e saudado por um grupo de escoteiros da própria Invasão do IAPI, o governador subiu ao palanque armado na Ceilândia, próximo à única casa edificada no local, onde se concentraram membros das igrejas protestantes, que se instalarão no novo núcleo habitacional.

Do Culto participaram igrejas de quatro credos, exceto a Igreja Católica, com orações, cânticos e mensagens de boas-vindas às primeiras famílias que se deslocam para a Ceilândia. O primeiro a falar foi o pastor Joel Braga, da 2ª Igreja Batista, em ação de graças pela instalação da nova cidade. O coral da 1ª Igreja Batista cantou hinos religiosos, tendo falado ainda o pastor Sebastiao Moreira, da Igreja Presbiteriana Independente, em mensagem aos moradores e às autoridades, ouvida com dificuldade em virtude de defeito no serviço de som.

Na solenidade falaram ainda D. Vera Prates da Silveira, presidente da Campanha de Erradicação de Invasões, e o secretário de Serviços Sociais do Distrito Federal, Otomar Lopes Cardoso, que ressaltaram a importância da remoção das invasões de Brasília para a nova área onde os moradores disporão de melhores condições de vida, inclusive com perspectivas, em futuro, de construção de casa própria de acordo com os programas sociais em projeto.

Ao final, foi feita uma oração apostólica pelo pastor David Sanders, da Igreja de Cristo de Brasília, enquanto chegava à Ceilândia mais uma caravana de cinco caminhões transportando as famílias removidas.

O esquema para a remoção das famílias prevê inicialmente uma média de 20 barracos por dia, que será gradativamente aumentado até alcançar 90 barracos diários. As famílias são avisadas com antecedência e uma equipe de assistentes sociais estuda os casos sociais, enquanto uma ambulância da Fundação Hospitalar permanece junto aos trabalhos de remoção para qualquer emergência, junto com uma equipe da Secretaria de Segurança Pública e da Polícia Militar.

Correio Braziliense, 28 de março de 1971 (Edição 03464)

LIDO, VISTO E OUVIDO (Ari Cunha)

CEI... LÁ! - Tenho acompanhado a parte filosófica da Campanha de Erradicação de Invasões, e por diversas vezes me manifestei admirando o desprendimento da primeira dama dona Vera Prates da Silveira e um grupo de colaboradores. Cheguei a ficar emocionado na solenidade da demarcação do último lote, sôbre o que aquilo representaria para uma população que ao dar o endereço indica a palavra "Invasão".

Ontem, assisti à chegada dos primeiros moradores. Triturou-me o coração ver uma banda de polícia distraindo a garotada inocente transportada em ônibus do Governo para bater palmas. Ver os caminhões com restos de barracos feitos de **fatias** de Eucatex na exibição de uma miséria grotesca, aos olhos de autoridades.

Até hoje não foi feita concorrência para o tipo de casa mínima a ser financiada, e já começou a mudar os barracos. Sairão, é certo, das vistas dos turistas que chegam de automóvel. Sairão do caminho da Granja presidencial. Mas continuará a miséria em barracos apodrecidos, porque o planejamento deficiente transferiu os moradores sem

lhes financiar casas. Apenas duas estão expostas, como amostras, mas nem se sabe, sequer, se serão elas as vencedoras da concorrência a ser feita para financiamento por bancos governamentais.

Lembro da pressa da transferência da Cidade Livre, e do seu fracasso que ainda hoje dá dores de cabeça ao Governo. E a solução definitiva só se pode dar quando o cel. Hélio Prates da Silveira arregaçou as mangas e impôs pé firme.

Agora, o pé firme numa transferência compulsória poderá aumentar ainda mais a miséria, e é isto que não queremos ver aumentada em Brasília.

Que Deus ouça as preces que os pastores entoaram ontem na solenidade da chegada dos primeiros moradores. E com fervor é isto que desejamos.

[...]

Correio Braziliense, 28 de março de 1971 (Edição 03464)

EDITORIAL

IDÉIA E EXECUÇÃO

Temos emprestado apoio ao plano governamental de erradicação das favelas, desafio que o Governador Prates da Silveira aceitou, ao constatar as anomalias, de tódia a ordem e natureza, decorrentes de sua implantação. A dignidade da pessoa humana, ferida pela falta de condições de sobrevivência digna; a localização dentro do anel sanitário, gerando perigos poluitivos e epidêmicos para tódia a população da cidade; o respeito aos princípios urbanísticos que regem esta cidade desde seus primórdios - são alguns dos muitos itens que fundamentam a iniciativa governamental e sua inclusão no rol das prioridades.

O aspecto humano, mais que o aspecto administrativo, sensibilizou a cidade, que se engajou na campanha liderada, com alma e coração, pela senhora Vera de Almeida Silveira.

A perspectiva de uma mudança para melhor entusiasmou, igualmente, os 80 mil habitantes da Invasão do IAPI. Água, energia elétrica, serviço de transportes urbanos, boas escolas, e a possibilidade de adquirir um lote a preço módico e a longo prazo, assim como a viabilidade de construir uma casa de alvenaria, com financiamento da Caixa Econômica, mediante o sistema de ajuda mútua (mutirão), criaram entre os moradores do

IAPI um clima de euforia e de esperança.

Houve, no entanto, uma certa precipitação na mudança. Melhor diríamos que ela começou a ser feita com flagrante desorganização. Desmantelaram-se os barracos na Vila do IAPI para serem remontados na Ceilândia. Tábuas apodrecidas e velhas e móveis da mesma idade e similar condição foram jogados dos caminhões, ao tempo, juntamente com seus modestos donos.

Por azarenta coincidência, choveu. Em finos fios de água, primeiro, em grossas cordas, depois. O temporal desabou de noite com violência, colhendo, pessoas e trastes, desprevenidos. E o que era festa virou melancolia.

Tudo sofreu planejamento, exceto a mudança propriamente dita. Talvez um barracão provisório, de dimensões adequadas, capaz de abrigar provisoriamente o pessoal escalonado para a transferência, aliviasse a situação e estabelecesse um mais adequado ordenamento no processo.

A mera transferência de barracos dá, outrossim, a idéia da mudança da invasão de um para outro local. É certo que o nôvo núcleo populacional que começou a ser formado oferece condições infra-estruturais inexistentes na Vila do IAPI. Mas não lhe retira o aspecto de

favela, embora de uma favela arrumada, loteada. E por muito tempo assim permanecerá.

É claro que o problema não é de fácil solução. Nem os defeitos apontados invalidam o programa governamental ou a campanha dele decorrente. Não se pode ignorar, ainda, o trabalho desenvolvido para se encontrar uma solução para o problema, que apresenta facetas de sua gravidade. Houve, inclusive, o cuidado de se ordenar o replanejamento da cidade-satélite de Taguatinga, da qual a Ceilândia passa a ser uma espécie de bairro, quase lhe dobrando a população.

Como o processo de transferência está no início, falhas e defeitos podem ser corrigidos, evitados ou minimizados. Quem esperou até agora, pode esperar mais uns dias, mais uns tempos.

Talvez se esteja exigindo demais. Mas a campanha alcançou tão grande ressonância, que se esperava um "happy end" mais perfeito, mais feliz, e não o desprezo dado aos pioneiros da mudança.

Correio Braziliense, 30 de março de 1971 (Edição 03465)

Correio Braziliense, 4 de abril de 1971 (Edição 03470)

Leia aqui o módulo III

A CEILÂNDIA é a realidade! A famigerada "invasão do LAPI" vai ficando na poeira do tempo... A transformação, processada em ambiente festivo, veio provar que o atual Governador do Distrito Federal está levando a sério o problema de eliminação das favelas que tanto deturpam a belíssima paisagem brasiliense.

Como se constrói dignidade humana

IAPI X CEILÂNDIA

Promiscuidade. Lama. Crimes. Crianças sujas. Crianças descalças. Crianças sem escola. Sem pósto de saúde. Sem recreação. Falta de segurança. De água. De luz. De esgoto. De hospital. De espaço vital. Miséria. Em poucas palavras, eis o retrato das chamadas "invasões", sobretudo da maior delas, a Invasão do IAPI.

Não só para os turistas as favelas do Distrito Federal constituem surpresa. Há muita gente que mora aqui e não conhece toda a extensão da miséria das invasões. Para grande parte da população, a Invasão do IAPI não passa de uma paisagem feia a entrada da mais bela Capital do mundo, um amontoado de barracos à margem do Plano Piloto, uma coisa mais ou menos incômoda para se dar explicações a respeito.

Mas, para as autoridades, para o Governo do DF, a Invasão do IAPI (e quando se fala aqui em Invasão do IAPI inclui-se a ideia de todas as favelas de Brasília), e muito mais: são pessoas humanas vivendo em condições subumanas e que merecem coisa melhor; e mão-de-obra preciosa; necessitando de mercado de trabalho; e falta de vagas nas escolas; precisando ser suprida; são barracos infectos e amontoados que precisam ser melhorados; e poluição, que necessita ser combatida através de obras de infra-estrutura. E, sobretudo, e principalmente, uma população de mais de cem mil pessoas lançando detritos "in natura" dentro do Lago Paranoá e ameaçando a própria subsistência da cidade.

Como se constrói dignidade humana

IAPI X CEILÂNDIA

A perspectiva. A esperança. A colocação de metas. Escolas definitivas. Respeito a dignidade humana. Áreas demarcadas. Crescimento planejado

AMENÇA

Não se pode ignorar a situação de miséria das invasões de favelas e a falta de perspectivas para o futuro. A situação de miséria das invasões de favelas e a falta de perspectivas para o futuro. A situação de miséria das invasões de favelas e a falta de perspectivas para o futuro. A situação de miséria das invasões de favelas e a falta de perspectivas para o futuro.

AMENÇA

Não se pode ignorar a situação de miséria das invasões de favelas e a falta de perspectivas para o futuro. A situação de miséria das invasões de favelas e a falta de perspectivas para o futuro. A situação de miséria das invasões de favelas e a falta de perspectivas para o futuro.

Promiscuidade. Lama. Poluição. Ausência de perspectivas. Escolas de Emergência. Subcondições. Crescimento desordenado e desumano

Promiscuidade. Lama. Crimes. crianças sujas. Crianças descalças. Crianças sem escola. Sem pôsto de saúde. Sem recreação. Falta de segurança. De água. De luz. De esgôto. De hospital. De espaço vital. Miséria. Em poucas pinceladas, eis o retrato das chamadas "invasões", sobretudo da maior delas, a Invasão do IAPI.

Não só para os turistas a favelas do Distrito Federal constituem surpresa. Há muita gente que mora aqui e não conhece tôda a extensão da miséria das invasões. Para grande parte da população, a Invasão do IAPI não passa de uma paisagem feia a entrada da mais bela Capital do mundo, um amontoado de barracos à margem do Plano Pilôto, uma cisa mais ou menos incômoda para se dar explicações a respeito.

Mas, para as autoridades, para o Governo do DF, a Invasão do IAPI (e quando se fala aqui em Invasão do IAPI inclui-se a idéia de tôdas as favelas de Brasília), é muito mais: são pessoas humanas vivendo em condições subumanas e que merecem coisa melhor; é mão-de-obra ociosa; necessitando de mercado de trabalho; é falta de vagas nas escolas, precisando ser suprida; são barracos infectos e amontoados que precisam ser melhorados; é poluição, que necessita ser combatida através de obras de infra-estrutura. E sobretudo, e principalmente, uma população de mais de cem mil pessoas lançando dejetos "in natura" dentro do Lago Paranoá e ameaçando a própria subsistência da cidade.

O DESAFIO

Quando a atual administração iniciou suas atividades, um grande desafio lhe foi lançado: solucionar o problema das Invasões. Tarefa complexa e cheia de óbices, mesmo assim foi acatada. Desafio lançado, desafio aceito. Tendo a coordenação da Secretaria dos Serviços Sociais e como participantes tôda a estrutura administrativa, o Governo local arregaçou as mangas e começou a luta, animado por dois princípios fundamentais: dar melhores condições de vida a população favelada e livrar o Distrito Federal dos perigos da poluição num futuro que não estava muito distante.

Os assistentes sociais partiram para o campo da batalha. Levantamento da população favelada. Levantamento sócio-econômico. Zoneamento das áreas de invasões. Planejamento da mudança. Estudo de novo local e condições de ocupação.

Paralela a todas essas medidas, uma campanha, liderada pela Primeira Dama do DF, nasceu, tomou corpo e conquistou a cidade: a CEI, Campanha de Erradicação de Invasões, visando tôda a comunidade na obra governamental de dar aos menos favorecidos melhores condições de vida. Trabalhando em conjunto com a Secretaria de Serviços Sociais, as voluntárias da CEI lançaram-se também à difícil tarefa de esclarecer a população sobre os motivos da transferência da Invasão do IAPI: dar aos favelados condições humanas de vida e perspectiva para o

futuro. Assim cada morador receberia, em local determinado um lote de 10 metros por 25, com possibilidade de construir sua casa própria, ou através do convênio que foi firmado entre o Governo alertava a cidade sobre os perigos que aquela população, colocada dentro do anel sanitário do Distrito Federal, representava para a saúde dela própria e de todo o resto. Pois, não possuindo a Invasão absolutamente nada em matéria de infra-estrutura, todos os seus detritos são jogados no córrego Vicente Pires, um dos mananciais que desaguam no Lago Paranoa. O lançamento de dejetos e águas servidas dentro do lago é uma ameaça gravíssima à subsistência mesma do Lago, uma vez que, após a poluição das águas passaria uma série de problemas que, se não atacados pela base, culminariam com um fenômeno já conhecido de algumas massas d'água que circundavam locais de alto índice de poluição (os Estados Unidos já têm exemplos neste sentido, não só com lagos como também com um rio) a eutroficação. Para se ter melhor idéia do que é a eutroficação de um lago, basta citar algumas consequências do fenômeno: modificação progressiva da cor natural das águas; perda crescente da transparências da massa líquida; possibilidade de morte maciça das espécies mais delicadas de algas, em virtude de uma súbita modificação das condições ecológicas, daí podendo resultar maus odores e a exaustão do oxigênio dissolvido, o que, por sua vez, pode dar origem a mortandade de peixes; densa invasão da

superfície do lago, pela vegetação aquática, principalmente algas, impedindo a prática de qualquer esporte.

A MUDANÇA

Sob as profecias agourentas de muitos, debaixo da incredulidade de outros e ainda pressionado por aqueles que não alcançavam as verdadeiras finalidades da iniciativa, o Governo começou a mudança da população favelada para um local previamente preparado para recebê-la: com serviços de infra-estrutura, fora do anel sanitário da cidade e em condições de propiciar aquela gente formas condignas de subsistência.

Surgiu a CEILÂNDIA, nas proximidades de Taguatinga, a "nova cidade-satélite", no dizer de muitos, para onde já se transferiram até o momento 15 mil pessoas em 80 dias de trabalho. Através de duas frentes de trabalho, que reúne seis assistentes sociais e algumas dezenas de auxiliares de campo, estão sendo mudadas quarenta famílias por dia para a Ceilândia.

Sem se levar em conta que, com a mudança daquela população de mais de oitenta mil pessoas, estará a Administração preservando Brasília de um dos males da atualidade - a poluição - há que se considerar sobretudo o lado humano do problema. Não que a Ceilândia seja a "terra prometida" - onde corre leite e mel. Mas, basta que se façam ligeiras comparações entre as condições de vida da Invasão do IAPI e as da CEILÂNDIA para que se

constate, sem nenhum esforço, as melhorias alcançadas.

ANTES E DEPOIS

A Invasão do IAPI sempre constou das crônicas diárias da imprensa por acusar recordes negativos menor consumo de água "per capita" do Distrito Federal; nenhum centímetro de esgotos sanitários; nenhum centímetro de galerias de águas pluviais potáveis, etc.; mais alto índice de criminalidade do DF, nenhuma escola, e etc, e etc.

Claro está que o simples fato de se transferir a população não significará o remédio milagroso a todos aqueles males. Mas, se se pensar, por exemplo, que, enquanto na Invasão do IAPI, cada pessoa dispunha de apenas a (cinco) litros d'água diários para seu abastecimento, e que na Ceilândia aquela cota subiu para cinquenta (50) litros, ou seja, dez vezes mais, já é alguma coisa. As ruas tortuosas e mal cheirosas da Invasão foram substituídas por um traçado planejado, de acordo com os princípios básicos de urbanismo.

Ao chão enlameado do IAPI corresponde agora a encascalhamento de todas as ruas e mais 12 (doze) quilômetros de asfalto feitos pelo DVO da Novacap, até o momento; barracos miseráveis que se chamavam de escolas estão sendo substituídos por prédios de alvenaria, modernos, com amplas salas de aula da Secretaria de Educação, que em nada deixam a desejar aos do Plano Piloto. Na Ceilândia, já estão construídas seis (6) escolas primárias, com dez

salas de aula cada, e um ginásio que entrará em funcionamento no próximo mês de agosto. A falta d'água crônica (caminhões pipas e que auxiliavam no abastecimento do IAPI) foi eliminada na Ceilândia, onde os lotes residenciais são servidos, de 50 em 50 metros por torneiras públicas. (Existe, entretanto, já implantada, a rede de água geral para as futuras ligações particulares). Aos esgotos atravessando a via pública do IAPI, a Ceilândia responde com a implantação de uma rede definitiva, segundo os preceitos sanitários e, de imediato, com a construção de fossas sépticas executadas sob orientação.

Na Invasão do IAPI não havia iluminação pública. Na Ceilândia já existe e, para aqueles que não dispõem de recursos suficientes para proceder a instalação da energia em sua própria casa, o Banco Regional de Brasília, através da Carteira de Crédito social, propicia o financiamento.

E no setor de abastecimento, há um Mercado Volante da SAB para servir aos moradores.

Quanto às condições de moradia, um dos aspectos mais controvertidos da questão, pode-se dizer que na Ceilândia, também neste setor houve grande melhoria. Muita gente diz que não há nenhuma vantagem de se fazer apenas a transferência do barraco, e que o Governo deveria dar casas aos favelados. A realidade porém aponta outro caminho. A própria filosofia de valorização da capacidade humana desaconselha

o processo paternalista. Todo homem, por mais miserável que seja, pode dar alguma coisa de si mesmo. Menosprezar essa capacidade é desprezar um dos atributos mais inalienáveis do ser humano. O Governo, realmente, não dará casas aos favelados. Mas, lhe dará tôdas as condições possíveis para que cada um construa sua casa própria: financiamentos a longo prazo, incentivos a ajuda mútua, orientação técnica e assistência jurídica. Só o fato de se saber dono do seu pedaço de terra, servido das condições básicas de urbanização, é motivo suficiente para que lute com a finalidade de possuir sua própria habitação.

O que se vê hoje na Ceilândia dá para se traçar um quadro realista do que será dentro de pouco tempo: uma nova e verdadeira cidade-satélite, ordeira, dinâmica, e sobretudo, uma comunidade humana, vivendo em condições modestas, porém, à altura da pessoa humana. Seria, também, uma lição de vida, e bem poderia, como as cidades antigas, possuir um frontispício onde se escrevesse: "como se constrói dignidade humana".

Correio Braziliense, 13 de junho de 1971 (Edição 03528)

Ceilândia - uma nova concepção de vida

Durante algum tempo, a criação da Ceilândia foi motivo de controvérsia. A maioria dos moradores de Taguatinga, quando solicitava a dar opinião, era contra a colocação daquele núcleo habitacional dentro dos limites da Cidade, alegando motivos vários.

Nascida praticamente como nova cidade-satélite, a Ceilândia na realidade, não passa de uma continuação de Taguatinga, pois está localizada nas QNL, QNM, QNN, quadras dentro do perímetro da cidade. Quanto muito, a Ceilândia, como nova unidade habitacional, é um bairro de Taguatinga.

A Ceilândia está localizada na parte norte desta cidade-satélite. Foi criada para solucionar o problema das favelas do Distrito Federal, assunto que nem um administrador da Capital da República conseguiu resolver. Mas precisamente, para acabar definitivamente com as tristemente famosas invasões da vila do IAPI, Vila Tenório e Morro do Urubu, cuja existência era um foco de poluição de toda Brasília, por se encontrar dentro da faixa de segurança sanitária da Capital da República.

A população que ali vivia não tinha qualquer condição de sobrevivência, constituindo-se um grupo marginalizado. O local, sem possibilidade de receber infra-estrutura, era um amontoado de barracos, que não dispunham do menor requisito de higiene. As crianças viviam em

horrível promiscuidade, sem as mínimas condições para estudar.

As famílias, humildes e trabalhadoras, viviam em sobressalto, pois o local foi escolhido para esconderijo de elementos marginalizados da sociedade, muitos deles criminosos, que punham em perigo a segurança de todos. Para o trabalhador, era uma temeridade alcançar seu barraco, após um dia de intenso trabalho. Os assaltos se sucediam, sem que as autoridades pudessem, devido à dificuldade de locomoção no local, garantir a tranquilidade daquelas famílias.

Agora está tudo mudado. O local destinado à Ceilândia foi devidamente preparado para receber os transferidos da Invasão do IAPI.

O traçado do novo núcleo habitacional obedeceu às normas com ruas retas e os lotes devidamente marcados.

A Secretaria de Serviços Sociais fez o levantamento cadastral de todas as famílias em transferência, expurgando os maus elementos. De modo que quem mora na Ceilândia tem que ser trabalhador mesmo.

E hoje já se pode ver a alegria dos que ali moram, tranquilos, trabalhando em novas condições, preparando-se para uma nova vida.

Seus filhos dispõem de seis escolas-classe. Dentro dos próximos dias, deverá estar inaugurado o Ginásio, construído dentro das mais

modestas concepções para um estabelecimento desse tipo.

Há um Posto de Saúde, para atendimento da população.

No momento, a Companhia de Eletricidade de Brasília está procedendo à implantação de postes de cimento, para iluminar ruas e residências.

E há farta condução para todos, com linhas de ônibus diretas para o Plano Pilôto.

VÁ CONHECER A CEILÂNDIA

Vale a pena conhecer a Ceilândia. Dentro de muito pouco tempo, estará transformada numa grande cidade. O GDF instituiu um sistema de crédito orientado, com tôdas as facilidades, para que os moradores possam, dentro

de pouco tempo, transformar seus barracos em casa de alvenaria, oferecendo-lhes condições humanas de vida.

Nota-se, já, nos moradores, a mudança de hábitos. Mesmo os barracos transferidos, antes infectos, hoje são reerguidos com certas melhorias, verificando-se que agora todos têm confiança no futuro.

Por isto tudo, vale a pena visitar a Ceilândia. E ver como, com trabalho e muita humanidade, encontrou-se a solução para um dos mais angustiantes problemas da Capital da República.

Correio Braziliense, 18 de agosto de 1971 (Edição 03584)

ANEXO J – REPORTAGENS CB (2016)

1.	12 crianças esperam por cirurgias cardiopediátricas no DF
2.	1.072 escolas e institutos federais estão ocupados, diz a Ubes
3.	Acidente entre Brazlândia e Ceilândia mata pai e crianças de 7 e 4 anos
4.	Adolescente atropela mulher e motociclistas do Samu em Ceilândia
5.	Adolescente é apreendido pela 10ª vez em Ceilândia; agora, por tráfico
6.	Assaltante é preso em Ceilândia após roubar ônibus
7.	Bando explode caixas eletrônicos do BRB e levam dinheiro de equipamento
8.	Bando tenta queimar embalagens de drogas e acaba preso em Ceilândia
9.	Bombeiros combatem fogo em apartamento na Ceilândia Sul
10.	Bombeiros combatem incêndio em residência no Sol Nascente
11.	Caesb reduz pressão de água em áreas do DF para amenizar crise hídrica
12.	Casa do Cantador homenageia população nordestina da cidade
13.	Casa pega fogo em Ceilândia na noite de sábado
14.	Casal é encontrado morto dentro de casa; Polícia Civil investiga o caso
15.	Caxumba faz quase 2 mil vítimas no DF; Ceilândia concentra 40,3% dos casos
16.	Ceilândia celebra aniversário de 45 anos; confira a programação
17.	Ceilândia: Posto Comunitário de Segurança é incendiado na madrugada
18.	Cem pessoas agredem homem que tentava cometer assaltos em Ceilândia
19.	Chuva derruba teto de escola em Ceilândia e alaga outra, em Águas Lindas
20.	Colisão entre caminhão e ônibus deixa ao menos 18 feridos
21.	Concurso identifica problemas ambientais na comunidade escolar
22.	Conheça histórias de moradores do Sol Nascente, na Ceilândia
23.	Conheça Samantha, a menina da Ceilândia símbolo de nova campanha da ONU
24.	Dançarinos da cidade contam o que é preciso para se tornar um bboy ou bgirl
25.	DF ocupa posição crítica em programas de assistência básica de Saúde
26.	DF registrou 13 feminicídios e 19 homicídios contra mulheres este ano
27.	DF registrou mais de 300 casos de estupro no primeiro semestre de 2016
28.	Distrito Federal registra 285 casos de tuberculose somente em 2016
29.	Dois homens são presos com R\$ 2,3 mil em notas falsas em Ceilândia
30.	Dupla é capturada no DF com arma avaliada em mais de R\$ 20 mil
31.	Dupla que vendia diplomas escolares falsos é presa em Ceilândia
32.	Durante perseguição policial, traficante para linha do metrô em Ceilândia
33.	Economia forçada de água no DF começa a partir desta quarta
34.	Em Ceilândia, portão de delegacia cai em cima de policial civil
35.	Em tempos de crise hídrica, vazamento de água intriga moradores de Ceilândia
36.	Escola Técnica de Ceilândia oferece 920 vagas para cursos gratuitos
37.	Escola técnica de Ceilândia recebe inscrições para 13 cursos de formação
38.	Estudante de 15 anos é encontrada morta em cachoeira
39.	Estudantes de Ceilândia vendem latinhas para ajudar asilo de Taguatinga
40.	Estudantes ocupam a terceira escola nesta terça-feira, em Ceilândia
41.	Evento coloca Ceilândia no mapa do breaking nacional
42.	Explosão de caixas eletrônicos destrói agência bancária em Ceilândia
43.	Exposição fotográfica comemora aniversário da Ceilândia
44.	Família denuncia presença de larvas em aparelho de hospital público
45.	Família procura empresário desaparecido desde quinta-feira (10)
46.	Familiares procuram idoso desaparecido em Ceilândia no último domingo
47.	Farmácias de Alto Custo ficarão fechadas por dois dias nesta semana
48.	Fugitivos de presídio em Goiás são recapturados pela polícia em Ceilândia
49.	Gente da cidade: Conheça o músico da Ceilândia Sérgio Pereira

50.	Governo fará mudanças na Escola Parque a partir do próximo ano
51.	Grupo depreda instalações de estação do metrô em Ceilândia Sul
52.	Grupo que clonava veículos para vários criminosos acaba preso
53.	Homem assassina a esposa e tenta se matar em seguida
54.	Homem bate o carro em Ceilândia após ser baleado
55.	Homem com 15 passagens é preso mais uma vez em Ceilândia
56.	Homem é preso acusado de abusar da enteada em Ceilândia
57.	Homem é preso após ameaçar pessoas com espingarda em Ceilândia
58.	Homem é preso com 13 pássaros silvestres em gaiolas, em Ceilândia
59.	Homem é preso com 15 mil comprimidos de roupinol e com cocaína em Ceilândia
60.	Homem que cumpria domiciliar por tráfico e corrupção de menor é assassinado
61.	Homem que ficou 13 anos na cadeia foi preso em ponto de droga em Ceilândia
62.	Idoso preso em Ceilândia tem mandados por estupro, roubo e estelionato
63.	Incêndio atinge residência em Ceilândia Sul, mas ninguém fica ferido
64.	Incêndio na UPA de Ceilândia deixa quatro feridos e pacientes são retirados
65.	Instituições de ensino oferecem tratamento psicológico a três mil pessoas
66.	Irmãos são encontrados carbonizados dentro de casa em Ceilândia
67.	Jovem de 16 anos morre durante tiroteio na Feira do Rolo, em Ceilândia
68.	Jovem de Expressão terá programação especial no Mês da Consciência Negra
69.	Justiça determina prisão preventiva de estuprador de jovem em Ceilândia
70.	Leitura labial ajuda PM de Unai a salvar jovem sequestrada pelo namorado
71.	Líder da Igreja Ortodoxa desembarca em Brasília para uma série de visitas
72.	Medida que reduz pressão da água começa nesta quarta-feira, por Ceilândia
73.	Moradores da Ceilândia detém adolescentes durante tentativa de assalto
74.	Motorista de 38 anos perde controle do carro e bate em poste em Ceilândia
75.	Motorista de ônibus é preso em terminal de Ceilândia por 24 estupros
76.	Motorista embriagado causa atropelamento em Ceilândia Sul
77.	Mulher é internada em estado grave após marido atear fogo nela e na amiga
78.	Mulher é presa acusada de matar marido a facadas e pauladas, em Ceilândia
79.	Mulher perde bebê depois de ser liberada no Hospital Regional de Ceilândia
80.	Mulher tenta socorro no Hospital de Ceilândia e é agredida por seguranças
81.	Na Guariroba, Abadião marca lembranças do início do Ceilândia Esporte Clube
82.	No cotidiano das periferias do DF, a poesia encontra espaço
83.	Nove jovens ficam feridos após colisão em Ceilândia Norte
84.	Ônibus pega fogo em Ceilândia e polícia investiga o incêndio
85.	Operação contra transporte pirata autua veículos em Taguatinga e Ceilândia
86.	Padre citado na Lava-Jato constrói maior complexo religioso do Centro-Oeste
87.	Pela primeira vez na história, Barragem do Descoberto fica abaixo de 30%
88.	Pistola de fabricação tcheca é apreendida em Ceilândia
89.	PM apreende adolescente e prende três adultos por furto em Ceilândia
90.	PM apreende pássaros silvestres em casa em Ceilândia
91.	PM baleado na cabeça continua internado em estado grave no Hospital de Base
92.	PM baleado na cabeça passa por cirurgia, mas estado de saúde é gravíssimo
93.	PM prende suspeito de matar adolescente na Feira de Ceilândia
94.	PM se fere em troca de tiros com criminosos em Ceilândia
95.	Polícia aponta hipótese de casal morto na Ceilândia ter combinado homicídio
96.	Polícia apreende adolescente após roubos em Ceilândia
97.	Polícia Civil deflagra operação na Feira do Rolo, em Ceilândia
98.	Polícia Civil desarticula quadrilha responsável por distribuição de drogas
99.	Polícia Civil prende 12 em Ceilândia; crimes vão de homicídio a roubo
100.	Polícia Civil prende um dos maiores fornecedores de cocaína da Ceilândia
101.	Polícia investiga mãe e pastora que torturaram criança de 7 anos

102.	Polícia Militar apreende armamento de uso restrito em Ceilândia
103.	Polícia Militar apreende canários usados para rinha, em Ceilândia
104.	Polícia Militar prende dois traficantes em Ceilândia
105.	Polícia Militar recupera carga e veículo roubados dos Correios
106.	Polícia prende detento beneficiado pelo saído de Natal com submetralhadora
107.	Polícia prende falso agente penitenciário que portava pistola
108.	Polícia prende quatro pessoas por roubos praticados em Ceilândia
109.	Polícia recupera carro de entregas dos Correios roubado em Ceilândia
110.	Policial de folga se fere ao reagir em assalto em Ceilândia
111.	Policial é baleado na cabeça durante assalto em Ceilândia
112.	Policial Militar mata ex-namorada com um tiro no peito durante discussão
113.	Policial militar reage a assalto e mata suspeito na QNN 24 em Ceilândia
114.	Por causa da greve, Metrô-DF vai funcionar em horário reduzido
115.	Princípio de incêndio força moradores a esvaziar prédio na Ceilândia Norte
116.	Procurando emprego? Agência do Trabalhador oferece 477 vagas no DF
117.	Programa de projetos sociais abre vagas gratuitas em 2017 em 5 locais do DF
118.	Quatro adolescentes foram apreendidos pela Polícia Militar na Ceilândia
119.	Referência nacional, o rapper Japão lança DVD comemorativo
120.	Residência é assaltada e bandidos levam até animal de estimação
121.	Roubos e homicídios marcam fim de semana violento no Distrito Federal
122.	Sargento da Polícia Militar reage a assalto e mata suspeito em Ceilândia
123.	Seis cidades do DF estão em alerta para a alta incidência do Aedes
124.	Série sobre solidariedade visita o Lar de São José, em Ceilândia
125.	Suposto traficante é preso com arma israelense após perseguição
126.	Suspeitos de arrombamento a cofres são presos em Ceilândia
127.	Tempestade em Samambaia: 6 mil casas continuam sem energia elétrica
128.	Trânsito sofrerá alterações em Ceilândia por causa da Parada LGBT
129.	Três adolescentes montados a cavalo são detidos por roubo de celular
130.	Três jovens são agredidos por moradores após assalto em Ceilândia
131.	Três militares do Exército são presos assaltando em Ceilândia
132.	Três pessoas ficam feridas após carro bater em poste em Ceilândia
133.	Trio é pego com carro roubado e revólver em Ceilândia Sul
134.	Ultrapassagem proibida deve ter causado acidente que matou pai e filhos
135.	Vigilante é morto com cinco tiros em frente à estação de metro no DF
136.	Vítima de feminicídio é velada na manhã desta quarta, em Taguatinga

Legenda

	Diversão/ Cultura
	Outros
	Problemas da cidade
	Sinistros
	Crimes

Reportagem_1: 12 crianças esperam por cirurgias cardiopediátricas no DF

Atualmente, apenas uma equipe atende esse tipo de paciente no Distrito Federal

postado em 29/12/2016 06:00 / atualizado em 29/12/2016 20:45

Otávio Augusto



Nicholas veio para Brasília em setembro, com o pai e a mãe, para aguardar o coração: cardiopatia grave

As cirurgias cardiopediátricas deixam famílias inteiras apreensivas com o tratamento de recém-nascidos e crianças. Na capital federal, são pelo menos 12 na fila de espera. Uma única equipe atende esse tipo de paciente na rede pública — a mesma que tratou Nicholas. Para driblar os gargalos, a Secretaria de Saúde estuda pelo menos quatro possibilidades de ampliação do serviço ainda para o primeiro semestre de 2017. Atualmente, são cerca de 18 transplantes cardíacos por mês.

Após diagnóstico de doença rara, menino consegue transplante de coração

A alternativa com mais chances de sair do papel, segundo fontes do Executivo local, é a ampliação do convênio com o Instituto de Cardiologia do Distrito Federal (ICDF) em quatro leitos — atualmente, o valor gasto com oito leitos de UTI cardiopediátrica é de R\$ 78 milhões por ano. Essa, na avaliação do governo, é a medida mais eficaz e menos trabalhosa para ampliar o serviço. A especialização da unidade médica também influencia na decisão. Esse tipo de procedimento é feito somente em quatro cidades: São Paulo, Curitiba, Fortaleza e Brasília, no Instituto de Cardiologia.

Outra medida é uma parceria com o Hospital Universitário (HUB), mas o plano está sob análise, após primeiro contato com a unidade médica. Há, também, a intenção de se manter 38 leitos no Hospital da Criança. Entretanto, eles teriam de ser divididos com outras patologias. Na rede própria, o governo quer reativar o serviço no Hospital de Base (HBDF) — lá, chegaram a ser realizadas 10 cirurgias por mês —, mas seria necessário realizar concurso para enfermeiros, o que complica a retomada.

Angústia

Hoje, Stefany Sophia faria 4 meses. A menina não resistiu a complicações de uma doença cardíaca grave e morreu no último dia 20. Na casa da família, na QNR 4, em Ceilândia, a avó organizava o enxoval para doação. O berço nem sequer foi usado pela menina. Durante todo o tempo de vida, ela permaneceu internada no Hospital Regional de Ceilândia (HRC). “Ela ficou muito tempo na fila de espera. Chegamos a recorrer à Justiça”, conta a avó da garota, a pastora evangélica Maria de Fátima Alves, 47 anos.

No período em que permaneceu hospitalizada, Stefany passou por exames no ICDF e entrou na fila de espera para a correção cirúrgica. “Lutamos muito pela vida dela. Minha neta ficou em coma induzido, teve paradas cardíacas, pegou infecção e perdeu peso. Mas, ainda assim, havia esperança. Os médicos sabiam da urgência. Contudo, a cirurgia demorou demais”, ressalta Fátima.

Memória

Há sete anos, a primeira cirurgia

Era dezembro de 2009, quando uma menina passou pelo primeiro transplante infantil de coração da capital federal. A cirurgia durou cinco horas e, na época, a criança estava com 1 ano e 7 meses. Ela foi internada no Hospital Regional de Sobradinho com uma virose, mas as complicações da doença fizeram com que desenvolvesse uma miocardiopatia dilatada, ou seja, o coração dilatou e perdeu a capacidade de se contrair. O coração veio cinco meses depois. Ela recebeu o órgão de uma garota de 3 anos, com tamanho e tipo sanguíneo compatíveis com os dela. A cirurgia foi considerada um sucesso pelo Instituto de Cardiologia do Distrito Federal (ICDF).

Tags: crianças, cirurgias, cardiopediátricas, df

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/29/interna_cidadesdf,562909/como-e-cirurgia-cardiopediatica.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_2: 1.072 escolas e institutos federais estão ocupados, diz a Ubes

No Distrito Federal, estudantes ocupam cerca de três câmpus do Instituto Federal de Brasília (IFB) e cinco escolas

postado em 18/10/2016 18:24 / atualizado em 25/10/2016 18:57

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) atualizou a lista de escolas e institutos ocupados hoje (18) e lista 1.072 escolas, institutos e universidades. Somente no Paraná, são 847 instituições ocupadas. No Distrito Federal, são oito ocupações: os câmpus de Riacho Fundo, Samambaia e São Sebastião do Instituto Federal de Brasília (IFB); e nas escolas Elefante Branco, Gisno, CEM 111 do Recanto das Emas, CED 1 de Planaltina e CEM 304 de Samambaia.

Segundo a estudante do curso de licenciatura de biologia do Instituto Federal de Brasília do câmpus Planaltina Keilla Roberta Félix Gomes, 22 anos, os câmpus de Taguatinga e Ceilândia também estão ocupados. A ocupação na unidade de Planaltina começou ontem (17) e tem como objetivo protestar contra a proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que versa sobre congelamento dos gastos, e a Medida Provisória 746, que institui a reforma do ensino médio. “Essas medidas que estão sendo tomadas representam retrocesso na nossa educação e desvalorização do profissional”, afirma a estudante. A expectativa é pressionar o governo federal e mudar o rumo da votação da PEC 241. Os estudantes se manifestarão em 24 de outubro no Congresso Nacional contra a medida. “A gente não pode deixar essa aprovação passar. Se passar, as movimentações serão mais intensas e cotidianas”, completa.

O Centro de Ensino Médio 414 de Samambaia (CEM 414) foi ocupado na semana passada, mas decidiu pela desocupação a partir da última segunda-feira (17) após reunião com o secretário de Educação, Júlio Gregório, e a Coordenação Regional de Ensino de Samambaia.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_educacaobasica/2016/10/18/ensino_educacaobasica_interna,553754/769-escolas-e-institutos-federais-estao-ocupados-diz-a-ubes.shtml

Acesso em: 11 set. 17

Reportagem_3: Acidente entre Brazlândia e Ceilândia mata pai e crianças de 7 e 4 anos

A suspeita do Corpo de Bombeiros é que os veículos tenham saído da pista numa descida. Outras três pessoas precisaram ser transportadas com urgência para o hospital. Os dois sentidos da DF 451, via que liga a BR-070 a BR-080 - Ceilândia à Brazlândia - , estão interditados

postado em 18/09/2016 15:25 / atualizado em 19/09/2016 06:51

Otávio Augusto



A batida entre três carros na DF-451, via que liga a BR-070 a BR-080, interditou os dois sentidos da pista

Duas crianças e o pai delas morreram depois de um grave acidente na DF-451, via que liga a

BR-070 a BR-080 — Ceilândia a Brazlândia. A batida aconteceu na tarde deste domingo (18/9). Ao todo, quatro carros se envolveram na colisão próximo ao Gol de Placa Futebol Society, em Ceilândia, a 100 metros do córrego Ribeirão das Pedras, sentido BR-080.

Os dois sentidos da rodovia ficaram interditados. A suspeita do Corpo de Bombeiros é que os veículos tenham saído da pista numa descida. Outras três pessoas precisaram ser transportadas com urgência para o hospital.

Um menino de 7 anos morreu no local. Uma menina de aproximadamente 4 anos, segundo o Corpo de Bombeiros, não resistiu à gravidade dos ferimentos enquanto era levada para o hospital. O pai chegou a ser levado ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC), mas também morreu. Ele teve uma parada cardiorrespiratória após dar entrada à unidade de saúde. Equipes médicas tentaram reanimar o paciente, mas ele não resistiu.

"Há uma descida muito forte dos dois lados (da via). O local continuará interditado até o fim da perícia", informou, por telefone, o 1º tenente Ronaldo Reis, um dos bombeiros que está no local. A colisão teria ocorrido por volta das 13h50.

As outras três vítimas ainda não tinham sido identificadas até a publicação desta reportagem.

Aguarde mais informações.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/18/interna_cidadesdf,549255/acidente-grave-entre-brazlandia-e-ceilandia-mata-duas-criancas.shtml

Acesso em: 11 set. 17

Reportagem_4: Adolescente atropela mulher e motociclistas do Samu em Ceilândia

O acidente aconteceu na QNN 04, próximo ao Posto do Samu, às 17h desta quinta-feira

postado em 22/12/2016 23:07

Uma senhora e dois motociclistas do Serviço Móvel de Urgência (Samu) foram atropelados por um veículo conduzido por um adolescente de 16 anos, de acordo com a Polícia Militar. O acidente aconteceu na QNN 04, em Ceilândia, próximo ao Posto do Samu, na tarde desta quinta-feira (22/12).

Os três feridos foram transportados para o Hospital Regional de Ceilândia. O estado das vítimas e a identidade do jovem não foram revelados.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/22/interna_cidadesdf,562369/adolescente-atropela-tres-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 17

Reportagem_5: Adolescente é apreendido pela 10ª vez em Ceilândia; agora, por tráfico

Ele foi encaminhado à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA II)

postado em 20/07/2016 21:22



Um adolescente foi apreendido pela 10ª vez pela Polícia Militar nesta quarta-feira (20/7). Desta vez, ele foi acusado de tráfico de drogas em Ceilândia, onde mora. A casa dele foi revistada e, no local, a PM encontrou 32 porções de maconha prontas para serem vendidas. Escondida, também

havia uma balança de precisão. O jovem já respondia por nove delitos, entre eles, tráfico, receptação, roubo e furto. Ele foi encaminhado à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA II).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/07/20/interna_cidadesdf,541082/adolescente-e-apreendido-pela-10-vez-em-ceilandia-agora-por-trafico.shtml

Acesso em: 11 set. 17

Reportagem_6: Assaltante é preso em Ceilândia após roubar ônibus

Crime ocorreu no início da noite desse domingo (10/4) e acusado foi detido pela PMDF

postado em 11/04/2016 09:11 / atualizado em 11/04/2016 12:20

Um homem assaltou um ônibus na Ceilândia e acabou preso no início da noite desse domingo (11/4). O Crime ocorreu por volta das 19h. A PM foi acionada pelo motorista do coletivo, ainda no trânsito, minutos após ele e os passageiros serem roubados.

A PM levou todas as vítimas para a 23ª Delegacia de Polícia e após reconhecerem acusado, ele foi autuado em flagrante pelo crime de roubo. Ele responderá também pelo crime de receptação.

Além de ser autuado em flagrante pelo crime de roubo o acusado na referida ocorrência responderá também pelo crime de receptação referente ao celular.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/11/interna_cidadesdf,526680/assaltante-e-preso-em-ceilandia-apos-assaltar-onibus.shtml

Acesso em: 11 set. 17

Reportagem_7: Bando explode caixas eletrônicos do BRB e levam dinheiro de equipamento

O crime aconteceu em Ceilândia, por volta de 45h10 desta quarta. Homens do Esquadrão de Bombas do Batalhão de Operações Especiais (Bope) vasculharam o local em busca de explosivos não detonados

postado em 10/08/2016 09:45 / atualizado em 10/08/2016 10:18



O terminal do BRB ficou completamente destruído. Explosão foi forte o suficiente para arrombar um caixa

Bandidos explodiram caixas eletrônicos do Banco Regional de Brasília (BRB), por volta de 4h10 desta quarta-feira (10/8). O crime

aconteceu no Cei Shopping, na QNN 30, em Ceilândia Sul. A Polícia Militar acionou o Esquadrão de Bombas do Batalhão de Operações Especiais (Bope), para se certificar que não havia mais explosivos no local.

Os militares fizeram uma varredura no local, que ficou completamente destruído. Com a detonação, os criminosos conseguiram abrir um caixa eletrônico, e levaram todo o dinheiro do equipamento. A quantia ainda não foi estimada. O caso está a cargo da Delegacia de Roubos e Furtos (DRF).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/08/10/interna_cidadesdf,543878/bando-explode-caixas-eletronicos-do-brb-e-levam-dinheiro-de-equipament.shtml

Reportagem_8: Bando tenta queimar embalagens de drogas e acaba preso em Ceilândia

Policiais militares passavam pelo conjunto H da QNM 08, quando viram a ação e decidiram abordar o grupo

postado em 17/06/2016 12:01



Após a abordagem, os policiais foram até a casa dos suspeitos e encontraram cocaína, maconha, uma balança de precisão, munições de diversos calibres, além de um carregador de pistola .9 milímetros e um revólver calibre .38

Dois casais suspeitos de tráfico acabaram presos quando tentavam queimar embalagens de drogas. Policiais militares passavam pelo conjunto H da QNM 08, quando viram a ação e decidiram abordar o grupo. A cerca de uma semana, um deles tinha deixado uma penitenciária de Minas Gerais.

Após a abordagem, os policiais foram até a casa dos suspeitos e encontraram cocaína, maconha, uma balança de precisão, munições de diversos calibres, além de um carregador de pistola .9 milímetros e um revólver calibre .38. O grupo também controlava a distribuição de drogas em um caderno.

Os militares também apreenderam algumas TVs, aparelhos celulares e máquinas fotográficas.

Disponível:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/17/interna_cidadesdf,536736/bando-tenta-queimar-embalagens-de-drogas-e-acaba-preso-em-ceilandia.shtml

Reportagem_9: Bombeiros combatem fogo em apartamento na Ceilândia Sul

Um dos cômodos da residência acabou totalmente consumido pelas chamas

postado em 18/08/2016 21:11 / atualizado em 18/08/2016 21:14



O Corpo de Bombeiros combateu um incêndio em um apartamento na Ceilândia Sul. De acordo com a corporação, as chamas iniciaram por volta das 18h30 em uma residência do QNM 5/7. O fogo consumiu totalmente o quarto da unidade. Não havia ninguém no local no momento do acidente.

O apartamento fica no primeiro andar de um prédio comercial. Além da suíte, as chamas também atingiram parcialmente a sala da residência. O Corpo de Bombeiros deslocou seis carros e 30 militares para combater o incêndio. Uma pessoa mora no local, mas não estava no momento do incidente. O resultado da perícia determinará as causas.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/08/18/interna_cidadesdf,545009/bomberos-combatem-fogo-em-apartamento-na-ceilandia-sul.shtml

Reportagem_10: Bombeiros combatem incêndio em residência no Sol Nascente

A operação durou cerca de 50 minutos e contou com a participação de 14 bombeiros e quatro carros da corporação. Ao todo, 800 litros de água foram utilizados

postado em 12/09/2016 07:52



Uma casa pegou fogo no Sol Nascente, em Ceilândia. Por volta das 23h44 deste domingo (11/9), a equipe do Corpo de Bombeiros chegou ao local e realizou a procura de provável vítima, porém, não foi encontrada nenhuma pessoa. Os profissionais retiraram os

móveis do local para evitar que o fogo se propagasse para residências vizinhas.

A operação durou cerca de 50 minutos e contou com a participação de 14 bombeiros e quatro carros da corporação. Ao todo, 800 litros de água foram utilizados. O proprietário não estava no local que ficou aos cuidados da Polícia Militar.

Tags: [fogo](#) [incêndio](#) [ceilândia](#) [bombeiros](#) [Sol Nascente](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/12/interna_cidadesdf,548136/bombeiros-combatem-incendio-em-residencia-no-sol-nascente.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_11: Caesb reduz pressão de água em áreas do DF para amenizar crise hídrica

A implantação começa por Ceilândia, a partir de quarta-feira (23/11), e segue um cronograma para contemplar todas as regiões do DF abastecidas pela barragem do Rio Descoberto

postado em 21/11/2016 12:19 / atualizado em 21/11/2016 16:24



Moradores do Distrito Federal que têm o abastecimento de água feito pelo Rio Descoberto vão ter água com menos pressão. A Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb) vai começar a diminuir a partir de quarta-feira

(23/11), entre 7h e 19h, para reduzir o consumo de água e amenizar a crise hídrica na capital. Inicialmente, a diminuição vai afetar as regiões abastecidas pela Barragem do Descoberto, que está com o menor nível.

Brasilienses começam a se preparar para racionamento de água no DF

A implantação começa por Ceilândia. Os técnicos ficarão três dias fazendo os ajustes de válvulas e registros para que ocorra a redução. De acordo com a Caesb, a expectativa é que haja uma redução entre 5% e 10% no consumo da região.

Além disso, desde 25 de outubro está valendo a tarifa de contingência que autoriza a cobrança de taxa extra de 40% para quem utilizar mais de 10 mil litros de água por mês.

Calendário

O plano de redução de pressão seguirá o seguinte calendário de implantação:

23 de novembro:

Ceilândia

28 de novembro:

Vicente Pires, Colônia Agrícola Samambaia

2 de dezembro:

Samambaia

7 de dezembro:

Riacho Fundo II, Recanto das Emas, Gama, Santa Maria

12 de dezembro:

Águas Claras, Arniqueiras, Taguatinga, Riacho Fundo I

14 de dezembro:

Park Way, Candangolândia, Núcleo Bandeirante

Disponível em:

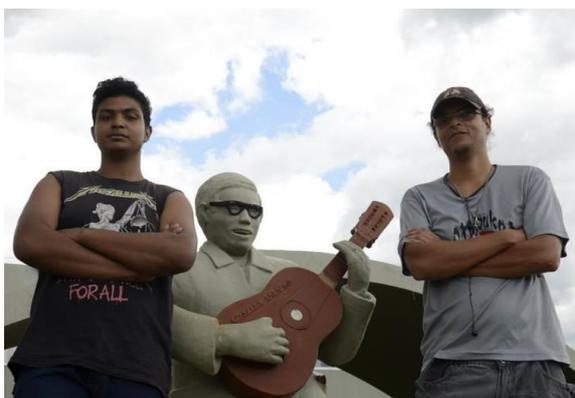
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/21/interna_cidadesdf,557997/caesb-reduz-pressao-de-agua-em-areas-do-df-para-amenizar-crise-hidrica.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_12: Casa do Cantador homenageia população nordestina da cidade

Também no P Sul, campos localizados nas entrequadras são celeiros de talentos do futebol amador

postado em 27/03/2016 08:02 / atualizado em 27/03/2016 11:46



João Lucas e Jean participam do Otaloukos, grupo que reúne fãs de histórias em quadrinho e outras expressões da cultura japonesa

Um dos cartões-postais de Ceilândia, a Casa do Cantador, localizada no P Sul, homenageia toda a população que veio do Nordeste do país para construir Brasília e que deixou de forma marcante suas características na região administrativa. O clima de cidade do interior, o sotaque e o acolhimento são alguns dos traços herdados dessa povo batalhador. É por isso que, atualmente, a Casa abre as portas para as mais diversas manifestações culturais. Festivais de rock, de rap e até fãs da cultura otaku têm espaço por lá.

“Como uma boa casa nordestina, o que manda é a receptividade”, garante o diretor da Casa, Francisco de Assis Chagas Filho, o Neném. Ele explica que, como não se trata de um centro de tradições nordestinas, não há porque deixar de fora outras formas de arte, sem perder é claro, o espaço para o repente. “Faltam aparelhos de cultura para comportar tantas manifestações artísticas e culturais. E a Casa do Cantador vem tentando amenizar essa falta de espaços”, diz. Hoje, são oferecidas até mesmo aulas de capoeira, de DJ e de percussão.

O Otaloukos, que reúne fãs da cultura otaku, foi um dos grupos que a casa abrigou recentemente. Além de abertura para promover eventos, eles têm um espaço reservado na biblioteca para gibis e mangás. O historiador Jean Alisson Santos, 31 anos, é o criador do grupo

e fala sobre essa paixão. “Vem desde o Jiraiya, sou apaixonado pela série. Quando passava na tevê, eu parava tudo o que estava fazendo para assistir. Ainda me emociono quando ouço a música (de abertura)”, conta.

Ele também levou muitas broncas da mãe por causa do envolvimento com a série, que estreou no Brasil em 1989, na extinta Rede Manchete, e tinha como protagonista um super-herói. “Eu usava um cabo de vassoura como espada e saía batendo nas plantas”, recorda. Depois, veio o clássico desenho animado Cavaleiros do Zodíaco e, até hoje, o coração é dividido entre as duas séries. Em 2006, teve a ideia de reunir um grupo de “otaloukos” depois de participar de uma disputa de videogame no Cerrado Otaku, que ocorreu em Ceilândia.

O primeiro evento que Jean organizou ocorreu em 2008. Hoje, o grupo promove três encontros por ano: a Feira Otaku, que, neste ano, reuniu 500 pessoas; o Festival Otaloukos, que contou com 700 participantes no ano passado; e a Convenção Cultural Geek (CCG), criado em 2015. Em todos, são arrecadados alimentos não perecíveis para doação. A ideia é que se mantenham no P Sul, com exceção da CCG, mais comercial, que deve ocorrer em Taguatinga neste ano. João Lucas da Cunha Rodrigues, 16 anos, é um dos otaloukos mais novos. Conheceu o grupo por meio de amigos e participou pela primeira vez do festival em 2014. A paixão dele é por quadrinhos e séries.

Em campo

Da cultura ao esporte, o P Sul conta com muitos moradores dispostos a contribuir para uma cidade cada vez melhor. Alexandre Sydnei Meschick, 39 anos, desenvolve trabalho voluntário há 13 anos. O ex-jogador dá aulas de futebol para criança às terças, quintas e aos sábados. “O que eu passo para eles é isso: falo da minha história no futebol, da minha família”, elenca. Conhecido como Pelé, ele ganhou o apelido não em homenagem ao rei do futebol, mas porque jogava no antigo Pelezão, campo que ficava atrás do ParkShopping. Com o tempo, virou Pelezim, até ser Pelé.

Durante a carreira, que terminou em 2000, jogou em times como o Brasília, o Comercial — hoje Bandeirante — e no Recanto. Já ganhou prêmios pela iniciativa com as crianças do P Sul e orgulha-se ao citar os times que receberam jogadores revelados naquele campo: Goiás, Tombense, Brasília, Taguatinga e Drolândia são alguns deles. Há até aqueles que tiveram a oportunidade de jogar com grandes ídolos do esporte. Pelé conta que, meses atrás, um dos ex-

alunos postou foto em uma rede social em que aparece marcando Robinho, num jogo contra o Santos. Mesmo os que não seguiram carreira, mas se tornaram bons pais e trabalhadores, são motivo de orgulho. “É muito gratificante, significa que seu trabalho foi bom, não foi perdido.”

Dia de festa

As comemorações do aniversário de Ceilândia este ano já começaram. O corte do bolo está marcado para as 9h de hoje, na Feira Central. Até as 18h, ocorre o Domingão da Família, no Centro Cultural — QNN 13, Área Especial, Ceilândia Norte. Já o Circuito de Feiras começa amanhã e vai até quarta, no mesmo local, das 8h às 18h. Veja a programação completa divulgada pela Administração Regional no site www.correiobrasiliense.com.br.

Cultura japonesa

O termo japonês otaku é usado atualmente para designar fãs de anime (as animações), de mangás (os quadrinhos), e de outros elementos da cultura japonesa. P Norte dita o ritmo da solidariedade

P Norte dita o ritmo da solidariedade

As latas de leite e as panelas da mãe foram os primeiros instrumentos que o músico Wagner Dias, 44 anos, aprendeu a tocar. Para que o contato de outras crianças com a música pudesse ser mais completo, ele decidiu dar aulas de percussão. A primeira oportunidade veio com o programa Amigos da Gente, da Secretaria de Esporte, em Santa Maria. Quando a iniciativa terminou, ele criou o próprio projeto, em 2000, e estendeu o atendimento para Ceilândia.

Chegou a fazer uma subseleção na própria casa para continuar funcionando e deu aulas em escolas públicas e em faculdades. Em 2005, foi convidado para ser diretor de bateria da Águia Imperial, escola de samba da cidade, e, hoje, o Bateria Nota Show forma percussionistas que tocam no carnaval. Além das aulas de percussão, são oferecidas oficinas gratuitas de capoeira, artesanato, violão, cavaquinho, dança e ginástica. As atividades deste ano começam amanhã.

Wagner concilia o trabalho de músico com o de bombeiro e afirma que nunca teve problemas em fazer tudo. Ele entrou para o Corpo de Bombeiros Militar do DF em 1991. Nascido no Rio de Janeiro, mora na região administrativa há 38 anos. “Tudo o que eu construí

no início de carreira passou por Ceilândia, o reconhecimento que eu tenho hoje, as coisas boas, as coisas ruins, a fama, as críticas, a família. Tudo isso foi construído aqui.”

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/27/interna_cidadesdf,524221/casa-do-contador-homenageia-populacao-nordestina-da-cidade.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_13: Casa pega fogo em Ceilândia na noite de sábado

O incidente aconteceu no conjunto E da QNO 3. Uma pessoa estava na residência quando as chamas começaram, mas a vítima não se feriu

postado em 14/02/2016 11:13



As chamas consumiram o 3º andar da residência, mas não se alastraram para o resto da construção

Uma casa em Ceilândia pegou fogo por volta de 19h50 deste sábado (13/2). O incidente aconteceu no conjunto E da QNO 3. Uma pessoa estava na residência quando as

chamas começaram, mas a vítima não se feriu. Vizinhos chamaram o Corpo de Bombeiros.

As chamas consumiram parte do 3º andar da residência. A corporação mobilizou cinco



veículos com 22 militares para atendimento da ocorrência. Os bombeiros conseguiram controlar o fogo antes que ele se alastrasse por toda a construção. A causa do incêndio não foi revelada.

Vizinhos chamaram os bombeiros ao perceberem que a casa pegava fogo

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/02/14/interna_cidadesdf,517726/casa-pegando-fogo-em-ceilandia-na-noite-de-sabado.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_14: Casal é encontrado morto dentro de casa; Polícia Civil investiga o caso

A suspeita é que o marido tenha matado a mulher e se suicidado. Eles estariam mortos desde sábado

postado em 12/09/2016 12:08 / atualizado em 12/09/2016 17:55

Luiz Calcagno

Um casal foi encontrado morto dentro de casa na QNO 5, no Setor O, na manhã desta segunda-feira (12/9). Os corpos estariam no local desde sexta (9/9). Policiais chegaram à residência após um homem procurar a 24ª Delegacia de Polícia (Ceilândia) para registrar o desaparecimento da cunhada.

A polícia suspeita que o marido, de 34 anos, tenha matado a mulher, de 30, e se suicidado em seguida. O homem informou que tentava contato com o casal desde sexta e que estranhou o fato pois, o carro da mulher continuava em frente a residência, e ela tinha o hábito de guardá-lo.

Os policiais acompanharam o homem até o endereço. No local, encontrou os corpos. Familiares disseram à polícia que não sabem informar de nenhum motivo para o crime, e que não tiveram notícias de violência doméstica envolvendo o casal.

Aguarde mais informações.

Tags: [pcdf](#) [ceilândia](#) [suicídio](#) [homicídio](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/12/interna_cidadesdf.548202/casal-e-encontrado-morto-dentro-de-casa-policia-civil-investiga-o-cas.shtml

Acesso em: 11/09/17

Reportagem_15: Caxumba faz quase 2 mil vítimas no DF; Ceilândia concentra 40,3% dos casos

Doença atinge principalmente homens e adultos na faixa etária de 20 a 49 anos. As duas doses da vacina tríplice viral são a única forma de prevenção

postado em 06/10/2016 06:00 / atualizado em 06/10/2016 07:40

Otávio Augusto



"Comecei a sentir uma dor e não conseguia mastigar. Dois dias depois, eu passei muito mal" Vitor Gabriel Batista de Medeiros, estudante

As autoridades sanitárias trabalham com a possibilidade de epidemia de caxumba no Brasil. Somente na capital federal, a Diretoria de Vigilância Epidemiológica (Divep) da Secretaria de Saúde recebeu, até 24 de setembro, 1.913 casos da doença — média de 7 casos por dia desde o começo do ano. Só Ceilândia registrou 356 infecções. A cidade, distante 35km do Plano Piloto, centraliza 40,3% dos 62 surtos registrados no Distrito Federal — metade deles em escolas. A maioria das pessoas contaminadas é do sexo masculino. A Vigilância Epidemiológica está acompanhando os casos. A vacina é o principal mecanismo de controle. Entretanto, seis unidades de saúde, onde as salas de imunização funcionam, estão desativadas no DF. As obras estão atrasadas há dois anos e custarão R\$ 12,2 milhões (leia abaixo).

Os adultos são os mais acometidos pela infecção. Ocorreram 925 casos somente na faixa etária entre 20 e 49 anos — cerca de 49% dos casos. Em seguida, vêm os jovens de 15 a 19 anos, que correspondem a 23,5% (439 casos). A caxumba pode causar febres, calafrios, dores de cabeça e musculares, além de inflamação das glândulas salivares, que causam dores ao mastigar. O inchaço pode ocorrer em um ou nos dois lados do rosto.

Vitor, Marco e Murilo fazem parte do grupo de pessoas que tiveram a doença no DF. Eles não tiveram complicações, mas conviveram pelo menos 10 dias com os sintomas. “No início, eu não conseguia comer e sentia um mal-estar, como se fosse de gripe. No primeiro dia, o médico não identificou que era caxumba. Tratou como alergia. No segundo, um outro profissional identificou a doença”, conta o bancário Marco Antônio Sousa Veloso, 24 anos. Outros amigos do morador de Águas Claras tiveram a infecção.

Durante sete dias, o estudante Vitor Gabriel Batista de Medeiros, 21, ficou isolado. A medida era para evitar a disseminação da bactéria. Ele não sabe onde contraiu a doença. “Comecei a sentir uma dor e não conseguia mastigar. Dois dias depois, passei muito mal”, detalha. O auxiliar administrativo Murilo Soares Diniz, 23, teve a infecção dos dois lados do rosto. A febre assustou o jovem. “Depois de um mês começou a melhorar. Mesmo com analgésico forte, eu senti muita dor.”

Além de Ceilândia, as cidades que tiveram mais casos foram Taguatinga, com 173 ocorrências, e São Sebastião, com 157. No total, 62 surtos ocorreram ao longo do ano, distribuídos em 16 regiões administrativas (veja arte). Segundo a Vigilância Epidemiológica, a metade dos surtos ocorreu em escolas. A caxumba começou a ser notificada no segundo semestre de 2015. Do início de julho até o fim de dezembro, foram 130 casos no DF.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/06/interna_cidadesdf,552052/caxumba-faz-quase-2-mil-vitimas-no-df-ceilandia-concentra-40-3-dos-c.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_16: Ceilândia celebra aniversário de 45 anos; confira a programação

De norte a sul, moradores se unem para transformar a cidade num espaço de convivência em harmonia. Cada um a sua maneira, pioneiros e organizações sociais apresentam oportunidades a crianças, jovens e adultos. No dia do aniversário, a celebração é conjunta

postado em 27/03/2016 08:00 / atualizado em 27/03/2016 08:40

Ceilândia tem várias datas de aniversário. O mapa inicialmente desenhado em formato de barril ganhou outros contornos ao longo do tempo, com as expansões que agora abrigam os filhos da cidade. Por isso, o dia de hoje é comemorado com festa pela população, assim como os que marcam o início dos novos pedaços que se unem e dão outra cara à maior região administrativa do Distrito Federal. Para celebrar esses 45 anos, o Correio reuniu histórias de moradores orgulhosos de cada um dos cantos de uma só CEI, a que mora no coração de todos eles.

Um dos pontos de encontro da nova geração é a Praça do Cidadão, em Ceilândia Norte, palco de festivais da cultura hip-hop, de oficinas e de apresentações musicais. Grande parte da responsabilidade por manter o local no foco das manifestações culturais é do projeto Jovem de

Expressão, idealizado pelos integrantes da Rede Urbana de Ações Socioculturais (Ruas), uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip).

Além de diversas oficinas de dança e outras voltadas ao mercado de trabalho, o projeto oferece um espaço de livre acesso a moradores, com computadores conectados à internet, uma pequena biblioteca e uma sala de videoconferência que pode ser usada gratuitamente por microempreendedores para reuniões com os clientes. O espaço destinado a oficinas também é emprestado a membros da comunidade para comemorações e outras atividades culturais. Mais recentemente, o projeto ganhou uma incubadora de empresas, que conta com o suporte do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB).

Todas essas iniciativas foram a maneira que a organização encontrou de afastar os jovens da violência. A ideia não é tirá-los das ruas, mas, sim, mostrar formas de usar esse espaço de maneira saudável. São diversos os casos dos que obtiveram sucesso na carreira, como os que participaram de cursos de audiovisual e se tornaram cineastas. “O mais recompensador e os frutos que a gente colhe são esses e, principalmente, os índices de violência da área, que diminuem. Dá ao jovem uma alternativa”, avalia o coordenador Antônio de Pádua.

Guardiãs

Perto dali, ao lado da linha do metrô, duas mulheres se inspiram em suas histórias pessoais para garantir um futuro melhor às novas gerações da cidade. A presidente da Casa de Justiça e Cidadania, Maristela Mendes Basilio, 48 anos, desenvolve trabalhos sociais desde a adolescência. O estigma de mulher, negra, moradora da periferia serviu como incentivo para lutar por conquistas sociais. “Eu não me permiti ficar com a autoestima baixa, muito pelo contrário. Resolvi desenvolver trabalho social justamente para mostrar à comunidade que a gente tem que se superar e mudar a nossa realidade por meio da educação”, relata.

Dos 15 irmãos de Maristela, apenas oito sobreviveram. O pai morreu quando ela tinha 14 anos de idade. Em 1996, viu a casa que hoje preside ser fundada. Um dos objetivos era alfabetizar jovens e adultos, e, nesse período, Maristela pôde participar do processo de alfabetização da própria mãe. Foi a primeira mulher da família a completar o curso superior. Aos 43 anos, conseguiu se formar em pedagogia. Foram mais de dois anos prestando vestibular até a aprovação em uma instituição particular. Metade da pensão que recebia do ex-marido ia para pagar a mensalidade. “Se eu estudar, a nossa condição vai melhorar daqui a dois anos. Se eu não estudar, a gente vai passar a vida comendo macarrão com feijão”, dizia aos seis filhos.

E não foi apenas a vida da própria família que ela melhorou. Hoje, orgulha-se de ter contribuído para recuperar dependentes químicos, dar formação a mulheres para conseguirem sustentar as famílias e ajudar na preparação escolar de diversas crianças. “A minha luta pela Ceilândia é fazer com que as pessoas mudem, cresçam. Fazer com que os jovens não vejam na droga e na criminalidade a solução para a vida deles. Eles podem crescer por meio da educação, do esporte e da cultura.”

No prédio ao lado, a conselheira tutelar Selma Aparecida da Costa dos Santos, 49 anos, conhecida como Selma da Criança, compartilha uma história de superação semelhante à de Maristela e a de tantas outras mulheres e crianças de Ceilândia. Quando tinha 8 anos, ela e os seis irmãos ficaram órfãos. Na época, eles já moravam em Ceilândia, tinham se mudado da Vila do IAPI. Chegaram por volta de 1972. Essa parte da história, no entanto, Selma só descobriu depois de adulta, vasculhando o passado para conhecer melhor as origens.

O que ela lembra da infância é de tudo que faltava em casa e no resto da cidade: comida, açougue, mercado, banheiro. O ensino médio, só conseguiu concluir em 2002, ora conciliando com o trabalho de empregada doméstica —que exerceu dos 12 aos 22 anos—, ora com o cuidado com os filhos e os bicos para sustentá-los praticamente sozinha. Confeitava bolos, vendia cachorro-quente, fazia bijuterias e faxinava. Ainda durante a infância, além do trabalho, teve que enfrentar uma das maiores violações do direito de uma criança, o abuso sexual. Depois, casou-se com um dependente químico. “Saí de um sofrimento de infância para outro.”

Libertação

A grande alegria veio quando teve a carteira assinada pela primeira vez, aos 35 anos. Era a gari mais feliz de Ceilândia. “Calçar aquela bota e vestir aquele uniforme, para mim, era o máximo”, afirma. “Eu trabalhava praticamente meio período, não era como de empregada doméstica, que eu tinha que dormir, tinha que me anular. E eu conseguia prover: ganhava mais do que um salário mínimo!”, comemora ao se lembrar.

Foi em 2006 que ela conseguiu ser eleita conselheira pela primeira vez. Hoje, segue para o terceiro mandato, até 2019. Já para o segundo semestre deste ano, planeja cursar direito e, num futuro não tão distante, criar o Instituto Selma da Criança, para prestar assessoria técnica e jurídica em direitos da criança. “Quando você acolhe a criança você acolhe o país.”

Onde encontrar

Casa de Justiça e Cidadania

Para participar das oficinas, basta entrar em contato pelos telefones 2196-2714 ou 2196-2711 e verificar a disponibilidade de vagas em cada ação. A Casa fica na QNN 5/7, Ceilândia Norte.

Jovem de Expressão

Inscrições para oficinas gratuitas abertas até 22 de abril. As aulas começam em 2 de maio, na Praça do Cidadão — EQNM 18/20, Ceilândia Norte. A pré-inscrição deve ser feita pela fanpage [facebook.com/jovemdeexpressao](https://www.facebook.com/jovemdeexpressao). Informações pelo telefone 3372-0957.

Confira a programação do 45º aniversário de Ceilândia.

II Copa Ceilândia de Vôlei

Data: domingo (27/3)

Local: Ginásio da Guariroba

Horário: 8h às 0h

Corte do bolo

Data: domingo (27/3)

Local: Feira Central de Ceilândia

Horário: 9h às 12h

XXV Campeonato de Fut 7 Society de Ceilândia

Data: domingo (27/3)

Local: Praça Poliesportiva da QNM 10

Horário: 8h às 18h

Domingão da Família

Data: domingo (27/3)

Local: Centro Cultural – QNN 13, Área Especial – Ceilândia Norte

Horário: 8h às 18h

Circuito de Feiras

Data: segunda a quarta (28/3 a 30/3)

Local: Centro Cultural de Ceilândia - QNN 13, Área Especial – Ceilândia Norte

Horário: 8h às 18h

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/27/interna_cidadesdf,524219/ceilandia-celebra-aniversario-de-45-anos-confira-a-programacao.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_17: Ceilândia: Posto Comunitário de Segurança é incendiado na madrugada

postado em 21/04/2016 09:29 / atualizado em 21/04/2016 10:03

[Nathália Cardim /](#)



Em menos de uma semana, mais um Posto Comunitário de Segurança foi incendiado. O crime ocorreu na madrugada desta quinta-feira (21/4), na EQNP 36, em Ceilândia Sul. Segundo informações da Polícia Militar, o fogo atingiu a unidade por volta de 5h e ninguém ficou ferido.

A corporação informou ainda que o posto policial estava desativado e a causa do incêndio está sendo apurada. A estrutura ficou completamente destruída pelas chamas. O Corpo de Bombeiros foi acionado e conseguiu extinguir o fogo.

Na madrugada do último sábado (16/4), outra estrutura foi incendiada por volta das 5h no Lucio Costa. Uma moradora de rua da região, que tem passagens pela polícia, é suspeita de ter cometido a ação. Ela foi detida e levada para a 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), responsável pela investigação.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/21/interna_cidadesdf,528539/ceilandia-posto-comunitario-de-seguranca-e-incendiado-na-madrugada.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_18: Cem pessoas agridem homem que tentava cometer assaltos em Ceilândia

Bastante ferido, ele conseguiu fugir e deu tempo de testemunhas chamarem a Polícia Militar

postado em 06/10/2016 18:15 / atualizado em 06/10/2016 18:27

Um homem foi quase linchado após tentar roubar alunos próximo a uma escola na EQNP 8/12, Chácara 171, em Ceilândia. De acordo com informações preliminares da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), as pessoas que presenciaram o assalto reagiram e espancaram o suspeito, que conseguiu fugir. O crime aconteceu nesta quinta-feira (6/10), por volta das 13h.

O homem, que não teve a identidade divulgada, era alvo da ação de mais de 100 pessoas, de acordo com a PMDF. Durante o espancamento, ele conseguiu subir na garupa de um motociclista que passava no local em baixa velocidade. O suspeito chegou a dar uma facada no motoqueiro.

Neste momento, a população conseguiu, novamente, alcançar o assaltante e continuou a pancadaria. Os militares foram acionados, para acalmar a situação.

O suspeito foi levado ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC) bastante machucado, principalmente na região da cabeça. Apesar de gravidade do ferimento, ele não corre risco de morte. O motociclista também foi encaminhado para o HRC. O crime será investigado pela 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/06/interna_cidadesdf,552205/cem-pessoas-agridem-homem-que-tentava-cometer-assaltos-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_19: Chuva derruba teto de escola em Ceilândia e alaga outra, em Águas Lindas

No município goiano, as salas de aula foram tomadas pela enxurrada. Um muro foi ao chão

postado em 05/10/2016 21:58 / atualizado em 05/10/2016 22:44

[Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio](#)

A chuva que caiu na tarde desta quarta-feira causou uma série de problemas pelo Distrito Federal. Como de costume, quando chegam as precipitações, o trânsito para. Em Ceilândia e Águas Lindas (GO) duas escolas ficaram prejudicadas.

As salas de aula da Escola Municipal Méd-Guão, no município goiano, ficaram totalmente alagadas. Na mesma instituição, a enxurrada provocada pela chuva derrubou o muro. A escola é frequentada por alunos de 4 a 10 anos.



Em Ceilândia, na Escola Classe 59, um pedaço da placa de fibra do teto caiu sobre a mesa de um dos estudantes. No momento, o menino havia acabado de mudar de lugar, fugindo de uma goteira. Esta escola abriga cerca de 605 alunos, de 4 a 12 anos, e foi construída de maneira provisória, há 27 anos.

Em julho, a Justiça determinou a reconstrução imediata da instituição. Com a decisão, ficou proibida qualquer atividade escolar a partir do 2º semestre de 2016. Os alunos deveriam ter sido transferidos para outro colégio. O GDF, porém, entrou com recurso e o processo está correndo. Na época, laudos técnicos apontaram a deterioração do local e risco de acidentes.

O diretor do Sindicato dos Professores (Sinpro-DF), Samuel Fernandes esteve na Escola Classe 59 e alega que a unidade está em péssimas condições. Outras placas ameaçam cair. "Não adianta pequenos reparos. Essa escola precisa ser desocupada e reconstruída antes que aconteça uma tragédia", defendeu

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/05/interna_cidadesdf,552042/chuva-derruba-teto-de-escola-em-ceilandia-e-alaga-outra-em-aguas-li.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_20: Colisão entre caminhão e ônibus deixa ao menos 18 feridos

O acidente foi na DF-001, perto do Riacho Fundo II. Uma vítima em estado grave foi levada para o Hospital Regional da Ceilândia. Todas as pistas estão interditadas.



Quatro veículos dos bombeiros e uma guarnição do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) participam do resgate aos feridos

Um acidente envolvendo um caminhão e um ônibus, na DF-001, sentido Taguatinga, deixou ao menos 18 pessoas feridas nesta manhã de terça-feira (27/9). Segundo informações do Corpo de Bombeiros, a colisão ocorreu em frente a

uma madeireira, no Riacho Fundo 2. O coletivo é da Pioneira e faz a linha 253, de Santa Maria para Ceilândia.

Quatro veículos dos bombeiros e uma guarnição do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) participam do resgate aos feridos. O Samu levou uma pessoa em estado grave, com suspeita de traumatismo craniano, para o Hospital Regional da Ceilândia (HRC), sete pessoas com diagnósticos que inspiram cuidados médicos foram para o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), o HRC, o Hospital Regional de Taguatinga (HRT) e de Samambaia (HRSam). Outros 10 feridos sem gravidade foram para o Hospital de Santa Maria (HRSM).

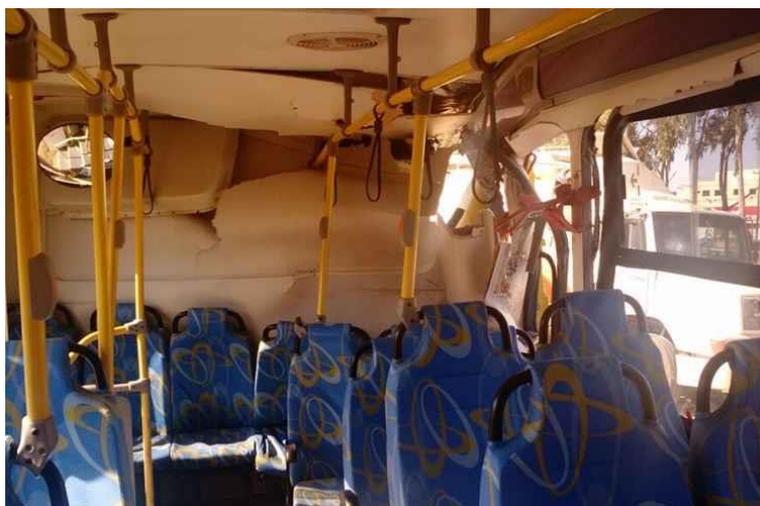
A Polícia Militar e o Departamento de Trânsito (Detran) estão no local. Todas as pistas da rodovia estão bloqueadas e os agentes do Detran desviam o trânsito para o Riacho Fundo II.



Segundo informações preliminares, o caminhão teria colidido na traseira do ônibus.

O Samu levou uma pessoa em estado grave, com suspeita de traumatismo craniano, para o Hospital Regional da Ceilândia (HRC)

De acordo com o motorista do ônibus, Jailson Pereira da Silva, 33 anos, o caminhão vinha em alta velocidade e não houve tentativa de freio. "Eu parei porque o trânsito estava engarrafado, depois de cinco segundos só senti o impacto. Não escutei barulho de freio", relata.



Ainda segundo Jailson, os passageiros do coletivo tentaram agredir o condutor do caminhão. "Muita gente começou a gritar, outros choravam. Eu tive que chamar ele (motorista do caminhão) pra longe do acidente para ninguém ir em cima. Aconteceu muito rápido", relata.

De acordo com o motorista do ônibus, Jailson Pereira da Silva, 33 anos, o caminhão vinha em alta velocidade e não houve tentativa de freio

Já o condutor do caminhão, Ronaldo Pereira da Costa, 43, nega que estivesse em alta velocidade. Ele alega que o ônibus parou atravessado na pista e ele não teve como desviar. "Eu estava a 50km por hora, mas ele parou muito em cima, cerca de 10 metros. Tentei freiar, mas foi muito em cima, não segurou", afirma. Ronaldo transportava ração do Recanto das Emas em direção a Samambaia.

Confira o nome das vítimas transportadas pelo Corpo de Bombeiros:

Raquel Lima – HRSAM

Jailton – HRSAM

M^a Aparecida – HRT

Josenita Souza – HRT

Viviane lima – HRT

M^a Isabel – HBDF

Wanderson Pereira – HBDF

Tags: [df-001](#) [feridos](#) [15 ônibus](#) [caminhão](#) [colisão](#) [acidente](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/27/interna_cidadesdf,550587/colisao-entre-caminhao-e-onibus-deixa-ao-menos-15-feridos-na-df-001.shtml

Reportagem_21: Concurso identifica problemas ambientais na comunidade escolar

Além de beneficiar o próprio colégio, a garotada ajuda a educar a vizinhança

postado em 07/12/2016 06:03 / atualizado em 07/12/2016 15:07

Douglas Carvalho



Alunos da Escola Classe 15 de Ceilândia, uma das finalistas, fazem panfletagem na comunidade para ensinar a reciclar o óleo. Também têm usado os restos de comida para adubar a horta: "É importante ter alimentos saudáveis", diz Anna Beatriz

A estudante Luanda Conceição, 10 anos, dá de ombros para o mau cheiro exalado pelo adubo na composteira da Escola Classe 15 de Ceilândia, enquanto escava os restos de alimentos do local. "O mais importante é ajudar a melhorar meu colégio", justifica a aluna do 5º ano, antes de mergulhar as mãos na terra para cuidar da horta. Ao lado de 18 colegas, a garota mantém essas e outras atividades de educação ambiental do centro de ensino, como redução do consumo de água, coleta seletiva e combate a insetos transmissores de doenças. O projeto alçou a instituição à finalíssima do concurso Saneamento nas escolas: nós fazemos, promovido pela Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental do Distrito Federal (Abes-DF), em parceria com a Secretaria de Educação do DF (SED-DF).

Outras 23 escolas das redes pública e privada concorrem ao prêmio máximo, de R\$ 10 mil. O concurso visa à promoção de melhorias no saneamento básico local por meio de atividades de educação ambiental e de mobilização da comunidade escolar. As instituições de ensino participantes tiveram de promover um diagnóstico da situação em seu espaço interno e

no entorno. Com base no relatório, colocaram em prática ações para sanar os pontos críticos identificados.

Na Escola Classe 15, o despejo de óleo de cozinha no esgoto encabeçou a lista de problemas. A prática contribui para o entupimento de canos e tubos e para a conseqüente proliferação de fungos e bactérias. “Isso pode causar doenças, se nós bebermos água contaminada, por exemplo”, explica Luanda. Além da formação dos estudantes, o centro de ensino assumiu uma nova função: tornou-se um ponto de coleta de óleo. Depois de reunido, o líquido chega a uma empresa de recolhimento de produtos descartáveis, parceira do colégio, e se transforma em biodiesel.

Coordenados pelo diretor, Ricardo Koziel, e pela vice, Mariângela de Oliveira, a equipe Um Por Todos e Todos Pela Cidadania, formada por 19 alunos dos 4º e 5º anos, também prima pela conscientização dos moradores. Ontem, os estudantes bateram de porta em porta pelas ruas da Ceilândia Norte. O objetivo? Distribuir panfletos com avisos sobre os perigos do despejo inadequado de óleo e dicas para reaproveitá-lo.

Uma das alertadas, a cabeleireira Leidy dos Santos, 30, costuma depositar o óleo pela pia. “O encanamento entope, mais ou menos, duas vezes por ano. Às vezes, joga o óleo também no esgoto. Mas, de agora em diante, vou deixar pessoas reaproveitá-lo”, conta. Já o pedreiro Emiliano Oliveira, 62, transforma o líquido em sabão caseiro. “Reutilizamos também por causa do entupimento. Quem faz a manutenção do encanamento quando entope sou eu”, justifica.

Os estudantes identificaram também o desperdício de alimentos no local. A instituição atende, em tempo integral, 10 horas por dia, 450 alunos. “Aqui, eles fazem quatro refeições. Perceberam que havia muito resto de comida indo para o lixo e, por isso, decidiram criar a composteira”, relembra Ricardo. No depósito, as sobras de alimentos se convertem em adubo, que, por sua vez, nutre a horta ao lado, criada em formas geométricas “para facilitar o aprendizado dos alunos”, como explica a vice-diretora.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#)

Tags: [concurso](#) [secretaria](#) [educação](#) [projetos](#) [sustentaveis](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/07/interna_cidadesdf,560325/concurso-identifica-problemas-ambientais-na-comunidade-escolar.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_22: Conheça histórias de moradores do Sol Nascente, na Ceilândia

Ao abrigar talentos que cantam as injustiças sociais e batalham por uma cidade melhor, o setor habitacional revive a história da Ceilândia de 45 anos atrás e coloca em evidência as paixões e os desafios diários de quem foi acolhido pela região

postado em 27/03/2016 08:05



A rapper Rebeca Reallega anda de skate, luta Muay Thai e, agora, vai começar o curso de direito com bolsa ofertada pelo governo

Ceilândia não nega a diversidade que a constitui nem mesmo nas regiões que se ergueram há menos tempo. O Setor Habitacional Sol Nascente é um exemplo disso. Nas estradas de terra que contornam as casas, é possível ver

passar de carros populares do último modelo a boiadeiros montados a cavalo tocando o gado. O mesmo ocorre na arte: do rap à música popular, todos os sons são bem-vindos e retratam, cada um à sua maneira, a realidade da região.

Uma aula de história sobre a burguesia e a reallega inspirou o nome artístico da rapper Rebeca Elen Santos Silva, 20 anos. Os colegas de classe brincavam que ela deveria fazer parte de um mundo de reis e rainhas, pois estava sempre envolvida com os projetos desenvolvidos na escola. Quando o contato com o rap se tornou mais forte, ela refletiu sobre os privilégios desses dois grupos no período Imperial e percebeu que a população da cidade em que morava também merecia ser tratada como a nobreza.

“A Ceilândia, principalmente o Sol Nascente, é uma cidade muito humilde, mas com pessoas que têm riquezas imensuráveis”, relata. “Deveríamos ser tratados como a reallega, e não como os servos”, completa. A partir daí, adotou o nome Rebeca Reallega para as apresentações e gravações com o grupo Sobreviventes de Rua. “Criei minha própria reallega, e meus amigos são meus impérios.”

Nas letras, Rebeca canta o amor pela cidade, a família e busca contribuir para a conscientização de outros jovens, mostrando caminhos que passam longe do crime — que já levou alguns dos amigos dela —, da violência e das drogas. “É uma oportunidade que eu tenho de estar com eles, com as pessoas que estão nesse mundo, abrir os olhos delas e estar em contato

com elas mesmo sem fazer o que elas fazem”, afirma. E tudo isso sem deixar de entreter. “A gente também quer trazer cultura, alegria e diversão para a nossa quebrada, para a nossa cidade.”

Rapper, skatista, lutadora de Muay Thai e, dentro de alguns anos, advogada. Essas são as paixões que Rebeca carrega. Ela acaba de iniciar o primeiro mês de aula no curso de direito, que vai fazer graças à bolsa que conseguiu pelo Programa Universidade para Todos (ProUni) no câmpus Oeste do Centro Universitário Iesb, em Ceilândia Norte. O objetivo é especializar-se na área trabalhista.

O futuro de conquistas que Rebeca traça para a própria vida coincide com o que deseja para a cidade que a acolheu. Além de ruas asfaltadas, com uma ladeira para que possa andar de skate com a irmã mais nova, ela espera mais oportunidades. “Meu sonho para Ceilândia é que ela seja valorizada e tenha o mesmo investimento e privilégios que muitas outras cidades.”

Raízes

Também no Sol Nascente, o cantor e compositor Máximo Mansur, 38 anos, traz as raízes afro-brasileiras baianas e mistura a ritmos que só conheceu mais profundamente na capital federal. Afoxé e música de terreiro com o maracatu e as melodias que embalavam as festas que frequentava com os irmãos mais velhos nos fins de semana, ao som de Amado Batista ou Só para contrariar —uma mistura bem brasileira.

Máximo chegou a Brasília em 1998. O fungo causador da vassoura-de-bruxa atingiu a plantação de cacau que a família tinha no interior da Bahia, em Ituberá, e, sem sustento, eles precisaram se mudar. Foi em 2006, mesmo ano em que chegou a Ceilândia, que lançou o primeiro disco, Banana com farinha, carregado dessa história de migração. “Na época em que eu nasci, era isso o que criava os bacuris. Eles nasciam e iam comendo papa de banana, até poder comer feijão”, lembra-se. Até hoje ele é apaixonado por banana e por qualquer receita que leve a fruta como ingrediente.

“Saí da Bahia, mas a Bahia não saiu de mim”, resume. A busca uma nova identidade foi o que inspirou as composições. “Lá (na Bahia) eu só precisava ser o filho da Maria”, conta. Servidor? Estudante? Político? Decidiu virar músico para cantar esses sentimentos e se envolver com os movimentos sociais para que, além de ouvidos, eles pudessem levar a mudanças na comunidade em que escolheu viver. Criou, então, a Associação Voz Nascente, que organiza saraus e convida artistas locais para discutir os objetivos da arte que produzem e

que influencia as novas gerações. “A música é um meio de levar isso para as pessoas sem ser um discurso frio”, afirma.

“Recentemente, estou lançando o trabalho Concréticas, que é o ápice dessa discussão. Não é mais como vim do interior e, sim, como viver nessa selva de pedra. Como a gente vai fazer para conversar, quais são os símbolos, como a gente dialoga”, explica. O que Máximo expressa por meio da arte tem relação com o presente que ele espera dar e receber de Ceilândia nesse aniversário. “Um presente para mim e para a minha cidade é que meu trabalho fosse exposto de forma clara e que assim funcionasse para todos os filhos mais novos, que merecem estar na festa de Ceilândia.”

Participe

Associação Voz Nascente

A nova sede da associação está em reforma. Em breve, o espaço estará pronto e será inaugurado com o primeiro sarau. Informações na página maximomansur.blogspot.com.br.

Leia mais amanhã

As oportunidades criadas pela educação e pelo empreendedorismo na cidade

Esta é a nossa quebrada

Francisca Ambrósio do Nascimento, a Dona Chica, viu três cidades nascerem. Natural de Currais Novos (RN), ela chegou ao Planalto Central antes da inauguração de Brasília, em 1958. Mais tarde, mudou-se para Ceilândia com o marido, ainda na década de 1970, quando as ruas eram puro barro. Agora, aos 68 anos, orgulha-se de ter participado da construção de uma cidade pela qual lutou desde o início. “O Pôr do Sol, hoje, é um sonho que se realizou. O que a gente via aqui dentro era só medo. As pessoas não imaginavam que isso ia se levantar do jeito que se levantou. A gente sonhava em ver assim, tudo arrumadinho”, conta ela, que ocupa o cargo de prefeita comunitária.

Ao lado do Sol Nascente, o Setor Habitacional Pôr do Sol é a região mais nova de Ceilândia. Muitos dos que moram por lá são filhos da cidade, integrantes da geração que sucede a dos pioneiros. É o caso de Johnny Costa, 46 anos, que veio com os pais do Piauí em 1979. Devido à valorização dos imóveis na parte central da cidade, ele e os seis irmãos dificilmente conseguirão, todos, comprar casas próximas à do pai, que mora no P Sul.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/27/interna_cidadesdf,524220/conheca-historias-de-moradores-do-sol-nascente-na-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_23: Conheça Samantha, a menina da Ceilândia símbolo de nova campanha da ONU

Excelente aluna e fã de matemática, a estudante é exemplo de como as garotas de 10 anos podem ajudar o desenvolvimento global

postado em 26/10/2016 14:26 / atualizado em 27/10/2016 11:15

[Gabriela Vinhal](#)



"Toda criança tem um sonho, e todas precisam de ajuda para realizá-lo. Mas precisamos de oportunidade e de apoio dos adultos, que têm mais experiência na vida." Essas são as palavras de Samantha Borges, a garota da Ceilândia de 10 anos retratada no relatório ["10 — Como nosso futuro depende de meninas](#)

[nessa idade decisiva"](#), lançado na quarta-feira 26 pelo Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA).

O documento apresenta estratégias para que os países implementem políticas públicas focadas em meninas de 10 anos, empoderando essas crianças em uma fase crucial do seu desenvolvimento e trazendo também benefícios sociais e econômicos para as nações. No relatório, o perfil de 10 meninas de diferentes partes do mundo é traçado, incluindo o de Samantha.

Apaixonada por esportes, a garota faz aula de judô e divide o tempo livre com o skate e o futebol. As tardes ficam por conta da escola, um de seus lugares favoritos.

"Eu adoro ir pro colégio e estudar. Sempre que chego em casa, estudo ao menos uma hora por dia"

Samantha Borges, estudante

Menina dedicada

A matemática é a matéria favorita. Apesar da pouca idade, Samantha acumula quatro prêmios escolares: ganhou medalhas de ouro de estudante destaque por ter todas as notas acima de 9. As paixões da menina incluem ainda ler e jogar xadrez. A obra "Diário de um Banana" está entre as suas preferidas. Já o jogo de tabuleiro, temido por alguns, é "fácil" para a pequena, que tira de letra as estratégias e o raciocínio lógico exigido pela brincadeira.

Sonhadora, Samantha quer conhecer o mar do Rio de Janeiro. E, para o futuro, já tem planos certos: "Eu vou ser policial. Mas também pode ser que eu vire professora de educação física".

Questionada sobre quem é seu ídolo, a menina é enfática: "Minha mãe". Sandra Mota, 39 anos, conta que a filha estuda na Escola Regional da Ceilândia desde os 4 anos. Orgulhosa, ela ressalta o talento e a disciplina da garota. "Minha mãe não me incentivou a estudar todos os dias, mas sei que isso deve ser uma prioridade. Ensinei isso a ela desde criança e acredito que ela vá levar isso pra vida", conta Sandra. Emocionada, ela acredita que a pequena Samantha vá colher frutos por ser esforçada: "Ela terá um futuro brilhante pela frente".

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2016/10/26/internas_polbraeco.554847/conheca-samantha-a-menina-da-ceilandia-simbolo-de-nova-campanha-da-on.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_24: Dançarinos da cidade contam o que é preciso para se tornar um bboy ou bgirl

No dia mundial do Hip Hop, a capital recebe o festival Periferia 360°

postado em 10/11/2016 07:30 / atualizado em 10/11/2016 14:49

Isabella de Andrade - Especial para o Correio



Conhecida como uma das maiores referências da dança breaking no país, Brasília abriga grandes nomes da cena nacional, tornando essa linguagem artística cada vez mais forte no Distrito Federal. Bboys e Bgirls

de diferentes estilos e trajetórias se empenham para aprimorar cada vez mais seus passos e o nível dos campeonatos. Além de manter viva e expandir a cultura hip-hop, as disputas de dança representam um local de encontro entre os elementos dessa cultura e criam um ponto de convergência para diferentes gerações em um ambiente de confraternização, diversão e preservação da cultura.

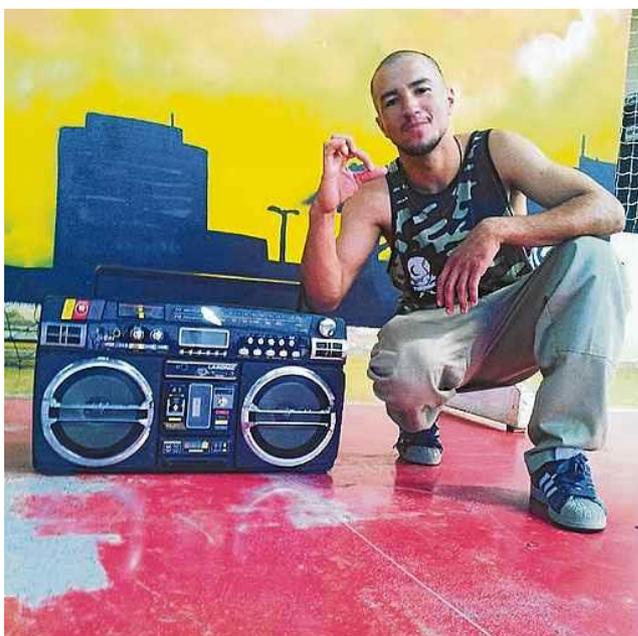
Fabiana Balduína, mais conhecida como FaBgirl, faz parte da cena breaking do DF há 15 anos e ajudou a criar o grupo BsBGirls (Brasil Style Bgirls) em 2003, um dos mais tradicionais formados apenas por mulheres. A bgirl acredita que Brasília tem uma boa representatividade no país e conta que seu grupo já viajou para diversos estados e países para se apresentar e competir. “Tivemos a oportunidade de sermos as primeiras brasileiras a representar o Brasil no mundial na Alemanha por dois anos consecutivos (2008 e 2009) e na França (2011). Todas as viagens foram enriquecedoras e só agregaram para nosso trabalho aqui no Brasil, é sempre bom poder conhecer outras culturas e trabalhos com o breaking”, declara a dançarina.

O preparo para aprimorar o trabalho na dança é constante e passa por fortalecimento muscular, treinos específicos de movimentos do break e cuidados com a alimentação, além das criações coreográficas e táticas de batalhas. Fabiana conta que a avaliação é feita de maneira ampla, mas determinadas competições ou jurados podem se concentrar mais em alguns pontos, como movimentos de força ou a forma como os dançarinos vão usar o repertório que têm. A bgirl é também idealizadora e produtora do Batom batle, um festival nacional de dança breaking com foco em gênero. “Atualmente, é a maior competição da América latina na categoria Bgirling (dança breaking praticado por mulheres). Nesse ano, teremos também a Mostra batom 2016, que contará com 10 trabalhos coreográficos de diferentes estados, para aqueles que não curtem competir, mas querem estar presentes no evento”. O objetivo da mostra é criar

possibilidades de atuação, além das competições e expandir o espaço de exposição destes trabalhos criativos.

Outra representante das bgirls brasileiras é Thayara Brito, que começou a praticar breaking em 2006 e criou o grupo feminino Bots, que volta a praticar a dança neste ano. A dançarina se dedica e treina muito para conseguir a melhor performance e afirma que o movimento vira um estilo de vida. “O grupo de bgirls sempre foi minha família, acho que isso acontece muito no meio, todo viram famílias, criam uma conexão forte”. A brasileira ressalta que o movimento é muito forte na Ceilândia e, hoje em dia, diversos estilos de danças urbanas são incorporados ao breaking.

Tradição



O bboy Japão organiza o festival Periferia 360°: disciplina para participar

Jonathan Dias, conhecido como Japão, está no ramo há 11 anos e afirma que o cenário brasileiro é um dos mais disputados do Brasil. Para ele, o movimento hip-hop ganha maior reconhecimento atualmente e expande sua verdadeira essência: a união. O bboy organiza diversos eventos no Distrito Federal, como o Periferia 360°, que acontece neste fim de semana. “No início, as batalhas ocorriam para as gangues pudesse resolverem as desavenças ou até mesmo para conquistar territórios e respeito. Atualmente, as batalhas servem para dar continuidade e a originalidade do movimento as competições vão além de conquistar só a vitória e sim defender seu nome, sua origem, sua Crew (Grupo)”.

Alan Papel começou a dançar na década de 1990 e conta que o cenário era bem diferente do atual, com menos espaços para treinos e pouca estrutura. Atualmente, os dançarinos da cidade mostram um cenário nacionalmente forte e representam a criação brasileira ao redor do país. “Hoje, a dança de rua já é mais conhecida, se tornou popular entre os jovens e atrai gente diferente, com interesses diversos”, afirma o Bboy.



O bboy brasileiro
Alan Papel

Papel já ganhou 30 competições e em uma de suas viagens internacionais teve a ideia que deu origem ao projeto do festival Quando as ruas chamam, que tem entre seus objetivos promover a

inserção social através da arte e ajudar artistas a consolidar suas carreiras. No ano passado o projeto ganhou o 1º Prêmio de Breaking Latino Americano na categoria de melhor evento da América Latina.

“Hoje me inspira bastante bboys especiais que possuem algum tipo de deficiência. Acho o maior exemplo de superação de limites”, afirma Alan.

O dançarino conta que em seus projetos e eventos produzidos pelo DF trabalha sempre para que todos os dançarinos sejam bem acolhidos e que a sensibilidade dos dançarinos seja sempre evidenciada. “Queremos ser valorizados mas não podemos distorcer nossa história, não queremos ser produtos comercializados por marcas. Corte suas raízes e estará morto.”

Festival

O festival Periferia 360° terá suas principais atividades e shows, no dia Mundial do Hip Hop no sábado e no domingo no Museu da República, com início das atividades as 13 horas, recebendo atrações de vários estados e o Distrito Federal com mais de 50 atrações entre bboys, grafiteiros, djs, poetas e rappers. Quando as ruas chamam 3ª edição será realizada em 9,10 e 11 de dezembro e recebe artistas de todo Brasil e alguns países como França e Bolívia no Sesc de Ceilândia.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/11/10/interna_diversao_arte,556614/dancarinos-da-cidade-contam-o-que-e-preciso-para-se-tornar-um-bboy-ou.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_25: DF ocupa posição crítica em programas de assistência básica de Saúde

Falta de profissionais e demanda cada vez maior da população impõem um desafio gigantesco: melhorar a atenção primária para evitar as emergências lotadas

postado em 25/05/2016 06:10

[Otávio Augusto](#)



Moradoras de Ceilândia, Raimunda Sarmiento e Antônia Andrade dificilmente conseguem atendimento nos postos de saúde próximos de casa

O serviço público de saúde que deveria ser o mais próximo do cidadão, como marcação de consultas, é distanciado por falhas dos sucessivos governos. A atenção primária, que previne, filtra e encaminha os pacientes dentro da rede,

sofre com severas sanções. O principal objetivo do Executivo local é diminuir o desgaste no setor. Hoje, Brasília ocupa as piores posições entre as 27 capitais no ranking que mede dois programas básicos da área. Levantamento feito pelo Correio, com base em dados de janeiro a março do Ministério da Saúde, revela que o DF está na mais baixa colocação na cobertura dos Agentes Comunitários de Saúde, com 21,3% de abrangência, e na quarta posição na assistência do Saúde da Família, com 31,8% de subsídio à população — atrás de Maceió, Salvador e São Luís.

A falta de continuidade e de efetividade das políticas públicas adotadas ao longo das décadas causou diversos problemas. Por exemplo, o desmonte na hierarquização das atenções primária, secundária e terciária. O reflexo disso é notado nas emergências lotadas e nas falhas no atendimento dos postos de saúde e das Unidades de Pronto Atendimento (UPAs). A crise pode ser explicada ao se analisar o número de profissionais do setor. Em um ano, houve queda de 35% na mão de obra, de acordo com estatísticas do Relatório de Atividades Quadrimestrais (RAG) da Secretaria de Saúde.

Caso crítico

Dos 2,5 mil agentes comunitários credenciados pelo Ministério da Saúde, apenas 964 estavam realmente trabalhando, em março — índice inferior a 40%. A autarquia federal considera para o cálculo um universo de 2.648.532 habitantes, mas, com o baixo número de funcionários na ativa, somente 554.300 pessoas tinham acesso ao serviço de promoção e prevenção da saúde. A situação é menos crítica no programa Saúde da Família, considerado estratégico e primordial para a organização e o fortalecimento da atenção básica. Contudo, também apresenta falhas. O governo federal tem credenciadas 360 equipes para atuarem no DF. Entretanto, apenas 238 (66%) realmente prestam a assistência. Ao todo, 817.650 habitantes da capital federal desfrutaram da iniciativa em março passado.

Mesmo morando na rua do Centro de Saúde nº 8 de Ceilândia, a aposentada Raimunda Abílio Sarmiento, 78 anos, não consegue nenhum tipo de atendimento. Nunca recebeu a visita de um agente comunitário de saúde ou de uma equipe de saúde da família no setor P Norte, onde vive. “A gente pode morrer sem descobrir o que tem. Nos postos de saúde, a única coisa que recomendam é tentar se consultar em outro lugar”, conta a idosa, que já teve de procurar o serviço em Recanto das Emas, distante 22km da unidade próxima de sua casa. “É um destino muito triste o de quem precisa da rede pública.”

A disparidade entre Brasília e Campo Grande, capital do Centro-Oeste que melhor oferta o serviço de agentes comunitários de saúde, é enorme. No DF, há 76,6% menos cobertura do que no município de Mato Grosso do Sul, que oferece 97,9% de assistência. O trabalho da Saúde da Família local é 13,7% menor que o de Goiânia, distante 200km, melhor colocada na região, com 45,5% de eficiência (veja gráfico). Marcos Quito, coordenador de Atenção Primária, admite as falhas e explica que a cobertura é dispersa e heterogênea em todas as cidades. “Padronizar é um requisito inicial para a gente ter qualidade. Além disso, precisamos conhecer o que a comunidade precisa. Em determinada região, cuidamos mais de idosos; em outras, de crianças. Em Ceilândia, por exemplo, o serviço não é adequado. O Sol Nascente impõe ao governo uma reestruturação”, avalia. No ano passado, o Fundo de Saúde autorizou o gasto de R\$ 90 milhões para o setor de assistência primária, entretanto a secretaria só utilizou R\$ 27 milhões.

Fernando Castanheira já prestou consultoria em gestão de saúde pública a diversos estados. Executor de estratégias de programas de promoção à saúde e à qualidade de vida, ele é categórico ao analisar o cenário da capital federal: faltam ações básicas e continuadas de planejamento. “O governo precisa conhecer a realidade da cidade, avaliar o que precisa ser feito, traçar um plano de longo prazo e executar as medidas cabíveis”, aponta, ao ressaltar que

o deficit gera mais despesas aos cofres públicos com situações críticas que poderiam ter sido evitadas.

O especialista avaliou os índices do serviço prestado pelas capitais a pedido do Correio. “É alarmante essa situação. Em Brasília, é ainda pior. Estamos falando da capital da República, que deveria nortear o padrão adquirido em todo o país. A atenção básica ficou assim porque os governos só apostam nesses serviços em momentos de crise, como a dengue”, pondera. Paraibana, viúva e com estudo básico, Raimunda sabe o que precisa ser feito. “Tem que organizar. As pessoas não podem ficar largadas dessa forma. Moro sozinha e, às vezes, tenho que andar em um monte de lugar para só bater com a cara na porta. É só ter o mínimo de sensibilidade e compaixão pelo semelhante”, estima a moradora do setor P Norte, distante 31km do Plano Piloto.

Perrengue cotidiano

A secretária Edneia Silva, 31 anos, moradora da EQNM 5/7, em Ceilândia Norte, perdeu a conta de quantas vezes dormiu nas filas das unidades de saúde para conseguir marcar consultas. O perrengue é o mesmo desde quando iniciou o pré-natal de Eloá, 3. “Tem que chegar antes das 4h. O posto abre às 7h, e às 9h começa a distribuição de fichas. Não importa se é frio, arriscado ou se não há a certeza de que vai ter atendimento, as pessoas ficam acampadas”, detalha.

Ela mora a menos de 700 metros do Centro de Saúde nº 2 de Ceilândia. Por lá, pediatra não atende há dois meses. “Se eu pago uma consulta para a Eloá, não tenho condições de pôr comida em casa. Plano de saúde é algo inimaginável para a minha realidade.”

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, [clique aqui](#).

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/25/interna_cidadesdf,533400/df-ocupacao-critica-em-programas-de-assistencia-basica-de-saude.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_26: DF registrou 13 feminicídios e 19 homicídios contra mulheres este ano

Ontem, uma manicure foi atingida por golpes de faca, desferidos pelo marido, que, em seguida, tenta se matar

postado em 21/09/2016 06:10 / atualizado em 21/09/2016 09:24

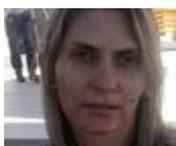


Fachada da casa em que vivia o casal: segundo os vizinhos, eles eram festeiros e viviam em total harmonia

O volume do carro de som parecia não romper o silêncio da vizinhança, localizada duas ruas abaixo do Centro de Ensino Fundamental 12 de Ceilândia (CEF 12). Os moradores do local mantinham-se

sem palavras enquanto o veículo anunciava a venda de pamonha. Ali, o sentimento era de choque. Na residência, que fica no centro da avenida e tem cerca de 12 casas de cada lado, o motorista Beny José de Paula, 57 anos, usou uma faca para assassinar a esposa, Eliane Vieira de Paula, 42, e, em seguida, tentar tirar a própria vida. Eliane junta-se a uma triste estatística: foi a 13º vítima de feminicídio no Distrito Federal só este ano.

Por volta da 1h, a equipe do Samu foi acionada para realizar o atendimento de uma suposta tentativa de suicídio na QNO 2, em Ceilândia. Em poucos minutos, os profissionais chegaram ao local e identificaram o corpo de Eliane em frente à casa dos fundos. A vítima teria tentado pedir ajuda ao primo, que mora na parte de trás do lote. O marido, porém, seguiu a mulher e deferiu dois golpes com a faca — um no tórax e outro no pescoço. Em seguida, introduziu a arma na própria garganta.



[Samambaia: mulher é assassinada a facadas pelo ex-companheiro](#)

O primo de Eliane ainda tentou impedir a tragédia, mas não conseguiu. Ele pediu à esposa para sair de casa e chamar ajuda. Beny foi socorrido pelo Samu e encaminhado ao Hospital Regional da Ceilândia em estado grave. Segundo as testemunhas, o casal discutia antes do ocorrido.

Sexismo

Este ano, 32 mulheres foram mortas no DF. Dezenove delas, vítimas de homicídio. Outras 13 também perderam a vida, no entanto, no contexto de violência doméstica, tipificada como feminicídio. A subsecretária de Políticas para as Mulheres do Governo do Distrito Federal, Lúcia Bessa, aposta na conscientização das mulheres para pôr fim ao ciclo de violência. “A gente acompanha todos esses crimes com muita tristeza. A sensação é que nunca fazemos o suficiente.” Segundo ela, o governo tenta garantir um ciclo de empoderamento para que a violência contra as mulheres acabe, seja ela doméstica, seja em qualquer outro contexto. “Criamos grupo de trabalho contra o feminicídio e outras violências, disseminamos informações, quanto à Lei Maria da Penha e ao feminicídio, em colégios, igrejas e administrações regionais. Reunimos lideranças, mulheres, homens, crianças, e explicamos os motivos pelos quais nós, mulheres, estamos morrendo”, destacou.

Ativista do Fórum de Mulheres do DF e Entorno, a assistente social Guaia Monteiro Siqueira destaca a importância de não desqualificar a vítima. “Existe, no país, um genocídio contra a população negra. Eu sei que o uso de drogas cresce entre a juventude e é fruto de toda uma cultura, mas isso não tem que ser o centro da questão.” Guaia esteve no MPDFT, na semana passada, com ativistas do movimento feminista e familiares e amigas de Katyane para pedir que o órgão acompanhe as investigações da 5ª e da 33ª DP. “Não podemos reduzir essas três mortes a dívidas de drogas. Há, ainda, um histórico de não conclusão das investigações. A sociedade é patriarcal e justifica a violência contra a mulher. O movimento feminista denuncia isso há anos”, criticou.

Com informações de Luiz Calcagno e Camila Costa

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, [clique aqui](#).

Tags: [violência](#) [mulher](#) [direitos](#) [feminicídio](#) [morte](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/21/interna_cidadesdf.549660/df-registrou-13-feminicidios-e-19-homicidios-contra-mulheres-este-ano.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_27: DF registrou mais de 300 casos de estupro no primeiro semestre de 2016

Análise mostra que Ceilândia, Planaltina, Gama e Samambaia são as cidades com maior incidência do crime e concentram aproximadamente 40% dos casos; número é 0,4% maior do que no ano passado

postado em 21/09/2016 15:20 / atualizado em 21/09/2016 16:26

Mariana Fernandes

De janeiro a junho deste ano, foram registrados 319 casos de estupro no Distrito Federal, contra 313 no mesmo período de 2015, um aumento de 0,4%, segundo dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública do DF (SSP).

Apesar de o número não ter sofrido grandes alterações, os dados ainda são alarmantes. Segundo a Secretaria, é importante ressaltar que os casos referem-se aos registros policiais (ocorrências) e não ao número exato de vítimas. A pasta destaca ainda que a violência doméstica é um dos crimes mais subnotificados dentre as naturezas criminais registradas pelas polícia. Isso porque muitas vítimas não comunicam os casos às autoridades policiais.

A análise mostra que Ceilândia (93), Planaltina (52), Gama (52) e Samambaia (53) são as cidades com maior incidência de estupro e concentram aproximadamente 40% dos casos.

Violência

Uma pesquisa inédita, chamada de #ApolíciaPrecisaFalarSobreEstupro, encomendada ao Datafolha pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) **mostrou que 42% dos homens acreditam que o estupro acontece porque a mulher não se dá ao respeito e/ou usa roupas provocativas, e 32% das mulheres têm a mesma opinião.** A pesquisa foi lançada nesta quarta-feira (21/9) no 10º Encontro Anual do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que tem como tema a "Violência Contra a Mulher, Acesso à Justiça e o papel das Instituições Policiais".

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/21/interna_cidadesdf.549763/df-registra-319-casos-de-estupros-no-primeiro-semester-do-ano.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_28: Distrito Federal registra 285 casos de tuberculose somente em 2016

Tida como doença do passado, ela continua contaminando e matando no DF. Desafio é fazer com que o paciente não desista do tratamento, que é longo e exige disciplina

postado em 31/10/2016 06:00 / atualizado em 31/10/2016 09:25

Otávio Augusto

A tuberculose está associada a doenças do passado, mas não ficou para trás. Em uma década, o Distrito Federal registrou 4.407 casos do mal altamente contagioso, que exige tratamento longo e específico. Somente em 2016, ocorreram 285 novas infecções na cidade. Ceilândia e Taguatinga são as regiões administrativas que mais apresentam novos casos. Samambaia, Asa Norte e Sobradinho também se destacam nas estatísticas. Na semana passada, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou estado de alerta para ao mal, uma vez que a epidemia é “mais grave do que se pensava”, segundo a entidade. No ano passado, a cada 100 mil habitantes, 13,4 tiveram tuberculose. Ao todo, 384 pessoas se contaminaram. Um entrave entre o diagnóstico precoce e a finalização do tratamento torna o cenário mais problemático.

No DF, a transmissão — por via aérea — ocorre mais entre homens na faixa etária entre 25 e 44 anos. De 2010 a agosto deste ano, 1.274 pessoas tiveram de ser hospitalizadas por complicações relacionadas à doença. O Executivo local garante que a Secretaria de Saúde está habilitada para o diagnóstico e o tratamento do mal, mas não sabe precisar quanto é gasto especificamente com a tuberculose. No DF, o Hospital Regional do Gama (HRG) é a referência no tratamento. A pasta não tem cálculos de quantas mortes ocorreram relacionadas a complicações da doença. Segundo o órgão, o percentual de cura chegou a 67% dos pacientes tratados em 2015. O abandono do tratamento atingiu 4,9%, conforme dados parciais coletados até a segunda semana de outubro.

Luís (nome fictício), 47 anos, é mecânico em São Sebastião. Há cinco meses, recebeu o diagnóstico de tuberculose. “Estava tossindo muito. Não conseguia dormir direito há vários dias. Minha esposa foi quem levantou a hipótese”, conta. Após três coletas de secreção, o resultado deu positivo e o tratamento foi iniciado. “Algumas pessoas da família estranharam um pouco. Até se afastaram. É uma doença antiga e o povo fica com medo”, comenta, sem querer se identificar por causa do preconceito. Ele garante que segue as recomendações médicas. “Estou tomando os remédios certinho, mas é uma rotina complicada.”

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#)

Tags: [casos novos Brasília](#), [df](#), [tuberculose](#),

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/31/interna_cidadesdf,555413/capital-registra-285-novos-casos-de-tuberculose-no-df-em-2016.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_29: Dois homens são presos com R\$ 2,3 mil em notas falsas em Ceilândia

postado em 13/11/2016 10:32 / atualizado em 13/11/2016 11:37

Otávio Augusto

Dois homens foram presos na noite deste sábado (12/11) com cerca de R\$ 2,3 mil em notas falsas. A Polícia Militar abordou a dupla na Quadra 16 do Setor O, em Ceilândia. A pena para o crime pode chegar a 12 anos de prisão e pagamento de multa.

O dinheiro — que não tem validade — estava escondido em um carro e também junto ao corpo dos homens. São pelo menos oito cédulas de R\$ 100 e outras 30 de nota de R\$50. Os homens foram presos e encaminhados à Polícia Federal para autuação.

Penalidades

Falsificar, fabricar ou alterar moeda metálica ou papel é crime previsto no artigo 289 do Código Penal. A pena varia de três a 12 anos de prisão e multa.

Estará sujeito à mesma pena quem importar ou exportar, adquirir, vender, trocar, ceder, emprestar, guardar ou introduzir na circulação moeda falsa, com pena de seis meses a dois anos e multa.

Conforme a Lei 8.697/93, toda cédula que contiver marcas, rabiscos, símbolos, desenhos ou quaisquer caracteres estranhos, deve ser retirada de circulação. Quando isso ocorrer, a cédula ou moeda será depositada ou trocada em estabelecimento bancário, que a recolherá ao Banco Central para destruição.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/13/interna_cidadesdf,557100/dois-homens-sao-presos-com-r-2-3-mil-em-notas-falsas-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_30: Dupla é capturada no DF com arma avaliada em mais de R\$ 20 mil

A pistola calibre .765 modelo Mauser Alemã Parbelo é usada pelas forças armadas de diversos países

compartilhar: [Facebook](#) [Google+](#) [Twitter](#)

postado em 06/11/2016 10:13 / atualizado em 06/11/2016 10:50

[Thiago Soares](#)



Um homem foi preso e um adolescente apreendido com uma arma de uso restrito na madrugada deste sábado (6/11) em Ceilândia. Segundo informações da Polícia Militar do Distrito Federal, por volta das

0h, um policial que trafegava pela BR-070 abordou a dupla no conjunto C da quadra 15 no Setor O. Durante a ação, um deles tentou atirar contra o militar que estava de folga, mas o agente conseguiu impedir o criminoso. Com a dupla foi localizada uma pistola calibre .765 modelo Mauser Alemã Parbelo usada pelas forças armadas de diversos países.

De acordo com a PM, a arma de uso restrito é avaliada em mais de R\$ 20 mil. Além da arma, o homem identificado como Lucas Thiago da Silva também estava com uma porção de cocaína e outra de maconha. Ele foi autuado por porte ilegal de arma de fogo, porte de substância entorpecente e também por corrupção de menores, uma vez que estava acompanhado de uma adolescente. De acordo com a corporação, a dupla saiu de Águas Lindas (GO) com a intenção de roubar um carro na BR-070.

Tags: [prisão](#) [aprensão](#) [ceilândia](#) [pmdf](#) [guerra](#) [arma](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/06/interna_cidadesdf,556102/dupla-e-capturada-no-df-em-posse-de-arma-avaliada-em-mais-de-r-20-mil.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_31: Dupla que vendia diplomas escolares falsos é presa em Ceilândia

A PM surpreendeu os suspeitos na estação do Metrô de Ceilândia Norte

postado em 16/06/2016 09:35

Dois homens suspeitos de integrarem uma quadrilha foram presos por falsificação de documento público e associação criminosa, por volta das 18h30 desta quarta-feira (15/6), na estação do Metrô, em Ceilândia Norte. De acordo com a Polícia Militar, a dupla confessou a comercialização de diplomas escolares por R\$ 600 a unidade.

Os policiais chegaram aos suspeitos após uma breve investigação e monitoramento. Em diligências aos locais utilizados para confeccionar e armazenar os certificados, em um escritório do Setor O, foram encontrados diversos documentos falsos, máquinas de cartão de crédito utilizadas para parcelamento dos diplomas, impressoras, computadores e diversas cópias de identidades.

Os militares também conseguiram identificar o líder do esquema. Os envolvidos foram encaminhados para a 19ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Norte), responsável pela investigação.

Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/16/interna_cidadesdf,536575/dupla-que-vendia-diplomas-escolares-falsos-e-presa-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_32: Durante perseguição policial, traficante para linha do metrô em Ceilândia

O suspeito responderá por posse ilegal de arma de fogo, tráfico, resistência, desacato e desobediência

postado em 10/06/2016 19:23

Durante perseguição policial, um homem parou uma das linhas do metrô, em Ceilândia, nesta sexta-feira (10/6). Ele foi flagrado pela polícia sob o efeito de drogas, dentro de um carro

na QNN 05, mas, ao ser abordado pela corporação, saiu correndo rumo ao metrô, pulou as grades de proteção e, próximo aos trilhos, chegou a parar uma das linhas do transporte.

A PM cercou o suspeito até ele se render. Ele foi levado até a casa em que mora, local onde foram encontrados uma pistola com três munições e várias porções de maconha. Ele foi levado à 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia), onde responderá por posse ilegal de arma de fogo, tráfico, resistência, desacato e desobediência. O criminoso estava em prisão domiciliar e tem 11 passagens pela polícia, incluindo homicídio.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/10/interna_cidadesdf,535904/durante-perseguido-policia-trafficante-para-linha-do-metro-em-ceilan.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_33: Economia forçada de água no DF começa a partir desta quarta

Algumas regiões administrativas começam a sentir nas torneiras de casa a queda na pressão da água. A decisão partiu da Caesb, como uma medida paliativa, a fim de evitar que o racionamento vire, de fato, uma realidade no DF

postado em 23/11/2016 06:05

Isa Stacciarini, Carolina Cardoso*



Moradores de Ceilândia terão a pressão da água reduzida a partir de hoje. Essa é uma das medidas da Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb) na tentativa de diminuir o consumo hídrico para recuperar a Barragem do Descoberto: o maior reservatório da região, que abastece 65% da população do Distrito Federal e atualmente agoniza. Ontem o nível dele chegou a 20,25% da capacidade total, percentual pouco maior do que foi registrado na última

segunda-feira, quando ficou em 20,07%. Já a barragem de Santa Maria permaneceu em 40,96%. A diminuição da água nas torneiras deve durar, no mínimo, até janeiro e vai seguir um cronograma previsto, inicialmente, até 14 de dezembro. No entanto, a Caesb reforçou que não existe uma data certa para a medida chegar ao fim e garantiu: esta é uma atitude anterior ao racionamento. A novidade começará por Ceilândia porque a cidade é a maior região administrativa, logo, com o maior impacto no consumo.

Regiões altas sofrerão mais com a novidade e podem chegar a registrar 5 metros de coluna d'água. Normalmente, quando não há alteração no fluxo, a pressão se mantém por volta de 10 metros de coluna d'água. Nas regiões menos afetadas, essa medição deve girar em torno de 7 metros a 8 metros. “Dependendo da região o impacto será maior. Queremos trabalhar durante o dia abaixo de 10m de coluna d'água e à noite, como o consumo diminui, a pressão naturalmente vai retornar à normalidade”, detalhou o presidente da Caesb, Maurício Ludovice.

Segundo ele, a ação será avaliada diariamente para observar como o consumo se manterá. “Mesmo com as chuvas, não é hora de relaxar. A medida será mantida pelo tempo necessário. A expectativa é que entre dezembro e janeiro ainda esteja valendo. Vamos observar o consumo e a quantidade de chuvas”, explicou.

Para preservar o a Barragem Descoberto, a mais afetada até agora, a Caesb começou, no início da semana, a captar água do córrego Crispim, no Gama. O objetivo é dar condições ao reservatório para recuperar os níveis.

Ludovice garantiu, ainda, que a diminuição na pressão da rede é uma medida anterior ao racionamento. Segundo ele, essa é uma ação para restringir o consumo. “É bem distante do racionamento. O plano seria mais traumático para os consumidores e o sistema de distribuição de água. Não está descartado, mas é uma medida extrema que será tomada no momento necessário”, afirmou.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/23/interna_cidadesdf,558279/economia-forcada-de-agua-no-df-comeca-a-partir-desta-quarta.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_34: Em Ceilândia, portão de delegacia cai em cima de policial civil

A policial foi encaminhada ao Hospital Regional da Ceilândia e aguarda transferência para uma unidade particular por falta de equipamento. O estado de saúde da servidora é estável

postado em 03/10/2016 15:26 / atualizado em 04/10/2016 09:54

O portão da 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia) caiu em cima de uma agente da corporação na manhã desta segunda-feira (3/10). A servidora chegou de carro no trabalho, abriu o portão entrou com o veículo e no momento de fechar, o portão caiu sobre ela. A vítima ainda teria tentado segurar, mas o peso foi maior que a força da policial.

Os outros agentes da unidade prestaram auxílio à colega. Uma equipe do Corpo de Bombeiros prestou os primeiros socorros e transportou a vítima para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC).

Até a publicação desta reportagem, a vítima aguardava a remoção para um hospital particular, onde passaria por raio-x ou ressonância, para avaliar o quadro. O equipamento do HRC está fora de funcionamento. De acordo com a Polícia Civil, a servidora permanece estável, sem grandes complicações.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/03/interna_cidadesdf,551645/em-ceilandia-portao-de-delegacia-cai-em-cima-de-policial-civil.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_35: Em tempos de crise hídrica, vazamento de água intriga moradores de Ceilândia

Caesb afirma que a quantidade de água desperdiçada é irrelevante. O equipamento jorra o líquido há dois dias

postado em 01/11/2016 19:28 / atualizado em 01/11/2016 21:00

Em tempos de crise hídrica, se preocupar com o gasto excessivo de água já virou hábito do brasileiro. Ou pelo menos deveria. Um vídeo, gravado por moradores de Ceilândia, flagra um equipamento da Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb) jorrando água, no reservatório localizado na M Norte. "Não é a primeira vez que tem vazamento nesse lugar", de acordo com texto feito na página da cidade no Facebook.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/01/interna_cidadesdf,555658/em-tempos-de-crise-hidrica-vazamento-de-agua-intriga-moradores-de-ceil.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_36: Escola Técnica de Ceilândia oferece 920 vagas para cursos gratuitos

Inscrições começam em 19 de outubro e vão até 3 de novembro

postado em 14/10/2016 17:01

O Centro de Educação Profissional - Escola Técnica de Ceilândia abrirá inscrições entre 19 de outubro e 3 de novembro para 920 vagas para o primeiro semestre de 2017. Os candidatos serão escolhidos por sorteio. As inscrições podem ser feitas pela [página](#).

São 270 vagas para o curso de técnico em administração, 270 para o curso de técnico em informática (ambos presenciais em três opções de turno: matutino, vespertino e noturno), 60 para o curso técnico em logística no turno noturno, 160 para técnico em administração à distância, e 160 para técnico em informática à distância. Os dois últimos são integrados ao ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Há reserva de 40% das vagas para os estudantes da rede pública do Distrito Federal que estejam cursando o Ensino Médio em 2016, nos turnos matutino e vespertino. A escola técnica está localizada na QNN 14, área especial, em Ceilândia.

Mais informações: 3901 6927 e 3901 7545.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/selecao/2016/10/14/Selecao_Interna,553239/escola-tecnica-de-ceilandia-oferece-920-vagas-para-cursos-gratuitos.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_37: Escola técnica de Ceilândia recebe inscrições para 13 cursos de formação

Interessados devem procurar secretaria do local entre 18 e 21 de janeiro

postado em 12/01/2016 17:16

O Centro de Educação Profissional Escola Técnica de Ceilândia recebe inscrições para os cursos de formação inicial e continuada do primeiro bimestre de 2016. Os interessados devem efetuar a inscrição entre 18 e 21 de janeiro na secretaria da escola, que fica na QNN 14, área especial, na Guariroba, em Ceilândia. Os cursos ofertados são: auxiliar de pessoal, auxiliar administrativo, gestão financeira, costura industrial do vestuário, costura industrial malharia, costura industrial aperfeiçoamento, operador de microcomputador, operador de

microcomputador para a melhor idade, suporte técnico em informática, desenvolvedor web, marceneiro em linha reta, montador e reparador de computadores e cabeleireiro.

Para a matrícula, o candidato deve levar uma foto 3x4 e cópias dos documentos de identidade, CPF, comprovante de residência e de escolaridade.

Mais informações podem ser obtidas pelo [site](#) ou pelos telefones 3901-6927 e 3901-7545.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/selecao/2016/01/12/Selecao_Interna,513744/escola-tecnica-de-ceilandia-recebe-inscricoes-para-13-cursos-de-formac.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_38: Estudante de 15 anos é encontrada morta em cachoeira

O corpo da menina estava em cima de uma pedra, no meio do rio, perto da cachoeira. Amigos do CEF 27, onde ela estudava, fizeram ato em nome da paz

postado em 08/10/2016 11:04 / atualizado em 08/10/2016 15:15

A estudante Bruna Alves Martinho, 15 anos, foi encontrada morta em uma cachoeira, próxima ao Setor de Chácaras da Ceilândia. Quando a polícia chegou, o corpo da adolescente estava em cima de uma pedra, no meio do córrego.

Alessandra Alves Feitosa, mãe de Bruna, disse à polícia que a filha saiu de casa na quinta-feira (06/10), por volta das 7h, para ir à escola. A menina retornou para casa, trocou de roupa e foi vista pela última vez por volta das 13h, com duas garotas. Como ela não retornou para casa, Alessandra registrou ocorrência de desaparecimento da filha.

Ainda de acordo com a mãe da vítima, um vizinho, conhecido apenas como Toddy, teria informado a Alessandra que viu o corpo de Bruna na cachoeira. O rapaz, contudo, não soube identificar quem estava com ela.

Paz

Na manhã deste sábado, estudantes e profissionais do Centro de Ensino Fundamental 27, onde Bruna estudava, fizeram um ato pela paz. Na página da escola em uma rede social, foi postada a seguinte mensagem: "Ato pela paz, chega de violência contra os nossos jovens! Agradecemos a todos que participaram conosco. Descanse em paz, Bruna e todos os que perderam a vida em função da violência. Pais, estejam mais atentos aos filhos, sejam mais

presentes e amorosos, só o amor e a união familiar podem trazer mais humanidade para este mundo! Fiquem em paz! Equipe do CEF 27"

Disponível em:

http://www.correioabraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/08/interna_cidadesdf,552417/corpo-de-adolescente-vitima-de-afogamento-e-achado-em-corrego-na-ceila.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_39: Estudantes de Ceilândia vendem latinhas para ajudar asilo de Taguatinga

Estudantes de Ceilândia aprendem como ajudar o próximo: eles juntaram e venderam milhares de latinhas de alumínio e compraram quatro cadeiras de rodas para um asilo em Taguatinga

postado em 21/05/2016 08:09



Lanche, música, conversas e sorrisos tomaram conta do lar dos velhinhos, em Taguatinga: projeto desenvolvido desde o início do ano no Distrito Federal

Não existe lugar que não fique melhor com uma pontinha de

solidariedade. Jonathan Santos, 23 anos, aluno do Centro Brasileiro de Cursos (Cebrac), é uma das pessoas que pensam assim e contagiam outros por fazer a diferença. Ele mobilizou vizinhos em Ceilândia, família, amigos e conhecidos e juntou 8 mil latinhas de alumínio. Não foi à toa e nem para proveito próprio. O material vendido rendeu o suficiente para comprar uma cadeira de rodas, que ontem chegou como doação a um asilo onde vivem 34 idosas, em Taguatinga. No momento da entrega, as presenteadas mal conseguiram conter a alegria: cantavam, agradeciam e distribuía sorrisos.

Na Associação São Vicente de Paulo — Lar de Velhinhos, a recepção ficou por conta das freiras coordenadoras do local, Maria José Santos, 55 anos, e Edivanir Leoncio, 70. As religiosas não conseguiam esconder a felicidade com a doação. “A ação foi fantástica, educativa, carinhosa”, aponta Maria José. Edivanir conta que o lar costuma receber muitas escolas, com pessoas cheias de carinho para dar. “Os convidados fazem recreação com as

idosas, brincam, cantam. Os lanches são coletivos e a recepção é sempre muito boa, tanto das moradoras do lar quanto dos visitantes. É impossível não se contagiar”.

Quando os alunos chegaram, ao lado dos representantes do Cebrac, todos estavam reunidos na varanda. Tímidas, as idosas aos poucos foram se soltando, tornando o ambiente cada vez mais agradável. “Solidariedade é ver o sorriso no rosto delas”, emocionou-se Caio Breno Viana, 17, colega de Jonathan que também envolveu no projeto. Foram três meses de trabalho, 48 mil latinhas de alumínio arrecadadas e quatro cadeiras de rodas doadas. O lar, que vive de doações, além da grande equipe de médicos, psicólogos e fisioterapeutas disponíveis, conta com academia, piscina, jardim e horta. Tem um ar acolhedor e alegre e está sempre aberto a receber gente nova, disposta a distribuir amor.

O projeto

A boa ação de Jonathan surgiu como parte da primeira etapa de um projeto solidário chamado Projeto EcoCebrac. O gestor diretor da Cebrac, Douglas Travassos, 23 anos, e a coordenadora pedagógica do local, Cristiane Urcino, 24, adaptaram a ideia vinda da sede do centro, em Londrina. Os responsáveis contam que mais de 800 alunos do DF participaram do projeto, que vem sendo desenvolvido desde janeiro do ano passado. “Todo mundo ajudou. Foram famílias, alunos, funcionários e professores. Todos receberam a ideia de forma muito positiva”, comenta Cristiane.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, [clique aqui](#).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/21/interna_cidadesdf,532953/estudantes-de-ceilandia-vendem-latinhas-para-ajudar-asilo-de-taguating.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_40: Estudantes ocupam a terceira escola nesta terça-feira, em Ceilândia

Aulas na instituição será mantidas parcialmente, em dois períodos e para a Educação de Jovens e Adultos

postado em 08/11/2016 21:52 / atualizado em 08/11/2016 22:14

[Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio](#)



A PM cumpriu, na semana passada, mandados judiciais que determinavam a desocupação de escolas do DF, como o Cemab

Outra escola foi ocupada nesta terça-feira (8/11) no Distrito Federal. Dessa vez, cerca de 30 alunos

do Centro Educacional 6 de Ceilândia (CED 6) iniciaram a ocupação do local. Essa é a terceira unidade de ensino tomada hoje. A Polícia Militar cumpriu mandados judiciais que determinavam a desocupação de todas as instituições da capital até a última quarta-feira (3). Os manifestantes são contrários à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 55 (ex-241), que determina um teto para gastos públicos durante 20 anos.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/08/interna_cidadesdf,556458/estudantes-ocupam-a-terceira-escola-nesta-terca-feira-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_41: Evento coloca Ceilândia no mapa do breaking nacional

A 3ª edição do festival Quando as Ruas Chamam volta a celebrar a cultura hip-hop

postado em 08/12/2016 13:17 / atualizado em 08/12/2016 14:21



O bboy Alan Jhone promove o evento pelo terceiro ano

Salve a Ceilândia! Salve o rap, o breaking e a feira central. Salve o Câmbio Negro e a rima de X, que atesta: “Com o passar dos tempos, a periferia passa a ter voz. Não que não houvesse no passado, só que nós bboys éramos mais oprimidos que na atualidade”. E ninguém sabe disso como o dançarino Alan Jhone, que atende pelo nome de bboy Papel. Há alguns anos, ele foi convocado pelas ruas a colocar o breaking no calendário oficial de Ceilândia e atendeu o pedido. Entre os dias 9 e 11 de dezembro, a terceira edição do festival Quando as Ruas Chamam volta a fazer da nona região administrativa do DF a capital da dança de rua do país.

Nos moldes das edições anteriores, o consagrado evento promovido pelo Fundo de Apoio à Cultura (que levou o prêmio Breaking Latino Americano de 2015 e concorre novamente este ano) traz os bboys e bgirls que disputam a final de dança em oito categorias distintas – nomes escolhidos a partir de vídeos, convites e eliminatórias. O festival busca não somente abarcar as competições, mas igualmente gerar visibilidade aos artistas participantes. Acima de tudo, quebrar paradigmas sociais que restringem o breaking a uma cultura de gueto. No decorrer dos três dias, a ordem se inverte e o Plano parte para a Ceilândia em busca de arte. A periferia pauta o centro.

E nem só de dança vive a quebrada. Quando as Ruas Chamam convocou uma crew responsa para somar. Além dos dançarinos, aparecem por lá nomes expressivos do rap, do grafite e do breaking, a exemplo dos DjsFlip Jay (CE), MF (SP) e Niko (SP), da rapaziada da Funquestra e dos MCs Rodrigo OKZ e Banks, figura lendária da cultura hip-hop com 25 anos de estrada no movimento. E ainda rolam batalhas, galeria de fotos, a presença do rapper Japão (Viela 17) na abertura dos trabalhos e o empoderamento de quem representa o melhor da cultura de rua. Vai ferver.

Quando as Ruas Chamam

9 de dezembro (sexta-feira), exibição do vídeo Quando as Ruas Chamam, com a presença de Japão, às 10h, no Auditório do Campus Ceilândia da Universidade de Brasília. Nos dias 10 e 11 de dezembro (sábado e domingo), finais, batalhas e apresentações a partir das 13h, no Sesc Ceilândia.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/12/08/interna_diversao_arte,560555/evento-coloca-ceilandia-no-mapa-do-breaking-nacional.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_42: Explosão de caixas eletrônicos destrói agência bancária em Ceilândia

Segundo a polícia, vigilantes do estabelecimento disseram que os criminosos chegaram em um veículo Polo preto e explodiram o caixa

postado em 08/06/2016 08:02

[Nathália Cardim /](#)



Criminosos explodiram dois caixas eletrônicos na madrugada desta quarta-feira (8/6), na agência do Banco de Brasília (BRB), em Ceilândia Sul. De acordo com informações da Polícia Militar, o crime ocorreu por volta das 3h45. Ainda não é possível saber se os

suspeitos conseguiram acessar os cofres dos equipamentos.

A agência fica na Área de Desenvolvimento Econômico 1. Segundo a polícia, vigilantes do estabelecimento disseram que os criminosos chegaram em um veículo Polo preto e explodiram o caixa. A ação durou menos de 10 minutos e depois três homens fugiram.

O local precisou ser isolado até a chegada do Esquadrão de Bombas do Batalhão de Operações Especiais (Bope), para a realização da operação Petardo. A Polícia Civil foi acionada para fazer perícia. Até a publicação deste texto, nenhum suspeito havia sido preso.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/08/interna_cidadesdf,535423/explosao-de-caixas-eletronicos-destroi-agencia-bancaria-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_43: Exposição fotográfica comemora aniversário da Ceilândia

As pessoas poderão conferir 30 fotos, que revelam em sua maioria a estética e a arquitetura divergentes da Ceilândia, e também de outras cidades-satélites do DF

postado em 30/03/2016 11:08 / atualizado em 30/03/2016 11:11

De hoje (30/3) a 10 de abril ocorre no JK Shopping a mostra fotográfica Chão de Flores, de Zuleika de Souza. O evento faz parte das comemorações do mall para o aniversário da Ceilândia e trará imagens do trabalho, criativo e original, que foi captado pelas lentes da fotógrafa durante oito anos.

Para abrigar a exposição foi montada, na praça de eventos do centro comercial, uma cena urbana, um corredor que lembra uma rua, no qual serão colocados os quadros. As pessoas poderão conferir 30 fotos, que revelam em sua maioria a estética e a arquitetura divergentes da Ceilândia, e também de outras cidades-satélites do DF. Por fim, o visitante terá a oportunidade de assistir à projeção de mais 200 imagens, que também fazem parte do acervo da fotógrafa.

Segundo Zuleika, as imagens trazem para o espectador a beleza e as raízes dos moradores que estão fora do centro da capital federal, nas quais ela se propôs a retratar e evidenciar, por meio das cores e das formas presentes em muros, paredes, fachadas e grafites, a identidade e a criatividade dessas pessoas. “É uma realização trazer essa exposição para o público da Ceilândia. Muitas das fotos que captei, durante todos esses anos, foram feitas na cidade, e essa é uma forma de estar mais perto dessas pessoas. Espero que elas se identifiquem”, explica ela.

Paralelo a exposição, nos dias 2 e 9 de abril às 14h, Zuleika vai ministrar a Oficina de Foto Digital de Celular. Serão duas horas, nas quais ela trabalhará com dicas de como explorar a câmera, enquadramento, técnicas, armazenamento e tratamento de imagens digitais. “Essas oficinas serão uma forma de ensinar algumas ferramentas para que as pessoas possam continuar a registrar e divulgar a harmonia e as raízes de sua cidade”, relata. As inscrições serão feitas por ordem de chegada, com disponibilidade de 30 vagas.

Serviço:

Exposição Chão de Flores

Data: 30/03 a 10/04

ABERTURA: 30 de março, às 20h

Apresentação com Salve Capoeira e voz e violão com Nego William.

Local: Praça de Eventos

Oficina de foto digital de celular

Data: 2 e 9 de abril, às 14h

Carga Horária: 2h/aula

Vagas limitadas para maiores de 16 anos

Local: Praça de Eventos- JK Shopping

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/30/interna_cidadesdf,524819/exposicao-fotografica-comemora-aniversario-da-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_44: Família denuncia presença de larvas em aparelho de hospital público

Em desabafo, bisneta afirma que aparelhos utilizados no bisavô estavam contaminados, o que viabilizaria a proliferação das larvas

postado em 04/11/2016 14:40 / atualizado em 04/11/2016 16:14

Otávio Augusto, **Ana Viriato** - **Especial para o Correio** [/](#)



A bisneta de um paciente internado em estado grave no Hospital Regional de Ceilândia (HRC) denunciou, por meio de um post no Facebook, nesta sexta-feira (4/11), a retirada de larvas do nariz do bisavô. De acordo com a moça, Cynthia Christiano, a situação

ocorreu devido às condições da aparelhagem do centro médico público.

No post, Cynthia afirma que os aparelhos utilizados no bisavô, Adenor José Viana, 86 anos, estavam contaminados, o que viabilizaria a proliferação das larvas. "Se não tivéssemos percebido, talvez o ciclo teria se repetido não só com ele, mas com infinidade de pacientes", desabafou.

Segundo a diretora do Hospital Regional de Ceilândia (HRC), Andrea Araújo, a contaminação ocorreu na enfermaria de ortopedia. Neste espaço ficam pelo menos 36 pacientes. Ela não descarta outras infecções, mas garante que a higiene ocorre de duas a três vezes por dia. Agora técnicos inspecionam as portas de vedação do local. "Foi um caso isolado. O ambiente não mostra sinais descontrolado"

Adenor José Viana, 86 anos, foi internado em 27 de setembro após uma fratura no fêmur. Ele permaneceu na enfermaria até 17 de outubro quando foi transferido para a Sala Amarela - ambiente de maior suporte técnico. Ele aguardava por uma cirurgia. A Secretaria de Saúde diz que o procedimento não ocorreu devido a complicações. "Havia fragilidades por causa do estado clínico e da idade", destaca Andrea. A equipe técnica descarta que complicações ocorreram devido a contaminação da mosca.

A capacidade da Sala Amarela do HRC é de seis pacientes. A direção do hospital disse que não é possível descartar totalmente outras infecções. "O hospital é um ambiente suscetível ao seu entorno", finaliza. A Secretaria de Saúde garante que avaliou os outros pacientes internados no mesmo ambiente que Adenor e que nenhuma alteração foi detectada.

Disponível:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/04/interna_cidadesdf.555932/familia-denuncia-presenca-de-larvas-em-aparelho-de-hospital-publico.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_45: Família procura empresário desaparecido desde quinta-feira (10)

O carro de José Rodrigues da Luz Filho foi encontrado em São Sebastião. O último contato foi feito com o filho, às 10h do mesmo dia

postado em 14/11/2016 18:38 / atualizado em 14/11/2016 22:12



José tem uma empresa de reformas e é morador de Ceilândia

A família de José Rodrigues da Luz Filho, 50 anos, busca notícias do paradeiro do homem, desaparecido desde quinta-feira (10/11). O carro de José foi encontrado em São Sebastião, ao lado da 30ª Delegacia de Polícia, intacto e com todos os pertences dentro, com exceção da carteira e de um celular de

serviço. O último contato feito foi com o filho, às 10h do mesmo dia.

O sobrinho de José, Augusto César Viana, 19 anos, relata que já foi feita a ocorrência de desaparecimento. Entretanto, pede ajuda para conseguir encontrar o tio. "Desde quinta a polícia faz buscas, estão procurando em todo lugar, mas estamos desesperados, não sabemos mas o que fazer", relata. O caso está sendo investigado pela Divisão de Repressão a Sequestros (DRS).

José Rodrigues tem uma empresa de reforma e mora em Ceilândia com a mãe e o filho. O irmão José Dnez comenta que, na quinta-feira (10/11), o homem deveria trabalhar em obras na área do Jardim Mangueiral. Vários clientes começaram a ligar, perguntando o porquê de o empresário não ter chegado no horário marcado. Quando José não chegou para buscar a esposa no serviço, às 16h, como de costume, os familiares já levantavam a suspeita de desaparecimento. A família pede que quem tiver informações ligue nos números (61) 98173-0501 ou (61) 9996-40481.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/14/interna_cidadesdf,557245/familia-procura-empresario-desaparecido-desde-quinta-feira-10.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_46: Familiares procuram idoso desaparecido em Ceilândia no último domingo

Newton Almeida de Lima, 80 anos, foi visto pela última vez por volta de 17h, nas imediações da QNN 17 e trajava camisa social cor branca, calça cinza e sapato social



O idoso está desaparecido desde domingo (29/5). Ele tem problemas de memória e reside na QNN 18, Conjunto E, Lote 42, Ceilândia Sul

A polícia procura Newton Almeida de Lima, 80 anos. O idoso está desaparecido desde domingo (29/5). Ele tem problemas de memória e reside na QNN 18, Conjunto E, Lote 42, Ceilândia Sul.

[Leia mais notícias em Cidades](#)

Newton foi visto pela última vez por volta de 17h, nas imediações da QNN 17 e trajava camisa social cor branca, calça cinza e sapato social. Quem tiver notícias dele pode entrar em contato com os parentes pelos números 98464-7613 e 98590-5139.

Reportagem_47: Farmácias de Alto Custo ficarão fechadas por dois dias nesta semana

As atividades, na Asa Sul e Ceilândia, serão interrompidas para realização de inventário anual de medicamentos.

postado em 07/12/2016 20:08 / atualizado em 07/12/2016 21:42

A partir desta quarta-feira (7/12), a Farmácia de Alto Custo vai fechar por dois dias para realização de inventário. Na unidade da Asa Sul, o atendimento será suspenso até quinta-feira (8). Em Ceilândia, as atividades estarão interrompidas por dois dias, na quinta e sexta-feira (9).

As unidades funcionam no subsolo da Estação 102 Sul do metrô, no Plano Piloto, e na EQNM 18/20, Praça do Cidadão, em Ceilândia. Elas fornecem medicamento a cerca de 40 mil pacientes inscritos no Distrito Federal.

No total, são distribuídos remédios para tratamento de 80 tipos de doenças. Os mais procurados destinam-se a diversos tipos de artrite, a asma e a dislipidemia (presença elevada de lipídios no sangue). A Secretaria de Saúde faz levantamento periódico dos medicamentos nessas farmácias.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/07/interna_cidadesdf,560452/farmacias-de-alto-custo-ficarao-fechadas-por-dois-dias-nesta-semana.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_48: Fugitivos de presídio em Goiás são recapturados pela polícia em Ceilândia

Na segunda-feira (25/4), nove detentos fugiram do local

postado em 26/04/2016 08:52 / atualizado em 26/04/2016 10:24

Três fugitivos do presídio de Goianésia (GO) foram presos pela Polícia Civil do DF, nessa segunda-feira (26/4). Eles foram recapturados em Ceilândia durante uma operação da Divisão de Capturas e Polícia Interestadual (DCPI/Depate).

Na segunda-feira (25/4), nove presos fugiram do presídio. Dois haviam sido capturados pela polícia goiana e três pela PCDF. Os criminosos respondem por tráfico de drogas e homicídio. O trio deve ser apresentado à polícia hoje, em Brasília.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/26/interna_cidadesdf,529135/fugitivos-de-presidio-em-goias-sao-recapturados-pela-policia-em-ceilan.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_49: Gente da cidade: Conheça o músico da Ceilândia Sérgio Pereira

Com 32 anos de carreira, o músico baiano gravou sete discos, virou personagem de curta baseado em uma composição sua e lança o sétimo álbum

postado em 01/10/2016 07:35 / atualizado em 30/09/2016 17:12

[Alexandre de Paula - Especial para o Correio /](#)



O cantor já passou pelo rock e pelo pop e misturou os dois estilos ao reggae

É possível que você nunca tenha ouvido falar em Sérgio Pereira. O músico baiano, radicado em Ceilândia, é mais um daqueles casos de gente que carrega a história da cultura no Distrito Federal e nem sempre é tão lembrado.

Com 32 anos na estrada, Sérgio já compôs mais de 100 músicas, gravou cerca de 70 delas em discos, virou personagem de um curta baseado em composição sua e lança agora o sétimo álbum Reggae e canções.

Apesar de ter nascido em Riachão das Neves, na Bahia, Sérgio se considera um sujeito do DF. “Eu fiquei só três anos lá e depois já vim para cá”, lembra. Aqui, ele morou primeiro em Taguatinga Sul, mas sua casa mesmo foi a Ceilândia, de onde não saiu desde 1977.

“Ficamos de novo um tempinho muito pequeno lá na Bahia, em 1976, e depois voltamos”, conta. Apesar de rápida, essa outra passagem pelo estado foi fundamental para que a música entrasse de fato na vida. O pai tinha uma danceteria (meio bar, meio lanchonete) e todos os ritmos da música brasileira da época chegavam lá. “Eu ouvia aquilo tudo, além disso meu avô paterno e tios da minha mãe eram músicos, a música veio de sangue”, acredita.

O começo foi cedo, quando ele estava ainda na quinta ou sexta série na escola (a memória já não consegue precisar). A banda tocava brega, num estilo que ia a algo próximo de Odair José e Amado Batista. “Um senhor era quem liderava a banda. Daí, comecei como baterista. Só que ficamos dois anos tocando as coisas dele, mas depois a gente já fazia uma coisa mais nossa, meio 14 Bis (banda mineira) e fomos também para o rock dos anos 1980”, recorda.

Depois da bateria, veio o baixo. Com ele, ficou até o começo da década de 1990, quando deixou as bandas e partiu para a carreira solo. “Depois que eu passei para o trabalho solo, eu ainda tocava contrabaixo, eu cantava no estilo meio Paulo Ricardo, sabe?”, conta. “Mas eu sentia necessidade de parar com o baixo, porque fui para o reggae e para tocar aquelas levadas cantando era osso. Aí, optei pelo violão e guitarra”, explica.



Do rock ao reggae

Mesmo que as grandes influências sejam Zé Ramalho, Raul Seixas, Alceu Valença e Gilberto Gil, Sérgio Pereira passou muito tempo, principalmente na década de 1980, dedicado ao rock. O cantor, porém, queria tocar reggae e enfrentava resistência nas bandas que passou. “Não sou um roqueiro

nato nem um reggeiro nato, eu misturo o reggae ao rock. Isso foi um dos fatores que me fez optar pelo trabalho solo, aí nada me impedia de misturar tudo.”

Com a transição, o visual e as letras também mudaram. As roupas pretas e rasgadas foram trocadas por camisas coloridas e a dureza das palavras de protesto deram espaço a imagens mais poéticas e jogos de palavra. “Quando eu aderi ao trabalho solo, pensei: ‘Vou alegrar isso’ e adotei as roupas cheias de cores. Nas letras, a gente, no rock, tinha muita vontade de mudar o mundo com o que cantava, depois vi que dava para buscar outras formas”, explica.

Filme

Em 2006, Sérgio recebeu uma ligação da equipe da UnB TV. “Queremos fazer um filme com você.” Ele topou. Califórnia e Hawai, canção que deu origem ao curta, foi feita a partir de um refrão que ele criou e não saía da cabeça do filho pequeno. “Eu tinha o refrão da música e meu filho ficava cantando, um dia meu sobrinho cantou com uma levada diferente e eu pensei: ‘Vou terminar isso que vai ficar legal’. E agradou todo mundo”, relembra.



As aventuras de Pereirinha virou clipe/filme com influência no trash dos anos 1980 e Sérgio é o protagonista, contracenando ao lado de atores como Andrade Jr. e do rapper Jamaica. “Eu fiquei feliz demais. Até porque eu tenho essa influência também, curti muito tudo isso, essas séries e filmes, e quando tinha uma trilha sonora deles marcava muito.”

Reggae e canções

Sérgio Pereira. 10 faixas. Independente.

Disponível para download em: <https://goo.gl/tldBH5>

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/01/interna_diversao_arte,551267/gente-da-cidade-conheca-o-musico-da-ceilandia-sergio-pereira.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_50: Governo fará mudanças na Escola Parque a partir do próximo ano

Secretaria pretende ampliar o período de atendimento no contraturno a partir do próximo ano no Plano Piloto. No entanto, número de estudantes atendidos cairá de 3,9 mil para 2,8 mil. Apenas 17 escolas classes estão na lista organizada pela pasta

postado em 30/11/2016 06:00 / atualizado em 30/11/2016 12:56

[Douglas Carvalho](#), [Thiago Soares](#)



Maria Aparecida Bezerra lamenta: a escola da filha não está na lista das que serão atendidas

Idealizadas para complementar a educação básica no Distrito Federal com atividades no contraturno, a tradicional Escola Parque passará por mudanças a partir do

próximo ano. O objetivo, segundo a Secretaria de Educação do DF (SEDF), é que os estudantes das escolas classe sejam atendidos em atividades durante mais dias na semana. No entanto, o atendimento vai diminuir de 3,9 mil para 2,8 mil alunos, de 17 escolas (veja a lista).

O subsecretário de Planejamento, Acompanhamento e Avaliação da SEDF, Fábio Pereira de Souza, explica que, das 38 escolas classes atendidas por atividades das escolas parque, apenas alunos de 17 instituições passarão a ser contemplados. Ele alega que essa é uma maneira de retomar o plano original desenvolvido por Anísio Teixeira, pois, dessa forma, os estudantes passarão a ter aulas no contraturno diariamente. “Estamos resgatando a política da escola no DF. Com o tempo, ela passou a atender em um único dia da semana e no mesmo horário de aula. Os estudantes passaram a perder as atividades regulares, e essa não é a intenção do plano de educação do DF”, detalha.

Ele defende que a redução do número de discentes atendidos não prejudicará a rede, uma vez que esse atendimento ocorrerá de forma integrada e com a garantia de as atividades

serem mantidas no turno oposto ao das aulas regulares. O modelo seguiria o que já é praticado nas unidades parques de Ceilândia e de Brazlândia. “Lá, os pais de alunos optam por inscrevê-los. No Plano Piloto, será da mesma forma. Teremos a garantia de vagas no contraturno e os responsáveis poderão escolher se os filhos serão matriculados na Escola Classe”, afirma. “Acreditamos que, com o aluno indo todos os dias da semana, teremos mais oportunidades de trabalhar as habilidades dele”, completa.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#)

Tags: [educação](#), [mudanças](#), [plano piloto](#) [escola parque](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/30/interna_cidadesdf,559326/governo-fara-mudancas-na-escola-parque-a-partir-do-proximo-ano.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_51: Grupo depreda instalações de estação do metrô em Ceilândia Sul

Até o momento, a PMDF encaminhou 44 pessoas para a 23ª Delegacia de Polícia

postado em 31/01/2016 21:18



O Corpo de Segurança Operacional (CSO) e a Polícia Militar do DF foram acionados, na tarde deste domingo (31), para conter em grupo de pessoas, entre adultos e menores de idade, que depredaram a Estação Ceilândia Sul do metrô. Eles seriam integrantes da torcida de um dos times que disputaria partida no Estádio Abadião e quebraram janelas de trens e depredaram instalações da estação.

De acordo com nota oficial divulgada pelo Metrô-DF, o grupo embarcou na Estação Praça do Relógio. Até o momento, a PMDF encaminhou 44 pessoas para a 23ª Delegacia de Polícia. No texto, a companhia informou ainda que "que tomará todas as medidas legais cabíveis para responsabilizar os vândalos pelos prejuízos causados à empresa".

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/01/31/interna_cidadesdf,516003/grupo-depreda-instalacoes-de-estacao-do-metro-em-ceilandia-sul.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_52: Grupo que clonava veículos para vários criminosos acaba preso

Bando alterava sinais identificadores e falsificava documentos. Nas buscas, policiais apreenderam uma arma de fogo, grande quantidade de droga, quatro automóveis e espelhos de CRLV em branco

postado em 13/12/2016 15:38 / atualizado em 13/12/2016 15:55



A pedido de outros criminosos, o grupo adulterava os sinais identificadores de veículos roubados além de falsificar documentos

Uma operação da Polícia Civil desmanchou uma quadrilha especializada em clonar veículos. A ação aconteceu na madrugada desta terça-feira (13). Agentes prenderam ao menos sete pessoas e levaram outras 13 para prestar esclarecimentos sobre o bando. Além disso, foram cumpridos outros 21 mandados de busca e apreensão. O bando especializado prestava serviço para vários criminosos.

O grupo adulterava os sinais identificadores de veículos roubados além de falsificar documentos. Nas buscas, policiais também apreenderam uma arma

de fogo, grande quantidade de droga, quatro automóveis e espelhos de CRLV em branco, que seriam preenchidos com dados de automóveis sem restrições para rodar.

As ações foram realizadas em Taguatinga, Samambaia, Ceilândia, Riacho Fundo, Candangolândia e Santo Antônio Descoberto (GO). A operação, batizada de WD-40, foi deflagrada por agentes da Delegacia de Roubos e Furtos de Veículos (DRFV).

Tags: [falsificação](#) [quadrilha](#) [clonagem de veículos](#) [polícia civil](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/13/interna_cidadesdf,561130/grupo-que-clonava-veiculos-para-varios-criminosos-acaba-preso.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_53: Homem assassina a esposa e tenta se matar em seguida

O crime ocorreu na madrugada desta segunda-feira (20/9). O marido foi encaminhado ao Hospital Regional da Ceilândia (HRC)

postado em 20/09/2016 07:39 / atualizado em 20/09/2016 09:21

Um homem de 57 anos matou a mulher, de 42, com facadas na QNO 2, em Ceilândia. Em seguida, com o mesmo objeto, ele tentou tirar a própria vida. O crime ocorreu na madrugada desta segunda-feira (20/9).

De acordo com testemunhas, o casal discutia antes do ocorrido. A mulher teria batido na porte de um vizinho pedindo socorro enquanto sangrava, o marido foi atrás e deferiu golpes no pescoço e no tórax da vítima. Ela morreu no local.

O marido foi encaminhado ao Hospital Regional da Ceilândia (HRC). De acordo com o Plantão Policial da unidade, ele ainda estava com o objetivo de metal alojado na garganta e por isso não foi feita uma ficha no hospital.

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/20/interna_cidadesdf,549488/homem-assassina-a-esposa-e-tenta-se-matar-em-seguida.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_54: Homem bate o carro em Ceilândia após ser baleado

Nesta sexta-feira (30), um homem, de 53 anos, colidiu o carro em um ônibus, após ser baleado. O acidente ocorreu na QNP 13/17, em Ceilândia

postado em 30/09/2016 21:05

[Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio](#)

Nesta sexta-feira (30/9), um homem, de 53 anos, colidiu o carro em um ônibus, após ser baleado, em Ceilândia. O acidente ocorreu na QNP 13/17.

Segundo informações da Polícia Militar do DF, testemunhas avistaram dois homens em uma moto atirando contra a vítima que, posteriormente, bateu o veículo no coletivo. Dentro do carro foram encontrados um documento de identificação falso e uma nota de R\$ 50 falsa. O material foi apreendido. Até às 18h desta tarde, a via estava interditada para perícia.

O homem foi levado em estado grave para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC). A 19ª Delegacia de Polícia (P Sul) investiga o crime.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/30/interna_cidadesdf,551338/homem-bate-o-carro-em-ceilandia-apos-ser-baleado.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_55: Homem com 15 passagens é preso mais uma vez em Ceilândia

Suspeito foi flagrado dirigindo um carro roubado e responderá pelo crime de receptação; ele estava em regime semi aberto e ainda tem mais 42 anos de pena para cumprir

postado em 07/07/2016 22:17

A Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) prendeu nesta quinta-feira (7/7), na QNO 6 de Ceilândia, um homem que já possuía outras 15 passagens. Desta vez, ele foi autuado em flagrante pelo crime de receptação por estar em um carro roubado.

De acordo com a PMDF, o suspeito passou a agir de forma suspeita quando avistou uma viatura. Os policiais verificaram, então, a placa do veículo - um GM/Onix - e constataram que ele era roubado.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/07/07/interna_cidadesdf,539463/homem-com-15-passagens-e-preso-mais-uma-vez-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_56: Homem é preso acusado de abusar da enteada em Ceilândia

De acordo com as investigações da Polícia Civil, os abusos ocorreram desde os dois últimos anos

Foi preso na manhã desta quinta-feira (31/3) um homem de 38 anos, acusado de abusar sexualmente da própria enteada de 10 anos. De acordo com as investigações da Polícia Civil, os abusos já ocorriam desde 2014.

A menina relatou o fato na segunda-feira (28/3) para a professora de sua escola. Ela imediatamente acionou o Conselho Tutelar, que foi à instituição ouvir a criança. Após o relato, levou o caso para a polícia.

O delegado-chefe da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), Wisllei Salomão, disse que a menina contou que teria sido abusada pelo padrasto, uma pessoa que ela gosta muito, mas fazia coisas erradas com ela. "Os abusos iniciaram quando a mãe estava grávida de um dos filhos que tem com o homem. Ele aproveitava da ausência da mulher em casa para praticar os atos". Em depoimento, a criança também teria relatado que ele dava R\$ 5 reais para o lanche como "gratificação".

O criminoso confessou o ato e disse o ter cometido cinco vezes. O delegado afirmou que a menina era ameaçada psicologicamente. "O padrasto dizia que se ela contasse para alguém, ele seria preso. Caso ela denunciasse ao pai, ele pediria a guarda definitiva, nunca mais ela veria a mãe e os irmãos e iria morar na rua".

O primeiro abuso ocorreu quando a mãe foi fazer um exame pré-natal. O acusado convive maritalmente com mãe da garota há sete anos. Juntos eles têm três filhos, uma menina de quatro anos, e outros dois meninos, um de dois e outro de sete meses. "O homem não tinha antecedentes criminais e não há suspeita de que ele possa ter abusado dos outros filhos", afirmou o titular da DPCA.

Ele vai responder pelo crime de estupro de vulnerável, com pena de 8 à 15 anos em regime fechado, que pode ser agravada por ele ser padrasto e ter cometido o ato várias vezes.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/31/interna_cidadesdf,525022/homem-e-preso-acusado-de-abusar-da-enteada-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_57: Homem é preso após ameaçar pessoas com espingarda em Ceilândia

Ao visualizar o carro da PM, o homem jogou a arma entre as grades de uma casa da região

postado em 15/05/2016 09:58 / atualizado em 15/05/2016 10:04

Nathália Cardim 



Homem ameaçava pedestres com espingarda

Um homem foi preso após ameaçar pessoas com uma espingarda na QNN 7, em Ceilândia Norte na manhã deste domingo (15/5). De acordo com informações da Polícia Militar, policiais receberam uma

denúncia anônima e enquanto faziam patrulhamento na região conseguiram identificar o suspeito que estava em uma moto de cor vermelha.

Ao visualizar o carro da PM, o homem jogou uma espingarda calibre .22 entre as grades de uma casa da região. Após a ação, ele foi preso em flagrante e encaminhado à 23ª Delegacia de Polícia (Taguatinga).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/15/interna_cidadesdf,531939/homem-e-preso-apos-ameacar-pessoas-com-espingarda-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_58: Homem é preso com 13 pássaros silvestres em gaiolas, em Ceilândia

O fato aconteceu na QNP 25, em Ceilândia Norte. Entre os espécimes apreendidos havia um xexéu, um corrupião, um coleira, um pássaro preto, um pássaro preto soldado, dois sabiás, dois papa-capim, um trinca-ferro, dois galos de campina e um azulão

postado em 14/06/2016 10:05

Um homem foi preso na tarde desta segunda-feira (13/6), após policiais militares ouvirem canto de pássaros silvestres vindos do quintal da casa dele. Os PMs decidiram

averiguar a situação e descobriram que as aves eram criadas sem autorização do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama).

O fato aconteceu na QNP 25, em Ceilândia Norte. De acordo com informações da corporação, havia 13 aves no local. Um xexéu, um corrupião, um coleira, um pássaro preto, um pássaro preto soldado, dois sabiás, dois papa-capim, um trinca-ferro, dois galos de campina e um azulão.

O homem assumiu que criava os bichos irregularmente e foi encaminhado à 23ª Delegacia de Polícia (P Sul). Os pássaros foram levados ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) do Ibama.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/14/interna_cidadesdf,536223/homem-e-preso-com-13-passaros-silvestres-em-gaiolas-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_59: Homem é preso com 15 mil comprimidos de roupinol e com cocaína em Ceilândia

Polícia Militar apreendeu ainda 500 gramas de cocaína e R\$ 1.123

postado em 26/12/2016 19:57 / atualizado em 26/12/2016 23:10

[Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio](#)



A Polícia Militar prendeu, na tarde desta segunda-feira (26/12), um homem de 39 anos com 15 mil comprimidos de roupinol, 500 gramas de cocaína e R\$ 1.123. A prisão aconteceu no conjunto D da QNN 19, em Ceilândia.

Os militares receberam uma denúncia de que havia um ponto de tráfico em uma lava jato na região. Dentro de um filtro de barro, em um veículo, estavam as substâncias. O homem responderá pelo crime de tráfico de drogas.



Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/26/interna_cidadesdf,562660/homem-e-presos-com-15-mil-comprimidos-de-roupinol-e-cocaina-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_60: Homem que cumpria domiciliar por tráfico e corrupção de menor é assassinado

O crime aconteceu na quadra 35 do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia, por volta das 10h desta segunda-feira (7/11). De acordo com a Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom), Alexandre Pereira Nunes, 31 anos, cumpria prisão domiciliar desde 1º de junho de 2015

postado em 07/11/2016 14:27 / atualizado em 07/11/2016 16:06

Um homem que cumpria pena domiciliar foi assassinado nesta segunda-feira (7/11), na quadra 35 do Sol Nascente, em Ceilândia. Segundo a Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom), Alexandre Pereira Nunes, 31 anos, tinha passagens por ameaça, corrupção de menores e tráfico de drogas. Ele cumpria prisão domiciliar desde 1º de junho de 2015.

O crime aconteceu por volta das 10h desta segunda-feira (7/11) e, até a última atualização desta reportagem, ninguém tinha sido preso. Testemunhas disseram à polícia que o suspeito estava a pé. A 19ª Delegacia de Polícia (Setor P Norte — Ceilândia) investiga o caso.

Com informações da Polícia Militar e Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom)

Tags: prisão tráfico df sol nascente

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/07/interna_cidadesdf,556233/homem-que-cumpria-domiciliar-por-trafico-e-corrupcao-de-menor-e-assass.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_61: Homem que ficou 13 anos na cadeia foi preso em ponto de droga em Ceilândia

Ele estava em liberdade há uma semana, de acordo com a Polícia Militar. Na casa onde o homem estava militares encontraram três quilos de maconha, balança de precisão, faca para dividir a droga e filmes de PVC para embalar as porções

postado em 01/11/2016 09:36



A droga e os outros materiais estavam em uma casa na QNN 5 de Ceilândia

Um homem que estava há uma semana em liberdade depois de cumprir 13 anos de prisão foi detido novamente nesta segunda-feira (31/10) em um ponto de droga, em Ceilândia. Policiais passavam pela QNN 5 quando perceberam um grupo de pessoas

em frente a uma casa. Ao perceberem o carro da PM, algumas pessoas correram para direções opostas, mas um homem conseguiu ser alcançado e abordado.

De acordo com a corporação, militares não encontraram nada de ilícito com ele, mas na residência onde o homem estava policiais apreenderam três quilos de maconha, balança de precisão, faca para dividir a droga e filmes de PVC para embalar as porções. Ao ser questionado sobre os produtos localizados, ele informou que tinha comprado por R\$ 1,5 mil.

Militares o encaminharam para a 23ª Delegacia de Polícia (Setor P Sul — Ceilândia) para providências.

Com informações da Polícia Militar

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/01/interna_cidadesdf,555586/homem-que-ficou-13-anos-na-cadeia-foi-preso-em-ponto-de-droga-em-ceila.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_62: Idoso preso em Ceilândia tem mandados por estupro, roubo e estelionato

O homem tem passagem criminal desde 1981. Os crimes de estupro foram praticados nos anos de 2002, 2003 e 2005

postado em 06/07/2016 09:18

Nathália Cardim /

Um idoso de 71 anos foi preso na QNR em Ceilândia com seis mandados de prisão em aberto por roubo, estelionato, furto e três estupros. A ação foi realizada por uma equipe da 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Centro). De acordo com informações da Polícia Civil, o homem tem passagem criminal desde 1981. Os crimes de estupro foram praticados nos anos de 2002, 2003 e 2005.

Ainda segundo a polícia, ele conquistava as vítimas dizendo que arrumaria emprego para elas. Após a aproximação inicial, o idoso forçava a prática de relação sexual.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/07/06/interna_cidadesdf,539209/idoso-presos-em-ceilandia-tem-mandados-por-estupro-roubo-e-estelionato.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_63: Incêndio atinge residência em Ceilândia Sul, mas ninguém fica ferido

Os bombeiros acionaram a perícia e a Defesa Civil para vistoriar a residência. A rua precisou ser isolada pela Polícia Militar para o combate às chamas

postado em 20/08/2016 12:02



O Corpo de Bombeiros atuou no combate com cinco carros e 22 homens

Um incêndio em residência na QNN 2 de Ceilândia Sul assustou vizinhos e mobilizou o Corpo de Bombeiros. O fogo começou às 9h15 deste sábado (20/8) e atingiu o terceiro andar de uma casa aos fundos onde havia uma cozinha e uma varanda. De acordo com o Corpo de Bombeiros, os cômodos foram parcialmente queimados, mas ninguém ficou ferido.

A corporação atuou com 22 homens e cinco carros para evitar que o fogo se alastrasse para o restante do imóvel. Durante o combate militares retiraram duas gaiolas com pássaros.

Os bombeiros acionaram a perícia e a Defesa Civil para vistoriar a residência. A rua precisou ser isolada pela Polícia Militar.

Disponível em:

http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/08/20/interna_cidadesdf,545198/incendio-atinge-residencia-em-ceilandia-sul-mas-ninguem-fica-ferido.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_64: Incêndio na UPA de Ceilândia deixa quatro feridos e pacientes são retirados

Por medidas de segurança, vários pacientes que estavam internados nas alas amarela e vermelha acabaram transferidos pelo bombeiros e Samu ao Hospital Regional de Ceilândia

postado em 17/02/2016 17:02 / atualizado em 17/02/2016 19:32



Bombeiros atenderam a ocorrência e atestaram explosão de um balão de oxigênio

Um incêndio na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Ceilândia deixou três vigilantes e um policial militar feridos. Uma das vítimas, Silas Eufrazio Machado,

teve de ser socorrida por equipes do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) ao Hospital Regional da Asa Norte (Hran) com queimaduras pelo corpo. Já o sargento da PM Osvaldo Rogério estava de serviço no local, sofreu cortes nas mãos e inalou fumaça. Um carro da corporação também transportou o militar para o Hran. Outros dois trabalhadores receberam atendimento na própria UPA.



Bombeiros explicaram que Geovane Brandão Aguiar inalou fumaça e Valdomiro da Silva teve um corte na mão direita. Por medidas de segurança, vários pacientes que estavam internados nas alas amarela e vermelha acabaram transferidos pelo bombeiros e Samu ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC).

Balão de oxigênio danificado após fogo controlado pelos bombeiros

O Corpo de Bombeiros recebeu o chamado da ocorrência por volta das 16h05 desta quarta-feira (17/2). Segundo a corporação, o incidente teria acontecido em razão da explosão de um balão de oxigênio. De acordo com os bombeiros, por volta das 16h funcionários faziam a troca de cilindros de oxigênio quando aconteceu uma explosão no depósito que resultou em um princípio de incêndio.

Em nota, a Secretaria de Saúde lamentou o incidente e informou que aguarda o resultado da perícia feita pela Polícia Civil para saber a causa da explosão. De acordo com a pasta, a empresa responsável pelo fornecimento de oxigênio abasteceu 25 dos 43 cilindros na manhã desta quarta-feira (17/2).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/02/17/interna_cidadesdf,518230/incendio-na-upa-de-ceilandia-deixa-pessoa-ferida-com-queimaduras-pelo.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_65: Instituições de ensino oferecem tratamento psicológico a três mil pessoas

Serviço oferecido por estudantes e supervisionado por professores ajuda a romper o silêncio que atormenta pacientes sem acesso a tratamento de sofrimentos psicológicos

postado em 27/09/2016 07:34 / atualizado em 27/09/2016 18:10



Durante um ano, antes de se formar, Daiane Aureliano atendeu cinco pacientes. "Foi uma experiência muito rica"

Por mais de três décadas, a dona de casa Maria Silva (nome fictício), 51 anos, precisou lidar sozinha com a depressão. Moradora de Samambaia, ela faz parte de um grupo numeroso, que cresce assustadoramente e trava uma batalha desigual com os sofrimentos psíquicos. Por vezes incapacitantes, doenças como a depressão afetam mais de 400 milhões de pessoas no mundo, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS). Quantas delas têm acesso a tratamento adequado? Poucas. A estimativa é que entre 75% e 85% dos pacientes enfrentem sozinhos o problema. Em silêncio, convivem com a dor e a incompreensão. "Tive que esperar anos para poder ser ouvida", admite Maria. Sem condições de pagar por consultas, ela driblou as condições adversas como pôde, mas só deixou de ter a tristeza como companheira inseparável há pouco tempo, quando obteve ajuda psicológica numa universidade.



Para a coordenadora-chefe da Clínica de Psicologia do IESB, Ana Rita Naves, alunos são tão beneficiados quanto pacientes

Pelo menos quatro instituições de ensino de Brasília atendem a população de baixa renda do Distrito Federal, ajudando a democratizar o acesso a tratamentos. Na rede privada, segundo tabela divulgada pelo Conselho Federal de Psicologia, uma sessão individual de psicoterapia custa, em média, R\$ 118,18. Com quatro sessões por mês, seria necessário desembolsar R\$ 472,72, valor que consumiria 53% da renda de quem recebe um salário mínimo por mês. Por essa razão, os centros de atendimento psicológico comunitários do Centro Universitário IESB, da Universidade de Brasília (UnB), do UniCeub e da Universidade Católica de Brasília vêm aumentando anualmente o número de atendimentos realizados. Só em 2015, os quatro centros atenderam juntos cerca de 3 mil pessoas. As consultas são realizadas, sob orientação e

supervisão de docentes, por alunos de psicologia, que têm, dentro do curso, a oportunidade de colocar em prática o conteúdo aprendido em sala de aula. Eles aprendem e ajudam pessoas que não teriam a oportunidade de realizar psicoterapia.

Maria Silva é uma das pessoas atendidas na Católica. “Arrumei emprego, tentei viver, mas, sempre que retornava para casa, a tristeza voltava. No começo do ano, comecei o tratamento na Católica. Não é rápido e não estou curada. Mas aprendi que tinha uma doença e que tinha que lutar contra ela. A cada dia, me sinto melhor, mas sei que nunca teria começado a progredir se não tivesse ajuda”, desabafa. Daiane Aureliano, 25 anos, se formou em psicologia pelo IESB no semestre passado. Durante os dois últimos períodos do curso, participou da Clínica de Psicologia do IESB da Ceilândia, onde atendeu cinco pacientes. “Foi a minha primeira experiência profissional em atendimento direto. Trabalhei apenas com crianças, e foi uma experiência tão rica que agora, após formada, pretendo continuar trabalhando na clínica como voluntária”, conta.

A coordenadora-chefe da Clínica de Psicologia do IESB, Ana Rita Naves, explica que a participação funciona como uma disciplina do curso, mas, para os alunos, é uma experiência tão construtiva que deixa de parecer uma obrigação. “Muitos estudantes têm sua primeira oportunidade profissional nas clínicas e aproveitam essa experiência para entender como funciona o mercado na prática. Os atendimentos são feitos sob supervisão dos professores. No fim do semestre, os alunos fazem um laudo sobre o andamento da terapia”, relata.

Mais informações sobre inscrições a atendimentos

IESB Sul

34454502

Atendimento gratuito

IESB Ceilândia

3962-4748

Atendimento gratuito

Universidade de Brasília

3107-9102

Atendimento gratuito

Universidade Católica de Brasília

3356-9328

Atendimento gratuito

UniCeub

3966-1626

R\$ 20 por mês, caso o paciente tenha condições de pagar

A matéria completa está disponível aqui, para assinantes. Para assinar, clique aqui.

Tags: instituições ensino tratamento psicológico pacientes baixa renda

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/27/interna_cidadesdf,550586/instituicoes-de-ensino-oferecem-tratamento-psicologico-a-tres-mil-pess.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_66: Irmãos são encontrados carbonizados dentro de casa em Ceilândia

Polícia investiga se o incêndio foi acidental ou proposital

postado em 10/12/2016 12:08

Dois irmãos foram encontrados carbonizados dentro de casa na madrugada deste sábado. O incêndio parece ter começado em um dos cômodos, mas ainda não se sabe se foi um acidente ou proposital.

Segundo um dos vizinhos, Jeferson Pereira da Silva, 39 anos, e Jackson Junio Pereira da Silva, 42, eram usuários de drogas, que outros usuários frequentavam o local e que as confusões na casa eram frequentes. Durante a madrugada, antes do incêndio, a testemunha percebeu mais uma confusão, mas não apontou nenhum suspeito. A 23ªDP investiga o caso.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/10/interna_cidadesdf,560800/irmaos-sao-encontrados-carbonizados-dentro-de-casa-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_67: Jovem de 16 anos morre durante tiroteio na Feira do Rolo, em Ceilândia

Uma segunda vítima foi ferida por uma bala perdida, e encaminhada para o hospital

postado em 15/05/2016 18:35

Ricardo Daehn

Uma pessoa morreu e outra ficou ferida durante um tiroteio, por volta das 11h30 de domingo (15/5), na Feira Permanente, em Ceilândia. Segundo a Polícia Militar, o crime foi motivado por uma rixa entre gangues da Expansão do Setor O e do Sol Nascente.

Um jovem de 16 anos foi atingido por seis tiros, quatro deles no rosto, e morreu no local, também conhecido como Feita do Rolo. Ele tinha passagens pela polícia por roubo, furto e envolvimento em homicídio.

A segunda vítima não tinha envolvimento com os grupos rivais e foi alvo de uma bala perdida, que a feriu de raspão no ombro. Ela foi encaminhada para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/15/interna_cidadesdf,531988/jovem-de-16-anos-morre-durante-tiroteio-na-feira-do-rolo-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_68: Jovem de Expressão terá programação especial no Mês da Consciência Negra

Coletivo de Ceilândia promoverá bazar, workshop de violão, sarau entre outras atividades. Será no sábado (19/11), a partir das 13h

postado em 15/11/2016 16:04 / atualizado em 15/11/2016 16:17



Projeto foi lançado em 2007 e funciona na Praça do Cidadão, em Ceilândia Norte

No próximo sábado (19/11), os brasilienses podem conferir mais uma programação especial para o mês da Consciência Negra. O coletivo Jovem de Expressão oferece o

Sabadão Cultural, com um tributo à cultura afrobrasileira. O evento é aberto ao público e contará com diversas atividades, das 13h às 22h, incluindo um concurso de estilo Afro, com uma premiação especial para os primeiros colocados.

A cada dois meses, o evento promove o compartilhamento de cultura, arte e lazer aliados a resignificação dos lugares públicos, incentivando o protagonismo juvenil. “Esse é um evento tradicional do coletivo. Temos em média cinco sabadões ao ano e dessa vez, casamos o tema do evento com esse mês tão especial”, explica a coordenadora do grupo, Rayane Soares.

O programa ocorre desde 2007, mas, nesta edição, a proposta é lembrar o Mês da Consciência Negra com muito estilo. O Sabadão Cultural edição Quilombo resgata a união dos costumes afros com a cultura brasileira e que, hoje, estão sendo usados como símbolo de afirmação da juventude negra. O evento ocorre no espaço Jovem de Expressão, na Praça do Cidadão, em Ceilândia Norte. As atividades são gratuitas e abertas ao público.

Programe-se

Sabadão Cultural edição Quilombo

Data: 19/11

EQNM 18/20, Praça do Cidadão, em Ceilândia Norte

A entrada é gratuita

Atrações

13h às 18h - Bazar e feira da troca

15h às 16h - Workshop de violão

14h às 15h - Oficina de Turbante

19h às 20h30 - Sarau Casa Dandara

20h30 às 22h - DJ



Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/15/interna_cidadesdf,557296/jovem-de-expressao-tera-programacao-especial-no-mes-da-consciencia-neg.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_69: Justiça determina prisão preventiva de estuproador de jovem em Ceilândia

Agora Diogo dos Santos Pestana, 32 anos, está em poder das autoridades de segurança por ordem das Justiças de Goiás e do DF. Ele estava com um mandado de prisão da Polícia Civil de Goiás aberto por estupro e tentativa de homicídio, em Águas Lindas (GO)

postado em 24/07/2016 15:57 / atualizado em 24/07/2016 16:25

Otávio Augusto

Na tarde deste domingo (24/7) o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) determinou que Diogo dos Santos Pestana, 32 anos, acusado de estupro e matar a operadora de caixa Talitha Cacao Rocha Passos, 25, em junho do ano passado, fique preso preventivamente. Agora, ele está em poder das autoridades de segurança por ordem das Justiças de Goiás e do DF.

Após um ano de investigações, a Polícia Civil identificou e prendeu Diogo. O rastreamento do celular da vítima ajudou na apuração. O crime aconteceu próximo a BR-070, em Ceilândia, na altura de um campo de futebol. A prisão de Diogo aconteceu no sábado (23/7), quando o acusado fazia serviços elétricos em uma clínica da 910 Sul.

Na casa de Diogo, em Luziânia (GO), a polícia apreendeu três calcinhas, um computador e uma grande quantidade de camisinhas e gel lubrificante. Ele estava com um mandado de prisão da Polícia Civil de Goiás aberto por estupro e tentativa de homicídio, em Águas Lindas (GO).

Entenda o caso

A operadora de caixa Talitha desapareceu na noite de 27 de junho de 2015. Ela foi abordado em uma parada de ônibus em Ceilândia, próxima ao JK Shopping. Familiares registraram na polícia o sumiço e chegaram a fazer uma campanha em redes sociais para encontrar a moça. Thalitha teria saído do trabalho por volta das 19h30 de sábado.

No fim do expediente, Thalita telefonou para o marido. A intenção dela era pegar o metrô até o Centro de Taguatinga. De lá, seguiria de ônibus para Águas Lindas, cidade onde

morava. Na época, os policiais acreditavam que a morte teria acontecido por volta das 3h da manhã.

Diogo abordou Talitha com uma arma falsa, obrigou a moça entrar no seu carro — um Fiat Tempra na cor vinho. Depois do estupro, o criminoso enforcou a vítima com um meião de futebol até a morte. Talitha deixou dois filhos um de 6 anos e outra de 2.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/07/24/interna_cidadesdf,541470/justica-determina-prisao-preventiva-de-estuprador-de-jovem-em-ceilandi.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_70: Leitura labial ajuda PM de Unaí a salvar jovem sequestrada pelo namorado

Ela deixou o campus da UnB, em Ceilândia, sob domínio do rapaz. Policial conta ao Correio que ela "estava sendo ameaçada de morte"

postado em 23/09/2016 18:37 / atualizado em 23/09/2016 22:52

Sequestrada pelo próprio namorado enquanto saía do campus da Universidade de Brasília (UnB) de Ceilândia, uma brasiliense foi salva graças à ação de um policial militar, que conseguiu fazer a leitura labial da jovem, de 19 anos. A moça já havia chegado a Unaí (MG), a 160km da capital, sob domínio do rapaz, quando o tenente Heitor Carneiro de Santoro notou que ela estava em perigo.

Ao **Correio**, o tenente Santoro explicou como identificou o problema, ocorrido na última terça-feira (20/9). O carro havia sido parado aleatoriamente, em uma blitz, e o policial, um dos responsáveis pela operação, viu que a passageira agia de forma estranha. Ao olhar mais atentamente para a jovem, o PM entendeu que se tratava de um sequestro: "Ela dizia bem discretamente: 'Me ajuda'".

Longe do agressor, a jovem contou que o homem era seu namorado e que teria a sequestrado quando ela saía da aula. "Ela disse que estava sendo ameaçada de morte", lembra Santoro.

Segundo consta no Histórico de Ocorrência, a Polícia Militar prendeu em flagrante Israel Ribeiro de Andrade, 44 anos, e, junto com ele, um facão, que estaria sendo usado para ameaçar a namorada. "Ela me agradeceu muito. Disse que estava muito feliz com a nossa ação", conta Santoro.

Israel foi e, de acordo com a Polícia Militar de Minas Gerais, deve responder em juízo, por ameaça e sequestro. "Sensação de dever cumprido", destacou o policial.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/23/interna_cidadesdf,550175/leitura-labial-ajuda-pm-de-unai-a-salvar-jovem-sequestrada-pelo-namora.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_71: Líder da Igreja Ortodoxa desembarca em Brasília para uma série de visitas

Essa é a primeira vez que o representante máximo da igreja vem ao Brasil. Mor Ignatius Aphrem II encontrará autoridades e fiéis em cidades como Santa Maria e Recanto das Emas

postado em 27/10/2016 15:33 / atualizado em 28/10/2016 14:49



Mor Ignatius é o 123º da linhagem de líderes da congregação e conhecido pela defesa dos cristãos perseguidos no Oriente Médio

Chegou nesta quinta-feira (27/10) a Brasília o líder da Igreja Sirian Ortodoxa de

Antioquia, Mor Ignatius Aphrem II. O patriarca é o 123º da linhagem de líderes da congregação e é reconhecido pela defesa dos cristãos perseguidos no Oriente Médio - especialmente em países como Síria, Iraque e Líbano. É a primeira vez que um líder da Igreja Ortodoxa pisa em terras brasileiras.

Em entrevista ao **Correio**, Mor Ignatius Aphrem II falou sobre o papel da Igreja no apoio a cristãos perseguidos e refugiados de países do Oriente Médio que estão em guerra. “Há muitas igrejas fora da Síria que estão recebendo essas pessoas que perdem suas casas e são obrigadas a sair de seus países. Hoje, a igreja é a principal instituição que recebe e cuida dessas pessoas. Ajudamos com comida, escola, dinheiro, saúde e, inclusive, colaboramos para que elas encontrem trabalhos e possam ter um sustento digno”, afirma o patriarca.

O líder completa dizendo: “Queremos servir a todos, a ajuda não se restringe a cristãos. É nisso que acreditamos e foi isso que Cristo nos ensinou”. O cronograma de Mor Ignatius inclui encontros com representantes do governo distrital e com o presidente Michael Temer, um almoço com a imprensa em uma das missões realizadas no Recanto das Emas e a missa de inauguração da Catedral Ortodoxa em Taguatinga, que ocorrerá no próximo domingo.

"A presença do patriarca é muito importante para consolidar o trabalho missionário que a Igreja tem feito no Distrito Federal e no Brasil", avalia o padre ortodoxo Caio Queiroz. A congregação conta com mais de 300 mil fiéis no Brasil, e o Distrito Federal tem sido o principal foco de evangelização.

Mor Ignatius ficará na cidade até domingo e visitará pelo menos outras cinco capitais - Belo Horizonte, Campo Grande, Curitiba, São Paulo e Goiás.

História

A Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia chegou ao Brasil em 1950, com imigrantes sírios e libaneses. Ela surgiu em 37 d.C. O apóstolo Pedro, um dos discípulos de Jesus Cristo, é considerado o primeiro bispo dessa igreja. Ele pregou o cristianismo na Antioquia. Atualmente, a cidade se chama Antáquia e fica na Turquia.

O patriarca Mor Ignatius Aphrem II explica que a missão da igreja é testemunhar “sobre a fé reta”, ou seja, aquilo que foi pregado por Cristo é o que eles querem passar ao fiéis. "Nossa evangelização tem a intenção de demonstrar a nossa fé, ter uma postura de cristão e ser exemplo para que as pessoas amem a Deus.”

Veja a programação da visita do Patriarca Mor Ignatius Aphrem II a Brasília:

Quinta (27/10)

11h - Desembarque no Aeroporto Internacional de Brasília

13h - Almoço no Palácio do Itamaraty com líderes e autoridades civis e religiosas

15h - Encontro com o Presidente da República Michel Temer

19h - Recepção com autoridades no Hotel Brasília Palace

Sexta (28/10)

10h - Visita ao Mosteiro Ortodoxo em Samambaia

12h - Almoço com o Clero no Recanto das Emas

19h - Visita à Praóquia de São Jorge

Sábado (29/10)

10h - Visita à Comunidade no Sol Nascente, em Ceilândia

19h - Jantar com autoridades na Embaixada da Síria

Domingo (30/10)

9h - Missa de Sagração e Inauguração da Catedral Ortodoxa em Taguatinga

18h - Missa na Igreja de Nossa Senhora do Cinto no Riacho Fundo

Tags: [patriarca visita Brasília igreja ortodoxa](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/27/interna_cidadesdf,555044/lider-da-igreja-ortodoxa-desembarca-em-brasilia-para-uma-serie-de-visi.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_72: Medida que reduz pressão da água começa nesta quarta-feira, por Ceilândia

Ação deve afetar as regiões abastecidas pelo Rio Descoberto. Depois de uma sequência de quedas, o nível do principal reservatório do DF voltou a subir e passou dos 20%

postado em 22/11/2016 06:54

Isa Stacciarini



As recentes chuvas foram responsáveis pelo leve aumento do nível do Rio Descoberto: previsão de mais água

O principal reservatório que abastece o Distrito Federal tem dado os primeiros sinais de recuperação. As últimas chuvas foram suficientes para que o nível da barragem do Descoberto saísse da casa dos 19%. Na medição de ontem, o índice ficou em 20,07%. Já a barragem de Santa Maria atingiu 40,96%. A Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb) tem apostado nas chuvas e na redução do consumo para reverter o cenário da maior crise hídrica que assola a capital. Para diminuir o gasto de água, regiões que são abastecidas pelo Rio Descoberto terão a pressão da rede diminuída a partir de amanhã.

A medida vai começar por Ceilândia e será estendida em um cronograma até 14 de dezembro. Ao todo, 15 localidades serão afetadas: Vicente Pires, Samambaia, Colônia Agrícola Samambaia, Riacho Fundo I e II, Recanto das Emas, Gama, Santa Maria, Águas Claras, Arniqueiras, Taguatinga, Park Way, Candangolândia e Núcleo Bandeirante. A expectativa é que haja uma redução entre 5% e 10% no consumo da região.

Segundo o presidente da Caesb, Maurício Ludovice, técnicos também têm substituído redes antigas de distribuição de água que apresentavam vazamentos, como nas quadras 410 e 411 Norte, além da QL 14 do Lago Sul. “Nós atingimos esse patamar de 20% no fim da seca, que se estendeu e pegou a estação de chuva. Se tivéssemos no auge da seca, em setembro, provavelmente teríamos adotado medidas mais drásticas, como o plano de racionamento. Mas, com o retorno da chuva de forma continuada, esperamos não implementar ações tão impactantes, que penalizariam a população e o sistema de distribuição.”

Ludovice ressaltou que a Caesb tem atacado em duas frentes: trabalha com a previsão do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) de que a chuva se consolide e, ao mesmo tempo, reduz a retirada de água do Descoberto, o mais crítico. “Precisamos assegurar e manter a consciência sobre o uso racional da água para reduzirmos o desperdício. Observamos que temos conseguido diminuições de 14%, mas esperamos que cresça para 15% a 20%.”

A matéria completa está disponível aqui, para assinantes. Para assinar, clique aqui.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/22/interna_cidadesdf,558123/medida-que-reduz-pessao-da-agua-comeca-nesta-quarta-feira-por-ceilan.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_73: Moradores da Ceilândia detém adolescentes durante tentativa de assalto

Próximo ao local, a Polícia Militar ainda encontrou um simulacro de arma de fogo e a chave de outro veículo roubado. Um dos jovens afirmou que tinha comprado o carro por R\$ 500

postado em 26/09/2016 07:42 / atualizado em 26/09/2016 07:59

Moradores da quadra QNM 8/6, em Ceilândia, detiveram três menores de idade em uma tentativa de roubo de carro, por volta de 19h50 deste domingo (25/9). Quando a Polícia Militar chegou, os jovens haviam jogado fora um simulacro de arma de fogo e a chave de outro veículo roubado, que posteriormente foi encontrado na QNM 10. Um dos adolescentes afirmou que tinha comprado o carro por R\$ 500.

A vítima do assalto reconheceu os jovens como autores do crime. Eles foram autuados por ato infracional análogo a roubo e receptação.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/26/interna_cidadesdf,550413/moradores-da-ceilandia-detem-adolescentes-durante-tentativa-de-assalto.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_74: Motorista de 38 anos perde controle do carro e bate em poste em Ceilândia

De acordo com o Corpo de Bombeiros, o motorista Carlos Donayth Leão Lima, 38 anos, se recusou a ser transferido ao hospital, mas foi socorrido no local. Após o acidente, o poste de iluminação pública ameaçou cair

compartilhar: [Facebook](#) [Google+](#) [Twitter](#)

postado em 16/11/2016 09:00



Um motorista perdeu o controle do carro, um Fiat Uno, e bateu em um poste em Ceilândia Norte. O acidente aconteceu por volta das 23h40 desta terça-feira (15/11) entre as quadras QNM 24 e QNM 41 da M Norte de

Ceilândia Norte. De acordo com o Corpo de Bombeiros, o motorista Carlos Donayth Leão Lima, 38 anos, se recusou a ser transferido ao hospital, mas foi socorrido no local.

Bombeiros acionaram equipes da Companhia Energética de Brasília (CEB), porque, após o acidente, o poste de iluminação pública ameaçou cair. O trânsito foi controlado por servidores do Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF).

Com informações do Corpo de Bombeiros

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/16/interna_cidadesdf,557358/motorista-de-38-anos-perde-controle-do-carro-e-bate-em-poste-em-ceilan.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_75: Motorista de ônibus é preso em terminal de Ceilândia por 24 estupros

Paulo Roberto dos Santos Alves se aproximava das vítimas de moto para perguntar o endereço de determinado local. No momento da abordagem, ele ameaçava as mulheres com um martelo na cintura simulando uma arma de fogo.

postado em 06/06/2016 18:37

Um motorista de ônibus de 39 anos foi preso pela Polícia Civil suspeito de ter estuprado 24 mulheres desde 2014. Paulo Roberto dos Santos Alves se aproximava das vítimas de moto para perguntar o endereço de determinado local. No momento da abordagem, ele ameaçava as mulheres com um martelo na cintura simulando uma arma de fogo. Ele abusou de todas elas. Todos os crimes aconteceram na região de Ceilândia.

O titular da 23ª Delegacia de Polícia (Setor P Sul - Ceilândia), Victor Dann, acredita que o número de mulheres abusadas seja maior. Policiais localizaram a moto e as roupas utilizada em todos os crimes. O homem foi preso no local de trabalho em um terminal na M Norte às 13h desta segunda-feira (6/6). “Conseguimos identificá-lo após o retrato falado e o reconhecimento das vítimas. Vinte e quatro mulheres conseguiram dizer com propriedade que era ele, mas acreditamos que existem outras”, ressaltou.

Paulo Roberto vai responder por estupro que prevê pena de 6 a 10 anos para cada caso. “Ele disse que usava crack e não se lembrava das coisas que fazia”, explicou o delegado.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/06/interna_cidadesdf,535208/motorista-de-ônibus-e-preso-em-terminal-de-ceilandia-por-24-estupros.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_76: Motorista embriagado causa atropelamento em Ceilândia Sul

A vítima foi socorrida de helicóptero e levada ao Hospital de Base da região

postado em 30/06/2016 18:45

Um motorista com sinais de embriaguez atropelou uma vítima na tarde desta quinta-feira (30/6). O acidente ocorreu na altura da QNP 24, na Ceilândia (P- Sul). A vítima foi socorrida de helicóptero e levada ao Hospital de Base da região.

De acordo com a 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia), o motorista Sebastião Pereira, de 36 anos, ainda passa por exames, mas será autuado por dirigir embriagado. A vítima, Fabiana de Souza, 31 anos, está instável, foi entubada, apresenta fratura facial e traumatismo craniano.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/30/interna_cidadesdf,538555/motorista-embriagado-causa-atropelamento-em-ceilandia-sul.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_77: Mulher é internada em estado grave após marido atear fogo nela e na amiga

As vítimas foram levadas para o Hospital Regional de Ceilândia. Suspeito não estava no local do crime, no Sol Nascente, quando a PM chegou

postado em 12/11/2016 08:37 / atualizado em 12/11/2016 11:58

Otávio Augusto

Uma mulher de 37 anos teve o corpo queimado pelo marido na noite desta sexta-feira (11/11) no Sol Nascente, em Ceilândia. Segundo a Polícia Militar, o marido — que não teve o nome e a idade divulgados — ateu fogo em Elisangela Mendes e numa amiga dela, após uma discussão.

As queimaduras de primeiro e segundo graus atingiram a cabeça, o rosto e o tronco. Elisangela foi levada em estado grave por volta das 21h50 para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC).

A mulher não soube informar as razões do crime. A amiga de Elisangela, Lauriana Vieira de Souza, 34 anos, presenciou o ataque e tentou impedir o crime. Mas acabou sendo atingida no rosto, no tórax e nos braços. Ela foi levada para o pronto socorro do HRC.

Segundo a polícia, quando os agentes chegaram à casa, na Chácara 2, conjunto G, a mulher havia sido socorrida pela amiga. O suspeito não estava no local, quando o Corpo de Bombeiros chegaram.

O local do crime passou por perícia e a Polícia Civil investiga o caso. Ninguém foi preso até a manhã deste sábado (12/11). A Secretaria de Saúde não divulga o estado clínico de pacientes.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/12/interna_cidadesdf,557013/mulher-e-internada-em-estado-grave-apos-marido-atear-fogo-nela-e-na-am.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_78: Mulher é presa acusada de matar marido a facadas e pauladas, em Ceilândia

O homem foi morto enquanto dormia e a mulher, que teria confessado o crime, diz que um dos motivos foi ciúme

postado em 21/09/2016 20:37 / atualizado em 21/09/2016 23:07

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio

Os agentes da 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia) prenderam, na tarde desta quarta-feira (21/9), Eva Oliveira Barbosa Diniz, 44 anos, suspeita de assassinar o próprio marido. O crime ocorreu na QNO 18 na noite da última terça-feira (20/9), por volta de 20h. Damião Diniz do Nascimento, 46 anos, dormia no momento em que a mulher atacou com facadas, pauladas e usado um saco plástico para asfixiar a vítima.

De acordo com a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), a autora teria confessado o crime e dito, em depoimento, que o motivo foi ciúme. Ela suspeitava, ainda, que a filha, de 20 anos, e o filho, de 16 anos, eram abusados por Damião. Os jovens negaram essa hipótese.

O assassinato só foi descoberto ao meio-dia desta quarta. O corpo estava na residência da família

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/21/interna_cidadesdf,549840/mulher-e-presa-acusada-de-matar-marido-a-facadas-e-pauladas-em-ceilan.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_79: Mulher perde bebê depois de ser liberada no Hospital Regional de Ceilândia

Segundo testemunhas, a grávida chegou ao hospital com dores, foi atendida e dispensada pela médica plantonista

postado em 31/01/2016 12:29 / atualizado em 01/02/2016 09:16

Uma cena chocou quem estava no Hospital Regional de Ceilândia (HRC) na madrugada desse domingo (31/1). Uma avó entrou na unidade de saúde com o neto no colo, um feto com idade gestacional de cinco meses, morto. O Correio teve acesso ao vídeo, no qual a senhora segura o feto envolto em um pano e chora, desesperadamente. Segundo testemunhas, a gestante foi até o hospital horas antes se queixando de dores. Foi atendida, mas a médica plantonista teria dito para ela ir embora. Ao chegar em casa, a mulher passou mal novamente e o bebê nasceu, rapidamente. Ao chegar no HRC, o filho estava morto.

Muitas mães aguardavam na fila para atendimento quando a cena ocorreu. Todas ficaram comovidas. A empresária Ana Karolina Souza, 21, estava com a mãe, grávida de 9 meses. “Chegamos 9h de sábado, minha mãe foi atendida, fez os exames, mas saímos de lá 6h do outro dia sem o resultado. Essa moça tinha ido lá, falado que estava passando mal, mas deixaram ela ir embora. O hospital ficou tentando justificar que era uma tentativa de aborto, mas não foi. Você percebe isso pelo desespero delas”, contou Ana Karolina.

A auxiliar de precíveis em um mercado do DF, Ivanilda de Carvalho Viana, 36, também estava no hospital, com a filha de 16 anos, grávida de 9 meses. “Minha filha chegou lá ontem (sábado), às 13h. Está lá até agora, em uma maca, no corredor. Ninguém fala nada, não nos deixam ficar junto, uma menina de 16 anos, sem experiência”, criticou. Segundo Ivanilda, depois de entregar o feto para a equipe médica, a vó tentou ver a filha, mas não foi permitido. “Ela voltou, ainda com a roupa cheia de sangue e não deixaram ela ver a filha dela. Ficamos todos muito chocados, sabendo que isso poderia acontecer com a gente. É desesperador, precisam fazer alguma coisa”, lamentou. A Secretaria de Saúde afirmou que está apurando o caso.

A diretora do HRC, Talita Andrade, disse que a paciente chegou à ala da ginecologia às 0h45, queixando-se de dor e foi prontamente atendida pela equipe de plantão, à 1h08. A mãe não soube precisar a idade gestacional do bebê e não fazia acompanhamento pré-natal. Para a diretora, era impossível para a equipe médica prever o nascimento prematuro. A paciente foi submetida a anamnese (entrevista que serve de ponto inicial para diagnósticos), exame físico e medicação na primeira visita ao hospital, antes de ser dispensada pela ginecologista.

De acordo com Talita, foi registrado “possível batimento cardíaco fetal positivo.” No entanto, quando o feto foi levado morto ao hospital, apresentava características que poderiam indicar um óbito ocorrido antes do parto. “Não posso precipitar se houve ou não erro médico.

A ginecologista responsável pelo atendimento vai continuar trabalhando, é uma profissional competente, mas não será poupada de investigação”, afirma.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/01/31/interna_cidadesdf,515963/mulher-perde-bebe-depois-de-ser-liberada-no-hospital-regional-de-ceila.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_80: Mulher tenta socorro no Hospital de Ceilândia e é agredida por seguranças

Em um vídeo público, postado nas redes sociais, vigilantes aparecem chutando a vítima e a arrastando pelo braço

postado em 09/01/2016 11:13 / atualizado em 09/01/2016 17:36

Isa Stacciarini

Seguranças do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) foram flagrados em uma ação de desrespeito com paciente da rede pública de saúde. Em um vídeo público, postado nas redes sociais, vigilantes aparecem chutando uma mulher e arrastando a vítima pelo braço até o lado de fora da unidade de saúde. Uma testemunha que presenciou o caso, de 22 anos, fez um relato em um grupo de mães no Facebook. Ela contou que a ocorrência aconteceu na quinta-feira (7/1).

Segundo a jovem que viu toda a situação, a vítima, que estaria acompanhada por outra mulher, teve o acesso impedido por seguranças quando tentou entrar no hospital. “O segurança não permitiu a mulher entrar e colocou as duas do lado de fora. A mulher, para tentar ajudar a outra, entrou e adivinha...O segurança a recebeu com vários chutes e saiu arrastando a mulher pelo corredor do hospital até o lado de fora”, revelou.



Testemunha fez relato público e divulgou imagens em rede social

Ela ainda contou que também sofreu represálias dos seguranças. “Ele ficou apontando o dedo na minha cara, me xingou lá. Foi horrível”, lamentou. Em entrevista ao **Correio**, a jovem, que prefere não ser identificada, contou que aguardava atendimento para a avó que tinha desmaiado e vomitado. “Tinha muita gente na fila. Eu estava com minha avó na ala de emergência quando iniciou a confusão. Comecei a filmar depois que tudo estava acontecendo. A mulher tentou entrar, mas o segurança não deixou. Mesmo assim ela conseguiu acesso e nessa hora os vigilantes saíram puxando pelo braço”, explicou.

A vendedora ressaltou que, ao ser agredida, a vítima empurrou um dos seguranças. “Nesse momento eles começaram a dar um monte de murro nela. A mulher caiu no chão e mesmo assim os seguranças continuaram as agressões com chutes. Uma enfermeira saiu, ficou olhando, mas não fez nada. Um policial também presenciou a cena e não tomou nenhuma atitude”, destacou. “A mulher foi expulsa do hospital e lá fora a baixaria continuou. Pela surra que ela levou, deve ter ficado muito machuada, porque eram quatro seguranças fortes, mas a vítima não voltou para dentro do hospital”, acrescentou.

O comentário da testemunha nas redes sociais repercutiu nas redes sociais. Uma mulher revelou que passou por situação semelhante. “Eles são muito folgados mesmo. Uma vez aconteceu o mesmo comigo, só que levei o caso para a delegacia”, disse.

A mesma internauta fez um desabafo e pediu que a testemunha registrasse ocorrência na Polícia Civil e na ouvidoria do hospital. “Essa empresa tem que treinar melhor os funcionários dela. Eles trabalham com seres humanos e, principalmente, na área hospitalar onde as pessoas estão doentes ou familiares com o emocional abalado por estar vendo alguém passando mal. Isso tem que mudar, a saúde pede socorro e tem que mudar a partir dos serviços terceirizados. Chega, cansamos disso”, completou.

No vídeo, um homem aparece com a blusa da Polícia Civil, assiste a agressão e não toma nenhuma atitude. A Divisão de Comunicação da Polícia Civil (Divicom) informou que

não existe registro de ocorrência sobre o caso. Sobre o suposto policial, a comunicação disse que "o caso será analisado e que será preciso, ainda, avaliar os fatos "em sua totalidade".

Depois da divulgação das imagens que comprovam a agressão, a direção do Hospital Regional de Ceilândia informou que "vai apurar as responsabilidades pelo ocorrido no referido plantão e destaca a preocupação com o respeito ao paciente e seu acompanhante".

Outro lado

Segundo José Maria Gomes Filho, assessor especial do gabinete do secretário de Saúde, Fábio Gondim, o chefe do plantão na noite da agressão contou que uma mulher chegou desmaiada ao HRC, levada por uma amiga e um homem. Na versão do assessor, o grupo parecia alterado. "A que estava desmaiada retomou a consciência e elas começaram a discutir entre si. Falavam alto e gesticulavam", relatou.

Uma das macas que estava próxima das mulheres começou a balançar e a paciente que estava deitada ficou com medo. "Os outros pacientes que aguardavam atendimento se sentiram ameaçados. Um dos vigilantes chegou para pedir que elas parassem e a que tinha desmaiado deu um tapa no rosto dele. A amiga também partiu para cima do funcionário", disse.

"O outro vigilante chegou para retirá-las, se alterou e os funcionários cometerem o grande erro. Repudiamos totalmente a atitude da guarda que não é algo que a secretaria concorde ou compactue", concluiu. A secretaria de saúde tenta contato com a vítima agredida e já notificou a empresa para o afastamento da equipe.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/01/09/interna_cidadesdf,513402/mulher-tenta-socorro-no-hospital-de-ceilandia-e-e-agredida-por-seguran.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_81: Na Guariroba, Abadião marca lembranças do início do Ceilândia Esporte Clube

Também guarda a tradição de famílias de pioneiros que participaram da construção da capital

postado em 27/03/2016 08:10



O ex-zagueiro Brito participou do primeiro jogo no estádio, vestindo a camisa alvinegra do time da casa

O Ceilândia Esporte Clube faz parte da história da cidade e também foi responsável por criar lembranças inesquecíveis para moradores e fãs do futebol.

Donglissimar Batista Lima, 56 anos, estava em campo na partida de inauguração do Abadião, em 1983. O Ceilândia enfrentou o Goiás e venceu por 2x1. “Você estar numa equipe da cidade é sempre bom, e foi uma das primeiras vezes que nós vimos o estádio cheio”, conta.

“Hoje, está mais arrumado. A grama era horrível, era quase terra. Tinha mais mato do que grama”, lembra ele, que é conhecido como Brito. O apelido é homenagem a um ex-zagueiro, da Seleção, que passou pelo Vasco e pelo Botafogo, time do coração de Donglissimar. O Brito do Ceilândia também era zagueiro. Foi formado nas bases do Gama e chegou a jogar na seleção Brasiliense de 1979 e 1980. Atuou por quase três anos no alvinegro e lembra-se com carinho daquela época. Jogadores como Marquinhos Bahia, Joãozinho, Ticão e Dorival faziam parte da equipe. “Foi o começo de uma base boa do Ceilândia”, afirma.

Uma das histórias marcantes do tempo que passou no time foi o jogo contra o Brasília pelo Campeonato Brasiliense. O Taguatinga dependia de uma vitória do Ceilândia e um dos dirigentes de lá prometeu recompensar os alvinegros caso ganhassem. “O Brasília era muito forte, favorito, mas parece que vem a rivalidade do clássico e nós ganhamos deles”, relata. Depois da partida, os representantes do Taguatinga foram ao vestiário para entregar um cheque. “A diretoria não quis aceitar. Faz parte da carreira, ganhamos o jogo por merecimento. Eles acabaram dando o dinheiro para uma creche.”

Brito se aposentou cedo, aos 24 anos. Em 1995, fez um curso de arbitragem e hoje apita jogos em campeonatos. Dos quatro filhos, dois homens e duas mulheres, nenhum se encantou pelo esporte. Agora, ele passa a paixão para o neto, Igor Bonifácio, 6 anos, que está sempre ao lado do avô. “Onde eu vou, ele vai. É meu talismã.”

Torcida

Até hoje, Brito é reconhecido por alguns torcedores da época, que assistiam aos treinos e aos jogos da beira do campo. Um desses fãs incondicionais do Ceilândia é o promotor de Justiça do DF Wilton Queiroz, 56 anos. Ele é o criador de uma página extraoficial que conta a história e acompanha a trajetória recente do time.

Wilton relata que abria o jornal e só via notícias ruins sobre a cidade. As únicas histórias positivas eram relacionadas à atuação do alvinegro. Por isso, decidiu criar o site, para que nunca faltassem boas coisas para se falar da região. Hoje, o Ceilândia é o único time que tem lugar no coração de dele e o responsável por manter o elo entre ele e a região administrativa, para onde se mudou aos 10 anos de idade, vindo da Vila Bernardo Sayão. “O Ceilândia me mantém muito preso a Ceilândia. Eu sou obrigado a ir até lá”, diz.

O promotor chegou a jogar no primeiro time de juniores do Ceilândia. Wilton não mede esforços para registrar e contar essa história a todos os outros admiradores. Já escreveu o relato de ex-jogadores como Risadinha — autor do primeiro gol da história do Gato. Na década de 1990, surgiu também o Ceilandense, que hoje joga na segunda divisão do futebol do DF. “Foi aí que o Ceilândia ganhou o apelido de Gato, porque o pessoal queria matá-lo e ele não morria. O time chegou a abandonar o campeonato no meio da disputa e aí foi para a segunda divisão do DF.” Depois de voltar à elite, foi campeão da primeira divisão do Candangão em 2010 e em 2012.

Grande família

A Guariroba também abriga alguns dos pioneiros de Brasília e de Ceilândia. O Teatro Nacional, os sinos da Catedral Metropolitana e até mesmo o prédio que fica na esquina de casa são algumas das obras que Francisco Rodrigues da Silva, 77 anos, ajudou a erguer. O trabalho de moldador foi o que sustentou a família desde a mudança da Bahia para a capital federal.

Enquanto isso, em casa, Zélia Álvares da Silva, hoje com 75 anos, cuidava dos 13 filhos e de vários outros que eles adotaram e criaram nos 55 anos de casados. “Quando tem festa aqui, não precisa convidar ninguém não”, brinca Joaquim da Silva, 47 anos, um dos filhos do casal. Ela católica, ele evangélico, dão uma lição de harmonia e respeito.

O momento das refeições mostra a típica mistura do Nordeste com Ceilândia. Mesa com comida simples, saborosa e farta, que recebe todos os que tiverem na casa ou de passagem. As conversas em voz alta e os desentendimentos parecem que vão culminar em briga, mas, no fim, todos se entendem, numa celebração diária da história de superação dos pais.

Prometidos um para o outro desde criança, Seu Francisco e Dona Zélia, que são primos, visitam todos os anos os parentes na Bahia e no Tocantins. Para ela, recompensou dedicar a maior parte do tempo à criação dos filhos. “Valeu a pena, porque, na minha casa, pude criar meus filhos sendo bons cidadãos, bons pais de família, boas esposas”, diz. Ele, só precisa acrescentar uma coisa: “Eu amo essa aqui”, diz, estendendo a mão sobre o ombro da companheira. “E vice-versa”, diz ela.

Assista no site

O Correio preparou um vídeo para homenagear Ceilândia no aniversário de 45 anos. Veja em www.correiobrasiliense.com.br

História

Entre 1922 e 1987, foi disputado o Campeonato Brasileiro de Seleções, que reunia os melhores jogadores de cada unidade da Federação. Na época da criação, o nome oficial era Campeonato Brasileiro de Futebol, mas mudou depois da início do campeonato nacional de clubes, em 1971, o Brasileirão, disputado até hoje.

Memórias de um povo incansável e lutador

Quando se mudou da Vila do IAPI para Ceilândia, Viridiano Custódio de Brito, 57 anos, viu a mãe lutar por melhorias para a cidade e participou de muitas dessas conquistas. O barraco em que moravam tinha dois cômodos, mas, quando chegou à nova terra, levado por caminhões do governo, apenas algumas tábuas se salvaram e só deu para montar um cômodo. Nessa época, a mãe trabalhava como lavadeira e Viridiano andava quilômetros para levar a ela a comida que cozinhava. “Quando nós chegamos aqui a Ceilândia, não tinha água, luz nem esgoto”, lembra. “A gente era muito pobre, mais pobre ainda que hoje.”

Ainda criança, trabalhou como engraxate e vendedor de jornal. O primeiro emprego com carteira assinada foi aos 14 anos, na Casa das Cortinas. Também trabalhou na construção civil até começar a atuar na área de assessoria política, na década de 1990. A trajetória de luta social começou ainda ao lado da mãe, que fazia parte da Ação Cristão Pró-Gente, que deu origem ao Movimento dos Incansáveis, em 1978. Na época da criação da cidade, o governo

militar prometeu cobrar um preço simbólico pelos terrenos, mas, quando a regularização começou, era cobrado o valor de mercado. O grupo foi para a Justiça e conseguiu o direito de pagar o montante combinado.

Mais tarde, Viridiano precisou começar a própria luta. Em 1983, participou da formação da Associação dos Inquilinos, movimento com mais de 80 mil pessoas que reivindicou moradia e, no fim de 1985, conseguiu os lotes da Expansão do Setor O. Viridiano se mudou com a mulher e os dois filhos e pensou que poderia, finalmente, descansar em casa. Mas os terrenos tinham água, luz e esgoto. E só. Não contava com infraestrutura básica.

Por meio da Associação Comunitária da Expansão do Setor O (Aceso), da qual é um dos coordenadores, conseguiram conquistar todos esses direitos. E ainda faz parte do Movimento Popular por uma Ceilândia Melhor (Mopocem), que reivindica melhorias para a cidade como um todo. “Aqui, as pessoas são muito lutadoras”, garante. E emociona-se ou relatar a sua relação com a cidade: “É uma vida, né? Você chega criança e vê a cidade crescendo. Vê o primeiro hospital, o primeiro centro de saúde, a primeira escola”.

A matéria completa está disponível aqui, para assinantes. Para assinar, clique aqui

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/27/interna_cidadesdf,524222/na-guariroba-abadiao-marca-lembrancas-do-inicio-do-ceilandia-esporte.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_82: No cotidiano das periferias do DF, a poesia encontra espaço

Nas quebradas, ela serve para refletir e reverberar as questões de seu tempo

postado em 29/11/2016 07:31 / atualizado em 29/11/2016 17:20

Isabella de Andrade - Especial para o Correio



O Sarau Complexo é um espaço para a expressão de múltiplas linguagens.

Fortalecer a voz que nasce nas periferias do Distrito Federal e transformar em versos

os problemas da realidade crua de quem luta por melhores condições em sua própria comunidade. Visto como ponto de encontro para a cultura jovem que se inspira no cotidiano das quebradas e como espaço cada vez mais forte para a reflexão, os saraus poéticos se consolidam nos arredores de Brasília. Entre uma rima e outra, o poeta da periferia ocupa seu lugar de fala e faz reverberar entre a população novos olhares sobre suas próprias questões e dilemas. A inspiração vem das ruas e não tem medo de falar em temas fortes, transformando em arte os problemas vivenciados pelos jovens de seu tempo.

É o caso da poetisa e arte-educadora Meimei Bastos, de 25 anos, que ocupa também o conselho federal da cidade onde vive, Samambaia. Nascida em Ceilândia, Meimei passou parte da infância em Santa Maria e encontrou inspiração em Samambaia, para onde se mudou aos 8 anos. “Eu nasci em quebrada, sempre vivi em quebrada, é na minha cidade que encontro inspiração para a minha poesia”.



"A poesia para mim é orgânica, cotidiana". Meimei Bastos.

A cena poética e cultural de Samambaia é movimentada por iniciativas e projetos locais como o Sarau Complexo, o Espaço Imaginário Cultural e um complexo cultural em construção, resultado de pedidos e protestos

da própria população. A poetisa lança neste ano seu primeiro livro, Um verso e Mei, resultado de trabalho totalmente autoral. “Ele já está em processo final e trabalhei em tudo, desde a capa

até a diagramação. Também tenho publicações no livro *Mulher quebrada*, que reúne diversos textos de autoras das periferias”, conta.

Meimei destaca que sua criação poética é orgânica e natural em seu cotidiano e que a participação em saraus no DF é constante. Para ela, mais importante do que pensar na expansão da cultura produzida na periferia para o conhecimento do público dos grandes centros é o incentivo que as próprias comunidades devem receber. “Fomentar a cultura dentro da quebrada é o mais importante. O esforço e trabalho devem ser feitos para manter viva essa produção aqui, ampliar esses espaços de fala.” A poetiza lembra que, nas periferias, nem todo mundo pode fazer arte. A produção cultural encontra obstáculos onde a população precisa, antes de tudo, pensar em questões básicas de sobrevivência, como comida e moradia.

Performática

“Por isso, é importante fomentar a cultura nestes lugares, para tornar ainda mais possível a criação local, que estabelece maior identidade entre os moradores de cada comunidade. É fundamental manter essa identidade de morador da periferia.” Em seus versos, Meimei deixa claro que se identifica como moradora dos arredores do centro do DF: “Essa Brasília não é minha. Porque eu não sou planalto, eu sou periferia! Porque eu não sou concreto, eu quebrada”. Meimei foi campeã do Distrito Federal na competição de poesia performática Slam das Minas no ano passado e representou a cena local na versão nacional, o Slam BR

Para a poetisa, o local de vivência é seu grande ponto de influência. “Na minha poesia eu me coloco em um lugar de alguém que vive no espaço periférico. Os meus poemas falam de gente negra, da repressão policial, falta de oportunidade, ônibus lotado, violência doméstica. Falo sobre as pessoas que marginalizam esse espaço e também da gente que vem dele”, conta.

Para ela, habitante da movimentada Samambaia, que abriga a melhor quadrilha junina do DF, o Galpão do Riso e grandes encenações da Paixão de Cristo, a poesia é um ciclo, que percorre caminhos entre o interior e o exterior dos poetas. A poesia pode não salvar o todo, mas tem a capacidade de proporcionar reflexão e provocar novos olhares sobre o cotidiano. “A nossa história sempre foi contada por terceiros, então para mim é muito importante ocupar esse espaço de fala. “

Enquanto isso, Tairo Lima, 21 anos, morador do Paranoá, é adepto da inspiração mais crua do seu cotidiano. As criações podem surgir entre o esgoto que corre pelas ruas, o sexo e suas angústias com o mundo. “Estamos trabalhando para que a cena poética aqui da cidade se

fortaleza.” O poeta acredita que a poesia não necessita de utilidade prática, sendo subversiva por si só. “Não existe ponto de partida nem de chegada.”

Saraus para a reflexão



Oficina de grafite aberta à comunidade no espaço cultural Ubuntu

O **Sarau Ubuntu** foi criado no Recanto das Emas para suprir a necessidade de um espaço que representasse, principalmente, a criação cultural da juventude da cidade. As geladeiras literárias

localizadas no espaço são repletas de livros de escritores marginais e buscam expandir as possibilidades de leitura da comunidade, além de dar visibilidade a escritores que ficam de fora das livrarias tradicionais. A ideia partiu de Francisco Celso, 37 anos, professor de história e agitador cultural.

A primeira edição do Sarau Ubuntu, que segue para sua quinta edição, foi em julho de 2016. “Queremos ajudar a ocupar o espaço ocioso da juventude que vive aqui e possibilitar que eles aprendam, através da arte, novas formas de produzir e completar a renda familiar”, comenta o produtor. O agitador cultural conta que o nome Ubuntu veio de uma filosofia africana que retrata a humanidade como coletivo e afirma: sou o que sou porque todos nós somos. “Nosso espaço é também para ser um ponto de socialização e reflexão para pensar possibilidades de enfrentamento dos nossos problemas cotidianos.”

Sarau Complexo, tradição em Samambaia

Em Samambaia, o **Sarau Complexo** ocupa o cargo de anfitrião poético da cidade. Produzido pelo poeta Jadiel Teles, o sarau é reconhecido no DF como uma reunião cultural de diferentes vertentes artísticas. Criado em 2009 pelo Conselho de Cultura da cidade, o Sarau Complexo hoje está na 87ª edição. “É só fornecer a energia que nós levamos a alegria. Músicos, poetas,



atores, artistas plásticos, brincantes, mamulengueiros, palhaços, tudo que esteja à disposição pelo solidário prazer de fazer”, conta Jadiel.

O **Sarau-VA** (Voz e Alma), se iniciou em Setembro de 2013, com o nome Sarau da CM, partindo da iniciativa de

uma Crew de Grafite chamada Caligrafia Mardita – CM. A ideia principal era a de um microfone aberto para que cada um transmitisse o que quisesse de forma livre. “A gente criou uma programação em que não existem diferenças e sim a construção conjunta de um encontro que evidencia a linguagem poética como o modo mais simples de comunicação”, conta o produtor Sidney Sampaio”.



O Sarau-Vá movimenta a cena poética da Ceilândia

Serviço

O Sarau-Vá ocorre na Ceilândia, todas as terças-feiras, a partir das 19h, no Bar Tricolor (QNP 19,

setor P Norte). O Sarau Ubuntu ocorre no Recanto das Emas e a próxima edição é no dia 2 de dezembro, a partir das 19h, no Espaço Cultural Ubuntu (Q. 101 Lt. 18 lj 04). O Sarau Complexo ocorre em Samambaia Sul, toda última sexta-feira do mês, em diferentes locais da cidade (é possível acompanhar pelo site: www.blogccs.wordpress.com).

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/11/29/interna_diversao_arte.559082/no-cotidiano-das-periferias-do-df-a-poesia-encontra-espaco.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_83: Nove jovens ficam feridos após colisão em Ceilândia Norte

O acidente aconteceu por volta das 23h20 da noite de sexta-feira (19/08). Durante a madrugada, uma colisão em Taguatinga deixou um homem levemente ferido

postado em 20/08/2016 09:30 / atualizado em 20/08/2016 09:59

Ailim Cabral



Pelo menos duas colisões foram registradas entre a noite de sexta-feira (19/8) e a madrugada deste sábado (20/8).

Nove jovens ficaram feridos após os carros em que estavam se envolverem em um acidente na via principal de Ceilândia Norte, nas proximidades da QNO 13, por

volta das 23h20. Um Fiat Uno vinho foi atingido por um Corsa azul, que, após a batida, perdeu o controle, colidiu com uma árvore no canteiro central e começou a pegar fogo. O incêndio foi apagado pela Polícia Militar com os extintores dos veículos.

No Fiat estavam cinco dos jovens, que informaram ao socorro voltarem da faculdade no momento do acidente. Militares do Corpo de Bombeiros encaminharam as vítimas para hospitais da região com escoriações. No outro veículo, identificado pela polícia como produto de roubo, estavam quatro menores de idade, incluindo o condutor, de 16 anos. Todos eles foram



transportados para o Hospital Regional de Ceilândia (HRC) sem ferimentos graves.

Os jovens foram atendidos pelo Corpo de Bombeiros e pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) e escoltados pela PM.

Por volta de 1h15, um Logan azul capotou após colidir com um Fusion branco no Pistão Sul, em Taguatinga. O condutor do Fusion, Rosivaldo Soares da Silva, não sofreu nenhum ferimento. Carlos Pinheiro Filho, que conduzia o outro carro sofreu escoriações, mas recusou transporte para o hospital. A idade dos envolvidos não foi divulgada.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/08/20/interna_cidadesdf,545189/nove-jovens- ficam-feridos-apos-colisao-em-ceilandia-norte.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_84: Ônibus pega fogo em Ceilândia e polícia investiga o incêndio

O veículo estava estacionado em um lote vazio na QNN 23 e ficou totalmente destruído

postado em 25/06/2016 09:51



Por cerca de uma hora 24 militares tentaram combater o incêndio em um ônibus, em Ceilândia, na noite desta sexta-feira (24/6). O veículo estava estacionado em um lote vazio na QNN 23 e ficou totalmente destruído.

De acordo com o Corpo de Bombeiros, as chamas alcançaram a fiação da rede elétrica. O dono de uma casa vizinha ao terreno precisou ser retirado do local. A Polícia Civil apura as causas do incêndio. Não houve feridos.

Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/25/interna_cidadesdf,537802/onibus-pegafogo-em-ceilandia-e-policia-investiga-o-incendio.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_85: Operação contra transporte pirata autua veículos em Taguatinga e Ceilândia

A ação apreendeu nove veículos, sendo sete ônibus e duas vans

postado em 18/02/2016 09:10 / atualizado em 18/02/2016 09:35

Maria Eduarda Cardim - Especial para o Correio [L](#)

No início da manhã desta quinta-feira (18/2), a Avenida Hélio Prates, que cruza Taguatinga e Ceilândia, recebeu a operação contra o transporte pirata. A ação apreendeu nove veículos, sendo sete ônibus e duas vans. Quatro deles foram levados ao depósito do Detran por problemas de documentação e outras irregularidades.

A operação, comandada pela Secretaria de Estado de Mobilidade do Distrito Federal (Semob) em conjunto com a Secretaria de Segurança Pública, ocorreu entre 5h30 e 8h. 17 viaturas e 30 pessoas, entre elas agentes do Detran, Polícia Civil e do Batalhão de Polícia Rodoviária (BPRV), participaram.

Quem também acompanhou a atividade foi o secretário de mobilidade, Marcos Dantas, que afirmou que a operação acontece diariamente. "O transporte irregular é uma realidade no Brasil, e em Brasília não é diferente, trabalhamos para diminuir isso", afirmou. A multa para quem realiza transporte irregular varia entre R\$ 2 mil a R\$ 5 mil, dependendo da reincidência.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/02/18/interna_cidadesdf,518323/operacao-contratransporte-pirata-autua-9-veiculos-em-taguatinga-e-cei.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_86: Padre citado na Lava-Jato constrói maior complexo religioso do Centro-Oeste

Líder da Paróquia São Pedro ergue, em núcleo rural, complexo que, entre outras coisas, inclui uma igreja para 10 mil pessoas, três hotéis de cinco pavimentos, uma capela e um estacionamento para 5 mil veículos

postado em 13/04/2016 10:00

Renato Alves



palanque

O padre Moacir organiza a maior festa religiosa do Distrito Federal e Entorno. Realizada anualmente, Pentecostes chega a reunir 1 milhão de pessoas nas missas a céu aberto. Além de números astronômicos, a festa é marcada também pela forte presença de políticos do DF no palco transformado em altar e

Famoso no Distrito Federal e região e, agora, conhecido em todo o país, o padre Moacir Anastácio tem plano ambiciosos. Além de eleger políticos para cargos nos poderes executivo e legislativo, local e nacional, o pároco está construindo um dos maiores e mais modernos templos católicos do Centro-Oeste. Localizada no Núcleo Rural Alexandre Gusmão, perto de Ceilândia, a obra está em ritmo acelerado. A igreja terá capacidade para 10 mil pessoas. Ainda, haverá, em volta dela, um refeitório para 3,5 mil fieis, três hotéis de cinco pavimentos, uma capela, um estacionamento para 5 mil veículos, uma casa paroquial, banheiros, uma livraria e uma praça com jardim. Tudo isso em meio a uma imensa área verde. Mas a operação Lava-Jato pode levar à paralisação da empreitada, pois, como mostraram hoje procuradores federais, a paróquia comandada pelo religioso é alvo de investigação por suposta lavagem de dinheiro.

Batizado de Centro de Evangelização da Comunidade Renascidos em Pentecostes, o complexo está sendo construído com doações de fieis e políticos. No segundo caso, as doações podem ser ilegais, provenientes de propina, como os R\$ 350 mil depositados em uma conta-corrente da paróquia liderada por Moacir a mando de Gim Argello (PTB-DF). O ex-senador foi preso na manhã desta terça-feira (13/4), durante a Operação Vitória de Pirro, na 28ª fase da Operação Lava-Jato. Gim é acusado de ter recebido propina das empreiteiras UTC Engenharia e OAS para livrá-las da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) da Petrobras no Congresso Nacional. Na investigação, policiais federais identificaram o repasse à Paróquia São Pedro, de Moacir. Procuradores federais, agora, apuram se a igreja, em Taguatinga, era usada para lavagem de dinheiro.

A paróquia ajudada por Gim Argello é a que a mais arrecada com dízimos e ofertas na Arquidiocese de Brasília. São cerca de R\$ 100 mil mensais. O padre Moacir organiza a maior festa religiosa do Distrito Federal e Entorno. Realizada anualmente, Pentecostes chega a reunir 1 milhão de pessoas nas missas a céu aberto. Além de números astronômicos, a festa é marcada também pela forte presença de políticos do DF no palco transformado em altar e palanque.

Diante da multidão, governadores, deputados, senadores são apresentados como homens de fé. Para eles, Moacir pede bênçãos e votos. Dessa forma, além de ajudar a eleger políticos tarimbados, o pároco conseguiu fazer deputado distrital, duas vezes, o seu braço-direito, Washington Mesquita (PTB) – atualmente sem mandato, é suplente de distrital. Assim como em todas as suas missas, em Pentecostes, Moacir pede aos fieis dinheiro para a construção do Centro de Evangelização da Comunidade Renascidos em Pentecostes.

Cura da Aids

As missas de cura, que lidera toda semana, lotam o salão da Paróquia São Pedro, em Taguatinga Sul. Lá, 12 mil fiéis se apertam em busca de acolhimento a cada missa. Em suas pregações, Moacir promete, entre outras coisas, a cura pela fé de males como o câncer e a Aids. Natural de Nova Russas, no Ceará, o padre tem 54 anos, sendo 20 de sacerdócio. Consagrou-se na Catedral Metropolitana de Brasília. Em 2008, fundou a Comunidade Renascidos em Pentecostes. Pelo Sistema de Comunicação Renascidos em Pentecostes, o padre fala de Jesus Cristo para milhões de ouvintes no programa Caminhando Com Jesus Cristo – transmitido todos os dias pela web rádio e retransmitido por várias emissoras espalhadas pelo Brasil e algumas partes do mundo –, nas missas de cura e libertação, transmitidas ao vivo, pela web TV. Ele ainda escreve mensalmente aos leitores da Revista Renascidos em Pentecostes.

Padre Moacir também organiza, com os Renascidos em Pentecostes e os seus paroquianos, grupo de oração, tarde de louvor, vigílias, cerco de Jericó, além de diversas outras atividades evangelizadoras. O religioso publicou 10 livros, entre eles, o best-seller A Força que vem da Cruz (sua autobiografia), com mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos. A obra destaca a trajetória do menino pobre do interior que se tornou um adulto analfabeto, mas “escolhido” por Deus para “pregar a palavra do Senhor” Brasil e mundo afora.

Em uma entrevista ao Correio, ele falou da sua relação com os políticos: “Trato os políticos como têm que ser tratados: com educação. Mas os políticos precisam muito de Deus. Eles vêm muito aqui, mas vêm de todos os estados do Brasil. De Brasília, sempre vêm. Vem deputado distrital, federal, governador, vem tudo. Procuo ter amizade, amizade de autoridade. Procuo respeitá-los, mas não pode dar muita brecha”. Mas, ressaltou: “Vejo como uma oportunidade de evangelizá-los. Eles são muito tentados, então precisam muito de oração. E muitas vezes eles não sabem de nada. Não têm espiritualidade nenhuma. É necessário a gente

ajudar também.” Aliás, para uma entrevista, assessores de Moacir pedem ao menos 15 dias de antecedência no agendamento. Ontem, ele não foi encontrado pela reportagem do Correio.

Alcoólico

De acordo com o Ministério Público Federal (MPF), em 15 de maio de 2014, quando foi instalada a CPI da Petrobras no Senado, o presidente afastado da empreiteira OAS, José Adelmário Pinheiro Filho, o Léo Pinheiro, enviou uma mensagem a um interlocutor em que pediu o pagamento de R\$ 350 mil para a conta da Paróquia São Pedro frequentada por Gim Argello. O centro de custo apontado era “Obra da Renest (sic)”, uma referência à sigla Rnest, a refinaria de Abreu de Lima da Petrobras, em Pernambuco, onde a OAS prestava serviços à estatal. O pagamento foi realizado em 19 de maio, de acordo com documentos fiscais da empreiteira.

A força-tarefa de procuradores e os policiais federais identificaram que o ex-senador é “frequentador da paróquia e manteve contatos frequentes com executivos da OAS por meio de ligações e encontros pessoais no período de funcionamento” das CPIs da Petrobras do Senado e do Congresso. No entanto, o Ministério Público diz que a igreja não tinha conhecimento da irregularidade, ao menos por enquanto. “Não há indicativo de que a paróquia tenha participado do ilícito ou de que tivesse conhecimento da origem ilícita dos valores”, afirma a Procuradoria em comunicado. Nas mensagens, o pagamento à paróquia é associado a pessoa de alcunha “Alcoólico”.

O procurador Athayde Ribeiro Costa afirmou, em entrevista coletiva na PF em Curitiba hoje, que o Ministério Público pediu informações à Paróquia São Pedro. “O MPF expediu ofício à paróquia questionando sobre outras empreiteiras.” Ele preferiu não adiantar as investigações.

Na entrevista, o procurador Carlos Fernando Lima afirmou que não está descartado o conhecimento da igreja sobre a origem do dinheiro, mas isso ainda está em apuração. “Não é porque é Igreja Católica ou outra denominação que não vamos aprofundar investigações.” De acordo com ele, entidades recebem muitos recursos em espécie e podem ser usadas em eleições. “Vamos apurar porque qualquer instituição religiosa exerce poder sobre as pessoas. Precisamos ver se existe algum tipo de influência dessa paróquia na campanha de Gim Argello.”

Bebida

A identificação “Alcoólico” seria um pseudônimo para Gim Argello, num trocadilho com a bebida “Gim”, que foi evidenciada na troca de mensagens de Léo Pinheiro com Otávio Marques de Azevedo, presidente do Grupo Andrade Gutierrez, outra das empreiteiras envolvidas no pagamento de propinas a agentes da Petrobras”, narra comunicado do MPF.

Os investigadores apontaram que no telefone celular de Léo Pinheiro, apreendido na 7ª fase da Lava Jato, foram encontradas mensagens relacionadas a Gim Argello. Segundo o MPF, não houve convocação de Léo Pinheiro para prestar depoimento nas comissões parlamentares que investigam o esquema de corrupção na Petrobras. “Não há indicativo de que a paróquia tenha participado do ilícito ou de que tivesse conhecimento da origem ilícita dos valores”.

Assembleia de Deus

A Operação Lava-Jato já detectou outro pagamento de propina para uma igreja no caso. Segundo denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR), parte dos US\$ 5 milhões de suborno recebidos pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), foram destinados á Assembleia de Deus. O lobista Júlio Camargo, que se declara católico, diz que fez os pagamentos de R\$ 250 mil à instituição religiosa por orientação do deputado.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/04/13/internas_polbraeco,527055/padre-citado-na-lava-jato-constroi-maior-complexo-religioso-do-centro.shtml

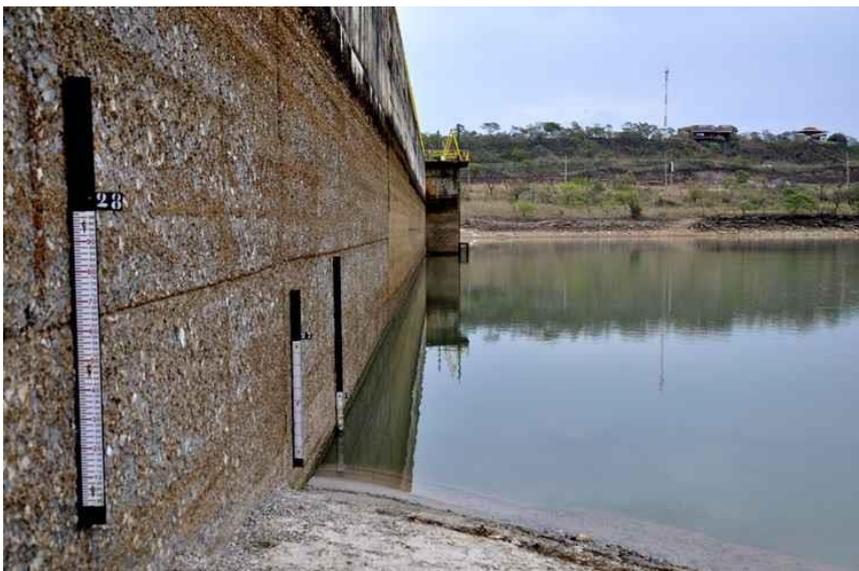
Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_87: Pela primeira vez na história, Barragem do Descoberto fica abaixo de 30%

O Descoberto é o principal reservatório de água da capital federal e abastece 70% do DF

postado em 13/10/2016 11:45 / atualizado em 13/10/2016 16:23

Flávia Maia , Luiz Calcagno



Se não chover o suficiente e o consumo não cair, em até duas semanas, o nível do reservatório deve chegar a 25%, e haverá acréscimo no boleto mensal enviado à residência do consumidor

A Barragem do Descoberto atingiu menos de 30% e atingiu o menor volume de sua história. Segundo medições da Agência Reguladora de Água do Distrito Federal (Adasa), o nível está em 29,37%, agravando ainda mais a crise hídrica no DF. Na terça-feira (11/10), a medida estava em 30,25% e baixou para 29,76% na última quarta.

O Descoberto é o principal reservatório de água da capital federal e abastece 70% do DF. Se não chover o suficiente e o consumo não cair, em até duas semanas, o nível do reservatório deve chegar a 25%, índice estabelecido pela resolução da Adasa para início do acréscimo no boleto mensal enviado à residência do consumidor.

As normas da cobrança adicional foram publicadas na última segunda-feira (10/10) no *Diário Oficial do DF*. O adicional será cobrado para as residências que ultrapassarem o consumo mensal de 10 mil litros por mês. O valor adicional virá discriminado no boleto a ser pago, em modelo similar às bandeiras tarifárias da energia elétrica. O dinheiro arrecadado pela Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb) será destinado para uma conta contábil e a quantia só poderá ser usada para investimentos ou custos relacionados à crise hídrica.

A Barragem do Rio Descoberto foi inaugurada em 1974 e está localizada às margens da BR-070, que liga o Plano Piloto a Águas Lindas (GO). Desde a inauguração, as tendências de uso e ocupação do solo na região já indicavam a necessidade de estabelecer mecanismos de controle do processo de degradação ambiental. Em 7 de novembro de 1983, foi criada a Área de Proteção Ambiental (APA) da Bacia do Descoberto por meio do Decreto 88.940/83 do Governo Federal.

A APA do Descoberto abrange as regiões administrativas de Taguatinga, Brazlândia, Ceilândia e o município de Águas Lindas, e sua criação teve como objetivo garantir maior proteção à Bacia do Rio Descoberto e a represa. Também ficou definida a adoção de uma “faixa

verde” em torno do lago, onde somente atividades de florestamento e reflorestamento, com características de proteção e conservação de mananciais, seriam permitidos.

Tags: [barragem descoberto volume adasa caesb sobretaxa crise hídrica](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/13/interna_cidadesdf,553026/pela-primeira-vez-na-historia-reservatorio-do-descoberto-fica-abaixo.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_88: Pistola de fabricação tcheca é apreendida em Ceilândia

postado em 13/10/2016 21:12

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio



Um homem foi preso com arma de fabricação tcheca, na tarde desta quinta-feira (13), em Ceilândia. O carro do dono da pistola foi abordado por policiais do Tático Operacional Rodoviário (TOR). Ele apresentou nervosismo durante a revista.

A pistola calibre 380, com 10 munições intactas, estava na cintura do condutor do veículo. O homem foi preso e conduzido

à 23ª DP, onde foi autuado por porte ilegal de arma de fogo.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/13/interna_cidadesdf,553121/pistola-de-fabricacao-tcheca-e-apreendida-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_89: PM apreende adolescente e prende três adultos por furto em Ceilândia

O grupo furtou roupas de um shopping e acabou surpreendido em uma abordagem policial

postado em 24/03/2016 09:03 / atualizado em 24/03/2016 09:12

Três adultos foram presos e uma adolescente apreendida na noite desta quarta-feira (24/3), na QNN 18, em Ceilândia Norte, suspeitas de roubarem roupas em lojas de um Shopping do Distrito Federal. De acordo com informações da Polícia Militar, dois homens, uma mulher e uma adolescente estavam em um veículo com os produtos furtados, no momento da abordagem dos policiais.

No interior do veículo foram encontradas calças e bermudas roubadas com o sensor magnético que aciona o alarme ao sair da loja. Com o grupo, foram encontrados sacos de fabricação caseira, produzidos com papel alumínio e fita adesiva que impedia que o alarme antifurto fosse acionado.

A adolescente assumiu o roubo, disse que trabalhava em uma das lojas onde as peças foram roubadas e que vendia o material para conseguir um dinheiro extra. Ela foi encaminhada para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA II), em Ceilândia, responsável por investigar o caso.

Disponível em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/24/interna_cidadesdf,523923/pm-apreende-adolescente-e-prende-duas-mulheres-por-furto-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_90: PM apreende pássaros silvestres em casa em Ceilândia

Dez aves, de sete espécies diferentes, foram resgatas

postado em 02/12/2016 22:05

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio , Alessandra Melo



uma denúncia.

O Batalhão de Policiamento Ambiental apreendeu dez pássaros silvestres em uma residência localizada em Ceilândia, na tarde desta sexta-feira (2/12/). Os militares chegaram até o local por volta das 15h, após

Ao chegarem na casa, encontraram sete espécies diferentes: três patativas, um assanhaço, dois pegas, um papa-capim, um trinca-ferro, um corrupião e um caboclinho. A proprietária da casa foi encaminhada para a 24ª Delegacia de Polícia, em Ceilândia.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/02/interna_cidadesdf,559812/pm-apreende-passaros-silvestres-em-casa-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_91: PM baleado na cabeça continua internado em estado grave no Hospital de Base

O sargento Pedro Gonçalves Pereira Neto, 48, anos, passou por um procedimento cirúrgico durante a noite desta sexta-feira (4/11), porém está sendo estimulado por aparelhos

postado em 05/11/2016 09:16 / atualizado em 05/11/2016 10:52

O policial militar baleado durante uma tentativa de latrocínio (roubo e morte) continua internado em estado gravíssimo no Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). O sargento Pedro Gonçalves Pereira Neto, 48 anos, passou por uma cirurgia na noite de sexta-feira (4/11), após levar um tiro na cabeça e ter o carro roubado em Ceilândia. De acordo com informações da corporação, o projétil atravessou o cérebro da vítima. O risco, segundo a equipe médica que cuida do caso, é de morte cerebral. Pedro está sendo mantido por aparelhos.

Nas próximas 24 horas, os médicos devem cumprir o protocolo para avaliar se há ou não morte encefálica do policial. Entre os cuidados está a retirada de sedação. Após esse procedimento, testes clínicos e de estímulos são realizados, assim como exames como tomografia e Doppler.

O crime ocorreu por volta das 14h50, na QNM 4/6. De acordo com a Polícia Militar, dois criminosos abordaram a vítima para roubar o veículo — Pedro não estava em serviço. Ao anunciarem o assalto, a vítima saiu do carro e correu. Mesmo assim, os bandidos atiraram, atingindo a cabeça do militar e, de raspão, as costas e a virilha de duas mulheres que passavam pelo local. O veículo foi localizado, às margens da BR-070, em frente ao Atacadão Dia a Dia, em Águas Lindas, ainda à tarde. A corporação também deteve dois suspeitos, um de 26 e outro de 16 anos, e os encaminhou para a 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Centro).

O caso é investigado como tentativa de latrocínio.

Disponível: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/05/interna_cidadesdf.556031/pm-baleado-na-cabeça-continua-internado-em-estado-grave-no-hospital-de.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_92: PM baleado na cabeça passa por cirurgia, mas estado de saúde é gravíssimo

Pedro Gonçalves Pereira Neto, 48 anos, passou por uma cirurgia no Hospital de Base do DF no domingo (6/11) para tirar a pressão craniana. O militar continua internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital

postado em 07/11/2016 11:37 / atualizado em 07/11/2016 16:16

O sargento da Polícia Militar Pedro Gonçalves Pereira Neto, 48 anos, baleado na cabeça durante uma tentativa de latrocínio (roubo seguido de morte) em Ceilândia permanece em estado gravíssimo. A informação foi confirmada pela corporação na manhã desta segunda-feira (7/11). De acordo com a PM, ele passou por uma cirurgia no Hospital de Base do Distrito Federal no domingo (6/11) para tirar a pressão craniana.

O militar continua internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do hospital e, embora tenha apresentado uma pequena melhora, os médicos avaliam o quadro como gravíssimo. Pedro levou um tiro na tarde de sexta-feira (4/11) após ter o carro roubado em Ceilândia. De acordo com informações da corporação, a bala atravessou o cérebro da vítima.

O crime ocorreu por volta das 14h50, na QNM 4/6. De acordo com a Polícia Militar, dois criminosos abordaram a vítima para roubar o veículo — Pedro não estava em serviço. Ao anunciarem o assalto, a vítima saiu do carro e correu. Mesmo assim, os bandidos atiraram, atingindo a cabeça do militar e, de raspão, as costas e a virilha de duas mulheres que passavam pelo local. O veículo foi localizado, às margens da BR-070, em frente ao Atacadão Dia a Dia, em Águas Lindas, ainda à tarde. A corporação também deteve dois suspeitos, um de 26 e outro de 16 anos, e os encaminhou para a 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Centro).

Com informações da Polícia Militar

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/07/interna_cidadesdf.556210/pm-baleado-na-cabeça-passa-por-cirurgia-mas-estado-de-saude-e-graviss.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_93: PM prende suspeito de matar adolescente na Feira de Ceilândia

Gutemberg Jesus do Nascimento, 19 anos, é investigado pelo crime que ocorreu há duas semanas

postado em 26/05/2016 20:39

A Polícia Militar prendeu um homem suspeito de assassinar outro na Feira da Ceilândia, conhecida como Feira do Rolo. O crime ocorreu há duas semanas, mas Gutemberg Jesus do Nascimento, 19 anos, foi detido nesta quinta-feira (26/5). Ele estava acompanhado de Ricardo dos Santos Santana, 32, que também foi preso em flagrante.

Gutemberg foi flagrado pela PM às 16h30, na QNO 19, em Ceilândia Norte. Com ele, havia um revólver calibre .38, seis munições, R\$ 514 em dinheiro e um celular. Ele é investigado pela morte de um adolescente de 14 anos e responde por roubo, homicídio, receptação e tráfico de drogas.

Ricardo Santana, apelidado de Xuxinha, é o dono da arma. Ele estava junto com Gutemberg na Ceilândia, mas, ao perceber a presença da polícia, fugiu. Foi encontrado nas imediações e detido. O suspeito tem passagem por homicídio, roubo, tráfico de drogas, além ser acusado de praticar um assassinato em Samambaia.

A ocorrência foi registrada na 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/26/interna_cidadesdf,533649/pm-prende-suspeito-de-matar-adolescente-na-feira-de-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_94: PM se fere em troca de tiros com criminosos em Ceilândia

O PM estava de folga e tinha ido comprar um tênis, quando o gerente informou que estava acontecendo um assalto

postado em 20/10/2016 17:19 / atualizado em 20/10/2016 17:45

Um policial militar a paisana ficou ferido após uma troca de tiros com bandidos que assaltavam uma loja de sapatos na tarde desta quinta-feira (20/10), em Ceilândia. O PM estava de folga e tinha ido comprar um tênis, quando o gerente informou que estava acontecendo um assalto.

O militar chegou a ser rendido pelos quatro assaltantes, mas entrou em luta corporal, trocou tiros com o bando e conseguiu dominar a situação. No confronto, o policial bateu a cabeça na quina da vitrine. Todos só criminosos todos foram presos.

O crime aconteceu às 16h. Um revólver calibre .38 foi apreendido e os assaltantes encaminhados para a 24ª Delegacia de Polícia (Ceilândia).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/20/interna_cidadesdf,554063/pm-se-fere-em-lota-com-criminosos-durante-assalto-a-loja-de-sapatos.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_95: Polícia aponta hipótese de casal morto na Ceilândia ter combinado homicídio

A dona de casa estava caída ao lado da cama com um pano ao redor do pescoço, e o marido, enforcado, com um pedaço de tecido preso na parede

postado em 13/09/2016 06:00 / atualizado em 13/09/2016 08:24

[Camila Costa](#)



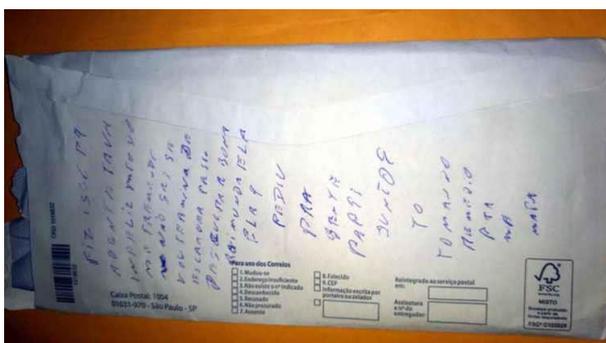
Os corpos de Cleonilson e Jordana estavam no quarto do casal, na QNO 5: caso sob investigação

O suposto motivo para a morte de Cleonilson Sousa Nicodemos, 34 anos, e Jordana Batalha Monroe, 30, aparece em um bilhete. Dirigido à sogra, o motorista escreveu à mão, no verso de um envelope, que “fiz isso porque a gente estava infeliz em tudo” (leia Transcrição). Os corpos deles foram encontrados ontem no quarto do casal, em uma residência da QNO 5, em Ceilândia. A dona de casa estava caída ao lado da cama com um pano ao redor do pescoço, e o marido, enforcado, com um pedaço de tecido preso na parede. A 24ª Delegacia de Polícia (Setor O) trata o caso como homicídio seguido de suicídio.

Os dois foram vistos pela última vez na última sexta-feira, ao deixarem a filha com parentes. Durante o fim de semana, porém, a família identificou o sumiço. Um irmão de Cleonilson foi até a delegacia no sábado para comunicar o desaparecimento, depois de tentar

contato pelo celular. O carro do casal também causou estranheza, pois estava na rua — o veículo sempre ficava na garagem. Na manhã de ontem, o irmão voltou ao endereço e pediu ajuda a vizinhos. Um deles, policial, acionou a dona da casa onde Cleonilson e Jordana moravam de aluguel e conseguiu uma chave reserva.

Ao entrarem no imóvel, encontraram os corpos. O bilhete deixado fez a polícia desconfiar de que a morte foi combinada entre os dois. Investigadores da 24ª DP acreditam que, primeiro, houve a morte da mulher e, em seguida, o suicídio de Cleonilson.



Transcrição: "Fiz isso porque a gente estava infeliz em tudo. Me tremendo. Não sei se vou terminar de escrever. Peço desculpa à dona Raimunda (sogra). Ela (Jordana) que me pediu para a gente partir juntos. Estou tomando remédio para me matar."

Choque

Maria Cissa Braga, 81, é a proprietária da residência, locada havia cinco meses. O lote é grande, mas uma parede divide os dois endereços. A janela do banheiro da aposentada dá para a da suíte onde o casal dormia. Maria Cissa não notou nada de diferente nos últimos dias. “É muito perto. Se tivesse acontecido algo, uma briga, eu teria escutado. A minha vida é ficar em casa com a minha família. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer”, afirmou.

Ela contou ao **Correio** que via ambos com frequência, quase sempre com a filha, de aproximadamente 3 anos. “Vinham pagar o aluguel, ele era trabalhador, a Jordana vinha junto, descia para falar comigo, tudo muito normal. Isso que aconteceu foi uma tragédia, estou em choque”, lamentou Maria Cissa.

Disponível em:

http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/13/interna_cidadesdf.548362/policia-aponta-hipotese-de-casal-morto-na-ceilandia-ter-combinado-homi.shtml

Acesso em: 18 nov. 16

Reportagem_96: Polícia apreende adolescente após roubos em Ceilândia

Segundo informações da Polícia Militar, várias pessoas estavam relatando roubos na região

postado em 17/05/2016 11:57

Um adolescente de 17 anos foi apreendido suspeito de ato infracional análogo a roubo, por volta das 23h45 desta segunda-feira (16/5). As ações teriam acontecido em Ceilândia. Os policiais militares patrulhavam a região quando pessoas relataram roubos.

Os PMs abordaram o jovem na Quadra QNM 07/09 na Ceilândia Sul. Após o flagrante, o adolescente confessou os crimes e informou que teve ajuda de um irmão.

O adolescente, não tinha passagens e os objetos roubados não foram localizados. Os militares o levaram para a Delegacia da Criança e do Adolescente de Taguatinga (DCA II).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/17/interna_cidadesdf,532259/policia-apreende-adolescente-apos-roubos-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_97: Polícia Civil deflagra operação na Feira do Rolo, em Ceilândia

Todos os produtos sem comprovação de origem estão sendo apreendidos pela Polícia Civil e as bancas desmontadas e recolhidas pela Agência de Fiscalização (Agefis)

postado em 26/06/2016 10:03

Otávio Augusto



A Polícia Civil deflagrou operação, batizada de Albatroz, na Feira do Rolo, no Setor O, em Ceilândia. Todos os produtos sem comprovação de origem estão sendo apreendidos pela Polícia Civil e as

bancas desmontadas e recolhidas pela Agência de Fiscalização (Agefis).

A ação policial foi planejada após um homicídio no local. Em 15 de maio, Gutemberg Jesus do Nascimento, conhecido como Gugu, e Ricardo (somente o primeiro nome foi divulgado), apelidado de Xuxinha, mataram um adolescente de 13 anos.

Segundo a polícia, o crime teria ligação com tráfico de drogas nas quadras QNO 17 e 18. Os autores do crime estão presos preventivamente.

A operação coordenada pela 24ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Norte) mobilizou 65 homens.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/26/interna_cidadesdf,537871/policia-civil-deflagra-operacao-na-feira-do-rolô-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_98: Polícia Civil desarticula quadrilha responsável por distribuição de drogas

No total 60 policiais foram empregados na Operação intitulada Anjos da Madrugada, que iniciou por volta das 6h, em residências do Sol Nascente e P Norte

postado em 12/04/2016 17:54 / atualizado em 12/04/2016 18:49

Thiago Soares



Após quatro meses de investigações, a Polícia Civil desarticulou uma quadrilha responsável por parte do tráfico de drogas de Ceilândia Norte. Na manhã desta terça-feira (12/4), os investigadores cumpriram dez mandados de busca e apreensão, e prenderam três homens e uma mulher, responsáveis pelo esquema de distribuição de drogas na região.

Ao menos 60 policiais foram empregados na Operação intitulada Anjos da Madrugada, que começou por volta das 6h, em residências do Sol Nascente e P Norte. A quadrilha atuava distribuindo, principalmente, coïcana para pequenos traficantes da região. “Agiam com maior intensidade na área da QNN 19, em Ceilândia Norte. Eram bem organizados com relação as funções e modo de distribuir os entorpecentes”, detalha o delegado da 19ª Delegacia de Polícia (PNorte) Fernando Fernandes, responsável pela ação policial.

A operação também contou com apoio de cães farejadores da Polícia Rodoviária Federal (PRF) que auxiliaram na localização das drogas. Nas casas dos envolvidos foram encontrados dois quilos de cocaína, R\$5 mil em dinheiro, duas armas (uma garrucha calibre .38 e uma pistola .20), e também 11 munição de calibre .9mm. Além disso, os investigadores apreenderam aparelhos de som, televisores, eletrodomésticos e bicicletas importadas. “Eram frutos das vendas de drogas e também da troca do produto”, disse o delegado.



Todos os envolvidos estão presos na carceragem da 19ª Delegacia de Polícia. As investigações continuam no sentido de desvendar a origem das drogas. “Com isso esperamos que essas prisões represente um golpe contra o tráfico de entorpecentes na região, uma vez que ficou conhecida como ponto de drogas”, acredita Fernandes. Os

criminosos responderão pelo crime de associação para o tráfico e posse ilegal de arma. Se condenados somadas as penas podem variar de 8 a 18 anos de prisão.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/12/interna_cidadesdf,526998/policia-civil-desarticula-quadilha-responsavel-por-distribuicao-de-dr.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_99: Polícia Civil prende 12 em Ceilândia; crimes vão de homicídio a roubo

Eles foram localizados nesta terça-feira (12/7) e estão, a partir de agora, à disposição da Justiça

postado em 13/07/2016 19:28

A Polícia Civil cumpriu 12 mandados de prisão durante a tarde desta terça-feira (12/7) em Ceilândia e nas imediações. Os crimes vão de homicídio a roubo, e os bandidos estão detidos na 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia/P Sul). Eles foram localizados e estão, a partir de agora, à disposição da Justiça.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/07/13/interna_cidadesdf,540150/policia-civil-prende-12-em-ceilandia-crimes-vaio-de-homicidio-a-roubo.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_100: Polícia Civil prende um dos maiores fornecedores de cocaína da Ceilândia

Mais conhecido como Cara de Kombi, Edson Carvalho era procurado há um ano, apontado como líder de um esquema que abastecia tanto os usuários do DF quanto do Entorno

postado em 21/06/2016 20:42 / atualizado em 21/06/2016 21:19

Um dos maiores traficantes de cocaína de Ceilândia foi preso no começo da noite desta terça-feira (21/06), no Condomínio Vista Bela, na DF-180. Edson Carvalho de Moraes, mais conhecido como Cara de Kombi, 48 anos, é apontado pela Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) como fornecedor de pó para várias cidades do DF e do Entorno. Segundo o delegado-chefe da 19ª Delegacia de Polícia (P Norte), Fernando Fernandes, o suspeito atuava principalmente na QNN 19.

A Operação Ônix que, resultou na prisão de Edson, teve início há um ano. Os outros integrantes da mesma organização já tinham sido presos. “O Edinho era o mentor, sendo considerado o cabeça desse grupo. Ele não tinha o costume de fazer o tráfico por varejo. Era apontado como um distribuidor para pequenos traficantes da nossa região”, explica o investigador.

A prisão do Cara de Kombi foi feita por força de mandado de prisão, através de denúncias anônimas. Indicados que ele frequentava bastante o Condomínio Vista Bela, os policiais passaram a supervisionar o local, até que conseguiram surpreender o Edson na casa de um parente.

O traficante era dono de uma extensa lista de crimes cometidos, como tráfico de drogas, em outra situação, um homicídio e porte ilegal de arma de fogo. Nessa mesma operação, os agentes já apreenderam cerca de 10kg de cocaína, além das armas de fogo e munições atribuídas a Edinho.

Por orientação dos advogados, o acusado preferiu ficar em silêncio durante o depoimento e disse, apenas, que só se manifestaria em julgamento. Cara de Kombi seria encaminhado para o Departamento de Polícia Especializada da Polícia Civil (DPE) ainda na noite desta terça-feira.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/21/interna_cidadesdf,537271/policia-prende-maior-trafficante-de-cocaina-em-ceilandia-e-entorno.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_101: Polícia investiga mãe e pastora que torturaram criança de 7 anos

A vítima, uma menina de 7 anos, segue internada no Hospital Regional de Ceilândia. Ela teria sido mantida em cárcere privado por influência de uma pastora. Intimada pelo Conselho Tutelar, a mãe da garota aguarda o inquérito em liberdade

postado em 09/08/2016 06:00

A mãe da menina mantida em cárcere privado nos fundos de uma igreja evangélica em Ceilândia foi intimada pelo Conselho Tutelar na tarde de ontem. Fátima (nome fictício) e a pastora da igreja, conhecida na região como Jaci, foram presas em flagrante na última sexta-feira. Resgatada por policiais militares, a criança, de 7 anos, estava desnutrida, desidratada e ferida na boca. O quarto não tinha iluminação nem cama. As duas mulheres alegaram que era preciso conter a menina, que seria vítima de uma obsessão demoníaca.

O Correio acompanhou o trabalho do Conselho Tutelar, que foi ao endereço de Fátima escoltado pela Polícia Militar. Ela assinou a intimação, mas não quis falar com a imprensa. A mãe afirmou que dará sua versão dos fatos em um momento oportuno. Ela e a pastora foram indiciadas pelo crime de tortura e estão em liberdade provisória. A igreja estava fechada. Vizinhos disseram que a pastora mora em Águas Claras. Jaci e Fátima tiveram o alvará de soltura expedido no último sábado após audiência de custódia do Tribunal de Justiça do DF e dos Territórios. Na ocasião, o juiz estipulou que a “guarda da criança com sua mãe pode ser prejudicial”, suspendendo cautelarmente o poder familiar dela.

O Conselho Tutelar soube do caso por denúncia de moradores da região. Segundo a conselheira Selma Aparecida da Costa, uma denúncia anônima motivou a averiguação. “Essa pastora já era monitorada por nós desde uma chamada pelo Disque 100 que tratava de uma situação semelhante: uma mãe estaria maltratando um bebê de 2 meses. Ela havia sido influenciada pela pastora a acreditar que o recém-nascido era do capeta, do demônio. Ela acabou entregando o menino para a adoção. Já faz dois meses que está no cadastro. Ligamos uma coisa a outra depois que falaram dela novamente”, explica a conselheira, do Conselho Tutelar 1 de Ceilândia.

Na última sexta-feira, Selma foi até a igreja e pediu para visitar a casa de Fátima e ver a filha dela. A pastora recebeu a equipe do Conselho Tutelar e indicou onde a mãe estava. “Elas nos receberam bem, calmas, como se nada tivesse acontecendo e nos levaram até o local. A menina estava deitada no chão, suja, desnutrida, em um quarto escuro. Na mesma hora, abrimos as janelas, chamamos o Samu e a polícia”, relata a conselheira. Em um vídeo do momento da ação, feito por Selma, a própria criança conta o que estava vivendo dentro do quarto. “Ninguém me ajuda pra nada. Só fica falando que sou o demônio. Minha mãe e a Jaci.”

Em outro trecho, a menina afirma que nunca bateram nela, mas a deixavam sozinha. Quando questionada sobre o local onde dormia, se era em uma cama, ela disse que não. Falou aos conselheiros que tinha apenas uma colcha, mas que não a usava por medo de fazer xixi no pano, já que não a levavam ao banheiro. “Não peço ajuda porque sei que não vão me ajudar”, diz no vídeo. Por conta dos maus-tratos e da posição em que foi mantida, a criança não estica as pernas e, por isso, não anda sozinha. Foi levada para a ambulância do Samu nos braços dos profissionais. A 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Centro) investiga o caso.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/08/09/interna_cidadesdf,543655/policia-investiga-mae-e-pastora-que-torturaram-crianca-de-7-anos.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_102: Polícia Militar apreende armamento de uso restrito em Ceilândia

Os policiais encontraram uma pistola das forças de segurança de Israel e uma submetralhadora usada pelo Exército Brasileiro nas décadas de 1950 a 1970

postado em 05/11/2016 11:37



Armamento de uso restrito foi apreendido em Ceilândia

Agentes da Rotam apreenderam uma pistola e uma submetralhadora de uso restrito, drogas e balança de precisão na noite desta sexta-feira (4/11), por volta das 22h30, em Ceilândia.

Os policiais encontraram uma pistola calibre 9mm G-Cherokee, que, segundo a Polícia Militar, é usada por forças de segurança de Israel; uma submetralhadora calibre 45, marca INA com 70 munições, usada pelo Exército Brasileiro nas décadas de 1950 a 1970; 750g de maconha; uma porção de cocaína e uma balança de precisão.

O abordado foi preso e autuado em flagrante por posse ilegal de arma de fogo de uso restrito e tráfico de drogas.

A abordagem ocorreu durante um patrulhamento em Ceilândia.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/05/interna_cidadesdf,556040/policia-militar-apreende-armamento-de-uso-restrito-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_103: Polícia Militar apreende canários usados para rinha, em Ceilândia

As espécies resgatadas eram canário da terra, animal silvestre brasileiro e de criação proibida pela legislação ambiental

postado em 04/09/2016 10:58 / atualizado em 04/09/2016 17:53



A Polícia Militar do Distrito Federal apreendeu na manhã deste domingo (3/9) 19 pessoas e, pelo menos, 120 pássaros usados para rinha. As espécies resgatadas eram canário da terra, animal silvestre brasileiro e de criação proibida pela legislação ambiental.

A prática ilegal ocorria em uma chácara no Sol Nascente, em Ceilândia. Os agentes contaram com a ajuda de uma denúncia anônima. Ao chegarem no endereço, viram muitos carros estacionados e havia muita gente assistindo à briga dos pássaros.

Além dos pássaros, a polícia apreendeu gaiolas. Entre os presos está o proprietário da chácara. "É a primeira vez que a gente faz batida neste endereço, mas já fizemos outros flagrantes deste crime na Ceilândia", comunica o sargento Josué Silva, responsável pela operação.

Os presos e as mercadorias foram levados à 23ª Delegacia de Polícia, na Ceilândia.

Disponível

em: [_http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/04/interna_cidadesdf,547258/policia-militar-apreende-canarios-usados-para-rinha-em-ceilandia.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/04/interna_cidadesdf,547258/policia-militar-apreende-canarios-usados-para-rinha-em-ceilandia.shtml)

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_104: Polícia Militar prende dois traficantes em Ceilândia

Criminosos portavam pistola nove milímetros, munição e dinheiro. Policiais ainda encontraram drogas e uma balança de precisão em casa indicada pelos presos

postado em 03/04/2016 19:14 / atualizado em 03/04/2016 19:14

Jéssica Gotlib [/Especial para o Correio](#)



Drogas e armas foram apreendidas no fim da tarde de domingo (3)

Policiais militares prenderam dois traficantes durante patrulhamento de rotina na QNM 6/8 de Ceilândia. Os criminosos estavam em um carro quando os PMs identificaram comportamento

suspeito. No veículo, estavam uma pistola nove milímetros, 14 balas e R\$ 1 mil em dinheiro.

Na casa de um dos presos, a polícia encontrou uma balança de precisão e 420 gramas de crack. No endereço do outro, havia 30 gramas de cocaína, 40 gramas de maconha, 11 comprimidos de LSD e 13 garrafas de lança perfume. A ocorrência foi registrada na 23ª Delegacia de Polícia. Os dois presos foram autuados por tráfico de drogas e um deles por porte ilegal de arma de fogo.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/03/interna_cidadesdf,525528/pm-prende-dois-trafficantes-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_105: Polícia Militar recupera carga e veículo roubados dos Correios

postado em 01/11/2016 22:07 / atualizado em 01/11/2016 22:36



Um funcionário dos Correios foi feito refém na tarde desta terça-feira (1/11) no momento em que realizava entregas na Ceilândia. De acordo com informações da Polícia Militar, dois adolescentes abordaram o entregador com o objetivo de roubar as mercadorias que seriam distribuídas pelo serviço de correspondência. A dupla retirou todos os produtos do carro, e abandonou o entregador junto com o carro em uma área do Park Way. A corporação conseguiu apreender um jovem e recuperar a carga roubada.

Entre os produtos roubados estão produtos eletrônicos e de eletrodomésticos. A dupla usou dois simulacros de pistola durante a ação. Segundo militares, antes de abonar o funcionário na proximidade da quadra 7 do Park Way, os dois adolescentes transportaram as encomendas para um outro carro. Após abonar o entregador, a dupla fugiu nesse veículo.

A PM foi acionada e identificou o carro usado na ação. Houve perseguição e na altura do viaduto de acesso ao Aeroporto de Brasília, um dos adolescentes perdeu o controle do carro e bateu no meio-fio da via. A carga foi totalmente recuperada. Apenas um adolescente foi apreendido. O crime será investigado pela Polícia Federal.

Tags: pf Brasília Ceilândia correios roubo veículo carga pm polícia Park Way

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/01/interna_cidadesdf,555678/policia-militar-recupera-carga-e-veiculo-roubados-dos-correios.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_106: Polícia prende detento beneficiado pelo saidão de Natal com submetralhadora

Os policiais receberam denúncia de que homem iria participar de uma guerra de gangues em Ceilândia

postado em 26/12/2016 08:52 / atualizado em 26/12/2016 15:55

Policiais Militares prenderam um homem que recebeu o benefício do saidão de Natal com uma submetralhadora 9 mm, na noite deste domingo, em Ceilândia. A corporação recebeu denúncia de que haveriam pessoas fortemente armadas devido a uma guerra de gangues na QNO 17/18, do Setor O.

Após receber as informações, os policiais foram até o local e identificaram dois suspeitos dentro de um veículo. Um deles conseguiu fugir, entretanto, o outro foi preso. Com ele, foi encontrado a arma de fogo com 17 munições intactas. A PM constatou que o homem havia recebido o benefício do saidão de Natal e o encaminhou para delegacia da região.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/26/interna_cidadesdf,562597/policia-prende-detento-beneficiado-pelo-saidao-de-natal-com-submetralh.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_107: Polícia prende falso agente penitenciário que portava pistola

Ele estava em um ponto de tráfico em Ceilândia. Um casal também foi preso com 1 kg de cocaína

postado em 24/09/2016 08:40 / atualizado em 24/09/2016 09:43



PM chegou ao trio após denúncia anônima de tráfico de drogas. Falso agente tentou enganar os militares

Um homem que se se identificava como agente penitenciário de Goiás e outras duas pessoas acabaram presas, com uma arma e drogas na noite desta sexta-feira (23/9), por volta de 19h. O flagrante aconteceu na QNN 22/24, em Ceilândia. O falso agente, identificado inicialmente como Robson Evangelista da Silva, portava uma pistola de marca clock, calibre .380, e um casal levava consigo 1kg de cocaína. Policiais militares abordaram o grupo em uma oficina, após uma denúncia anônima de tráfico de drogas.



Um dos homens logo se identificou como agente penitenciário do Estado do Goiás e apresentou os documentos e a pistola. Os militares fizeram uma busca no local e encontraram, em uma bolsa de mulher, a droga apreendida. Desconfiada, a equipe pediu para checar os documentos do suposto agente novamente, e encontraram sinais de falsificação.

Em seguida, entraram em contato com a Secretaria de Segurança Pública goiana e constataram a falsificação.

Ele foi preso e autuado por porte ilegal de arma de fogo e identidade falsa. Outro homem que estava na oficina foi preso após assumir que uma mulher com a qual morava trouxe a droga até a oficina e foi embora. A suspeita também foi localizada e detida. Ela e o companheiro foram autuados por tráfico de drogas. O caso está a cargo da 23ª Delegacia de Polícia (P Sul).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/24/interna_cidadesdf,550233/policia-prende-falso-agente-penitenciario-que-portava-pistola.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_108: Polícia prende quatro pessoas por roubos praticados em Ceilândia

O grupo ainda é apontado em um roubo que aconteceu nas Lojas Americanas

postado em 09/03/2016 08:53

Três homens e uma mulher foram presos pela Polícia Civil do Distrito Federal, nesta quarta-feira (9/3), acusados de praticarem roubos a residências, de veículos, além de receptação e porte ilegal de arma de fogo, em Ceilândia.

O grupo foi localizado em uma residência na QNM 6, em Ceilândia Norte. No local, parte dos objetos roubados durante os crimes que praticavam e uma pistola calibre .32, foram apreendidas por agentes da 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Centro). O grupo ainda é apontado em um roubo que aconteceu nas Lojas Americanas.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/09/interna_cidadesdf,521216/policia-prende-quatro-pessoas-por-roubos-praticados-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_109: Polícia recupera carro de entregas dos Correios roubado em Ceilândia

Veículo continha várias encomendas em seu interior; elas foram devolvidas aos Correios e poderão, enfim, ser entregues

postado em 22/03/2016 16:58 / atualizado em 22/03/2016 16:58

Fernando Jordão - Especial para o Correio [_](#)



A Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) recuperou na tarde desta segunda-feira (21/3), um carro do Serviço de Encomenda Expressa dos Correios (Sedex). O veículo foi encontrado no Sol Nascente, com várias encomendas em seu interior.

Segundo a PM, o carro foi tomado de assalto na QNM 02 de Ceilândia Norte. Ainda de acordo com

a corporação, o veículo foi encontrado ligado e com algumas mercadorias empilhadas ao lado, mas sem ninguém por perto.

Após ser localizado, o carro foi devolvido para os Correios, assim como as encomendas que poderão, enfim, ser entregues aos verdadeiros donos.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/03/22/interna_cidadesdf,523581/policia-recupera-carro-de-entregas-do-sedex-roubado-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_110: Policial de folga se fere ao reagir em assalto em Ceilândia

Trio monitorou a loja durante uma semana antes da tentativa de roubo



postado em 21/10/2016 00:41

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio

Na tarde desta quinta-feira (20/10), o policial militar, Adriana Sousa Dantas, estava de folga em uma famosa rede de calçados, no Setor O, em Ceilândia, e foi rendido por bandidos. O trio colocou um revólver na cabeça do militar que reagiu e

entrou em luta corporal e acabou se ferindo ao bater a cabeça na vitrine da loja. A ocorrência foi por volta de 15h30, o PM é do 10º Batalhão de Polícia Militar.

De acordo com a corporação, uma viatura fazia a ronda na região e foi acionada por populares. Ao se dirigirem ao local, encontraram o colega sangrando. Adriano avisou do assalto que estava ocorrendo e que um dos suspeitos estaria escondido no depósito. As demais vítimas foram amarradas.

A Polícia prendeu o primeiro homem no depósito e os demais em um carro que seria utilizado para fuga. Com eles estava um revólver e quatro munições. A PM informou, ainda, que os três são de Águas Lindas e confessaram ter monitorado o local, durante uma semana, para conhecer a rotina.

Os autores possuem várias passagens pela polícia por homicídio, tentativa de homicídio, roubo e tráfico. O caso foi registrado na 24ª DP.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/21/interna_cidadesdf,554118/policial-de-folga-se-feriu-ao-reagir-em-assalto-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_111: Policial é baleado na cabeça durante assalto em Ceilândia

O PM foi levado ao hospital regional da cidade em estado gravíssimo. Duas mulheres também foram atingidas

postado em 04/11/2016 15:49 / atualizado em 04/11/2016 18:28

O policial militar Pedro Gonçalves Pereira Neto foi baleado na cabeça e teve o carro levado por bandidos em Ceilândia Norte, nesta sexta-feira (4/11). Ele foi encaminhado ao Hospital Regional de Ceilândia em estado gravíssimo.

O Pálio Vermelho que ele conduzia foi localizado às margens da BR-070, em frente ao Atacadão Dia a Dia, no sentido Águas Lindas (GO).

Testemunhas informaram à polícia que os bandidos não sabiam que se tratava de um PM. Duas mulheres que passavam pelo local também foram atingidas. A tentativa de latrocínio, roubo seguido de morte, ocorreu próximo a uma área escolar da cidade.

Apesar de a Polícia Civil ter divulgado, inicialmente, que o PM havia morrido, a Comunicação da Polícia Militar do DF informou que o policial está sendo estabilizado pelos

médicos. Por volta das 18h20, Pedro Gonçalves passava por uma cirurgia, segundo a Polícia Civil.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/04/interna_cidadesdf,555945/policial-e-baleado-na-cabeca-durante-tentativa-de-assalto-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_112: Policial Militar mata ex-namorada com um tiro no peito durante discussão

No momento do crime, a jovem de 21 anos, estava conversando com um amigo em frente a Praça da Administração, localizada em Ceilândia Sul

postado em 22/09/2016 07:48 / atualizado em 22/09/2016 12:40



Elaine Sousa Silva, 21 anos, morreu no local

Um Policial Militar foi preso por matar a ex-namorada, Elaine Sousa Silva, 21 anos, com um tiro no peito. O crime foi na QNM 13, em frente a Praça da Administração, Ceilândia Sul. No local, o 1º sargento Carlos Alberto Araújo, 49 anos, lotado no 11º Batalhão da Polícia Militar, em Samambaia, estava ensanguentado. Ele teria dito que discutia com a vítima e que o disparo teria sido acidental. O crime aconteceu por volta das 23h de quarta-feira (21/9).

Segundo testemunhas, Elaine estava na praça com um amigo quando o policial chegou e iniciou uma discussão. A jovem pediu para o sargento ir embora. Neste momento, ele teria apontado a arma para a moça. Ela tentou impedir o ato, mas a pistola disparou.

A prisão do autuado será comunicada ao Juiz Criminal, ao Defensor Público e ao Promotor de Justiça. A 15ª delegacia prossegue com as investigações.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/22/interna_cidadesdf,549860/policial-militar-mata-ex-namorada-durante-discussao-na-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_113: Policial militar reage a assalto e mata suspeito na QNN 24 em Ceilândia

A ocorrência aconteceu por volta das 23h30 desta terça-feira (8/11). O militar estava à paisana e reagiu. O assaltante não resistiu e morreu no local

postado em 09/11/2016 08:39

Um policial militar reagiu a um assalto e matou um criminoso na QNN 24, conjunto G, em Ceilândia. A ocorrência aconteceu por volta das 23h30 desta terça-feira (8/11), próximo à Escola Classe 25. O militar estava à paisana e reagiu.

O assaltante não resistiu e morreu no local.

Com informações da Polícia Militar

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/09/interna_cidadesdf,556492/policial-militar-reage-a-assalto-e-mata-suspeito-na-qnn-24-em-ceilandi.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_114: Por causa da greve, Metrô-DF vai funcionar em horário reduzido

O serviço funcionará apenas durante o pico da manhã e o fim do dia, com 24 estações abertas %u2014 metade para embarque e metade para desembarque

postado em 13/06/2016 18:17 / atualizado em 13/06/2016 21:11



O Metrô do Distrito Federal vai funcionar em horário especial a partir de 0h desta terça-feira (13/6), momento em que a greve dos metroviários começa a vigorar. O serviço funcionará apenas durante o pico da manhã e o fim do dia, com 24 estações abertas — metade para embarque e metade para desembarque.

Os trens vão circular das 6h às 9h e das 17h às 20h30, de segunda a sábado. No domingo, o Metrô ficará fechado. O órgão informou que permanece em diálogo com a categoria para tentar evitar que a greve ocorra. Esse planejamento foi utilizado durante a greve do ano passado

como forma de minimizar o impacto pelo número de trens e de funcionários reduzidos. A ideia é tentar circular com 20 trens.



O Metrô conta com o efetivo dos chefes das áreas de estação, segurança, tráfego e controle e convocou empregados administrativos com função de gerência para auxiliar nas atividades das estações. A empresa solicitou apoio da Polícia Militar do DF e do Corpo de Bombeiros Militar do DF.

O DER-DF informa que, em razão da greve dos metroviários, as faixas exclusivas da EPTG e EPNB estarão liberadas para outros veículos a partir das 6h desta terça-feira, 14 de junho de 2016. A liberação vale até o fim da greve.

OBS: a liberação não inclui os corredores do BRT Sul, por questões de segurança.

SERVIÇO:

Horário de funcionamento do Metrô-DF durante a greve: de segunda a sábado, das 6h às 9h, e das 17h às 20h30.

MANHÃ

» Embarque e desembarque: Central, Galeria, Shopping, Guará, Águas Claras, Relógio, Ceilândia Sul, Ceilândia Centro, Terminal Ceilândia, Taguatinga Sul, Furnas e Terminal Samambaia.

» Apenas desembarque: 102 Sul, 108 Sul, 112 Sul, 114 Sul, Asa Sul, Feira, Arniquireiras, Concessionárias, Samambaia Sul, Centro Metropolitano, Guariroba e Ceilândia Norte.

TARDE

» Embarque e desembarque: Central, Galeria, 108 Sul, 112 Sul, Shopping, Guará, Águas Claras, Relógio, Ceilândia Centro, Terminal Ceilândia, Furnas e Terminal Samambaia.

» Apenas desembarque: 102 Sul, 114 Sul, Asa Sul, Feira, Arniqueiras, Concessionárias, Centro Metropolitano, Ceilândia Sul, Guariroba, Ceilândia Norte, Taguatinga Sul e Samambaia Sul.

Mais informações:

Telefone: (61) 3353-7373 / 9220-0176 (apenas WhatsApp)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/06/13/interna_cidadesdf,536150/por-cao-da-greve-metro-df-vai-funcionar-em-horario-reduzido.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_115: Princípio de incendio força moradores a esvaziar prédio na Ceilândia Norte

Chamas surgiram quando moradora tentou acender o fogão. Mulher sofreu queimaduras no rosto

postado em 31/12/2016 14:40

Otávio Augusto,

Um princípio de incêndio atingiu um apartamento em Ceilândia Norte na madrugada deste sábado (31/12). Um vazamento de gás, segundo informações do Corpo de Bombeiros, provocou as chamas. Moradores tiveram que deixar os apartamentos.

Uma mulher de 50 anos usou um acendedor automático para acender uma das bocas de um fogão e, em seguida, foi ao banheiro. Quando retornou à cozinha, percebeu que a chama não estava acesa e tentou acendê-la novamente. Como havia escapado muito gás, houve uma explosão.

Queimaduras

A mulher sofreu queimaduras de primeiro grau na face, na perna esquerda e no braço esquerdo. O incidente aconteceu no quinto andar do Residencial Princesa Isabel. A vítima foi resgatada por um vizinho, que usou extintor de incêndio para controlar as chamas.

O Corpo de Bombeiros chegou pouco depois e realizou o restante dos procedimentos de segurança, além de averiguar se o vazamento havia se estendido para os demais apartamentos. Foi necessário esvaziar o prédio.

Com a constatação de que a situação estava sob controle, os moradores puderam retornar para casa. A perícia foi acionada, e a vítima foi levada consciente e estável para um hospital particular de Ceilândia.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/31/interna_cidadesdf,563145/inicio-de-incendio-na-hora-de-acender-fogao.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_116: Procurando emprego? Agência do Trabalhador oferece 477 vagas no DF

Salários variam de R\$ 880, para monitor de alunos e chapeiro, a R\$ 2.500, para topógrafo

postado em 13/01/2016 16:29 / atualizado em 13/01/2016 19:11

A Agência do Trabalhador divulgou nesta quarta-feira (13/1) 477 vagas de emprego no Distrito Federal. Há oportunidades para pessoas com ou sem experiência e grau de ensino do fundamental ao superior. Os salários variam de R\$ 838, para monitor de alunos em Ceilândia Sul, e R\$ 2,5 mil, para topógrafo em São Sebastião.

Para conferir as vagas, clique na imagem para ampliar:

Estrutural - AE N°08

Gama - AE S/N Setor Central Administrativo

Guará - Administração Regional do Guará II - Área Especial do CAVE

Itapoã - Quadra 01 Lote 05 Condomínio Del Lago – I

Planaltina - Av. Uberdan Cardoso Qd. 101 Área Especial Admin. Regional

Riacho Fundo II - Quadra 2 Central Conjunto 5 Lote 02 AE

São Sebastião - Quadra 101 AE Admim. Regional

Agência do Trabalhador Autônomo - SCS Qd. 06 Lt. 10/11 - Antigo prédio da CDL

1ºAndar

Agência do Trabalhador para Pessoas com Deficiência - Estação do Metrô da 112 Sul

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/01/13/interna_cidadesdf,513878/agencia-do-trabalhador-oferece-477-vagas-de-emprego-no-distrito-federa.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_117: Programa de projetos sociais abre vagas gratuitas em 2017 em 5 locais do DF

Entidades que gerarem impactos locais efetivos serão reconhecidas e certificadas

postado em 10/11/2016 06:05

De que forma cada um pode fazer a sua parte e contribuir para mudar e a melhorar a qualidade de vida nos locais onde vive? Foi com essa ideia que foi lançado, em Ceilândia, o programa Selo Social no Distrito Federal. Cerca de 80 representantes de instituições públicas, privadas e do terceiro setor participaram do evento, que abre as portas para um processo de mobilização que pretende envolver 500 organizações, executar 6 mil projetos sociais e gerar 18mil impactos sociais no DF até 2021.

Anfitriões, conselheiros e patrocinadores deram início a um trabalho que terá articulações em cinco regiões: Águas Claras, Ceilândia, Gama, Samambaia e Taguatinga. Em março, 50 organizações desses locais poderão se inscrever gratuitamente para capacitação. Os participantes serão assessorados até setembro de 2017 para qualificar os projetos sociais já trabalhados por eles ou que queiram desenvolver e não saibam como. Em seguida, o conselho

local analisará o quanto essa organização se desenvolveu e impactou a vida da cidade. Aquelas que ajudarem o território a ser melhor serão homenageadas com a certificação do Selo Social, por terem se capacitado e mostrarem que geraram impacto na cidade.

Idealizado pelo Instituto Abaçáí Brasil e trazido ao DF pela Rede Salesiana Brasil, o Selo Social certifica empresas, entidades sociais e órgãos públicos que atuem em rede para melhoria dos indicadores de desenvolvimento social. O programa está presente em São Paulo e Santa Catarina. “Não é possível desenvolver uma sociedade sem pensar na economia, na política, na inclusão, na educação, na saúde, que são áreas fundamentais. Aqui no DF, há uma diversidade muito grande na população, vinda de vários cantos do país. De que forma a gente respeita essas tradições, interage e as integra? De que forma se reconhece no território como uma outra cultura? Isso tudo será discutido dentro do programa e o convite é que as organizações tragam o que podem contribuir, já é suficiente para mudar nosso país, nossa cidade, nosso território”, explicou Aureo Giunco Júnior, diretor-presidente do Selo Social.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/11/10/interna_cidadesdf,556653/programa-de-projetos-sociais-abre-vagas-gratuitas-em-2017-em-5-locais.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_118: Quatro adolescentes foram apreendidos pela Polícia Militar na Ceilândia

Um deles estava conduzindo um veículo furtado e outro tinha um Mandado de Busca e Apreensão em aberto

postado em 04/12/2016 12:53

Durante uma blitz da Polícia Militar na DF 180, próximo ao entroncamento com a BR 070, na madrugada de sábado para domingo (4/12), os policiais abordaram um veículo suspeito. De acordo com a PM, o mesmo era conduzido por um menor e, quando questionado sobre a procedência do carro, teria sido informado que era de um primo. Ao checar a placa do automóvel, o grupamento verificou que se tratava de um veículo furtado, com ocorrência registrada na 17ª DP.

Segundo a PM, após o policial verificar que o carro tinha restrição de furto, o adolescente teria mudado sua versão, contando que havia comprado o veículo de um desconhecido pela quantia de R\$ 150 sem precisar o local da comercialização. Ao revistar o

interior do automóvel, foi encontrado uma porção de substância entorpecente aparentando ser maconha. Ainda de acordo com a Polícia Militar, o menor disse que era sua e que a comprou para seu próprio consumo.

No veículo ainda havia mais três adolescentes, sendo que, um deles tinha em aberto um Mandado de Busca e Apreensão, o qual foi cumprido na hora. Os menores foram conduzidos para o DCA II, na Ceilândia. Segundo a Polícia Civil, o adolescente que dirigia o veículo, vai responder por atos infracionais análogos aos crimes de receptação de veículo furtado e porte de substância entorpecente para consumo pessoal.

Disponível em:

http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/04/interna_cidadesdf,559908/quatro-adolescentes-foram-apreendidos-pela-policia-militar-na-ceilandi.shtml

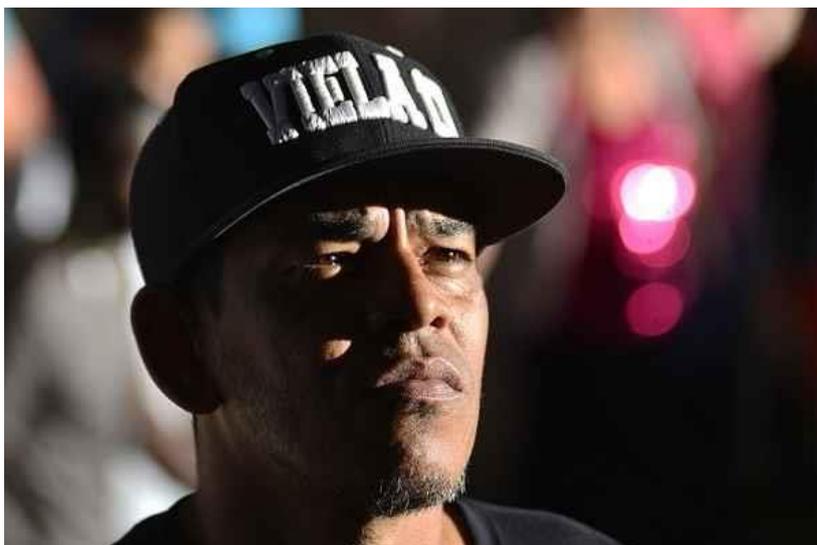
Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_119: Referência nacional, o rapper Japão lança DVD comemorativo

Ao lado da esposa, o artista carrega Ceilândia nas rimas, na mente e no peito

postado em 02/10/2016 07:37 / atualizado em 30/09/2016 16:12

Diego Ponce de Leon [/](#)



A Casa do Cantador foi o palco de uma noite histórica na carreira do rapper Japão. E não havia melhor lugar para a gravação do DVD comemorativo dos 26 anos de carreira. O artista virou um símbolo da cultura de Ceilândia, como a Feira Central, a Caixa d'Água, os

grafites da DF Zulu ou o olhar cinematográfico de Adirley Queirós. Nas rimas, no discurso e na militância, Japão traduz o melhor da 9ª região administrativa do Distrito Federal.

A partir de Ceilândia, Marcos Vinícios Morais ganhou notoriedade nacional como um dos mais expressivos nomes do rap, ao lado do grupo Viela 17. Uma jornada construída na marra e na insistência, mas, acima de tudo, na habilidade de transformar rima em poesia, denúncia social em música, porrada e conscientização em verso.

O DVD, de alguma forma, resume bem essas últimas décadas de trabalho, principalmente por conta do repertório escolhido e dos parceiros que o acompanham no palco e na produção. DJ Raffa, pioneiro do rap brasileiro, aparece como produtor e masterizador principal do trabalho. Parceria das boas e de longa data.

Quem também dá as caras é Gog e DJ Mano Mix, que dividem o microfone com Japão nas faixas *Matemática na prática* e *É o terror*. Durante quase uma década, esse trio mexeu nas bases do rap do DF e deixou um legado que até hoje pauta as trilhas da nova geração.

Ainda assim, quem realmente comoveu a plateia da Casa do Cantador foi a mãe de Japão, que acompanhou o filho no palco pela primeira vez. O próprio rapper comentou que a presença inédita da mãe foi a grande homenagem daquela noite. Japão realmente estava em casa.

Made in Ceilândia

E nem só de rap vive o homem. Nos últimos anos, a carreira de Japão ganhou uma força e uma reformulação poética que respondem pelo nome de Daniela Mara Santos, esposa do artista. Desde que se levou pelas rimas do rapper, Daniela passou a ser força motriz dessa carreira. Não somente pelo apoio moral e emocional, mas também pela criatividade na condução da marca Viela 17.

Além de se responsabilizar pela produção artística do marido e do selo musical, Dani cuida de uma série de produtos que tomaram conta das ruas de Ceilândia e começam, aos poucos, a contaminar as demais regiões. As camisetas e bonés, que exaltam a região e o próprio Viela 17, já ganharam status de itens obrigatórios do movimento hip-hop.

“A marca surgiu da ideia de reafirmar o orgulho que o Japão tem de ser de Ceilândia e levar a cidade em suas letras, como forma de reafirmação e protagonismo que a cultura de rua, em específico o rap, tem em todo o Brasil”, conta a produtora.

Ela própria, originalmente de São Paulo, foi seduzida por Ceilândia. E devolve o amor recebido: “Eu me sinto ceilandense e tenho orgulho desta cidade! A cultura sem dúvida foi o que me seduziu. São esportistas, poetas, escritores, cineastas, dançarinos, grafiteiros, cantores,

atividades culturais diversas... Isso me conquistou! E, claro, as pessoas! Não à toa, me apaixonei e casei com um ceilandense”.

Ponto a ponto // Japão

Gravação do DVD

O DVD é uma consequência ou, mais objetivamente falando, um próximo passo, sou um artista que lançou diversas formas de material fonográfico e audiovisual, lancei, na década de 1990, LPs, Fitas K7, vídeos em VHS, CDs, assim como trabalhei com o sistema analógico e em seguida o digital. Faltava uma nova mídia e a exposição de meu trabalho em formato áudio e vídeo em DVD, aproveitei para comemorar 26 anos de carreira e homenagear pessoas que fazem parte e que contribuíram e muito para que eu chegasse até aqui, uni o útil ao agradável: homenagens, concretização de uma nova plataforma e um sonho dentro de uma caixa, o DVD!

Escolha do repertório

São músicas desde os tempos do grupo GOG e a trajetória do Viela17, são conhecidas pelo público que acompanha minha carreira, algumas há muito não executadas, canções que têm em seu contexto histórias que relato, alegrias e conflitos de 26 anos de história, conta também com uma música inédita que dei como início à produção do novo álbum que lançarei ano que vem.

Pontos altos e baixos

O ponto alto foi, sem dúvida, me permitir em sonhar e realizar de uma forma honesta e dedicada o protagonismo de quem sonhou em ter voz e lutou por isso. Ver sua música sendo ecoada aos quatro cantos desse país não tem preço. O mais difícil foi chegar até aqui sem precisar me render ao mercado fonográfico mercenário, transformando um sonho revolucionário em algo pop, sem contexto.

Trabalho duro

Acredito que meu trabalho é um fio condutor para diálogo e entretenimento baseado em fatos reais, algo que não se mede, aproveito cada reconhecimento por onde passo e que recebo diariamente, ainda tenho muito a contribuir com meu rap, sou grato por todo reconhecimento, se tiver algo a mais, descobrirei nas próximas ações.

Parceiros de rima

Eu me considero um cara sortudo, trabalhei com os melhores produtores do ramo e com artistas de diversas áreas musicais, fui do rock ao samba em minhas parcerias, vivo o dia a dia e deixo que ela me leve aos desafios, até agora, todos que sonhei em trabalhar consegui. Quero muito fazer um álbum somente com artistas da velha escola do rap nacional, tenho algumas ideias e já estou colocando em prática.

Influências atuais

Estou vivendo um momento Marvin Gaye, estou muito focado em ouvir esse artista magnífico, mas sem deixar as raízes nacionais de lado, sou amante do samba, do rock e, por insistência de uns amigos, estou escutando muito reggae e estou gostando.

Sem arrependimentos

Arrependimentos não têm espaço para quem acredita em suas atitudes, faço algo e se deu errado, faço de outra forma, mas arrepender nunca, isso se deve ao meu jeito de ser, vivo o dia a dia, não me apego em histórias futuras nem me baseio no passado para consertar algo que está prestes a acontecer.

Viver de música

Vale a pena viver a música, não se deve esperar nada em troca do que você se propõe a fazer em prol de quem vive marginalizado e sem esperança, não troco minha vida por uma mesa, um ponto para bater cartão e um ser humano para dizer o que tenho o que fazer. Se eu pudesse falar com o Marcos Vinícios, lá trás, que vendia chocolate na rodoviária, eu diria: “É, moleque, você estava certo. Vencemos!”

Futuro próximo

Espero ter força e saúde para inventar muitas coisas, para 2017, quero lançar álbum novo, lançar alguns artistas no meu selo musical, escrever um livro, lavar meu carro e cuidar da minha preta e da minha família.

Serviço:

Vieia 17 Shop

As camisetas e bonés da marca podem ser encomendados por meio do whatsapp (61) 99300-8177.

26 anos de rap nacional

Lançamento do rapper Japão (Vieia 17). Bagua Records. 17 faixas. Preço médio: R\$ 30. O DVD pode ser adquirido pelo WhatsApp (61) 99300-8177, pelo site www.vieia17shop.com ou ainda nas lojas ProVinil (DF) e Lojas Gringos (SP).

Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/02/interna_diversao_arte,551242/referencia-nacional-o-rapper-japao-lanca-dvd-comemorativo.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_120: Residência é assaltada e bandidos levam até animal de estimação

O crime aconteceu em Ceilândia Sul; eletrodomésticos e outros bens também foram levados

postado em 18/10/2016 20:40 / atualizado em 18/10/2016 22:09

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio



Bandidos invadiram residência em Ceilândia Sul na manhã desta terça-feira (18/10) e levaram dois notebooks, duas televisões, um tapete e também a cachorra da família, uma yorkshire de três anos de idade.

De acordo com o morador da casa, Elton de Oliveira, 23 anos, o primeiro a notar a movimentação estranha dentro do imóvel foi o vizinho. “Ele ouviu o barulho da porta sendo arrombada e percebeu um carro diferente estacionado dentro da nossa garagem. Ele ligou para a Polícia Militar que não apareceu”, relatou. Em seguida, a mãe de Elton chegou para o almoço e o vizinho alertou, mas os homens já tinham ido embora. A ação foi rápida, de acordo com o vizinho, mas deu tempo de anotar a placa do veículo. Na casa moram três pessoas. Ele, a esposa e a mãe.



Elton acredita que os bandidos conheciam a rotina da casa e conta que é comum roubos à residência na região. Para ele, o pior foi ter perdido a Luna, a cadela. “Ela é o xodó aqui de casa. É como se fosse da família. Eu faço um apelo para que quem encontre, ou mesmo compre, nos procure. Nós pagamos”.

O caso foi registrado na 23ª DP e segue em investigação. Quem localizar o animal pode entrar em contato com a família no telefone: (61) 9 8442-8480 ou 9 8594-6807. Elton e a família também fizeram uma campanha no Facebook para conseguir Luna de volta. Até o momento, 125 pessoas compartilharam e outras curtiram e comentaram na esperança de ajudar a vítima.

Preso trio que assaltava casas na região

Na tarde de segunda-feira (17), a Polícia Militar prendeu trio que assaltava residências na região do P SUL. Os militares chegaram até o trio por meio de denúncias da comunidade. Os três foram presos dentro de casa e estão envolvidos em diversos roubos, sempre em residências vazias, conhecido como caxangueiros. Entre os detidos, está um menor, que já tinha passagem por roubo e outros dois maiores, procurados pela justiça, por diversos crimes, como roubo, furto e tráfico de drogas.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/18/interna_cidadesdf.553777/residencia-e-assaltada-e-bandidos-levam-ate-animal-de-estimacao.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_121: Roubos e homicídios marcam fim de semana violento no Distrito Federal

Os agentes trabalharam em homicídios em Samambaia, tentativas de assassinato na Ceilândia, ameaça a turistas no Setor Hoteleiro Sul e roubo na Asa Norte



Priscila Botelho - Especial para o Correio

Os menores apreendidos na Asa Norte tinha dinheiro em espécie e cheques

O primeiro fim de semana de outubro começou violento no Distrito Federal. Segundo informações da Polícia Militar do Distrito Federal, entre

a tarde de sábado (1/10) e a manhã deste domingo (2/10) os agentes trabalharam em homicídios em Samambaia, tentativas de assassinato na Ceilândia, ameaça a turistas no Setor Hoteleiro Sul e roubo na Asa Norte.

Na Asa Norte, dois policiais militares apreenderam, na tarde de sábado, dois menores acusados de praticar roubos em série em um ponto de ônibus na 405/406 Norte. Com a dupla foram encontrados R\$ 2.249 em dinheiro, R\$ 4 mil em cheques, dois celulares, duas carteiras e um simulacro de arma de fogo.

O crime do Setor Hoteleiro Sul ocorreu às 20h de sábado. Um casal de turistas poloneses teve pertences e uma câmera fotográfica, avaliada em R\$ 10 mil, roubados. Eles foram ameaçados por uma faca. Após a denúncia, a PMDF fez um patrulhamento na região e encontrou os assaltantes e os pertences.

Turistas poloneses foram ameaçados com uma faca e os assaltantes levaram uma câmera



fotográfica

Por volta de 5h deste domingo, quatro pessoas, entre elas dois menores de idade, estavam bebendo em frente ao Mercado Espírito Santo, em Ceilândia, quando um GM Vectra passou e os ocupantes do veículo efetuaram vários disparos de arma de fogo em

direção ao grupo. Carlos Souza, 36 anos, Sérgio Souza, 39 anos, e os dois menores, de 13 e 17 anos, foram encaminhadas pelo Corpo de Bombeiros para o Hospital Regional de Ceilândia.

Até o momento não houve prisão. A tentativa de homicídio está sendo investigada pela 15ª Delegacia de Polícia.

Também em Ceilândia, por volta das 5h30 da manhã deste domingo (2/10), um Ford Fiesta colidiu com a parte traseira de um Fiat Palio. A Polícia Militar foi informada que o passageiro do Fiesta estava baleado dentro do carro, mas que o condutor havia fugido. A vítima, Ítalo Miranda, de 18 anos, foi encaminhada pelo Corpo de Bombeiros para atendimento emergencial no Hospital Regional de Ceilândia. Uma equipe da Polícia Militar acompanhou o passageiro para averiguar o caso. Não há registro de roubo ou furto do Fiesta.

Em Samambaia, dois foragidos da polícia, Fernando dos Santos, 27 anos, e Leandro da Conceição, 32 anos, foram assassinados, por volta das 21h de sábado. De acordo com testemunhas, dois homens que estavam em um Renault Logan efetuaram vários disparos, em direção a dupla. Quando a Polícia Militar chegou ao local, as vítimas já estavam mortas.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/02/interna_cidadesdf,551411/roubos-e-homicidios-marcam-fim-de-semana-violento-no-distrito-federal.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_122: Sargento da Polícia Militar reage a assalto e mata suspeito em Ceilândia

Ele estava em uma moto com o filho, parado em um semáforo, quando dois homens, também em uma motocicleta, anunciaram o assalto

postado em 13/12/2016 12:37 / atualizado em 13/12/2016 15:22

Um sargento da Polícia Militar reagiu a um assalto e baleou um suspeito na QNM 9, em Ceilândia. Segundo informações da comunicação da corporação, o militar estava em uma moto com o filho, parados em um semáforo, quando dois homens, também em uma motocicleta, teriam emparelhado o veículo e anunciado o assalto.

Segundo informações da PM, o suposto assaltante morreu no local. O comparsa, que pilotava a motocicleta fugiu. Porém, ainda de acordo com a corporação, há suspeitas de que ele também tenha sido atingido. A tentativa de assalto aconteceu próximo à 15ª Delegacia de Polícia, responsável pela região.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/13/interna_cidadesdf,561103/sargento-da-policia-militar-reage-a-assalto-e-mata-suspeito.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_123: Seis cidades do DF estão em alerta para a alta incidência do Aedes

Levantamento da Secretaria de Saúde mostra a situação é ainda mais crítica em quase 20% do DF. Campanha de combate foi antecipada e começa na primeira semana de novembro

postado em 17/10/2016 21:52

Otávio Augusto



Aedes aegypti transmite dengue, zika e chicungunha.

A Secretaria de Saúde divulgou com exclusividade ao **Correio**, o Levantamento Rápido do Índice de Infestação por *Aedes aegypti* (LIRAA), realizado na última semana de

setembro. O resultado preocupa as autoridades sanitárias. Seis regiões administrativas — 19,3% do total estão com índices de incidência maiores que o nível considerado seguro pelo Ministério da Saúde e estão em estado de alerta. O *Aedes aegypti* transmite dengue, zika e chicungunha.

Lago Norte, com 1,6% de infestação; Asa Norte, com 1,4%; Ceilândia e Lago Sul, com 1,3% cada; e São Sebastião e Sobradinho 2, com 1,1% estão com estatísticas alarmantes. As taxas inferiores a 1% são satisfatórias; de 1% a 3,9% estão em situação de alerta; e superior a 4% há risco de surto de doenças transmitidas pelo *Aedes*, segundo parâmetros do Ministério da Saúde.

Até 10 de outubro, a Secretaria de Saúde registrou 82 infecções de dengue por dia no DF. Ao todo, 23.228 tiveram a doença em 2016. Quando comparado ao mesmo período de 2015, o Distrito Federal teve um aumento de 104% no número de pessoas contaminadas. No total, 38 pacientes tiveram o tipo hemorrágico da doença e 20 morreram. No período, houve ainda, 194 casos de zika — dos quais 38 em gestantes — e 162 de chicungunha.

Campanha

O Executivo local antecipou as ações de controle do mosquito, como o **Correio** adiantou na edição impressa de sexta-feira da semana passada (14/10). O GDF

planeja gastar R\$ 5,4 milhões com o combate, segundo a Subsecretaria de Vigilância à Saúde. Ao todo, a pasta investiu, até outubro, R\$ 4 milhões no serviço. O cronograma de atividades vai começar a partir da primeira semana de novembro. Cerca de 3 mil homens estarão envolvidos. A cada semana, oito cidades passarão pelo combate.

Serão utilizados na campanha 41 carros fumacê, 27 bombas manuais de veneno. Além disso, há no estoque 300 litros de biolarvicida e 3 mil cápsulas de veneno. Seis equipes especiais — em média, seis pessoas — farão o controle nas áreas mais preocupantes. “Nosso planejamento será atualizado de acordo com as necessidades do DF”, informou o subsecretário de Vigilância à Saúde, Tiago Coelho.

O que vai nortear o calendário das ações é o LIRAA. “A gente antecipou em um mês as ações. A grande diferença é o monitoramento de três variáveis: as doenças (casos nas cidades), o número de mosquitos (infestação) e os tipos de foco em cada cidade”, explica.

Alerta

Veja índice de infestação por cidade

Lago Norte – 1,6%

Asa Norte – 1,4%

Lago Sul – 1,3%

Ceilândia – 1,3%

São Sebastião – 1,1%

Sobradinho – 1,1%

Vicente Pires – 0,9%

Sobradinho 1 – 0,7%

Jardim Botânico – 0,7%

Park Way – 0,6%

Gama – 0,56%

Planaltina – 0,52%

Varjão – 0,5%

Cruzeiro – 0,4%

Asa Sul – 0,2%

Taguatinga – 0,2%

Riacho Fundo 2 – 0,2%

Samambaia, Recanto das Emas, Itapoã, Paranoá, Santa Maria, Estrutural, Águas Claras, Riacho Fundo 1, Núcleo Bandeirante, Fercal, Sudoeste/Octogonal e o Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) registraram incidência igual a zero. As amostras foram coletadas entre 26 e 29 de setembro.

Tags: [dengue](#) [aedes aegypti](#) [brasil](#) [df](#) [fumace](#) [combate](#) [secretaria de saude](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/17/interna_cidadesdf,553628/dengue-deixa-seis-cidades-do-df-em-alerta.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_124: Série sobre solidariedade visita o Lar de São José, em Ceilândia

Casa abriga crianças e adolescentes, encaminhados pela Vara da Infância e Juventude, e oferecem uma série de serviços, inclusive educacionais



postado em 23/12/2016 06:00 / atualizado em 23/12/2016 00:45

Douglas Carvalho - Especial para o Correio

Das 70 crianças e adolescentes moradores do abrigo Lar de São José, em Ceilândia Norte, não há quem desconheça a história de Luciana Ferreira, 20 anos. Isso porque a história dela é marcada por reviravoltas e é a

cara do propósito do centro: ajudar os jovens a superar a dor do abandono, dos maus-tratos e dos abusos, além de realizar as conquistas do lado de fora dos muros da instituição. Há 29 anos, o local abriga menores encaminhados, sob medida protetiva, pela Vara da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do DF e Territórios (TJDFT). Eles recebem tratamento integral de uma equipe formada por 43 profissionais, entre assistentes sociais, pedagogos, psicólogos, motorista e cozinheiros.

“Quando cheguei ao abrigo, eu era ninguém”, relembra Luciana, durante visita ao abrigo onde morou por quatro anos. Enquanto passeia pelo pátio, puxa pela memória o dia em que deixou a casa dos pais, na Vila Planalto, por falta de condições financeiras. Na ocasião, o Conselho Tutelar entendeu que ela estava em situação de risco e a levou ao centro de acolhimento, com os cinco irmãos. Hoje, ela projeta para os abrigados uma vida independente, com moradia e trabalho fixos. “Tomara que sejam tão felizes aqui quanto eu fui”, comenta.

A coordenadora técnica do Lar de São José, Ana Lúcia Antunes, explica que um dos principais objetivos da instituição é o acolhimento de crianças e jovens até atingirem a maioridade. Nesse período, prover assistência médica, escolar e social é de responsabilidade do lar. “Uma das nossas metas é formar cidadãos. Por isso, a partir dos 14 anos de idade, os adolescentes passam a integrar programas de estágio”, elucida. A experiência profissional gera renda aos jovens. Os coordenadores, então, ensinam os adolescentes a reservar o dinheiro e criam contas-poupanças.

“Eles ganham de R\$ 400 a R\$ 500. Deixamos eles usarem, mais ou menos, R\$ 100, para gastos pessoais. O resto fica guardado para terem reserva quando chegarem aos 18 anos”, detalha a coordenadora. Graças às lições de economia, Luciana poupou R\$ 12 mil, adquiridos em quatro anos, por causa dos estágios como auxiliar de escritório. O montante permitiu a ela dividir moradia com o marido menos de um ano após deixar o Lar de São José. Além da poupança, Luciana coleciona outras conquistas obtidas graças à ONG. “Fiz estágios, cursos de capacitação e hoje moro com meu companheiro”, enumera.

Dois anos após a partida do abrigo, Ferreira visita o antigo lar semanalmente. Criou laços com o lugar e com os profissionais. “Essa é minha família. Às vezes, me sinto sozinha em casa ou passo por algum problema e preciso de conselhos: volto ao abrigo”, justifica Luciana, atualmente desempregada.

Ana Lúcia conta que o Lar de São José depende de doações de empresários e da sociedade civil para abastecer a despensa e os guarda-roupas do lugar. Além disso, uma parceria com o Governo do Distrito Federal viabiliza o pagamento de salário aos funcionários. Ela salienta que a necessidade de ganhar donativos é constante. “Precisamos de qualquer tipo de ajuda durante todo o ano. Não só financeira, mas com móveis, brinquedos e roupas”, reforça a coordenadora, que trabalha no abrigo há sete anos.

Formação cultural

A dirigente ressalta ainda outra forma de contribuição que é muito bem-vinda ao abrigo: atividades culturais. Neste ano, uma empresa construtora despertou a imaginação das crianças e adolescentes ao levar livros de histórias. Os funcionários da companhia narraram contos para os jovens. “Foi um dia inesquecível para eles. Os olhos brilhavam. Houve, inclusive, adesão de 100% dos garotos. A atividade fugiu do costume de doação de brinquedos e roupas”, recorda. “Tudo é fundamental para a formação deles, inclusive, a cultura”, destaca a coordenadora, que, às vésperas do Natal, concentra esforços para organizar uma ceia para os acolhidos.

A matéria completa está disponível [aqui](#), para assinantes. Para assinar, clique [aqui](#)

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/23/interna_cidadesdf,562366/serie-sobre-solidariedade-visita-o-lar-de-sao-jose-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_125: Suposto traficante é preso com arma israelense após perseguição

Após troca de tiros, o homem foi atingido na perna e parou o carro na QNO 7, em Ceilândia

Postado em 05/12/2016 19:51

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio



Policiais civis receberam denúncia de que um homem estaria traficando na Praça da Bíblia, próximo ao ponto final do P Norte, em Ceilândia. No local, encontraram Guilherme Estrela Ribeiro, 23 anos, que, ao ser abordado, saiu em fuga com o carro.

Após a perseguição e troca de tiros, que teve fim na QNO 7, o criminoso parou o carro após ser atingido na perna. No carro, os policiais encontraram meio tablete de maconha, uma balança de precisão, uma pistola de fabricação israelense, dois pentes carregados e duas caixas de munição.

O homem foi socorrido pelo Hospital Regional de Ceilândia (HRC) e foi encaminhado para a 19ª DP.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/05/interna_cidadesdf,560093/suposto-trafficante-e-preso-com-arma-israelense-apos-perseguiacao.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_126: Suspeitos de arrombamento a cofres são presos em Ceilândia

Segundo a Polícia Militar, os crimes eram praticados nas regiões de Águas Claras e Taguatinga. Com os acusados foram encontradas armas e grande quantidade de drogas

postado em 02/04/2016 10:40 / atualizado em 03/04/2016 12:25

Três homens especializados em roubos e furtos a cofres foram presos na noite desta sexta-feira (1^o/4), na QNM 6 de Ceilândia. De acordo com a Polícia Civil os suspeitos arrombavam cofres de postos de gasolina, conveniências e residências.



Segundo militares do Gtop 22 e do Gtop 37, que participaram da ocorrência, os crimes eram praticados nas regiões de Águas Claras e Taguatinga. A prisão ocorreu após as equipes presenciarem a atitude suspeita de um dos

acusados, que correu após avistar uma das viaturas. Ele tentou se esconder em uma residência, localizada no conjunto J.

Ao chegarem no local, policiais encontraram os outros dois suspeitos dentro da casa. No imóvel, foram encontrados um revólver calibre38, uma pistola .40, 2,5 quilos de cocaína pura, 500 gramas de crack — droga avaliada em R\$ 100 mil — , além de equipamentos utilizados nos arrombamentos.

De acordo com a Polícia Civil, que investiga o caso, os homens foram autuados por associação criminosa, entre outros crimes.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/02/interna_cidadesdf,525403/suspeitos-de-arrombamento-em-caixas-eletronicos-sao-presos-em-ceilandi.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_127: Tempestade em Samambaia: 6 mil casas continuam sem energia elétrica

Defesa Civil montou um centro de apoio na Quadra 115 de Samambaia Sul, em frente a um Caic destruído pelo vendaval



postado em 20/10/2016
09:23 / atualizado em
20/10/2016 10:10

Cerca de 6 mil imóveis continuam sem energia elétrica em Samambaia, devido aos estragos causados pela tempestade da noite desta quarta-feira (19). A informação é da Companhia Energética

de Brasília (CEB), que pretende regularizar o serviço na região até o meio-dia desta quinta-feira. No entanto, muita gente sequer vai poder voltar para casa, pois os fortes ventos derrubaram murtos, paredes e levaram muitas telhas.

Ainda não há um balanço oficial, com os números exatos de famílias atingidas. Estimam-se que 1 mil casas tenham sido destelhadas e 21 mil pessoas ficaram sem energia elétrica na madrugada.

Para facilitar o trabalho das equipes de socorro e atender prontamente as famílias prejudicadas, a Defesa Civil montou um centro de apoio na Quadra 115 de Samambaia Sul.

20/10 - Tempestade deixa famílias desabrigadas em Samambaia

Muita gente já procurou os agentes da Defesa Civil na manhã desta quinta-feira. Por causa dos estragos, a maioria foi obrigada a abandonar suas casas vizinhas.

O centro de apoio está ao lado de um Centro de Atenção Integral à Criança (Caic), uma das edificações mais danificadas. O muro da frente caiu e o telhado foi levado pela ventania.

Outra construção bastante danificada é uma igreja evangélica da Quadra 425. No momento da tempestade, era realizada um culto no templo. Uma mulher ficou ferida, mas sem gravidade.

Os bombeiros levaram um homem de 32 anos para o Hospital Regional de Ceilândia. Ele teve fratura no braço e escoriações.

Tags: tempestade samambaia eletricidade estragos energia elétrica defesa civil

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/20/interna_cidadesdf,553999/tempestade-em-samambaia-6-mil-casas-continuam-sem-energia-eletrica.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_128: Trânsito sofrerá alterações em Ceilândia por causa da Parada LGBT

Todas as faixas da Avenida Hélio Prates serão interditadas conforme a passagem da passeata. A previsão é que o percurso de 5 km seja feito em duas horas e meia. O estacionamento do BRB ficará bloqueado até à meia-noite

postado em 21/08/2016 13:04

Ceilândia recebe neste domingo (21/8) a 8ª Parada do Orgulho LGBT. O organização do evento espera reunir 10 mil pessoas no centro da cidade a partir das 14h. A concentração será no estacionamento do Banco de Brasília (BRB).

Em decorrência da Parada, o trânsito sofrerá alterações. Todas as faixas da Avenida Hélio Prates serão interditadas conforme a passagem da passeata. A previsão é que o percurso de 5 km seja feito em duas horas e meia. O estacionamento do BRB ficará bloqueado até à meia-noite.

Considerada a 3ª maior parada LGBT do DF, esse ano o evento tem como tema “Por um Brasil que criminalize a violência contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais”.

Para o presidente da Associação de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais do DF, Allysson Prata, o intuito do evento é chamar a atenção da cidade para os seus moradores LGBT. “Ninguém deve apanhar e morrer por exercer seus direitos à vida e a amar”, explica.

Com informações da Agência Brasília

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/08/21/interna_cidadesdf,545257/transito-sofrera-alteracoes-em-ceilandia-por-causa-da-parada-lgbt.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_129: Três adolescentes montados a cavalo são detidos por roubo de celular

O crime aconteceu na Ceilândia, e os jovens foram encaminhados para a Delegacia da Criança e do Adolescente

postado em 11/12/2016 14:41



Dois adolescentes foram presos na manhã de hoje em Ceilândia suspeitos de terem roubado um celular na parada de ônibus da QNP 10. Quando foram abordados, os dois não

estavam mais com o celular, mas indicaram a residência de outro menor, que estaria com o aparelho. Na casa, o adolescente, que tem 12 anos de idade, contou aos policiais que tentava roubar celulares montado em um cavalo. O animal foi encontrado, mas não foi recolhido, e o trio seguiu para a Delegacia da Criança e do Adolescente.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/11/interna_cidadesdf,560879/tres-adolescentes-montados-a-cavalo-sao-detidos-por-roubo-de-celular.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_130: Três jovens são agredidos por moradores após assalto em Ceilândia

A PM afirma eles estavam armados e usaram um revólver calibre .38. Quando tentaram fugir, foram detidos por testemunhas

postado em 25/04/2016 09:22

Nathália Cardim [L](#)



Três jovens foram agredidos na madrugada desta segunda-feira (25/4) depois de assaltarem uma distribuidora de bebidas no Setor Habitacional Pôr do Sol, em Ceilândia Norte. De acordo com a Polícia Militar, um homem e um adolescente foram detidos pelos moradores da região até a chegada dos policiais. Um terceiro suspeito conseguiu fugir e ainda não foi localizado.

Informações da corporação apontam que eles estavam armados e usaram um revólver calibre .38 para pegar os pertences dos clientes e o dinheiro do caixa. Antes que conseguissem fugir, eles foram detidos por testemunhas e agredidos. Dois deles precisaram de atendimento do Corpo de Bombeiros e foram encaminhados ao Hospital Regional de Ceilândia (HRC). Um homem que estava no local foi atingido por um tiro na panturrilha e também foi medicado pelos militares. Todas as vítimas foram levadas à 23ª Delegacia de Polícia (Ceilândia), para registrar a ocorrência.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/25/interna_cidadesdf,528966/tres-jovens-sao-agredidos-por-moradores-apos-assalto-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_131: Três militares do Exército são presos assaltando em Ceilândia

Os homens trabalham na segurança da Presidência da República. Com eles, foram apreendidas três pistolas, munições e seis celulares roubados

postado em 30/09/2016 23:43 / atualizado em 30/09/2016 23:55

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio

Um trio foi preso em Ceilândia, na noite desta terça-feira (30/9), com três pistolas de uso restrito das Forças Armadas, seis celulares roubados, seis carregadores com 15 munições cada, um colete à prova de bala e distintivos da Polícia Civil do Distrito Federal. Os suspeitos são militares do Exército Brasileiro, lotados no Gabinete de Segurança Institucional (GSI), responsável pela segurança da Presidência da República.



De acordo com informações preliminares da Polícia Militar, os três estavam praticando roubos na região em um Ford/Fiesta. Seis vítimas e uma testemunha reconheceram os homens como sendo autores dos roubos. Eles estavam de

serviço e abandonaram o local de trabalho para praticar os crimes. A corporação divulgou, ainda, que os três são responsáveis por praticar diversos assaltos em Valparaíso e Cidade Ocidental, municípios goianos. O caso está sendo investigado pela 23ª Delegacia de Polícia (P Sul).

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/30/interna_cidadesdf,551345/tres-militares-do-exercito-sao-presos-praticando-assaltos-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_132: Três pessoas ficam feridas após carro bater em poste em Ceilândia

Segundo o Corpo de Bombeiros, veículo também colidiu contra dois trailers. O motorista e o carona ficaram presos às ferragens

postado em 16/02/2016 09:24

Três pessoas ficaram feridas em um acidente ocorrido por volta das 4h desta terça-feira (16/2), em Ceilândia, próximo a um supermercado na QNN 07.

Segundo o Corpo de Bombeiros, o carro bateu contra dois trailers comerciais, rodou na pista e se chocou em um poste de energia elétrica.

De acordo com testemunhas, a estrutura ficou pendurada na fiação.

No veículo, havia cinco passageiros. O motorista e o carona, porém, ficaram presos às ferragens. O Corpo de Bombeiros prestou socorro aos feridos, que foram encaminhados para hospitais de Ceilândia e Taguatinga

Conforme a corporação, entre os feridos estão uma mulher de 18 anos, que teve o tornozelo quebrado e escoriações no rosto, e outras duas vítimas, de 19 e 24, também hospitalizadas com ferimentos leves.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/02/16/interna_cidadesdf,517931/tres-pessoas- ficam-feridas-apos-carro-bater-em-poste-em-ceilandia.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_133: Trio é pego com carro roubado e revólver em Ceilândia Sul

Veículo foi roubado em Águas Lindas (GO). Condutor afirmou que comprou o carro por R\$ 500

postado em 11/10/2016 19:12 / atualizado em 11/10/2016 19:56

Alessandra Modzeleski - Especial para o Correio

Um homem foi preso e dois adolescentes apreendidos com um carro roubado e um revólver na tarde desta terça-feira (11/10), em Ceilândia Sul. O trio, estava no conjunto B, na QNM 6, quando foi avistado por Policiais Militares que identificaram “atitude suspeita” do grupo.

Um menor de idade estava com a arma e três munições. O motorista do carro, também adolescente, carregava uma porção de maconha. Em consulta ao sistema, os agentes constataram que o carro havia sido roubado, no último domingo, em Águas Lindas, cidade do entorno de Goiás.

O condutor informou aos policiais que havia comprado o carro por R\$ 500. Os menores respondem pelo ato infracional análogo aos crimes de receptação e porte de entorpecente.



Um deles estava com um revólver e confessou ter roubado o carro havia 30 minutos

Outro caso

Ainda em Ceilândia, outros três homens foram presos no conjunto 41, da QNO 20, também por roubo de carro. De acordo com a PMDF, os rapazes estavam conduzindo o

veículo em alta velocidade e desobedeceram a ordem de parada. O grupo ainda tentou fugir conduzindo o carro pela contramão.

Um menor de idade foi apreendido e dois homens presos. Um deles estava com um revólver e confessou ter roubado o carro havia 30 minutos. Todos os envolvidos foram encaminhados à delegacia, onde a vítima os reconheceu.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/10/11/interna_cidadesdf,552843/trio-e-pego-com-carro-roubado-e-revolver-em-ceilandia-sul.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_134: Ultrapassagem proibida deve ter causado acidente que matou pai e filhos

Um Chevette vermelho tentou ultrapassar quatro carros em uma descida íngreme da pista

postado em 19/09/2016 06:52

Otávio Augusto



A toalha verde-musgo usada no socorro da criança de 4 anos ainda estava estendida no chão, próxima ao cenário da tragédia. Para chegar até ao local do grave acidente, no km2 da DF-451 — que liga Brazlândia a Ceilândia —, era

preciso caminhar entre fragmentos dos veículos, materiais médicos utilizados no atendimento às vítimas e em muitos estilhaços de vidro. Ao todo, três pessoas morreram, entre elas, outro menino, de 7 anos, e um homem, de 40. Quatro carros e oito pessoas se envolveram no desastre. Uma bebê de 9 meses teve uma fratura no braço e está internada.

O barulho das águas turvas do Ribeirão das Pedras era a sinfonia ouvida após a colisão, causada por uma combinação fatal: alta velocidade, ultrapassagem em lugar proibido e, possivelmente, a falta do cinto de segurança. Um Chevette vermelho tentou ultrapassar quatro carros em uma descida íngreme da pista, no sentido da Fundação Assistencial dos Servidores do Inbra (Fassinbra). No lado contrário, uma caminhonete seguia rumo a Ceilândia. Sem

alternativa, o condutor tentou voltar à faixa da direita. Não conseguiu. Bateu em um Chery branco e um Gol prata, rodou e recebeu o impacto violento de um Clio preto.

No banco de trás do Chevette, haviam três crianças de uma mesma família. Após o acidente, no amontoado de ferro retorcido que sobrou do carro, era possível ver um chinelo infantil. No banco do carona, uma calça jeans feminina, um par de sandálias e o que restou de um pacote de bolachas de chocolate. A tragédia ocorreu pouco depois do almoço, por volta das 13h50, segundo o Corpo de Bombeiros.

Próximo ao local, funciona um pesque-pague onde a desempregada Emily Ester Costa, 25, e a técnica em saúde bucal Valéria Pereira, 33, almoçariam. O veículo em que elas estavam se envolveu no acidente. Terminou com o retrovisor arrancado e a lataria arranhada. “Tudo aconteceu muito rápido. Ali (na descida), não havia condições de fazer a manobra”, contou Emily, ainda assustada. “Essas imagens vão demorar a sair da cabeça”, completou Valéria.

A matéria completa está disponível aqui, para assinantes. Para assinar, clique aqui.

Tags: ultrapassagem morte trânsito df-451 brazlândia ceilândia

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/19/interna_cidadesdf.549274/ultrapassagem-proibida-deve-ter-causado-acidente-que-matou-pai-e-filho.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_135: Vigilante é morto com cinco tiros em frente à estação de metro no DF

Narcélio Rodrigues Acâmpora, contratado pelo metrô da AGIL, foi abordado por dois suspeitos de jaquetas pretas e bonés pretos, que após darem os disparos, fugiram

postado em 24/04/2016 23:15 / atualizado em 24/04/2016 23:32

Gabriela Vinhal

Um vigilante foi morto com cinco tiros na noite deste domingo (24/4), em frente à estação de metrô, na Ceilândia Norte. Narcélio Rodrigues Acâmpora, contratado pelo metrô da AGIL, foi abordado por dois suspeitos de jaquetas pretas e bonés pretos. Sua arma, um revólver cal. 38, foi levada pelos bandidos, que fugiram.

De acordo com informações da Polícia Militar, os suspeitos fugiram a pé, sentido quadra 21 da Ceilândia Norte. Ainda segundo a corporação, não há câmeras de segurança no local. A 19ª Delegacia de Polícia investiga o caso.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/04/24/interna_cidadesdf,528911/vigilante-e-morto-com-cinco-tiros-em-frente-a-estacao-de-metro-no-df.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

Reportagem_136: Vítima de feminicídio é velada na manhã desta quarta, em Taguatinga

Com 42 anos, Eliane exercia a profissão de manicure na casa em que morava na Ceilândia, local onde o crime ocorreu

postado em 21/09/2016 10:40 / atualizado em 21/09/2016 11:59

O velório de Eliane Vieira de Paula acontece na manhã desta quarta-feira (21/9). Cerca de 40 pessoas, entre Parentes e amigos se reúnem para prestar as últimas homenagens a mulher que foi assassinada na madrugada de ontem pelo marido, Beny Vieira de Paula.

Com 42 anos, Eliane exercia a profissão de manicure na casa em que morava na Ceilândia, local onde o crime ocorreu. De acordo com conhecidos da vítima, o casal tinham uma relação harmoniosa sem históricos de brigas. “Até agora não consigo acreditar que isto aconteceu. Ninguém da família consegue aceitar”, relata uma amiga que não quis se identificar.

Os parentes de Beny não compareceram à cerimônia. De acordo com os presentes, eles estão com medo da possibilidade de serem hostilizados. “Todo mundo está muito triste, ela era uma pessoa muito feliz, sem inimizade com ninguém”, lamenta um conhecido da vítima.

Disponível em:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/09/21/interna_cidadesdf,549709/vitima-de-femicidio-e-velada-na-manha-desta-quarta-em-taguatinga.shtml

Acesso em: 11 set. 2017

ANEXO K – PRODUÇÃO DE TEXTO

**** *CARTA_1

A impressão que eu tenho do lugar onde eu moro é boa, tirando os bandidos. Eu fui criado em Brasília e moro em Ceilândia no setor QNQ um setor muito perigoso, mais aonde eu moro é até bom, ruas asfaltadas, tudo asfaltado, na QNQ o ruim é só vizinhos fofoqueiros e as bagunças que eles faz, tipo uma festa todo sábado e vai do sábado a segunda-feira.

As características que eu tenho sobre lá são boas, lá as ruas são asfaltas e dar pra jogar futebol, mais tem uns vizinhos que faz de proposito jogam agua na rua só pra gente parar de jogo bola da vontade de mandar eles se XXXXX. E tem muitas padarias e distribuidora perto por isso que é muito bom.

O que eu mais gosto lá é as quadras que fica no setor QNQ 02. O que eu não gosto é dos vizinhos e nem dos bandidos que fica assaltando lá aonde eles moram, mais tirando isso é muito bom.

A rua é asfaltada que da pra jogar futebol com as travinhas ai chamo meus colegas e nós joga um fut.

As amizades que eu tenho lá é muito bom, algumas não mais a maioria é bom, chamao eles pra jogar futebol na rua ou de vez em quando vamos pra quadra.

A expectativa que eu tenho é que venham fazer cima quadra lá do lado de casa por que tem que andar muito pra chegar lá.

A critica que eu tenho do onde eu moro e po tirar os bandidos que tudo melhora, por que o que mais tem lá é assalto a mão armada, e isso é ate perigoso alguém reagir e morrer. Essa é a história aonde eu moro.

**** *CARTA_2

LUGAR ONDE MORO

Onde moro a rua é suja não tem lugar pra passar tem muito mato tem muito lixo não é asfaltado muita poeira quando chove alada tudo abri cada buraco, muito lixo acumulado. As pessoas reclamam muito o lixo entra nos gutos [esgotos] e entopi o cano onde a água da chuva passa. Eu não tenho muitas amizade só conheço uns 2 amigos.

A minha rua não tem nada de bom, não tem porque não tem espasso [espaço] para os carros passar porque tem muito poracos [buracos] na não tem espasso [espaço] pra porque os carros estão ensima [em cima] da causadas [calçadas] por que não tem a onde colcoar o carro

por causa dos matos altos. Eu gosto da minha rua porque não tem assauto [assalto]. Minha rua não é escura, tem poste de energia com lâmpadas assesas [acesas] todas as crianças da rua brincam tranquilas sem perigo alguns. Eu gosto da minha rua o que não gosto da minha rua e os poracos [buracos], o lixo e o mato alto e a poeira e quando chove a e [aí] é que fica bior [pior] por causa da lama e quando vou para a escola tenho que cortar caminho pra não sujar os pés de lama esse e o único defeito da minha rua.

**** *CARTA_3

LUGAR ONDE EU MORO P NORTE

No lugar onde eu moro, eu tenho uma convivência muito boa com os meus vizinhos. Na minha rua quando tem datas comemorativas nós todos comemoramos juntos.

A rua onde eu moro é um lugar simples, é asfaltado as casas são normais, a rua tem vez que é um pouco suja, mas na maioria das vezes quando uma pessoa está capinando em frente da sua casa, essa pessoa chega no vizinho e pergunta se pode capinar ali em frente da casa do vizinho. Ao lado da minha casa tem um campo de futebol e uma pracinha.

As amizades que eu tenho na minha comunidade, é muito especial para mim, porque nós nos conhecemos há 13 anos.

Como nem toda comunidade é perfeita, tem pessoas de outras ruas que quando fazem festas incomoda bastante, tem dia que o pessoal das outras ruas não conseguem dormir, e como todo lugar nas ruas tem assaltos, na minha comunidade também tem, mas não é tão frequente, pra mim esses são os únicos defeitos da minha comunidade.

**** *CARTA_4

LUGAR ONDE EU MORO P NORTE

Aonde eu moro é legal, tem árvores e é um lugar legal, tenho muitos vizinhos na verdade muitos amigos dos meus pais moram lá;

Não à [há] lixo aonde eu moro, o pessoal joga o lixo no lixo ou espera o caminhão passar mesmo. Em praticamente todas as casas tem cachorros na minha também, as casas tem quintal grande as pessoas podem escolher se querem o quintal estilo fazendinha ou chão piso meus pais desidiram que queriam mais fazendinha porque além de bonito é uma forma da gente aprender mais sobre as plantas e como cultivar é bem bacana; Os meus vizinhos são quietos mas cada um sabe sobre o outro, bem eu acho que o povo fica observando os outros, mas eles não se emtrometen [intrometem] bem! quando agente [a gente] precisa desses estão aqui para ajudar;

Eu não tenho amizade com os meninos da rua não me emborto [importo] também, eu até acho melhor assim!!

Vou contar um coisa, uma vez ou melhor duas vezes, o meu cachorro foi mordido duas vezes pelo cachorro do vizinho que tem dois Pitt bulls. Há [Ah] foi horrível a sensação de ver o meu cãozinho sangrando.

O quê eu detesto na minha rua é quando os vizinhos dão festa tarde da noite e fica com aquele som auto [alto] que dá muita raiva. Bem está [esta] é a minha rua, eu gosto muito dê lá até porquê minha vida tá lá nê, e um luga [lugar] legal. Fim.

**** *CARTA_5

LUGAR ONDE EU MORO P NORTE

A rua onde eu moro não é muito bonita, mas também não é muito feia, é um lugar bom. O que eu mais gosto é que lá não é uma rua muito bagunceira, mais sim uma rua calma, raramente acontece um assalto por lá, mas o que eu não gosto é porque as vezes a vizinha fica ouvindo música de madrugada, e muitas vezes eu não consigo dormir por causa do barulho é isso e muito chato.

Eu não tenho muitas amizades por lá, mas as pessoas, são pessoas gentis, legais, tem respeito um com o outro, etc.

Minha rua e asfaltada o que é muito bom pois antes não era asfaltada, a gente vivia andando na lama, chegava na escola com os pés sujos, ou no trabalho, mas agora tudo mudou depois que foi asfaltada, não tem muitas árvores nem muitas flores, não é uma rua suja cheia de papéis no chão, ao contrário a nossa rua e limpa e organizada.

As minhas expectativas, e que a minha rua melhore cada vez mais com a ajuda de todos, com pessoas que respeitem uns aos outros.

Não tenho muitas criticas, a minha única critica é que lá as pessoas não respeitas uns aos outros o que é muito ruim, pois ligam o som muito alto e isso é desrespeito com os outros moradores, é isso deveria mudar, pois assim seria um lugar melhor.

Bom, o lugar onde eu moro não é o mais belo, mas mesmo assim eu gosto muito de lá, mesmo não sendo o lugar perfeito de se morar, eu amo muito o lugar onde eu moro.

**** *CARTA_6

Eu moro na Ceilândia no Bairro Sol Nascente a pessoas acham lá muito perigoso mas não e isso tudo, mas tem alguns defeitos e claro. Como a lama tinha lá a Pipa enganchada nos fios e as qualidades são o asfalto que tem lá e sempre a coisas são mais perto como mercado, padaria e etc lanchonete eu gosto bastante e eu arrumei varios amigos e conheci Bastante pessoas divertidas e tambem tem pessoas muito fofoqueiras e acaba dificultando bastante a minha vida mas nada demais lembro de eu brincando di queimada, fultebol, basquete e andando de Bicicleta com os meus amigos e minha família e todo mundo ajudando um ão outro e lembro das fogueiras que eu fazia quando estava frio assando batata-doce e tomando café, sempre gostei da minha rua, na minha opinião eu numca pensaria em me mudar porque achei todo mundo unido tem algum defeitos más e lá que eu cresci então!

**** *CARTA_7

LUGAR ONDE MORO

Eu moro na Ceilândia e a rua que eu moro e muito barulhenta, passa carros toda hora, tem bastante assalto que ate ja virou rotina minha casa tem o portão verde.

Eu gosto quando eu e meus amigos tiramos um dia da Semana e ce reunimos para colocar os assuntos em dia.

Eu não goto muito pelo fato dos vizinhos serem muitos desunidos é cada um na sua ce falam poucas vezes.

Mais por outro lado tudo e perto da minha casa a Borracharia, A padaria o mercado etc mais mesmo assim eu quase não Saio de casa.

O Asfalto da minha rua ja esta bem acabado está cheios de Buracos até que cairia bem ce dessem uma arrumadinha.

Eu gostaria que as pessoas fossem mais unidas divertidas e que fizessem mais coisas juntas é também queria que os assaltos acabassem fora isso acho que está otimo.

**** *CARTA_8

As minhas impressões sobre aonde moro são muitos meninos novos se acabando nas drogas, bebidas...

Mas aonde moro não acho em ruim lugar, moro num prédio e fico no alto e não vejo alguns tipos de coisas na rua então acho tranquilo e gosto e o lugar, é um bom lugar, bem localizado, tranquilo, perto da minha escola e muitas vindas perto. A única impressão que tenho

é de vim para escola cedo porque está todo muito assaltos e tenho trauma desde o que que fui assaltada.

Amo a minha casa e sou muito grata pois meus pais terem sua própria casa e sou satisfeita aonde moro, tem meu quartinho, o quartinho da minha irmãzinha que vai nascer, tem uma varandinha aonde nós pode ficar a tarde olhado a paisagem, tem uma ciclovia de frente pra mim e minha família fazer caminhada...

E o que amo fazer aonde moro tomar sorvete, açaí e lanche no Calua o ônibus que vende lanche de frente, e sair pros lugares, por isso que amo aonde moro porque é bem localizado e eu e minha família amamos sair, ir pra um pesque pague, pro clube, etc.

Não gosto muito de ficar parada em casa sem nada pra fazer e nem de fazer muita comida quando tem visita.

Já a minha até que acho tranquila não é muito movimentado e lá é mais cada um na sua.

Porém não tenho muito tempo morando aqui então não tenho muitas amizades na minha rua porque fico mais em casa, a única amizade que tenho aqui está na escola, então sinto muita falta aonde morava mais não tão triste porque vou direto aonde morava e sei que amizades verdadeiras sempre permanece no coração não importa a distância.

Mais tenho expectativas de voltas aonde moro e ficar perto dos meus amigos. Também gosto da onde moro que de frente tem uma faculdade e pretendo fazer faculdade e ser alguém na vida, no meu futuro.

As minhas críticas são que vejo muitos na minha escola despreocupado com a vida e sem amor um pelo o outro e sem incentivar a uma melhoria.

**** *CARTA_9

Moro no Sol Nascente, eu nasci no hospital de Ceilândia, gosto muito do lugar que eu mora, 14 anos morando lá, muitas mudanças aconteceu durante esse tempo todo.

Lá colocaram paralelepipedos nas ruas menores e colocaram asfalto na rua principal, os defeitos de lá são muitos mesmo sendo essas coisas que fizeram mas lá tem defeitos, as coisas ruins é que tem muito assalto mesmo, tem pessoas que morrem por conta de querer reagir a isso.

E outro defeito é que quando chove, lá embaixo, fica só a lama, porque ainda não asfaltaram lá por que o governo só cava buraco e não resolve nada, tá um caos, toda vez que eu vou pra igreja tem aquela luta pra passar, porque, só por conta da lama, o governo não consegue fazer nada em 1 mês eles terminam a obra em 3 meses, eu tenho dó das pessoas que moram lá,

peessoas que sai cedo pra trabalhar, e além de passar naquela lama e a maioria da vezes são assaltados por esses vagabundos que só quer roubar pessoas que trabalha alguns ainda vão pro trabalho todo machucado por conta que os bandidos bate.

Não tem policiamento, um dia desses a lotérica foi assaltada, pessoas foram refêns isso, isso é um ABSURDO extremo [extremo]! As pessoas que trabalha o dia todo, alguns tem dois empregos por que o primeiro não dá nem pra pagar as contas, outros batalham pra comprar uma blusa pros seus filhos e vem os bandidos e toma nossa eu só queria que isso acabasse, e as coisas boas é que asfaltavam lá, e minha amigas e eu.

FIM.

**** *CARTA_10

LUGAR ONDE MORO

A impressões que eu tenho do lugar onde eu moro e que os políticos so lembra de lá em quatro em quatro anos. Outra impressão que tenho e que os moradores [moradores] não fazem nada para menhora [melhorar] o lugar.

As características, e um lugar com bom vizinhos [vizinhos]. E outros características e umas pessoas que ficão [ficam] na esquina fumanto[fumando] maconha, mas por outro lato [lado] não tem muito crime por lá.

Eu gosto da quatra [quadra]. Gosto das coisas que tem por lá tipo pizzarias, parenhos que o vizinho [vizinho] faz para as criaças [crianças] e adolescentes [adolescentes] para outro lugares.

Mas eu não gosto da quatra [quadra] ser radiata [rodeada] por lixo, não gosto das pessoas que vicão [ficam] na isquina e não gosto ter que andar na lama quanto [quando] chove.

A rua, a minha rua e [é] de terra com buracos e lama toda fez [vez] que chove e tem umas pessoas que jogam lixo na rua.

As amizades que tenho são legas [legais] tenho amigos que eu Bringo [brinco] tem aqueles que não gosta das Bringateiras [brincadeiras] e tem aqueles que não ligam com as Bringateiras [brincadeiras].

As minhas expectativas e que minha rua fosse [fosse] asfaltada [asfaltada] que tenha coleta de lixo e a quatra [quadra] fose [fosse] mas Bem cuitada [cuidada] pela preveitura [prefeitura] por que ela esta mui sucatiada.

E minhas críticas e que os políticos não se lembre da nossa rua de todas as ruas quanto [quando] for tempo de reeleição vai pra lá uma vez querendo [querendo] voto e tem umas pessoas que agredida e [agredida] voto nesses políticos e é isso que acaba com o Brasil.

**** *CARTA_11

LUGAR ONDE MORO

Minha impressão de onde eu moro é bem diferente da dos outros, muitos falam que é perigoso, mas pelo contrário é um lugar muito tranquilo de se morar.

Aqui não é tão bonito mais é um bairro bem humilde onde todos se conhecem, uns não se gostam, mas muitos são amigos.

Tem muitas coisas que eu gosto aqui, mas também tem coisas que não gosto por exemplo. Gosto muito daqui pois tenho minha família por perto, mas também não gosto quando acontece homicídios, roubos e outras coisas que envolve violência para fora isso é tudo muito bom!

Minha rua é bem tranquila todos se conhecem há muito tempo, por exemplo tem vizinhos que moram lá bem antes de eu nascer. As amizades que eu fiz vou levar pro resto da minha vida, eles são muito especiais pra mim, já vivemos tantas coisas juntos que nunca irei esquecer.

Minha crítica sobre onde eu moro e que falta segurança, devia também ter mais médicos, mas estou confiante neste novo governo que vai entrar para administrar Brasília, eles tem muitas propostas boas, acho que agora deve melhorar.

**** *CARTA_12

LUGAR ONDE MORO

O lugar onde eu moro até que é bom de viver, porque a minha rua é perto de várias coisas, como por exemplo a para de ônibus, que facilita bastante a minha locomoção até o Centro da Ceilândia. Perto dela também tem uma padaria no qual eu levo apenas 5 minutos andando até lá.

Em geral minha rua é bem tranquila, pois ela é sem saída e isso torna-a um pouco mais segura, bom é o que eu acho. Uma outra característica de onde moro é que agora na minha rua tem asfalto, e isso a deixa com um aspecto mais bonito.

Não tenho muitas amizades onde eu moro, pois não sou uma pessoa social com meus vizinho, mas eles aparentam ser pessoas legais e boas.

Eu gosto de onde eu moro mas acho que muita coisa por lá poderia melhorar como por exemplo o término de asfalto, pois estão incompletas e eu acho que se tivesse asfalto facilitaria muito a vida das pessoas.

Bom, isso que eu acabei de falar é só um pouquinho sobre o lugar onde eu moro.

**** *CARTA_13

A primeira impressão que tive quando cheguei no meu bairro é que tinha muita violência, brigas, muitas lamas, muito grande poucos comércios, que não tinha becos. Quando cheguei na minha casa, estava desconfiado que casa (local) onde eu moro era um bar, por causa que a casa tem um formato de um bar, então eu fui me acostumando.

Eu encontrei um monte de características lá tem asfalto, ninguém joga lixo nas ruas, eles botam lixo dentro de um sexto de lixo quando é na terça-feira e no sábado passa o caminhão de lixo recolhendo tudo , mais quando chove alaga tudo e estoura os bueiros e depois de passar a chuva eles arrumam.

No Bairro, o que eu mais gosto é a quadra, eu jogo bola nela todo fim de semana, também gosto de sair com meu primo e meu irmão para comer hamburger na melhor lanchonete do bairro que eu acho, e também gosto de sair para a pracinha que fica na quadra para fazer exercício.

No meu bairro, o que não gosto é os pontos de ônibus, por que quando eu vou para escola fico muito tempo esperando ônibus, não gosto também dos bandido que tem pelos xxxxx tem guerra contra a quadra 18, essa guerra nunca acaba.

Na minha rua ela é calma, não passa quase ninguém nela e asfaltada, sem brigas e só tem barulho no final de semana de vem em quando quase não passa carro na rua. Eu acho que deve ter acontecido alguma casa naquela rua porque ninguém passa.

As amizade na minha rua é muito boa ninguém conversa com ninguém, não faz fofoca da vida dos outros, não tem briga e quando é pra conversar e só um aí tudo bem.

**** *CARTA_14

Eu gosto da rua por que, no dia a dia eu e meus amigos brincamos de: futebol, queimada, jogamos free fire e converçamos... é isso que eu gosto da rua. E como é a rua: a rua é de areia e pedra, não tem asfalto, voltando a oque eu gosto da rua, é que não fica cheio de lama, porque a rua da frente tem asfalto, ele é cheio de lama, porque foram colocar uns tubos gigantes tiraram umas boa parte do asfalto e terra e colocaram esses tubões dentro, e tamparam, voltando denovo

para como é a rua, a rua é sem saída mas isso é bom, mas aos mesmo tempo é ruim, bom: por que não tem bandido, um dia chegaram um homem e quiseram derrubar uma parte da minha casa, mas graças a Deus não derrubaram. Por que eu não gosto de algumas partes da minha rua: começo com a rua, não tem asfalto, é um pouco esburacada, e o ruim é que é longe da minha avó e é longe da escola, eu vou de pé para a escola, eu tenho cartão estudantil mas eu vou de pé, eu encontro o Samuel no caminho e vou para escola com ele e meu irmão Pedro, na frente da minha rua tem muitos buracos por causa da chuva, eu acho que dois carros atolaram no buraco, eu acho mas um carro atolou, na rua se fosse colocar carros lado a lado, caberia quatro carros lado a lado, e a rua é bom porque é perto da casa das minhas tias.

**** *CARTA_15

LUGAR ONDE EU MORO

Minha rua é um lugar que eu considero bom, na rua e asfaltado e isso é um ponto legal, pois quando chove não fica com barro, único problema é que a onde eu moro tem muitos buracos isso prejudica quando carros passa por lá, tem uma pracinha perto da minha casa que eu acho massa pois tem coisas para as pessoas se exercitar, um parquinho para as crianças brincarem, mas tem o lado ruim porque quanto está de noite vários maloqueiros vai para a pracinha e fica fumando ou roubando as pessoas.

As casas são todas boas, cada uma é enorme exceto do meu vizinho da esquina, pois é um barraco e além disso, as pessoas jogam lixo na casa dele acho isso um absurdo, porque fica um cheiro horrível na rua e errado fazer isso, mas ele não se incomoda porque a casa dele e de esquina, ou seja, todas pessoas jogam lixo lá, acho também que deveria ter um papa lixo na minha rua, porque iria ajudar muito, principalmente para essas pessoas mal educadas que jogam lixo na casa do meu vizinho.

É uma coisa que me incomoda bastante e quando os maloqueiros ficam nas esquinas a noite, assaltando as pessoas, pois aqui tem vários assaltos, deveria ter mais policiamento por aqui não só no meu bairro, deveria ter em todos lugares.

Tirando isso de perigosidade, sobre os buracos e o lixo, meu bairro eu considero tranquilo, e os vizinhos também, pois cada um ajuda o outro, gosto da nossa união e companheirismo, é se melhorasse esses problemas que eu citei, seria bem legal. E isto, meu bairro tem coisas ruins e boas, mas mesmo assim continuou gostando do lugar onde eu moro.

**** *CARTA_16

LUGAR ONDE MORO

Eu moro no Sol Nascente não tem nem 1 ano ainda. Me mudei pra cá em março. Antes de vim morar aqui eu gostava do lugar, mas depois que eu cheguei a primeira impressão que eu tive foi bem ruim porque na rua que eu moro não é asfaltada ainda, é cheia de buracos, eu gosto só da parte dos “pés de manga” e de ficar sentada de baixo das árvores quando tá calor. E tem também uma associação beneficente da qual eu participo, ela oferece cursos e muito mais, tudo de graça. A parte que eu não gosto é que na minha rua e mais pra cima um pouco, quase não tem respeito com as pessoas de lá e não gosto também que as pessoas ficam olhando com cara feia pra gente.

E a rua? Meu Deus, lá não tem condições de passar de carro, não tem como as crianças brincarem na rua, porque lá, é esgoto quase tudo a céu aberto. Quando chove, fica parecendo uma cachoeira lá, não tem nem como andar nem de pé, bicicleta, nem carro, porque corre o risco de ser arrastado, né?! lá tem umas pessoas amigas, que dá pra conversar, até...

Eu tô aprendendo aos poucos a gostar de lá. Eu tenho expectativa de que vão asfaltar lá ainda e que esse novo governo de 2019 faça alguma coisa pra acabar com o perigo. Porque a cada esquina que você anda, corre o risco de ser assaltado. Resumindo eu quero que eles melhorem muito o Sol Nascente, porque é capaz de daqui a pouco eles esquecerem de nós aqui. Mas eu sei também que a gente quer isso, mas temos que fazer a diferença também. E é isso, né?!?! Isso que eu acho do lugar onde moro.

**** *CARTA_17

LUGAR ONDE MORO

Não me identifico com o lugar onde moro, especificamente na rua onde vivo. Não por se um lugar ruim, mas sim, por não ter pessoas da minha idade. Então, eu não tenho muito contato com muitas pessoas dessa rua, ou seja, com meus vizinhos. Na verdade, há alguns anos atrás, já morei aqui, mas depois de uns três anos minha família se mudou. Agora, acabamos que voltamos para cá.

Meus pais têm amigos aqui, mas eu não conheço muita gente.

No meu bairro, na há muitas árvores, tem algumas, mas não são MUITAS. Na porta da minha casa mesmo, tem palmeiras.

Assim que chego em minha rua, algumas vezes esta suja, com lixo na rua, na porta dos outros etc.

Minha rua é asfaltada, tem uma lan house de gente a minha casa. Algumas ruas acima, existe uma pracinha, porém não é muito usada pelos moradores, pois está um pouco acabada, e temos medo de sermos assaltados. Algumas ruas abaixo da que eu moro, tem a avenida, existem algumas lojas de roupas, academias, mercados, padarias, entre outras coisas.

Sinto falta de comunicação entre meus vizinhos, mais adolescentes da minha idade, jogos e brincadeiras com todo mundo na rua.

Apesar de algumas coisas, aqui é bem calmo. Não tem brigas, som alto até madrugada, enfim.

Só deveríamos preservar mais o lugar onde moramos.

Gosto daqui, mas sinto falta de certas coisas.

**** *CARTA_18

LUGAR ONDE MORO

Onde eu moro existe a um tempo e o governo nunca deu atenção, sempre foi largado, sem saneamento básico, era sem asfalto, lugar de muita violência.

Mas agora em 2018, perto das eleições, nosso governador começou a investir no sol nascente. Ele está implantando saneamento básico, asfalto, está tendo mais cuidado.

O que gosto de lá que é “um lugar calmo, não tenho muitos amigos lá. Muito dos meus amigos não mora lá perto de mim.

O que eu não gosto é que, apesar de estar colocando asfalto, não tem lugar para lazer, para brincar, não tem um, porque, uma quadra, muitos jogam, brincam, se diverte na rua e é feliz.

As características é um bairro que nunca teve cuidado, que não é amado pelos moradores e nem pelo governo, muitos poluem suas próprias ruas, onde moram, onde vivem e poluem sem ligar para nada.

Há 3 anos que moro ali, não tenho muita convivência com meus vizinhos, nem eles tem comigo, só tenho com meus dois primos que são meus vizinhos.

Minha rua é um caos, os próprios moradores jogam lixo na esquina da rua, não tem cuidado com as próprias casa, quando chega a noite vira um breu a maioria dos postes não funcionam.

A maioria das casa são meio que largadas, com a maioria tem um barraco e o resto é mato.

A expectativa que eu tenho é que seja um lugar se miséria que a população e o governo cuide com amor, de lazer para as crianças.

**** *CARTA_19

LUGAR ONDE MORO

Moro no Sol nascente de Ceilândia, um lugar que conhecido como a segunda maior favela do Brasil.

A impressão que da quando eu vejo ou ouço falar sobre o Sol Nascente, penso em um lugar perigoso, onde acontece muito assaltos, mortes a muita violência, não tem bastante segurança no local.

Mas com todos os defeitos que o Sol nascente tem há muitas pessoas que lutam para ter um bom lugar para se viver, acordam cedo todos os dias para ir trabalhar para comprar o pão de cada dia, trabalhando honestamente. Mais também tem outras pessoas de lá que não trabalha, e so serve para roubar, matar e atrapalhar a vida da pessoas que trabalha honestamente.

Na minha rua, lugar onde não tem asfalto, tem muita lama e buraco nos dias chuvosos e muita poeira nos dias Quentes,

O governo esta fazendo saneamento básico nas ruas do Sol nascente, mais com as chuvas as ruas estão todas cheias de lama, algumas interditadas devido a os buracos aonde estão fazendo a rede de esgoto. Mas o bom e que já tem asfalto em algumas ruas, dai diminui um pouco a lama.

Sobre minhas amizades que eu tenho na minha rua, não tenho muitas, pois as pessoas de lar, mechem com muita coisa errada, tem uns que vendem maconha, mas eles nunca mecheram com ninguém da rua, eles falam com as pessoas com respeito. Minha vizinha e minha tia, gosto muito ir na casa delas, conversa.

Eu ainda vou ver um dia, em que o Sol nascente vai ser um lugar, aonde a segurança, poder andar na rua sem medo de ser assaltado ou morto com uma bala perdida, que quando nossas mães deixar seus filhos saírem, não ficar preocupada com o perigo que pode ter lá fora, Vou ver um lugar com pessoas com casas e trabalhos dignos. É quando as pessoas ouvirem dizer do Sol nascente não vão imaginar um lugar onde mora favelados ou ladrões, mais sim um lugar com pessoas trabalhados um lugar seguro e com educação para se morar.

**** *CARTA_20

LUGAR ONDE MORO

O lugar onde eu moro até que é bom para morar, mais as vezes aconteceu coisas desagrável, como muitas brigas por caso de dinheiro ou mais comum por dinheiro.

A rua onde eu moro, tem muitos buracos, quando chover, os buracos fica cheio de água suje, mais quando um carro passar em velocidade maxima, por cima do buraco enpalhar água suja lado, principalmente nas pessoas que anda por lá. A rua onde eu moro conheci novas amizades, eu jogo bola na rua, aprendi a andar de bicicleta, onde eu cair jogando bola e raspando o tampão do dedo. A vivência na minha rua é normal. Na minha rua não tem asfalto e tem muitos buracos.

As minhas expectativa é que tenha asfalto, para cobrir os buracos e colocar entulhos, para diminuir os lixos jogado na rua.

**** *CARTA_21

Eu moro na QNQ, e acho que lá e mais ou menos tem muito crime, e a lotérica perto de casa foi assaltado um dia desses, lá em casa é muito simples, tem uma sala, 3 quartos e uma cozinha.

Eu gosto mais da padaria que tem lá perto, tem comidas muito gostosas, não gosto quando tem festa na esquina, porque o som e muito alto.

A rua tem assaltos na esquina minha irmã já foi roubada, tem uns vizinhos que são pessoas que escolheram um caminho diferente dos outros, um deles deve ter 13 a 15 anos e já roubou, provavelmente já fumou, mas os irmãos deles não dão um bom exemplo.

Eu não tenho muitos na rua na verdade quase nenhum, então.

Eu quando fui morar lá não tinha um ano de idade, então não lembro coo era ou quais eram as minhas expectativas, mas se eu fosse adivinhar diria que, eu achava o lugar legal o quintal da casa era grande então brincava bastante, eu lembro que andava de bicicleta tanto na rua quanto no quintal, eu tinha um boneco que mexia a maioria das partes do corpo, nas minhas brincadeiras ele era o vilão porque parecia um pouco.

O lugar onde eu moro é um pouco gosto no sentido de que a casa agora ta meio ruim, pois as afiações estão a amostra e tem muito goteira quando chove forte no lugar onde eu jogo vídeo-game tem uma goteira que cai em cima do controle, se não ficar esperto a goteira cia em cima dele, e eu acho que deve estragar se cair.

**** *CARTA_22

O lugar onde eu moro eu acho que é legal e ruim mais eu gosto muito só que eu não saio muito eu fico mais dentro de casa eu gosto muito de assistir, mecher no celular, comer, dormir, sair pra passear etc...

As minhas características da minha casa a minha casa não é das melhores da minha casa a minha casa não é das melhores aquelas, diquermas mais só tem barro, e os mercados de lá são tudo longe aí eu tenho preguiça de ir lá. Eu não gosto de arrumar a casa porquê minha casa e muito grande tem 4 quartos tem um corredor enorme tem o banheiro tem a sala, cozinha tem à área pra lavar e tem a cachorra pra lavar. As minhas amizades são muitos legais tem os da rua e os da escola e de outros lugares, os da rua são bem legais eles me ajudam muito quando eu preciso. Os das escolas eu não falou com todo mundo da escola porque eu nem conheço mais eu tenho muito amigos da minha sala e não da minha sala.

As minhas expectativas os lugares que eu vou uns são legais outros que eu nem quero chegar perto. Tipo eu gosto de ir pra casa das minhas primas, pro jhopping, pra pizzaria pra sorveteria o lugar que eu mais gostava era de ir pra casa da minha melhor amiga. Lá perto de casa nem tão perto, lá na casa dela era tão bom eu também tinha muitos amigos na rua dela era muito legal lá só que ela se mudou de lá agora e lá ta morando lá no maranhão.

Mais eu ainda se comunico com ela. Eu vou falar o que eu acho dos lugares que eu vou, na casa da prima lá e e bem apertadinho mais eu gosto muito de lá, eu gosto muito de ir viajar pra cidade onde eu nasci lá em Bahia Barreiras lá e muito legal eu gosto muito de lá lá também é tudo aberto não tem parede nem nada mais eu apronto muito lá eu gosto de ir pra sorveteria eu acho ao sorveteria muito movimentada as vezes então eu compro o pote de sorvete e levo para casa porque eu não gosto de tomar sorvete lá e também tem outros lugares lá que eu acho etc.

As comidas que eu como tem as vezes que ele me sinto enxuada porque eu gosto de ficar comendo comida diferente eu não gosto de jiló, cebola, cheiro verde, pimentão o que eu gosto muito na comida e o frango tido o bom e o estrogone com uma coca bem gelada então e isso que eu gosto e não gosto.

**** *CARTA_23

LUGAR ONDE MORO

Eu moro no bairro do Sol Nascente e a impressão que eu tenho do meu bairro não é muito positiva, pois há muito barro, nenhuma área de lazer, sem contar que perigoso; mas eu gosto de morar lá pois já me familiarizei com o lugar mesmo com seus aspectos negativos. Meu bairro não é asfaltado, as casas são como as tradicionais, mais ainda é possível encontrar casas de madeira e lona, não tem saneamento básico, área de lazer e infraestrutura boa. Eu gosto bastante do bairro que agora está sendo asfaltada e o governo está melhorando nossa infraestrutura graças a protestos dos moradores do bairro e da rua onde moro. O fato de não ter área de lazer no bairro e muito ruim, pois os jovens e adolescentes e crianças também se envolvem com outras coisas que não convêm fazer nas esquinas das ruas. Na rua é possível encontrar pessoas brincando e conversando umas com as outras, pois há uma comunicação frequente e legal entre todos. Na rua eu não tenho muitos amigos, mas me socializo com todos. Minha rua é organizada, limpa e espaçosa, possui poste de luz, esgoto nas casas etc. o bairro Sol Nascente é alvo de descaso, pois muitas pessoas não tem casa regularizada, não tem policiais nas ruas e nem infraestrutura, sofremos sempre com esses problemas, a cidade pode ser organizada, limpa e mais segura, mais pra isso acontecer precisamos que aqueles que estão no poder nos ouça e veja nossa luta.

O povo só precisa de alguém que nos priorize.

**** *CARTA_24

LUGAR ONDE EU MORO P NORTE

A rua onde moro e [é] calma a maioria das vezes e (com exssão [exceção] dos finais de semanas), onde meus vizinhos fazem festas com o som muito alto, minha rua é relativamente “limpa” e asfaltada, o asfalto [asfalto] com alguns buracos mas não muitos, as vezes o meu vivinho do lado bastante barulho por causa da família que mora lá, mas não é tão relevante assim; na minha rua tem aquelas placas com os endereços para você se localizar por aqui no P. Norte, também tem os postes de iluminação em todas as ruas da região.

Chegando na minha rua a impressão é que e uma rua calma e tranquila, também e so impressão mesmo porque do nada começam 5 festas na minha rua na rua de cima na de baixo e você pode esculher [escolher] oque [o que] ouvir porquê e tudo muito alto e vai ate madrugada a fora. Gosto na minha rua que não tem muitos assaltos com frequência e tambem calmo (a maioria das vezes) eu gosto do fato de que a tarde e calmo bom para ficar sozinho e isso e muito

bom. O ruim do meu bairro são as festas execivas [excessivas] e muito ruim, porque moram varios idosos e bebes na rua, as festas sao muito altas e geralmente começam sexta como um churrasco atarde [à tarde] e acabam domingo de madrugada ou até mesmo segunda-feira, outro sonto desagradavel e o meu vizinho usando maconha no meu portão e o cheiro vai para dentro de casa e ficava cheirando a maconha na minha casa e é ruim por que eu tenho asma e tambem completamente desagradavel.

A unica vizinha vizinha que eu conheço e a vizinha que mora ao lado ela e muito amigavel, eu geralmente falo com ela quando minha mae pede para ir pedir algo emprestado para ela, fora essa senhora eu não falo com mais ninguém lá.

As minhas vontades para aquela rua e que as festas acabem eu denuncia e que a policia apareça quando ligarmos e tambem que arrumem alguns buracos que tem no asfalto e meu vizinho pare de usar drogas no meu portão e que tenha paz e tranquilidade naquele bairro.

**** *CARTA_25

LUGAR ONDE MORO

Quando eu cheguei na minha casa eu tinha apenas 3 anos de idade e não sabia onde era, como era; pois ela foi reformada antes de ir para ela.

Eu moro nem no Sol Nascente nem no P Norte, perto da escola, rodeado de casa de todos os jeitos e formas: pequenas, grande, comprido, largo...

O que gosto?

Em geral, de quase tudo: casa, rua, moradores.

O que não gosto?

Na minha rua apesar de ser tranquilo, apareceu um problema recentemente: começou a aparecer alguns meninas que fumam maconha e isso para mim prejudica a todos os moradores não só da rua, mas de toda a comunidade; apesar disso nossa rua tem muita paz, todos conversam, todas as criaças brincam juntas não importa quem seja. Somos uma rua unidas sem brigas e confusões.

Tenho muitas amizades, apesar de que minha rua e pequena e sem saída. Tenho a: Carla, Meirielen, Nawy, Anne, Ranyelly, Gabriel e entre outros.

Sempre brinco, converso, brigo as vezes, quando discordamos.

Minhas expectativas são essas ter uma rua asfaltada, em boa condição, mais polícia, um pouco mais de união entre todos os nossos moradores em volta, porque juntos somos mais, sistema de esgoto para todos...

E o fim minhas críticas: nós precisamos que o governo pare de roubar e comece a trabalhar e mude a vida das pessoas que mora no Sol Nascente com: Sistema de esgoto, rua asfaltada, casas dignas para morar, mais policiamento, para parar com esses roubos que a maioria acaba com a morte de inocentes pessoas.

**** *CARTA_26

Eu moro atualmente na casa da minha mae, mas explicando com detalhes, eu moro no Sol Nascente no condomínio acácias, mas eu não acho grande coisa por causa da pista de terra e tambem porque e longe de tudo, e quando ajente [a gente] precisa ir muito longe pra comprar so uma coisinha.

Minha casa tem pouca descrição, eu moro perto de poucas coisas, um mercadinho na esquina uma igreja na outra esquina, e uma vizinhança bastante tranquila. Já que eu gosto no lugar, é a vizinhança bastante tranquila. O que não gosto no lugar alem de ser longe de tudo, a vizinhança mesmo sendo tranquilo eu vivo cercado [cercado] por vizinhas fofoqueiras e entrometidas [intrometidas].

Primeiro seria muito bom se asfaltassem a rua de tera e em segundo parasse de faltar energia pra assistir televisão tranquilo. Ja a minha rua e bem tranquila e ao mesmo tempo movimentada.

Na minha rua eu tenho poucos amigo porque eu não sou daqueles que sai pela rua pedindo pra todos serem meus amigos, cumigo [comigo] e assim ou me aseita [aceita] ou me asseita [aceita] porque eles não são obrigados a gostar de mim e do meu jeito, purisso [por isso] eu tenho poucos amigo na minha rua, e tambem porque a maioria dos meninos da minha rua são todas criansas pequenas e meninas chatas, purisso eu tenho muito mais amigos na escola com adolescentes da minha idade por ex: o fabricio o Erick o danilo o Pedro e o meu melhor amigo o isaias puriso [por isso] que eu não gosto de ter amizade na minha rua.

**** *CARTA_27

LUGAR ONDE MORO

O lugar onde moro é bom não e muito agitado e um lugar mais sossegado e quieto, porém, as vezes consegue ser muito agitado por exemplo: nos finais de semana que ta todo mundo de folga, nos feriados que também tá todo mundo em casa.

Aonde eu moro não tem asfalto, as fiações não são das melhores há muitos “gatos” nas ruas, só que estão começando a colocar asfalto perto da onde eu moro só que eu duvido muito que até a minha casa a rua tem muito lixo na minha opinião, eles deviam colocar pelo menos um papa lixo do lado do poste da esquina e não ficar de um cheiro muito agradável para as pessoas que moram por perto e rua tem muitos buracos, quando chove fica cheio de lama, porém há coisas boas também. As casas são bem organizadas não são barracos há alguns barracos, mas são poucos.

Na rua onde moro eu tinha amigos legais e a única coisa que eu gosto de ler.

Lá tem muitos vizinhos fofoqueiros e chatos, tem muita lama e tem outras coisas que não é necessário falar.

Minhas amizades são todas boas e eu gosto de todas as amizades.

Eu espero que a rua melhore e que os governadores tenha consciência.

**** *CARTA_28

O lugar o moro e cheio de lama na rua casa [causa] uma que empessões lugar e muito e feia eu não gosto por que lá não pode bonta esconto na rua.

As características e que minha casa ter portal branca ele e aberto na frende [frente] na casa e lá ter telhado quebrado por que Eu quebreím caiu da altura 5 metros esta no chão da sala.

Eu gosto de come chocalhando Bombom comida gosto de mundo coisa telesiosa [deliciosa] do sal ldo[do seu lado], pão, biscoito, suco, refrirrente [refrigerante] coisa de mais no lugas ele tei muitas casa de surmecardo [supermercado] delicioso. etc.

Eu não gosto de meus pais brigal pode matar um o outro ele feri o coração, e eu não gosto de coisa. Com ficar ei casa trangando 2 dias todo para com isso uso da sua esperiecia e para mim.

Na rua a lá este um coisa de fazer essessia na causada pelo o Bibô da rua eu não voi fala por quê ele tei um do meu pai ele um cachaxero de rua mais mãe não que mais ele.

O Bairro e no sol nascente no df – perto de Ceilândia e de aguas lindas Eu já fui para lugares Bahia, sambaia, lago sul etc a impressão no e mundo bonito e no feia.

**** *CARTA_29

LUGAR ONDE MORO

Moro em uma ruazinha, uma ruazinha humilde mas foi lá que eu creci e nessas ruazinhas tem sempre aquela casa de esquina, pois bem, é a minha, me mudei a pouco pra essa casa, recém construída mas bem bonitinha. Em minha casa abriga cinco pessoas e as que eu mais amo, meus pais e meus dois irmãos e ambos vivem em boa convivência dentro do local.

Onde eu moro eu costumava a ter bastante amigos e ser bastante conhecida mas decidi me afastar sabendo que algumas pessoas jamais acrescentarão alguma coisa útil em minha vida.

Apesar de ser um local bastante “chato” tem suas qualidades, posso dizer que é bem “bipolar”, as vezes quero demais e as vezes barulhento ao ponto de todos os vizinhos se juntarem pra parar com os barulhos, mas é legal morar onde eu moro por que mesmo que você for a pior pessoa do mundo todos irão te tratar e receber bem.

Espero que as coisas possam melhorar cada dia mais e ser bem melhor para todos que ali mora e enfim não tenho muito do que falar mas sei bem de uma coisa, o local pode ter seus defeitos mas agradeço sempre a Deus ter me dado um lar e é isso que importa.

**** *CARTA_30

Lugar onde moro

As impressões que tenho da minha rua é que ela é muito calma, tirando o meu vizinho que faz festa todos os finais de semana.

Minha rua seria melhor se caso tivesse algum asfalto, teria uma ótima característica. O ponto positivo que eu gosto bastante é a calma a noite. Não desce ou sobe nem um carro, caminhão, nada dá pra ter uma noite de perfeito sono.

Eu não gosto das festas excessivas nos finais de semanas. Isso atrapalha bastante minha mãe eu de dormir. E isso atrapalha lá no dia seguinte (no trabalho) e me atrapalha bastante no curso, não tendo disposição e bastante. Não tenho nenhuma amizade na minha rua por enquanto, pois acabei de me mudar pra cá, mas na minha antiga eu tinha bastante amizade, era xxxx mas por enquanto. Tenho expectativa que minha rua ainda vai ter asfalto.

**** *CARTA_31

LUGAR ONDE MORO

O moro em Brasília uma cidade bonita e cheia de cultura ela é uma cidade bonita, pena que ocorre muitos roubos e assalto, e o lugar mais perigoso pra mim é a Ceilândia onde eu moro, na Ceilândia ocorre muitos roubos e muitos assaltos.

Mas vamos falar das vantagens a Ceilândia é uma cidade bonita e também tem muitos lugares bonitos como a Torre de TV o zoológico e muito mais. E as desvantagens são que tem muitos assaltos, furtos, roubos e homicídio.

O antigo governador prometeu que iria fazer mais escolas e creches mais infelizmente não aconteceu. A minha rua ela legal mas nem tanto a minha rua tem vários pé inchado e alguns e alguns vagabundos a minha rua também tem vários buracos e muita lama quando chove. quando chove se você estive saindo para algum lugar de pé certamente ou você irá cair ou vai se sujar inteiro de lama e é melhor ficar afastado das posas [poças] de lama por que se não você irá tomar um banho de poço quando o carro passar. As minhas amigas eu não tenho muitos amigos mais são os necessários, meus amigos são muitos legais nós apronta muitas travessuras na minha rua, eu agora só tenho três amigos na rua porque um se mudou e logo logo eu também vou se mudar. As minhas expectativas [expectativas] são que a minha rua seja asfaltado ano que vem e que o governador mande mais polícia para prender esses vagabundos que fica tirando as coisas das pessoas que com muito esforço e muito trabalho compra eu espero que um dia isso vá mudar e que a justiça seja feita.

As críticas são que as pessoas penso que aqui só mora pessoa que não presta. E por isso as pessoas não mora mais aqui, por causa desses Bandidos mancharam a cara da Ceilândia.

**** *CARTA_32

A rua

A rua, o lugar onde encontramos coisas novas, as vezes boas, muitas vezes ruins, um lugar que te ensina a cair e levanta, mas ela faz questão de te derrubar, quem é da rua cabe, com certeza seus pais não gostam que vocês fiquem na rua, porque eles sabem dos perigo que ela traz, sequestro, roubo, homicídios, brigas, atropelamentos e muito mais, mas é por isso que não trancafiemos em casa?

Pelo menos eu não, temos que ir pra rua trabalhar, nós passamos pela rua para estudar, ou até só para dar um rolê por aí... mas aí você me pergunta: “Você não tem medo?” Tenho. Claro que tenho, quando eu vejo um bandido eu já fico grilado, mas quando eu vejo uma barca

(Polícia) Aí sim eu fico com medo de verdade, mas eu não devia, dizem que “o que não deve não teme” quem dera fosse assim na rua. Pra sobreviver na rua tem que ser esperto.

A realidade é cruel, quantas famílias já foram destruídas por coisas que vem da rua, tipo o crack o fada que eles não obriga ninguém a comprar e culpam a rua, o culpado e quem compra, por que se for culpa quem ele manda todas drogas, culparíamos o governo mas bem que a culpa é deles mesmo...

A, se os vizinhos chato que ficam na sua rua só cuidando de sua vida, não pode levar uma nina pra barraco por que os vizinhos já acha merda, mas eu to paxxx me fuXXXX. Não devo pra ninguém não irmão, cada um com teus corre sem eles merecer ninguém, mantendo a humildade sempre.

Até que aqui por onde eu moro não é tão feio. Eu gosto daqui, só não gosto da bandidagem que tem aqui. E sobre as amizades aqui tem que ficar esperto, traira aqui tem demais.

Onde eu moro ficou esquecido depois das eleições, tem muita coisa pra arrumar aqui, mas esses político safado que olha o próprio nariz.

**** *CARTA_33

A Ceilândia é uma das cidades satélites de Brasília. A Ceilândia abriga várias religiões e várias raças de povos de países e de outros estados. A Ceilândia é chamada da cidade dos nordestinos e nos abrigamos a maior 2ª segunda favela do mundo, o Sol Nascente abriga várias famílias de vários outros bairros. A Ceilândia por abrigar uma das favelas maiores na verdade. A Ceilândia abriga muitos pais de família que saem 5:00 horas da manhã. A mídia gosta de comprar pessoas falando que a Ceilândia abriga bandidos. Isso é uma cachorrada porque por dia traz vários eventos para comunidade reforma as quadra porque os pais fica inseguro a saúde está em estado precário, muitas mães ve em seus filhos se retocarem de dor porque tanto sofrimento para nós.

**** *CARTA_34

Ceilândia é uma cidade onde á vários defeitos e qualidades. São poucas qualidades mas essas poucas são as melhores, em suas qualidades tem o RAP que é muito escutado por várias pessoas em diversos lugares, o futebol que é também bastante praticado tanto em campo tanto na rua, as ciclovias tem asfaltos bom para se fazer uma boa caminhada. Tem bastante iluminação para que as pessoas saibam onde estão pisando, o melhor de todos é o fácil com que idosos e os deficientes físicos não precisam andar tanto e nem correr perigo de acidentes. Seus defeitos são bastante presenciado a falta de segurança faz com que a criminalidade cresça cada vez mais, a falta de educação faz com que os adolecêntes se revoltem e entram na vida do crime e assim eles começam a usar drogas. A falta de investimento público investimento na saúde cada vez mais a situação se complica.

**** *CARTA_35

A Ceilândia é uma cidade satélite que agrupa muitas pessoas de fora como Maranhão, Piauí, Pernambuco, Bahia etc.

Vivem na Ceilândia 415.000 mil de pessoas de vários lugares e várias raças. Ceilândia tem várias escolas, quadras, parques, praças, hospitais, delegacias assuntos como festas juninas, João do Cerrado eventos de várias comunicações e que agrupam várias pessoas. Também vários sintéticos que agrupam várias escolinha de futebol e tiram várias pessoas das ruas e da criminalidade. Em fim Ceilândia é um belo lugar para morar.

**** *CARTA_36

Ceilândia pra mim é o melhor lugar porque sempre morei aqui, viajar é bo, mas chegar em casa é melhor.

A cultura de Ceilândia pra mim é muito grande, gosto muito dos rappers que saem daqui.

Mas como nada sempre é bom, Ceilândia tem seus defeitos, muitos defeitos. Infelizmente não podemos sair na rua despreocupados pois a criminalidade aqui é muito grande e os hospitais que quase sempre estão em situações precárias ou não há médicos, quase sempre ocorre graves de tudo policiais, vigilantes, médicos e lixeiros...

A gente mesmo pode melhorar nossa Ceilândia com pequenos gestos como o lixo etc. para ela se tornar cada vez um lugar mais querido.

**** *CARTA_37

Assim como qualquer lugar do mundo, Ceilândia tem seu lado bom e ruim. Percebemos o lado ruim olhando para os lixos jogados nos terrenos, principalmente perto de algumas escolas.

No lado bom, as escolas ficam perto uma das outras, daí facilita ao estudante. Tem as UPAS, mas não tem médicos.

Ceilândia tem vários bairros, e entre os bairros há aqueles que dizem ser mais perigosos que os outros. Entre eles está o Sol Nascente, classificado como a maior favela do Brasil.

E é na Ceilândia que residem o maior número de nordestinos. O ponto de encontro é na Feira Central de Ceilândia.

**** *CARTA_38

Ceilândia, um lugar as vezes bom para se viver, de grande história e cultura, a nona região administrativa do distrito federal, uma cidade que mesmo com muitos problemas de violência, infraestrutura, pouca segurança em alguns bairros, saúde e educação, é uma cidade que possui muitos benefícios a seus moradores, como por exemplo ser uma cidade com um bom comércio, uma cidade que tem diversos projetos sociais para a população, e que tem reformar no patrimônio publico. e mesmo com todos os problemas, a Ceilândia com todas as suas qualidades é a cidade mais habitada do distrito federal.

**** *CARTA_39

Em Ceilândia há muitos roubos pouco policiamento munto lixo poeira na rua pouco saneamento básico e mais: a maioria dos casos são por causa dos cidadãos jogado lixo nos bueiros jogado resto de comida no chão pocas pessoas escolhem trabalhos de polícia.

Mais tem pontos bons na Ceilândia, como o governador Estão colocando mais parques, vila olímpicos e entre outros. Eu gosto de mora na Ceilândia.

**** *CARTA_40

A Ceilândia é um lugar bom de viver e tem muitas passaros muitas pessoas muitas o oportunidade de viver uma vida bem bacana a ceilândia é um lugar que tem muitas frutas leguais casas escola professores quadras arvores e etc... mas tam bem tem mutas empresas **conelil o filipas** paradas de onibuis os professores são bem legais muitos e ducados e só querem encina os alunos parater um vida boa men um [nenhum] professor que ver aluno nas mas para sima e

para baixo correndo atrais de trabalho sem com cequir [conseguir] Eles querem ver oatmo com um trabalho bom que receba bem iso assim eles vam gasta sabia porque vai valer a pena ele ter incinado oaluno. FIM

**** *CARTA_41

Ceilândia tem seus defeitos e suas qualidades, alguns defeitos que podem ser concertados pelos políticos como o policiamento na Ceilândia. Cadê os policiais para tirar todas essas pessoas na frente das escolas fumando maconha? A saúde também: cadê os postos de saúde na Ceilândia os médicos que poucos trabalham os políticos corruptos, que só roubam o nosso país e não paga os policiais nem os médicos.

Agora vamos falar sobre as qualidades com as vilas olímpicas que são um bem para a sociedade. Várias modalidades como atletismo, natação, ginástica etc. e podemos dizer das ciclovias que também foram com mais segurança podemos andar pelas ruas que não corremos tanto riscos como antes agora podemos dizer que antes agora podemos dizer que estamos um pouco seguros em Ceilândia.

**** *CARTA_42

A Ceilândia é um lugar bom de se morar, mas em alguns lugares não dá nem para passar perto porque tem muito tiroteio e muitas crianças e adolescentes morrem por semana.

Mas é bom porque no lugar onde eu moro é tudo bem tranquilo, mas tem vezes que nem tanto.

Mas para ficar melhor tem que ter mais policiamento, mais hospitais e mais justiça e etc...

**** *CARTA_43

Atualmente em Ceilândia se vive um, estado critico, muito assalto, não esta dando para andar nas ruas sem medo de acontecer algo, a saúde não esta muito boa, não há médico nos postos de saúde e nos hopitais. A, UPA tambem nunca há médico, as coisas estão muito caras mas tudo tem seu lado bom: as ciclovias, os avaços no comecio, avanços na arquitetura, as vilas **dempecas**. Eu acho que para isso melhorar depente muito dos moradores e maior pate e a dependências dos governantes.

**** *CARTA_44

Ceilândia é uma cidade com coisas boas e ruins, a Ceilândia tem cultura, avanços dos comércios, praças, eventos e ciclovias. Mas também tem consumo de droga, muito roubo, falta de policiamento e falta de estrutura nas escola.

A Ceilândia é assim por causa dos governantes, eles fazem isso em a própria cidade e a culpa é nossa também por não mudar de pensamentos e ajudar a nossa cidade a ser melhor para nós termos que mudar nossa sociedade, porque juntos somos mais fortes.

**** *CARTA_45

Ceilândia é uma cidade que tinha muito potencial para ser uma das cidades mais bem soceditas do país se não fosse por causa de muito de seus habitantes que tráfico drogas, roubão, fazem muito vandalismo, distribuição de patrimônios públicos, trabalho infantil, moradores de rua é poucos profissionais na área da saúde mas como tudo que tem seu lado ruim tem seu lado bom como eventos sociais, avanço na arquitetura, avanços nos comecios, exposição a casa do cantador, vilas olímpicas e ciclo vias.

Mesmo com esses problemas Ceilândia é um bom lugar pra morar.

**** *CARTA_46

A Ceilândia foi criada em 27 de março de 1971. A Ceilândia é uma cidade muito cheio de droga muitos ladrões, mas também tem suas coisas boas, tem muito projeto cultural muitas coisas boas, exemplos: Vila Olímpica e muito mais, tem muitos vândalos, quebram o patrimônio público, entram muitos ladrões no política só para roubar o dinheiro do povo mas não fazem nada, muitos ladrões nas ruas e pouco policiamento, nas ruas não pode andar com medo na mão que a gente já é roubado, mas eu gosto da Ceilândia, tenho orgulho de morar nela.

**** *CARTA_47

A Ceilândia é uma cidade do distrito federal apesar do que dizem sobre aqui, quem mora aqui e tá acostumado com o dia a dia não acha tão ruim por que já tá acostumado com a quadra na maioria das vezes com menores usando drogas e etc. moro aqui a bastante tempo e não vejo mais aquele perigo todo que dizem. Todo lugar tem ladrão e etc. aqui não é diferente, mas por se tratar de Ceilândia todo mundo acha que ao entrar já vai ser roubado e não é bem assim. Gosto muito daqui por que apesa de tudo tem muito acesso fácil a escolas e comércios. Na minha opinião a Ceilândia precisa de reparos nas ruas, quadras e outros lugares, tirando isso acho um bom lugar para morar.

**** *CARTA_48

A Ceilândia hoje em dia vem sendo vitima das mentiras da mídia que por sua vez adora escandalizar as coisas que acontecem por traz das câmeras, na Ceilândia são vitimas de preconceito so por usar, chorte fougado, e Blusa grande, essas pessoas muitas das vezes são abordadas pela polícia por causa do seu modo de vestir, e de viver.

Mas por varias vezes podemos comcordar que a criminalidade esta cada vez maior eo policiamento esta precário.

As condições precarias de policiamento dechem ainda maior o consumo de drogas entre crianças e adolescentes.

Ao meu respeito as pessoas não podem criticar as outras so pelo seu jeito de vestir, as pessoas tem que conhecer para depois ver se deve criticar ou não pois ninguém sabe o que o outro tá passando.

ANEXO L – ENTREVISTAS COM ADOLESCENTES

ANEXO – ENTREVISTAS

**** *ENTREVISTA_1

Pra Vila?

Vila Olímpica.

Você faz esporte lá? O que você faz lá?

Futebol. Na segunda, eu também faço CETEC.

CETEC? O que é?

É curso de informática. Quarta, eu também faço CETEC. Quinta, eu faço Vila Olímpica de novo.

São duas vezes futebol?

É. Duas vezes na semana. E na sexta-feira, eu fico só em casa mesmo. Jogar bola de tarde.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que não conhece Ceilândia?

Ah, é um lugar bom para morar. É um lugar bom, né? Mas tipo... Tipo...

Olha, a pessoa não conhece aqui. O que você iria falar daqui? Pode falar o que você acha realmente.

Ah, eu acho um bom lugar para morar.

Faça uma descrição daqui. O que você acha bom para você?

Porque tem muitas praças... praças para jogar futebol. Tem quadras; pizzaria, para quem gosta de comida.

Tudo é perto?

É. Sim.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

No dia em que colocarem médico nos hospitais.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos? Pode ser estrutural.

Ah, onde eu moro mesmo eles estão colocando asfalto, mas uma coisa que eu acho muito ruim é os hospitais estão de estrutura muito ruins.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade-satélite do DF tanto de espaço quanto de população, o que você acha que ela tem uma baixa representatividade política no governo para lutar por nossos interesses?

Ah, tinha que ter mais, né? Para ajudar a população pobre, né?

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade?

Tem lugares que não têm lugar para jogar o lixo e aí o povo joga no chão.

Qual a solução que você sugeriria para o lixo?

Ah, tipo o papa-lixo como aqui na frente da escola e aqui atrás.

Mas o papa-lixo, a professora estava comentando, foi um projeto daqui, né?

Sim, o professor Carlos foi quem fez o projeto.

Mas foi vocês que se mobilizaram, pediram e eles [administração] colocaram?

Eu acho que era isso, porque faz tempo que eu não vi. Ele [o professor Calos] fazia palestras no sábado.

Seria o momento da população se reunir de novo e pedir mais papa-lixos, né?

Sim. Ele [o professor Calos] pediu para colocar papa-lixo quando ele chegava aqui na escola e ficava um cheiro ruim de cachorro morto. Tinha tipo um entulho ao lado da escola.

Você falou do lixo, que outros problemas você poderia relatar daqui? Problemas na cidade.

Eu acho, tipo, que tem muitas pessoas ruins assim que tentam tomar das pessoas que quer alguma coisa na vida.

Você nota isso, então? Você sente alguma ameaça em relação a isso? Não.

Já sofreu alguma violência em relação a isso? Não. Ainda bem.

Você tem mais alguma coisa a falar em relação a sua cidade? Não.

Lembra de mais alguma coisa que gostaria de deixar registrado? Não. Só que é um bom lugar.

**** *ENTREVISTA_2

Você mora aqui desde nasceu?

Só teve, eu acho, só uma vez que eu morei lá em Samambaia, mas foi durante quando (sic) eu nasci. Aí eu nasci aqui no Hospital de Ceilândia e morava lá. E agora eu passei para cá, porque eu herdei o lote do meu vô, né? E nós tamos (sic) dividindo agora com uns tios e umas tias.

Aí mora com outras famílias lá então?

Olha, tem minha tia. Tem minha tia... E... só eu e ela mesmo. Eu, minha mãe, pai.

Sua família e a família de sua tia? É

Aí ficam duas casas no lote?

É. Só que, como é tipo como o lote é grande, dá para muita casa. Então tem três casas no lote.

Três casas? E ainda moro outra pessoa no lote?

É. Meu vizinho.

Qual é a sua rotina diária?

Bom, quando eu chego da escola, eu como primeiro, né? Eu vou jogar vídeo game e vou para Vila Olímpica fazer basquete, jiu jitsu.

E ajuda em casa?

Ajudado. Ajudo. Porque minha mãe chega cansada, né? Então...

Sua mãe trabalha todos os dias?

Assim... só [não entendi] quinta e sexta. Mas ela chega muito cansada. E meu pai... ele trabalha todo dia. Carregando pedra. É difícil. É pesado, né?

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

Bom... eu ia falar que assim: não tem asfalto, primeiramente, né? Assim, a criminalidade aqui não é pouca. Amigos como eu acho que eu já falei no meu trabalho, são muito poucos que você acha do bem, né? Porque todos são do mau caminho. Então... assim... são muito poucos. Assim... eu consideraria assim como um lugar assim que você quisesse viver melhor, vai para outro lugar. Não esse, sabe? Porque aqui, como nossa escola aqui, você vê nessa escola já aconteceu muitos assassinatos.

Aqui?

É... Já roubaram. Mataram um menino, porque ele entregou tudo. Não falou nada. E foi assassinado aí. Tem muito crime, muito mesmo.

Então aqui é difícil para sair à noite?

Muito, também. Minha mãe, quando ela saiu de noite para trabalhar, acho que foi umas cinco horas da manhã, um cara passou de carro aí pediu para ela entrar dentro do carro. Ela saiu correndo. Chegou lá em casa tremendo.

E você já sofreu assalto aqui ou não?

Já. Muitas vezes. Até no caminho de casa.

E a comunidade não se une para fazer alguma coisa, para pedir segurança?

Um dia eu fui roubado e tentei avisar os meninos da rua pra não ir mais pra lá porque ia ter roubo, e ninguém quis seguir ouvir. Acabou que uma mulher foi roubada também. A mulher também foi roubada também.

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Um sonho?

Pode ser também.

Bom... eu queria ficar rico para levar minha mãe e o meu pai para um caminho melhor, assim. Por... quero fazer... como minha mãe ainda é jovem, então... eu queria fazer ela ter faculdade, sabe?

Ela tem quantos anos?

Ela tem 29, mas ainda eu acho que dá para usar o EJA¹¹⁵ ainda, né? Dá pra fazer as coisas. Aí eu... Mas eu também quero ajudar eles, porque eles fizeram muita coisa por mim, né?

É só você e eles? Não tem irmãos?

Bom... eles falam que eu tenho uma irmã lá no Goiás, né? É porque... mas eu nunca vi, assim, sabe? Então...

Sua mãe é muito jovem mesmo.

Ela é parte de índia. [não compreensível]. Minha mãe namorou com meu pai... minha mãe quando teve eu com 15 anos. Meu pai tinha vinte, por aí.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Queria asfalto e diminuir a criminalidade.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?

Assim... lojas sendo construídas... melhorando a cidade cada vez mais.

Chegou esgoto para vocês aqui ou não? Aquele tipo que o governo fala que está fazendo. Chegou para esse lado?

Acho que chegou, não sei. Não vi direito.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade-satélite do DF, onde tem o maior número populacional; o que você acha que os políticos poderiam fazer em relação a essa cidade?

Bom... podia prestar mais atenção nessa cidade, né? Porque aqui nós estamos como se o governo jogasse nós fora. Mas eu tenho orgulho de morar aqui, né? Sendo que eu nasci aqui, sabe?

Você sente alguma discriminação em relação a morar aqui?

Não. Várias pessoas falam... é que ali só mora ladrão. É, tipo... mas eu sou humilde. Eu não ligo muito para isso. Onde não vai ter ladrão nesse mundo? Pelo amor de Deus! Até nas políticas têm. Até nas políticas.

¹¹⁵ EJA – Educação de Jovens e Adultos.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade?

Como eu já disse, asfalto; falta de rotamento de polícia; lixo também. E... acho que só.

Qual a solução que você sugeriria para amenizar ou resolver isso aqui?

Bom, ainda não sei, né?

**** *ENTREVISTA_3

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida?

Sim

Onde você nasceu?

Em Barreiras, Bahia.

E você mora onde aqui?

Aqui eu moro perto do... aqui no Sol Nascente.

Você mora com quem?

Com a mãe, o padrasto e uma irmã.

Qual é a sua rotina diária?

Bom... eu não faço quase nada. É... eu só fico dentro de casa mesmo. Não saio pra lugar nenhum. É... não saio pra lugar nenhum. As vezes que eu saio é pouca. Não dá pra mim observar nada, assim. Mas durante o caminho da escola pra casa, eu vejo muito lixo jogado e muito mato ao redor da minha casa. Aí minha mãe quase não deixa a gente sair. Por isso que a gente não sai muito assim. Só na hora de... de vir pra escola, às vezes fazer alguma coisa na Vila, alguma educação física. É... só isso.

Você também fazia atividade na Vila, então?

Eu fazia. Parei agora.

Você fazia o quê lá antes?

Eu fazia vôlei.

E parou por que, menina? É tão legal!

É... tava muito cansativo para mim, escola..., casa, assim.

Sua irmã é mais velha ou mais nova que você?

Mais nova.

Aí você cuida dela? É.

Fica só vocês duas, assim, em casa? É.

Ela tem quantos anos? 13

Se você fosse falar da sua cidade para alguém que não mora aqui, como você descreveria Ceilândia para essa pessoa?

Bom, eu não fui mais lá pra baixo. Eu moro mais um pouquinho aqui pra cima. Mas... eu não sei como dizer, porque eu nunca fui lá pra baixo.

Mas aqui, onde você mora mesmo. Mesmo você sem conhecer outras áreas; mas de onde você conhece, como você iria descrever essa cidade para outras pessoas?

Bom, eu ia falar que era legal. Tem coisas bacanas aqui, como a gente aprendeu hoje na aula de artes. Tem várias igrejas históricas. Tem casas boas, assim; pelo menos, onde eu moro. Só que a dificuldade lá mesmo é só o lixo jogado e o mato. Só.

E na sua rua tem asfalto? Não. Só poeira.

Você já falou que não nasceu aqui. Você veio para cá, quando? Você veio morar aqui, quando?

No meio do ano, no ano passado.

E quando você chegou aqui, você gostou daqui? Você não gostou?

Eu fiquei em dúvida.

Você veio direto da Bahia para cá? Sim.

E aí? É uma diferença muito grande.

É. É porque lá, a gente pode andar assim à vontade. Aqui, como tem muito assalto, a gente não pode andar assim muito; mas assim eu achei... novo para mim; porque eu nunca tinha saído de lá.

E você gostou dessa mudança, ou não? Mais ou menos.

Por que vocês vieram para cá?

Porque lá tava em dificuldade de emprego para o meu padrasto. Ele estava desempregado e minha mãe, também. Aí eles resolveram vir para cá.

E aqui vocês moram de aluguel? Moram em casa própria?

Moram no ambiente de trabalho do meu padrasto. Ele é caseiro.

Então vocês moram numa chácara? É.

Mas é Sol Nascente também? É... Sol Nascente.

Conte-me alguma história nesse pequeno tempo que você está aqui na Ceilândia que te marcou nessa cidade.

Não sei dizer não. Já passou tanta coisa. Acho que foi mesmo, quando nós mudou (sic) para cá.

Vocês já mudaram para cá com um lugar certo para ficar?

Foi. Não! Primeiro, minha mãe e meu padrasto ficaram na casa do irmão dele, que é lá em... Eu esqueci o nome do lugar lá. Aí depois que eles arranjaram esse lugar aqui, aí minha mãe já trouxe minha irmã e eu pra cá pra nós continuar morando aqui mais uns três ou quatro anos. Sei lá.

Vocês pensam em voltar para cidade de vocês?

Sim. No ano que vem. No final do ano.

Não gostou daqui?

Não. É só dificuldade mesmo da minha mãe do meu padrasto.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Eu gostaria que colocasse que o Sol Nascente é basicamente o que as pessoas pensam o que são, que tem muita violência, que tem muitas coisas ruim aqui. Só que não é isso. Tem umas coisas boas e tem outras que é péssima, igual o lixo jogado e o mato. A gente até tava fazendo um projeto do lixo papão como professor Carlos e a professora XXXX e a professora Crislaine e mais duas meninas da nossa turma. Pra gente falar sobre o lixo também e acabar com ele, porque tem muita sujeira e quando chove, alaga tudo. Tem muito córrego de esgoto. Esgoto entrando no rio, no mar. Tem uma nascente aqui também. Não sei aonde. Eu sou sei que é ali, pra lá, que tem que preservar. É cheio de mato. Quase ninguém vai lá.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos tempos, mesmo morando há pouco tempo aqui?

Bom, no meio do ano tava fazendo rede de esgoto pra colocar asfalto; só que até agora, nada.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade-satélite do DF e onde tem o maior número de pessoas morando é aqui também. O que você acha que os políticos deveriam fazer pela cidade?

Bom, pra mim o melhor a fazer é só acrescentar mais policiamento, arrumar as ruas. Só. Porque a cidade é boa.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade?

O lixo, o mato e a falta de policiamento.

Você já me falou desse projeto de vocês sobre o lixo e o mato. Sim, é o lixo papão.

Então, é um projeto que está dando certo, né? Tá

Vocês têm ideia de ampliar esse projeto? Tem

Como? Qual é a ideia?

A gente está começando a participar dos eventos: Circuito de Ciências (nas feiras de Ciências). Aí a gente ficou em primeiro lugar nas duas etapas. Mas aí, eu não sei explicar direito, porque só fui uma vez. Mas, a gente tá divulgando muito. A gente fala com os alunos de de tarde, e de manhã. Eles estão ajudando bastante aqui na escola.

A divulgar o projeto e ampliar para outros lugares? Sim. Levar para Brasília toda.

**** *ENTREVISTA_4

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida? Sim.

Onde você nasceu?

Eu nasci aqui mesmo, em Brasília.

Não foi em Ceilândia?

Não. Foi no Hospital de Brasília mesmo, do Plano Piloto.

Você mora onde hoje? Moro na QNQ, com minha mãe e meu irmão.

Seu pai não mora com vocês? Não. **Ai só moram vocês três?** Isso.

Qual é a sua rotina diária?

Minha rotina, assim... Eu acordo. Venho para escola, me arrumo e calço. E é isso. Eu chego em casa, ajudo minha mãe e faço atividade da escola. E depois eu fico mexendo no celular, fico fazendo algo que eu goste.

Você não faz nenhuma atividade na Vila?

Não. Não faço nenhuma atividade na Vila Olímpica. Já fiz, porém eu tive que sair por problemas tipo asma, essas coisas. Eu fazia natação aí me prejudicou muito. Mas eu já fiz natação e balé. Mas não deu certo.

Desde quando você mora em Ceilândia?

Eu moro aqui desde quando eu nasci mesmo.

Morava sempre na QNQ? Sim. **Lá a casa é de vocês?** Sim.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

Bom, a Ceilândia é um lugar muito bom de se viver. Muitas pessoas têm discriminação por ser “ah periferia e tal”. Mas, assim, é muito bom morar aqui; porque aqui é tudo perto, principalmente, na QNQ, tipo padaria, supermercado, essas coisas. Claro que tem seus perigos, como todas as cidades têm, porque tem gente do mal, né, que fica nas pracinhas, inclusive, fazendo coisas erradas tipo, perto da minha casa tem uma pracinha que foi construída, só que as pessoas já destruíram, os “zé droguinhas” como dizem por aí. Já destruíram, tipo eles usam maconha lá de manhã, de tarde. Quando você está lá, tem um fumando. Então as crianças não têm mais acesso aos brinquedos. As pessoas de idade, quando querem fazer alguma atividade física, não podem usar por causa que os equipamentos estão todos quebrados e isso é um problema muito ruim, porque, tipo, é uma coisa da sociedade. Então todos têm o direito de usar, mas têm pessoas que não entendem isso. Mas também tem um aqui perto, na QNQ 3, se eu não me

engano, que é muito boa. Ela foi construída agora. Então, tipo assim, as crianças brincam, tem parquinho. E como a pracinha é iluminada, não tem como ficar as pessoas lá. E também tem uma padaria na frente, então, assim, é mais movimentada, quando as pessoas vão para o trabalho. Igual meu irmão, tem uma parada perto da minha casa, e meu irmão já foi assaltado várias vezes lá, por conta de que ele chega muito tarde do serviço. Então, tipo assim, é um problema muito ruim, porque não tem segurança. Aqui não tem segurança completamente. Os policiais não ficam rondando aqui. E é um problema, que tipo assim, eu acho que deveria [ter policiamento]. Até o carinha da moto¹¹⁶, de madrugada, não ronda mais. Então assim, é uma coisa muito ruim. Mas aqui, tirando isso, é muito bom, é muito tranquilo. Claro que você tem que saber conviver com as pessoas certas, andar com as pessoas certas. E nada vai acontecer com você. É só você não mexer com eles, que eles não mexem com você. E tipo, também não ficar bobeando¹¹⁷ na rua com celular, essas coisas, equipamentos eletrônicos; que você não vai ser assaltado. Então, tipo, é super tranquila. Eu nunca fui assaltada aqui. Eu venho para escola, volto sozinha; tipo assim, nada aconteceu comigo.

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Bom, negativamente. Eu vou falar negativamente, porque... Não foi necessariamente comigo, mas foi com a minha mãe. Tipo, a gente estava saindo e na esquina da minha casa tinha um cara esperando por ela para assaltar. E a gente já tinha ido na padaria antes de sair. Só que, eu acho que ele ficou observando a gente. Na hora que a gente foi sair, ele roubou ela (sic.) E tipo, ela tentou gritar, só que os vizinhos não estavam ouvindo. Aí foi na hora que ela gritou mais alto e aí uma vizinha ouviu e foi ajudar. Tipo, é um fato que marcou muito. Isso aconteceu em 2015, mas foi um fato que marcou muito, porque depois disso, minha mãe pegou muito trauma. Então assim, ela não anda mais com celular na rua e tal. E é uma coisa muito complicada, porque eu acho que se tivesse policiamento naquela hora, não teria acontecido isso.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Negativa ou positiva?

Negativa ou positiva, mas que você gostaria de abrir o jornal e assim: “isso aqui eu gostaria de ter visto.

A verdadeira Ceilândia.

Você acha que tem uma verdadeira Ceilândia?

Sim, porque as pessoas recriminam muito as pessoas que moram aqui. Tipo, as pessoas do Plano¹¹⁸, as pessoas da Asa Norte, da Asa Sul ficam recriminando, falando: “Ah, não vou pisar lá, porque se não vou ser assaltado”, “ah, Ceilândia só tem peba¹¹⁹, só tem gente que não presta”. Mas não é assim. Todo lugar tem pessoas boas e ruins. Aqui também tem as ruins. Mas aqui é um lugar muito bom. Eu gosto muito de onde eu moro. Não moraria em outro lugar, P Norte ou P Sul. Não moraria, porque eu amo o

¹¹⁶ Carinha da moto é uma expressão para um serviço particular praticado por algumas pessoas da região que circulam de moto durante a madrugada e que sinalizam qualquer anormalidade no local. Eles contam com a colaboração dos moradores que doam qualquer valor por esse serviço.

¹¹⁷ Gíria: cometer descuido(s)

¹¹⁸ O Plano Piloto é a Região Administrativa I e é formada pela Asa Norte, Asa Sul, Setor Militar Urbano, Setor de Clubes, Setor de Garagens e Oficinas, Setor de Indústrias Gráficas, Área de Camping, Eixo Monumental, Esplanada dos Ministérios, Setor de Embaixadas Sul e Norte, Vila Planalto, Granja do Torto, Vila Telebrasília, Setor de áreas Isoladas Norte e sedia os três poderes da República: Executivo, Legislativo e Judiciário. Disponível em: <http://www.planopiloto.df.gov.br/category/sobre-a-ra/mapas/>. Acesso em: 20 set. 2019.

¹¹⁹ Peba é uma gíria policial que associa jovens criminosos ao tatu-peba ou “peba” que vive em buracos e se esconde rapidamente de seus predadores. “Os pebas geralmente são do sexo masculino, jovens, quase sempre negros e moradores de cidades ou bairros economicamente desfavorecidos. Alguns dos indivíduos que se encaixam nesses estereótipos são reconhecidos pelo que se denomina “kit peba”: roupas e adereços como gorro, bermudão, camisa de grupos de rap e tênis de marcas como Nike e Adidas” (NASCIMENTO, Nívio Caixeta. Entre as leis e o mundo: polícia e administração de conflitos numa perspectiva comparativa. Brasília: UnB, tese de doutorado em Antropologia Social, 2003, p. 80, apud SUASSUNA, Rodrigo F. “A consideração do risco criminal nas práticas policiais militares”. Caxambu: ANPOCS, 27 a 31 de outubro de 2008).

lugar em que moro. Então assim, eu queria que o jornal retratasse mais sobre esse assunto, porque retrata só sobre morte. Não retrata sobre Brasília, quer dizer, não retrata sobre Ceilândia; porque é um lugar como todos os outros como Plano Piloto, como Ceilândia Sul. Por que tem que ser recriminado? Por que tem que falar que as pessoas de lá não prestam, sabe? Tinha que ser um lugar onde fossem mostradas as coisas ruins e as coisas boas, porque os jornais só falam: “Ah, a pessoa foi morta em Ceilândia”, “A pessoa foi morta no Sol Nascente”. Então, as pessoas recriminam muito, tipo falam que “as pessoas morrem aqui”; não sabem falar que “hoje passei na pracinha e vi crianças brincando”, essas coisas, comerciais aqui, entendeu? Então assim, é um lugar muito bom de se viver, só que as pessoas não reconhecem isso. Então, o que eu queria ver nos jornais é a verdadeira Ceilândia.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos? Tem mudado?

Tem mudado bastante coisas. O policiamento, claro que não melhorou 100%; mas assim, às vezes quando eu passo na rua e tal, às vezes têm alguns policiais também. Na padaria, onde eu vou, lá também tem policiais. Então assim, o policiamento melhorou um pouco. Não foi aquela mudança de falar: “Nossa, que mudança”, mas foi uma mudança boa; porque antes não tinha policial nenhum. É, também, as pracinhas como eu falei. Na rua debaixo da minha, têm duas quadras: uma de futebol e uma de basquete onde as pessoas podem jogar lá. Então, tipo assim, as pracinhas mudaram muito. Agora é muito melhor você ir numa pracinha, se divertir com seus amigos e tal. As ruas também melhorou (sic.), porque eram muitos buracos. A minha [rua] ainda tem muitos buracos, mas melhorou bastante; porque, quando os carros passavam, era ruim, por causa que atolavam às vezes e tal. Então, tipo assim, melhorou bastante a questão da rua, do policiamento, dessas coisas de lazer para a sociedade.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Eu acho que eles poderiam fazer a mesma coisa que eles fizeram por Brasília, lá no Plano Piloto, certo? Tipo assim, dar mais visibilidade para Ceilândia, porque muitas pessoas não conhecem. Às vezes eu pergunto para algumas amigas minhas que moram na Asa Sul, na Asa Norte se elas conhecem aqui. Já chamei várias, mas elas têm medo de vir aqui. Então, tipo assim, eu acho que deveria dar mais visibilidade de mostrar realmente tipo as coisas boas daqui, não só as coisas ruins. Os políticos, tipo assim, nunca vi quase nenhum político passando por aqui, político mesmo de Brasília. Sim aqueles que é político distrital mesmo. Mas eu nunca vi os políticos vindo aqui. Certo que eu entendo que é perigoso, mas a gente também é uma parte de Brasília. Então, a gente vota, a gente quer ver mudança. E aí as pessoas não veem isso. Então eu acho que deveria dar visibilidade para Ceilândia, mostrar as coisas boas que têm aqui, para as pessoas não ter tanto medo e não recriminar tanto.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?

Os principais problemas daqui é muito assalto. Muitos buracos na rua também, que é um problema horrível; porque é muito difícil dos carros passar (sic). Que mais? A segurança, que a gente não tem. E assim, são problemas que dão para organizar, sabe? São problemas que..., poderia tem mais policiamento aqui. Aqui na escola mesmo, poderia ter um batalhão escolar. Aqui na hora da saída, porque na hora da saída, muitas pessoas vão embora sozinha. E tipo, para ir embora sozinha daqui você tem que descer com algum amigo, por conta dos “pebinhas” que ficam ali na esquina esperando. Então, vários amigos meus já foram assaltados aqui na frente. Então, eu acho que o policiamento poderia resolver bastante coisas. Tampar os buracos também aqui. Seria um bom começo. Ter mais escolas aqui por perto, aqui perto do X¹²⁰; porque têm poucas escolas. Tem o Y ali, que é do Ensino Médio. Tem essa daqui, que é do Ensino Fundamental, mas acho que deveria ter mais escola, porque não tem a demanda certa de escolas. Aqui e na QNQ é o Y. E lá também é ruim. Meu irmão estuda lá e ele vive reclamando que deveria ter escola com ensino melhor. Aqui no X, melhorou bastante depois das novas diretoras. Melhorou bastante, o policiamento. Tudo. Melhorou, os professores. Então, assim, melhorou bastante. Segurança, aqui também, porque ano passado [2017] era fogo.

¹²⁰ O número da escola foi excluído para preservar o anonimato do estudo.

**** *ENTREVISTA_5

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida?

Onde você nasceu? Eu nasci aqui, em Ceilândia

E onde você mora? Eu moro na QNP – P Norte.

Você mora com quem?

Eu moro com meus pais e minha irmã mais nova. Ela tem 7 anos.

Qual é a sua rotina diária?

Então, eu levanto às 6 horas. (sic) Me arrumo e venho para o colégio. Eu saio do colégio meio dia e meia. Eu vou na padaria. Pego minha irmã, que meu pai busca ela. E vou para casa. E aí em casa, eu arrumo as coisas para minha mãe. E na terça e na quinta, eu vou para a Vila Olímpica, aqui em cima. Aí eu faço vôlei. Aí, nos outros dias da semana, eu fico em casa e faço as atividades escolares e tudo. E na sexta-feira, eu faço curso de informática.

Então, você mora aqui desde que nasceu?

Sim. Só que na QNP eu mudei o ano passado [2017]. Quer dizer, eu nasci aqui em Ceilândia e aí eu fiquei morando aqui. Só que aí meu pai foi e comprou uma casa lá no Sol Nascente, lá do outro lado. Porém, a gente vendeu a casa e viemos morar para cá, porque fica mais perto das escolas que é mais por aqui, e fica melhor pra gente. Porque eu pegava dois ônibus para vir e dois ônibus para voltar. Aí agora a gente está aqui, aí é melhor.

Morava no Sol Nascente, mas é da outra parte de lá, né? Sim. Depois do Economar. Sabe o Só Re Mi? Descendo naquela avenida, lá embaixo. Aí eu tinha que pegar um ônibus para subir pra parada e outro para vir pra cá. Aí ainda descia de pé. Era cansativo. E eu estudava à tarde e chegava 7 horas em casa.

Mas a padaria fica para cá ou fica lá?

Fica aqui na QNP e tem uma em Águas Lindas, também.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

Meu bairro ou a cidade toda?

Você pode falar mais do seu bairro, que é mais o que você conhece.

Eu considero a minha cidade, o lugar onde eu moro, mais ou menos limpo, assim, em relação a lixo. Eu não sei se a professora comentou, mas a gente tem um projeto da escola do Lixo Papão. Eu descreveria que na minha rua, assim, como eu mudei para aqui agora, eu não conheço muita gente; mas eu não tenho tanto contato. Eu fico mais em casa e não saio muito com o pessoal da rua, nem nada. Não tenho tanta intimidade. Eu acho que porque os adolescentes de lá são bem mais velhos que eu, então, tem aquela discordância de idade. Mas, na rua onde eu moro, a gente tenta ser unido. Porém, eu sinto essa falta de ter contato, algum amigo; porque só a minha irmã tem amigos da idade dela, eu não. Mas assim, aqui tem uma pracinha, porém a pracinha tem um pouco de perigo; porque muita gente vai pra lá fazer algumas coisas que, né, a gente que é de família e tudo, não concorda. Mas a gente gosta da pracinha. A gente tem a Vila. A gente vem para a Vila. A Vila é limpa. A Vila é um ambiente legal que a gente consegue aprender, fazer um esporte. Aí tem padaria e mercado perto. Tem... eu tenho uma cachorrinha, aí tem pet shop perto também. Tem agropecuária. Então dá pra ter contato com esses lugares. E, assim, a gente sente muita falta de área de lazer. Tem a pracinha, mas como eu disse, tem alguns perigos nela. Até porque o parquinho que tem lá já está um pouquinho acabado, então a gente tem aquela falta de segurança. Tem também a questão de quadras. Na 15, tem algumas quadras. Aqui tem um campo de areia, de terra; que nós mesmos ali que colocamos umas grades lá, uns negócios, pra gente jogar e ter esse contato; porém a gente ainda tem aquele medo de sair de casa. Mas tem a delegacia. Eu descreveria isso: que tem praças, tem essas coisas; mas é um pouco complicado em relação a segurança mesmo e algumas pessoas que não têm aquela consciência de separar o lixo e tudo e coloca; e às vezes a gente entra na rua e tá. Quando chove mesmo, a gente vê indo pro bueiro. Isso a gente queria mudar.

Na sua rua já tem asfalto? Já. Já tem asfalto.

P Norte é mais antigo, né? Sim.

Você estava falando que mudou para cá faz pouco tempo e que aqui não tem muita amizade. E lá no outro local onde você morava, era diferente? Tinha mais esse contato?

É assim... eu, quando eu morava aqui, eu morei aqui até os meus 4 anos depois eu mudei para QNP X; um pouco mais acima. Aí, aqui, quando eu era menor, as meninas que hoje estão mais velhas eram da minha idade hoje e a gente tinha esse contato, a gente tinha uma amizade. Aí eu mudei para X, e eu tinha uma amiga minha, que a gente é amiga, que é só um ano mais nova do que eu. Então a gente ainda tem esse contato. É tranquilo. Aí quando eu mudei pro Sol Nascente pro outro lugar, lá eu tinha mais contatos desde o início; porque não era asfaltado, eram poucas ruas, poucas casas. Então, assim, a gente tinha muito contato. A gente fazia festa na rua. A gente chamava o pessoal. Tinha umas dez crianças assim da minha idade. A gente brincava, a gente jogava. Só que aí começou a encher e um monte de gente foi embora. E a gente ficou só eu e dois amigos meus: uma amiga e um menino. Só que o menino, ele se distanciou. Ficou só eu e essa minha amiga, só que a gente também não tinha muito contato. A gente era distante. A gente conversava. A gente tem uma amizade, mas não era aquela amizade forte.

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Ah, sim. Quando eu morava do outro lado. Eu fui pra escola com a minha irmã. Minha irmã estudava numa escola próxima e eu estudava aqui no Z, em cima. Não. Eu já estudava aqui, eu acho. Eu já estudava aqui. Foi há dois anos. E meus pais tinham uma padaria lá embaixo também. E eu vinha de van. Eu descia na padaria e aí, quando dava duas horas, eu ia pra casa. Só que nesse dia, eu inculquei com a minha mãe, que eu queria ir pra casa mais cedo. E aí eu peguei a chave e fui para casa. Quando eu cheguei em casa, a casa estava revirada, tinha sido assaltada. E parece que tinha pouco tempo que tinha sido assaltada. Eu liguei pra minha mãe e falei: “mãe, a casa tá revirada”. E aí ela: “O que é que aconteceu?” “Mãe, deve ter sido assaltada”. E aí assim, as coisas que a gente tinha, tinha... tipo assim, iogurte, biscoito jogado na cama. Bagunçado. Bagunçado a casa mesmo. E isso me marcou um pouco, porque eu cheguei no momento. Se eu tivesse, sei lá, porque a minha mãe tava enrolando para me dá a chave. E se ela tivesse me dado antes, eu tinha chegado e, talvez, já tinha encontrado eles lá dentro e seria mais perigoso. Foi perigoso. Eu fiquei com medo. Eu tava com medo de entrar, porque... a casa era nossa, então a gente construiu do jeito que a gente queria. E no fundo não tinha porta ainda. A gente tava cobrindo com umas telhas. Quando eu cheguei, a telha tava aberta. Eu fiquei: “uai, meu pai não veio aqui e nem minha mãe. Quem foi que veio?”. E eu tava com medo de entrar, e ter gente lá dentro. Só que, além do meu medo, eu sou cristã, então confio muito em Deus. Então eu falei assim: “eu vou entrar aqui. Eu preciso saber; se tiver [acontecido algo], eu vou ligar pra minha mãe; se não tiver, está nas mãos de Deus.”. Então eu entrei e tava revirado. Não tinha ninguém lá dentro, mas eu tava com medo de acontecer e isso me chocou um pouco, porque eu tinha meus 11 anos.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Eu queria que o nosso projeto desse certo e que as pessoas em volta se conscientizassem sobre isso; e a segurança, também. Eu queria igualdade; porque, hoje em dia, a gente tem uma, era mais, era mais forte a desigualdade; mas hoje em dia, tá um pouco melhor. Porém, ainda tem essas classes sociais. Às vezes a gente julga o próximo sem saber. Porque assim, eu fico muito chateada, às vezes a pessoa, ela não tem uma condição financeira muito melhor, assim, sabe? Tem uma condição financeira um pouco mais baixa que a sua ou algo assim, e aí a pessoa olha para ela e já julga como se ela fosse um bandido, um moleque; porque, realmente, a questão da cor de pele, principalmente. Eu..., eu não tenho esse preconceito. Eu tenho muitos amigos negros. E isso, cara, eu fico muito feliz. Quando eu estou andando com um, e alguém acha estranho, eu fico: “Gente, ele é meu amigo! Ele é humano como a gente”. A gente é um ser humano igual. E não é por conta da cor da pele dele que ele vai ser diferente de mim, ou vai ser um bandido ou algo assim. Tem gente? Tem. Mas não, especificamente, qualquer pessoa que você olhar na rua. Então, eu queria mesmo, abrir um jornal e ler que a igualdade melhorou e que essa questão do lixo está melhor. O Sol Nascente, principalmente, porque a gente falou isso no Circuito de Ciências, que tem essa desigualdade, que tem aquele olhar e que aqui é só favelado, que é só bandido. E a gente que

mora próximo, eu que já morei no Sol Nascente, sei que não é bem assim. E que a gente, realmente, eu queria que fosse igual, que as pessoas olhassem e falassem: “aqui é um lugar, como qualquer outro; aqui tem pessoas, como qualquer outro [lugar]. Tem cidadãos. Tem trabalhadores”. Tem pessoa, em qualquer lugar, tem pessoa que faz mal ao mundo; mas você não tem que julgar olhando só por fora. Igual a gente fala: “não julgue o livro só pela capa”. Eu, esses dias, eu li um livro, e eu falei: “Gente, se fosse pela capa, eu não ia ler o livro. Só que vamos ler”. Eu li, e o livro é espetacular. Então, assim, às vezes o que a gente por fora, não é o que tem dentro. Isso é o que eu queria, que eu vesse (sic) que mudou, que a gente tem igualdade, que a gente tem mais companheirismo, que as pessoas se unem pra transformar a vida em uma vida melhor pra todo mundo.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Eu queria, quer dizer, eu não vou dizer que todos são, mas tem muito político que só fala. Eu queria que eles não prometessem, às vezes, algumas coisas que eles não possam cumprir. Que eles prometessem apenas o que eles têm a consciência de que eles vão conseguir cumprir. E que tivesse essa coisa de conversar com o pessoal, a população; porque a maioria das vezes eles prometem, prometem, prometem e não fazem. Eu queria, realmente, que se eles... não que eles viessem aqui; mas que eles se tivesse, assim, da mesma forma que você é da UnB e tá vindo falar comigo e com outros alunos, que alguém da secretaria da educação, que da Câmara viessem aqui na escola, na delegacia, nas faculdades e perguntas; porque aí eles teriam um ideia do que poderiam fazer e aí sim faziam o que eles conseguem. A gente, quando a gente começou o projeto, foi uma coisa pequena. Mas já cresceu bastante. Por quê? Porque a gente perguntou aos alunos. A gente perguntou. A gente saiu nas ruas. Então assim, a gente foi fazendo com que isso crescesse. E os políticos deveriam fazer isso da mesma forma. Mas não prometer o que eles não podem cumprir. Prometer algo que eles vão cumprir e que a sociedade vai ter uma... como se eles tivessem uma conquista do que eles queriam realmente.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?

Então... essa questão da segurança, porque a gente tem medo de sair na rua. Ainda mais eu, quando eu faço... Eu faço curso de quatro a seis. Então... quando eu volto, já tá escurecendo. E eu tenho que levar o celular pra falar com minha mãe. E o medo de sair e ser assaltada? Às vezes eu não tô com nada e alguém vem me assaltar e eu não tô com nada e fazer alguma coisa comigo, porque a gente vê no jornal. Então eu acho que uma das principais é a segurança. É a questão do lixo, também. A questão da amizade entre todos. Assim, se tivesse essa coisa de ser mais unido e que, realmente, essa questão tipo, se tivesse. Aqui na escola já teve assalto na frente da escola. E aí, com isso, o pessoal [direção] trouxe alguns policiais pra ficar aqui na hora da entrada e da saída. Poderia ter isso em volta da cidade toda. E às vezes não têm. Às vezes, a gente liga e eles não vêm. A gente fica chateado com isso. A gente queria uma segurança, um lugar que a gente se sentisse seguro. Não com medo de sair de casa por tal hora.

**** *ENTREVISTA_6

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida? Sim

Onde você nasceu? Aqui mesmo na Ceilândia

Você mora com quem? Moro só com minha mãe.

Tem irmão? Tenho. Um.

Mais novo? Mais velho? Mais velho.

E aí moram vocês três? Sim.

Qual é a sua rotina diária?

Bom, de manhã cedo, eu venho pra escola. E à tarde, eu faço ginástica rítmica aqui no Centro Olímpico.

E o que mais? E terça-feira, eu faço curso.

De que? De edição de imagem.

Desde quando você mora em Ceilândia? Desde quando eu nasci.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

Ceilândia é um lugar que, geralmente, as pessoas dizem que é muito perigoso; mas o que as pessoas falam, nem sempre é a verdade. Pelo menos no lugar que eu moro é mais tranquilo. Não tem muito assalto. As ruas, também, são um pouco sujas; porque a gente tem projeto sobre isso. E, dependendo do lugar também, os vizinhos são mais unidos; e outros, não. Geralmente, tem muita festa ao redor, tipo Ceilândia e entorno tem muita festa. Às vezes, isso chega a incomodar um pouco.

Na sua quadra, é assim? Tem muita festa?

É, mas assim... tipo, na minha rua, geralmente, quando tem festa, vai todo mundo; porque todo mundo na minha rua é muito unido. Já, quando tem outras ruas assim, não incomoda, incomoda. Mas incomoda um pouco, porque eles começam, tipo, cedinho e vai até... umas cinco horas da manhã.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

É... que a cidade começou a ficar mais limpa, o ambiente começou a ficar mais limpo. E que diminuiu bastante nos assaltos. Claro que não tem como acabar, infelizmente; mas, que diminuísse bastante.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?

Sim. Vou falar aqui ao redor da nossa escola. É... aqui era muito cheio de lixo. Eu estudo aqui, ano que vem vai fazer dez anos que eu estudo aqui nessa escola. E aqui sempre foi cheio de lixo, cheio de lixo. Até que chegou o momento que a gente não estava mais aguentando, a gente conseguiu o nosso projeto os Papa Lixo e não está mais tão [sujo] como estava antes. Melhorou bastante.

Então você vê o poder da comunidade, né?

Sim. A comunidade ajuda bastante.

Você acha que pode ampliar esse projeto? Sim.**Vocês pretendem fazer isso? Sim****Qual é a ideia de vocês em relação a isso?**

Bom... A gente tentou pra nossa comunidade aqui ao redor, né, o Sol Nascente. E a gente quer espalhar mais, tipo lá pra QNQ.

Vocês fizeram campanha nas ruas? Divulgaram?

Sim. A gente fez. A gente fez ímã de geladeira também pra conscientizar as pessoas. A gente participou do Circuito de Ciências. A gente chegou até a terceira fase. Vai acontecer a terceira fase agora. E aí a gente conseguiu espalhar isso pra todo mundo pra gente tentar ter uma comunidade melhor pra gente.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Eles comecem a pensar mais... como é muita gente aqui, tipo, ter mais policiamento na rua; porque é uma coisa muito difícil de ter. Só tem policiamento na rua, quando acontece alguma coisa. Tem que acontecer [algo] primeiro, pra depois eles [policiais] vir (sic). Na área de saúde, também, precisa muito. Na UPA¹²¹ mesmo, é muito difícil de conseguir um atendimento lá e nos postos que têm aqui perto.

Quantos postos têm por aqui?

Acho que tem dois. E em torno de Ceilândia, tem de três ou quatro, eu acho. Mas por aqui por perto mesmo, tem dois. Ah... área mais de estudo, porque tá precisando. Porque tem pouca escola aqui pra muita gente. Tem muita gente e tá faltando escola. E, na minha opinião, tá faltando.

¹²¹ Unidade de Pronto Atendimento (UPA 24h) deve prestar o primeiro atendimento aos casos emergenciais, estabilizando os pacientes e realizando a investigação diagnóstica inicial, definindo, em todos os casos, a necessidade ou não, de encaminhamento a serviços hospitalares de maior complexidade. Disponível em: <http://www.saude.df.gov.br/upa-24h/>. Acesso em 25 set. 2019.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?

Bom, como eu já falei, o lixo. Ele está muito marcante. Eu fui uma das, como podemos dizer, uma das fundadoras do projeto.

Esse projeto foi lançado desde quando?

A gente começou ele ano passado nas reposições de aula. Quando os professores entraram de greve, aí a gente começou a tocar em frente.

Mas isso foi ideia do professor, ou partiu de vocês?

Foi dos dois. A gente assistiu um (sic) documentário e aí a gente começou a pensar o que estava ao redor da nossa escola. O que estava acontecendo. A gente pensou em criar o projeto pra...

Vocês já sabiam desse Papa Lixo, se já existia? Ou vocês foram pesquisando?

Acho que o professor já conhecia, porque tinha em outros lugares. Aí a gente pensou, né, que poderia ter um aqui, porque aqui tinha dia, aqui já teve infestação de rato na escola. A gente ficou sem aula por infestação de rato. Aqui do lado era um lixão, agora tá usando para guardar as máquinas que tá arrumando o Sol Nascente. Então, eu acho que foi a partir do professor. Quase ninguém consegue o Papa Lixo. O professor teve que ligar na Administração. Ficar ligando, ligando, ligando, insistindo e aí, quando eles resolveram trazer o Papa Lixo pra cá, eles [administração] até ligou (sic) pro professor falando: “olha, tão colocando aqui. Se você quiser vir aqui conferir...” O professor veio, tirou foto.

**** *ENTREVISTA_7

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida?

Onde você nasceu? Em Ceilândia

Você mora com quem? Meu pai, minha mãe e uma irmã mais nova (7 anos).

Qual é a sua rotina diária?

Eu vou incluir tudo. Eu tenho a escola. Faço três cursos ali na Escola Parque que fica ali na Ceilândia Centro. Faço psicóloga. Trabalho no fim de semana.

Quais cursos você faz na Escola Parque?

Faço teatro, violão e artes plásticas. Eu quis fazer isso, porque eu acho que são coisas que eu me destaco. Tipo, artes, eu sei desenhar bem; teatro, um dom natural; e violão, eu gosto de escutar música. Eu amo música. E eu tenho a psicóloga, por problemas, alguns. E trabalho no final de semana com a minha mãe, vendendo comida, no caso.

Sua mãe cozinha, mas ela faz comida em casa e vende?

Não. Isso é só no final de semana. E, ao longo da semana, ela trabalha fazendo comida na casa das pessoas, nos lugares, vendendo. É assim.

Você mora em Ceilândia desde quando nasceu? Sim.

Mas você sempre mora no mesmo lugar, desde quando nasceu?

Não. A gente se mudou ao longo dos tempos. Antes eu morava no... Nossa, faz dois anos que eu me mudei, então eu quase não me lembro. Eu morava na X do P Norte. E aí mudei para cá agora.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

Eu ia falar que aqui é um lugar bom de se morar, que é bem legal, assim. Mas, a gente tem que ter, quando a gente sai, tem que ter cuidado por causa da segurança; porque tem meio que muito ladrão por aqui. Acho que com o novo governo talvez vai melhorar um pouco isso. Aqui é um lugar legal de se viver, de conhecer pessoas. As pessoas aqui são maravilhosas. O lugar aqui é maravilhoso. Mas tem que ter cuidado, por causa dos ladrões; porque eu já fui assaltada algumas vezes e é horrível. Então, não desejo isso pra ninguém. Então, eu avisaria pra pessoa sobre isso.

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Acho que nada não. Foi tudo acontecendo normalmente. Nada que a cidade: “Oh, meu Deus, aconteceu alguma coisa esplendorosa”. Nada não.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Poderia ser: “A minha verdadeira cidade”. Acho que alguma coisa que falasse mais a verdade sobre como realmente é aqui.

E como é essa verdade que você espera seja um dia divulgada?

Que falasse sobre os jovens que são depressivos. Que tem muito jovem depressivo aqui na Ceilândia, tentando se matar, que tenta se jogar do viaduto. Os ladrões, falasse sobre isso. E também sobre os pontos bons da cidade, sobre as pessoas que tentam ajudar as outras. Essas coisas assim.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?

Eu acho que tem, tem mudança sim. Na forma das pessoas conviverem com as outras. Os colégios também estão mudando. As coisas estão mudando muito

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Eu acho que eles deveriam prestar atenção na segurança das pessoas, das mulheres também. Eles deveriam prestar atenção na educação das crianças e dos adolescentes, por causa que eles são o futuro do Brasil, né? Nós somos o futuro do Brasil. Os deputados também poderiam prestar mais atenção e tentar melhorar... é... fazer com que as pessoas olhem mais para o lixo que tem na cidade que isso atrapalha a natureza. A natureza tá acabando, tá quase morrendo por causa disso. Dá mais atenção aos biólogos, às pessoas que dão valor à vida. Dá mais atenção à Ceilândia, entendeu? Cuidar das pessoas que precisam; famílias que precisam de cuidados, ajudar as pessoas.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?

Os problemas seriam a segurança que... tem vez que é muito pouca a segurança aqui. A saúde, os postos de saúde também poderiam melhorar por causa que nem todo mundo tem um plano de saúde e nem todo mundo pode pagar uma consulta. Então, eles têm que ir pros hospitais públicos e os hospitais públicos estão sem médico e isso é horrível, por causa que tem muita gente morrendo, por causa de falta de tratamento; sofrendo, por falta de tratamento. Só esses dois mesmos.

**** *ENTREVISTA_8

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida?**Você mora com quem?**

Com minha mãe e meu irmão gêmeo

Qual é a sua rotina diária?

Então, eu costumo sempre acordar cedo, né, pra vir pra escola. Aí nos dias de segunda e quarta, eu costumo ir pro curso que eu faço ali na Ceilândia Sul de inglês no CILC¹²². E... essa é a minha rotina. Assim, à noite, eu costumo ir pra igreja. E é só isso mesmo.

Desde quando você mora em Ceilândia? Desde quando nasci.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

¹²² CILC – Centro interescolar de línguas de Ceilândia. A Rede Pública de Ensino dispõe de 16 unidades de Centros de Línguas. Estudantes matriculados na rede pública de ensino, a partir do 6º ano do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), 2º e 3º segmentos, podem concorrer a uma vaga e estudar Inglês, Francês ou Espanhol, no contraturno. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/centro-interescolar-de-lingua-cil/>. Acesso em: 26 set. 2019.

Então, assim... eu acho que falaria mais do lugar onde eu moro, que é o lugar que eu mais conheço, né? Então assim, o lugar onde eu moro é um lugar bem... eu tenho uma familiaridade, porque é o lugar que eu nasci lá. Mas eu acho, assim..., que o lugar tem tudo para ser uma cidade bem legal, só que eu acho que a gente sofre com um pouco de descaso, porque é..., por exemplo, a gente não tinha infraestrutura e agora é que eles estão começando a fazer

Lá na sua rua não tem asfalto, né?

Não. Agora eles estão começando a fazer em algumas partes do Sol Nascente.

Me conta alguma coisa alguma história que você tenha lembrança e foi marcante para você que aconteceu aqui. Que um dia eu esqueço isso que eu quero apagar da minha vida

Assim, né, tipo pode ter a ver com crime?

Pode. Pode ser qualquer coisa.

Então... tem uma que tipo assim fiquei bastante assustada. Que até hoje eu ainda lembro que foi... quando é... tipo lá em casa, eu cheguei em casa o portão aí tava aqui arrombado a porta também. E aí só que tipo assim quando eu entrei lá dentro não tinha nada. Mas aí, quando eu fui no meu avô. No meu avô tinha sido assaltada também a casa do meu avô. E eles pegaram roubaram tudo. Isso assim até hoje fica assim na minha cabeça.

Vocês moram no mesmo lote?

Isso. Quase no mesmo lote, tipo do lado assim. Tem um portão pra ter acesso a casa deles. E isso meio que ficou na minha cabeça.

Entraram na casa do seu avô, mas não entraram na de vocês?

Não. Eles não conseguiram entrar na minha.

Tinha alguém em casa nesse dia?

Não.

Nem na do seu avô, nem na de vocês?

Do meu avô, acho que não tinha não. Se eu não me engano, acho que eles estavam viajando.

O que você gostaria de ver assim estampado na Manchete de um jornal algum dia falando sobre sua cidade você abriu o jornal fala assim Nossa eu sempre esperei um tipo de notícia desse jeito aqui sobre minha cidade

Então... eu queria ver tipo assim..., falando sobre a cidade ela é uma cidade bonita, é uma cidade desenvolvida. Que tipo se tornar uma cidade exemplo. Porque assim..., no meu ponto de vista; o Sol Nascente, ele é enorme e ele tem tudo tudo mesmo assim vai dar certo. Só que, tem umas certas coisas assim que... eu acho que não tem dado muito certo; mas eu queria que fosse... tivesse assim tipo mostrando é... tipo lugares assim muito visitados, essas coisas assim. Que a nossa cidade fosse exatamente um exemplo para as outras, em questão de organização, questão de beleza. Essas coisas assim.

Você tem percebido mudanças aqui na cidade?

Sim. Nos últimos dias, sim. Porque eles estão começaram a arrumar a infraestrutura, né? E estão começando a asfaltar algumas ruas no Sol Nascente.

Mas, você fala assim, nesses últimos dias? Mas você acha que é só agora e que vai parar, ou têm acontecido mudanças direto aqui?

Assim, não, direto assim, não tenho visto muitas, não. Mas foi acontecendo mais por esses últimos dias mesmo.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Acho que eles deveriam, tipo, dar mais atenção, né. Porque nós, por exemplo, que somos adolescentes, ao sair assim nas ruas a gente vê muito adolescente essa drogando, prostituindo, e várias outras coisas. E eu penso, assim, se tivesse, tipo, área de lazer; por exemplo, uma biblioteca; se tivesse tipo uma quadra que lá eles poderiam fazer projetos sociais pra envolver mais os adolescentes e jovens até mesmo as pessoas mais idosas a fazer alguma coisa assim, acho que ajudaria no bem-estar dessas pessoas.

Na sua igreja, eles têm alguma coisa para jovens/adolescentes?

Ele só tem a gente tá começando agora né que a gente tem começado assim a sair nas casas. A gente faz cesta básica. Essas coisas assim.

Você falando em cesta básica... tem muita família carente aqui? Vocês andam nas ruas. Você vê muitos problemas assim?

Sim. Muito mesmo tipo lá pra baixo do Sol Nascente, bem lá para baixo assim, tem muitas pessoas têm que a gente ver que tem uma situação bem pobre.

É mesmo? você nunca pensou assim fazer uma campanha realmente maior, gigante, até na sua escola?

Eu penso isso direto. Assim, na verdade, eu tenho um sonho. Desde nova eu tenho um sonho sim de ajudar só que o negócio que a gente precisa de apoio e eu não tenho esse apoio.

Esse tipo de trabalho a gente vai começando de pouquinho mesmo, né? Vai começando de pouquinho e parece que vai contagiando, né? Foi por isso que eu te perguntei se lá na igreja não tem alguma coisa, será que você não conseguiria esse apoio lá para realmente começar dali? A partir daí, precisa começar de algum lugar. Ou até da escola mesmo, quando tiver seus projetos aqui. Tem projetos direto, né?

Tem

O pessoal estava me falando desse projeto do lixo que eu achei uma ideia muito boa, muito boa mesmo. Acho que essa ideia do lixo tinha que se espalhar pela Ceilândia, porque é muito ponto que o pessoal coloca lixo. Você vê que tem muitos lugares que o pessoal coloca lixo. E a escola conseguiu nesse projeto trazer esse Papa Lixo para cá. Mas aí você apontou uma coisa diferente: a questão de carência de cesta básica. E às vezes a gente desconhece, né? Tem que levantar a voz, né?

Sim

Agora para gente encerrar, quais são os principais problemas que você poderia apontar na cidade?

Problema assim de desemprego, pobreza. Também o caso das ruas, assim, que a gente sempre teve esses problemas faz muito tempo. Minha mãe, por exemplo, ela sempre me fala que a gente chegar no Sol Nascente sempre teve essa dificuldade nas ruas, falta de infraestrutura, asfalto e... essas coisas assim.

**** *ENTREVISTA_9

Ela se formou em pedagogia, só que ela não segue. Ela abriu uma loja, com meus tios, de automóveis. E meu pai, ele... tem que falar? Ele trabalha como se fosse nos Correios, só que é outra empresa DHL.

Com quem que você mora?

Eu moro com minha mãe e com meu padrasto. Minha mãe é separada do meu pai.

São só vocês três?

Não eu tenho dois irmãos.

Então são cinco pessoas? Sim.

Eles são mais velhos mais novos mais novos que você?

São mais novos. Um tem 3 anos; e o outro, 5.

Qual é a sua rotina diária? O que você faz?

A minha rotina é... Eu acordo, venho pra escola. E às vezes, às vezes eu vou para loja da minha mãe e fico lá.

É pertinho daqui?

É. É lá no Setor O. Às vezes eu vou pra casa do meu tio que é aqui na 19. Ou às vezes eu vou pra minha casa. E fico lá.

E você mora aqui no Sol Nascente desde quando nasceu?

Não. Eu morei no Sol Nascente até os nove anos. Aí, quando minha mãe casou com meu padrasto, a gente vai morar no P Sul. Só que aí teve meus irmãos. Já tava apertado lá. Não tava muito bem. Aí a gente voltou para cá. Arrumou a casa. Aumentou, né? Voltou pra cá.

A casa aqui é de vocês? Sim

Lá no P Sul, não?

Não. Era da mãe dele.

Você gosta mais de lá ou de cá? Daqui

Lá você não se agradava muito, por quê?

Sei lá. Lá era muito apertado. Não tinha onde correr, brincar civilizado. Mas aqui é onde eu moro. É melhor. É nosso, né?

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

Falaria assim... que é uma cidade considerada uma das piores, né? de Brasília. Falaria bom e ruim, né? a realidade. Não mentiria pra essa pessoa só para falar que eu moro no lugar bom. Falaria a realidade, a verdade. Falaria que, sim, tem muito tráfego, tem muito bandido. Não é um lugar seguro. A maioria... policiais não frequentam. Onde eu moro mesmo, difícil de ver uma viatura de polícia.

Você mora onde aqui?

Pra baixo. É na Chácara 2. Então... não tem muita polícia. O governo, também, nunca se preocupou. Veio mexer, pra você ter ideia, não tinha asfalto; não tinha esgoto; não tinha água fluvial. Foram mexer esse ano, perto das eleições. E com certeza, foi para ganhar voto. E todo ano, é a mesma coisa: que entra Governador, sai Governador, e não faz nada. Eu falaria isso.

Mas você gosta de morar aqui ou você não gosta?

Gosto. Gosto. Aqui é muito perto dos meus familiares. Tenho primo, tio. Eu moro do lado de um primo e na frente na frente da minha casa tem outro primo meu. Então assim... é bom. Converso, brinco.

Mesmo diante de tantos problemas, ainda gosta de morar aqui?

Não era o preferido; mas sim, acostuma (sic).

Então você tem intenção de sair daqui?

Não sei

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Acho que não tem uma história marcante para eu levar para o resto da vida, não.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Eu esperaria que os governadores, assim, as pessoas que comandam a cidade visitassem aqui. Vissem o que a população faz no dia a dia, e que sofre. Como que é a estrutura de cada um. Porque onde eles moram é, às vezes, “às mil maravilhas”, não conhece a parte ruim, fica na parte boa. É isso.

Você acha que falta eles conhecerem realmente aqui? Eles não conhecem aqui?

Eu acho que não. Na minha opinião, não. Conhecem assim: “Ah, tem a Ceilândia”. Mas não sabem o que um pai de família faz pra chegar num emprego. Ou tem que trabalhar quantos dias na semana para pagar um aluguel ou para alimentar a família.

Eu queria que sáísse assim: “governador ajudou” ou “sei lá” fez para melhorar a vida de quem realmente sofre.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?

Nos últimos anos, não. Nos últimos meses, onde eu moro. Que é assim, tá acabando eleições, né? Tava perto. Acho que foi em junho, julho. Aí realmente começaram a mexer lá. O Rodrigo Rollemberg¹²³ começou a mexer. Aí colocou esgoto, águas pluviais e asfalto. Só que aí parou pela metade. Tem rua aqui que começou a colocar o asfalto e parou. A minha, mesmo, ficou só para metade. A minha rua nem começou ainda. A rua que passa do lado dela aqui ficou pela metade, nem começou.

A sua não tem asfalto?

Não tem asfalto.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Podia, sei lá, fazer uma... porque Ceilândia não foi assim... porque tem lugar que foi bem estruturado, né? Mas no Sol Nascente mesmo foi invasão. Então tem lugar irregular. Tem lugar que não é apropriado para morar. Às vezes está embaixo de uma mina. Na casa da minha tia mesmo, ela foi inventar de colocar uma piscina lá e a piscina abaixou, que tinha uma mina embaixo. Então... assim... é... Não é o lugar que foi pensado para se morar, pelo menos no Sol Nascente. Agora, aqui pra cima, acho que sim.

Aqui pra cima, você fala P Norte, P Sul? Sim. Sim.

Você acha que é mais bem estruturado?

Sim. Acho que sim. Foi mais pensado para se morar.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?

Segurança, né? Segurança e infraestrutura.

**** *ENTREVISTA_10

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida?

Você mora com quem?

Meu pai, minha mãe, meus irmãos e meu tio.

¹²³ Rodrigo Sobral Rollemberg é um político brasileiro, foi governador do Distrito Federal de 1º de janeiro de 2015 até 31 de dezembro de 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rodrigo_Rollemberg. Acesso em: 31 out. 2019.

Quantos irmãos? Três

E seu tio também, tudo na mesma casa? É

Você mora aqui desde quando? Há seis meses.

Qual é a sua rotina diária?

Venho pra escola. Tenho curso na quarta-feira.

Curso, de quê? De informática.

Gosto de assistir televisão, mexer no celular. Não gosto muito de jogar videogame.

Você tem parentes lá em Minas? Sim.

Se você tivesse de conversar com eles e falar sobre a cidade em que você mora aqui, ou se fosse descrever a cidade onde você mora para as pessoas que não conhecem aqui, como é que você iria falar? Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

É bom para algumas pessoas, porque tem muitos problemas também que podem atrapalhar até em saúde; o problema das escolas devido... não tá sendo... devido assim ó... o negócio não estão sendo... os problemas estão atrapalhando também, às vezes, os estudos.

Os problemas da escola? O que você fala assim de problema da escola? Falta professor, por exemplo?

É. Falta professor, às vezes.

Aqui falta professor?

Falta, às vezes.

Você convidaria outras pessoas a virem conhecer aqui?

Eu não convidaria, não.

Por quê?

Porque eu acho que aqui é ruim para morar.

Você vai sempre na outra cidade? Ou não?

Não.

Mas você já foi lá depois que você saiu de lá? Você acha que lá é melhor que aqui?

Eu acho que lá é melhor do que aqui.

Por quê?

Lá é mais tranquilo. Não tem muitos problemas que tem aqui. Aqui só é melhor na questão de emprego.

O que você faz lá, que aqui você não consegue fazer?

Tudo que eu faço lá, eu consigo fazer aqui.

Mas você é apaixonada por lá? Sim

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Meu primo que foi assassinado na cidade. Foi esses dias. Passou até na televisão.

Como foi essa história?

Ele estava na rua. Ele tava voltando da escola. Aí pegaram... aí um ladrão anunciou o assalto. Aí ele [assaltante] pediu o celular dele [do meu primo]. Aí o celular dele era velho. Aí ele [assaltante] se revoltou e deu um tiro nele [no meu primo].

Nossa! Que triste! Isso foi aqui perto da sua casa?

Não. Foi pra cá, pra Expansão¹²⁴.

Esse realmente é inesquecível, né? Só quando a gente passa por momentos assim, é que a gente sabe, né? Ele morava com vocês?

Não. Morava perto. Morava na Expansão.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?

Não. Continua tudo do mesmo jeito.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Trazer melhoria pras escolas, pra ruas. Têm muitas coisas que atrapalham a gente aqui.

Na rua onde você mora, é asfaltada?

Não.

Nossa! Como é que vocês aguentam lá?

Tem que... dá o nosso jeito, né?

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?

O problema do lixo. O problema das ruas não serem asfaltadas.

**** *ENTREVISTA_11

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida?

Você mora com quem?

Moro só com minha mãe. Eu, minha irmã e minhas duas sobrinhas.

Sua irmã é mais velha? Sim.

Que você faz o seu dia nessa semana como é que é sua vida

Tipo, segunda-feira eu vou pra escola. Volto pra casa. Eu faço dever e tudo. Aí terça, eu vou pra escola. Nas quartas, eu vou pro curso lá na Expansão. Aí depois eu volto. A semana toda eu fico livre. Só pra fazer o dever mesmo... Aí no sábado, eu tenho curso. Aí domingo, aí sábado também eu tenho umas coisas para fazer na igreja e domingo também.

Você faz curso, de quê?

Curso de informática, administração e preparação profissional.

Aqui pertinho mesmo?

É. Lá no Instituto Mix da Expansão do Setor O.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

Ah, a cidade onde eu moro é perigosa, né? A maioria das vezes, né? Às vezes, é tranquilo; às vezes, é muito perigosa. Muito assalto também. É ruim.

Você não gosta daqui?

Não. Gostar? Eu gosto, né? Mas podia dá uma melhorada no policiamento, porque quase não tem.

Você convidaria a pessoa para vir para cá, para conhecer aqui?

¹²⁴ A Expansão do Setor O é um bairro da região administrativa de Ceilândia, no Distrito Federal. Como indica o próprio nome, é uma expansão do Setor O, compreendendo as quadras QNOs 16, 17, 18, 19 e 20. Abrange mais de 36 mil moradores. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Expans%C3%A3o_do_Setor_O. Acesso em: 30 out. 2019.

Tem algumas pessoas que, por exemplo, o meu tio lá de Salvador. Ele veio aqui para conhecer Brasília, mas aqui para baixo ele nunca veio não, porque é muito perigoso.

Ele não quis vir para cá?

Não. Não é questão de vir, é porque não deixaram, porque aqui é muito perigoso. Aí, as condições, entendeu? da cidade, como é. Aí, não deixou.

Você também vê dessa forma? Você acha que é muito perigoso mesmo?

Menos. Lá pra baixo é bem mais perigoso que aqui. Eu moro aqui um pouco acima. Aí lá embaixo é mais perigoso.

Você fala que acima é mais perto da escola, né?

Não. Mais ou menos. É no Sol Nascente. Mas... mas muito mais lá pra baixo.

Ainda tem mais pra lá? É.

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Uma coisa marcante foi que colocaram asfalto, mas eu acho que não faz muita... eu acho que não tem nada marcante, não.

Tem asfalto na sua rua? Tem.

Isso pra você foi muito bom? Foi. Porque antes era só a lama.

E isso foi agora? Foi em setembro pra outubro.

Então você foi premiada?

Foi. Foi porque, quando era eleição, aí o povo faz, né, tudo. “Ah, vou fazer”, tipo Rollemberg. Ele foi fazer rua. Aí foi colocando asfalto. Aí colocou os paralelepípedos nas ruas menores e asfalto na principal. Mas só que, lá embaixo perto da minha igreja, lá eles não conseguem fazer nada em menos de 3 meses. Não. Em menos, não. Eles faz (sic) mais de três meses, é quase três meses. É um enrola, enrola. É só a lama. Eles abrem buraco. Fecham buraco. E não resolvem nada. E aí fica complicado. Aí lá, o povo de lá, eu tenho dó, né? Porque sai para trabalhar, e aí tem a bandidagem que rouba. Tem pai de família que, às vezes, ele pega e mata. Porque... ou porque não tem dinheiro, ou porque reage. É péssimo lá embaixo, né?

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

É... não sei. Não sei. Ver que um dia nossa cidade seja regularizada pelo asfalto, porque não dá. Tipo sem bandidagem, ter mais policiamento. Isso seria um sonho, né? Não ter essas coisas todas.

O que você tem percebido de mudança na cidade nos últimos anos?

E... nos últimos... não. Só esse ano. Porque nos últimos anos era a mesma coisa. Era lama, era tudo. Agora, esse ano, eles colocaram asfalto. Aí fica bem melhor.

Você acha que é devido à eleição?

É. Foi a eleição porque lá, quando não tinha a eleição, não era nada, né? O povo não fazia nada. Só cavava o buraco, tampava. Pronto! Deixava a lama. Vinha um monte de água suja que eles cavavam. Aí esperava cano. Aí... era péssimo.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

Ajudar a gente, não é? porque não tá fácil, não, nas coisas. Assim... Ajudar o povo mais novo. Tipo lá embaixo, colocar... pelo menos ter... pelo menos ter uma conscientização do que o povo passa, né? Assim... só.

Em sua opinião, quais são os principais problemas da sua cidade? Qual a solução que você sugeriria?

Quase tudo, porque... é bandidagem, é essas coisas todas ruins. É... matando um pai de família. Roubando. Tem pessoa que chega do trabalho cansada e aí vem, já vem com aquela coisa já de... Como é que se fala? O patrão aí fica reclamando, aí o povo já vem com aquilo. Aí vem, ainda vem bandido. Te rouba, te bate, tipo.... faz.... tudo, né? Aí chega todo machucado.

Você fala muito disso. Você já sofreu alguma coisa tipo? Você já passou por um assalto?

Já. Eu e minha mãe aqui. Aí o cara xingou ela (sic) todinha. A gente tava só... tava... eu tava indo para escola com ela. E minha irmã também. Assaltaram três pessoas. Minha irmã tava levando minha mãe na parada. Aí veio um cara... vem (sic) três... acho que foi (sic) três cara (sic). Abordou um cara na moto. Bateu no cara da moto. Roubou a mochila da mulher. Minha irmã tava com celular, mas eles não viram. Aí... foi. Bateram também muitas vezes no meu pai, quando... acho que.... acho que foi em 2000 ou 2001. É porquê... a gente começou aqui no Sol Nascente, era só mato, né? Meu pai vinha. Levaram as coisas do meu pai, né. Ele trabalhava... foi.

**** *ENTREVISTA_12

Você me permite gravar o que me contar sobre a sua vida?

Você mora lá só seu pai? sua mãe? tem mais gente?

Mais dois irmãos. Qual é a sua rotina diária?

Mais velhos ou mais novos?

É uma mais uma mais velha e um mais novo.

Fala-me um pouquinho de você. Eu quero saber o que você faz.

Eu geralmente fico em casa. No fim de semana, eu ajudo a minha mãe. Eu faço curso de inglês toda terça e quarta. Quinta-feira eu vou no psicólogo e só.

Como você descreveria a cidade em que você mora para alguém que nunca esteve aqui?

É... É uma cidade tranquila, na maioria das vezes, quando não tá tendo assalto. E é legal, sabe? Muito lugar para ir: feira, até o shopping. Tem alguns parques bem legais. Mas é meio perigoso, a maioria das vezes. Mas é um bom lugar.

Você fala perigoso, assim, perigoso por que você sabe de história daqui?

Semana passada, se eu não me engano, um menino morreu. Assaltaram ele. E mataram ele, só porque ele tinha um celular ruinzinho. E também, como eu moro aqui no P Norte, tem muito assalto.

Na sua quadra? Na sua região?

Não. Mas tipo... não por nossa parte. Mas... muitas vezes tem história de gente que foi assaltada, que foi roubaram, assim... Então... é perigoso assim, mas eu nunca fui assaltada.

Conte-me algum acontecimento que marcou sua história nessa cidade?

Acho que a formatura da minha irmã. Ela tava tão feliz. Me marcou. Me deu vontade de tá lá também. Ela se formou no ensino médio e agora ela vai começar a faculdade de enfermagem ou Odonto. Ela ainda tá escolhendo.

Isso para ela foi uma conquista muito grande.

Foi. Na nossa, na minha família, que minha mãe foi a única a fazer faculdade de cinco filhos, é importante. Porque a minha mãe falando: “filho de pobre só tem futuro se estudar”.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Cara, eu acho que é... o número de gente morta depois de assalto, sabe? Você ver e falar: “o latrocínio caiu”, porque isso é bem horrível.

Sabendo que a Ceilândia é a maior cidade do DF e a mais populosa. O que você acha que os políticos deveriam fazer por essa cidade?

É... eu realmente me incomoda demais com os hospitais; porque, quando eu vou lá, né?, acho que não tem atendimento a gente fica fica fica; e a polícia porque, acontece muito até onde eu moro, a gente liga e não aparece.

Eu queria que você apontasse quais são os principais problemas da sua cidade.

A falta de asfalto.

Na sua rua tem asfalto, né?

Tem. Só que, tipo, muitos dos meus amigos moram pra cá, pra baixo, lá pra cima, e não tem asfalto; e também a falta da polícia, porque aqui é perigoso. E aí a gente liga e não aparece [policial]. Bom é isso.

**** *ENTREVISTA_13

Você mora aqui com eles: com pai e mãe? E com quem mais?

Com meu irmão

Seu irmão é mais velho ou mais novo?

Da mesma idade que eu, só mais um ano: quatorze.

Vamos falar de você. Quero saber um pouquinho da sua vida. Qual é a sua rotina?

Eu arrumo a casa. Saio. Vou no shopping. Fico na rua. Faço os dever (sic) de casa, né? que tem que fazer. E dou banho na cachorra, né?

Além da escola, você faz outros cursos? Não

Você falou que mora aqui desde um ano, né? Seus pais vieram para cá, por quê?

Porque lá não pegava muito emprego, né? Lá é muito... Sei lá. Aqui pega mais emprego do que lá.

Você conhece Barreiras? Conheço.

Tem familiares lá ainda? Tem

Vocês vão para lá direto? Sim.

Conhecendo as duas cidades, o que você diz de lá e o que acha daqui?

Acho que aqui é muito fechado, lá é mais abertão.

Mais abertão assim, como?

Tipo lá as casas é... [trecho incompreensível] não tem muro. Lá eu posso sair.

A cidade é mais do interior mesmo, né? Sim.

E se você fosse descrever a sua cidade, onde você mora aqui hoje, para uma pessoa que é de lá ou de outro estado que não conhece, que nunca veio aqui, como você descreveria a Ceilândia para ela?

Lá onde eu moro tem a [incompreensível] da pista, tem o Sol Nascente do bairro.

Sol Nascente do bairro?

É do bairro, a cidade. Tem shopping. Tem supermercados. Eu ia explicar que aqui é fechado, não é igual lá; que aqui temos lugares pra sair, que aqui é mais caro, né? As coisas é (sic) mais caro, tipo shopping. Lá as roupas é mais barato. É... Passear por aqui.

Qual a manchete sobre a sua cidade que você gostaria de ver estampada na página de um jornal?

Qual seria uma manchete assim que você espera ver no jornal?

Que parasse (sic.) aos assaltos, parasse a violência contra as mulheres que tá acontecendo agora, né?

Que parasse isso. Que acontecesse novas coisas.

Aqui, você já passou por situações de assalto, perigo? Nunca.

Mas sabe de histórias? Já.

Você tem percebido mudanças aqui na cidade desde quando você tá aqui? Você percebe mudanças?

Percebo. Que ele está fazendo, fazendo asfalto na pista; tapando os buracos

Na sua rua já tem asfalto?

Não. Vai colocar ainda, né?

Bom sabendo que a Ceilândia é a maior cidade daqui do DF e é a cidade mais populosa, o que você o que que você acha que os políticos poderiam fazer pela nossa cidade?

Tipo... arrumar a cidade. Tipo... colocar mais coisas, arrumar as pistas, tirar os lixos. É isso.

Para encerrar, o que que você destacaria como os principais problemas que tem aqui na cidade?

A questão financeira.